

Hermisten Maia Pereira da Costa

O Pai NOSSE



Temas teológicos
analisados a partir da oração
ensinada por Jesus



© 2001, Editora Cultura Cristã.
Direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
transmitida ou estocada em arquivos, em qualquer forma ou meios,
seja eletrônico, seja mecânico, de fotocópia, gravação, etc.,
sem permissão escrita da editora.

1ª edição – 2001

3.000 exemplares

Revisão

Arlinda Madalena Torres Marra
Ivone Rufino

Capa

Magno Paganelli

Editoração

Rissato

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 - Cambuci
01540-040 - São Paulo - SP - Brasil
C.Postal 15.136 - Cambuci - São Paulo - SP - 01599-970
Fone: (0**11) 270-7099 - Fax: (0**11) 279-1255
www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

ÍNDICE

Prefácio	9
Duas palavras	11
INTRODUÇÃO GERAL	13
1) Formalismo Quanto ao Tempo	14
2) Formalismo Quanto ao Lugar	14
3) Formalismo Quanto à Forma da Oração	14
4) Formalismo Quanto à Extensividade da Oração	15
I – PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A ORAÇÃO	17
A. Dirigida ao Pai (Mt 6.6,9)	17
B. Sincera (Mt 6.5,6)	23
C. Objetiva (Mt 6.6-8)	25
D. Reverente (Mt 6.9)	28
E. Submissa (Mt 6.10)	31
F. Confessante (Mt 6.12)	33
G. Suplicante (Mt 6.10-13)	34
1. O Reino de Deus	34
a. O Significado do Reino	35
b. A Experiência do Reino	36
2. O Pão Cotidiano	41
3. Perdão para as Nossas Dívidas	47
a. Aspectos Implícitos Nesta Petição	48
1) A Consciência do Pecado	48
2) A Insatisfação com a Prática do Pecado	49
3) Incapacidade de Pagar a Dívida	50
b. Perdão de Deus	51
1) O Sentido Básico do Perdão	51
2) A Descrição Bíblica do Perdão	51
3) A Base do Perdão	54
A) A Obra de Cristo	54
B) A Misericórdia de Deus	55
C) Amor do Seu Nome	56
D) Amor a Nós	56
4) Características do Perdão de Deus	56
A) É Gratuito	56
B) É Pleno	57
C) É uma Disposição Renovada	58
D) É Para Sempre	59

c. Atitudes para com o Perdão de Deus	59
1) Gratidão	59
2) Viver Dignamente	60
3) Humildade	60
4) Disposição para Perdoar (Mt 6.12,14,15)	61
5) Testemunho	62
4. Guardar na Tentação (Mt 6.13)	62
a. Considerações Gramaticais	62
b. Deus Prova o Seu Povo	64
c. O Homem “Tenta” a Deus	67
d. A Tentação Satânica	67
e. Aspectos da Tentação Satânica	69
1) A Tentação Surge da Nossa Presunção de Força	69
2) A Tentação nos Cega	71
3) A Tentação Procura Destruir a Palavra de Deus em Nós	74
4) A Tentação Objetiva Enfraquecer a Nossa Fé	75
5) A Tentação nos Entristece	76
6) A Tentação Intensifica-se com Nossa Resistência	78
g. A Vitória Sobre a Tentação	78
h. Observações Finais	79
5. Livrar-nos do Maligno (Mt 6.13)	80
a. O Poder de Satanás	82
1) Ele Reina no Coração dos Ímpios	81
2) Ele Revela o Seu Poder	83
b. O Objetivo de Satanás	84
c. As Estratégias de Satanás	85
1) Ele se Transforma	87
2) Arma Ciladas	88
3) Age Aparentemente com Boas Intenções, Usando Inclusive os Nossos Amigos	89
4) Tenta	89
5) Falsifica os Dons, Faz Milagres e Sinais	89
6) Insinua	91
7) Mente e Conduz à Mentira	92
8) Lança Dúvidas	93
9) Vela o Nosso Entendimento	94
10) Deturpa a Palavra de Deus	95
11) Ensina Falsas Doutrinas Para que os Homens Apostatem da Fé	96
12) Engana	100
13) Estimula a Nossa Arrogância	100
14) Estimula o Ódio	102
15) Promove a Perseguição	102

16) Maus Pensamentos	103
17) Doenças	105
18) Desequilíbrio	106
19) Negação de Sua Existência	109
d. Como Resistir ao diabo	109
1) Evitar o Ressentimento	110
2) Usar a Armadura de Deus	112
3) Submissão a Deus	112
4) Perseverança na Fé	115
H. Confiante na Soberania de Deus (Mt 6.13)	116
1. O Conhecimento de Deus	116
2. Conhecimento, Oração e Fé	117
3. Confiança Revelada nesta Oração	118
4. Confiança na Soberana Moral de Deus	119
II – O DEUS A QUEM ORAMOS	121
A. A Paternidade de Deus	121
1. A Paternidade de Deus no Antigo Testamento	121
2. A Paternidade de Deus no Novo Testamento	121
a. Pai Glorioso (Mt 6. 9,13)	123
b. Pai Santo (Mt 6.9)	123
c. Pai Justo	124
d. Pai Onisciente e Providente (Mt 6.6-8,11)	126
e. Pai Todo-Poderoso (Mt 6.10,13)	131
1) Soberania na Criação	131
2) Nas Obras da Providência	134
3) No Controle de Satanás e Seus Anjos	134
4) Na Vida de Jesus Cristo	135
5) Na Vida dos Eleitos	136
6) Nas Últimas Coisas	142
f. Pai Perdoador (Mt 6.12)	146
1) O Cancelamento do Poder do Pecado	147
2) Aceitação do Pecador Arrependido	147
3) Arrependimento e Conversão	147
4) Confissão de Nossos Pecados	148
III – QUEM PODE FAZER ESTA ORAÇÃO	151
Introdução Geral	151
A. Filhos de Deus (Mt 6.9)	151
1. Considerações Preliminares	151
a. Pontos Salientes	151
b. A Idéia de Filiação no Mundo Pagão	152
c. A Idéia de Filiação Divina no Contexto Bíblico-Judaico	154

2. A Natureza da Nossa Filiação	155
a. Resultado da Graça de Deus	155
b. Resultado do Seu Amor Eterno	155
3. Critérios para a Nossa Filiação	155
a. Nascer de Novo	155
b. Receber a Cristo	156
c. Fé em Jesus Cristo	156
4. Evidências da Nossa Filiação	157
a. Guiados Pelo Espírito	157
b. O Testemunho Interno do Espírito	157
c. Fruto do Espírito	157
d. Obediência	158
e. Comunhão Integral	158
f. O Exercício da Disciplina de Deus	158
5. A Responsabilidade dos Filhos	159
6. A Herança dos Filhos	161
B. Aquele que Reconhece a Glória de Deus (Mt 6.9,13)	164
C. Aquele que é Submisso à Vontade de Deus (Mt 6.10)	166
1. A Liberdade da Vontade de Deus	166
a. Liberdade de Existência: Poder de Existência	166
b. Liberdade de Decisão: Poder de Determinação	167
c. Liberdade de Execução: Poder Executivo	167
d. Liberdade de Limitação: Poder Autolimitante	168
2. Considerações Gramaticais	170
3. Distinções Teológicas	161
4. Características da Vontade de Deus	172
5. A Vontade de Deus para o Seu Povo	175
a. Conhecer e Praticar	175
b. Discernimento Necessário	176
c. A Vontade Revelada de Deus	178
1) Arrependimento Sincero	178
2) Libertação do Mundo	179
3) Obediência Integral	181
4) Gratidão	182
5) Pe severança na Fé	187
6) U ó Consciente de Nossa Liberdade	198
7) A Santificação	203
7.1) A Vontade de Deus	204
7.1.1) Na vida do Filho	205
7.1.2) Na vida dos eleitos	205
7.2) O Significado da Santificação	206
7.3) A Igreja e a Santificação	207

7.3.1) Definição de Igreja	207
7.3.2) As Marcas da Igreja de Cristo	207
7.3.3) A Santidade da Igreja	208
7.3.4) A Santidade da Igreja e a Graça	209
7.3.5) O Fundamento da Santidade da Igreja	209
7.4) Pressupostos da Santificação	211
7.4.1) A Regeneração	211
7.4.2) A Justificação	213
7.5) Considerações Gerais sobre a Santificação	214
7.5.1) A Santificação e o Conhecimento de Deus	214
7.5.2) A Santificação É Resultado da Nossa União com Cristo	216
7.5.3) A Santificação É um Processo	218
7.5.4) A Santificação É Imperativa	227
7.6) O Autor da Santificação	228
7.6.1) O Pai	229
7.6.2) O Filho	229
7.6.3) O Espírito Santo	229
7.7) Os Meios de Santificação	230
7.7.1) A Palavra de Deus	230
7.7.1.1) O Crente e a Palavra	231
7.7.1.2) O Espírito e a Palavra	249
7.7.1.3) A Excelência da Palavra de Deus	254
1. Fidelíssima	254
2. Perfeita	255
3. Rcta e Justa	255
4. Verdadeira	255
5. Ilimitadamente Perfeita e Eterna	255
6. Puríssima	256
7.7.1.4) A Praticidade da Palavra de Deus	256
1. Fortalece	258
2. Firma os Nossos Passos	259
3. Ensina	264
4. Repreende	267
5. Corrige	270
6. Educa na Justiça	270
6.1. O Sentido de Educar	270
6.2. O Sentido de Justiça	274
7. Aconselha-nos	287
8. Encoraja-nos	288
9. Vivifica-nos	289
10. Discernimento e Sabedoria	289

11. Guia-nos	290
12. Dá-nos Paz	291
7.7.2) A Santa Ceia	292
1) Introdução	292
2) O Significado de “Sacramento” para a Teologia Reformada	293
3) O Significado da Ceia	298
1) Participação na Ceia	299
2) “Recordação Amorosa”	299
3) Profissão da Nossa Fé	300
4) Certeza de Sua Presença	301
5) Testemunho de Nossa Esperança	302
6) Confiança Exclusiva em Cristo	302
7) Manifestação de Nossa União	303
8) Imperativo à Santidade	303
9) Alimentamo-nos de Cristo	304
8) Oremos com Discernimento	307
D. Pecadores Arrependidos	308
1) Dívida de Tolerância	310
2) Dívida de Amor	310
3) Dívida de Gratidão pelo Crescimento de Nossos Irmãos	311
4) Dívida de Aprendizado	312
5) Dívida de Discipulado	312
E. Homens Dispostos a Perdoar (Mt 6.12,14,15)	314

*P*REFÁCIO

“Ensina-nos a orar”, pediu um dos discípulos a Jesus. Este foi, talvez, o mais sábio de todos os pedidos jamais feito por qualquer dos seguidores de Cristo. Propiciou-nos uma resposta que, desde então, tem ensinado a reflexão dos cristãos em todos os tempos e levado muitos a preencher páginas de preciosos escritos sobre o que está implicado nela.

Pais da Igreja, reformadores, puritanos, ortodoxos, neo-evangélicos e liberais têm se detido, ao longo do tempo, no estudo deste pequeno modelo de oração que encerra, com poucas palavras, a profundidade do conhecimento essencial àqueles que querem orar de modo adequado, segundo a vontade de Deus.

A presente obra mostra familiaridade com o que de melhor já se escreveu sobre o assunto. Rica em citações bibliográficas, perquiridora e profunda, apresenta com propriedade as opiniões mais importantes dessa variedade de autores. Mas faz muito mais. Oferece ao leitor um verdadeiro compêndio de doutrinas bíblicas. Afeito a longos anos de cátedra da Teologia Sistemática, o autor usa a oração do “Pai Nosso” como método para desenvolver seu estudo de alguns dos principais temas teológicos sobre Deus, o diabo, o homem, o pecado, o perdão, a obra redentora de Cristo, a santificação, as Escrituras e os sacramentos, dentre outros. Sua análise é cuidadosa, comprometida com a exegese bíblica e rica em citações das Escrituras e dos nossos credos, como convém à boa prática reformada.

Mas não pense o leitor ter em mãos apenas uma obra acadêmica. Este é também um livro prático e devocional, escrito por um pastor ao seu rebanho. A preocupação dominante é ensinar o crente a relacionar-se corretamente com Deus e, assim, a orar corretamente. Aplicações decorrentes da doutrina, advertências, apelos cristãos e até pequenas súplicas dão o tom pastoral do autor que, além do magistério teológico, exerce também o ministério da Palavra e do cuidado de almas.

É com prazer que apresento ao leitor esta obra que muito contribuirá para um melhor conhecimento de Deus e do que ele requer de nós. Orar corretamente o “Pai Nosso” implica conhecer a Deus, a nós mesmos e o nosso adversário, o diabo. Este livro certamente o levará a compreender estas implicações e o desafiará a encarar com mais seriedade seu relacionamento com Deus.

JOÃO ALVES DOS SANTOS

*D*UAS PALAVRAS

1) *Explicação*

Este livro é resultado de uma série de pregações que fiz em minha antiga Igreja, *Presbiteriana de Vila Guarani*, São Paulo, Capital, nos cultos dominicais, no período de 17/11/91 a 19/9/1993, com alguns poucos recessos de férias e viagens. O meu plano era expor o assunto no máximo em oito semanas, mas acabei por me envolver com o tema, considerando oportuno o seu estudo de modo um pouco mais detalhado para toda a Igreja.

Partes deste texto foram expostas em algumas igrejas nas quais tive a oportunidade de falar, especialmente no que diz respeito ao assunto “perdão”. Alguns trechos também foram lidos em sala, no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, especialmente os que se referem à “santificação” e à “tentação”.

2) *Agradecimento*

Como em geral acontece, sou imensamente devedor aos meus gentis e pacientes alunos do Seminário que, com suas perguntas, críticas, correções e sugestões, permitem-me melhorar em muito os textos que atrevo-me a escrever. Eles são sempre meus primeiros e grandes estimuladores. A todos minha gratidão.

O Rev. João Alves dos Santos, presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil e professor de Grego e Exegese do Novo Testamento, no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, leu meus originais honrando-me aceitando fazer o prefácio. Além disso, fez valiosas correções e sugestões. Agradeço sinceramente a sua fundamental e despretensiosa ajuda. Obviamente os meus acertos são compartilhados com todos; os possíveis erros, equívocos e omissões são de minha responsabilidade.

Meu desejo é que o estudo da “Oração do Senhor” conduza-nos cada vez mais ao desejo de orar em submissão à Palavra de Deus, mantendo uma intensa e viva comunhão com o nosso Senhor.

São Paulo, 7 de julho de 1999.

HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA

Pai Nosso

A ORAÇÃO DO SENHOR

INTRODUÇÃO GERAL

“Com a oração encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem à nossa fé pelo Evangelho” – J. Calvino, *As Institutas*, III.20.2.

“O fato de Deus nos ouvir quando oramos por meio de seu Espírito é uma notável razão para confirmar nossa confiança, pois ele pessoalmente está intimamente familiarizado com nossas orações, como se fossem os pensamentos de seu próprio Espírito.” – J. Calvino, *Romanos* 8.27.

“... Onde qualquer cristão piedoso roga: ‘Querido Pai, faça-se a tua vontade’, ele responde do alto: ‘Sim, meu filho querido, sem dúvida será e sucederá assim, a despeito do diabo, e do mundo inteiro.’” – M. Lutero, *Catecismo Maior*, III.32.

A Palavra de Deus insiste conosco quanto à necessidade que temos de orar, já que a oração foi instituída e é ensinada por Deus por nossa causa, para o nosso bem, não por alguma carência no ser de Deus. Aliás, os preceitos de Deus não visam simplesmente satisfazê-lo, mas, sim, propor caminhos para o homem, os quais ele seguindo, será feliz e Deus será glorificado. Deus é glorificado pela obediência do seu povo, e somente assim o homem pode encontrar o sentido da vida e da eternidade. “Deus só é corretamente servido quando sua Lei for obedecida.”¹

Aliás, qual cristão não teria algo a dizer a respeito da graça da oração? Do seu significado para a sua vida cotidiana? Do conforto que pôde usufruir em momentos de angústia e tensão? A oração é um dos maiores privilégios que Deus nos concedeu visando a nossa edificação, conforto, alívio e, principalmente, como veículo de expressão de nossa adoração e gratidão ao nosso Pai Celestial.

¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 1 (Sl 1.2), p. 53. Em outro lugar, Calvino escreve: “Aqui verdadeira obediência apropriadamente se distingue de uma constrangedora e escrava sujeição. Todo serviço, pois, que porventura os homens ofereçam a Deus será fútil e ofensivo a seus olhos a menos que, ao mesmo tempo, ofereçam a si próprios; e, além do mais, este oferecimento por si mesmo não é de nenhum valor a menos que seja feito espontaneamente.” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 2 (Sl 40.7), p. 227].

O povo judeu era caracterizado por uma correta ênfase dada à oração. No Antigo Testamento, encontramos uma riqueza de referências à oração bem como uma demonstração vívida desta prática por parte do povo de Deus. Os ensinamentos rabínicos também traziam orientações diversas sobre a relevância e a necessidade dos homens manterem-se em comunhão com Deus por meio da oração.

Porém, com o passar do tempo – apesar de não haver nenhum ensinamento contrário –, penetraram alguns vícios na prática da oração. “O problema com qualquer sistema, comenta Barclay, não está no sistema em si, senão nos homens que o usam. Qualquer sistema de oração pode converter-se em um instrumento devocional autêntico ou em uma formalidade que deve despachar-se o mais rápido possível, sem pensar demasiado em seu conteúdo.”²

A corrupção de uma prática geralmente está associada à *matéria* ou à *forma*; ou seja, em nome de uma suposta liberdade espiritual, podemos destruir toda a forma ensinada, considerando-a irrelevante; o que de fato pode acontecer. Outro modo de corrupção consiste em manter-se a forma estabelecida, tornando-se extremamente detalhista no aspecto visual, no seu aparato mas sem o espírito correto: destrói-se, assim, a essência do preceito. Parece-nos que este equívoco era o mais comum em Israel (1Sm 15.22; Is 1.10-17; Os 6.6; Am 5.21,22; Mq 6.6-8), ainda que não o único (2Cr 26.16-20; Ml 1.6-14).

Seguindo Barclay (1907-1978), podemos dizer que a palavra-chave para estes vícios era o **formalismo**.³

Na prática da oração dos judeus, observamos *quatro características principais* que não eram necessariamente erradas, mas que tendiam a fortalecer um costume apenas formal, destituído do genuíno espírito que deve caracterizar todo o nosso procedimento religioso. Ei-las:

1) Formalismo quanto ao tempo

Os judeus devotos oravam, ainda que não exclusivamente, três vezes ao dia: às três, às seis e às nove horas. Estas horas equivalem às nossas nove, doze e quinze horas. (Veja-se: Dn 6.10; At 3.1)

2) Formalismo quanto ao lugar

O lugar principal de oração era o Templo ou a Sinagoga.

3) Formalismo quanto à forma da oração

Os judeus tinham duas orações principais:

² William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, Buenos Aires, la Aurora, 1973 (Mateo I), Vol. I, p. 208.

³ Cf. W. Barclay, *El Padrenuestro*, Buenos Aires, la Aurora/ABAP, 1985, pp. 22-32.

a) **Shemá:**⁴ (“Ouve”), o “credo judeu”,⁵ que consistia na leitura de Dt 6.4-9; 11.13-21 e Nm 15.37-41. O “Shemá” era repetido três vezes ao dia.⁶

b) **Shemone Esreh:** (“Dezoito Bênçãos”). Estas bênçãos consistiam em uma série de louvores a Deus.⁷ Também deveriam ser recitadas três vezes durante o dia. Posteriormente, já no período neotestamentário, o número de bênçãos teve o acréscimo de uma oração contra os hereges (Bênção nº 11); todavia para que o número 18 não fosse alterado, a bênção de nº 14 foi unida com a de nº 15.

Ambas as orações eram usadas liturgicamente.⁸ Mesmo havendo alguns rabinos que se insurgissem contra a prática de se fixar as palavras desta oração, havia uma tendência de estabelecê-la de forma definida.⁹

4) Formalismo quanto à extensividade da oração

Muitos judeus entendiam que a oração para ser ouvida deveria ser longa e repetitiva.

Devemos observar que muitos judeus praticavam estes princípios com sinceridade; outros, entretanto, oravam de forma mecânica, como se estivessem repetindo uma série de sons sem sentido. Os rabinos, por sua vez, procuravam, em seus escritos, corrigir alguns destes desvios, mostrando o espírito correto que deve nortear a oração, contudo, os seus esforços se não foram em vão, não eliminaram tal prática.¹⁰

No Novo Testamento, Jesus Cristo enfatizou a necessidade de os seus discípulos orarem, sendo ele mesmo um modelo de oração para todos nós. Todavia, deve ser ressaltado que Jesus não exercitava a oração apenas para ser

⁴ É a primeira palavra que aparece em Dt 6.4, derivada do verbo (שמע) (Shāma’), “ouvir”, envolvendo normalmente a idéia de ouvir com afeição. (Vd. Hermann J. Austel, Shāma’: In: R.L. Harris, et. al. eds. *Theological Wordbook of the Old Testament*, 2ª ed., Chicago, Moody Press, 1981, Vol. II, pp. 938-939)

⁵ Conforme expressão de Edersheim (1825-1889). Vd. Alfred Edersheim, *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesias*, Barcelona, CLIE, 1988, Vol. I, p. 491.

⁶ Quanto ao emprego desta oração feita pelos judeus individualmente, Vd. Shemá: In: Alan Unterman, *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed., 1992. p. 242.

⁷ A. Edersheim transcreve seis destas bênçãos; Vd. *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesias*, I, pp. 492-494.

⁸ Vd. Hermiston M. P. Costa, *Teologia do Culto*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987, p. 19.

⁹ Compare as informações de A. Edersheim, *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesias*, I, p. 492 com as de William D. Maxwell. *El Culto Cristiano: Su Evolución e Sus Formas*, Buenos Aires, Methopress Editorial y Grafica, 1963, p. 17.

¹⁰ A.W. Pink acredita que em virtude da nossa presunção, hipocrisia, insensibilidade, frieza e falta de fé, “o povo do Senhor, com toda probabilidade, peca mais em seus esforços para orar do que em conexão com qualquer outra coisa que costuma fazer”. (A.W. Pink, *Enriquecendo-se com a Bíblia*, São Paulo, FIEL, 1979, pp. 39,40).

um exemplo para nós, antes “a oração foi, em algum sentido misterioso, uma parte necessária de sua vida ministerial”.¹¹

No Texto de Mateus 6.5-15, Jesus combate algumas práticas erradas de oração e apresenta princípios que devem nortear a oração cristã. Como a Bíblia – a Palavra de Deus – é o nosso manual de oração, precisamos aprender com ela como devemos orar, por meio dos ensinamentos de Cristo.¹² A *Oração do Senhor* se constitui num modelo de oração para toda a Igreja em todos os tempos; por meio de seu estudo, podemos, mediante a iluminação do Espírito Santo, aprender uma série de princípios e orientações que devem nos guiar na escola da oração. Estudaremos a *Oração Dominical* sob a perspectiva de três temas principais, que se constituirão nos capítulos de nossa exposição. Devemos considerar também que Deus deseja que oremos com intensidade e integridade, não permitindo que as distrações de nossa mente nos afastem deste propósito santo.¹³

Na *Oração do Senhor* – “que é a oração representativa de todas” –,¹⁴ encontramos uma “fórmula”, um “roteiro”, no qual o Senhor Jesus “nos propôs tudo quanto dele é lícito buscar, tudo quanto conduz ao nosso benefício, tudo quanto é necessário suplicar”, resume Calvino (1509-1564).¹⁵ Acontece que, na prática, este privilégio só pode ser exercitado após termos aprendido, de forma vivencial, que tudo que é-nos necessário está em Deus.¹⁶

A *Oração do Senhor* sempre foi apreciada pela Igreja.¹⁷ Quanto ao seu uso litúrgico, não sabemos a partir de quando ela passou a ser empregada. Todavia, esta prática pode ser atestada como algo corrente em meados do 4º século, conforme evidencia Cirilo de Jerusalém (c. 315-386) na sua 23ª “Catequese Mistagógica” (c. 350).¹⁸

Iniciemos, agora, o estudo da *Oração do Senhor*, desejando que o Senhor da oração nos ensine, pelo Espírito, a orar como convém a ele.

¹¹ James Hastings, *La Doctrina Cristiana de la Oración*, Buenos Aires, Reproduzida de “la Reforma”, Revista 1920, p. 91.

¹² Vejam-se, J. Calvino, *Catecismo de Genebra*, Perguntas 255 e 256. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires, la Aurora, 1962; *Catecismo Menor de Westminster*, Pergunta 99.

¹³ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.5.

¹⁴ James Hastings, *La Doctrina Cristiana de la Oración*, p. 92.

¹⁵ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.34. Do mesmo modo diz Lutero (1483-1546), que nesta oração “estão compreendidas (...) todas as necessidades que incessantemente nos atingem, e cada qual é tão grande que deverá impelir-nos a rogar por causa dela ao longo de toda a nossa vida” (*Catecismo Maior*, III.34). Vd. também, *Catecismo de Genebra*, Perg. 255; *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 186.

¹⁶ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, III.20.1.

¹⁷ No *Didaquê* (c. 150), encontramos a recomendação de que esta oração fosse feita três vezes ao dia (*Didaquê*, capítulo 8).

¹⁸ Cirilo de Jerusalém, *Catechetical Lectures*, XXIII, In: P. Schaff & H. Wace, eds. *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Second Series), Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1978, Vol. VII, p. 155-157 (Doravante, citado como *NPNF2*). Vd. comentário a respeito em J. Jeremias, *O Pai Nosso: A Oração do Senhor*, São Paulo, Paulinas, 1976, pp. 5.6.

I. PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A ORAÇÃO

“A oração é a conversa da alma com Deus. (...) Um homem sem oração é necessária e totalmente irreligioso. Não pode haver vida sem atividade. Assim como o corpo está morto quando cessa sua atividade, assim a alma que não se dirige em suas ações a Deus, que vive como se não houvesse Deus, está espiritualmente morta.” – Charles Hodge.¹⁹

A. Dirigida ao Pai (Mt 6.6,9)

A Palavra de Deus nos ensina que a nossa oração deve ser dirigida ao Pai. Em nossas orações devemos aprender logo de início que estamos falando com o nosso Pai; o nosso Deus é Pai, de quem podemos nos aproximar com confiante amor, certos de que ele está atento ao nosso clamor. “O Pai está sempre à disposição de seus filhos e nunca está preocupado demais que não possa ouvir o que eles têm a dizer. Esta é a base da oração cristã.”²⁰

O conhecimento que temos do Deus Pai é-nos revelado por Cristo; por sua graça o conhecemos. Jesus declara: **“Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”** (Mt 11.27). Falamos com o Pai – não com um estranho –, a Quem conhecemos pela graça.

Aqui há algo extremamente relevante que devemos mencionar. A paternidade de Deus sobre Israel é claramente reconhecida pelo povo do Antigo Testamento (Dt 32.6; Sl 103.13,14; Jr 31.9,20; Ml 2.10); a idéia está sempre presente nas páginas do Antigo Testamento. Apesar deste substantivo ser usado mais de 1.200 vezes ali,²¹ só ocorre 14 vezes referindo-se a Deus; todavia, nestes casos, é sempre empregado de forma reveladora.²² Curiosamente, os sumerianos, cerca de três mil anos antes de Cristo, já se referiam ao seu deus como um pai.²³

¹⁹ Charles Hodge, *Systematic Theology*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1976 (Reprinted), Vol. III, p. 692.

²⁰ J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo, Mundo Cristão, 1980, p. 194.

²¹ E. Jenni, Padre: In: Ernst Jenni & C. Westermann, eds. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978, Vol. 1, p. 36.

²² J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 2ª ed. São Paulo, Paulinas, 1979, p. 12ss.

²³ Vd. J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, pp. 11,12; J. Jeremias, *O Pai Nosso*, pp. 33,34. A referência ao seu deus como “Pai” é um fenômeno comum na história das religiões, quer dos povos mais primitivos quer dos mais evoluídos culturalmente. (Cf. G. Schrenk, *πάτερ*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. V, p. 951)

A paternidade de Deus descrita no Antigo Testamento é exclusiva: Deus é Pai de Israel (Dt 7.6-8; 14.2; Is 63.15,16; 64.8) e esta paternidade encontra o seu fundamento num ato histórico e singular: o êxodo do Egito. J. Jeremias escreve sobre isto:

“Associar a paternidade de Deus com um fato histórico implica uma profunda revisão do conceito de Deus como Pai. A certeza de que Deus é Pai e Israel seu filho não se funda no mito, mas em um ato único de salvação realizado por Deus, do qual Israel foi o alvo da história”.²⁴

Como já nos referimos, apesar dos judeus não usarem com freqüência o título pai para Deus, estavam convictos desta realidade: Deus é pai de Israel. Entretanto, o que mais nos chamou a atenção, é o fato de não ser encontrado no judaísmo nenhum exemplo convincente da utilização da expressão “meu pai” para Deus.²⁵ Os judeus podiam dirigir-se a Deus, liturgicamente, como אָבִי (‘abhi’) (“Meu Pai”); mas nunca empregavam a forma familiar אָבָהּ (‘abhã’)²⁶ (grego: ὄββα:) (abba), que soaria desrespeitoso.

Agostinho (354-430) resume a questão dizendo:

“... Quem quer que leia a Sagrada Escritura poderá encontrar tais louvores de modo variado e extenso. Entretanto, em parte alguma encontra-se algum preceito ordenando ao povo de Israel que se dirigisse a Deus como Pai e o invocasse como Pai nosso.”²⁷

Portanto, o surpreendente para o judeu foi o fato de Jesus referir-se ao Pai de uma forma nunca vista, jamais praticada. Acontece que Jesus, em suas orações, não usava de um artifício para criar impacto ou para presumir, diante de seus ouvintes, ter uma relação inexistente com o Pai. Não. Jesus apenas revelou o fato do seu relacionamento íntimo e especial com o Pai. Isto ele fez, usando a expressão aramaica ‘abba, que foi tomada por empréstimo do linguajar das crianças, equivalendo mais ou menos ao nosso “papai” ou “paizinho”.²⁸ O *Talmud* diz que “quando uma criança saboreia o trigo (isto é, quando é desmamada), aprende a dizer ‘abba’ e ‘imma’ (papai e mamãe)”.²⁹ Com o passar do tempo o uso desta expressão também tornou-se comum entre os jovens e adul-

²⁴ J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, p. 13.

²⁵ J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, p. 20.

²⁶ Cf. A. Richardson, *Introdução à Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, ASTE, 1966, p. 149ss.

²⁷ Agostinho, *O Sermão da Montanha*, São Paulo, Paulinas, 1992, II.4. p. 115.

²⁸ “O emprego inteiramente novo, e, para os judeus, nunca imaginado, do termo infantil e familiar ‘abbã’ na oração é uma expressão de confiança e obediência para com o Pai (Mc 14.36). como também de sua autoridade incomparável (Mt 11.25ss).” (O. Hofius, Pai: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1981-1983, Vol. III, p. 383)

²⁹ J. Jeremias, *O Pai Nosso*, pp. 36,37; O. Hofius, Pai: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, III, p. 382.

tos para se referirem aos seus pais.³⁰

Abba era um designativo tão familiar e íntimo que nenhum judeu ousaria usá-lo para Deus. Tal emprego, feito por Jesus, impressionou de tal forma os discípulos, que eles não traduziram a expressão para o grego.

Com exceção da oração de Mateus 27.46, que seguiu a forma do Salmo 22.1, em todas as suas orações, Jesus dirigiu-se a Deus como Abba.³¹

Permita-me mais uma vez usar as palavras de J. Jeremias, que pinta este quadro de forma singular:

“Jesus dirigia-se a Deus como uma criancinha a seu pai, com a mesma simplicidade íntima, o mesmo abandono confiante (...). Jesus considerava este modo infantil de falar como a expressão do conhecimento único de Deus que o Pai lhe dava, e de seus plenos poderes de Filho.”³²

Isto implica dizer que Jesus tinha plena consciência de ser, de modo único e singular, o Filho de Deus (Mt 11.27; Mc 13.32; 14.36). Quando a Igreja professou a sua fé na filiação divina de Jesus, o fez respaldada pelo próprio testemunho de Jesus, de ser o Filho de Deus. O que para os ouvintes foi uma novidade, a afirmação da sua filiação divina por ocasião do batismo, para ele foi apenas o testemunho público daquilo que ele sempre soubera.

O que nos enche de alegria e mostra a nossa relação íntima com Deus é o fato de em Cristo, pelo Espírito, podermos nos dirigir ao Pai, como filhos adotivos de Deus, usando da mesma expressão empregada por Cristo.

Paulo, discorrendo sobre a fraqueza humana, a exemplifica na vida cristã no fato de nem ao menos sabermos orar como convém (Rm 8.26,27). Por isso, o Espírito que em nós habita nos auxilia em nossas orações, fazendo-nos pedir o que convém, nos capacitando a rogar de acordo com a vontade de Deus. A oração eficaz é aquela que tem o Espírito como seu autor. Sem o auxílio do Espírito jamais oraríamos com discernimento. Calvino (1509-1564), analisando o fato de que pedimos tantas coisas erradas a Deus e, que se ele nos concedesse o que solicitamos, traria muitos males sobre nós³³, diz: “Não podemos nem sequer abrir a boca diante de Deus sem grande perigo para nós, a não ser que o Espírito Santo nos guie à forma devida de orar”.³⁴

³⁰ Cf. O. Hofius, Pai: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, III, p. 382.

³¹ J. Jeremias, **A Mensagem Central do Novo Testamento**, p. 20ss.

³² J. Jeremias, **O Pai Nosso**, p. 37. Vd. também. G. Kittel, ἄββα: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. I, p. 6.

³³ Bernardo de Claraval (1090-1153) disse: “Não permitam que eu tenha tamanha miséria, pois dar a mim o que desejo, dar a mim o que meu coração almeja, é um dos mais terríveis julgamentos do mundo.” (Apud Jeremiah Burroughs, **Aprendendo a Estar Contente**, São Paulo, PES, 1990, p. 28).

³⁴ J. Calvino, **Instituição**, III.20.34. Comentando o texto de Romanos 8.26, Calvino diz: “o Espírito, portanto, é Quem deve prescrever a forma de nossas orações.” [J. Calvino, **Exposição de Romanos**, São Paulo, Paracletos, 1997 (8.26), p. 291]. Ver também, J. Calvino, **O Catecismo de Genebra**, Perg. 254.

Graças a Deus porque todos nós, em Cristo, temos o Espírito de oração (Zc 12.10), porque sem ele jamais poderíamos orar de modo aceitável ao Pai.

Muitas vezes estamos tão confusos diante das opções que temos, que não sabemos nem mesmo como apresentar os nossos desejos e as nossas dúvidas diante de Deus; todavia o Espírito nos socorre; ele “ora a nosso favor quando nós mesmos deveríamos ter orado, porém não sabíamos para que orar”.³⁵

Orar como convém é orar segundo a vontade de Deus, colocando os nossos desejos em harmonia com o santo propósito de Deus;³⁶ isto só é possível pelo Espírito de Deus que se conhece perfeitamente (1Co 2.10-12).³⁷ Assim, toda oração genuína é sob a orientação e direção do Espírito (Ef 6.18; Jd 20). O *Catecismo Maior de Westminster* diz: “Não sabendo nós o que havemos de pedir, como convém, o Espírito nos assiste em nossa fraqueza, habilitando-nos a saber por quem, pelo que, e como devemos orar; operando e despertando em nossos corações (embora não em todas as pessoas, nem em todos os tempos, na mesma medida) aquelas apreensões, afetos e graças que são necessários para o bom cumprimento do dever”.³⁸

Agostinho (354-430), comentando o Salmo 102.2 – quando o salmista diz: “... **inclina-me os teus ouvidos; no dia em que eu clamar; dá-te pressa em acudir-me.**” –, faz uma paráfrase: “Escuta-me prontamente, pois peço aquilo que queres dar. Não peço como um homem terreno bens terrenos, mas já redimido do primeiro cativo, desejo o reino dos céus”.³⁹

O Espírito ora conosco e por nós; ele juntamente com Cristo, em esferas diferentes, intercede por nós: “Cristo intercede por nós no *céu*, e o Espírito Santo na *terra*. Cristo nosso Santo Cabeça, estando *ausente* de nós, intercede *fora* de nós; o Espírito Santo nosso Consolador intercede *em nosso próprio coração* quando ele o santifica como seu templo”, contrasta Kuyper (1837-1920).⁴⁰

³⁵ Edwin H. Palmer, *El Espiritu Santo*, Edinburgh, El Estandarte de la Verdad (s.d.), p. 190.

³⁶ “A oração não é um recurso conveniente para impormos a nossa vontade a Deus, ou para dobrar a sua vontade à nossa, mas, sim, o meio prescrito de subordinar a nossa vontade à de Deus. É pela oração que buscamos a vontade de Deus, abraçamo-la e nos alinhamos a ela. Toda oração verdadeira é uma variação do tema ‘Faça-se a tua vontade.’” (John R. W. Stott, *I, II e III João, Introdução e Comentário*, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1982, p. 159).

³⁷ Leenhardt comenta: “Para orar ‘como convém’ é preciso orar ‘segundo a vontade de Deus’; isto, entretanto, não pode advir senão de Deus, que só se conhece. O mais é ação estéril.” (Franz J. Leenhardt, *Epístola aos Romanos*, São Paulo, ASTE, 1969, p. 226).

³⁸ *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 182.

³⁹ Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo, Paulus (Patrística, 9/3), 1998, Vol. III, p. 12.

⁴⁰ Abraham Kuyper, *The Work of The Holy Spirit*, Chattanooga, AMG. Publishers, 1995, p. 670.

A intercessão de Cristo respalda-se nos seus merecimentos, obtendo para os seus eleitos os frutos da sua obra expiatória (Rm 8.34; Hb 7.25; 1Jo 2.1).⁴¹ Como bem expressou Calvino (1509-1564): “A intercessão de Cristo é uma contínua aplicação de sua morte para nossa salvação”.⁴² O Espírito intercede por nós considerando as nossas necessidades vitais e costumeiramente imperceptíveis aos nossos próprios olhos.

Calvino (1509-1564) observou que, na oração, “a língua nem sempre é necessária, mas a oração verdadeira não pode carecer de inteligência e de afeto de ânimo”.⁴³ A saber: “primeiro, que sintamos nossa pobreza e miséria, e que este sentimento gere dor e angústia em nossos ânimos. Segundo, que estejamos inflamados com um veemente e verdadeiro desejo de alcançar misericórdia de Deus, e que este desejo acenda em nós o ardor de orar”.⁴⁴

Spener (1635-1705), falando sobre a oração, segue uma linha semelhante: “Não é suficiente que se ore exteriormente, com a boca, pois a oração verdadeira e mais necessária acontece no nosso ser interior, podendo expressar-se em palavras ou permanecer na alma, mas, de qualquer maneira, lá acha e encontra Deus”.⁴⁵

O Espírito, que procede do Pai e do Filho, é quem nos guia em nossas orações, fazendo-nos orar corretamente ao Pai. De fato, Deus propiciou para nós todos os elementos fundamentais para a nossa santificação (2Pe 1.3); a ação do Espírito aponta nesta direção, indicando também que as nossas orações são “imperfeitas, imaturas e insuficientes”, por isso ele nos auxilia, nos ensinando a orar como convém. E, na oração genuína encontramos forças para cumprir a Palavra de Deus, resistindo, assim, às tentações e às armadilhas do diabo.⁴⁶

⁴¹ “Não temos como medir esta intercessão pelo nosso critério carnal, pois não podemos pensar do interessor como humilde suplicante diante do Pai, com os joelhos genuflexos e com as mãos estendidas. Cristo, contudo, com razão intercede por nós, visto que comparece continuamente diante do Pai, como morto e ressurreto, que assume a posição de eterno intercessor, defendendo-nos com eficácia e vívida oração para reconciliar-nos com o Pai e levá-lo a ouvir-nos com prontidão.” [J. Calvino, *Exposição de Romanos* (8.34), p. 304]

⁴² John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981, Vol. 22 (1Jo 2.1), p. 171.

⁴³ J. Calvino, *Catecismo de Genebra*, Perg. 240.

⁴⁴ J. Calvino, *Catecismo de Genebra*, Perg. 243.

⁴⁵ Ph. J. Spener, *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, São Paulo, Encontrão Editora/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Curitiba, PR/ São Bernardo do Campo, SP, 1996, p. 119.

⁴⁶ “O que é necessário fazer para enfrentar a infecção é fortalecer a resistência (...). O que a oração faz é, por assim dizer, encher os pulmões da alma com o oxigênio do Espírito Santo e seu poder. Se vocês quiserem permanecer de pé sem vacilar, encham-se com a vida de Deus. Orem e não desfaleçam. Noutras palavras, não devemos perder tempo em ficar pensando nas coisas que tendem a derrotar-nos; devemos fortalecer-nos em nossa ‘santíssima fé’, como nos exorta Judas.” (D. Martyn Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo, PES, 1992, p. 111)

Paulo fala que nós, os crentes em Cristo, recebemos o Espírito de ousada confiança em Deus, que nos leva, na certeza de nossa filiação divina, a clamar “Aba, Pai”. **“Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai”** (Rm 8.15). O fato de Paulo usar a mesma expressão de Cristo para nós “significa que, quando Jesus deu a Oração Dominical aos seus discípulos, também lhes deu autoridade para segui-lo dirigindo-se a Deus como ‘abbā’, dando-lhes, assim, uma participação na sua condição de Filho”.⁴⁷ Somente pelo Espírito poderemos nos dirigir a Deus desta forma, como uma criança que se lança sem reservas nos braços do seu pai amoroso.

Quando oramos sabemos que estamos falando com o nosso Pai. Desta forma, a oração é uma prerrogativa dos que estão em Cristo. Somente os que estão em Cristo pela fé têm a Deus como o seu legítimo Pai (Jo 1.12; Rm 8.14-17; Gl 4.6; 1Jo 3.1,2). De onde se segue que esta oração, apesar de não mencionar explicitamente o nome de Cristo, é feita no seu nome, visto que somos filhos de Deus – e é nesta condição que nos dirigimos a Deus –, por meio de Cristo Jesus (Gl 3.26).⁴⁸

O Espírito que em nós habita e nos leva à oração testemunha em nós que somos filhos de Deus. **“O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”** (Rm 8.16); o Pai Nosso é a “Oração dos Filhos”.⁴⁹

Orar ao Pai não significa simplesmente usar o seu nome, mas, sim, dirigir-nos de fato a ele conforme os seus preceitos, em submissão à sua vontade. Uma oração francamente oposta aos ensinamentos de Jesus não pode ser considerada de fato uma oração dirigida ao Pai, por mais que usemos e repitamos o nome de Jesus.

O problema, dentro do contexto vivido por Jesus, é que muitos dos judeus, na realidade, ofereciam as suas orações aos homens, mesmo usando o nome de Deus. Usar o nome de Deus não é garantia de estarmos nos dirigindo a ele. Do mesmo modo, podemos estar tão preocupados com a forma de nossas orações que nos esquecemos do Pai; é a ele que a nossa oração é destinada; portanto, cabe a ele, que vê em secreto, julgá-la (Sl 50.6,7,14). A nossa oração não necessita ter publicidade para que Deus a ouça; ele vê em secreto e nos recompensa conforme o que vê (Mt 6.6).

Bonhoeffer (1906-1945) comenta: “Uma criança aprende a falar porque seu pai fala com ela. Ela aprende a falar a língua paterna. Assim também nós

⁴⁷ O. Hofius, *Pai: In: Colin Brown, ed. ger. O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, III, p. 383.

⁴⁸ Vd. Calvino, *As Institutas*, III.20.36.

⁴⁹ Conforme expressão de Lloyd-Jones (1899-1981) (D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo, FIEL, 1984, p. 358).

aprendemos a falar com Deus, porque Deus falou e fala conosco. Pela palavra do Pai no céu seus filhos aprendem a comunicar-se com ele. Ao repetir as próprias palavras de Deus, começamos a orar a ele. Não oramos com a linguagem errada e confusa de nosso coração, mas pela palavra clara e pura que Deus falou a nós por meio de Jesus Cristo, devemos falar com Deus, e ele nos ouvirá”.⁵⁰

“Orar é exercitar a nossa confiança na Providência de Deus, sabendo que nada nos faltará, porque ele é o nosso Pai.”⁵¹ A oração tem sempre uma conotação de submissão confiante. Portanto, orar ao Pai significa sintonizar a nossa vontade com a dele; sabendo que ele é santo e a sua vontade também o é (Mt 6.9,10).

B. Sincera (Mt 6.5,6)

Conforme já comentamos, os judeus tinham as suas horas certas de oração. Muitos cumpriam estes horários com coração sincero; contudo, outros se dirigiam à Sinagoga ou ao Templo, procurando estar justamente nestes horários nas praças, ou ruas de grande movimento, onde passavam pessoas em todas as direções, a fim de que quando desse a hora de oração, eles pudessem parar onde estavam e comesçassem a recitar as suas preces em voz alta, como se não tivesse dado tempo de chegar à Sinagoga. Vendiam a imagem de grande piedade e consagração, sendo respeitados por todos aqueles que não conseguiam interpretar corretamente as suas motivações.

Jesus faz referência a estes homens que queriam ser considerados como consagrados e santos, mas que na realidade eram “hipócritas” (ator, intérprete), que gostavam de ser vistos, admirados e reverenciados. A palavra usada por Jesus em Mt 6.5 para “praça” é Πλατεία (“plateia”): “estrada larga”, “rua”, “caminho” (Vd. Lc 14.21; At 5.15).

Jesus não estava condenando a oração pública, nem a oração individual feita em lugar público. Jesus recriminava as orações privadas (mais íntimas) feitas em lugares públicos, as quais tinham motivações não dignas, pois objetivavam ter uma platéia para que pudesse ouvi-las e aplaudir aqueles “consagrados homens”. Portanto, a questão aqui não é propriamente o lugar, mas sim a sinceridade do coração do suplicante.

O apóstolo Paulo adverte a Timóteo quanto aos homens que surgiriam nos últimos dias, dizendo: **“tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes”** (2Tm 3.5).

⁵⁰ Dietrich Bonhoeffer, **Orando com os Salmos**, Curitiba, PR, Encontro Editora, 1995, pp. 12-13.

⁵¹ Hermisten M.P. Costa, **Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?** São Paulo, 1988, p. 16 (Trabalho não publicado).

D. M. Lloyd-Jones (1899-1981) destaca uma lição preciosa a respeito do ensino de Jesus, dizendo: “Quando estamos orando, precisamos lembrar-nos deliberadamente de que estamos falando com Deus. Por conseguinte, as demais pessoas, tal como o nosso próprio ‘eu’ precisam ser excluídos, ficando do lado de fora de minhas preocupações”.⁵²

Jesus diz que tais homens que procedem hipocritamente logo recebem a sua recompensa, visto que o que eles queriam tinham conseguido: serem vistos e admirados pelos homens. O verbo traduzido (Mt 6.2,5,16) por “receberam” (ὀπέρχω) (apechō) é usado no grego técnico em recibos, indicando a sua quitação, que o pagamento foi plenamente realizado, podendo ser de impostos, da compra de escravos, de aluguéis, etc.⁵³

Barclay (1907-1978), após investigar no grego clássico e nas Escrituras o verbo mencionado, detendo-se no capítulo 6 de Mateus, conclui:

“Logo, o que Jesus está dizendo é que os que dão esmolas, oram e jejuam buscando deliberadamente a admiração dos homens, recebem a admiração dos homens, e nada mais. A admiração dos homens é o seu pagamento integral. Nada mais têm para reivindicar; podem emitir o seu recibo e considerar-se integralmente pagos. A atividade pode atrair a admiração dos homens, mas quando a intenção é essa, não tem valor diante de Deus. Se visarmos a publicidade pessoal, nós a receberemos – mas não obteremos mais nada. Ao obtê-la, somos integralmente pagos, mas perdemos inteiramente as recompensas divinas que são muito maiores, e são o prêmio ao serviço humilde, altruísta e modesto”.⁵⁴

Talvez hoje sejamos tentados a dizer para nós mesmos: desse tipo de pecado estou livre; eu não tenho esse hábito. Contudo, é bom um pouco mais de cautela quanto a este ponto; há muitas formas sutis de cometermos os mesmos erros,⁵⁵ como, por exemplo, dando a impressão de que passamos muito tempo orando (Mt 6.16-18) ou, quando entramos em nosso quarto para orar, e ficamos pensando naqueles que estão lá fora e o que eles estão pensando a nosso respeito, como eles interpretam a nossa “espiritualidade”... Desta forma, é preciso que tenhamos cuidado para que não sejamos apanhados pela sutileza de nossos pecados, pela engenhosidade de nossas mentes.

Agostinho (354-430), comentando Mateus 6.6, diz:

“Não basta entrar no quarto. Se a porta ficar aberta aos importúnios, ela dá entrada às futilidades exteriores que vêm perturbar nosso recolhimento. Disse-mos que vêm de fora para significar as realidades passageiras e sensíveis que penetram pela porta, isto é, pelos nossos sentidos corporais, pois uma multidão

⁵² D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, p. 318.

⁵³ Vd. William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1988, pp. 31-33.

⁵⁴ William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, p. 32.

⁵⁵ Como bem observou Agostinho (354-430), “o mal não é ser visto pelos homens, mas orar com o fim de ser visto por eles” (Agostinho, *O Sermão da Montanha*, II.1.3. p. 111).

de vãs imagens perturba nossa oração. Em conseqüência, é preciso fechar a porta: resistir às solicitações dos sentidos corporais, para que uma oração toda espiritual se dirija ao Pai. Oração essa feita no íntimo do coração, onde em segredo rezamos [oramos] ao Pai”.⁵⁶

Por outro lado, quando a nossa oração é de fato dirigida sinceramente ao nosso Pai Celeste, ele que conhece os nossos corações nos recompensará (Mt 6.6). Todas as vezes que as nossas orações, por mais emocionantes que sejam, não estiverem acompanhadas de um sentimento adequado de indignidade e reverência para com Deus, estaremos pecando contra ele.⁵⁷ Lembremo-nos de que: **“Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus”** (Sl 51.17); **“o homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”** (1Sm 16.7).

C. Objetiva (Mt 6.6-8)

Jesus também nos ensina a não usarmos em nossas orações de “vãs repetições” (ARA; ACR; BJ), “palavras vãs” (ARC). A expressão usada por Cristo (Βατταλογέω “battalogeō”), que só ocorre aqui, parece ser onomatopéica, significando “falar sem sentido”, “balbuciar”, “repetir palavras ou sons inarticulados”, “falar sem pensar”, “falar futilmente”, “gaguejar”, “dizer sempre a mesma coisa”, “tagarelar”, “uma repetição supérflua e exagerada”, “repetir uma fórmula muitas vezes”,⁵⁸ etc. Tyndale traduz: “Tagareleis demais”; Knox: “Useis muitas frases”; velha versão siríaca: “Não digais coisas ociosas”.⁵⁹

⁵⁶ Agostinho, *O Sermão da Montanha*, II.1.3. p. 112.

⁵⁷ Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, pp. 701,702.

⁵⁸ J. Calvin, *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke*, Grand Rapids, Michigan, Baker (*Calvin's Commentaries, Vol. XVI*), 1981, p. 313.

⁵⁹ Esta palavra é constituída de (Βόττος: “gago” & λογέω: “falar”). Ela é de derivação incerta; Erasmo (1467-1536), por exemplo, entendia que esta expressão era proveniente de “Bato”, personagem descrito por Heródoto: “Chegando a Teras, Polineto, homem de alta posição, tomou a jovem como concubina, e o casal teve, no fim de certo tempo, um filho que gaguejava e sibilava. Essa criança, segundo os Tereus e Cireneus, recebeu o nome de Bato” (Heródoto, *História*, IV.155. Vd. Βόττος: In: *A Lexicon Abridged from Liddell and Scott's Greek-English Lexicon*, London, Clarendon Press, 1935, p. 128b). No entanto, Heródoto, que discorda desta explicação para o nome do menino, diz que “batus significa rei na língua dos Líbios” (Heródoto, *História*, IV.155). Também especula-se que esta expressão viria por derivação de um poeta medíocre, Battus, que teria feito hinos extensos, cheios de repetições (Vd. A.B. Bruce, *The Gospel According to Matthew*: In: W. Robertson Nicoll, ed. *The Expositor's Greek Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. I, pp. 118,119; John R.W. Stott, *A Mensagem do Sermão da Montanha*, 3ª ed., São Paulo, ABU, 1985, p. 146). O fato é que ninguém consegue precisar a origem da palavra. [Para maiores detalhes, vejam-se: G. Delling, Βατταλογέω, In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. I, p. 597; Βατταλογέω: In: James Hope Moulton & George Mulligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1982 (reprinted), p. 107; H. Balz, Βατταλογέω, In: Horst Balz & Gerhard Schneider, eds. *Exegetical Dictionary of New Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1978-1980, Vol. I, p. 209; Βατταλογέω: In: Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 5ª ed., Chicago, The Chicago Press, 1958, p. 137.

John Stott, comentando o sentido do verbo, diz: “A maioria a considera como uma expressão onomatopéica, o som da palavra indicando o seu significado. Assim, *batarizō* significa gaguejar; e qualquer estrangeiro cuja língua parecesse aos ouvidos gregos como uma interminável repetição da sílaba ‘bar’ era chamado de *barbaros*, um bárbaro”.⁶⁰ Broadus acrescenta: “É possível que como um gago repete muitas vezes a mesma palavra, a palavra grega viesse a ser usada para exprimir as vãs repetições, em geral”.⁶¹

A referência de Jesus é direta e intencional aos gentios: “**E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios...**” (Mt 6.7). Os pagãos criam que as repetições contribuíam para pressionar os seus deuses a conceder-lhes favores. Ao que parece, era esta crença que estimulou os profetas de baal a permanecerem durante horas orando ao seu deus sem serem respondidos (Vd. 1Rs 18). Do mesmo modo, os efésios indignados com a pregação cristã, gritaram por quase duas horas: “Grande é a Diana dos efésios!” (At 19.34). De modo semelhante procedem os católicos romanos com suas repetições do “Pai Nosso” e “ave-maria”.⁶²

Havia também entre os gentios o costume de usar de repetições intermináveis com o objetivo de informarem aos seus deuses da sua situação, “atualizarem” o seu deus.

Este era o quadro religioso entre os pagãos, inclusive durante os dias de Jesus Cristo. Que tipo de “Deus” era este em que os povos criam, que precisava ser informado ou que ficava hesitante, precisando ser convencido a agir pela insistência dos homens?!

No entanto, a alusão aos gentios não se configura como exclusiva; entre os judeus, alguns escribas gostavam de fazer orações longas para poder se engrandecer e esconder a sua impiedade. Jesus Cristo nos advertiu quanto a isso, dizendo: “**Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças; e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo**” (Mc 12. 38-40).

⁶⁰ J. R. W. Stott, *A Mensagem do Sermão da Montanha*, p. 146. Neste caso, a palavra não teria nenhuma derivação explícita, equivalendo apenas a uma imitação repetitiva de sons sem qualquer sentido (Vd. *Alford's Greek Testament*, 7ª ed., Grand Rapids, Michigan, Baker, 1874 (Reprinted: 1980), Vol. I, p. 58).

⁶¹ John A. Broadus, *Comentário do Evangelho de Mateus*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1966, Vol. I, p. 199.

⁶² Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, (s.d), Vol. I (Mt 6.7), p. 43.

Agostinho observa que “toda essa abundância de palavras vem dos gentios, que se preocupam mais em exercitar sua língua do que purificar o coração. Esforçam-se eles em aplicar também esse linguajar frívolo na oração para tentar dobrar a Deus. Julgam que alguém pode incliná-lo com o fluxo de palavras”.⁶³

Biblicamente aprendemos que “a finalidade da oração é expressar a Deus nosso reconhecimento de que ele sabe o de que temos necessidade”.⁶⁴ Não precisamos ficar com repetições gaguejantes e intermináveis, porque Deus sabe do que necessitamos. A Bíblia, mesmo sem exclusivizar como corretas as orações breves, nos apresenta uma série de exemplos de orações que se expressam em poucas palavras (Vd. Êx 32.31,32; 1Rs 3.6-9; 18.36,37; 2Rs 19.14-19; 1Cr 4.10; Pv 30.7-9; Mt 23.14; Lc 5.8; 18.13; 23.42; At 7.60; Ef 3.14-19).

É lógico que as nossas orações não devem ser avaliadas por sua “extensão”. Se as “longas” orações não são sinônimo de piedade; do mesmo modo, a sua “brevidade” não indica necessariamente a nossa fé. O que realmente importa aqui é que as nossas orações sejam feitas ao Pai, com sinceridade, com objetividade, tendo como elemento norteador as promessas de Deus.

Calvino (1509-1564) assim se expressou:

“Os crentes não oram com a intenção de informar a Deus a respeito das coisas que ele desconheça, ou para incitá-lo a cumprir o seu dever, ou para apressá-lo, como se ele fosse *relutante*. Pelo contrário, eles oram para que assim possam despertar-se e buscá-lo, e assim exercitem sua fé na meditação das suas promessas, e aliviem suas ansiedades, deixando-as nas mãos dele; numa palavra, oram com o fim de declarar que sua esperança e expectativa das coisas boas, para eles mesmos e para os outros, está só nele”.⁶⁵

A Palavra de Deus é o manual de nossas orações: “Toda a Palavra de Deus é útil para nos dirigir em oração”.⁶⁶ Devemos ser guiados não pelos nossos pensamentos ou por aquilo que julgamos que Deus deveria nos conceder, mas, sim, por tudo aquilo que Deus nos promete. “As promessas de Deus contêm a matéria da oração e definem as suas dimensões. Aquilo que Deus tem prometido, tudo quanto ele tem prometido, e nada mais, sobre isso podemos orar.”⁶⁷

A oração é um atestado da consciência de nossa fragilidade acompanhada da certeza do poder de Deus. “Orar não é tanto um ato, mas uma atitude —

⁶³ Agostinho, *Sermão da Montanha*, II.1.3. p. 113.

⁶⁴ A.W. Pink, *Deus É Soberano*, São Paulo, FIEL, 1977, p. 128.

⁶⁵ John Calvin, *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke* Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981 (Reprinted), p. 314.

⁶⁶ *Catecismo Menor de Westminster*, Perg. 99.

⁶⁷ A.W. Pink, *Enriquecendo-se com a Bíblia*, p. 47.

atitude de dependência de Deus. Orar é fazer confissão de nossa fraqueza, como criaturas que somos, de nossa total incapacidade. Orar é reconhecer nossa necessidade e expô-la.”⁶⁸

Um outro aspecto é que a nossa oratória constituída de grandes recursos lingüísticos e frases bem montadas nada tem a ver com a oração. Comentando o Salmo 17, Calvino (1509-1564) acentua: “... quando nos apresentarmos diante de Deus em oração, não devemos fazer isso com os ornamentos e os artificios da eloquência, pois a retórica mais excelente e a graça mais atraente que porventura possuamos diante dele consistem na mais pura simplicidade”.⁶⁹

D. Reverente (Mt 6.9)

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome” (Mt 6.9).

No verso 9, Jesus apresenta um forte contraste com a prática condenada, como que dizendo: “*Vós, porém, como meus discípulos deveis orar assim...*”.⁷⁰ Jesus, então, ensina os seus discípulos a iniciar a oração com a meditação da glória de Deus. Aparentemente simples, na prática, nos parece uma dura e disciplinadora lição. Procuramos Deus nos limites de nossas forças, confessando de forma contundente a nossa limitação; no entanto, Jesus Cristo nos desafia a esquecer as nossas questões, os nossos problemas, e a conduzir os nossos olhos para a glória de Deus... “Antes de começarmos a pensar em nós mesmos e em nossas próprias necessidades, antes de nossa preocupação com o próximo, devemos começar nossas orações por esse grande interesse acerca do Senhor Deus, de sua honra, de sua glória”.⁷¹

Jesus quer nos educar de tal forma, que tenhamos em tudo, a começar pela oração, o senso de prioridade e de urgência, já que o imperativo aoristo indica isto;⁷² ele nos mostra que por mais sérios e graves que sejam os nossos problemas e preocupações, Deus deve ter a primazia. “Somente quando se dá a Deus seu lugar próprio tudo o mais passa a ocupar o lugar que lhe corresponde.”⁷³ Nesta oração, encontramos uma demonstração prática do ensino de Jesus: **“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).**

⁶⁸ A.W. Pink, **Deus É Soberano**, p. 134.

⁶⁹ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1 (Sl 17.1), pp. 327,328.

⁷⁰ Cf. R.C.H. Lenski, **The Interpretation of St. Matthew's Gospel**, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1998, p. 263.

⁷¹ D.M. Lloyd-Jones, **Estudos no Sermão do Monte**, p. 344.

⁷² Cf. A.T. Robertson, **Word Pictures in the New Testament**, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, © 1930, Vol. 1, pp. 52,53.

⁷³ W. Barclay, **Mateos, I**, p. 212.

Martyn Lloyd-Jones (1899-1981) comenta:

“Se quisermos conhecer a Deus e ser abençoados por ele, precisamos começar as nossas orações pela adoração à sua pessoa. Precisamos orar, dizendo: ‘santificado seja o teu nome’, dizendo-lhe que, antes de mencionarmos qualquer preocupação conosco, o nosso mais profundo anelo é que ele seja conhecido entre os homens”.⁷⁴

Neste ensinamento há outro ponto que deve se realçar: Quando oramos, estamos falando com o nosso Pai. Todavia, devemos ter em mente também que Deus é um Pai Santo, que deve ser reverenciado e adorado. Jesus Cristo, na oração sacerdotal, assim se refere ao Pai: “Pai Santo” (Jo 17.11). “Este Deus, a quem chamamos Pai, é o Deus de quem devemos nos aproximar com reverência e adoração, com temor e maravilha. Deus é nosso Pai que está nos céus, e nele se combinam o amor e a santidade”, interpreta corretamente Barclay.⁷⁵

É impossível louvar a Deus sem que sejamos tomados de um reverente temor diante da sua grandeza. **“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que a praticam. O seu louvor permanece para sempre”** (Sl 111.10).

O alto privilégio que temos de nos relacionar com Deus por meio de Jesus Cristo deve estar sempre associado à visão da grandeza de Deus, que nos conduz ao seu serviço com santo temor. **“Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor”** (Hb 12.28,29).

Davi inicia o Salmo 25 – que é uma mescla de meditação e oração⁷⁶ –, dizendo: **“A ti, Senhor, elevo a minha alma”** (Sl 25.1). O salmista sabe a quem se dirige, daí ele falar de elevar a sua alma: Deus é santo e soberano; a oração tem sempre o sentido de enlevo espiritual ainda que seja de confissão de pecados... Falar com Deus sempre é um ato de elevar a nossa alma.

Algumas pessoas, com uma idéia equivocada de “intimidade com Deus”, pensam que podem se aproximar dele de qualquer maneira, tratá-lo como a um igual ou em muitos casos, até mesmo como a um ser inferior a quem fazem verdadeiras imposições em suas “orações”. Ao contrário disso, a Palavra de Deus nos ensina que a nossa proximidade de Deus, antes de nos conduzir a uma suposta intimidade equivocada com ele, dá-nos a perfeita dimensão da sua gloriosa santidade e que, portanto, devemos nos aproximar dele em adoração e respeito.⁷⁷ Davi é enfático: **“A intimidade do Senhor é para os que o**

⁷⁴ D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, p. 347.

⁷⁵ W. Barclay, *Mateos*, I, p. 217.

⁷⁶ Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I, p. 537.

⁷⁷ Vd. Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, p. 702.

temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25.14). Os “íntimos” de Deus são aqueles que o temem e lhe obedecem!

Salomão, falando sobre Deus, diz que ele domina sobre o céu e a terra, não podendo o seu poder ser contido por estes. **“Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter”** (1Rs 8.27).

Considerando isto, Jesus, o Deus encarnado, nos ensina a começar a nossa oração reconhecendo quem é Deus, proclamando a sua Gloriosa Santidade!: “Santificado seja o teu nome” (Mt 5.9; Is 29.23; Ez 36.23). No entanto, devido à nossa limitação de cumprir este ato de glorificação de forma adequada, rogamos que Deus mesmo santifique o seu nome e implante o seu reino.⁷⁸

Jesus declara a santidade do nome de Deus. O que significa isto? É necessário que entendamos que, no mundo judeu, o nome significa a própria pessoa, por isso, falar no nome de Deus é falar no próprio Deus: a sua natureza e caráter. O nome de Deus é a sua própria natureza. O nome envolve tudo quanto nos foi revelado a seu respeito: Todos os seus atributos e todas as suas obras.⁷⁹ Declarar a santidade de Deus significa proclamar que o seu ser, a sua Palavra e as suas obras são santos. O nome de Deus está relacionado à sua revelação,⁸⁰ Jesus revelou (φανερών⁸¹ (phanerōn): “tornar claro”; “manifes-

⁷⁸ Vd. H. Bietenhard, Nome: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, III, p. 281.

⁷⁹ “‘O nome’ significa tudo quanto está envolvido na pessoa de Deus, tudo quanto nos foi revelado a respeito de Deus. Significa Deus em todos os seus atributos, Deus em tudo quanto ele é em si mesmo, Deus em tudo quanto ele tem realizado e continua realizando.” (D. M. Lloyd-Jones, **Estudos no Sermão do Monte**, p. 345) “O nome significa a representação gloriosa de Deus no mundo criado” (K. Barth, **La Oración**, Buenos Aires, la Aurora, 1968, p. 45).

⁸⁰ Heródoto registra uma tradição, relacionada com os Pelasgos, os quais em tempos antigos, sacrificavam “aos deuses todas as coisas que lhes podiam oferecer (...) lhes dirigiam preces, não lhes dando, todavia, nem nome nem sobrenome, pois nunca os viram designados por tal forma. Chamavam-nos deuses, de um modo geral, considerando-lhes a função de estabelecer e manter a ordem no universo. Não viram a conhecer senão muito mais tarde os nomes dos deuses, quando os egípcios os divulgaram...” (Heródoto, **História**, II, 52). Biblicamente, “revelar o nome significa revelar a própria pessoa e o seu caráter; assim como confiar no nome é o mesmo que confiar na pessoa (Sl 9.10; 20.7; 22.22; At 9.15, etc.)”. (Hermisten M. P. Costa, **Os Nomes do Verbo Encarnado**, São Paulo, 1999, p. 2) (Trabalho não publicado)

⁸¹ Este verbo é empregado por João para indicar o início da “manifestação” da glória do Filho por meio do milagre da transformação da água em vinho (Jo 2.11). Coube a Cristo – Aquele que se manifestou em carne (1Tm 3.16; 2Tm 1.10) – revelar aos seus santos o “mistério” que estivera oculto a respeito da glória de Deus, sendo confiado a Paulo este anúncio (Cl 1.26,27; Tt 1.3). Nesta revelação do Pai no Filho, vemos a manifestação do amor do Deus Pai e do Deus Filho (1Jo 4.9/1Pe 1.20). A manifestação do Filho aniquilou o pecado e o poder do diabo (Hb 9.26; 1Jo 3.5,8). Os irmãos de Jesus, de forma provocativa, desafiaram-no a manifestar publicamente os seus sinais (Jo 7.4). Por meio da Igreja Deus revela a fragrância do conhecimento de Cristo (2Co 2.14). A manifestação final do Filho será glorificante (Cl 3.4; 1Pe 5.4; 1Jo 3.2). Os que abandonam definitivamente a Igreja de Cristo revelam quem realmente são (1Jo 2.19).

tar”, “fazer conhecido”) o nome do Pai (Jo 17.6);⁸² por outro lado, a santificação do seu nome pressupõe o conhecimento dAquele a quem o nome representa, ou seja, conhecer experimentalmente a Deus (Sl 9.10/Sl 20.7).⁸³

Nesta oração Jesus enfoca a honra de Deus entre os homens. Quando oramos, estamos desejosos de que o caráter santo e bondoso de Deus seja reconhecido e respeitado entre os homens, como já sucede nos céus.

Quando oramos, somos convidados a meditar naquilo que Deus é e tem feito. Ao dizermos: “santificado seja o teu nome”, estamos convidando a todos os homens a reverenciarem a Deus, reconhecendo sua santidade; estamos, como Davi, declarando de forma incisiva: **“Engrandecei o Senhor comigo e todos à uma lhe exaltemos o nome”** (Sl 34.3); de modo semelhante ao salmista que diz: **“Aclamai a Deus, toda a terra. Salmodiai a glória do seu nome, dai glória ao seu louvor”** (Sl 66.1,2).

A nossa oração deve ser sempre um ato de glorificação a Deus. Nós o glorificamos quando reconhecemos quem é Deus e, pelo Espírito, nos dispomos a cumprir a sua vontade, proclamando a sua majestade e glória reveladas no seu nome (Jo 17.4,6).

O *Catecismo de Heidelberg* (1563), à questão 122 – “*Qual é a primeira petição?*” –, responde:

“Santificado seja o teu nome’. Isto é: Ajuda-nos primeiro que tudo, a conhecer-te, glorificar-te e louvar-te e todas as tuas obras, pelas quais brilham o teu poder onipotente, a tua sabedoria, bondade, justiça, misericórdia e verdade. E de tal modo disciplina toda a nossa vida, no que diz respeito a pensamento, palavras e obras, que teu nome nunca seja blasfemado por nossa causa, mas seja sempre honrado e louvado”.

E. Submissa (Mt 6.10)

“... **Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu**” (Mt 6.10). A oração não é uma tentativa de mudar a vontade de Deus, mas sim a manifestação sincera do nosso desejo de submeter-lhe os nossos projetos, aspirações, sonhos e necessidades... “A oração, quando é autêntica, sempre é um intento de submeter nossos desejos à vontade de Deus.”⁸⁴ Esta submissão não é algo simplesmente aprendido pela razão, embora mesmo racionalmente temos argumentos para assim proceder, pelo fato de sabermos que Deus é sábio, bondoso e onisciente. “Somente o Espírito pode capacitar-nos a subordinar todos os nossos desejos à glória divina.”⁸⁵ A submissão a Deus é um aprendizado da fé, por meio de nossa comunhão com ele.

⁸² “A afirmação suprema de Jesus é que nele os homens vêem a mente, o caráter e o coração de Deus” (William Barclay, *Juan II*, p. 233).

⁸³ O conhecimento de Deus deve ser sempre o alvo cristão por excelência (Fp 3.8; Jo 17.3).

⁸⁴ W. Barclay, *Juan II*, p. 212.

⁸⁵ A. W. Pink, *Enriquecendo-se com a Bíblia*, p. 46.

Quando pedimos que Deus faça a sua vontade, o fazemos não resignadamente, como se não tivesse jeito mesmo, ou como se Deus fosse o nosso inimigo que nos venceu e que agora só resta nos submeter humilhanamente... Não! A nossa oração é feita com amor e confiança, certos de que a vontade de Deus é sempre a melhor, de que ela sempre é boa, agradável e perfeita (Rm 12.2); por isso, temos prazer em cumpri-la, conforme bem expressaram Davi e Paulo, respectivamente: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei”** (Sl 40.8). **“Não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus”** (Ef 6.6). Somente um coração que tem dentro de si a Palavra, pode sentir prazer na vontade de Deus e, se alegrar na manifestação do Seu poder.

Ao orarmos sinceramente, conforme nos ensinam as Escrituras, estamos submetendo a nossa vontade a Deus; isto significa que não pretendemos ensinar a Deus, nem mudar a sua vontade; antes, nos colocamos diante dele dizendo: Eu creio que a tua vontade é a melhor para a minha vida, cumpre em mim todo o teu propósito. Orar é entregar confiantemente o nosso futuro a Deus a fim de que ele concretize sua eterna e santa vontade em nós. A oração revela o nosso desejo de que a vontade de Deus se realize.⁸⁶

J. Calvino (1509-1564), comentando esta petição, diz:

“Com esta prece somos induzidos à negação de nós mesmos, para que Deus nos reja conforme o seu arbítrio. Não somente isto, mas também que, a nada reduzidos a mente e o coração nossos, crie Deus em nós mente nova e novo coração, para que em nós não sintamos qualquer frêmito de desejo que a pura anuência para com a sua vontade. Em suma, que não queiramos nós próprios algo de nós mesmos; pelo contrário, que seu Espírito nos governe o coração, para que, ensinando-nos ele interiormente, aprendamos a amar as coisas que lhe aprazem, a, porém, odiar as que lhe desagradam. De onde também isto se segue: que todos e quantos sentimos à vontade se lhe opõem, a esses renda-os e vãos e írritos”.⁸⁷

A Oração do Senhor nos ensina a pedir a Deus que realize a sua vontade aqui na terra como é feita no céu. Oramos para que a vida na terra se aproxime o máximo possível à vida do céu, onde os anjos cumprem perfeitamente a vontade de Deus (Sl 103.21).⁸⁸

⁸⁶ “Orar não é bem conseguir que Deus faça nossa vontade, mas demonstrar que estamos interessados tanto quanto ele na concretização da sua vontade.” (Millard J. Erickson, **Introdução à Teologia Sistemática**, São Paulo, Vida Nova, 1997, p. 179)

⁸⁷ J. Calvino, **As Institutas**, III.20.43.

⁸⁸ **O Catecismo de Heidelberg** (1563), comentando a “terceira petição”, assim interpreta: “Concede que nós e todos os homens renunciemos à nossa própria vontade e obedeçamos, sem queixa, à tua vontade, que com exclusividade, é boa, para que assim todos dêem cumprimento a seu dever e à sua vocação, tão espontânea e fielmente como os anjos nos céus.” (Pergunta 124).

A vinda do reino (Mt 6.10) é o resultado lógico do cumprimento da vontade de Deus. Quando assim oramos, estamos seguros de que Deus age sempre em **a) Sabedoria**; por isso confiamos nos seus propósitos; **b) Poder**; sabemos que ele é poderoso para cumprir perfeita e totalmente os seus propósitos; **c) Fidelidade**; Deus é fiel a si mesmo e por isso se revela fiel a nós por meio de suas promessas; **d) Amor**; a sua vontade é sempre amorosa; o amor de Deus é aquele que se sacrifica pelo seu povo.

Finalizando a análise deste princípio, devemos mencionar um outro: *A submissão*. A submissão deve reger as nossas orações. Esta atitude vemos plenamente exemplificada em Cristo, em sua oração proferida próxima ao seu martírio: **“Meu Pai: se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres”** (Mt 26.39). O ministério terreno de Cristo foi uma manifestação constante da sua obediência desde a sua encarnação, passando por todos os desafios inerentes à sua missão, até a sua auto-entrega na cruz em favor do seu povo (Vd. Fp 2.5-8; Hb 5.8).

F. Confessante (Mt 6.12)

“... perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6.12). Ao orarmos reconhecendo a glória de Deus, a honra que devemos tributar à sua pessoa, somos conduzidos naturalmente a olharmos para nós mesmos; e neste ato, temos uma nítida visão do nosso pecado. Esta foi a experiência de Isaías diante da majestosa visão de Deus (Vd. Is 6.1-5). **“A visão do Rei divino humilhou Isaías até o pó, porque o levou a ver sua própria insignificância.”**⁸⁹ **“Nada há de melhor, para desenvolver esse santo temor, do que o reconhecimento da soberana majestade de Deus.”**⁹⁰

A contemplação da majestade de Deus e o reconhecimento do nosso pecado nos levam a confessá-lo a Deus, rogando-lhe perdão. E o fato é que todos nós somos pecadores. **“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”** (1Jo 1.9). O perdão de Deus é o princípio fundamental para o nosso relacionamento com ele. Sem o seu perdão, como poderemos orar? Por isso, precisamos iniciar com o perdão; todos nós carecemos da consciência do perdão de Deus.⁹¹

Na Oração do “Pai Nosso”, a palavra empregada para **“dívida”** refere-se a uma dívida pendente que precisa ser paga e ao mesmo tempo assinala que não dispomos de recursos para fazê-lo. Calvino comenta o emprego do termo **“dívida”** para se referir aos nossos pecados, dizendo:

⁸⁹ A.W. Pink, **Deus É Soberano**, p. 138.

⁹⁰ A.W. Pink, **Deus É Soberano**, p. 140.

⁹¹ “Não há esperança alguma de se obter algum favor de Deus a menos que ele nos reconcilie consigo.” [João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1 (Sl 25.7), p. 545]

“Aos pecados, porém, Cristo designa de dívidas, porque lhes devemos a pena, nem poderíamos de qualquer modo satisfazê-la, a menos que fôssemos desobrigados por esta remissão, que é um perdão de sua gratuita misericórdia, quando ele próprio generosamente expunge estas dívidas, nenhum pagamento de nós recebendo; pelo contrário, de sua própria misericórdia a si satisfazendo em Cristo, Que a si Mesmo se entregou, uma vez em compensação (Rm 3.24)”.⁹²

Esta oração contém em si uma confissão expressa do nosso endividamento para com Deus e a nossa incapacidade de “saldar” a dívida. Todavia sobre este ponto voltaremos a falar em momento oportuno...

G. Suplicante (Mt 6.10-13)

Uma das coisas que mais fazemos, quando oramos, é pedir, rogar, suplicar algo a Deus. De fato, orar é abrir o nosso coração a Jesus, expondo-lhe nossas carências, angústias, temores, frustrações, projetos... Sabemos, contudo, que orar não é apenas pedir, mas, também, interceder, agradecer, louvar, confessar, adorar. Todavia, a súplica é-nos ensinada na Palavra de Deus e, aqui, na oração do “Pai Nosso”, além de adoração e confissão, encontramos também súplica.

Na súplica devemos ter sempre patente em nossos corações as promessas de Deus: Tudo quanto Deus prometeu deve ser o alvo de nossas petições; nem mais nem menos. Calvino (1509-1564) colocou a questão nestes termos:

“... Nada se nos propõe dever-se esperar da parte do Senhor que também pelas preces não sejamos ordenados a pedir, tão verdadeiro é que por meio da oração se escavam os tesouros que, indicados no Evangelho do Senhor, nossa fé visualizando os haja”.⁹³

No exercício da oração somos educados a moderar os nossos desejos, visto que os colocamos diante do Deus Santo. O sentido é o seguinte: Temos uma relação filial de confiança com o nosso Deus, expomo-lhe a consciência de nossas carências. Todavia, como bem sabemos, nos dirigimos ao Senhor da glória, a quem fica bem o reverente temor e adoração. Deste modo, somos estimulados a santificar os nossos desejos, rogando a Deus que eduque a nossa mente, as nossas emoções e a nossa vontade; somente assim, poderemos orar: “seja feita a tua vontade”. Amém.

Vamos, agora, estudar sobre o que Jesus nos ensina a suplicar a Deus Pai.

1. O Reino de Deus

“Venha o teu reino...” (Mt 6.10). O Reino de Deus é o coração da mensagem de Cristo bem como dos apóstolos. O crente no Antigo Testamento

⁹² J. Calvino, *As Institutas*, III.20.45.

⁹³ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.2.

aguardava a chegada do Reino de Deus que estava associada à figura do Filho do homem, descrita por Daniel (Dn 7.13,14; Mt 16.27,28; 17.12,22; Lc 9.58; Jo 3.13,14).⁹⁴ Jesus Cristo, o Filho do homem, inaugurou o Reino de Deus; por isso, o Reino está indissolúvelmente ligado à sua pessoa. Jesus Cristo, a sua mensagem e atos incorporam a presença do Reino que chegara. Ele inaugurou o Reino de Deus (Lc 11.20). Orígenes (c. 185-254), corretamente, disse que Jesus Cristo era a *“autobasileia”*, o reino em pessoa.⁹⁵ “A relação entre o Reino de Deus e a revelação messiânica passa a ser uma correlação de força tal que quase se poderia falar de identificação de Jesus Cristo com o Reino de Deus; ele não apenas proclama, mas é, na sua pessoa, o Reino que está entre nós.”⁹⁶ Por isso é que o Novo Testamento nos ensina que pregar o Reino é o mesmo que pregar a Jesus Cristo:

“Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ou mulher, ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e herdará a vida eterna” (Mt 19.29).

“Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente...” (Mc 10.29,30).

“Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos por causa do reino de Deus” (Lc 18.29).

“... Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo...” (At 8.12).

“Pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (At 28.31).

Retornando à petição da “Oração do Senhor”, devemos observar que a oração do cristão envolve sempre o desejo de que o Reino de Deus venha. Mas, o que é o Reino de Deus, o que significa a sua vinda? Ele já não está presente entre nós? Meditemos um pouco sobre estes assuntos.

a. O Significado do Reino

O Reino de Deus é o Reinado de Deus, o governo triunfante de Cristo sobre todas as coisas, visíveis e invisíveis. “O Reino de Deus significa que

⁹⁴ “Por isso, podemos dizer que a presença do Espírito no Ministério de Jesus Cristo é uma presença escatológica, que marca o cumprimento da Promessa e, também, de forma similar, a chegada do Reino.” (Hermisten M.P. Costa, *A Pessoa e Obra do Espírito Santo*, São Paulo, 1998, p. 82) (Trabalho não publicado)

⁹⁵ Orígenes, *Comentário de Mateus*, 14.7. Apud M. Green, *Evangelização na Igreja Primitiva*, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 58.

⁹⁶ J. Blauw, *A Natureza Missionária da Igreja*, São Paulo, ASTE, 1966, p. 72.

Deus é Rei e age na história para trazer a história a um alvo divinamente determinado.”⁹⁷ Falar no Reino é apontar para a concretização do propósito de Deus em Cristo, libertando os homens do poder de Satanás, conduzindo-os à liberdade concedida por Cristo, o Senhor.

b. A Experiência do Reino

Quem ora pela vinda do Reino é porque já conhece o Reino, já usufrui das suas riquezas, já provou da sua bem-aventurança (Rm 14.17). Somente um cidadão do Reino pode dizer de forma consciente: “Venha o teu Reino”. Por isso, ele ora para que o Reino já presente venha em toda a sua plenitude sobre todos.

Jesus manifestou o fato de que os seus milagres, a expulsão dos demônios,⁹⁸ o perdão dos pecados e a pregação se constituem em sinais da chegada do Reino. Ele mesmo declarou: **“se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”** (Lc 11.20). Os milagres não têm um fim em si mesmos, antes, visam selar e confirmar a palavra.⁹⁹ Como já indicamos, a presença de Jesus é a manifestação do Reino.

A nossa experiência do Reino nos induz a orar pela sua manifestação plena, pela concretização perfeita do eterno propósito de Deus. Nós somos filhos do Reino, por isso podemos orar pela sua manifestação, visto que o reino está entre nós os que cremos (Lc 17.21).

O Espírito faz com que hoje desfrutemos das bênçãos da Era futura, porém, não em toda a sua plenitude. O apóstolo Paulo escreveu: **“... Nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”** (Rm 8.23). O Espírito comunica as “primícias” das bênçãos – sendo ele próprio a principal –, concedidas por Deus, as quais serão plenamente manifestadas na eternidade. O Espírito em nós revela-nos as venturas futuras que, agora, apenas vislumbramos pela fé, e que já desfrutamos apenas embrionariamente.¹⁰⁰

⁹⁷ G.E. Ladd, *The Presence of the Future*, Apud A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 64.

⁹⁸ “Cada expulsão, que Jesus opera, dum espírito mau significa uma antecipação da hora em que satã será visivelmente dominado.” (Joaquim Jeremias, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1977, p. 148) “A expulsão de demônios demonstra que o reino de Deus chegou aos homens. O expulsar demônios é em si uma obra do reino de Deus.” (G.E. Ladd, *El Evangelio del Reino*, Miami, Editorial Vida, 1985, p. 59. Vejam-se, também: A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, p. 67 e G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Mateo*, Grand Rapids, Michigan, Subcomision Literatura Cristiana, 1986, p. 552)

⁹⁹ Ver João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo, Paracletos, 1997 (Hb 2.4), p. 55.

¹⁰⁰ Sobre “O Espírito e as Bênçãos Escatológicas do agora” e “O Espírito e as Bênçãos Escatológicas do depois”, Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Pessoa e Obra do Espírito Santo*, São Paulo, 1999. (Trabalho não publicado)

Comentando a petição do “Pai Nosso”, Joaquim Jeremias diz:

“O homem que reza assim leva a sério a promessa divina. Abandona-se totalmente, com uma confiança inabalável, entre as mãos de Deus. Não duvida: ‘Hás de consumir tua obra gloriosa’”.¹⁰¹

Aquele que crê em Jesus Cristo faz parte do Reino presente, desfruta de suas bênçãos e compartilha de suas responsabilidades. Estes têm uma compreensão exata dos valores e atendem à ordem de Cristo: **“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”** (Mt 6.33).

• *Quando oramos pela vinda do Reino, estamos pedindo a Deus:*

1) Que o Reino de Deus se estabeleça no coração de todos os seus escolhidos

O estabelecimento do Reino significa a presença salvadora e soberana de Cristo no coração do homem. “O Reino de Deus é a vitória final sobre o pecado. É a reconciliação do mundo com Deus (2Co 5.19).”¹⁰²

O Reino inclui *dois aspectos*: um positivo e outro negativo. Ele significa a *redenção*, o perdão dos pecados para aqueles que se arrependem, pela fé aceitam a sua mensagem e nele ingressam e, ao mesmo tempo, o Reino traz em seu bojo o *juízo*, a condenação para aqueles que o rejeitam.

Nós já comentamos a respeito do nome de Deus que deve ser santificado; observamos que isto não ocorre de forma perfeita por causa do pecado. Os homens preferem adorar as criaturas em lugar de adorar o Criador; o pecado é que impede os homens de reconhecerem a glória de Deus, visto que Satanás, **“o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo”** (2Co 4.4).

Portanto, rogar “venha o teu Reino” significa dizer: *“Senhor vem vencer o pecado e arrancar estes homens, como também fizeste conosco, do domínio da carne, do mundo e de Satanás”*.

Oramos para que o mundo também veja o Reino presente que já é visto por nós, mas que permanece oculto aos seus olhos.

A Igreja ora para que Cristo reine no coração dos homens e, também, **prega** o Evangelho do Reino para que os homens, pela fé concedida por Deus, experimentem o governo redentivo de Cristo.

Deus chama os seus eleitos por meio da pregação da Palavra. “Deus quer que o Evangelho seja proclamado ao mundo todo e em todo o tempo para que seja congregada a soma total dos eleitos.”¹⁰³ A Palavra de Deus é sempre um

¹⁰¹ Jeremias, *O Pai Nosso: A Oração do Senhor*, pp. 41-42.

¹⁰² K. Barth, *La Oración*, p. 51.

¹⁰³ R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo, PES, 1976, p. 28.

ato criador. Por meio da Palavra Deus chama, convence, transforma e edifica o seu povo.

Cada um de nós, que foi alcançado pela Graça de Deus, tornou-se um instrumento de testemunho da bendita salvação, a fim de que o povo de Deus seja salvo (Rm 10.14-17; At 18.9-11). A Igreja é chamada para fora do mundo a fim de invadir o mundo com a pregação do Evangelho (Mt 5.14-16; Mc 16.15,16; At 1.8; 1Co 9.16).¹⁰⁴

Herman Ridderbos diz acertadamente que “A Igreja é o povo que Deus separou para si em sua atividade salvífica, para que mostrasse a imagem de sua graça e sua salvação”.¹⁰⁵

Aqui, também, podemos frisar o ponto de que quando levamos o Evangelho a todos os homens, cumprindo prazerosamente parte de nossa missão, estamos de fato demonstrando o nosso amor pelo nosso próximo, desejando que eles conheçam a Cristo e, segundo a misericórdia de Deus, se arrependam e creiam.¹⁰⁶ A eleição eterna de Deus inclui os fins e os meios.¹⁰⁷ Nós somos o meio ordinário estabelecido por Deus para que o mundo ouça a mensagem do Evangelho. Jesus Cristo confiou à Igreja a tarefa evangelística. A Igreja é “o agente por excelência para a evangelização”.¹⁰⁸ Nenhum homem será salvo fora de Cristo, mais para que seja salvo ele tem que conhecer o Evangelho da Graça. Como crerão se não houver quem pregue? (Rm 10.13-15). “O evangelismo pelo qual Deus leva os seus eleitos à fé é um elo essencial na corrente dos propósitos divinos.”¹⁰⁹

Deste modo, a oração não exclui a nossa responsabilidade de pregar e viver o Evangelho do Reino, pelo contrário, ela indica o nosso compromisso com o anúncio do Evangelho. “Venha o teu reino” é, em forma clara, uma oração pelo progresso da atividade missionária.¹¹⁰

¹⁰⁴ Vd. Michael Green, *Estratégia e Métodos Evangelísticos na Igreja Primitiva*: In: **A Missão da Igreja no Mundo de Hoje**, São Paulo/Belo Horizonte, MG. ABU/Visão Mundial, 1982, pp. 67,68 e Bruce L. Shelley, **A Igreja: o Povo de Deus**, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 127.

¹⁰⁵ Herman Ridderbos, **El Pensamiento del Apóstol Pablo**, Buenos Aires, la Aurora, 1987, Vol. 2, § 53, p. 9.

¹⁰⁶ John Stott observou bem este ponto, ao declarar em 1974: “A Grande Comissão não explica ou esgota, nem supera o Grande Mandamento. O que ela faz, na verdade, é acrescentar ao mandamento do amor e serviço ao próximo uma nova e urgente dimensão cristã. Se de fato amamos o nosso próximo, não há dúvida de que lhe diremos as boas-novas de Jesus.” (John R.W. Stott, *A Base Bíblica da Evangelização*: In: **A Missão da Igreja no Mundo de Hoje**, São Paulo/Belo Horizonte, MG. ABU/ Visão Mundial, 1982, p. 37).

¹⁰⁷ **Confissão de Westminster** (1647), III.6.

¹⁰⁸ R.B. Kuiper, **El Cuerpo Glorioso de Cristo**, Grand Rapids, Michigan, Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Christiana Reformada, 1985, p. 220. (Veja-se, todo o capítulo, pp. 220-226)

¹⁰⁹ J.I. Packer, **Vocábulo de Deus**, São Paulo, FIEL, 1994, p.146.

¹¹⁰ G. Hendriksen, **El Evangelio segun San Mateo**, p. 346.

No livro de Atos encontramos registrados dois episódios que estabelecem, de forma clara, a relação entre a oração e o compromisso missionário. Pedro e João foram presos após um testemunho eloqüente a respeito do poder de Cristo, que por meio deles curara um coxo de nascença à porta do Templo. Foram ameaçados e soltos. Libertos, procuraram seus irmãos para relatar o que lhes acontecera... Quando ouviram o que contaram, todos, a uma só voz começaram a orar, glorificando a Deus... Lucas relata que **“tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus”** (At 4.31). Lucas também registra que o envio de Barnabé e Saulo (Paulo), como missionários, foi precedido por jejuns e oração. **“Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram”** (At 13.3).

D.M. Lloyd-Jones (1899-1981) observa com acerto que “... Quando oramos: ‘venha o teu reino’, estamos orando pelo sucesso do Evangelho, em sua amplitude e poder; estamos orando pela conversão de homens e mulheres; estamos orando para que o reino de Deus tome conta da Europa, das Américas, da Ásia, da África e da Oceania, ou seja, do mundo inteiro. ‘Venha o teu reino’ é uma oração missionária toda-inclusiva”.¹¹¹

Jesus Cristo, apresentando alguns sinais que precederão a consumação deste século, diz: **“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo para testemunho a todas as nações. Então virá o fim”** (Mt 24.14).

2) Que o Reino de Deus seja o Reinado de Deus em nossos corações

Oramos para que o Deus que habita em nós seja intensamente o Senhor de nossa vida; para que a sua vontade seja feita completamente em nós. Colocarmo-nos como súditos do Reino equivale a reconhecer o senhorio de Cristo sobre nós. “Orar pelo Reino de Deus é orar pela submissão total de nossos desejos à vontade de Deus.”¹¹²

“Venha o teu Reino” implica o desejo intenso e ardente de total consagração e submissão a Deus e à sua autoritativa Palavra, tendo unicamente a vontade de Deus valor decisório para a nossa vida. A Igreja que ora deste modo deseja, cada vez mais, ser a antecipação histórica do Reino; um sinal eloqüente do “já” no “ainda não”. Portanto, nesta petição está embutida a busca sincera e consciente por vivenciar, dia após dia, a mesma experiência de vida descrita por Paulo: **“Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”** (Gl 2.20).

¹¹¹ D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, p. 349.

¹¹² W. Barclay, *Mateos, I*, p. 225.

3) Que o Reino de Deus se estabeleça completa e definitivamente

Esta oração tem um sentido escatológico. Ela envolve a petição da Igreja para que Deus cumpra a sua promessa: a Igreja, quando suplica deste modo, está **“esperando e apressando a vinda do dia de Deus”** (2Pe 3.12).

A consumação do Reino se dará quando Cristo voltar; e nós que temos as primícias do Espírito, pelo Espírito, podemos dizer: **“Vem, Senhor Jesus”** (Ap 22.17,20).

Na realidade, não podemos fazer esta oração sem o desejo sincero de **Santificação**: o Reino de Cristo em nós; **Evangelização**: o Reino de Cristo sobre todos os eleitos; **Volta de Cristo**: o estabelecimento definitivo do Reino de Deus sobre todas as coisas.

Antes de encerrarmos este ponto, gostaria de dizer algumas palavras sobre o Reino e a concretude de nossa esperança. Em alguns momentos de nossa vida podemos ser tentados a desanimar, ser impacientes, tendo a impressão de que o mal vence o bem, que a honestidade e a dignidade estão descaracterizadas, sendo premiados a esperteza, a falsidade, o logro... Todavia, a Palavra de Deus nos mostra que a vitória de Deus e de seus ensinamentos é certa, por isso, somos mais do que vencedores em Cristo Jesus, ainda que esta vitória nem sempre seja perceptível aos nossos olhos...

A. A. Hoekema (1913-1988) comenta:

“Quando o fermento (ou levedura) é colocado na farinha, nada parece acontecer por um momento, mas ao final toda a massa está fermentada. De maneira semelhante, o Reino de Deus está escondido agora, fazendo sua influência ser silenciosa mas penetrante, até que um dia surgirá a céu aberto para ser visto por todos. Portanto, o Reino, em seu estado presente, é objeto de fé, não de vista. Mas quando a fase final do Reino for instaurada pela segunda vinda de Jesus Cristo, ‘todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.11)’.”¹¹³

Mais à frente Hoekema continua:

“Nós estamos no Reino e, mesmo assim, aguardamos sua manifestação completa; nós compartilhamos de suas bênçãos mas ainda aguardamos sua vitória total; nós agradecemos a Deus por ter-nos trazido para o Reino do Filho que ele ama, e ainda assim continuamos a orar: ‘Venha o teu reino’.”¹¹⁴

O Reino é uma realidade presente vivenciada por todos aqueles que crêem em Cristo; todavia, ele não é estabelecido por nós. O Reino pertence a Deus (Mt 6.13); e nele se origina e se desenvolve. “Sua vinda unicamente se compreende sobre a base de sua ação milagrosa e todo-poderosa.”¹¹⁵ Todavia,

¹¹³ A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, p. 71.

¹¹⁴ A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, p. 72.

¹¹⁵ H. Ridderbos, *El Pensamiento del Apóstol Pablo*, I, p. 43.

nem por isso deixamos de orar: “Venha o teu Reino”. “A vinda do Reino é totalmente independente de nosso poder (...). Porém a vinda do Reino é objeto de nossa oração.”¹¹⁶

2. O Pão Cotidiano

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). Algo surpreendente nesta petição é a passagem da consideração da majestade de Deus e da vinda do seu Reino (Mt 6.10) para “o pão nosso”. Isto é maravilhoso! O Deus que habita o alto e sublime, o Deus soberano, cuja majestade não pode ser contida por todo o universo, também se preocupa com as nossas necessidades e nos ensina a suplicar-lhe por elas; faz-nos enxergar o que de fato é prioritário e, ao mesmo tempo, nos ensina a pedir por aquilo que também é necessário para a nossa existência...

Deus declara em sua Palavra a respeito de si mesmo: **“Porque assim diz o Alto, o sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos”** (Is 57.15).

“Esse é o milagre da redenção. Esse é o sentido mesmo da encarnação, a qual nos ensina que o Senhor Jesus Cristo cuida de nós aqui na terra, ligando-nos com o Todo-Poderoso Deus da glória. O reino de Deus e o meu pão diário!”¹¹⁷

Uma das coisas fascinantes que este texto de um modo especial nos ensina é que o Deus que cuida do universo, dos seus diversos sistemas e galáxias, sustentando todas as coisas com o seu poder, também cuida de nós, das nossas necessidades, por mais irrelevantes que elas possam parecer muitas vezes ao nosso semelhante. Isto nos enche de reverente gratidão e conforto: Deus cuida de nossas necessidades. Calvino comenta com sensibilidade que, “seja qual for a maneira em que Deus se agrada em socorrer-nos, ele não exige nada mais de nós senão que sejamos agradecidos pelo socorro e o guardemos na memória”.¹¹⁸

Esta petição, que parece tão simples, tem sido, através dos séculos, alvo de grandes disputas a respeito de uma palavra grega que é traduzida como “cada dia” ou “cotidiano” (ἐπιούσιος: “suficiente para o dia”, “suprimento para o dia vindouro”, “suficientemente para cada dia”). O problema da tradução desta palavra é que ela era praticamente desconhecida na literatura grega, fora dos textos de Mateus e Lucas.¹¹⁹ Não vamos nos alongar nesta questão –

¹¹⁶ K. Barth, *La Oración*, p. 52. “O reino é de toda obra de Deus, ainda quando opera em e por meio dos homens” (G.E. Ladd, *Reino de Deus*: In: E.F. Harrison, ed. *Diccionario de Teologia*, Michigan, TELL, 1985, p. 450b).

¹¹⁷ D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, p. 355.

¹¹⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 40.3), p. 216.

¹¹⁹ Ela é encontrada somente uma vez num papiro do quinto século d.C., com um sentido incerto. (Cf. F. Merkel, *Pão*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do*

inclusive porque tem sido impossível precisar a derivação da palavra –, ¹²⁰ contudo, entendemos que o sentido básico desta petição é: “o pão que é-nos necessário, dá-nos hoje, dia após dia”, estando implícita nesta oração a certeza da providência de Deus, bem como a necessidade de estarmos sempre atentos a este fato, certos de que o Senhor cuida de nós dia após dia (Sl 37.25)... Calvino está correto ao dizer: “A maior de todas as misérias é o desconhecimento da providência de Deus; e a suprema bem-aventurança é conhecê-la”. ¹²¹

Como é óbvio, o “pão” aqui – que era a “comida principal de Israel” –, ¹²² significa a nossa comida em geral (1Sm 20.34; Lc 15.17), bem como todas as nossas necessidades físicas (Dt 8.3; Mt 4.4; Lc 4.4). ¹²³ Portanto, o “pão” deve ser entendido, neste contexto, como tudo aquilo que é necessário à nossa vida: alimento, saúde, lar, esposa, filhos, bom governo, paz, vestuário, bom relacionamento social, etc. ¹²⁴ Aprendemos, de forma decorrente, que Deus não me-

Novo Testamento, III, p. 445; W. Foerster, Ἐπιούσιος: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. II, pp. 590,591).

¹²⁰ Vejam-se, por exemplo: F. Merkel, Pão: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, III, pp. 445,446; W. Foerster, Ἐπιούσιος: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. II, pp. 590-599; R.C.H. Lenski, **The Interpretation of St. Matthew's Gospel**, pp. 268-269; ἐπιούσιος: In: Walter Bauer, **A Greek-English Lexicon of the New Testament**, 5ª ed. Chicago, The Chicago Press, 1958, pp. 296,297; C. Müller, ἐπιούσιος: In: Horst Balz & Gerhard Schneider, eds. **Exegetical Dictionary of New Testament**, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1978-1980, Vol. II, pp. 31-33; John Calvin, **Harmony of the Evangelists**, pp. 322-325; J. Jeremias, **O Pai Nosso**, pp. 43-47; J.A. Broadus, **Comentário do Evangelho de Mateus**, 3ª ed. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1966, Vol. I, pp. 205,206; W. Barclay, **El Padrenuestro**, pp. 103-113; G. Hendriksen, **El Evangelio segun San Mateo**, pp. 347,348; A.B. Bruce, **The Synoptic Gospels**, In: W. Robertson Nicoll, ed. **The Expositor's Greek Testament**, I, pp. 120,121; John R.W. Stott, **A Mensagem do Sermão do Monte**, pp. 152,153.

¹²¹ João Calvino, **As Institutas**, I.17.11.

¹²² F. Merkel, Pão: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, III, p. 444.

¹²³ Vd. a brilhante análise de K. Barth, In: **La Oración**, p. 68ss.

¹²⁴ “Aqui, agora consideramos o pobre cesto de pão como as necessidades de nosso corpo e da vida temporal. É palavra breve e simples, mas também abrange muito. Pois quando mencionas e pedes ‘o pão de cada dia’, pedes tudo o que é necessário para que se tenha e saboreie o pão cotidiano, e, por outro lado, também pedes que seja eliminado tudo o que o impede. Deves, por conseguinte, abrir e dilatar bem os pensamentos, não só até o forno ou a caixa da farinha, mas até o vasto campo e a terra toda que produz e nos traz o pão de cada dia e toda sorte de alimentos. Porque se Deus não o fizesse crescer, não o abençoasse e conservasse no campo, jamais tiraríamos pão do forno e nenhum teríamos para pôr na mesa.

“Para sumariá-lo em breves palavras: esta petição quer abranger quanto pertence a toda esta vida no mundo, porque apenas por isso necessitamos de pão cotidiano. Agora, à vida não pertence apenas que o corpo tenha alimento, vestuário e outras coisas necessárias, mas também que seja de tranquilidade e em diário comércio e trato e toda sorte de atividades; em suma, tudo o que se refere às relações domésticas e vizinhais, ou civis e políticas. Pois onde houver obstáculos quanto a essas duas partes, de forma que relativamente a elas as coisas não andem como deveriam andar, aí também está obstaculizado algo que é necessário à vida, de sorte que não se pode conservá-la por

nospreza o nosso corpo; ele não desconsidera as nossas necessidades vitais; Jesus nos ensina a orar também por elas. Deus cuida do homem inteiro; considera-nos como de fato somos, seres integrais, que têm carências próprias que precisam ser supridas...

Analise agora algumas outras lições que podemos aprender com esta petição.

1) Moderação

Jesus nos ensina aqui a ser moderados em nossos desejos e petições; ele nos ensina a orar pedindo o pão, não o luxo, o supérfluo; mas, sim, o que é necessário à nossa vida.

Esta lição encontramos em outros textos bíblicos. Tiago diz: **“Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres”** (Tg 4.2). Agur suplica a Deus duas coisas: **“Afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dêes nem a pobreza nem a riqueza: dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Que é o Senhor? ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus”** (Pv 30.8-9). Paulo aconselha a Timóteo, a fim de que ele também ensine isto: **“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores”** (1Tm 6.8-10).

Aqui não há nenhuma recriminação à riqueza, todavia somos alertados quanto ao seu perigo; por isso, Jesus nos ensina a pedir o necessário. A abundância, com muita frequência, pode nos fazer esquecer de Deus e dos seus benefícios.

Bernardo de Claraval (1090-1153) disse: “Não permitam que eu tenha tamanha miséria, pois dar a mim o que desejo, dar a mim o que meu coração almeja, é um dos mais terríveis julgamentos do mundo”.¹²⁵

A moderação é um aprendizado que deve nos acompanhar em toda a nossa vida. Por isso, Jesus nos ensina a começar a disciplinar as nossas orações naquilo que pedimos a Deus, pois somente assim poderemos aprender a estar contentes e a descobrir o quanto Deus nos tem dado. Paulo, preso, pôde escrever aos filipenses: **“... Aprendi a viver contente em toda e qualquer**

tempo dilatado...” (M. Lutero, *Catecismo Maior*: In: *Os Catecismos*, São Leopoldo/Porto Alegre, RS, Concórdia/Sinodal, 1983, §§ 72-73, p. 467. Vd. também, John Calvin, *Harmony of the Evangelists*, pp. 323,324)

¹²⁵ Apud Jeremiah Burroughs, *Aprendendo a Estar Contente*, São Paulo, PES, 1990, p. 28.

situação. Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.11-13).

Para Calvino a riqueza residia em não desejar mais do que se tem e a pobreza, o oposto.¹²⁶ Por sua vez, também entendia que a prosperidade poderia ser uma armadilha para a nossa vida espiritual: “Nossa prosperidade é semelhante à embriaguez que adormece as almas”.¹²⁷ A nossa riqueza está em Deus, aquele que soberanamente nos abençoa.¹²⁸ Portanto, “... é uma tentação muito grave, ou seja, avaliar alguém o amor e o favor divinos segundo a medida da prosperidade terrena que ele alcança”.¹²⁹

2) Confiança

Esta petição nos desafia a confiar no Pai Celeste, a confiar diariamente no cuidado providente de Deus. Esta oração não nos ensina a pedir para o futuro mas, sim, a pedir para as nossas necessidades diárias; para o nosso hoje. Jesus quer nos ensinar a não ficar ansiosos pelo futuro, diante do desconhecido, antes a confiarmos inteiramente em Deus, colocando diante dele em oração as nossas aspirações. Jesus Cristo, no Sermão do Monte, diz: “... **Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir (...). Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal**” (Mt 6.25,34). Paulo, preso, seguindo os ensinamentos de Cristo, escreve aos filipenses: “**Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça**” (Fp 4.6).

No deserto, Deus desafiou o povo a aprender esta lição por meio do maná, que lhes era concedido diariamente. Antes mesmo de Deus promulgar o quarto mandamento ele ensinou o povo a utilizar bem o seu tempo e a confiar nele.¹³⁰ O Texto Sagrado nos diz a instrução divina: “**Eis que vos farei chover**

¹²⁶ “Confesso, deveras, que não sou pobre: pois não desejo mais além daquilo que possuo.” (João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 46)

¹²⁷ Juan Calvino, *El Uso Adecuado de la Aflicción: In Sermones sobre Job*, Jenison, Michigan, T.F.L.L., 1988 (Sermon nº 19), p. 227.

¹²⁸ “... a glória de Deus deve resplandecer sempre e nitidamente em todos os dons com os quais porventura Deus se agrada em abençoar-nos e em adornar-nos. De sorte que podemos considerar-nos ricos e felizes nele, e em nenhuma outra fonte.” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (SI 48.3), p. 356]

¹²⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (SI 17.14), p. 346.

¹³⁰ Gerard van Groningen, *O Sábado no Antigo Testamento: Tempo para o Senhor, tempo de alegria nele (II)*: In: *Fides Reformata*, 4/1 (1999), pp. 132-134.

do céu pão, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. Dar-se-á que, ao sexto dia, prepararão o que colherem, e será dois tantos do que colhem cada dia” (Êx 16.4,5).

Alguns homens, mais “previdentes”, tentaram ir além da ordem divina, guardaram o maná para o dia seguinte; resultado: deu bicho e apodreceu (Êx 16.20). O desafio de Deus era para que o povo, manhã após manhã renovasse a sua confiança nele, aprendendo a descansar nas suas promessas, sabendo que Deus não falharia. **“Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”** (1Pe 5.7).

Comentando o Salmo 3, Calvino ressalta: “Era um sinal de inusitada fé quando, golpeado por tão grande consternação, se aventura a fazer francamente sua queixa a Deus e, por assim dizer, derramar sua alma no seio divino. E certamente que este é o único remédio que pode aplacar nossos temores, a saber, lançar sobre ele todas as preocupações que nos atribulam...”.¹³¹

O *Catecismo de Heidelberg* (1563) assim comenta esta petição:

“... Digna-te suprir todas as nossas necessidades corporais, a fim de que, por esse motivo reconheçamos que és a única fonte de tudo o que é bom, e que sem tua bênção nem nosso cuidado e trabalho, nem os teus dons podem proporcionar-nos qualquer bem. Conseqüentemente, que retiremos a nossa confiança de todas as demais criaturas e a ponhamos somente em ti”.¹³²

3) Total Dependência

Todos os homens por mais ricos que sejam, dependem de solo, água, clima, saúde do corpo. Todos estão sujeitos ao estado geral da economia, juntamente com outros fatores sociais, políticos, etc. Estes fatos indicam o quanto dependemos de Deus, o Senhor do universo; daquele que tem o domínio sobre todas as coisas. **“Do alto de tua morada regas os montes; a terra farta-se do fruto de tuas obras. Fazes crescer a relva para os animais e as plantas para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão”**, diz o salmista (Sl 104.13,14). Paulo dá uma interpretação teológica a esta manifestação provedora de Deus, dizendo: **“Contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria”** (At 14.17).

Portanto, pedir a Deus que nos dê o pão significa recorrer à sua Graça, para que nos sustente e não nos deixe perecer. Nesta oração está implícita a certeza de que a vida pertence a Deus. O cientista pode fazer uma semente

¹³¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 3.1.2), p. 82.

¹³² *Catecismo de Heidelberg*, Pergunta 125.

sintética, porém ela não crescerá, porque não tem vida. Deus é o Senhor da vida; tudo que temos e somos provém dele, por isso a ele oramos: o pão nosso de cada dia dá-nos hoje...

Calvino (1509-1564), comentando esta petição, diz:

“Por esta petição, a seu cuidado nos entregamos e a sua providência nos confiamos, para que nos dê alimento, sustente, preserve. Pois, o Pai boníssimo não desdenha tomar sob sua proteção e guarda ainda mesmo o nosso corpo, para que a fé nos exercite nestas coisas diminutas, enquanto dele tudo esperamos, até uma simples migalha de pão e uma gota de água”.¹³³

4) Disposição para Trabalhar

Esta oração não serve de pretexto para as pessoas se acomodarem em seus trabalhos – exercendo a sua função sem dedicação, responsabilidade e criatividade –, contando apenas com a “providência de Deus”; antes, ela implica o desejo de trabalhar, usando os recursos que Deus nos tem concedido, rogando, ao mesmo tempo, a bênção de Deus para o nosso trabalho.

A Bíblia é bem explícita quanto à nossa responsabilidade de usar os meios que Deus nos concede para o trabalho, a fim de que com o trabalho de nossas próprias mãos possamos nos sustentar e àqueles que estão sob a nossa guarda. Paulo, escrevendo aos tessalonicenses – entre os quais havia alguns homens que estavam desvirtuando a relação entre a fé em Deus e a responsabilidade de trabalhar –, diz: **“Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma. Pois de fato, estamos informados de que entre vós há pessoas que andam desordenadamente, não trabalhando; antes se intrometem na vida alheia. A elas, porém, determinamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando tranqüilamente, comam o seu próprio pão”** (2Ts 3.11,12).

5) Humildade

Esta petição nos ensina também que, apesar de trabalharmos arduamente, sabemos que é Deus quem nos dá o pão; é ele quem provê a nossa subsistência; é Deus quem nos propicia, de forma muitas vezes imperceptível, as condições para que exerçamos os nossos talentos ou, em outras circunstâncias, ele inclina o coração de outras pessoas para nos socorrer nos momentos de maior carência... O nosso sustento, seja de que modo for, vem do Senhor, a quem oramos de forma consciente: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”.

Salomão, o rei mais sábio e rico de toda a história de Israel, dá o seu testemunho: **“se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.**

¹³³ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.44.

Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados ele o dá enquanto dormem” (Sl 127.1,2).

À arrogante igreja de Corinto, Paulo escreve: **“Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebestes, por que te vanglorias, como se o não tivesses recebido?”** (1Co 4.7).

Tiago, por sua vez, nos lembra que **“toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes...”** (Tg 1.17).

Portanto, a nossa atitude deve ser de humildade diante de Deus e do nosso próximo, visto que tudo que temos e somos provém da misericórdia de Deus. (1Co 15.10; 2Co 3.5).

6) Generosidade

A oração diz: **“Dá-nos”** e não **“Dá-me”**. Aqui, em nossas petições, se incluem as necessidades dos crentes em todo o mundo; quando assim oramos, estamos evidenciando que os filhos de Deus suplicam ao Pai pela manutenção de todo o seu povo espalhado por toda a face da terra. Ao assim orarmos, estamos pedindo a manutenção de Deus para a sua Igreja, que é a família de Deus (Ef 3.15), a **“família da fé”** (Gl 6.10).

Aqui, aprendemos a não ser egoístas, preocupando-nos apenas com as nossas necessidades. Jesus nos ensina, ao mesmo tempo, a pedir e interceder; a suplicar a Deus por nós e pelo nosso próximo. Deste modo, temos uma lição de generosidade a ser aprendida, visto que por mais prementes (urgentes) que sejam os nossos anseios e/ou carências, Jesus nos convida a olhar à nossa volta e a reconhecer que outros homens também têm necessidades que precisam ser atendidas, por isso, oramos: **“o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”**. Portanto, **“quem repete esta petição e pensa só em seu pão, não tem uma concepção real do significado da mesma.”**¹³⁴

Esta petição desafia-nos à moderação, a aprender a viver com o que temos, confiando no cuidado providencial de Deus, em total dependência, usando dos recursos que ele nos concede, trabalhando de forma digna onde quer que ele nos coloque, sabendo, contudo, que a eficácia do nosso trabalho depende da sua bênção, daí a necessidade de sermos humildes e generosos.

3. Perdão para as Nossas Dívidas

“E perdoa-nos as nossas dívidas...” (Mt 6.12). Na petição anterior contemplamos a liberalidade de Deus na manutenção diária de nossas necessidades físicas. Nesta, suplicamos a sua clemência. Após o pão, pedimos o perdão;

¹³⁴ W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 110.

“o perdão é tão indispensável à vida e à saúde da alma como o alimento para o corpo”.¹³⁵ Antes temos um homem carente fisicamente, aqui temos um homem inadimplente espiritualmente. Aliás, este é o sentido da palavra empregada para “dívida” (ὀφείλημα) (“*opheilēma*”) (“ofensa”, “débito”, “o que é devido”). (Voltaremos a falar sobre este aspecto oportunamente)

Nesta oração Jesus nos ensina também que todos nós estamos endividados; não há quem possa dizer que não tenha dívida para com Deus ou para com o seu próximo. Todos, sem exceção, somos devedores; por mais que façamos, nunca atingiremos a condição de cidadãos que liquidaram todos os seus débitos.¹³⁶

Lutero (1483-1546), comentando esta petição, escreveu no *Catecismo Maior*:

“Esta parte agora diz respeito à nossa pobre e mísera vida. Embora tenhamos a Palavra de Deus, creiamos, façamos sua vontade e a ela nos submetamos, e nos nutramos dos bens e das bênçãos de Deus, contudo não está livre de pecado nossa vida. Diariamente ainda tropeçamos e nos excedemos, porque vivemos no mundo entre homens que nos infligem muitos sofrimentos e dão motivo para impaciência, ira, vingança, etc. Ademais, temos ao nosso encalço o diabo, que nos assedia de todos os lados e pugna, conforme ouvimos, contra todos os artigos anteriores, de sorte que não é possível manter-se sempre firme nessa luta constante. Por isso temos aqui, uma vez mais, grande necessidade de pedir e clamar: ‘Querido Pai, perdoa-nos as nossas dívidas’”.¹³⁷

a. Aspectos Implícitos nesta Petição

1) A Consciência do Pecado

Esta petição só pode ser feita pelo homem que tem consciência de que é pecador. “O fato de Jesus ensinar a todas as pessoas a fazerem esta oração demonstra a universalidade do pecado; e para repetir esta oração se requer um sentido de pecado.”¹³⁸

A Escritura nos fala que todos pecaram (Rm 3.23) e que o pecado nos fez cativos (Jo 8.34; Rm 6.20; 7.23), habitando em nós (Rm 7.17,20), mantendo-nos sob o seu domínio. Portanto, negar a nossa condição de pecadores é negar a própria Palavra de Deus, que diz: **“se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós”** (1Jo 1.10). “Não ser consciente de pecado algum é o pior pecado de todos.”¹³⁹

¹³⁵ J.R.W. Stott, *A Mensagem do Sermão da Montanha*, p.154.

¹³⁶ Vd. W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 115.

¹³⁷ Martinho Lutero. *Catecismo Maior*: In: *Os Catecismos*, §§ 86-88, p. 469.

¹³⁸ W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 118.

¹³⁹ W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 118.

Devido à depravação de nossa natureza, todos pecamos e somos responsáveis diante de Deus; a proximidade de Deus nos faz mais sensíveis a isto; a contemplação da sua gloriosa santidade realça de forma eloqüente a gravidade de nosso pecado. Diversos servos de Deus ilustram este fato: Pedro, após pesca maravilhosa, registra Lucas, **“prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador”** (Lc 5.8). Paulo, o apóstolo de Cristo, que tinha uma visão correta da glória de Deus e da sua dimensão espiritual, escreve: **“...Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”** (1 Tm 1.15). Esta experiência foi comum também a Moisés, Jó, Isaías, Ezequiel, Daniel e João (Vd. Êx 3.6; Jó 42.5,6; Is 6.1-5; Ez 1.28; Dn 10.9; Ap 1.17). O fato é que jamais poderemos ser santos sem que antes e durante, tenhamos a consciência de nosso pecado. De modo enfático assevera Lloyd-Jones (1899-1981): **“Nunca houve um santo sobre a face da terra que não tenha visto a si mesmo como um vil pecador; de modo que se você não sente que é um vil pecador, não é parecido com os santos”**.¹⁴⁰

Esta petição traz, em seu bojo, a compreensão de quão grave é o nosso pecado diante de Deus. Jamais poderemos entender o sentido da grandiosidade do perdão concedido por Deus sem a percepção adequada da nossa ofensa ao Deus Santo. **“Somente aquele que conhece a grandeza da ira será dominado pela magnitude da misericórdia. Do mesmo modo, é verdade: somente aquele que experimentou a magnitude da misericórdia pode mensurar de quão grande ira somos devedores.”**¹⁴¹

A certeza do perdão gratuito de Deus não deve nos levar a barateá-lo. Pense na gravidade do seu pecado e na obra vicária de Cristo. Sem o derramamento do sangue do Cordeiro, não haveria remissão de pecados: todos pereceríamos. Calvino acentua: **“Jamais aplicaremos seriamente o perdão divino, enquanto não tivermos obtido uma visão tal de nossos pecados, que nos inspire terror”**.¹⁴²

2) A Insatisfação com a Prática do Pecado

Esta oração denota que o homem que a profere tem consciência do seu pecado e não se conforma com ele; o homem neste caso, não se acomoda com o seu pecado, por isso, arrependido, pede perdão a Deus. Aqui está um lutador que não se entrega à sua derrota espiritual, ao seu pecado; antes, ele se ergue

¹⁴⁰ David M. Lloyd-Jones, **O Clamor de um Desviado: Estudos sobre o Salmo 51**, São Paulo, PES, 1997, p. 40.

¹⁴¹ Gustav Stählin, ὁργή, etc.: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. V, p. 425. Vd. também: John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1993, pp. 20,21.

¹⁴² João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 51.3), p. 424.

pela misericórdia de Deus, sabendo que, como nova criatura que é, o pecado não lhe é algo natural, mas, sim, uma anomalia, que revela, não o domínio do pecado, mas, sim, a sua influência... João escreve: **“Todo aquele que permanece nele (em Cristo) não vive pecando; todo aquele que vive pecando não no viu, nem o conheceu”** (1Jo 3.6). “Quando caímos na maneira de vida do velho homem, estamos vivendo de forma contrária ao que realmente somos...”¹⁴³ Por isso, “o perdão do pecado é aquilo que o pecador espiritualmente mais deseja”.¹⁴⁴

Esta oração é feita não pelo pecador contente consigo mesmo, mas por aquele que, consciente da sua dívida, se apresenta arrependido diante de Deus, desejoso de deixar de pecar. **“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados...”** (1Jo 2.1,2).

Spurgeon (1834-1892) coloca a questão do prazer do pecado nestes termos:

“Satanás faz o pecado parecer algo prazeroso, mas a cruz o apresenta tal como ele é, mortal e doloroso. Jesus morreu por causa do pecado. Quando o homem contempla o pecado desta forma, ele faz da prática do pecado assassinato. O poder do pecado é destruidor...”¹⁴⁵

A *Confissão de Westminster* (1647), falando sobre o arrependimento e o perdão, diz:

“...o pecador arrependido de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos”¹⁴⁶

“Ainda que não devemos confiar no arrependimento como de algum modo uma satisfação pelo pecado ou em qualquer sentido a causa do perdão dele, o que é ato da livre graça de Deus em Cristo, contudo, ele é de tal modo necessário aos pecadores, que sem ele ninguém poderá esperar o perdão.”¹⁴⁷

3) Incapacidade de Pagar a Dívida

Nesta petição estamos também confessando que não temos condições de pagar a nossa dívida (Lc 7.41,42; Mt 18.25-27). Estamos inadimplentes espiritualmente; temos consciência de que a nossa dívida cada vez aumenta mais, “porque ainda que vivendo como cristãos, vamos aumentando sem cessar nossa dívida e agravando a embrulhada da nossa situação. A dívida cresce de dia

¹⁴³ A.A. Hoekema, *O Cristão Toma Consciência do Seu Valor*, Campinas, SP, Luz para o Caminho, 1987, p. 47.

¹⁴⁴ Abraham Booth, *Somente pela Graça*, São Paulo, PES, 1986, p. 29.

¹⁴⁵ C.H. Spurgeon, *Batalha Espiritual*, Paracatú, MG, Sirgiberto Queiroga da Costa, editor, 1992, p. 54-55. Vd. João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.1), p. 51.

¹⁴⁶ *Confissão de Westminster*, XV.2.

¹⁴⁷ *Confissão de Westminster*, XV.3.

em dia. E imagino que à medida que envelhecemos, mais conta nos damos de que não temos possibilidade alguma de cancelar essa dívida. As coisas vão de mal a pior”.¹⁴⁸ Por isso, só nos resta suplicar o perdão... “A petição de perdão significa que o suplicante reconhece que não há outro método pelo qual possa cancelar sua dívida, é uma súplica de graça.”¹⁴⁹ Diria mais: é impossível uma autêntica vida cristã sem esta consciência: de sermos pecadores e da necessidade do perdão de Deus.¹⁵⁰ Enquanto não admitirmos isso, estamos, na realidade, sustentando algum tipo de auto-suficiência.

A misericórdia de Deus é o único caminho da remissão... E, todas as vezes que confessamos a Deus os nossos pecados, arrependidos de tê-los cometido, desejosos de não mais praticá-los, podemos ter a certeza de que Deus, por sua graça, nos perdoa.

Na parábola do “credor incompassivo”, Jesus – além de evidenciar a nossa incapacidade de pagar a dívida – ilustra o perdão de Deus e mostra a responsabilidade de os perdoados também perdoarem. **“Então o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida”** (Mt 18.26,27).

Consideremos agora o perdão de Deus.

b. Perdão de Deus

1) O Sentido Básico do Perdão

Perdoar significa considerar o devedor como se não houvesse ofendido em nada; não imputar-lhe nenhuma dívida. Após o perdão, o devedor deixou de ser um devedor, ou mesmo, um devedor perdoado, para ser apenas uma pessoa, sem maiores adjetivos... Tanto a ofensa como o perdão já não contam mais. Com o perdão de Deus o nosso relacionamento com ele é restabelecido. O perdão de Deus, longe de minimizar o pecado e a sua gravidade, antes, realça a misericórdia de Deus.

Esta petição significa que nós, admitindo o nosso pecado, pedimos a Deus que pela sua misericórdia não nos considere como de fato somos: devedores dignos de castigo.

2) A Descrição Bíblica do Perdão

O **Antigo Testamento** usa *três termos* (e seus cognatos) para descrever o perdão:

¹⁴⁸ K. Barth, *La Oración*, p. 76.

¹⁴⁹ G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 350.

¹⁵⁰ Vd. David M. Lloyd-Jones, *O Clamor de um Desviado: Estudos sobre o Salmo 51*, p. 53.

a) כִּפֶּר (“Kipher”) – palavra de origem desconhecida, que significa “reconciliar”, “cobrir”, “purgar”, “expiar”, “perdoar”. Esta palavra está ligada ao sacrifício, indicando que alguma expiação foi efetuada. (Êx 32.30; Lv 8.15; Nm 5.8; Dt 21.8; 2Sm 21.3; Sl 65.4; 78.38; 79.9; Is 6.7; Is 22.14; 43.3; Jr 18.23; Dn 9.24; Ez 16.63; 45.20);

b) נָשָׂא (“Nāshāh”), “elevantar”, “carregar”, “remover”, “remir”, “levantar”, “livrar”. Este termo apresenta a idéia de que o pecado cometido foi levantado e carregado (removido) para longe; esquecido. (Gn 18.26; 41.51; 50.17; Êx 10.17; Jó 11.6; Sl 25.18; 32.1,5; 85.2; Is 2.9; 33.24; 44.21;

c) סָלַח (“Sālah”), “perdoar”, “esquecer”, “desculpar”. (Êx 34.9; Lv 4.20,26,31; 5.6,10,13; 1Rs 8.34; 36,39; Sl 130.4; Is 55.7). No livro do profeta Jeremias, encontramos a celebração jubilosa do futuro perdão de Deus, relacionado com a Nova Aliança (Vd. Jr 31.31-34; 33.8; 50.20; Hb 8.6-13).

Enquanto “Nāshāh” é utilizado para o perdão concedido por Deus bem como pelo homem, “Kāphar” e “Sālah” são empregados exclusivamente para o perdão de Deus. O Antigo Testamento enfatiza que todo pecado exige expiação, e esta é feita por meio do derramamento de sangue (Lv 17.11; Hb 9.22). Não que o sacrifício tivesse em si mesmo poder para remir o pecador, mas ele adquire este valor porque foi este o método estabelecido por Deus para perdoar,¹⁵¹ por meio do qual o homem, quando agia sinceramente, indicava o seu arrependimento e obediência ao caminho proposto por Deus. O ritual sem um coração sincero de nada adiantava; daí as constantes admoestações de Deus quanto a uma prática apenas externa, destituída do sentimento correto (Vd. Is 1.10-17; Am 5.21,22).

Os sacrifícios no Antigo Testamento apontam, especialmente a partir de Isaías, para a vinda do Messias, o servo de Deus, que daria a sua vida em resgate do seu povo (Vd. Is 40-42; 52.13-15; 53; 55).

O Novo Testamento emprega quatro palavras principais:

a) Πάρεσις (“Paresis”), “remissão”, “não levar em conta”, “deixar passar”, “mandar embora”, “passar por cima” (* Rm 3.25);

b) Ἀφήμι (“Aphiēmi”), “deixar ir”, “enviar”, “soltar”, “cancelar”, “desistir”, “abandonar” (Mt 4.11; 6.12; 12.31,32; 18.12,21,27,32,35; Mc 2.5,7);

c) O verbo Ἀπολύω (“Apolýō”), “libertar” (de doenças, um prisioneiro) “perdoar”, “livrar”, “despachar” (uma assembléia, turbas, indivíduos). (Mt 5.31,32; 14.15; 15.23; 27.15,17,21,26; At 19.40; 28.18,25; Hb 13.23). So-

¹⁵¹ Eichrodt, seguindo Büchler, diz que “A expiação não é uma forma imediata de remoção do pecado independentemente de seu perdão, senão um método de perdão.” (Walter Eichrodt, *Teologia del Antigo Testamento*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1975, Vol. II, p. 440).

mente em Lucas 6.37, tem o sentido claro de perdoar (Ocorre 68 vezes no N.T.). E o substantivo Αφεσις (“Aphesis”), “desobrigação”, “perdão”, “libertação”, “cancelamento” (Mt 26.28; Mc 1.4; At 2.38; Ef 1.7; Cl 1.14; Hb 9.22;

d) Χαρίζομαι (“Charizomai”), “mostrar favor ou bondade”, “dar como favor”, “ser gracioso com alguém”, “perdoar”. (Lc 7.42,43; At 27.24; Rm 8.32; 2Co 2.7,10; Ef 4.32; Cl 2.13; 3.13) (empregada 21 vezes no N.T.) Neste verbo aparece de modo explícito o nosso dever de perdoar como resultado do perdão concedido por Deus.

Aqui não é o lugar para nos aprofundarmos nestes termos, contudo podemos mencionar alguns aspectos que contribuam para a nossa visão da perspectiva bíblica do perdão. As palavras mais relevantes são: o verbo “*Aphiemi*” (142 vezes, 80% delas nos Sinóticos) e o substantivo “*Aphesis*” (17 vezes). O verbo e o substantivo são empregados na literatura clássica no sentido literal e figurado, porém, sempre se referindo às relações humanas, tais como: “divorciar de uma mulher”, “dissolver uma reunião”, “soltar um navio para o mar”, “negligenciar ou abandonar os cuidados”, “cancelamento de um processo criminoso”, etc. Na Septuaginta, estas palavras são empregadas com frequência, todavia, poucas vezes no sentido de perdoar.

O perdão é descrito sempre nas Escrituras como uma iniciativa de Deus. Deus, em textos diferentes, diz: **“Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro”** (Is 43.25). **“Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi”** (Is 44.22). **“Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e te esqueces da transgressão do restante da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades, e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar”** (Mq 7.18,19). **“... Perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei”** (Jr 31.34) (Vejam-se: Is 55.7; Jr 5.1; 33.8; Ez 36.25). O perdão pertence a Deus (Sl 130.4; Dn 9.9). Grider nos chama a atenção para o fato de que “nenhum livro de religião, a não ser a Bíblia, ensina que Deus perdoa completamente o pecado”.¹⁵²

¹⁵² J.K. Grider, Perdão: In: Walter A. Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, São Paulo, Vida Nova, 1990, Vol. III, p. 136. Esta declaração não entra em conflito com o fato de que os deuses dos povos do Antigo Testamento eram aplacados em sua ira, e esta consciência de “perdão” era testemunhada pelos seus adoradores (Cf. J. Scharbert, Perdão: In: Heinrich Fries (direção de), **Dicionário de Teologia**, 2ª ed. São Paulo, Loyola, 1987, Vol. IV, pp. 229,230). Contudo, um exemplo explícito de um “deus” declarando o perdão absoluto parece ser estranho à literatura antiga, fora da Bíblia.

3) A Base do Perdão

A) A Obra de Cristo

A base de nosso perdão é a obra expiatória de Cristo, coroada com a sua ressurreição (Lc 24.46,47; Rm 4.25; 1Co 15.17; 2Co 5.15). O perdão de nossos pecados ampara-se no sacrifício redimidor de Cristo. O perdão para a “menor” de nossas ofensas custou a Cristo a sua oferta voluntária em nosso favor, envolvendo todos os seus sofrimentos e morte na cruz. Sem a obra de Cristo não haveria perdão para nós. As Escrituras insistem neste ponto: **“No qual (Jesus) temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados segundo a riqueza da sua graça”** (Ef 1.7). **“Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Cristo vos perdoou”** (Ef 4.32). **“Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”** (Rm 3.24). O perdão concedido por Deus é em nome de Cristo (At 10.43; Cl 1.14; 1 Jo 2.12) (Vd. também: Mt 26.28; Jo 1.29; At 5.31; 18.38).

Mesmo no Antigo Testamento, os patriarcas, os profetas e o povo em geral foram perdoados, não porque ofereceram sacrifícios, mas, sim, pela fé no Cristo que viria. “A única maneira de alguém ser perdoado, antes de Cristo, depois de Cristo e em qualquer ocasião, é por meio de Cristo, e este crucificado”.¹⁵³

Paulo nos diz que o triunfo de Cristo em nos perdoar, concedendo-nos vida, foi manifesto na cruz do Calvário: **“E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoados todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz”** (Cl 2.13-15).

Nunca é demais insistir no ponto de que o perdão que nos vem pela graça custou um alto preço para o nosso Salvador: o seu precioso sangue. *A graça é o benefício das obras de Cristo.* **“... Sem derramamento de sangue não há remissão”** (Hb 9.22). **“... o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo**

¹⁵³ D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, p. 359. “Ninguém pode dizer, nem por um momento, que pessoas como Davi, Abraão, Isaque e Jacó não foram perdoadas. Mas não o foram por causa daqueles sacrifícios que ofereceram. Eles foram perdoados porque olhavam para Cristo. Não percebiam isso claramente, mas criam no ensinamento e faziam essas ofertas pela fé. Criam na Palavra de Deus, que ele, um dia, no porvir, proveria um sacrifício, e pela fé se mantiveram firmes nisso. Foi a fé em Cristo que os salvou, exatamente como é a fé em Cristo que salva agora.” (D.M. Lloyd-Jones, *A Cruz: A Justificação de Deus*, São Paulo, PES (s.d.), pp. 9,10)

pecado” (1Jo 1.7). Por isso, já não há condenação para todos aqueles que estão em Cristo (Rm 8.1). O perdão está associado de forma dependente à auto-entrega graciosa de Deus em Cristo (Rm 8.32; 2Co 5.21). Stott observou corretamente que: “Quando a percepção que temos de Deus e do homem, da santidade e do pecado, é tortuosa, então nossa compreensão da expiação provavelmente será tortuosa”.¹⁵⁴ Stott continua: “Quando (...) tivermos um vislumbre da deslumbrante glória da santidade divina, e formos convencidos de nosso pecado pelo Espírito Santo e reconhecermos o que somos, a saber, pecadores que merecem ir para o inferno, então, e somente então a necessidade da cruz ficará tão óbvia que nos espantaremos de jamais tê-la visto antes”.¹⁵⁵

O perdão não torna Deus indiferente ao pecado, nem revela uma frouxidão ou atenuação no padrão de Deus (Êx 34.6,7); mas, sim, o seu amor ativo em Cristo que teve como trajetória eternamente definida a cruz, o sacrifício. Por isso, Paulo diz: **“Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”** (Rm 5.8). “O perdão é obra exclusiva de Deus, é dom de Deus.”¹⁵⁶

B) A Misericórdia de Deus

Se para recebermos o perdão é necessário que nos arrependamos e confessemos os nossos pecados (Pv 28.13; Mq 1.4; Mc 1.15; Lc 24.47; At 2.38; 5.31; Hb 6.1; Tg 5.16; 1Jo 1.9) – e esta petição é de um pecador arrependido –, o arrependimento não nos dá o direito ao perdão; o arrependimento não é o gerador do perdão; Deus não é obrigado a nos perdoar. O arrependimento é condição essencial ao perdão, porém, insisto, não o torna obrigatório: Deus é soberano na concessão da sua misericórdia perdoadora. Ele nos perdoa graciosamente, fundamentado nos merecimentos de Cristo Jesus.

Deus nos perdoa não porque seja obrigado, mas porque ele é misericordioso.¹⁵⁷ ele olha para o nosso estado de miséria espiritual e livremente se compadece de nós e nos alivia, nos perdoando os pecados, apagando toda a nossa iniquidade. O salmista escreve: **“ele, porém, que é misericordioso,**

¹⁵⁴ John R.W. Stott, **A Cruz de Cristo**, Miami, Editora Vida, 1991, p. 78.

¹⁵⁵ John R.W. Stott, **A Cruz de Cristo**, p. 99. Charles Spurgeon, em 1859, então um jovem ministro, pregando em Londres, sobre **“O Sangue do Concerto Eterno”**, disse: “O sangue é o símbolo, o sinal, a garantia, a segurança e o selo do concerto da graça para você. Ele pode ser considerado um telescópio através do qual cada um consegue ver as distâncias espirituais. Com seu olho natural ninguém pode ver sua eleição, mas através do sangue de Cristo pode enxergá-la com nítida clareza. Ponha sua confiança no sangue, pobre pecador, e chegará a descobrir que o sangue do pacto eterno constitui uma prova de que você é um herdeiro do céu.” (C.H. Spurgeon, **Sermões no Ano do Avivamento**, São Paulo, P.E.S. 1994, pp. 59,60)

¹⁵⁶ G. Aulén, **A Fé Cristã**, São Paulo, ASTE, 1965, p. 258.

¹⁵⁷ “A misericórdia não é um direito ao qual o homem faz jus. A misericórdia é aquele atributo adorável de Deus, pelo qual tem dó dos misérrimos e os alivia.” (A.W. Pink, **Deus É Soberano**, p. 23).

perdoa a iniquidade, e não destrói; antes muitas vezes desvia a sua ira, e não dá largas a toda a sua indignação” (Sl 78.38).

Daniel em sua oração tem a mesma percepção: **“Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos, e ouve; abre os teus olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias”** (Dn 9.18).

C) Amor do Seu Nome

Tendo consciência que o perdão de Deus é imerecido, o salmista não ousava pedir perdão a Deus fundamentado em outra coisa que não fosse o próprio nome de Deus, a sua glória que se manifestava em seu povo. Assim, Davi orou: **“Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande”** (Sl 25.11). Do mesmo modo, Asafe: **“Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos, e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome. Por que diriam as nações: Onde está o seu Deus?”** (Sl 79.9,10a) e Daniel: **“Ó Senhor, ouve; ó Senhor perdoa, ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome”** (Dn 9.19).

D) Amor a Nós

Deus nos perdoa porque nos ama. O seu amor não encontra motivo em nós para amar; todavia Deus, que é amor, nos ama porque resolveu nos amar. Em outras palavras: **“Deus jamais encontrará em nós algo digno de seu amor, senão que ele nos ama porque é bondoso e misericordioso”**¹⁵⁸ (Jo 3.16; Rm 5.8; Cl 3.12-14).

O perdão de Deus jamais poderá ser compreendido sem a consideração devida do seu amor eterno e imutável.¹⁵⁹ Jesus mesmo nos ensinou que **“... Aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama”** (Lc 7.47). O seu perdão fundamenta-se no seu amor, que é soberanamente livre e invencível.¹⁶⁰

4) Características do Perdão de Deus

A) É Gratuito

Não há condições meritórias a serem cumpridas antes do perdão nos ser concedido. O arrependimento, como já vimos, não torna o perdão compulsório; ele na realidade é uma concessão da graça de Deus. **“A fé e o arrependi-**

¹⁵⁸ J. Calvino, *As Pastorais*, São Paulo, Paracletos, 1998 (Tt 3.4), p. 347.

¹⁵⁹ John Murray (1898-1974) observou acertadamente que, “nenhum estudo da expiação pode ser devidamente desenvolvido sem reconhecer em primeiro lugar o livre e soberano amor de Deus (...). Este amor é a causa ou a fonte da expiação”. (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, pp. 11, 13).

¹⁶⁰ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus*, São Paulo, 1999 (Trabalho não publicado).

mento não devem ser reputados coisas meritórias mediante as quais merecemos o perdão. Pelo contrário, são os meios pelos quais nos apropriamos da graça de Deus.”¹⁶¹

Zaqueu, a mulher samaritana, Paulo, o carcereiro de Filipos, todos eles foram perdoados sem o cumprimento de quaisquer exigências anteriores; arrependidos de seus pecados, eles creram em Jesus Cristo, recebendo a salvação que lhes fora destinada. Todos estes homens, como nós também um dia, estavam distantes de Deus, sendo considerados seus inimigos; no entanto, Deus em Cristo nos reconciliou consigo mesmo. **“Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”** (Rm 5.10).

Portanto, quando fazemos esta petição, estamos dizendo: *“Senhor, por tua graça plenamente manifestada em Cristo, perdoa todas as minhas iniquidades e capacita-me a não mais pecar contra Ti”*.

B) É Pleno

Quando Deus nos perdoa, ele não mais toma em consideração a nossa ofensa; numa linguagem figurada e enfática, Deus diz: **“... Perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei”** (Jr 31.34).

Paulo nos diz que Cristo nos libertou de nossas transgressões, **“perdoando todos os nossos delitos”** (Cl 2.13).

O perdão de Deus envolve todos os nossos pecados, por maiores que sejam. Lembremo-nos de que um único pecado, por “menor” que seja dentro da nossa escala de valores, nos conduziria à morte eterna.

Ninguém pode dizer: os meus pecados são grandes demais para serem perdoados ou: os meus pecados são tão pequenos que não precisam ser confessados... O fato é que, como temos visto, todos pecamos por palavras, pensamentos, ações e omissões (Rm 3.23). Porém, Deus nos purifica de todos os nossos pecados. O perdão de Deus é um milagre que ultrapassa a nossa compreensão: o Deus onisciente apaga, se esquece totalmente de nossas transgressões; ele já não considera em nossas relações as nossas faltas anteriores que foram perdoadas. O profeta Miquéias, estupefato com isto, escreve: **“Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e te esqueces da transgressão do restante da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades, e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar”** (Mq 7.18,19). E Deus mesmo nos diz: **“Eu, eu**

¹⁶¹ Leon Morris, Perdão: In: J.D. Douglas, ed. Org. O Novo Dicionário da Bíblia, São Paulo, Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. III, p. 1268a.

mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro” (Is 43.25) (Vd. também: Sl 25.7; 32.2; 51.1,9; 79.8; 85.3; 103.9, 12; 130.3; Is 38.17; Jr 3.12; 31.34). Numa linguagem figurada, Deus diz que ainda que o pecado perdoado seja buscado, não será encontrado (Jr 50.20).

No Novo Testamento, João reafirma esta verdade, dizendo: **“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”** (1Jo 1.9). E Jesus Cristo dá uma demonstração evidente da plenitude do perdão de Deus, quando diz a respeito da mulher que lhe ungira os pés: **“... Perdoados lhe são os seus muitos pecados...”** (Lc 7.47).

O perdão de Deus é integral; isto significa que o seu perdão equivale ao cancelamento definitivo de uma dívida; não há mais lembrança, ela é tida como quitada. Na parábola do “credor incompassivo”, encontramos no senhor compassivo, que perdoou ao servo que pedia misericórdia, a ilustração desta afirmação: **“E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida”** (Mt 18.27).

Quando Deus nos perdoa, ele nos livra do poder dominante do pecado; todavia, muitas das conseqüências de nossos pecados perdoados continuam. Teremos, portanto, que arcar com elas; no entanto, o Deus que nos perdoa também nos fortalece, nos capacitando a lidar com isso, nos ensinando inclusive a maior humildade e persistência em nossa fé. Muitas vezes é justamente no meio desta batalha que amadurecemos a nossa fé e a capacidade de resistência às tentações.

C) É uma Disposição Renovada

Deus nos perdoa todas as vezes que o procuramos sinceramente, arrependidos de nossos pecados, dispostos a modificar a nossa vida, a não mais pecar contra ele. Deus mesmo é quem nos diz: **“se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então ou os ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”** (2Cr 7.14).

Deus está sempre disposto a nos perdoar. Quando arrependidos, confessamo-lhe os nossos pecados, ele nos perdoa. Acontece, porém, que nem sempre temos consciência de todas as nossas iniquidades; sabendo disso, o salmista suplica: **“Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas”** (Sl 19.12).

O perdão de Deus é ilimitado; por isso, ele com a sua misericórdia ilimitada providenciou o nosso perdão definitivo em Cristo Jesus.

D) *É para Sempre*

Deus nos diz na sua Palavra: “... **Pois, perdorei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei**” (Jr 31.34).

“**Jamais me lembrarei**”. A promessa de Deus não é condicionada; é absoluta. Ela não pode ser revertida; não está determinada pelo nosso “bom comportamento”. Se assim fosse, o perdão de Deus não perduraria. Entretanto, ele diz que jamais se lembrará dos nossos pecados... Jamais! Esta é a sua promessa. Notemos que não há um “esquecimento” em Deus, mas, sim, o seu propósito deliberado de não mais considerar as nossas faltas.

É Deus mesmo quem nos declara justos: “**Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica**” (Rm 8.33). Ora, se isso é assim, poderia alguém raciocinar: por que, então, os crentes oram constantemente pedindo perdão a Deus pelos seus pecados? Creio que as palavras de A. Booth (1734-1806) são oportunas aqui:

“O fato de os crentes orarem continuamente para que Deus lhes perdoe os pecados não significa que eles já não estejam perdoados. Eles buscam a *consciência* de que foram perdoados. Não vamos imaginar que toda vez que eles pecam, arrependem-se, confessam o seu pecado e pedem perdão, Deus realiza novos atos de perdão. Contudo, eles precisam conscientizar-se sempre de que o perdão já lhes pertence, por serem filhos de Deus”.¹⁶²

Portanto, ao fazermos esta petição, estamos dizendo: Senhor, dá-me consciência do teu perdão, garantido de forma definitiva por meio da Pessoa e Obra de Cristo Jesus.

No *Catecismo de Heidelberg* (1563), na questão 56, lemos:

“Que é o que crês sobre ‘a remissão dos pecados?’”

“R. Que, por causa da obra reconciliadora de Cristo, Deus não se lembrará mais dos meus pecados ou da maneira pecaminosa contra a qual tenho de lutar durante toda a minha vida; mas que ele graciosamente imputa a mim a justiça de Cristo, de modo que eu jamais virei a ser condenado.”

c. *Atitudes para com o Perdão de Deus*

1) **Gratidão**

A certeza do nosso perdão, gerado pela graça misericordiosa de Deus, deve nos levar, à semelhança de Davi, a bendizer ao Senhor: “**Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus bene-**

¹⁶² A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 32. Do mesmo modo escreveu L. Berkhof: “Esta consciência do perdão e de um renovado relacionamento filial muitas vezes é perturbada e obscurecida pelo pecado, e de novo é despertada e fortalecida pela confissão e oração, e por um renovado exercício da fé.” (L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP, Luz para o Caminho, 1990, p. 519).

ffícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades” (Sl 103.2,3).

2) Viver Dignamente

O perdão não é produzido por boas obras nossas, no entanto, é um forte estímulo a que procuremos viver em consonância com a vontade de Deus. O pecador perdoado é motivado a procurar se harmonizar com o propósito de Deus revelado nas Escrituras.

John Owen (1616-1642) escreveu: “O perdão não é merecido por obras piedosas realizadas antes, porém, é o mais forte motivo para se viver piedosamente depois de recebê-lo (...). Aquele que presume tê-lo recebido, e não se sente obrigado a ser obediente a Deus por causa do perdão que recebeu, na verdade não goza dele!”¹⁶³

Deus nos diz na sua Palavra que ele nos redimiou para si mesmo a fim de vivermos para ele, em harmonia com a sua vontade, encontrando assim a felicidade decorrente da nossa obediência a Deus. **“Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi”** (Is 44.22). **“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque ele é rico em perdoar”** (Is 55.7).

O perdão de Deus não nos torna imunes ao pecado, antes, nos conduz a uma batalha confiante contra tudo aquilo que desagrade a Deus; em outras palavras: “o homem que recebeu o perdão de Deus prossegue numa luta contínua e incessante contra o pecado.”¹⁶⁴

3) Humildade

A súplica pelo perdão de nossas dívidas aponta para a nossa total incapacidade de pagar-lhe: somos total e irreversivelmente devedores; portanto, a nossa postura é de humildade diante de Deus, o Senhor que tudo nos dá e perdoa todas as nossas dívidas, porque ele mesmo providenciou o pagamento por meio do sacrifício de seu único Filho.

“Somos devedores de Deus. Não lhe devemos algo, nem pouco nem muito senão pura e simplesmente tudo: nossa pessoa em sua totalidade, a nós mesmos como criaturas que somos, sustentadas e nutridas por sua bondade”, conclui K. Barth (1886-1968).¹⁶⁵

O perdão de Deus mostra a nossa necessidade de sua misericórdia e a nossa total incapacidade de atingir o padrão de Deus, por isso, só nos resta

¹⁶³ John Owen, Apud A. Booth, **Somente pela Graça**, p. 33.

¹⁶⁴ G. Aulén, **A Fé Cristã**, p. 252.

¹⁶⁵ K. Barth, **La Oración**, p. 75.

suplicar humildemente: “perdoa as nossas dívidas” e, mais humildemente ainda, recebermos o perdão, prosseguindo em nossa caminhada, com plena consciência de que tudo que temos é pela graça de Deus.

Lutero (1483-1546), comentando esta petição, diz:

“Isso, porém, deve servir a que Deus nos quebre o orgulho e nos mantenha na humildade. Pois reservou para si a prerrogativa de que, se alguém quiser jactar-se de sua probidade e menosprezar outros, examine-se a si mesmo e ponha diante dos olhos essa petição: verá então que sua probidade é igual à dos outros. Diante de Deus todos temos de baixar o topete e estar contentes de que alcançamos o perdão. E ninguém pense que na presente vida vai chegar ao ponto de não precisar desse perdão. Em suma: se Deus não perdoa continuamente, estamos perdidos”.¹⁶⁶

4) Disposição para Perdoar (Mt 6.12,14,15)

O perdão concedido por Deus é um imperativo à concessão de perdão ao nosso próximo. Aquele que foi perdoado é conduzido invariavelmente à disposição de perdoar o seu próximo; e quando perdoamos estamos nos abrindo ao perdão de Deus. “O perdão de Deus, quando é recebido, faz ao perdoado capaz de perdoar.”¹⁶⁷ A nossa disposição em perdoar é um atestado de nossa gratidão a Deus pelo seu perdão.

Um fidalgo medieval que permanecia no impasse entre orar o “Pai Nosso” e se vingar de seu inimigo, teve a sábia orientação do capelão: “... É preciso ou que vós largueis esta oração, ou que renunciéis ao vosso projeto de vingança, porque pedir a Deus que vos perdoe, assim como vós perdoais aos outros, é pedir que ele vos tome vingança, por todos vossos pecados. Ide agora, senhor, ao encontro de vossa vítima. Deus se encontrará convosco no grande dia do juízo”.¹⁶⁸

Jesus diz: **“E quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que o vosso Pai celeste vos perdoe as vossas ofensas”** (Mc 11.25). **“Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se por sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe”** (Lc 17.3,4). Este assunto será alvo especial de nossa meditação no futuro.

A base do nosso perdão é o perdão concedido por Deus. Ele não somente nos perdoa, como também nos capacita a perdoar; Deus faz o nosso perdão possível. “É Deus quem semeia em nossos corações a semente da fé e o ânimo

¹⁶⁶ Martinho Lutero, *Catecismo Maior*: In: *Os Catecismos*, §§ 90-91, p. 469.

¹⁶⁷ Karl Barth, *La Oración*, pp. 78,79.

¹⁶⁸ Perdoa-nos assim como nós perdoamos: In: *Imprensa Evangélica*, 1/7/1865, pp. 6,7.

perdoador. ”¹⁶⁹ Paulo escreve aos Colossenses e aos Efésios respectivamente: **“Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós”** (Cl 3.13). **“Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou”** (Ef 4.32).

A vingança pertence a Deus, não a nós. Manter os olhos fixos nas promessas de Deus e aguardá-la com paciência é um estímulo à perseverança na fé e à prática da Palavra. O perdão é resultante da confiança no Deus justo e perdoador.

5) Testemunho

O perdão concedido por Deus em Cristo torna-nos responsáveis pelo testemunho desta mensagem. À Igreja cabe a tarefa intransferível de anunciar o perdão de Deus para todos aqueles que sinceramente se arrependem e receberem a Cristo como Salvador (Lc 24.47; At 10.42,43; 13.38).

4. Guardar na Tentação (Mt 6.13)

Antes de meditarmos sobre esta petição, reflitamos um pouco sobre a idéia de “tentação”. Em princípio, devemos entender que a palavra em si não aponta para algo mal ou danoso, ela apenas nos fala de uma “ação” de “tentar”, “desejar”, “fazer”, “diligenciar”, “experimental”; daí falarmos de “tentativa” de obter êxito no vestibular, por exemplo, ou mesmo, como a Bíblia nos fala da tentativa de Paulo de ir para Bitínia (At 16.7). Neste sentido é preciso também que entendamos que não existe na palavra nenhuma conotação ética: boa ou ruim; antes ela denota uma atividade que deverá ser julgada em seu mérito dentro de cada contexto, estabelecendo uma relação com o seu objetivo e os meios empregados.

a. Considerações Gramaticais

Normalmente entendemos a palavra “tentação” com o sentido de seduzir ao pecado, ao erro. Entretanto, a idéia bíblica de “tentação” não é necessariamente esta: o seu sentido é o de colocar uma pessoa em prova, sujeitá-la a um teste; o que pode ser feito com o “*propósito benevolente*” de provar, experimentar ou melhorar a sua qualidade, verificar a sua fidelidade; ou então, com o “*propósito malicioso*” de mostrar a sua fraqueza, induzindo-o a um procedimento considerado negativo.¹⁷⁰

¹⁶⁹ G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 350.

¹⁷⁰ Vd. J.I. Packer, *Tentação*: In: J.D. Douglas, editor org. *O Novo Dicionário da Bíblia*, III, p. 1580b.

O Antigo Testamento usa de modo especial o termo hebraico נִסָּה (nisâh) – 36 vezes – para referir-se à “tentação” e “provação”.¹⁷¹ *Os sentidos básicos desta palavra são:*

1) Intentar ou ensaiar fazer qualquer coisa: Dt 4.34.

2) Experimentar ou provar uma coisa: uma arma e armadura, por exemplo: 1Sm 17.39.

3) Provar uma pessoa: Este é o sentido predominante: Gn 22.1; Êx 17.2,7; Nm 14.22; Dt 6.16; 1Rs 10.1; Sl 78.18,41,56; 95.9; 106.14; Is 7.12.

O substantivo empregado por Jesus nesta petição, *πειρασμός* (peirasmos) – é utilizado 21 vezes no N.T. – ocorre pouquíssimas vezes na literatura secular.¹⁷²

¹⁷¹ Outra palavra empregada é *בָּחַן* (bâhan), que ocorre cerca de 28 vezes, tendo o sentido de “provar” e “testar”, sendo o seu emprego decorrente do seu sentido de depuração de metais: “teste de fogo para a genuinidade” (Zc 13.9; Sl 17.3; 26.2; 66.10; Jr 6.27-30; 9.7). Na LXX ela é geralmente traduzida por *δοκιμάζω*, que no N.T. tem o sentido de “colocar em prova”, “examinar”, “testar”, etc. (Para maiores detalhes de ambas as palavras, Vd. John N. Oswalt, *בָּחַן*: In: R.L. Harris, et. al. eds. *Theological Wordbook of the Old Testament*, Vol. 1, p. 100; E. Jenni, *בָּחַן*: In: E. Jenni & C. Westermann, eds. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Vol. 1, pp. 403-406; W. Grundmann, *δοκιμος*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. II, pp. 255-260; W. Schneider, C. Brown & H. Haarbeck, *Tentar*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, IV, pp. 588ss; 597-599).

¹⁷² *πειράζω* (peirazō) e *πειράω* (peirāō) traduzem normalmente *נסה* (nsh) na LXX. [LXX: *πειρασμός* (peirasmos) (Dt 4.34; 6.16; 7.19; 9.22; 29.3; Sl 95.9; Ec 3.10; 4.8; 5.3,14; 8.16); *πειράζω* (Êx 15.25; Dt 4.34; Dn 1.14) e *πειράω* (Pv 16.29)]. *Πειράζω* ocorre 36 vezes no N.T., igualmente sendo pouco usado na literatura secular.

O verbo *πειράω* (“*intentar*”, “*esforçar-se*”, “*examinar*”, “*tentar*”, “*experimentalr*”) (* At 9.26; 26.21) ocorre mais vezes na literatura secular. *πειράω* é proveniente da raiz *per*,^(*) que está relacionada com *περάω* (“*passar através*”, “*ir*”, “*avançar*”, “*atravessar*”, “*dirigir através de*”) (não ocorre no N.T. nem na LXX) e *πέρας* (peras) (“*termo*”, “*fim*”, “*limite*”) (* Mt 12.42; Lc 11.31; Rm 10.18; Hb 6.16). É de *πειράω* que provém o termo latino “*peritus*”, português “*perito*”, aquele que tem perícia, habilidade, destreza, instrução; sabe por experiência, experimentado. Aliás, esta era uma das conotações de *πειράω* no grego secular, indicando “saber por experiência” (Vd. Heródoto, *História*, IV.159).

Πειράω, ainda que raramente, tem também um sentido religioso. Heródoto (484-420 a.C.) narra a resposta da pitonisa de Delfos, a Glauco: “*Tentar* (*πειράω*) os deuses ou cometer uma injustiça é a mesma coisa” (Heródoto, *História*, VI.86). Em outro lugar, Heródoto narra que Cresos, querendo se certificar da revelação dos oráculos da Grécia e da Líbia, enviou diversos delegados a consultar em várias regiões os mais diferentes deuses; diz ele: “Esses delegados eram enviados com o fito de experimentar (*πειράω*) o acerto e a legitimidade dos oráculos da Grécia e da Líbia.” (Heródoto, *História*, I.46) (Vd. H. Sceseemann, *πειράω*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. VI, p. 23-36; *πειράζω*: In: William F. Arndt & F.W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2^a ed. Chicago, University Press, 1979, p. 640)

A diferença entre os verbos “*πειράζω*” e “*δοκιμάζω*” (*dokimazō*) está no emprego do teste: enquanto “*πειράζω*” é usado *mais enfaticamente* com o propósito negativo, de “*tentar*” (especialmente nos escritos de Paulo), “*δοκιμάζω*” ressalta o aspecto positivo de “*provar*” para “*aprovar*”, indicando a genuinidade do que foi testado (2Co 8.8; 1Ts 2.4; 1Tm 3.10). No entanto, ambos os verbos podem ser usados indistintamente, mesmo não sendo “*perfeitamente sinônimos*” (Vd. H.

Biblicamente, a palavra usada por Jesus para tentação, tem três sentidos básicos:

- 1) Comprovar a qualidade de uma pessoa ou coisa.
- 2) Colocar alguém em prova ou teste, estando envolvida a idéia de aprovação ou reprovação.
- 3) Colocar alguém numa situação de prova com o objetivo específico de fazê-lo pecar.¹⁷³

b. Deus Prova o Seu Povo

Com o objetivo de fortalecer a nossa fé, Deus nos submete a testes, a fim de que por meio dos desafios de nossa fé, possamos ir amadurecendo, percebendo a nossa dependência de Deus e aprendendo a confiar mais em seu poder e misericórdia. Foi com este sentido que Deus desafiou a Abraão, a quem prometera fazer dele o pai de muitas nações, a sacrificar o seu único filho. O texto sagrado registra: **“Depois dessas coisas pôs Deus Abraão à prova e lhe disse (...) toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei”** (Gn 22.1,2). Abraão atendeu a Deus, porém este não permitiu o sacrifício. O escritor da Epístola aos Hebreus, interpretando este episódio, escreveu, séculos mais tarde: **“Pela fé Abraão, quando posto à prova [πειρώζω], ofereceu Isaque; e estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscita-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou”** (Hb 11.17-19).

Da mesma forma, como já comentamos, Deus, quando enviou o maná para o povo no deserto, quis testar-lhe a fé; ele mesmo disse: **“... Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não”** (Êx 16.4).

Seescmann, *πειρώω*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. VI, p. 23; H. Haerbeck, Tentar: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, IV, p. 599; Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1985 (Reprinted), p. 278ss.

(*) Partícula enclítica que confere força intensiva e extensiva à palavra à qual é anexada: “muito”, “grande”, etc. (Vd. H.E. Dana & J.R. Mantey, *Manual de Gramática del Nuevo Testamento*, Buenos Aires, Casa Baptista de Publicaciones, 1975, § 235, p. 255; Lindell & Scott, *Greek-English Lexicon*, Oxford, At The Clarendon Press, 1935, p. 544; William F. Arndt & F. Wilburn Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, Chicago, The University of Chicago Press, 1957, p. 649).

¹⁷³ Vd. uma classificação um pouco diferente em W. Popkes, *πειρώζω*: In: Horst Balz & Gerhard Schneider, eds. *Exegetical Dictionary of New Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, © 1993, Vol. III, p. 65a.

A caminhada de Israel durante os quarenta anos no deserto foi um teste para o povo, a fim de que aqueles que entrassem na terra prometida tivessem uma fé mais viva e sólida nas promessas de Deus. Antes de Israel entrar na terra prometida, Moisés relembra ao povo as bênçãos de Deus, durante os anos no deserto — lembremo-nos que de todos aqueles que saíram do Egito — com mais de vinte anos —, apenas Josué e Calebe entraram na terra de Canaã; todos os outros que entraram nasceram no deserto. (Nm 14.28-30). Em determinado momento, ele diz: **“Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos”** (Dt 8.2). (Vd. também: Êx 20.20; Dt 8.16; 13.3; Jz 2.22)

Com o rei Ezequias Deus agiu de forma muito curiosa. Ezequias era extremamente bem-sucedido no seu reinado, quer nas batalhas, quer nas suas posses; ele “prosperou em toda a sua obra”: Deus o abençoava grandemente, **“Contudo quando os embaixadores dos príncipes de Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra, Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração”** (2Cr 32.31). Nesta passagem evidencia-se que Ezequias mesmo sendo um rei piedoso, tendo realizado uma grande reforma espiritual, social, econômica e política em Judá, fraquejou diante da tentação de se vangloriar de seus bens, mostrando-os todos aos embaixadores da Babilônia; Deus, então, lhe diz que haveria o tempo em que todos aqueles tesouros seriam levados para a Babilônia, bem como seus filhos, ainda que não nos tempos de Ezequias (Is 39.1-8; 2Rs 20.12-19).

Em todos esses textos está a idéia de testar a fé dos seus, a fim de que estes tenham uma consciência mais apurada de sua dependência de Deus e, também, possam manifestar de forma evidente a firmeza da sua fé e, se tropeçarem, possam se erguer mais maduros. De modo concomitante, nestes “testes” há a idéia de:

1) **Purificação**: É neste sentido que lemos, primeiramente, o salmista dizendo: **“Pois tu, ó Deus, nos provaste; acrisolaste-nos como se acrisola a prata”** (Sl 66.10); Deus também diz: **“Farei passar a terceira parte (das ovelhas) pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: É meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus”** (Zc 13.9). No Novo Testamento, Pedro escreve às igrejas perseguidas: **“Nisto exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias *provações* [πειρασμός], para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado,**

muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.6,7);

2) *Aperfeiçoamento Espiritual*: Diz o salmista: “Antes de ser afligido (אָנָה)¹⁷⁴ andava errado, mas agora guardo a tua palavra (...). Foi-me bom ter passado pela aflição (אָנָה), para que aprendesse os teus decretos” (Sl 119.67,71).

Com a disciplina do Senhor podemos aprender a sua Palavra, nos alegrando, posteriormente, pela “aflição pedagógica” de Deus: “**Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido (אָנָה), por tantos anos quantos suportamos a adversidade**” (Sl 90.15).

3) *Aprovação*: Deus submete o seu povo – somente o seu povo – a “testes”, com vista ao seu aprimoramento. A provação que provém de Deus é sempre didática; ele nos ensina, aperfeiçoa, confirma e purifica (Jó 23.10; Sl 66.10; Zc 13.9; 1Pe 1.6,7). Por isso é que Tiago afirma que Deus não tenta ninguém, visto que a tentação tem sempre uma conotação de fazer com que a pessoa caia (Tg 1.13,14);¹⁷⁵ Deus, no entanto, objetiva a nossa aprovação (Tg 1.2-4,12).¹⁷⁶ “Sem tentação – observou Agostinho – nenhum homem pode ficar provado.”¹⁷⁷

Na provação Deus tem em vista nos conduzir a depositar toda a nossa confiança na sua Palavra (Êx 15.25; 16.4; Gn 22.1,2; Hb 11.17), e, assim, amadurecermos, tornando-nos humildes (Dt 8.2,3,16) para que não mais pequemos (Êx 20.20).

Neste processo Deus testa a integridade do nosso amor, permitindo que ouçamos mensagens estranhas (Dt 13.1-4); prova também a nossa fidelidade (Jz 2.2,21-23; 3.1,4) e o mais profundo de nosso ser (2Cr 32.31). Davi, numa oração magistral, pede a Deus que prove o seu coração e pensamentos (Sl 26.2).

¹⁷⁴ A palavra hebraica (אָנָה) (*‘ânâh*) tem o sentido de “aflito”, “oprimido”, com o sentimento de impotência, consciente de que o seu resgate depende unicamente da misericórdia de Deus. Esta palavra é contrastada com o orgulho, que se julga poderoso para resolver todos os seus problemas, relegando Deus a uma posição secundária, sendo-lhe indiferente.

אָנָה (*‘ânâh*) apresenta também a idéia de ser humilhado por outra pessoa: (Gn 16.6; 34.2; Êx 26.6; Dt 22.24,29; Jz 19.24; 20.5).

¹⁷⁵ Deus é “ἀπειραστός” (*apeirastos*), aquele que é invencível aos ataques e armadilhas do mal (* Tg 1.13). Trench (1807-1886) diz: “Concluindo podemos dizer que, embora *πειράζειν* possa ser usado, porém excepcionalmente, para Deus, *δοκιμάζειν* não podia ser usado para Satanás, visto que ele nunca prova aquele a quem ele pode aprovar, nem testa aquele a quem ele pode aceitar.” (R.C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, p. 281).

¹⁷⁶ “No fim do teste, Deus nunca se revela inimigo, mas, sim, aquele que dá o galardão.” (W. Schneider & C. Brown, Tentar: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, IV, p. 592)

¹⁷⁷ Agostinho, *O Sermão da Montanha*, II.9. p. 128.

Na provação de Deus deparamo-nos com o seu propósito redentor; ele dirige e controla todos os eventos, subordinando-os ao seu propósito salvador.¹⁷⁸

c. O Homem "Tenta" a Deus

As Escrituras nos ensinam que a nossa desconfiança em relação à promessa de Deus soa-lhe como uma "tentação" digna de punição; foi justamente isto que o povo de Israel fez repetidamente no deserto: duvidou da promessa e desobedeceu aos seus mandamentos (Êx 17.2,7; Nm 14.22; Dt 9.22; Sl 78.41,56; 95.9; 106.14; 1Co 10.9; Hb 3.9). Este fato foi ilustrativo para uma advertência posterior (Dt 6.16). Como acentua Hodge, "Cada pai deseja a confiança de seus filhos, e se aflige por qualquer evidência de desconfiança; e Deus é nosso Pai; ele demanda de nós os sentimentos que os filhos deveriam mostrar para com seus pais terrenos".¹⁷⁹

Por outro lado, tentar ultrapassar a Palavra de Deus consiste numa tentação para Deus (At 15.10), bem como procurar ludibriar a Igreja (At 5.9).

No entanto, Gideão, desejoso de ter certeza de qual era a vontade de Deus, põe o Senhor à "prova", e este lhe atende (Jz 6.39).

d. A Tentação Satânica

Os homens podem se tornar em agentes terríveis de tentação; os servos de Deus do Antigo Testamento foram duramente provados (Hb 11.37); os judeus agiram assim com Paulo (At 20.19), já que não pouparam nem mesmo Jesus Cristo, o Deus Encarnado [Mt 16.1 (Mc 8.11); Mt 19.3 (Mc 10.2); Mt 22.18,35 (Mc 12.15); Lc 11.16; Jo 8.6].

Todavia, Satanás é "o tentador", aquele que sabe usar como ninguém as circunstâncias para conseguir a concretização de seus propósitos maléficos. (Mt 4.1,3; Mc 1.13; Lc 4.2,13; 1Co 7.2; 1Co 7.5; 1Ts 3.5; Ap 2.10). O seu objetivo é nos alienar espiritualmente de Deus, fazendo-nos seus escravos e habitação do pecado (Jo 8.34; Rm 6.17-23; 7.17).

Jesus Cristo foi tentado, no entanto, sem jamais ter pecado (Hb 2.18; 4.15). Foi o próprio Espírito Santo quem o levou ["impeliu" (Mc 1.12)¹⁸⁰ ao deserto para ser tentado por Satanás (Mt 4.1). Esta era a prova de fogo pela qual o Senhor deveria passar antes de iniciar o seu ministério terreno. Na tentação de Jesus – que não ocorreu apenas neste momento –, encontramos o

¹⁷⁸ Vd. H. Seeemann, *πειρώω*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. VI, p. 25; W. Schneider & C. Brown, *Tentar*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, IV, p. 590.

¹⁷⁹ Cf. Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, p. 704.

¹⁸⁰ ἐκβάλλω: A palavra tem o sentido de "tirar, expelir" (Mt 7.22; 8.16,31; Mc 1.34, 39; 3.15 etc.).

diabo concentrando todos os seus esforços para frustrar o plano de Deus, almejando, assim, manter cativos aqueles que ele julgava seus (Voltaremos a falar sobre este assunto).

“**Não nos deixes cair em tentação**”. No texto desta oração, a tentação que se tem em vista é aquela levada a efeito por Satanás para nos fazer pecar. Satanás é o tentador; esta é a sua especialidade, para a qual ele está habilmente preparado, tendo se aperfeiçoado durante toda a história da humanidade, descobrindo sempre novas estratégias, verificando uma melhor forma de conseguir o seu intento, os seus objetivos. “Suponho que não haja nenhum aspecto da natureza humana que seja desconhecido de Satanás”, especula Spurgeon (1834-1892).¹⁸¹ Ele é “perito” em tentação. Como diz Packer: “Satanás testa o povo de Deus ao manipular as circunstâncias dentro dos limites que lhe são permitidos por Deus”.¹⁸²

Esta petição do “Pai Nosso” é constituída do verbo εἰσφέρω¹⁸³ [(eispherō): ‘εἰς’: “em” & “φέρω”: “levar”, “carregar”], que tem o sentido de “levar”, “trazer”, “conduzir”, “introduzir”¹⁸⁴. Assim sendo, nesta súplica há a convicção de que somos pecadores – daí o pedido de perdão –, e de que Deus é o Senhor de todas as coisas – “teu é o Reino” –, sendo Deus o agente ativo da provação ou subjetivo da tentação – já que nada acontece sem a sua permissão – portanto, amparados nisto, oramos literalmente: “Não nos conduza à tentação”; no entanto, como esta parece inevitável – inclusive para o nosso aperfeiçoamento –, rogamos em submissão à vontade e propósito de Deus: “Não nos deixe sucumbir à tentação satânica”,¹⁸⁵ “Não permitas que eu caia nas garras do pecado, da iniquidade, da tentação, da infâmia”,¹⁸⁶ ou, como interpreta Calvino (1509-1564): “Nós estamos conscientes de nossas próprias debilidades, e desejamos desfrutar a proteção de Deus, Aquele que pode manter-nos invencíveis diante de todos os assaltos de Satanás”.¹⁸⁷ Portanto, nesta súplica aprendemos a pedir de um modo *especial* não o livramento das “provações”, mas, sim, a capacitação para vencê-las.¹⁸⁸

¹⁸¹ C. H. Spurgeon, Um Antídoto contra os Artíficos de Satanás: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. **Vitória sobre a Tentação**, 2ª ed. São Paulo, Mundo Cristão, 1999, p. 182.

¹⁸² J. I. Packer, Tentação: In: J. D. Douglas, editor org. **O Novo Dicionário da Bíblia**, III, p. 1581a.

¹⁸³ (* Mt 6.13; Lc 5.18,19; 11.4; At 17.20; 1 Tm 6.7; Hb 13.11)

¹⁸⁴ A Vulgata latina traduz por “induzir”.

¹⁸⁵ Vd. Agostinho, **O Sermão da Montanha**, II.9. p. 129.

¹⁸⁶ Hendriksen comentando este texto diz: “É somente Deus quem sabe quantas e quão severas provas de fé pode suportar cada pecador salvo ao ser atacado constantemente pelo diabo (Ef 6.12; 1Pe 5.8)”. (G. Hendriksen, **El Evangelio segun San Mateo**, p. 353).

¹⁸⁷ John Calvin, **Harmony of the Evangelists**, pp. 327-328. Vejam-se também: **Catecismo de Genebra**, pergunta 293; **Catecismo Maior de Westminster**, pergunta 195.

¹⁸⁸ J. Jeremias cita uma antiga oração judaica, que dizia: “Não conduzas meu pé ao poder do pecado e não me leves ao poder da iniquidade, nem ao poder da tentação, nem ao poder da infâmia”

Esta ênfase é evidente no *Catecismo de Heidelberg* (1563), que assim interpreta:

“Visto que somos tão fracos que não podemos subsistir por nós mesmos por um momento sequer, e além disso, visto que os nossos inimigos blasfemos, o diabo, o mundo e o nosso próprio pecado incessantemente nos assaltam, digna-te preservar-nos e fortalecer-nos pelo poder do teu Santo Espírito, para podermos, assim, permanecer firmes contra eles e não ser derrotados nesta guerra espiritual, até obtermos vitória completa” (Pergunta 127).¹⁸⁹

Nesta petição estamos suplicando a Deus, aquele que conhece as nossas fraquezas, que não permita que sejamos conduzidos a uma situação em que nos tornemos passíveis de sermos tentados e vencidos por Satanás. Quando assim oramos, revelamos a consciência de que não somos auto-suficientes e de que queremos agradecer a Deus, fazendo a sua vontade.

e. Aspectos da Tentação Satânica

1) A Tentação Surge da Nossa Presunção de Força

A tentação se torna mais eficaz quando presumimos ter forças suficientes para vencê-la quando assim o desejarmos. A nossa “superioridade” em relação às tentações pode se tornar o caminho mais fácil para a nossa derrocada. Há homens que, no afã de exibirem a sua suposta coragem e ousadia, se colocam deliberadamente em perigo, julgando-se senhores da situação, crendo poder reverter o quadro da situação quando quiserem. Lamento dizer, mas no que se refere à tentação esta autoconfiança é o atalho para a nossa derrota. Na Oração Dominical somos ensinados a não proceder desta forma; esta petição traz consigo a autoconsciência de nossa fragilidade diante dos ataques do tentador; por isso pedimos socorro a Deus.

O substantivo usado por Cristo para tentação – *πειρασμός* – descreve um processo¹⁹⁰ contínuo, sugerindo a idéia de uma tentação contínua, persistente; portanto, a vigilância deve ser constante. No entanto, devido ao pecado que ainda reside em nós (Rm 7.17), a tentação encontra forte aliado dentro de nós: **“... Cada um – escreve Tiago – é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”**

(b. *Berakot* 60b. Apud J. Jeremias, *O Pai Nosso*, pp. 51,52). Ele conclui o seu argumento dizendo: “Não existe sequer um discípulo de Jesus que fique isento da prova da tentação: só a vitória é objeto da promessa. Esta sentença fornece-nos mais um testemunho de que a súplica final do Pai Nosso não pede que a tentação seja poupada àquele que ora, mas que Deus o ajude a vencê-la” (J. Jeremias, *O Pai Nosso*, p. 53).

¹⁸⁹ Vd. também o *Catecismo Menor* de Lutero, 3ª parte, §§ 17-18; *Catecismo Maior*, 3ª parte, §§ 99-111.

¹⁹⁰ Vd. W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 130.

(Tg 1.14,15). Na realidade, Deus nos conduz pelo caminho da “prova”, nós é que criamos a tentação.¹⁹¹

É preciso que aprendamos a nos afastar da aparência do mal. Normalmente falamos que aqueles que sabem nadar são os que morrem afogados; porque são justamente estes que confiam demais em si mesmos e, por isso, se esquecem ou ignoram o poder das ondas e da correnteza. No campo espiritual, podemos dizer que somente os imaturos não temem a tentação e o seu poder; somente um homem que não desenvolveu a sua fé o suficiente acha que a tentação não o seduzirá... Pode ser que nem todos sejamos tentados pelas mesmas coisas, contudo, Satanás procurará sempre um meio de nos mostrar algo fascinante aos nossos olhos, algo que nos agrada e que queiramos ter a todo custo... Não duvidemos, ele sabe fazer isso com muita perícia!

Calvino (1509-1564) comenta: “Quanto mais exceda alguém em graça, mais deve ele temer a queda; pois a política costumeira de Satanás é empenhar-se, mesmo à luz da virtude e força com que Deus nos revestiu, por produzir em nós aquela confiança carnal que nos induz à negligência”.¹⁹²

Um conhecimento de nós mesmos, sem o conhecimento regulador de Deus, conduz-nos a falsas idéias a respeito de nosso poder e capacidade. À arrogante Igreja de Corinto Paulo adverte: **“Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia”** (1Co 10.12). Esta advertência continua vigorando para nós hoje.

Lloyd-Jones (1899-1981) comenta:

“O homem que ainda não descobriu o poder da tentação é o mais típico novato em questões espirituais (...). O poder do inimigo contra nós somente é inferior ao poder de Deus. Ele é mais poderoso que qualquer homem que jamais viveu; e os santos do Velho Testamento caíram diante dele.”¹⁹³

Como vimos, o experiente Paulo adverte aos coríntios: **“Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia”** (1Co 10.12). Portanto, não nos iludamos; não confiemos demasiadamente em nossas forças; não fiquemos a dizer: “Comigo isto jamais acontecerá...”. Esta atitude só revelaria a nossa ignorância espiritual e apontaria para a iminência de nossa queda.

O Senhor Jesus nos manda estar alertas, não confiando em nós mesmos; e isto ele não disse apenas para nos impressionar, mas porque sabia o poder da

¹⁹¹ Vd. Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House [1977], Reprinted, Vol. 8, p. 279.

¹⁹² João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 17.5), pp. 333-334.

¹⁹³ D. M. Lloyd-Jones, *Por Que Prosperam os Ímpios?*, São Paulo, PES, 1985, pp. 16,17. Em outro lugar, Lloyd-Jones diz: “Se você não reconhecer que, todo o tempo em que estiver nesta vida e neste mundo, haverá este terrível poder infernal dentro de você, ao seu redor e sobre você, então será um mero neófito nestes assuntos! (...) o primeiro passo é que o homem tem que reconhecer e confessar sua pecaminosidade.” (D.M. Lloyd-Jones, *O Clamor de um Desviado*, pp. 16,17).

tentação e, ao mesmo tempo, conhecia, como conhece, a natureza humana, portanto: **“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação [πειρασμός]”** (Mt 26.41). Por isso, devemos permanecer vigilantes e orando: “Não nos deixes cair em tentação”.

2) A Tentação nos Cega

Algo surpreendente na tentação é que, por certo, muitos de nós já tivemos esta experiência é que quando somos tentados, somos levados a fazer coisas que em circunstâncias “normais” jamais faríamos ou, dizendo de outra forma, agimos de tal modo que não nos julgávamos capazes de assim proceder; surpreendemo-nos conosco mesmos. A tentação também nos faz enxergar um único ponto e sob o mesmo prisma. Não é que as demais coisas passam a não ter mais valor; na realidade elas não são consideradas, não são percebidas; o nosso ser se harmoniza num propósito que se nos configura como o único... A tentação “vem com tanta força – escreve Jones – que nos tira o equilíbrio, e não somos mais capazes de pensar com clareza (...). A coisa é tão poderosa que nos faz ver só o que ela quer que vejamos, e esquecemos tudo o mais. Este é o poder de cegar que a tentação tem!”¹⁹⁴

Foi justamente isto que aconteceu com o salmista: **“Com efeito Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo. Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos”** (Sl 73.1-3).

Por um instante, o salmista só considerou a prosperidade dos ímpios, e mais nada; a misericórdia de Deus e a sua justiça eterna foram esquecidas; aquela visão parcial dos fatos apresentou-se sendo toda a verdade, nada mais tinha importância, qualquer outro valor passou a ter um significado minúsculo diante da eloquência do progresso do ímpio; por isso, pouco ou nada adiantava argumentar, os seus olhos tinham uma só direção, os seus pensamentos estavam viciados, os seus pés o arrastavam rumo àquele tipo de atitude. Este tipo de pensamento o seduziu e quase o arrastou, quase que ele foi levado pela correnteza deste pensamento pecaminoso.

Lembremos talvez o caso mais famoso das Escrituras: Davi reinava sobre Israel; o seu reinado era tranqüilo. Em certa ocasião, quando o seu exército estava em guerra contra os amonitas, Davi não foi guerrear: ficou no palácio. Numa tarde, viu uma linda mulher a quem desejou, chamada Bate-Seba. A partir daí não enxergou mais nada; a única coisa que via era a necessidade de satisfazer o seu desejo pecaminoso... Davi adulterou com ela. Bate-Seba ficou grávida...

¹⁹⁴ D.M. Lloyd-Jones, *Por Que Prosperam os Ímpios?*, p.17.

Sendo ela casada, estando o seu marido, Urias – arrolado como um dos valentes de Davi (2Sm 23.39; 1Cr 11.41) –, com o exército de Israel na batalha, Davi arquitetou um plano: mandou chamá-lo, induziu-o a ir para sua casa deitar-se com sua mulher. No entanto Urias não quis fazê-lo porque achava injusto que seus companheiros de batalha estivessem ao relento enquanto ele estivesse em sua casa comendo e bebendo; assim, dormiu à porta da casa do rei. Davi usa então de uma outra estratégia; faz com que Urias coma e beba bastante e se embriague a fim de que fosse para sua mulher... Nada disso adiantou... Não satisfeito, Davi com uma estratégia cada vez mais pecaminosa, envia pelo próprio Urias uma carta, a sua sentença de morte, ao comandante do exército de Israel, Joabe, na qual dizia: **“Ponde a Urias na frente da maior força da peleja; e deixai-o sozinho, para que seja ferido e morra.”** (2Sm 11.15).

Assim se fez; Urias foi morto e Davi tomou Bate-Seba para si. O texto relata: **“Isto que Davi fizera, foi mal aos olhos do Senhor”** (2Sm 11.27).

Ao que parece, Davi se esqueceu do seu pecado e continuou a viver tranquilamente, entregando-se, como diz Calvino, a uma profunda letargia espiritual;¹⁹⁵ até que o profeta Natã foi enviado por Deus a Davi, contando-lhe uma parábola que dizia haver dois homens numa cidade: um rico e o outro pobre; o rico tinha um grande gado e muitas ovelhas; o pobre tinha apenas uma cordeirinha que tratava como uma filha. O homem rico, relata Natã, quando recebeu um viajante, querendo oferecer-lhe um banquete, sem nenhum constrangimento tomou a cordeirinha do pobre e a preparou para o homem que havia chegado...

Esta história que falava tão de perto a Davi – que fora um dedicado pastor de ovelha – foi suficiente para deixá-lo irritadíssimo, e declarar ao profeta: **“Tão certo como vive o Senhor, o homem que fez isso deve ser morto. E pela cordeirinha restituirá quatro vezes, porque fez tal coisa e não se compadeceu”** (2Sm 12.5,6).

A surpresa maior estava por vir; Natã diz a Davi: **“Tu és o homem. Assim diz o Senhor Deus de Israel”** (2Sm 12.7). Deus o acusa de além de ter adulterado, ter matado a Urias pelas mãos dos Amonitas (2Sm 12.9). Davi cai em si, arrependido, e diz: **“Pequei contra o Senhor”** (2Sm 12.13). Foi nesse contexto que Davi escreveu os Salmos 32, 38 e 51.

Na redação do Salmo 51 fica evidente o poder da Palavra de Deus; foi pela mensagem proferida por Natã que Davi teve a consciência iluminada a respeito do seu pecado e se arrependeu. Davi, então, descreve com cores eloqüentemente cinzentas a sua situação; ele se vê, como de fato era: transgressor

¹⁹⁵ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 2, p. 421.

(1,3); iníquo (2,9); pecador (2,3,9); depravado (5); impuro (7); criminoso (14). Ele sente profunda vergonha do que fizera. A sua preocupação primeira não era em relação ao povo, mas em relação a Deus. Ele sabia que o Deus santo contemplara os seus atos pecaminosos e agora, diante de Deus, suplica: **“Esconde o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades”** (9). A intensidade de sua vergonha não era simplesmente por causa da gravidade de sua falta, mas, também, em razão de ter pecado contra Deus (4) e, também, por saber que Deus se agrada de um coração limpo (6). O pecado é sempre, em última instância, um pecado contra Deus. (Cf. Gn 39.9). Aqui podemos observar a força do pecado: “A Bíblia nos diz que o poder do pecado é tão grande e terrível como isso – que mesmo um homem admirável e maravilhoso como Davi, o rei de Israel, pode cair no caminho que eu já descrevi”.¹⁹⁶

Aqui está um dos mais importantes reis de Israel, que escreveu salmos magníficos, sendo inspirado sobrenaturalmente por Deus, mas que cedeu à tentação, tendo que aprender a não confiar em si mesmo nas questões espirituais; por um tempo ele esteve cego, dominado pelas suas tentações, mas, agora, aprendeu a duras penas o quão fraco é: ele pode enfrentar um leão, um urso, um gigante e um exército; no entanto, não consegue vencer as suas próprias inclinações pecaminosas. Só lhe resta portanto, como a todos nós, apelar para a “multidão” das misericórdias de Deus (1), para que apague as suas transgressões (1,9), lave a sua iniquidade (2), o purifique do seu pecado (2,7), crie nele um coração puro (10), restituindo-lhe a alegria da salvação (12), sustentando-o com um espírito voluntário (12), pronto para obedecer a Deus.

O homem com demasiada freqüência é tentado pela sua própria cobiça; pelo desejo de ter, possuir. A sutileza desta questão encontra-se no fato de que muitas vezes a tentação nos vem acompanhada de desejos e necessidades legítimos; a armadilha oculta-se no fato de o homem querer atingir os seus propósitos de modo contrário à Palavra de Deus, colocando a sua vontade sobre a de Deus. Somos tentados a achar que o nosso método é melhor do que o de Deus, que os nossos caminhos são mais eficazes... Assim pensando, procuramos atalhos que terminam por nos meter em grande perigo. Por isso, a constatação de Tiago: **“Cada um é tentado pela sua própria cobiça”** (Tg 1.14; 1Jo 2.16). Paulo ilustra esta cobiça, dizendo: **“Ora os que querem ficar ricos caem [ἐμπίπτω]¹⁹⁷ em tentação [πειρασμός] e cilada e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os**

¹⁹⁶ David M. Lloyd-Jones, *O Clamor de um Desviado: Estudos sobre o Salmo 51*, p. 16.

¹⁹⁷ A palavra no tempo presente indica um fato habitual e freqüente. (* Mt 12.11; Lc 10.36; 14.5; 1Tm 3.6,7; 6.9; Hb 10.31)

males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6.9,10; Ec 5.10). Daí a recomendação de Davi: “... se as vossas riquezas prosperam não ponhais nelas o coração” (Sl 62.10). Ou seja, se Deus tem nos abençoado com bens materiais, não coloquemos os nossos olhos fitos apenas nisto, não façamos desta bênção um elemento norteador da nossa fé. Se Jó assim procedesse, tendo os seus olhos fixos apenas em suas riquezas, família e amigos, no primeiro instante em que ele viu tudo isto se esvaír, a sua fé se extinguiria, e ele não mais adoraria ao Senhor. Todavia, como bem sabemos, ele tinha uma visão ampla da vida em comunhão com Deus e, quando conseguiu entender de forma mais abrangente todas estas provações, pôde dizer: “**Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem**” (Jó 42.5).¹⁹⁸

3) A Tentação Procura Destruir a Palavra de Deus em Nós

Na parábola do *Semeador*, contada e interpretada por Jesus Cristo, ele diz que o semeador saiu para o seu trabalho jogando as sementes no campo, caindo estas em terrenos diferentes. Dentro do quadro descrito, um nos importa de modo especial: “**Outra caiu sobre a pedra; e, tendo crescido, secou, por falta de umidade (...). A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a receberam com alegria; estes não têm raiz, crêm apenas por algum tempo, e na hora da provação [πειρασμός] se desviam**” (Lc 8.6,13).

Muitos homens recebem o Evangelho com prontidão excepcional, com uma alegria sincera e emocionante... Passados os primeiros momentos desta experiência, tais pessoas começam a se deparar ou a ter consciência das primeiras provações, angústias e perseguições e, então, abandonam a Palavra de Deus (Vd. Mt 13.20,21).

Quando a Palavra de Deus não é enraizada em nossos corações, passamos a ter as nossas soluções, os nossos projetos, o nosso jeito; julgamo-nos mais uma vez capazes de resolver todos os nossos problemas em detrimento da Palavra de Deus; somos levados a pensar que o nosso método é o melhor, não o de Deus. Este fenômeno não ocorre apenas com os “neófitos”, ele também se dá, ainda que de modo mais sutil, na vida dos crentes mais experientes. A tentação nos ataca fazendo com que a Palavra de Deus deixe de ser o nosso manual de compreensão da realidade e de direcionamento de nossa vida; ela perde a sua relevância vivencial para nós, ainda que na maioria das vezes não formulamos nenhuma teoria para minimizá-la, no entanto ela deixa de ser considerada, fica esquecida, surgindo então um novo senhor, que é a nossa vontade ou as “opções” que julgamos que nos restam... O caminho de Deus fica esquecido.

¹⁹⁸ Vd. John MacArthur, Jr., *Cómo Enfrentar a Satanás*, Barcelona, CLIE. 1994. p. 29ss.

É importante estar atentos porque nenhum de nós está livre disso; por isso Jesus nos ensina a orar: “Não nos deixes cair em tentação”. E, quando assim oramos, estamos como que dizendo: *“Senhor, confirma a tua Palavra em nós; não nos deixes abandoná-la por causa das provações decorrentes de tê-la aceitado... Aprofunda a raiz da tua Palavra em nosso coração, tornando-o um solo fértil para ela, a fim de que a nossa vida seja uma árvore frondosa, onde abundem os frutos do teu Espírito...”*

Calvino (1509-1564), comentando o Salmo 25, aconselha-nos: “Então, assim que as tentações nos assaltarem, que oremos sempre para que Deus faça a luz de sua verdade resplandecer sobre nós, a fim de que, recorrendo a invenções pecaminosas, não nos desviemos e perambulemos por desvios e caminhos proibidos”.¹⁹⁹

4) A Tentação Objetiva Enfraquecer a Nossa Fé

Este ponto é decorrente do anterior. A tentação visa destruir a Palavra de Deus em nós e, conseqüentemente, a nossa fé. A fé é-nos concedida por Deus por meio da Palavra (Rm 10.17; Ef 2.8); a tentação, nos distanciando das Escrituras, obviamente enfraquecerá a nossa fé, tornando-nos inteiramente vulneráveis aos seus ataques.

Quando formos assaltados pelas tentações, devemos contender com ela amparados na promessa de Deus, sem vacilar. No Salmo 13, Davi em grande angústia, pergunta a Deus: **“Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o teu rosto?”** (Sl 13.1). A “ausência” de Deus é mais sentida por aqueles que o conhecem e sabem do seu privilégio; quem nunca usufruiu desta bênção, não pode valorizar aquilo de cuja falta não pode notar.²⁰⁰ Davi não havia se esquecido das promessas de Deus, mas como é possível de acontecer a todos nós, quando nos sentimos aflitos por um longo período sem aparentemente sermos auxiliados, é quase impossível não surgir esse pensamento em nós: Deus me abandonou, se esqueceu de mim!²⁰¹ No entanto, o seu clamor angustiado revelava ao mesmo tempo a sua fé, visto que o salmista se dirigia a Deus, não aos homens. Calvino (1509-1564) comentando essa passagem, diz: “Seguindo esse exemplo, deve-

¹⁹⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 25.4,5), p. 542.

²⁰⁰ “Os que nunca sentiram nem viram a presença de Deus, não sentem sua ausência; e portanto, nunca se queixam dela. como Davi se queixa; o qual entendo que havia sentido a presença de Deus, achando-se favorecido de Deus no interior e exterior, e que havia visto a presença de Deus, não cara a cara, senão como diz São Paulo por espelho, obscuramente, como a vêem os que têm sentido a justificação por Cristo, e são regidos e governados no reino de Deus, pelo Espírito de Cristo.” – Juan de Valdés, *Comentario a los Salmos*, Terrassa, Barcelona, CLIE. © 1885 (Librería Nacional y Extranjera) (s.d) (Clásicos de la Reforma Española) (Sl 13.1), p. 70.

²⁰¹ Cf. J. Calvino, *O Livro de Salmos*, Vol. 1 (Sl 13.1), p. 262.

mos então contender contra as tentações, protegidos pela certeza de fé, mesmo submersos no mais emaranhado dos conflitos [cotidianos], confessando que as calamidades que nos induzem ao desespero têm de ser vencidas; justamente como vemos que a fraqueza da carne não podia impedir Davi de recorrer a Deus e de encontrar nele seus recursos”.²⁰²

Paulo parece ter este problema em vista quando escreveu a sua primeira carta aos Tessalonicenses. Isto é perfeitamente compreensível, se considerarmos que a Igreja de Tessalônica fora fundada por ele e Silas durante a segunda viagem missionária, quando teve a oportunidade de pregar na sinagoga durante três semanas (At 17.1-10). Em virtude das perseguições movidas pelos judeus, eles tiveram de partir abruptamente da cidade, indo para Beréia, que distava 72 km.

A perseguição dos judeus, da qual Paulo fora alvo, continuou sobre a jovem Igreja de Tessalônica. A pressão parece ter sido tão intensa que Paulo, quando partiu para Beréia e depois para Atenas, pediu a Timóteo – que ficara com Silas em Beréia – que fosse a Tessalônica verificar como aqueles irmãos estavam resistindo a esta situação, bem como para confirmá-los e exortá-los. Paulo só teve alívio quando Timóteo regressou, encontrando-se com ele em Corinto, relatando a firmeza da Igreja (At 17.15,16; 1Ts 3.1-7; At 18.5).

Pouco mais de um ano depois destes episódios, Paulo escreveu a primeira Epístola aos Tessalonicenses, dando graças a Deus porque a igreja continuava firme no Senhor e o vigor da sua fé estava sendo divulgado na Macedônia e Acaia, repercutindo assim a Palavra de Deus (1Ts 1.7-10). Então pôde dizer: **“... Quando ainda estávamos convosco, predissemos que íamos ser afligidos, o que de fato aconteceu, e é do vosso conhecimento. Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o tentador [ὁ πειρόζων]²⁰³ os provasse [πειρόζω], e se tornasse inútil o nosso labor”** (1Ts 3.4,5).

Satanás se utiliza de todos os recursos para abater a nossa fé, tirá-la de sua firmeza e direção correta, levando-nos a credíces que destroem a Palavra de Deus em nós e, conseqüentemente, neste caso, a fé deixa de ser a genuína fé salvadora.

5) A Tentação nos Entristece

A tentação dói, gera uma tensão violenta porque toca em questões vitais de nossa existência. O processo de luta é árduo, levando não poucas vezes às lágrimas. Paulo relembra diante dos presbíteros de Éfeso as dificuldades que enfrentou naquela cidade durante os três anos que ali passou anunciando “todo

²⁰² J. Calvino, *O Livro de Salmos*, Vol. 1 (Sl 13.1), pp. 262,263.

²⁰³ Satanás é a personificação do tentador (Mt 4.1,3).

o desígnio de Deus”: **“Servindo com toda humildade, lágrimas e provações [πειρασμός] que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram”** (At 20.19). Deve ser salientado que apesar destas “provações” ele permaneceu três anos; em nenhuma outra cidade Paulo ficou tanto tempo espontaneamente; as “tentações” (como podemos traduzir o texto) causaram-lhe dor mas não o impediram de cumprir o seu ministério.

A tristeza produzida pela tentação é temporária: Quando e se resistirmos ao diabo, ele fugirá de nós. É isto que Tiago nos diz, fazendo um contraste entre o que deve caracterizar a nossa atitude diante do diabo e de Deus: **“Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti [ἀνθίστημι]²⁰⁴ ao diabo, e ele fugirá de vós”** (Tg 4.7).

A tristeza associada à tentação não pode ser comparada à alegria resultante de sua vitória e dos frutos alcançados: **“Nisto exultais [ἀγαλλιάω],²⁰⁵ embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações [ποικίλος πειρασμός],²⁰⁶ para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado [δοκίμιον],²⁰⁷ muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo”** (1Pe 1.6,7).

A estas igrejas perseguidas, Pedro insiste na necessidade de perseverança em meio a todo tipo de provação, alertando também para o fruto desta resistência: **“Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos [πειρασμός], como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos [χαίρω]²⁰⁸ na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando”** (1Pe 4.12,13).

Tiago também insiste no mesmo ponto: **“Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações [πειρασμός], sabendo que a provação [δοκίμιον] da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança”** (Tg 1.2,3).

Tiago dá um tom escatológico à vitória sobre a tentação: **“Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a provação [πειρασμός]; porque, depois de ter sido aprovado [δόκιμος],²⁰⁹ receberá a coroa da**

²⁰⁴ Aqui o verbo pede uma ação urgente, imediata.

²⁰⁵ Alegria que tem uma conotação espiritual, estando relacionada à contemplação de Deus ou de sua salvação (Vd. * Mt 5.12; Lc 1.47; 10.21; Jo 5.35; 8.56; At 2.26; 16.34; 1 Pe 1.6,8; 4.13; Ap 19.7).

²⁰⁶ Diversificados tipos de provações.

²⁰⁷ (* Tg 1.3; 1Pe 1.7). Indica uma fé madura, que foi depurada e aprovada depois de um laborioso processo.

²⁰⁸ Indica uma alegria que deve ser constante.

²⁰⁹ Aprovado depois de ter sido testado. (* Rm 14.18; 16.10; 1Co 11.19; 2Co 10.18; 13.7; 2Tm 2.15; Tg 1.12).

vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (Tg 1.12). A resistência na provação redundará – ainda que num processo doloroso e sofrido – na vida concedida por Deus aos seus.

6) A Tentação Intensifica-se com Nossa Resistência

Quando cedemos à tentação de forma imediata, não temos de fato o alcance de sua força e extensão. Quando a resistimos é que podemos aquilatar a sua força e intensidade. Adão e Eva tiveram uma dimensão bem diminuta da tentação em comparação a Jesus Cristo; eles cederam àquilo que lhes parecia irresistível... No entanto, Jesus Cristo resistiu às diversas ciladas do diabo, podendo por isso mesmo, avaliar o quão difícil era resistir, mas, ao mesmo tempo, tendo a satisfação da vitória sobre as investidas demoníacas.²¹⁰

Portanto, não nos iludamos; as tentações se mostrarão cada vez mais reais à medida que a resistirmos. No entanto, não há outra recomendação bíblica além da resistência ao maligno. Por outro lado, a graça sustentadora de Deus nunca se configurará tão viva em nossa vida quando resistirmos às tentações (1Co 10.33). A graça de Deus nos basta! (2Co 12.9).

f. A Vitória sobre a Tentação

Esta oração é feita pelo homem que confia no socorro e cuidado de Deus. Deus nos conhece bem, conhece as nossas fraquezas e limitações; e Satanás não age fora da esfera da permissão de Deus;²¹¹ por isso, a tentação nunca é superior ao suprimento divino. É neste sentido que Paulo escreve: **“Não vos sobreveio tentação [πειρασμός] que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação [πειρασμός], vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”** (1Co 10.13).

Amparado no poder e na misericórdia de Deus, Pedro pôde escrever: **“... O Senhor sabe livrar da provação [πειρασμός] os piedosos...”** (2Pe 2.9).

Quando fazemos esta petição estamos buscando o nosso socorro naquele que foi tentado e a venceu: **“Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado [πειράζω], é poderoso para socorrer os que são tentados [πειράζω]”** (Hb 2.18).

O socorro amparador de Deus deve ser um estímulo à nossa resistência na fé, a permanecermos firmes diante das variadas tentações que visam a nos afastar de Deus e da sua Palavra. Portanto, devemos estar atentos às nossas

²¹⁰ Vd. Leon Morris, *The Lord from Heaven: A Study of the New Testament Teaching of the Deity and Humanity of Jesus*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1958, pp. 51,52.

²¹¹ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.18.1.

falhas, olhando com misericórdia aqueles que caírem, procurando, com toda humildade, extrair lições para a nossa vida, a fim de não cometermos o mesmo erro (Gl 6.1; 2Co 13.5). A oração e vigilância fazem parte da vida cristã como algo natural em nossa caminhada (Mt 26.41; Mc 14.38; Lc 22.40,46).

Quando, pela misericórdia de Deus, resistimos à tentação, somos aprovados por Deus com uma recompensa eterna (Tg 1.12; 1Pe 1.6,7; 4.12-14).

g. Observações Finais

1) A tentação é universal e inevitável. Todos nós, sem exceção, estamos sujeitos a ela. Por isso, quando assim oramos, estamos dizendo: *“Senhor, eu sei que é impossível viver sem ser tentado; mas tu venceste a tentação e podes nos sustentar; por isso rogamos, por tua graça, não nos deixes cair sob o domínio da tentação; sustenta-nos e fortalece-nos. Assim, nós não pedimos para escapar da tentação, mas, sim, sustento para vencê-la”*. Foi justamente este o pedido que Jesus fez ao Pai em nosso favor: **“Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal”** (Jo 17.15).

2) Apesar de Satanás nos tentar para que sucumbamos ao pecado, a tentação não está fora do plano e propósito de Deus. Satanás age sempre dentro da permissão de Deus. Nesta petição está implícita a nossa confiança na soberania de Deus.

3) A tentação é sempre uma prova, um teste. Entretanto, mesmo quando esta prova é levada a efeito por Satanás – que sempre objetiva a nossa queda – podemos, pela graça de Deus, usar a tentação – que se tornou inevitável – como uma fonte de amadurecimento e fortalecimento espiritual.

4) O fato de fazermos esta oração é prova suficiente de que temos consciência de que não podemos tratar da tentação por nossa própria conta, senão que necessitamos do poder de Deus para vencê-la.

5) Não existe o “não posso” dentro da tentação. Deus é quem nos capacita: ele sabe que podemos. Deus não permite que Satanás nos tente além de nossas forças, a qual ele mesmo sustém (1Co 10.13).²¹²

6) Um desafio constante a nós é deixar de olhar para o problema e concentrarmos a nossa atenção em Deus, colocando diante dele as nossas angústias, esperando nele a sua resposta. Davi, quando fugia de seu filho Absalão, escreveu o Salmo 3; ali ele narra o aumento de seus adversários e o juízo condenatório deles, no entanto, longe de se deter nisso, expõe a Deus as suas angústias, confiante de que Deus é o seu escudo, glória e salvação. Calvino (1509-1564), comentando essa passagem, diz: “Davi, assim, nos ensina, por meio de seu próprio exemplo, que, mesmo que o mundo inteiro, a uma só voz,

²¹² Vd. Jay A. Adams, *Conselheiro Capaz*, São Paulo, Fiel, 1977, p. 131ss.

tente infundir-nos desespero, em vez de atentar para ele, devemos, antes, dar ouvidos unicamente a Deus, e acalentar sempre a esperança da salvação que ele prometeu; e como os ímpios empregam seus esforços com o fim de destruir nossas almas, temos de defender-nos deles recorrendo às nossas orações”.²¹³

A petição seguinte é um desdobramento desta, visto que Satanás é o grande tentador (Mt 4.3).

5. Livrar-nos do Maligno (Mt 6.13)

“... visto que todas as tentações são instigadas por Satanás, tão logo nos sobrevenham, nos avisam de que ele está por perto.” – João Calvino.²¹⁴

Neste contexto nos deparamos com uma questão de tradução. A palavra que é traduzida por “mal”,²¹⁵ pode muito bem ser traduzida por “maligno”, indicando, neste caso, toda a forma de mal. Optamos pela tradução “**maligno**”, por ver em Satanás a personificação do “Mal” (Jo 8.44; 13.27; At 5.3).

Preliminarmente, devemos entender que “A história é o registro do conflito entre Deus e suas forças, de um lado, e o diabo e suas forças, de outro; e o grande princípio determinante é de imensa importância, não só para entender-se a história passada, como também para entender-se o que está acontecendo no mundo hoje. É, igualmente, a única chave para compreender-se o futuro”.²¹⁶ De fato, o que é a história, senão o palco onde Deus efetiva o seu Reino?! “A chave da história do mundo é o Reino de Deus.”²¹⁷ O propósito de Deus na história como realidade presente faz parte da essência de nossa fé.²¹⁸ Deus é o Senhor de todas as coisas; é a ele a quem nos dirigimos confiadamente, sabendo que os seus caminhos são eternos (Hc 3.6).

Esta petição envolve a certeza de três coisas:

²¹³ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol 1 (SI 3.1,2), p. 83. Lloyd-Jones acertadamente nos diz: “Nada revela tanto o caráter de nossa fé como o que faremos depois de havermos orado. Os homens de fé não somente oraram, mas esperaram respostas às suas orações. Às vezes, oramos a Deus numa hora de pânico; depois, passado esse momento, esquecemo-nos do que pedimos. A esperança da resposta é o teste da nossa fé.” (D. Martyn Lloyd-Jones, *Do Temor à Fé*, Miami, Vida, 1985, p. 45).

²¹⁴ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1995 (2Co 12.7), p. 245.

²¹⁵ “πουνήρος”. No texto que estamos analisando, a Vulgata; ARA; ARC; ACR; KJV; RSV; NIV, todas traduzem por “mal”. BJ: traduz “*Maligno*”.

²¹⁶ D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo, PES, 1991, p. 72.

²¹⁷ D. Martyn Lloyd-Jones, *Do Temor à Fé*, p. 23. “As nações podem levantar-se e cair, todavia o plano de Deus prossegue, firme e sem interrupção.” (D. Martyn Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo, PES, 1992, pp. 69,70)

²¹⁸ Veja-se A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, p. 39ss. “O Reino de Deus é, no Novo Testamento, a vida e a meta do mundo que correspondem às intenções do Criador.” (Karl Barth, *La Oración*, p. 51)

1) A ação e o poder de Satanás

Aqui temos o reconhecimento de que Satanás tem poder e que ele age efetivamente contra nós. “Aqueles que a tal combate se preparam na confiança de si próprios não compreendem suficientemente com quão aguerrido e bem equipado adversário se tenham de haver.”²¹⁹

2) A consciência de nossa fraqueza

Se pudéssemos resolver o problema da tentação sozinhos ou mesmo, se julgássemos poder resolvê-lo, não recorreríamos a Deus. Quando fazemos esta petição, estamos reconhecendo que o maligno é forte demais para nós; que não podemos dar conta dele sem o auxílio de Deus; aqui confessamos a nossa fragilidade diante do poder do maligno e, ao mesmo tempo, a nossa confiança em Deus, aquele que pode preservar-nos incontaminados diante dos assaltos do maligno.

3) A Soberania de Deus

Recorremos a Deus porque sabemos que ele tem domínio sobre Satanás e os seus anjos. “Satanás está nas mãos de Deus. Ele tem de servir a Deus contra sua vontade. Ainda que Satanás disponha de poder, este está limitado à vontade de Deus. Isto é motivo de consolo para o crente.”²²⁰ “É evidente que Satanás está sujeito ao poder de Deus, e é de tal maneira governado por sua vontade, que se vê obrigado a obedecer-lhe e a cumprir o que lhe manda.”²²¹ “Satanás mesmo, que opera interiormente com seu poder compelidor, é ministro de Deus, de tal maneira que ele só age em obediência à ordem divina.”²²²

Analisemos, agora, alguns aspectos do nosso inimigo, do maligno que age contra nós.

Cremos ser importante dizer, que, ao estudarmos este assunto, não pretendemos angustiá-los com a ação de Satanás, mas, sim, dizer-lhes algo a respeito daquele que é mais poderoso do que nós e a quem só poderemos vencer se recorrermos ao amparo de Deus. De fato, “existe um inimigo superior, inevitável, a quem é totalmente impossível resistir se Deus não vem em nosso auxílio”.²²³

²¹⁹ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.46.

²²⁰ D. Bonhoeffer, *Tentação*, Porto Alegre, Editora Metrópole, 1968, p. 64.

²²¹ J. Calvino, *As Institutas*, I.14.17.

²²² J. Calvino, *Exposição de Romanos* (9.18), p. 337.

²²³ Karl Barth, *La Oración*, p. 86

a. O Poder de Satanás

“... Quando o inimigo é invisível, maior é o perigo.” – J. Calvino.²²⁴

Nunca é demais frisar que é necessário que não nos iludamos; Satanás tem de fato muito poder; e ele é ousado na utilização deste poder. “Quando Satanás é chamado o deus e príncipe deste mundo, quando é designado como o valente armado, o espírito a quem pertence o poder do ar, leão a rugir (2Co 4.4; Jo 12.31; Mt 12.29; Ef 2.2; 1Pe 5.8), estas representações não contemplam outra coisa senão a que sejamos mais cautos e vigilantes, vale dizer, mais preparados para travar luta, o que, por vezes, até se expressa em termos explícitos”.²²⁵

Paulo chama a atenção dos Efésios para a luta que espera todos os cristãos, em nossa fidelidade a Deus: **“A nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”** (Ef 6.11).

Analise agora alguns aspectos do poder de Satanás:

1) Ele Reina no Coração dos Ímpios

Na tentação de Cristo, Satanás apresenta-se diante dele como o tentador, reivindicando possuir autoridade sobre o mundo. **“Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser”** (Lc 4.6). Jesus mesmo admite o reinado de Satanás, quando diz: **“Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?”** (Mt 12.26). Em outros lugares, Jesus o chama de príncipe deste mundo: **“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso”** (Jo 12.31); **“... o príncipe deste mundo já está julgado”** (Jo 16.11). Calvino (1509-1564) comenta: “... O diabo reina no mundo, porquanto o mundo outra coisa não é senão tenebrosidade. (...) Como o mundo inteiro jaz coberto de trevas, o diabo é o príncipe deste mundo”.²²⁶

Paulo diz que Jesus Cristo o vocacionou para testemunhar aos gentios, **“para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade (ἐξουσία: “jurisdição”, “domínio”, “império”²²⁷) de Satanás para Deus,**

²²⁴ J. Calvino, *Efésios*, São Paulo, Paracletos, 1998 (6.12), p. 190.

²²⁵ J. Calvino, *As Institutas*, I.14.13; Vd. também: J. Calvino, *Efésios* (6.12,13), pp. 188-191.

²²⁶ J. Calvino, *Efésios* (6.12), p. 190.

²²⁷ ἐξουσία (exousia) ocorre cerca de 108 vezes no N.T. Indicamos algumas das referências e as suas respectivas traduções para ajudar a aclarar o significado da palavra no texto citado: (Lc 23.7) “jurisdição”; (At 26.12) “autorização”; (At 26.18; Ef 1.21; 2.2; Cl 2.10) “potestade”; (1Co 9.12) “direito”; (2Co 10.8) “autoridade”; (Cl 1.13) “império”.

a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (At 26.18). Paulo também o chama de “deus deste século” (2Co 4.4).

O seu domínio é exercido pelo medo da morte que ele colocou no coração do homem e, também, por meio da morte espiritual na qual mantém os homens longe de Cristo, insensíveis à sua Palavra (2Co 4.3,4). **“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”** (Hb 2.14, 15). Convencido do medo da morte a que a maioria dos homens está sujeita, Satanás disse a Deus a respeito de Jó: **“... Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida”** (Jó 2.4).

Bruce (1910-1990) comenta que “o temor da morte é um dos mais poderosos. Por medo da morte, muitos homens consentiram em fazer coisas que nenhuma outra coisa poderia obrigá-los a fazer (...). O temor à morte pode ser um instrumento tirano de coação”.²²⁸

Satanás reina no coração dos homens que mantêm-se alienados de Deus. É neste sentido que ele é príncipe deste mundo; da estrutura mundana que tenta negar a Deus de todas as formas possíveis. Satanás é o deus deste século, que tem valores equivocados, distantes do que realmente importa, conforme revelado nas Escrituras.

No entanto não devemos nos esquecer que o poder de Satanás não é auto-originado, antes, é conferido por Deus, quem também lhe controla e limita (Lc 22.53). A encarnação do Filho, conforme atesta Hebreus, teve como propósito nos libertar deste domínio. Além disso, “A morte não tem terrores para o cristão, pois as chaves da morte foram entregues àquele que quebrou seu domínio sobre a humanidade por meio da sua vitória gloriosa sobre os poderes das trevas (1Co 15.55-57; Ef 4.9; Ap 1.18)”.²²⁹

2) Ele Revela o Seu Poder

No caso de Jó, o poder de Satanás se mostra de modo evidente por meio de um raio destruidor (Jó 1.16); de um furacão (Jó 1.19); tumores malignos (Jó 2.7). No Novo Testamento vemos também o seu poder demonstrado no fato de ele entrar nos porcos (Mc 5.9-13); na mulher encurvada, que Satanás

²²⁸ F. F. Bruce, *La Epistola a los Hebreos*, Grand Rapids, Michigan/Buenos Aires, Nueva Creacion/Eerdmans, 1987, p. 51.

²²⁹ Geoffrey B. Wilson, *Romanos: um Resumo do Pensamento Reformado*, São Paulo, PES, 1981 (Rm 10.7), p. 155.

manteve presa nesta enfermidade por dezoito anos (Lc 13.11,16). Creio que de forma ainda mais eloqüente, Satanás revela a sua ousadia e arrogância no fato de ter procurado tentar o próprio Filho de Deus, oferecendo-lhe inclusive os reinos deste mundo (Mt 4.1,8,9), dentro, naturalmente do propósito de Deus. Lloyd-Jones (1899-1981) comenta este fato: "... Talvez a prova cabal do poder, da autoconfiança e da habilidade do diabo se ache no fato de que ele não hesitou em tentar e atacar até mesmo o Filho de Deus. Ele o abordou confiantemente, seguro de si, pois havia derrotado todos os outros".²³⁰

b. O Objetivo de Satanás

O objetivo de Satanás é frustrar o eterno propósito de Deus em Cristo Jesus; para isto, ele tentou a Adão e Eva; procurou destruir a linhagem de Abraão, Isaque e Jacó, a fim de impedir o cumprimento da promessa da vinda do Messias; objetivou matar o Messias por intermédio de Herodes e, posteriormente, em diversas ocasiões, arquitetou a mesma coisa por meio dos judeus.

Satanás tentou a Cristo para que pecasse e, assim, frustrasse a sua Obra Redentora. Na sua audácia, ele utilizou-se dos próprios discípulos de Cristo, fez uso de uma legião de demônios; tudo para fazer fracassar o plano de Deus. Satanás tinha a percepção clara da realidade decisória da missão de Cristo, ainda que não a compreendesse perfeitamente. "Naquele tempo Deus estava executando a sua realização mais vital e mais central, de modo que o diabo pôs em campo todas as suas reservas. Se nesse ponto a obra de Deus pudesse ser destruída, a vitória do diabo estaria assegurada."²³¹

Satanás, como não conseguiu o seu intento, sabendo que os dias estão contados – a história caminha para a execução da sentença de Deus – tem se valido estrategicamente da conquista do maior número de homens possível para o seu reino, mantendo-os cativos a si. Nesta atitude ele demonstra a sua inimizade contra Deus. "O diabo não é tão contra nós como é contra Deus. Nada somos aos seus olhos, exceto que somos o povo de Deus. A paixão e ambição consumidora do diabo é danificar e destruir a obra de Deus."²³²

Por isso, o povo cristão é alvo constante e especial do ataque do diabo. Sua meta é danificar e, se fosse possível, destruir a Igreja de Deus, que é a menina dos olhos de Deus. "O inimigo de Deus é também o inimigo de sua criatura."²³³ Já com o mundo, Satanás não se preocupa, visto que "**o mundo inteiro jaz no maligno**" (1Jo 5.19).

²³⁰ D.M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 73.

²³¹ D.M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 85.

²³² D.M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 85.

²³³ K. Barth, **La Oración**, p. 86.

Por trás desta ação maligna está o desejo de ser adorado. Ele aspira receber aquilo que é de Deus, exclusivamente de Deus – a quem pertence o direito único de receber toda a honra, glória e poder. No Apocalipse, João declara: **“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”** (Ap 4.11). **“Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”** (Ap 5.13).²³⁴ Satanás fala explicitamente do seu desejo de ser adorado, quando, tentando a Jesus Cristo, diz: **“... Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”** (Mt 4.9, comp. c. Lc 4.5-7).

Por isso, parece-nos estar correta a observação feita por Shedd, quando diz que “a idolatria une ao satanismo o culto às imagens, pois aquilo que os incrédulos sacrificam aos ídolos, sacrificam a demônios (1Co 10.20). Não é de admirar, portanto, a oposição que a Palavra de Deus levanta contra a idolatria em toda sua extensão”.²³⁵

Reconhecendo o poder e o objetivo de Satanás, mas, ao mesmo tempo, sabendo da soberania de Deus sobre o diabo, a Igreja ora: *“Senhor, livra-nos do maligno”*.

“Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10).

c. As Estratégias de Satanás

A palavra “estratégia” tem um emprego militar, denotando a arte de planejar e executar movimentos e operações de tropas.²³⁶ A expressão vem do grego στρατεγία (“tática do general”).²³⁷ O termo grego passou pelo latim “strategia”, chegando em nossa língua, com o sentido de *“arte militar de planejar e executar movimentos e operações de tropas, navios e/ou aviões, visando alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas sobre determinados objetivos”*.²³⁸ De forma resumida, podemos dizer que estratégia é a “técnica utilizada para alcançar um objetivo”.²³⁹

²³⁴ Vd. R. P. Shedd, **O Mundo, a Carne e o Diabo**, São Paulo, Vida Nova, 1991, p. 90.

²³⁵ R.P. Shedd, **O Mundo, a Carne e o Diabo**, p. 91.

²³⁶ Vd. Antônio Geraldo da Cunha, **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**, 2ª ed. [4ª impressão], Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991, *in loco*, p. 333.

²³⁷ General em grego é στρατηγός (stratêgos). É aquele que comanda o exército (στρατός) (stratos) com στρατήγημα (stratêgêma). (“*estratagem*”) Στρατηγός no N.T. é empregado apenas nos escritos de Lucas (* Lc 22.4; 22.52; At 4.1; 5.24,26; 16.20,22,35,36,38), referindo-se aos “capitães” do templo e aos “pretores” de Filipos.

²³⁸ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, 2ª ed. (revista e aumentada), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 726.

²³⁹ Luigi Bonanate, *Estratégia e Política dos Armamentos*: In: N. Bobbio, et. al. eds. **Dicionário de Política**, 6ª ed., Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília, 1994, Vol. I, p. 431.

Usei esta palavra de forma proposital para alertar a Igreja para o fato de que Satanás age contra nós como um brilhante estrategista, buscando a melhor tática para nos vencer. “A astúcia é a grande característica do diabo.”²⁴⁰ Paulo, comentando a respeito da sagacidade do diabo na sedução de Eva, diz: **“Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia (πανουργία²⁴¹: “ardil”, “truque”, “maquinação”, “trapaça”), assim também sejam corrompidas as vossas mentes (νόημα), e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo”** (2Co 11.3). Sem dúvida, a grande arma de Satanás é a sagacidade, a astúcia, a artimanha, o ardil. Isto faz com que ele aja de forma variada, tenha um repertório multiforme, sinistro de ataques. A sua força está de modo especial na sua inteligência, associada à sua perspicácia, que foram desenvolvidas através de séculos de história.

Um dos métodos de Satanás, é aproveitar a nossa distração; quando relaxamos a nossa defesa em determinado ponto, ali tornar-se-á a sua prioridade. Satanás sabe escolher e manusear com sagacidade as suas armas. Como disse Spurgeon: “Se você for um gigante, ele não vai aparecer diante de você com estilingue e uma pedra. Virá armado até os dentes para derrubá-lo.”²⁴²

Paulo fala dos “desígnios”²⁴³ de Satanás (2Co 2.11), indicando a idéia de que ele tem metas definidas, estratégias elaboradas, um programa de ação com variedades de técnicas e opções a serem aplicadas conforme as circunstâncias. Satanás “fará qualquer coisa para conseguir vantagem sobre nós, diz o apóstolo, fará qualquer coisa para derrubar-nos, para fazer-nos parecer ridículos e para pôr em desgraça o nome de Deus”.²⁴⁴ Ele emprega toda a sua “energia” para realizar os seus propósitos.

Aliás, este fato vem indicar que Satanás não é uma força impessoal; uma força não planeja, não faz tramas, nem arma ciladas; isto é próprio de um ser pessoal. O seu nome Satanás²⁴⁵ indica de fato aquilo que ele é: “o adversário”.

²⁴⁰ D.M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 75.

²⁴¹ Ocorre 5 vezes no N.T. (1c 20.23; 1Co 3.19; 2Co 4.2; 11.3; Ef 4.14).

²⁴² C. H. Spurgeon, *Um Antídoto contra os Artifícios de Satanás*: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. **Vitória sobre a Tentação**, p. 184.

²⁴³ A palavra traduzida por “*desígnio*” (νόημα) (noêma) ocorre cinco vezes no N.T., sendo utilizada apenas por Paulo (2Co 2.11; 3.14; 4.4; 10.5; 11.3; Fp 4.7), tendo o sentido de “*plano*” (Platão, **Política**, 260d), “*intenção maligna*”, “*intrigas*”, “*ardis*”. Com exceção de Filipenses 4.7, a palavra sempre é usada negativamente no N.T. Νόημα é o resultado da atividade do νοῦς (mente). (J. Behm & E. Würthwein, νοῦς, etc.: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**. Vol. IV, p. 960) “É a faculdade geral do juízo, que pode tomar decisões e pronunciar certos ou errados os veredictos, conforme as influências às quais tem sido expostas.” (J. Goetzmann, Razão: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, IV, p. 32)

²⁴⁴ D. M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 90.

²⁴⁵ N.T. (* Mc 1.13; At 26.18; 2Co 2.11; 12.7; 2Ts 2.9; 1Tm 5.15; Ap 2.9,13; 3.9).

Considerando a astúcia de Satanás, temos que admitir que ele tem um bom discernimento do tempo, do momento adequado; ele procura agir sempre na hora mais propícia para obter vantagem dentro dos seus propósitos. O Novo Testamento ilustra o que estamos dizendo: Quando Jesus sentiu fome, Satanás tenta com o pão (Mt 4.2,3); após a tentação de Jesus no deserto, Satanás se retira estrategicamente até o momento “oportuno” (καιρός)²⁴⁶ (Lc 4.13). Quando Cristo falou aos seus discípulos que era preciso que ele fosse preso e morto, Satanás, certamente considerando que este era o momento próprio, usa a Pedro – que havia acabado de confessar a Jesus como o Cristo – para tentar o Senhor (Mt 16.21-23).

Pouco mais de trinta anos depois dessa experiência, Pedro, inspirado por Deus, instrui as igrejas da Dispersão, dizendo que Satanás anda em derredor, como um leão rugindo continuamente, procurando quem possa atacar (1Pe 5.8). Ele está atento, vigilante, arquitetando seu plano para nos pegar, nos enlaçar; ele procura aperfeiçoar as suas técnicas, observa também a nossa maneira de pensar, agir e responder, verificando os nossos pontos visivelmente mais resistentes e analisando as situações mais apropriadas... Ele não tem nenhuma pressa que o conduza à afobação, sabe esperar para dar o bote, no momento que considera “oportuno”... E, se há alguma coisa que Satanás tem, é o senso de tempo, de oportunidade. Ele, como já dissemos, é um “perito” em tentar, por isso, não nos iludamos, Satanás está à espreita de forma vigilante, aguardando e propiciando as suas condições favoráveis de ataque. No Apocalipse lemos que Satanás sabe do pouco tempo que lhe resta (Ap 12.12), daí a sua urgência devoradora, que obedece sempre a sua estratégia... Quanto a nós, devemos estar atentos constantemente (1Pe 5.8), cuidando para não dar “lugar ao diabo” (Ef 4.27).

Satanás procura confundir a Igreja, usando para isto várias táticas; uma delas é semear o joio no meio do trigo, para que não saibamos quem é quem e, na pressa de distinguirmos um do outro, percamos parte do trigo e fiquemos com o joio (Mt 13.24-30; 36-43).

Analisando bíblicamente a sua maneira de agir, podemos destacar, certamente entre outros, os seguintes métodos:

1) Ele se Transforma

Paulo diz que “**o próprio Satanás se transforma em anjo de luz**” (2Co 11.14). O tempo presente do verbo, aponta para o fato de que ele se “*transforma*” (μετασχηματίζω), se mascara e disfarça frequentemente, habitualmente, fazendo parte natural de suas técnicas esta ação. Ele é um ator que se apresenta

²⁴⁶ A idéia da palavra no contexto, sugere “oportunidade”, “tempo certo”, “tempo favorável”, etc. (Vd. Mt 24.45; Mc 12.2; Lc 20.10; Jo 7.6,8; At 24.25; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15)

de várias formas, representando diversos papéis em circunstâncias diferentes: como um leão feroz, um furacão devastador, como alguém que quer nos ajudar a “encher” e “melhorar” a Igreja, a resolver mais rápido e eficazmente os nossos problemas. Neste aspecto, de modo especial, não nos iludamos com a aparência, Satanás sabe como se tornar apetecível ao nosso paladar e aos nossos desejos, por mais santos que eles sejam.

Se Satanás se apresentasse de forma repugnante ou grotesca, a sua ação seria menos eficaz pois seria mais fácil identificar as suas investidas;²⁴⁷ acontece que ele tem poder e sabedoria para saber se mostrar de uma forma mais agradável e, por isso, efetiva a cada um de nós, apresentando muitas vezes propósitos que nos parecem legítimos e nobres (1Cr 21.1,2; Mt 4.2,3; 16.21-23).

2) Arma Ciladas

Ele prepara ciladas para que, dominados por ele, façamos a sua vontade. Paulo exorta aos efésios: **“Revesti-vos de toda a armadura de Deus,²⁴⁸ para poderdes ficar firmes contra as ciladas (μεθοδέια)²⁴⁹ do diabo”** (Ef 6.11). Esta palavra envolve um “plano ou sistema deliberado”. Ela é da mesma raiz da nossa palavra “método” (μέθοδος).²⁵⁰ As ciladas de Satanás visam sempre a nos induzir ao erro. Ele, portanto, atua de forma metódica, seguindo sempre um plano para obter êxito nos seus propósitos...

Paulo, falando dos critérios necessários para o presbiterato, diz: **“É necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço (παγίς)²⁵¹ do diabo”** (1Tm 3.7). Nos laços e armadilhas preparados pelo diabo.

Falando de algumas viúvas: **“Já algumas se desviaram, seguindo a Satanás”** (1Tm 5.15); do mesmo modo quando trata da admoestação aos que se opõem ao Evangelho: **“Disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços (παγίς) do diabo, tendo sido feitos cativos por**

²⁴⁷ “... Quando Satanás nos tenta para o mal, ele não declara ser o que realmente é. Ele nada conseguiria se tivéssemos consciência de ser ele o nosso inimigo mortal e o destruidor de nossa salvação. Por isso ele sempre se cobre com algum disfarce, a fim de nos enganar e não nos revelar de imediato seus chifres, segundo o dito comum, senão que, antes, se esforça para apresentar-se um anjo de luz.” [João Calvino, **Exposição de 2 Coríntios** (2Co 11.14), p. 228]

²⁴⁸ Quanto à armadura romana e o treinamento do exército, Vd. Flavio Josefo, **La Guerras de los Judios**, Barcelona, C.I.E., [1985], Tomo I, III.3. p. 311ss.

²⁴⁹ A palavra “cilada” significa “tramas”, “ardis”, “maquinações”, “astúcia”. [* Ef. 4.14 (aqui traduzida por “induzir” (ARA); “enganar” (ARC); 6.11]

²⁵⁰ Esta não ocorre nas Escrituras.

²⁵¹ παγίς (pagis) significa “armadilha”, “rede”, “laço” [* Lc 21.34 (ARA) na ACR e BJ, no verso 35; Rm 11.9; 1Tm 3.7; 6.9; 2Tm 2.26].

ele, para cumprirem a sua vontade" (2Tm 2.25,26). Satanás visa impedir a nossa visão clara da realidade, confundindo os nossos sentidos e, assim, paralisando a nossa vontade, tornando-nos presas fáceis para a execução de seus propósitos.

Não é à toa que no Apocalipse Satanás é denominado de **"o sedutor de todo o mundo"** (Ap 12.9).

3) Age aparentemente com Boas Intenções, Usando Inclusive os Nossos Amigos

Satanás "não faz todo o serviço sujo sozinho".²⁵² Ele se apresenta muitas vezes com a "melhor" das intenções, mostrando-nos a obviedade de seus argumentos, evidenciando uma preocupação justa conosco e com a causa da verdade. Pedro, por exemplo, usado por Satanás, parecia estar com a melhor das intenções quando diz que o que Cristo falara a respeito do seu sofrimento futuro, morte e ressurreição, de modo algum ocorreria (Mt 16.21-23). Aqui parece que há um sentimento justo e piedoso de Pedro, enquanto na realidade havia, por ação satânica, uma tentativa de negar os objetivos da vinda de Cristo e o cumprimento do seu ministério.

Em outras ocasiões os judeus aparentemente desejavam ver um sinal de Jesus para poderem crer, no entanto era apenas uma sutileza para tentar a Cristo (Mt 16.1-4).

4) Tenta

Como já comentei sobre este assunto, limitar-me-ei apenas a indicar alguns textos bíblicos que se referem a esta ação do diabo. Paulo o chama de **"o tentador"** (1Ts 3.5). Portanto quando ele tentou continuamente a Jesus no deserto (Mc 1.13; Lc 4.2), fez o que lhe é próprio. A sua tentação visa a nos afastar da Palavra de Deus, fazer-nos esquecer os seus princípios, enveredando pelo desvio do pecado. Todavia, a Palavra nos diz que o Senhor nos sustenta na tentação para que não caiamos (1Co 10.13; Hb 2.18).

5) Falsifica os Dons, Faz Milagres e Sinais

Como temos visto, Satanás é um imitador de Deus; ele procura produzir obras semelhantes às de Deus, a fim de confundir os homens, deixando-nos desorientados.²⁵³ Satanás também procura criar em nossas mentes uma valorização demasiada do sinal, a fim de manter-nos presos a isso, não conseguindo

²⁵² C. H. Spurgeon, Um Antídoto contra os Artifícios de Satanás: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. **Vitória sobre a Tentação**, p. 184.

²⁵³ "Não me passa despercebido que Satanás é em muitos aspectos um imitador de Deus, a fim de, mediante enganosa similaridade, melhor insinuar-se à mente dos simplices." (J. Calvino, **As Institutas**, I.8.2)

enxergar o valor de tudo o mais. Paulo escreve sobre este ponto: **“Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia (ἐνέργεια)²⁵⁴ de Satanás, com todo poder (δύναμις),²⁵⁵ e sinais (σημεῖον)²⁵⁶ e prodígios (τέρας)²⁵⁷**

²⁵⁴ Satanás atua de forma eficaz na consecução dos seus objetivos: ἐνέργεια (energia) – “trabalho efetivo” –, de onde vem a nossa palavra “energia”, passando pelo latim, “*energia*”. Esse substantivo é empregado tanto para Deus (Ef 3.7; 4.16; Fp 3.21; Cl 1.29; 2.12) como para Satanás (2Ts 2.9). Estando este subordinado à ἐνέργεια de Deus (2Ts 2.11). Ἐνέργεια e seus derivados, no N.T., descreve sempre um poder eficaz em atividade sobre-humana, por meio da qual a natureza de quem a exerce se revela. (Vd. W. Barclay, **Palavras-Chaves do Novo Testamento**, pp. 51-57).

²⁵⁵ Satanás atua com “poder”, “força”, “habilidade” (Vd. a palavra “capacidade” em Mt 25.15 e “força” em 2Co 1.8).

²⁵⁶ A palavra indica uma marca ou sinal indicativo pelo qual alguma coisa é identificada; aponta para outra coisa cujo significado parece obscuro. Esta palavra é usada para referir-se aos *milagres divinos*: (Mt 12.38,39; 16.1,4; Mc 8.11,12; 16.17,20; Lc 11.16; Jo 2.11) e de *Satanás e seus mensageiros*: (Mt 24.24; Mc 13.22; 2Ts 2.9; Ap 13.13,14; 16.14; 19.20). Os discípulos querem um sinal da vinda de Cristo (Mt 24.3; 24.30; Mc 13.4), o beijo traidor de Judas serviu como sinal (Mt 26.48); a criança nascida em Belém era um sinal do nascimento do Messias (Lc 2.12); Simeão diz que Jesus será “alvo” (σημεῖον) de contradição (Lc 2.34). Jonas foi um sinal para o ninivitas e Jesus era para a sua geração (Lc 11.29,30). Herodes queria ver Jesus realizar algum sinal (Lc 23.8); os judeus queriam um sinal de Jesus que atestasse a sua autoridade (Jo 2.13-18; 3.2; 6.14; 6.30); muitos creram por meio de seus sinais (Jo 2.23; 4.48; 6.2; 7.31). Todavia, outros estavam mais preocupados com o pão (Jo 6.26), e outros, ainda que vendo os sinais, não creram (Jo 12.37); contudo gostavam de ver sinais (Mt 16.1; 1Co 1.22). Os sinais de Jesus deixavam confusos os judeus e amedrontadas as autoridades (Jo 9.16; 11.47,48). João diz que Jesus fez “muitos outros sinais”, contudo estes foram registrados para que os homens cressem (Jo 20.30,31; 1Jb 2.3,4). João Batista não fez sinal, contudo, tudo que disse era verdade (Jo 10.41). Os apóstolos também realizaram sinais (At 2.43; 4.16; 5.12) reconhecendo que estes eram obra de Deus (At 4.30; 14.3; 15.12). Estevão, Filipe, Paulo e Barnabé, do mesmo modo, operaram sinais (At 6.8; 8.13; 14.3; 15.12; Rm 15.19). Os sinais se constituíam num dos elementos que credenciavam o apóstolo (2Co 12.12). Resumindo: os sinais de Cristo nunca eram praticados com fins egoístas ou, com o propósito de se mostrar aos seus ouvintes. Na realidade vimos sempre o propósito de glorificar a Deus, relacionar de forma fundamental a base sobrenatural da revelação e, também, satisfazer e aliviar as necessidades humanas. (Quanto a maiores detalhes sobre esta palavra. Vd. K.R. Rengstorf, σημεῖον, etc.: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. VII, pp. 200-269; O. Hofius, Milagre: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Vol. III, pp. 169-174; Richard C. Trench, **Synonyms of the New Testament**, pp. 339-344; Richard C. Trench, **Notes on The Miracles of Our Lord**, London: Kegan Paul, Trench, Trübner, & Co. Ltd., 1911, p. 2ss.)

²⁵⁷ A palavra indica algo que é maravilhoso, prodigioso, causa assombro, é estarrecedor; é aquilo que desperta a atenção, sendo guardado na memória. Satanás também usa deste recurso para enganar, se possível os eleitos [Mt 24.24 (Mc 13.22); 2Ts 2.9]; Jesus, além de sinais, operou prodígios (At 2.22); do mesmo modo os apóstolos (At 2.43; 5.12), os quais reconheciam ser isto obra de Deus (At 4.30; 14.3). Estevão, Paulo e Barnabé também realizaram prodígios (At 6.8; 14.3; 15.12). Assim como os “sinais”, os “prodígios” se constituíam num dos elementos que credenciavam o apóstolo (2Co 12.12). Eles tinham uma função de confirmar o anúncio da salvação (Hb 2.3,4). (Quanto a maiores detalhes sobre esta palavra, Vd. O. Hofius, Milagre: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Vol. III, p. 175; K.R. Rengstorf, τέρας: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. VIII, pp. 113-126; Richard C. Trench, **Synonyms of the New Testament**, pp. 339-344; Richard C. Trench, **Notes on The Miracles of Our Lord**, p. 2ss.)

da mentira" (2Ts 2.9). Neste texto fica claro que Satanás se vale de todos os recursos a ele disponíveis, contudo, como não poderia ser diferente, amparado na "*mentira*", já que ele é seu pai (Jo 8.44).

Jesus advertiu aos seus discípulos: "**Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais (σημείων) e prodígios (τέρας) para enganar, se possível, os próprios eleitos**" (Mt 24.24).

No final dos tempos, quando Cristo voltar em glória, muitos homens se apresentarão diante dele, dizendo terem feito milagres e sinais em seu nome, entretanto, apesar de tais sinais terem ocorrido, não foram operados por Cristo, conforme alegado, mas, sim, pelo "**espírito de demônios**" (Vd. Ap 16.14). Assim Jesus narra o episódio profético: "**Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres (δύναμις)? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade**" (Mt 7.21-23). Jesus Cristo declara que nunca os reconheceu como seus discípulos; em momento algum manteve com eles uma relação afetiva (Vd. Êx 7.22; 8.7,18).

6) Insinua

Satanás não diz diretamente algo a nós, mas dá a entender, induz, sugere uma idéia. Ele nos faz pensar de uma forma equivocada, dando-nos a impressão de que agora, de fato, descobrimos a verdade...

A Eva, ele diz: "**É assim que Deus disse: não comereis de toda árvore do jardim?**" (Gn 3.1). Ora, Deus não tinha dito isto; ao contrário; de toda a árvore o homem poderia comer, exceto uma: a árvore do conhecimento do bem e do mal. No entanto, usando palavras semelhantes ele diz coisas bem diferentes. Na insinuação satânica havia a tentativa de dizer que Deus era mentiroso e que portanto não deveria ser obedecido. Eva cedeu; duvidou da Palavra de Deus e conseqüentemente do Deus da Palavra.

A Jesus, com fome no deserto, ele usa da mesma estratégia, dizendo: "**Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pão**" (Mt 4.3).

O seu desejo é fazer com que Jesus duvide da sua filiação divina ou que tente prová-la, sucumbindo assim, à tentação. Aliás este foi um desafio comum a Jesus Cristo: usar de seu poder eterno para fazer o que desejasse; no entanto, em tudo ele se submeteu ao Pai conforme o pacto eterno (Mt 26.29; Jo 8.28, 29,42; 17.1-6).

Não satisfeito com a resposta de Jesus, Satanás continua: **“Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito; que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra”** (Mt 4.6).

Satanás continua usando desta mesma estratégia para nos fazer pecar, nos distanciar de Deus. Ele pode insinuar para nós que se crermos no Evangelho e nos fizermos cristãos, as pessoas vão rir de nós, vamos estragar a nossa carreira, dividir o nosso lar, etc. Ele pode nos induzir a pensar que os princípios bíblicos serviram apenas para aquela época, que hoje já não têm valor; que a Palavra não tem nada a dizer para o nosso problema específico. Satanás seduz e insinua...

Na insinuação diabólica há sempre uma tentativa de mostrar que o nosso caminho, a nossa opção é a melhor; a sua proposta sempre se configurará como a mais lógica e atraente. A desobediência a Deus de fato é, com frequência, o caminho que nos parece mais objetivo e prático, além de encontrarmos uma inclinação natural para ele... No entanto, a vontade de Deus para nós é que resistamos a estas tentações e continuemos crendo em Deus e na sua Palavra, seguindo a rota proposta; o caminho de vida por ele traçado para nós...

A heresia normalmente surge assim: Satanás, que cita a Palavra de Deus,²⁵⁸ insinua que há algo mais profundo e rápido do que o árduo estudo das Escrituras; ele propicia “revelações especiais”, sonhos, “luz interior”... Ele nos diz que por estes meios podemos chegar a conhecer mais do que todos os homens... Que finalmente descobrimos o “método” de Deus para o nosso “crescimento espiritual”, para adquirir uma visão mais abrangente do mundo que nos circunda...

Com este propósito ele também age por meio de falsos mestres, dizendo-nos que pode nos levar à verdade plena... Foi isto que ocorreu na Igreja de Corinto: os falsos mestres usados por Satanás fizeram muitos crentes acreditarem que o apóstolo Paulo era desprezível, portanto, não poderia dar-lhes ensinamento profundo... Nós sabemos quanto sofrimento isto trouxe à Igreja e a Paulo; quanta dor e desvios doutrinários e conseqüentemente um distanciamento de Deus. Satanás sempre objetiva nos afastar de Deus e, quando damos crédito às suas insinuações, ele consegue o seu objetivo.

7) Mente e Conduz à Mentira

A insinuação de Satanás é por si só mentirosa. Todavia, Jesus Cristo nos diz que Satanás é **“pai da mentira”** (Jo 8.44).

²⁵⁸ Bonhoeffer, com argúcia, disse que “Também Satanás sabe empregar a Palavra de Deus como arma na luta.” (D. Bonhoeffer, **Tentação**, p. 52).

Pedro diz que Ananias e Safira mentiram induzidos pelo próprio Satanás; Pedro, por meio de uma pergunta, faz a seguinte declaração: **“Ananias, por que encheu (πληρώω) Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo....?”** (At 5.3). Satanás procura nos influenciar para que realizemos a sua vontade homicida (Jo 8.44). Ele nos diz: “Uma mentira à toa não prejudica ninguém”; “o que importa é o seu nobre propósito”; assim ele vai abrindo a nossa defesa, infiltrando-se, tornando cada concessão nossa num ponto de referência para outras e outras... Não há mais limites; Satanás acrescenta: “Você pode usar melhor o dinheiro do dízimo: pense no que você compraria com esta quantia... Deus não vai ligar se você usar este dinheiro para adiantar a sua construção, trocar de carro, afinal o seu carro está um ‘lixo’; compre uma roupa nova para o seu filho que está precisando”, “ajude um missionário ou as obras sociais, a sua igreja não precisa do seu dinheiro”, etc. Ele nos insinua mentiras conduzindo-nos a um pensamento errôneo, que nos distancia de Deus e da sua Palavra. Quando percebemos estamos repletos de “argumentos” para justificar as nossas ações, arranjando explicações para nós mesmos, que nem a nós convencem...

Sproul analisando os efeitos da mentira, diz: “A mentira foi o veneno que transformou a justiça original no pecado original”.²⁵⁹

8) Lança Dúvidas

Antes de prosseguirmos nesse estudo, é necessário dizer que a dúvida não é necessariamente má; é preciso que cultivemos uma boa dose de dúvida para que não sejamos conduzidos por todas as insinuações malignas e por credices das mais diversas que surgem por toda parte. A “*dúvida metódica*”, que foi exposta tão bem por Descartes (1596-1650), representa uma “atitude mental” com relação a qualquer objeto de estudo. Esta dúvida é provisória, pois duvida de tudo preliminarmente a fim de dissolver os pressupostos que podem prejudicar a apreciação imparcial de um objeto; assim, todos os dados, mesmo os tidos como verdadeiros, são submetidos a uma análise crítica.

O problema está em que Satanás procura tirar a certeza que temos alicerçada na Palavra de Deus, para que titubeemos em nossa fé, abrindo, assim, uma brecha para a sua ação mais efetiva.

A Eva – que já citara truncadamente a palavra de Deus –, diz ele: **“É certo que não morrerás. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”** (Gn 3.4,5). No entanto, não há outra recomendação bíblica além da resistência ao maligno. “O engano, diz Kromminga, desempenha um papel im-

²⁵⁹ R. C. Sproul, dizer a verdade: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. **Vitória sobre a Tentação**, p. 120.

portante na tentação satânica. Satanás evita fazer um ataque frontal contra o mandamento probatório de Deus e as respectivas temidas penas. Em vez disso, planta a semente da dúvida, da discórdia e da rebelião.”²⁶⁰ O resto Satanás deixa por nossa conta, deixa que a nossa imaginação pecaminosa fermenta a sua insinuação, adicionando outros elementos no decorrer do tempo.²⁶¹ Uma das formas sutis de incorreremos nesta tentação é começarmos a duvidar das promessas de Deus, do seu amor, misericórdia e perdão, caindo assim num desespero que nos conduz fatalmente a nos distanciarmos ainda mais de Deus.²⁶²

Conforme já vimos, Jesus quando declarou que era preciso que ele sofresse muitas coisas dos anciãos, sacerdotes e escribas, fosse morto e ressuscitasse, Pedro, que acabara de confessar ser Jesus o Cristo, é usado por Satanás para lançar dúvidas na dolorosa, porém verdadeira, certeza que Cristo tinha (Mt 16.22,23). Percebam a astúcia de Satanás, como ele age: Jesus começou naquele momento a falar aos seus discípulos dos seus sofrimentos futuros, morte e ressurreição, e Satanás, em ato contínuo, usa justamente a Pedro, aquele que confessara o seu senhorio, para tentá-lo. Notemos ainda mais: quem num momento de consciência de esperada dor, não gostaria de uma palavra de conforto, de alguém que nos dissesse: “*Não é bem assim, você está exagerando, nada disso vai acontecer...*”? Por certo todos nós! Entretanto, o que Pedro estava fazendo era questionar a missão eterna do Filho, a sua onisciência, a consciência da sua missão de “servo sofredor”. Jesus, quando disse o que lhe aconteceria, não procurava conforto ou esquiva; ele apenas declarou o que sabia desde a eternidade que lhe aconteceria quando voluntariamente viesse entregar a sua vida em favor do seu povo; para isso ele veio e se entregou. (Jo 10.17,18; Gl 1.4; 2.20).

A ousadia de Satanás neste episódio é tremendamente eloqüente, e podemos aqui ter uma noção de quão astuto ele é na utilização dos mais variados recursos. No entanto Cristo o repreendeu, não se deixando conduzir por esta ação maligna.

9) Vela o Nosso Entendimento

Lloyd-Jones (1899-1981) expressou bem esta questão, dizendo: “A mente é o dom mais elevado do homem e, por isso, o diabo concentra os seus ataques nas mentes dos homens”.²⁶³ De fato, Satanás com os seus “desígnios”

²⁶⁰ C.G. Kromminga, Tentação: In: Walter A. Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, III, p. 444.

²⁶¹ Vd. L. Berkhof, **Teologia Sistemática**, p. 224.

²⁶² Vd. John MacArthur, Jr., **Cómo Enfrentar a Satanás**, pp. 83,84.

²⁶³ D.M. Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, p. 76.

(2Co 2.11) direciona o seu poder de modo especial sobre as nossas mentes. Esta ação é notória entre aqueles que ainda não conhecem a Cristo. Para que não entendam a Palavra de Deus, Satanás age obscurecendo o seu entendimento. Paulo diz que **“... O deus deste século cegou os entendimentos (νόημα) dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”** (2Co 4.4). (Vd. também: Ef 4.17,18; Cl 1.21). “Satanás jamais descansa enquanto não envida esforço para obscurecer com suas mentiras, a santa doutrina de Cristo...”²⁶⁴

Aos judeus que não entendiam a mensagem de Cristo, ele diz: **“Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem (λαλιό)?²⁶⁵ É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra (λόγος).²⁶⁶ Vós sois do diabo que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos (...). Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não me dais ouvidos, porque não sois de Deus”** (Jo 8.43,44,47).

A insensibilidade de seus ouvintes não estava ligada à suposta obscuridade da mensagem de Cristo ou à sua linguagem, mas sim à incapacidade espiritual de seus ouvintes de entenderem o que Jesus lhes falara; havia um clima de total má vontade e descaso para com o Evangelho por ele anunciado. No entanto, aqueles que são de Deus ouvem a Palavra de Deus, entendem salvadoramente a sua mensagem e portanto são salvos (Jo 6.45,46;10.27-29).

10) Deturpa a Palavra de Deus

Há muitas pessoas que sabem citar de memória, com grande facilidade, trechos das Escrituras. Algumas destas pessoas fazem isto fora de contexto, isolando a passagem bíblica, negando justamente o que o texto citado quer dizer... Foi precisamente isto que Satanás fez com Eva e agiu do mesmo modo com Cristo.

No livro de Gênesis, encontramos o registro da ordem de Deus dada a Adão: **“De toda árvore comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”** (Gn 2.16,17). Quando Satanás se depara com uma ocasião propícia para os seus intentos, diz a Eva: **“É assim que Deus disse: Não comerás de toda árvore do jardim? (...). É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele [fruto] comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”** (Gn 3.1,4,5).

²⁶⁴ J. Calvino, Efésios, (Ef 4.14), p. 129.

²⁶⁵ Λαλιό (lalia) (* Mt 26.73; Jo 4.42; 8.43), parece indicar, mais do que o “*dialeto*”, a estrutura do pensamento de Jesus; eles não conseguiam acompanhar o seu raciocínio.

²⁶⁶ Aqui significa a mensagem em si, o seu conteúdo.

Com Jesus, Satanás tenta fazer a mesma coisa, citando truncadamente o Salmo 91.11,12, para que ele, cedendo à tentação, dissesse algo como isto: *“Eu sou o Filho de Deus e vou provar isso...”*.

Através da História, esta tem sido uma das estratégias preferidas de Satanás: deturpar a Palavra de Deus. Quantas heresias surgiram e continuam surgindo, supostamente baseadas em textos bíblicos! O homem moderno, falando da possibilidade de “uma leitura diferente das Escrituras”, tem ensinado aberrações antibíblicas.

A maior parte das heresias tem em sua esfera trechos isolados das Escrituras que parecem ensinar algo de novo e arrebatador, ainda não percebido antes; no entanto, quando vamos analisar o fundamento destas “interpretações” percebemos o quão diferente é da verdade bíblica. Satanás usa com eficiência esta técnica: fazer-nos crer que o que ensinamos ou gostamos tem amparo bíblico; assim, usamos de uma “interpretação” para justificar e propagar os nossos pensamentos pecaminosos. Há pessoas que negam a divindade de Cristo pela Bíblia; outros que fundamentam o adultério, a poligamia, o espiritismo, a adoração de anjos, etc., também supostamente pela Bíblia...

Satanás atua ousadamente visando a nos fornecer um sentido errôneo das Escrituras, a fim de que nós não conheçamos o Senhor da Palavra e, modelemos o nosso comportamento pela perspectiva equivocada que “adquirimos” da Palavra. Por isso precisamos estar vigilantes para que não sejamos seduzidos pela astúcia do inimigo que sabe agir com sutileza, empregando até mesmo as Escrituras para nos fornecer uma perspectiva errada de Deus e dos seus ensinamentos.

11) Ensina Falsas Doutrinas para que os Homens Apostatem da Fé

Como os irmãos já devem ter percebido, o alvo constante de Satanás é a Palavra de Deus. Ele procura tirá-la de nós, ou, senão, dar-nos uma visão distorcida do seu teor. Como bem disse Bonhoeffer (1906-1945): “A fraude, a mentira do diabo consiste na sua tentativa de fazer o homem acreditar que poderia viver sem a Palavra de Deus”.²⁶⁷

Agora veremos que, em ato simultâneo, Satanás, para nos afastar de Deus e da sua Palavra, promove o ensino de heresias: **“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios”**, escreve Paulo (1Tm 4.1).

Posteriormente, João escreveu: **“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora”** (1Jo 4.1).

²⁶⁷ D. Bonhoeffer, *Tentação*, p. 60.

Pela advertência de João, observamos três coisas:

- a) já no primeiro século Satanás usava do expediente de promover o ensino de heresias;
- b) esses falsos profetas procuravam parecer com os mestres cristãos ou tinham algumas semelhanças;
- c) é possível distingui-los por meio de uma prova.

O próprio João nos dá a chave para distingui-los: **“Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo”** (1Jo 4.1-6).

Foi com o espírito do “anticristo” que surgiu, já no primeiro século,²⁶⁸ uma heresia sustentada, com diversas variantes, por um grupo extremamente “amorfo”,²⁶⁹ conhecido como “gnóstico”, nome derivado do grego γνῶσις, “conhecimento”. Os gnósticos pretendiam ter um conhecimento esotérico, secreto e especulativo de Deus. Na busca de um conhecimento maior, o gnosticismo se caracterizava por ser altamente especulativo, fazendo um sincretismo de elementos gregos, judeus, cristãos e orientais, buscando uma explicação peculiar para a origem do mal. Irineu (c. 130-c. 200) os retrata como hereges que corromperam a doutrina cristã mesclando-a com a filosofia pagã.²⁷⁰

Uma das preocupações dominantes nos sistemas gnósticos era com a questão da dualidade, caracterizada pela miséria e futilidade da vida humana neste mundo: vida aprisionada pelo corpo material, e o contraste com a ordem superior, inteiramente espiritual, que não se comunica com a matéria.

A matéria é má, e Deus, o Pai supremo (Bythos), é o Éon perfeito; por isso, Deus não pode ter criado o mundo; “o que Deus fez foi lançar uma série de emanações [30].²⁷¹ Cada uma destas emanações distanciou-se mais de Deus, até que por último houve uma emanação tão distante que pôde tocar a matéria. Esta emanação [Demiurgo, identificado como o Deus do Antigo Testamento] foi a que criou o mundo (...). Os gnósticos sustentavam que cada emanação

²⁶⁸ Há um certo consenso por parte dos Pais da Igreja em atribuírem a Simão, o mágico (At 8.9ss), a origem do gnosticismo (Vd. por exemplo, Irineu, **Irineu de Lião**, São Paulo, Paulus, 1995, 1.23.2. p. 99s.); todavia, nos detalhes são divergentes, em virtude da variedade de grupos gnósticos. (Vd. J.N.D. Kelly, **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**, São Paulo, Vida Nova, 1983, p. 16ss; B. Hägglund, **História da Teologia**, Porto Alegre, RS, Concórdia, 1973, p. 27)

²⁶⁹ Conforme expressão de C.H. Dodd, **A Interpretação do Quarto Evangelho**, São Paulo, Paulinas, 1977, p. 134 e de J.N.D. Kelly, **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**, p. 16. Do mesmo modo entende, A.F. Walls, **Gnosticismo**: In: J.D. Douglas, editor org. **O Novo Dicionário da Bíblia**, II, p. 674.

²⁷⁰ Irineu, **Irineu de Lião**, II.14.1. p. 161ss

²⁷¹ Irineu, **Irineu de Lião**, I.1.3. p. 33.

conhecia cada vez menos a Deus, até chegar a um ponto que as emanções não só ignoravam a Deus senão que lhe eram hostis. Assim chegaram, finalmente, à conclusão de que o deus criador não só era distinto do Deus verdadeiro, senão que o ignorava e lhe era ativamente hostil.²⁷²

Para os gnósticos, Deus (Bythos) não tinha nada a ver com este universo, daí, possivelmente, a afirmação de João: **“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”** (Jo 1.3).

Márcion (? – c. 165), o herege de Sinope²⁷³ – cujos ensinamentos perderam no Oriente até o século VII –, ainda que sustentasse alguns conceitos gnósticos, ensinando também a idéia de dois deuses, diferentemente do “gnosticismo tradicional”, não identificou o “Demiurgo” como o autor do mal.²⁷⁴

A respeito da pessoa de Cristo, havia dentro do gnosticismo uma variedade de idéias, a saber:

a) Jesus era uma das trinta emanções “aeons” do Deus bom “Bythos”, emitidas para entrar em contato com a matéria que é má. Assim sendo, Jesus não é divino, é apenas uma espécie de semideus, uma entidade entre Deus e os homens.

b) Jesus não tinha corpo real, visto que a matéria é má; deste modo, ele era uma espécie de fantasma, sem carne e sangue reais. Jesus parecia homem mas não era (*docetismo*),²⁷⁵ o filho de Deus, que era real, apenas usava o Jesus humano como meio de expressão; a encarnação, portanto, era apenas uma ilusão.²⁷⁶ Por trás deste conceito, estava a concepção de que Deus não pode

²⁷² William Barclay, **Juan I**, p. 20. Para uma descrição mais detalhada deste processo de emanções, vejam-se: J.N.D. Kelly, **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**, p. 17ss; B. Häggglund, **História da Teologia**, pp. 29,30; L. Berkhof, **História das Doutrinas Cristãs**, São Paulo, PIS, 1992, pp. 45-47.

²⁷³ A respeito de seus ensinamentos, Vd. Irincu, **Irineu de Lião**, 1.27.2-4. pp. 109.110; Justino de Roma, **I Apologia**, São Paulo, Paulus, 1995, 58, pp. 73,74.

²⁷⁴ Vd. J.N.D. Kelly, **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**, p. 42; Márcion: In: R.N. Champlin & João M. Bentes, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, São Paulo, Editora e Distribuidora Candeia, 1991, Vol. 4, pp. 119-121; A. Skevington Wod, **Marcionitas**: In: E.F. Harrison, ed. **Diccionario de Teologia**, p. 333; L. Berkhof, **História das Doutrinas Cristãs**, pp. 49,50. “Márcion não foi um Gnóstico verdadeiro ou típico a despeito do seu dualismo e docetismo.” (John Knox, Marcion: In: Harry S. Ashmore, Editor in Chief. **Encyclopaedia Britannica**, Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc., 1962, Vol. 14, p. 868a) No entanto, ele foi o “teólogo mais proeminente a popularizar uma cristologia docética.” (Carl E. Braaten, **A Pessoa de Jesus Cristo**: In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson, eds. **Dogmática Cristã**, São Leopoldo, RS. Sinodal, 1990, Vol. I, p. 485).

²⁷⁵ Como sabemos este nome é derivado do verbo grego δοκέω: “parecer”. Este ensinamento foi primariamente difundido por volta do ano 85 por Cerinto, natural de Alexandria, discípulo de Filon.

²⁷⁶ Vd. M.C. Tenney, **Docetismo**: In: E.F. Harrison, ed. **Diccionario de Teologia**, p. 175; **Docetismo**: In: R.N. Champlin & João M. Bentes, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, II, pp. 203-205; J.N.D. Kelly, **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**, pp. 104-105.

sofrer; logo, se Cristo sofreu, ele não era Deus; e se ele era Deus, não poderia sofrer. Então, o sofrimento de Cristo teria sido apenas na aparência, não real. Inácio, bispo de Antioquia, no início do segundo século (c. 110) combateu ferreamente o docetismo, afirmando a divindade e a humanidade de Cristo.²⁷⁷ Do mesmo modo, Policarpo (c. 75- c.160), bispo de Esmirna, escreve aos filipenses: “Qualquer que não confesse que Jesus Cristo veio em carne, é um anticristo. E quem não confessa o testemunho da cruz, é do diabo.”²⁷⁸

Alguns diziam que quando ele andava, não deixava pegadas, porque seu corpo não tinha peso nem substância.²⁷⁹

c) Jesus era um homem comum que foi usado pelo Espírito de Deus e abandonado no Calvário, não havendo de fato encarnação.

João, de modo especial, combateu este tipo de conceito em seus escritos (Vd. Jo 1.14; 20.31; Cl 1.19; 2.9; 1Jo 2.22; 4.1-3,15; 5.1,5,6; 2Jo 7).

Satanás atua nos instigando contra a verdade de Cristo: foi isto o que ele fez com Judas Iscariotes. Nas narrativas de Lucas e João esta estratégia fica evidente: **“Ora, Satanás entrou em Judas chamado Iscariotes, que era um dos doze. Ele foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães de como lhes entregaria a Jesus”** (Lc 22.3,4). João, inspirado por Deus, interpreta: **“Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus”** (Jo 13.2).

É preciso que redobremos o nosso cuidado quanto a esta armadilha; para isto faz-se necessário que aprendamos a subordinar a nossa inteligência a Deus e à sua Palavra²⁸⁰; não creiamos nem divulguemos ensinamentos que nos chegam, simplesmente porque são “agradáveis” ou porque quem nos ensinou falou com “convicção”, “simpatia” ou “emoção”. É necessário que confrontemos todas as doutrinas com a Palavra de Deus; é ela e somente ela, pela iluminação do Espírito que pode nos fornecer segurança para interpretar a realidade e a veracidade de toda doutrina.

²⁷⁷ Vd. Suas Cartas: **Aos Efésios**, 7,18,19,20; **Aos Magnésios**, 11; **Aos Tralianos**, 9; **Aos Esmirnenses**, 1-3, 7. (Vd. a coleção de Cartas In: **Cartas de Santo Inácio de Antioquia**, 3ª ed., Petrópolis, RJ. Vozes, 1984) Devemos mencionar que apesar de Inácio combater os “docetas”, este nome só iria aparecer como designação deste tipo de pensamento por volta do ano 200, em Serapião, que denomina este grupo de Δοκῆτες (dokêtas). (Cf. Eusébio, **HE**, VI.12.6)

²⁷⁸ Polycarp, **The Epistle of Polycarp to the Philippians**, VII. In: Alexander Roberts & James Donaldson, eds. **The Ante-Nicene Fathers**, 2ª ed. Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1995, Vol. 1, p. 34. (Doravante, citado como **ANF**). Quanto a um testemunho antigo sobre o procedimento de Policarpo, Vd. Irineu, **Irineu de Lião**, III. 1.3, pp. 251, 252.

²⁷⁹ Notemos que nem todo “docetismo” era gnóstico, no entanto, como este era uma das características do gnosticismo, os termos foram identificados.

²⁸⁰ “Quanto tem avançado aquele homem que tem aprendido a não pertencer-se a si mesmo, nem a ser governado por sua própria razão, mas que rende e submete sua mente a Deus!” (João Calvino, **A Verdadeira Vida Cristã**, São Paulo, Novo Século, 2000, p. 30).

A Palavra e somente a Palavra é o solo do qual brota, pelo Espírito, a genuína fé; é somente na Palavra que devemos buscar o nosso alimento e consolo. Deus se comunica conosco através da Sua Palavra, não por “experiências” místicas.²⁸¹ Não é à toa que Satanás esforça-se tanto por nos distrair da Palavra fazendo-nos olhar em direções diferentes e com promessas sempre “fantásticas”. Apeguemo-nos, portanto, à Palavra de Deus!

12) Engana

Esta ação maligna está inserida dentro das demais, visto que Satanás nada mais faz do que mentir e enganar com o fim de conduzir os homens dentro de seus propósitos pecaminosos.

Paulo, interpretando a tentação de Adão e Eva, diz o seguinte: “... A serpente enganou (ἐξαπατάω) a Eva com a sua astúcia” (2Co 11.3); novamente: “A mulher, sendo enganada, (ἐξαπατάω) caiu em transgressão” (1Tm 2.14).

A palavra grega²⁸² tem o sentido de enganar completamente, conseguindo totalmente o seu objetivo; deste modo, Eva, segundo o texto nos diz, foi completamente enganada por Satanás; assim, quando ela cede à tentação, está plenamente convencida de que o que faz é certo. Daqui, podemos concluir que a certeza subjetiva não significa a correta interpretação dos fatos.

O pecado é enganoso, dando-nos a impressão, num primeiro momento, de plena e completa satisfação; ele tende a satisfazer os nossos desejos mais imediatos, muitos dos quais até legítimos – ainda que nem sempre –; no entanto, fornece-nos caminhos que conflitam com a Palavra de Deus, que nos conduzem ao fracasso ou à perda da oportunidade de nosso amadurecimento, da lapidação do nosso caráter e vida espiritual.

O pecado também nos indispõe contra a Palavra de Deus, tornando-nos insensíveis aos seus ensinamentos, avessos às advertências divinas, fazendo-nos, com frequência, arrogantes, nos julgando auto-suficientes, contentando-nos com os prazeres passageiros desta vida, distanciando-nos de Deus e da sua Lei. Daí o escritor de Hebreus orientar a Igreja: “... Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado” (Hb 3.13).

13) Estimula a Nossa Arrogância

O cronista relata: “Então Satanás se levantou contra Israel, e incitou a Davi a levantar o censo de Israel” (1Cr 21.1).

²⁸¹ Vd. John MacArthur, Jr., *Cómo Enfrentar a Satanás*, p. 86.

²⁸² ἐξαπατάω (exapataō) (* Rm 7.11; 16.18; 1Co 3.18; 2Co 11.3; 2Ts 2.3; 1Tm 2.14).

Davi havia obtido grandes vitórias, vencendo inclusive os gigantes de Gate. Agora, Satanás estimula Davi a fazer o censo, a se envaidecer com a grandeza do seu reino, a verificar o seu poder... Satanás sabe como ninguém tocar “as teclas do nosso orgulho”. Ele age com muita frequência deste modo, apresentando-nos perspectivas que favoreçam o nosso “perfil”, que nos façam sentir bem e, para tudo isso, é até capaz de nos mostrar uma “motivação evangélica”, citando se for preciso, algum texto bíblico (Não foi assim que ele agiu com Jesus?). A arrogância é destruidora porque, na fase inicial, ela aparece acompanhada de uma “visão realista” das coisas; no entanto, com o passar do tempo, começamos a nos agradar daquela posição confortável na qual nos encontramos e, de repente, Deus parece ser apenas um detalhe convalidador dos nossos desejos e projetos... Na realidade, quando isto se dá, sem percebermos, já estamos extremamente longe de Deus. Por isso é preciso cuidado contra mais esta cilada do diabo.

Satanás age deste modo, com muita frequência, nos novos na fé. Alguém recém-convertido começa a assumir a liderança rapidamente, está sempre disposto para realizar os trabalhos da Igreja, é “pau para toda obra”; depois, quando chega a época de eleger oficial para a Igreja, ele é justamente eleito pela congregação, que vê neste homem um modelo de virtude, trabalho e dedicação... Quando isto acontece, Satanás procura arrefecer esta pessoa pelo orgulho, fazendo-o olhar a sua “ascensão espiritual” na Igreja, a criticar os outros irmãos que parecem não ter “evoluído” tanto como ele. Tal pessoa está trilhando um caminho altamente perigoso e não sabe; Satanás o está enleando pelo orgulho e arrogância.

Paulo, orientando a Timóteo sobre os requisitos para o presbiterato, diz: **“Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo”** (1Tm 3.6,7).

Lloyd-Jones (1899-1981) escreveu:

“O orgulho, manipulado pelo diabo, leva ao ciúme, à inveja, ao ressentimento por não estarmos sendo apreciados e alguém estar sendo posto adiante de nós. Deste modo o diabo pode derrubar uma igreja ou comunidade; e isto tem sido feito muitas vezes.”²⁸³

Pedro, autoconfiante, alertado por Cristo quanto às pretensões de Satanás, diz: **“Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como para a morte”** (Lc 22.32). Pedro estava falando sinceramente; contudo, estava enganado. Horas depois ele negaria a Cristo três vezes, conforme o Senhor

²⁸³ D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, p. 83.

lhe dissera que faria (Lc 22.54ss). O resultado imediato foi a sua tristeza e arrependimento (Lc 22.62).

Devemos estar atentos, não nos deixando iludir pela “certeza” de que “comigo isto jamais acontecerá”, pois, quando assim pensamos, abrimos uma brecha para a tentação, fruto do nosso excesso de autoconfiança. “A melhor oportunidade da tentação é o excesso de confiança em nós mesmos. Devemos vigiar nossos pontos débeis e nossos pontos fortes.”²⁸⁴

14) Estimula o Ódio

Satanás promove a injustiça e a inimizade. Ele procura disseminar relações injustas e ódios entre as pessoas, especialmente dentro da Igreja, para que deste modo possa conseguir o seu intento. O seu desejo é nos ver odiando uns aos outros, nos destruindo, criando uma atmosfera de indisposição recíproca. Para este mister, Satanás se vale de seus servos, visto que são ética e espiritualmente seus filhos, a fim de disseminar o ódio entre o povo de Deus. **“Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, também aquele que não ama a seu irmão”** (1Jo 3.10).

Por isso, ao menor sinal de inimizade em nosso meio, devemos procurar solucionar o problema, não deixando que nenhuma raiz de amargura se perpetue em nosso coração, gerando o ressentimento que tantos prejuízos traz para nossa vida espiritual, psíquica e física, bem como em nosso relacionamento pessoal.

15) Promove a Perseguição

Temos dito que Satanás dispõe de um leque variado de estratégias e técnicas para nos tentar e afligir; pois bem, a Bíblia nos mostra que uma delas é promover perseguição. À Igreja de Esmirna, Jesus diz: **“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida”** (Ap 2.10).

Com esta estratégia, Satanás procura estimular o nosso medo, fazendo-nos recuar em nossas convicções e postura diante do mundo. Pedro disse que não se escandalizaria de Cristo e, se necessário, afirmou: morreria por ele (Mt 26.33-35). Jesus, no entanto, disse que Satanás o queria peneirar como trigo (Lc 22.31). Mais tarde, quando Cristo é preso, sendo Pedro identificado como um daqueles que andavam com ele, Pedro o negou, uma, duas, três vezes, como Cristo o dissera que faria (Lc 22.34; Lc 22.54-62).

²⁸⁴ W. Barclay, *Mateos*, I, p. 243.

Satanás lança medo em nosso coração, dizendo-nos baixinho: Se você aceitar a Cristo, vai enfrentar problemas familiares; no trabalho vai ser ridicularizado... Diz-nos mais: Os princípios bíblicos não podem permanecer como padrão de fé e comportamento para o homem no início do terceiro milênio; a Palavra, pouco ou nada diz a respeito do seu problema, recorra a outro método para solucioná-lo...

De fato, talvez enfrentemos estes e outros problemas, muitos dos quais suscitados pelo próprio diabo. No entanto, precisamos nos apegar de modo irrevogável à Palavra de Deus, confiando naquele que é mais forte do que o nosso adversário; por isso, oramos: Senhor, livra-nos do mal!

16) Maus Pensamentos

Escrevendo aos efésios, Paulo fala dos **“dardos inflamados do maligno”** (Ef 6.16). Satanás atua de um modo sutil, fazendo com que sejamos distraídos por pensamentos vãos, criando situações que facilitem a dispersão de nossos objetivos. Mesmo durante o culto, ele procura desviar a nossa atenção enquanto lemos a Bíblia, ouvimos a pregação, oramos ou cantamos, fazendo-nos observar que alguém canta tão bem ou que desafinou, que determinada oração é tão inteligente ou que o pregador está muito nervoso ou cometeu determinado erro de concordância, etc.

O fato é que muitas vezes nos encontramos lutando conosco mesmos, conforme pensamos, em virtude de maus pensamentos que surgem e, que na realidade, nós não queremos pensar assim, não sabemos como eles surgem, se constituindo em uma tentação para nós; pois bem, tais pensamentos são os **“dardos”** do maligno... É preciso que lutemos contra estes pensamentos que visam a nos afastar da nossa comunhão com Deus. De forma bem prática, podemos dizer que não dispomos de recursos para evitar que tais pensamentos de vez em quando nos assaltem; todavia, podemos evitar que permaneçam em nossas mentes, proliferando, dando ocasião ao pecado.

Por volta do ano 62, Paulo está preso em Roma, longe da maioria de seus irmãos e de suas igrejas. Na Carta aos Filipenses, Paulo oferece-nos um bom exemplo da sua atitude mental e espiritual; ele não se alimentava, na prisão, de rancores, ressentimentos e amarguras, mas de ternos afetos. Aqui, ele abre o seu coração e nos revela a sua lembrança na oração: **“Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós”** (Fp 1.3). Paulo se lembrava de uma jovem Igreja que passava por várias provações (Fp 1.29), no entanto, permanecia fiel a Deus; por isso dava graças a Deus. A expressão **“dou graças”** é a tradução do verbo grego Εὐχαριστέω (Eucaristeō), que tem o sentido, conforme o traduzido, de **“agradecer”**. A sua raiz é a mesma do substantivo Εὐχαριστία (Eucaristia), que pode ser traduzido por **“gratidão”** (Cf. At 24.3).

Paulo, em muitas de suas cartas, revela esta mesma disposição espiritual; agradecia a Deus o testemunho fiel da Igreja:

À Igreja de Roma: **“Primeiramente dou graças a meu Deus mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque em todo o mundo é proclamada a vossa fé”** (Rm 1.8).

À Igreja de Éfeso: **“Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações”** (Ef 1.16).

À Igreja de Colossos: **“Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes para com todos os santos”** (Cl 1.3,4).

À Igreja de Corinto: **“Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus”** (1Co 1.4).²⁸⁵

Paulo demonstra, nestes textos, que a vontade de Deus é que aprendamos a nos alegrar com os nossos irmãos na firmeza de sua fé, dando graças a Deus por isso. Devemos orar uns pelos outros, regozijando-nos ao perceber o fortalecimento espiritual de nossos irmãos; a perseverança na fé de nossos irmãos é um motivo mais do que suficiente para que concentremos a nossa atenção nisso, tendo os nossos corações agradecidos.

No texto de Filipenses, ele nos revela mais: **“Por tudo que recordo de vós”** (1.3).

Aqui está uma lição preciosa: Paulo, em suas lembranças, priorizava os aspectos positivos dos filipenses. Ele não permanecia ocupando a sua mente com os defeitos existentes na Igreja, que por certo existiam; e nesta epístola mesmo, Paulo nos fala, por exemplo, que havia discordância entre alguns grupos dentro da Igreja. Por isso, ele os orienta constantemente quanto à necessidade de estarem unidos (Fp 1.27; 2.1-4; 4.2,3,5,7,9).

No entanto, a lembrança de Paulo era de “gratidão” pelo “tudo” que lembrava. O que lembramos de nossa Igreja? Qual é o “tudo” que ocupa a nossa mente? Paulo dava graças a Deus pelo que lembrava... *Lembremo-nos:* **“... tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isto o que ocupe o vosso pensamento”** (Fp 4.8).

Quando nos sentirmos invadidos por pensamentos que nos perturbam, peçamos a Deus que nos proteja destes dardos, procuremos dirigir a nossa atenção para aquilo que agrada a Deus, não alimentemos tais pensamentos.²⁸⁶

²⁸⁵ (Vd. também: Cl 1.12; 1Ts 1.2,3; 2.13; 3.9; 2Ts 1.3; 2.13; Fm 4).

²⁸⁶ Vd. D.M. Lloyd-Jones, *Por Que Prosperam os Ímpios?*, pp. 18,19.

Olhemos para os grandes feitos de Deus em sua Igreja, em nossa vida, meditemos sobre isso (Js 1.8; Sl 19.14; 1Tm 4.15) e, por certo, teremos sempre motivos para ação de graças...

17) Doenças

Satanás procura usar deste recurso para oprimir até mesmo o povo de Deus. Todavia, devemos admitir que esta não é uma regra absoluta. A opressão de Satanás é especialmente a espiritual.

Quando Deus permitiu que Satanás tentasse a Jó, lemos no texto sagrado: **“Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça”** (Jó 2.7).

No Novo Testamento, Pedro diz que Jesus, cheio do Espírito Santo, **“andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo”** (At 10.38). Comparando a declaração de Pedro com a cura de uma mulher enferma, podemos entender melhor a ação do diabo. Lucas registra: **“Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. E veio ali uma mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se”**. Após curá-la, Jesus disse que aquela filha de Abraão, **“Satanás trazia presa há dezoito anos”** (Lc 13.10,11,16).

Paulo após mencionar a sua indescritível experiência espiritual, interpreta a sua própria situação: **“E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte”** (2Co 12.7). Seja qual for o “espinho na carne” de Paulo, o fato é que era um “mensageiro de Satanás” – extremamente doloroso – ²⁸⁷ certamente a serviço de Deus para que ele não se “ensoberbecesse”. Considerando o objetivo sempre maligno de Satanás e o objetivo descrito por Paulo como o seu não ensoberbecimento, Calvino (1509-1564) interpreta: “... A única intenção de Satanás, em consonância com o seu caráter e costume, é matar e destruir, e a aguilhada de que Paulo fala estava imersa em veneno letal, de modo que era um ato especial da misericórdia que o Senhor convertesse em veículo de cura o que era por natureza um veículo de morte”.²⁸⁸

Concluindo este ponto, devemos mais uma vez enfatizar que esta forma é possível de ser usada pelo diabo, mas não é a mais freqüente, como muitas vezes nos querem fazer crer as seitas emergentes.

²⁸⁷ A palavra traduzida por “esbofetear” (2Co 12.7) é *κολαφίζω* (*kolaphizō*), que significa “esmurrar”, “golpear” (* Mt 26.67; Mc 14.65; 1Co 4.11; 2Co 12.7; 1Pe 2.20).

²⁸⁸ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios* (2Co 12.7); p. 246.

18) Desequilíbrio

Como já observamos, uma das características das heresias é a ênfase absoluta em um único ponto em detrimento dos demais. Nos primeiros séculos da Era Cristã surgiram diversas heresias concernentes à pessoa de Cristo e à relação das suas duas naturezas. Estas heresias, ora negavam a divindade, ora diminuíam a humanidade de Cristo. Alguns teólogos, no afã de combater alguma forma de erro, caíram com freqüência em outro; passando a existir, daí, não mais uma heresia, mas duas! A visão unilateral da revelação colaborava de forma determinante nesta questão.

Satanás tenta fazer conosco, na nossa vida espiritual, a mesma coisa. Ele procura fazer com que enfatizemos isoladamente a um dos três pontos, a saber: A **mente**, a **experiência** ou a **prática**. Satanás age objetivando criar um desequilíbrio na harmonia destes três elementos na vida cristã. Vejamos como isto ocorre:

1) Ênfase na Razão

Nesta estratégia, ele nos conduz à procura de um conhecimento “teórico” das Escrituras, que geralmente ocasiona uma arrogância espiritual. Dizemos: “O que importa é unicamente o conhecimento, o resto não tem valor”. Nesta atitude, somos levados a polêmicas estereis, discussões insensatas, detalhes irrelevantes que em nada edificam.

Calvino (1509-1564) entendia que o homem encontra a sua verdadeira essência no conhecimento de Deus. No entanto, o conhecimento de Deus está associado à verdadeira piedade, que Calvino define como “reverência associada com o amor de Deus que o conhecimento de seus benefícios nos facultata”.²⁸⁹ Ele, então, pergunta: “Que ajuda, afinal, conhecer a um Deus com quem nada tenhamos a ver?”²⁹⁰ A sua resposta é simples: O conhecimento de Deus deve valer-nos, “primeiro, que nos induza ao temor e à reverência; em segundo lugar, tendo-o por guia e mestre, que aprendamos a dele buscar todo bem e, em recebendo-o, a ele creditá-lo”.²⁹¹ Isto porque o conhecimento de Deus não tem um fim em si mesmo; “o conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas lhe traz consigo o culto”.²⁹² O conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus tem, também, um sentido profilático; inibe o pecado: “Re-

²⁸⁹ J. Calvino, *As Institutas*, 1.2.1.

²⁹⁰ J. Calvino, *As Institutas*, 1.2.2.

²⁹¹ J. Calvino, *As Institutas*, 1.2.2.

²⁹² J. Calvino, *As Institutas*, 1.12.1. “... deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação, simplesmente vulteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e lince pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso.” (João Calvino, *As Institutas*, 1.5.9)

freia-se do pecado não pelo só temor do castigo, mas porque ama a reverência a Deus como Pai, honra-o e cultua-o como Senhor e, mesmo que infernos nenhuns houvesse, ainda assim lhe treme a só ofensa”.²⁹³ Resume: “O conhecimento de Deus é a genuína vida da alma...”²⁹⁴

Ainda segundo Calvino, na polêmica pela polêmica, há algo de ardioloso por parte do maligno. De modo especial, Calvino chama a atenção dos pastores: “Essa é a trama de Satanás, ou seja: que, mediante perversa loquacidade de tais homens, ele enreda os bons e fiéis pastores com o fim de distraí-los de sua preocupação pela doutrina. Daí a necessidade de nos precavermos e não permitirmos qualquer envolvimento em argumentos polêmicos; porque, do contrário, jamais nos veremos livres para direcionar nosso labor em prol do rebanho do Senhor, nem os homens amantes de polêmicas nos deixarão de perturbar.”²⁹⁵

2) Ênfase na Experiência

Aqui passamos a entender que o que importa não é o que cremos, mas, sim, aquilo que sentimos. As pessoas, neste caso, estão à procura de experiências, de emoções fortes, choros, gritos, coração palpitando, etc. A doutrina, nesta perspectiva, passa a ser irrelevante; o conhecimento das Escrituras é esquecido ou relegado a um plano inferior. Tornamos as Escrituras dependentes da experiência, não o contrário.

Infelizmente há muitas práticas que estimulam este tipo de comportamento: cânticos, bater palmas, altas exclamações, ilustrações comoventes, etc.,²⁹⁶ que fazem com que percamos de vista a importância da solidez doutrinária para a vida cristã.

Quando as pessoas são dominadas por este tipo de compreensão, passam a julgar a verdade pelo critério das emoções: “Foi ótimo, eu me senti muito bem”, exclamam. A idéia de participar de um culto público e sair triste, pelo fato da pregação ter tocado justamente em seu pecado, isto nem sequer é cogitado. A “bênção” repousa no “sentimento” imediato.

Archibald Alexander (1772-1851), um dos fundadores do Seminário de Princeton e seu primeiro professor de Teologia Sistemática, resumiu:

“Na avaliação da experiência religiosa é de todo importante manter continuamente à vista o sistema de verdade divina contido nas Sagradas Escrituras; caso contrário, nossa experiência, como ocorre muito freqüentemente, se degenerará

²⁹³ J. Calvino, *As Institutas*, 1.2.2.

²⁹⁴ J. Calvino, *Efésios* (4.18), pp. 136, 137.

²⁹⁵ J. Calvino, *As Pastorais* (Tt 3.10), p. 367.

²⁹⁶ Cf. D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, p. 141. Observações semelhantes encontramos em Erroll Hulse, *O Batismo do Espírito Santo*, São José dos Campos, SP, Fiel, 1995, pp. 113,114.

em entusiasmo. (...) Em nossos dias não há nada mais necessário que estabelecer na religião uma cuidadosa distinção entre as experiências verdadeiras e as falsas; para ‘provar os espíritos, se procedem de Deus’. E ao fazer esta discriminação, não há outro padrão de prova senão a infalível Palavra de Deus. Tragamos cada pensamento, motivo, impulso e emoção, ante esta pedra de toque. ‘À lei e ao testemunho, se não falam de acordo com estes, é porque não há luz neles’²⁹⁷

3) Ênfase na Prática

O importante aqui passa a ser o ato de fazer; não importa o que se crê ou o que se sente; o relevante é fazer algo e de preferência agora. Para que estudar sobre a justiça de Deus? Pergunta este homem. Temos é que fazer alguma coisa para resolver a injustiça do mundo, acrescenta. Nesta perspectiva, a “praticidade” da verdade deve ser evidente em cada ponto; o ouvir se constitui apenas num pequeno momento enquanto conseguimos nos deter antes de “agir”...

A perspectiva correta que a Palavra de Deus nos dá é a de um perfeito equilíbrio: A visão adequada da Palavra de Deus nos emociona e nos leva à ação. Notemos que os três elementos estão envolvidos na Palavra de Deus e devem estar também na vida cristã. A vida cristã não é apenas conhecimento, nem apenas emoção, nem ainda ação; mas, sim, um conjunto harmonioso dos três. A verdade deve ser entendida, e quando isto ocorre pela graça, nos emocionamos e pela ação do Espírito somos conduzidos a uma nova postura diante da realidade, tendo os nossos corações transformados por Deus.

Quando Satanás age de forma que nos faça exclusivizar um destes três elementos, ele está nos fornecendo uma visão equivocada da vida cristã, a fim de que assim nos fragilizemos em nossa fé e nos tornemos uma presa fácil para as suas armadilhas.

O fato é que o ensino bíblico deve nos levar sempre a uma ação de obediência: A Escritura Sagrada não foi registrada *apenas* para o nosso deleite espiritual; mas para que cumpramos os seus preceitos, dados pelo próprio Deus (Dt 29.29; Js 1.8; 2Tm 3.15,16; Tg 1.22); Deus também não teve em vista satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa (Dt 29.29), que em geral ocasiona especulações e espírito arrogante que em nada edificam; ela foi-nos concedida para que conheçamos o seu Autor e, conhecendo-o, adoremo-lo, adorando-o, mais conheçamo-lo (Os 6.3; 2Pe 3.18). A Bíblia foi-nos confiada a fim de que, mediante a iluminação do Espírito Santo, sejamos conduzidos a Jesus Cristo

²⁹⁷ Archibald Alexander, **Thoughts on Religious Experience**, Carlisle, Pennsylvania, The Banner of Truth Trust, 1989 (Reprinted), p. XVIII.

(Jo 5.39; Lc 24.27,44), sendo ele mesmo quem nos leva ao Pai (Jo 14.6-15; 1Tm 2.5; 1Pe 3.18) e nos dá vida abundante (Jo 10.10; Cl 3.4).

Por outro lado, devemos entender que Deus trata o homem por inteiro; ele não prioriza partes nossas; Deus quer transformar a nossa mente, as nossas emoções e, conseqüentemente, as nossas ações.

Por isso é que insistimos no ponto de que Deus salva o homem todo. A salvação não é puramente espiritual, mas sim integral. A proclamação da Igreja consiste em anunciar a salvação do homem todo: corpo e alma, transformando a sua vida e todas as suas relações pelo Espírito de Deus.

19) Negação de Sua Existência

Um recurso usado por Satanás é nos fazer crer que ele não existe, para que não nos preocupemos com ele e, assim, não fiquemos mais vigilantes. C. S. Lewis (1898-1963) detecta este problema com perspicácia: “Há dois erros semelhantes e opostos nos quais nossa raça costuma cair em se tratando de diabos. O primeiro é não acreditar na sua existência. O segundo é crer e sentir um interesse excessivo e doentio por eles. Os diabos mesmos agradam-se de ambos os erros e saúdam com o mesmo deleite tanto a um materialista como ao feiticeiro”.²⁹⁸

Parece-me que o segredo de uma boa pescaria é, além de uma boa isca, o silêncio e paciência do pescador. O pescador procura não deixar perceber que há alguém ali. O mesmo acontece com as arapucas, armadilhas e laços de Satanás. Ele age dando a impressão de que não está agindo; ou melhor, de que nem existe, a fim de nos prender, submetendo-nos à sua vontade; uma presa distraída, sem nenhuma consciência do perigo, torna-se mais fácil.

Enquanto descremos de Satanás, do seu poder e da sua atuação ostensiva contra o Reino de Deus, ele estará tranqüilo, visto que nós não estaremos nos prevenindo contra as suas armadilhas. No entanto, creio ter deixado claro, biblicamente, que Satanás age poderosa e efetivamente contra o povo de Deus, nos rodeando como um leão, procurando a melhor oportunidade para devorar a sua presa.

d. Como Resistir ao diabo

Quando fazemos esta petição, estamos recorrendo ao poder de Deus, àquele que já nos livrou do império das trevas de Satanás (Cl 1.13). A palavra empregada por Paulo para “livrar” (ρύομαι) pode ser traduzida por “salvar” e “arrebatar”. Portanto, oramos a um Deus que pode nos livrar das ciladas diabólicas (2Pe 2.9).

²⁹⁸ C.S. Lewis, *Cartas do Inferno*, São Paulo, Vida Nova, 1964, p. 21.

Insisto no ponto de que quem faz esta oração sabe que o Deus a quem oramos é soberano e nos capacita a vencer a Satanás. Como bem expressou Lutero: “Se Deus não nos protegesse, nem por uma hora estaríamos em segurança contra o diabo”.²⁹⁹

No entanto, a orientação de Tiago permanece: **“Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti (ἀνθίστημι)³⁰⁰ ao diabo, e ele fugirá de vós”** (Tg 4.7).

O princípio da oração é evidente. Oramos pedindo a Deus que nos livre do poder de Satanás. Nesta oração estamos, na realidade, recorrendo a Deus, cientes da sua Soberania. Portanto, em vez de nos fixarmos doentamente nas tramas de Satanás, é necessário que nos concentremos naquilo que devemos fazer conforme a orientação divina.

Na própria oração do “Pai Nosso” encontramos parte da resposta à pergunta: *“Como resistir ao diabo?”*. Se quisermos de fato viver livre do seu domínio, devemos:

- a) ter a Deus como Pai (Mt 6.9);
- b) santificar o seu nome (Mt 6.9);
- c) viver como súditos do Reino, proclamando o reinado de Cristo (Mt 6.10);
- d) demonstrar submissão confiante (Mt 6.10).

Além destas orientações expressas na “Oração”, podemos observar outras que são decorrentes ou apenas explicações daquelas.

A Palavra de Deus nos fornece outros princípios orientadores que nos parecem ser uma explicação prática do requisito fundamental: submissão a Deus:

1) Evitar o ressentimento³⁰¹

“Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo” (Ef 5.26,27).

Paulo neste texto não combate necessariamente a ira; ou seja, a ira não é necessariamente *pecaminosa*. As Escrituras descrevem Jesus irado: **“Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza dos seus corações...”** (Mc 3.5). Jesus ficou irado com a falta de fé, com a dureza do coração dos judeus.

A Bíblia não estimula a nossa ira, todavia ela a admite, quando a nossa ira é motivada pela injustiça, pela blasfêmia, pelo zelo à causa de Deus. **“De mim se apoderou a indignação, por causa dos pecadores que abandona-**

²⁹⁹ Martinho Lutero, *Catecismo Maior*: In: *Os Catecismos*, § 116, p. 473.

³⁰⁰ Denota uma atitude que deve ser tomada urgentemente.

³⁰¹ Vd. Hermisten M.P. Costa, *O Jovem e Seus Conflitos (I)*, Belo Horizonte, 1984, p. 19. (Trabalho não publicado)

ram a tua lei”, escreve o salmista (Sl 119.53). “... que seja o zelo pela glória de Deus o que inflame nossa ira.”³⁰²

Neste caso específico, quando nós não nos indignamos, estamos, na realidade, contribuindo com a divulgação do mal. A indignação é, em muitas circunstâncias, um testemunho da nossa não-conformidade com os atos de injustiça.

Existe outro tipo de ira que é fruto de outros motivos que estão associados, em geral, à nossa pessoa.

Independentemente disto, o fato é que Satanás procura usar nossa indignação para transformá-la em manifestação excessiva de indignação ou em rancor. Ele sabe quão tênue é a linha que separa a ira justa da ira injusta.

Calvino (1509-1564) comenta que,

“Há três erros com os quais, ao ficarmos irados, ofendemos a Deus. O primeiro é quando nos iramos por causas sem importância, e às vezes por nada, ou nos comovemos por injúrias ou ofensas pessoais. O segundo é quando vamos longe demais, e nos deixamos levar pelo excesso emocional. O terceiro é quando nossa ira, que deveria ser direcionada contra nós próprios ou contra nossos pecados, se volta contra nossos irmãos”.³⁰³

Satanás procura estimular a permanência de nossa ira, ao sol se pôr sobre ela, a fim de que se transforme em ressentimento.

Calvino observa que Paulo “... estava nos advertindo a nos precavermos para que Satanás não tomasse posse de nossas mentes, como um inimigo que toma posse de uma fortaleza e faz o que bem lhe apraz. Sentimos todos os dias quão incurável é a doença do ódio prolongado, ou, pelo menos, quão penoso é curá-lo. Qual é a causa desse mal, senão que, em vez de resistir ao diabo, entregamos-lhe a posse de nossos corações? Portanto, antes que nosso coração se encha com a peçonha do ódio, a ira deve ser expulsa em tempo hábil”.³⁰⁴ “A nossa ira deve ser aplacada, para que não suceda que ela se mescle com os violentos afetos carnisais.”³⁰⁵

O ressentimento é um pecado. Por mais dignos que sejam os motivos que nos conduziram à indignação, não devemos permitir que este estado de coisas permaneça... Devemos procurar resolver o problema e esquecer.

O crente que não está disposto a perdoar, abre uma fresta perigosa para a ação demoníaca... **“Não se ponha o sol sobre a vossa ira,³⁰⁶ nem deis lugar ao diabo”.**

³⁰² João Calvino, *Efésios* (Ef 4.26), p. 144.

³⁰³ João Calvino, *Efésios* (Ef 4.26), p. 144.

³⁰⁴ João Calvino, *Efésios* (Ef 4.27), p. 145.

³⁰⁵ João Calvino, *Efésios* (Ef 4.26), p. 144.

³⁰⁶ Calvino interpreta: “Se acontecer de nos irmos, que envidemos esforço para apaziguá-la antes que o sol se ponha.” [João Calvino, *Efésios* (Ef 4.26), p. 145].

O modelo do nosso perdão se baseia no perdão concedido por Cristo: **“Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou”** (Ef 4.32). **“Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós”** (Cl 3.13).

De fato, quando nós fazemos esta oração, nós já indicamos que temos perdoado os nossos devedores (Mt 6.12).

Devemos resistir ao diabo nos aproximando de Deus, com espírito perdoador.

2) Usar a armadura de Deus

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6.11).

Através da História, os homens têm tido a oportunidade de expor os seus ensinamentos, os seus métodos, que tratam do homem, da natureza humana e o caminho para transformá-la, aperfeiçoá-la e preservá-la. Contudo, apesar de todo o avanço científico e tecnológico, os recursos dos homens continuam ineficazes, nada podendo fazer contra as ciladas do diabo; as suas *“armaduras”* são por demais frágeis para poder resistir às investidas do maligno.

A defesa contra o maligno é fornecida pelo próprio Deus. “Armas tais como a confiança em méritos humanos, ou na própria erudição e perspicácia mental, na reclusão do mundo, na invocação dos santos e anjos ou na teoria de que o pecado, a doença e Satanás não existem, etc., não terão nenhum valor no ‘dia do mal’.”³⁰⁷

3) Submissão a Deus

“Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração” (Tg 4.7-8).

Antes de Tiago discorrer sobre a resistência ao diabo, nos fala da necessidade que temos de nos submeter a Deus, chegando-nos a ele. Parece-nos claro que Tiago quer mostrar que a nossa força está no aprendizado da submissão. O nosso grau de resistência ao diabo se encontra na mesma proporção da nossa comunhão com Deus, da nossa submissão a ele.

Satanás deseja nos separar de Deus; Tiago nos recomenda: **“Chegai-vos a Deus”**. A nossa resistência às suas investidas está em nossa comunhão com Deus. É Deus quem nos ampara.

³⁰⁷ W. Hendriksen, *Efésios*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 339.

“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13).

Paulo, diante das acusações dos falsos mestres que estavam influenciando a igreja de Corinto, admite que ainda anda na carne, ou seja, participa de todas as limitações humanas, contudo, o seu ministério não é caracterizado por ausência de recursos espirituais, antes todo ele é realizado no poder de Deus (2Co 10.3). Ele diz que as suas armas não são carnis, antes, são poderosas em Deus para destruir fortalezas; anulando sofismas. Notemos que as “armas carnis não precisam ser más, mas incluem as que consistem de poder humano, tais como eloqüência, organização, propaganda e coisas semelhantes, que são, por si mesmas, neutras, mas que podem ser usadas para o mal, por serem subservientes ao egoísmo, artimanhas e violência caracteristicamente humanas”.³⁰⁸

Paulo temia pela corrupção da mente dos coríntios, que davam crédito aos falsos apóstolos que, usados por Satanás, os afastavam da simplicidade do Evangelho: **“Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo”** (2Co 11.3). Esta era uma forma de Satanás atuar, obscurecendo a mente (νόημα) dos homens: Paulo após falar dos desígnios (νόημα) de Satanás (2Co 2.11), diz que, **“... O deus deste século cegou os entendimentos (νόημα) dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”** (2Co 4.4). Satanás tem, portanto, este poder sobre os incrédulos. Contudo, não existe nada no mundo que possa estar além do poder da Palavra de Deus: “Os baluartes de Satanás são: a ignorância, o preconceito, a vã imaginação, a sabedoria carnal e as muito amadas concupiscências, as quais podem ser derrubadas somente pelo poderoso Espírito de Deus concedendo graça e vida por meio do Evangelho”.³⁰⁹

Paulo faz um contraste entre a sua aparente fraqueza, conforme seus inimigos diziam (2Co 10.10), com a força de suas armas, que eram poderosas não por si mesmas, mas **“poderosas em Deus”** (2Co 10.4); portanto, “o poder de suas armas depende de Deus e não do mundo”.³¹⁰

³⁰⁸ G.R. Beasley-Murray, **2 Coríntios**: In: **Comentário Bíblico Broadman**, Rio de Janeiro, JUERP, 1985, Vol. 11, p. 84.

³⁰⁹ Henry T. Mahan, **I e II Coríntios**: In: **Pequenos Comentários Peregrinos**, Lisboa, Edições Peregrino, 1988, Vol. II, p. 163.

³¹⁰ J. Calvino, **Exposição de 2 Coríntios**, São Paulo, Paracléticos, 1995 (10.4), p. 202.

A questão então é: poderosas em Deus para quê? Paulo continua: **a) “para destruir³¹¹ fortalezas”** (* ὀχύρωμα)³¹² (2Co 10.4). A palavra “fortaleza” só ocorre no N.T., tendo um emprego secular de fortaleza de palavras, de argumentos presumivelmente considerados fortes e indestrutíveis; metaforicamente a expressão indica conceitos especulativos que se erguem contra a cruz de Cristo; **b) “anulando sofismas”** (λογισμός)³¹³: Toda a sabedoria carnal em oposição ao saber espiritual; **c) “e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus”** (2Co 10.5). As fortalezas geralmente eram construídas em lugares altos, sendo portanto mais difícil combatê-las. Normalmente as coisas que as pessoas exaltam como fundamentais e essenciais para a sua existência podem se constituir em fortalezas contra o conhecimento de Deus. As pessoas tendem a se julgar seguras dentro das “fortalezas” de seus argumentos contra o Evangelho; no entanto, os limites de pedra da razão e do coração humano não servem de empecilho absoluto contra o Evangelho; **d) “levando cativo todo pensamento (νόημα) à obediência de Cristo”** (2Co 10.5): “Esta imagem é a de uma fortaleza rompida; os que ali dentro se abrigavam, por detrás de muralhas, estão sendo levados em cativeiro. Assim é que o propósito do apóstolo não é apenas demolir os falsos argumentos, como também conduzir os pensamentos das pessoas sob o senhorio de Cristo. Seu apelo como apóstolo era implantar ‘a obediência por fé, entre todos os gentios’ (Rm 1.5)”³¹⁴

Somente desse modo é possível, como diz Paulo aos efésios, **“que não mais andeis como também andam os gentios na vaidade [μταταιότης]³¹⁵ dos seus próprios pensamentos [νοῦς],³¹⁶ obscurecidos de entendimento [διάνοια],³¹⁷ alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações...”** (Ef 4.17,18).

³¹¹ καθάρσεις (kathairesis): destruição (* 2Co 10.4,8; 13.10). O verbo καθάρω (katairō) tem o sentido de fazer descer, vencer, derrubar, destruir (Mc 15.36, 46; Lc 1.52; 12.18; 23.53; At 13.19, 29; 2Co 10.4).

³¹² Nos papiros significa também prisão.

³¹³ Λογισμός significa “computar”, “refletir”, “cogitar”, “conceber”, “raciocinar”. A palavra é proveniente de λόγος. O termo pode ter também o sentido de argumento falso e sofisma (* Rm 2.15; 2Co 10.4). (Sentido negativo é usado também em Pv 6.18) (λογισμός κακοί) (logismos kakoi)

³¹⁴ Colin Kruse, **2 Coríntios: Introdução e Comentário**, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1994, (10.5), p. 186.

³¹⁵ μεταίτιος (mataiotês) apresenta a idéia de ausência de objetivos [* Rm 8.20; Ef 4.17; 2Pc 2.18].

³¹⁶ νοῦς (nous), da mesma raiz de νόημα, indica a mente, pensamento, modo de pensar, atitude e a faculdade de raciocinar.

³¹⁷ διάνοια (dianoia), pensamento, disposição, entendimento, inteligência, a mente como o órgão do pensamento, de interpretação. [Deus deseja que o amemos com toda a nossa διάνοια (Mt 22.37; Mc 12.30; Lc 10.27); é Deus quem ilumina os olhos de nosso coração para que possamos ter a διάνοια (compreensão) espiritual (Ef 1.18; 1Jo 5.20); antes disso éramos inimigos de Deus em nossa διάνοια (Cl 1.21); no entanto, Deus imprimiu, conforme a profecia cumprida em Cristo, a sua lei

Um outro ponto é que não há o que temer diante da oposição erguida contra o ensino da fé cristã; a sabedoria carnal é oposta à sabedoria espiritual e esta a sobrepuja. Na Palavra temos todos os recursos necessários para combater o erro e apresentar a mensagem cristã de forma clara e objetiva. Portanto, a Igreja se alimenta da Palavra e nela encontra o discernimento de Deus para entender e avaliar todas as coisas.

Contudo, devemos ressaltar que o Evangelho não é irracional nem obscurantista, no sentido de que nega o saber, antes aponta na direção de uma mente submissa a Cristo, que procura interpretar a realidade a partir da mente de Cristo, não da “mente” de Satanás. Portanto, a pregação do Evangelho envolve raciocínios e argumentos: Lucas registra que em Corinto: **“Todos os sábados [Paulo] discorria (διαλέγομαι)³¹⁸ na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos”** (At 18.4). O mesmo, Paulo fizera na sinagoga de Atenas (At 17.2), na sinagoga de Éfeso, na escola de Tirano durante dois anos (At 19.8-10) e em Trôade (At 20.9).

Todo **pensamento** deve ser levado cativo a Cristo, contrastando com a nossa situação antiga de domínio do pecado sobre nós: **“... Vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro (αἰχμαλωτίζω)³¹⁹ da lei do pecado que está nos meus membros”** (Rm 7.23).

Somente a paz que emana de Deus pode guardar os nossos corações e mentes (νόημα) (Fp 4.7).

4) Perseverança na fé

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1Pe 5.8,9).

Satanás está ativamente feroz contra nós, desejando encontrar uma fresta, uma brecha pela qual ele possa entrar. Pedro nos diz que devemos resistir-lhe **“firmes na fé”**.

Esta resistência na fé significa: não lhe permitir o acesso, opor-se às suas sugestões malignas.

em nossa διάνοια (Hb 8.10; 10.16). A nossa διάνοια, portanto, deve ser revestida com a Palavra a fim de permanecer esclarecida (2Pe 3.1; 1Pe 1.13)]

³¹⁸ Pregar, discutir, argumentar, conduzir uma discussão, ensinar com o método de perguntas e respostas, discursar, envolvendo sempre a idéia de estímulo intelectual, palestras com o objetivo de discutir. (Vd. Mc 9.34)

³¹⁹ αἰχμαλωτίζω (aichmalōtizō) (* Lc 21.24; Rm 7.23; 2Co 10.5).

Somente podemos resistir-lhe com fé firmados no fundamento da fé, que é a Palavra de Deus... É Deus mesmo quem nos fortalece, nos firma: A fé salvadora é aquela que permanece até o fim firmada em Deus e na sua Palavra (Jo 8.30,31; Hb 10.39; Ap 14.12).

À Igreja perseguida, Pedro escreve: **“Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar”** (1Pe 5.10).

Notemos que a nossa resistência ao diabo encontra a sua base em Deus: É ele quem nos capacita a perdoar, nos dá a sua armadura, nos protege com a sua presença e nos firma na fé que ele mesmo produziu em nós.

“Uma vez que temos pedido de Deus a proteção do mal – escreveu Cipriano –, e a temos obtido, então estamos seguros e a salvo de tudo o que o diabo e o mundo possam fazer contra nós. E que perigo pode haver nesta vida para quem tem a Deus como protetor?”³²⁰ (Rm 8.31-39).

De fato, sem Deus, nada podemos fazer (Jo 15.5). Entretanto, pesa sobre nós a responsabilidade de utilizar os meios fornecidos por Deus para que possamos cumprir o imperativo: **“Resisti ao diabo”**. Que Deus nos ajude! Amém.

H. Confiante na soberania de Deus (Mt 6.13)

1. O Conhecimento de Deus

Observemos preliminarmente que esta oração que, conforme já vimos, envolve uma série de petições, é feita por um homem que conhece a Deus. Ele declara: **“teu é o Reino, o poder e a glória para sempre”** (Mt 6.13).

Somente aquele que conhece experimentalmente a Deus pode confiar no seu poder e descansar nas suas promessas. Calvino ressalta que “A genuína oração provém, antes de tudo, de um real senso de nossa necessidade, e, em seguida, da fé nas promessas de Deus”.³²¹

Este conhecimento é uma descoberta pessoal e intransferível; ele não pode ser exaustivamente comunicado, porque a experiência do conhecimento salvador de Deus está além de nossa capacidade de verbalização ou mesmo de comunicação não verbalizada.

O conhecimento que temos de Deus é em virtude de sua graça que faz com que ele se revele e nos capacite pelo Espírito, por meio da fé, a conhecê-

³²⁰ Cipriano, *El Padrenuestro*, 27 Apud W. Barclay, *El Padrenuestro*, p. 142.

³²¹ João Calvino, *O Livro de Salmos*, Vol. I, p. 34. Em outro lugar, diz: “Nossas orações só são aceitáveis quando as oferecemos em submissão aos mandamentos de Deus e somos por elas animados a uma consideração da promessa que ele tem formulado.” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (SI 50.15), p. 412].

lo: A revelação de Deus antecede à fé: **“A fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo”** (Rm 10.17), diz Paulo. Do mesmo modo, João, inspirado por Deus, escreve: **“Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”** (Jo 1.18).

Este conhecimento é libertador, porque nos livra da nossa forma viciada, condicionada de encarar a vida sempre sob o domínio escravizador do pecado. **“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”** (Jo 8.32), afirma Jesus Cristo, a verdade encarnada.

O conhecimento de Deus nos liberta do domínio do pecado, para Deus, que nos confere o Espírito de liberdade (2Co 3.17).

2. Conhecimento, Oração e Fé

A oração é o exercício da fé que tem aquele que sabe em quem crê. É impossível confiar com plenitude num Deus desconhecido. A fé genuína exige uma entrega total, por meio da qual revelamos a nossa dependência; Deus, como sujeito de nossa fé, nos possui e domina. Portanto, o Deus da fé é o Deus do conhecimento, do nosso conhecimento pessoal e experimental. “A fé – escreveu Calvino – não consiste na ignorância, senão no conhecimento; e este conhecimento há de ser não somente de Deus, senão também de sua divina vontade.”³²²

Esta fé que, conforme já vimos, é antecipada pela Palavra, repousa na Palavra de Deus (Rm 10.17). A Palavra de Deus é suficiente; desejar mais do que isso, significa duvidar do Deus da promessa. “A fé que precisa de mais do que a simples Palavra de Deus em mandamento e promessa, chega a ser tentação do próprio Deus.”³²³ Calvino (1509-1564) está correto quando diz que “A fé verdadeira é aquela que ouve a Palavra de Deus e descansa em sua promessa”.³²⁴

O que importa neste caso não é o que pensamos, mas, sim, o que Deus prometeu: Deus cumpre sempre a sua promessa, não necessariamente as nossas expectativas. Deus não tem compromisso com a nossa fé, mas, sim, com a sua Palavra e, conseqüentemente, com a fé que brota da Palavra. Os discípulos nos caminho de Emaús revelaram ao Senhor a sua frustração justamente porque eles se iludiram com as suas próprias expectativas, não com as promessas de Jesus; daí dizerem de forma patética: **“Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam.”** (At 24.11). Jesus Cristo jamais havia lhes prometido isso; pelo contrário, o caminho descrito por Cristo envolvia o sofrimento, a morte e a ressurreição (Mt 16.21).

³²² J. Calvino, *As Institutas*, III.2.2.

³²³ D. Bonhoeffer, *Tentação*, p. 52.

³²⁴ J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 11.11), p. 318.

Se a Palavra for o fundamento de nossa esperança, podemos descansar confiantes: Deus cumpre a sua Palavra!³²⁵ Portanto, a oração deve ser sempre um ato de submissão dos nossos desejos ao propósito de Deus revelado nas Escrituras. “Nossa fé não tem que estar fundamentada no que nós tenhamos pensado por nós mesmos, senão no que nos foi prometido por Deus.”³²⁶

3. Confiança Revelada nesta Oração

Quando fazemos esta oração, estamos demonstrando a nossa confiança em Deus, certos de que ele há de nos suprir, perdoar e sustentar. Estamos convictos de que a sua vontade é sempre a melhor; portanto, nós falamos:

- “Faça-se a tua vontade” (10)
- “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (11)
- “Perdoa-nos as nossas dívidas” (12)
- “Não nos deixes cair em tentação” (13)
- “Livra-nos do mal” (13)

O motivo para toda esta confiança pode ser resumido unindo o início e o final da oração:

- **“Pai nosso” (9)** – Deus é o nosso Pai.
- **“teu é o Reino, o poder e a glória para sempre” (13)** – Deus é soberano!

Portanto, quando oramos assim, estamos dizendo que Deus, segundo a sua soberana vontade, tem poder para conceder tudo aquilo que pedimos, conforme a sua promessa; não há impedimentos para a sua ação: **“Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus”** (Sl 62.11), escreve Davi. “Reconhecer a soberania de Deus é, portanto, contemplar o próprio Deus soberano.”³²⁷

A nossa fé se ampara no poder de Deus, tendo as suas promessas como o substantivo daquilo que cremos.³²⁸

Paulo, escrevendo aos coríntios, relembra como foi a sua pregação naquela cidade; trazendo à memória da Igreja, escreve: **“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria,**

³²⁵ Foi muito confortador ler posteriormente Calvino dizendo: “Deus não frustra a esperança que ele mesmo produz em nossas mentes por meio da sua Palavra, e ele não costuma ser mais liberal em prometer do que em ser fiel na concretização do que prometeu.” [João Calvino, **O Livro de Salmos**, Vol. 2 (Sl 48.8), p. 361]. Também: “Não devemos conceber que Deus será nosso libertador simplesmente porque nossa própria fantasia o sugere. É preciso crer que ele fará isso só depois de graciosa e espontaneamente se nos oferecer neste caráter.” [João Calvino, **O Livro de Salmos**, Vol. 2 (Sl 48.9), p. 363].

³²⁶ J. Calvino, **Sermones sobre la Obra Salvadora de Cristo**, Jenison, Michigan, TEL.L. 1988, “*Sermon n° 13*”, p. 156.

³²⁷ A.W. Pink, **Deus É Soberano**, p. 138

³²⁸ Vd. João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 68.17), p. 658.

mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus” (1Co 2.4,5).

A fé cristã ampara-se, fundamenta-se em Deus mesmo, o seu Autor. O fundamento da fé é o Deus fiel: Aquele que a gerou e a sustenta. (1Co 2.4,5; Hb 11.11; 1Pe 1.21). Confiar assim significa declarar que Deus é mais poderoso do que príncipes, reis, presidentes, nações e Satanás; ele é mais poderoso do que tudo. Ele, e somente ele, é o único Senhor: **“... único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores”** (1Tm 6.15).

A fé cristã genuína não conhece a dúvida; a dúvida é a negação da fé. A dúvida pode ser um caminho para a fé, mas não se harmoniza com ela: Ter fé é acreditar com plenitude em Deus e na sua promessa...

4. Confiança na Soberana Moral de Deus³²⁹

Já vimos que Deus é o único Senhor e que não há impedimentos para a sua vontade (Lc 1.37; Rm 4.20,21). A Bíblia nos ensina que Deus faz tudo como lhe agrada (Sl 115.3; 135.6). Sem dúvida, o prazer de Deus está em realizar a sua vontade, que é santa, justa e perfeita.

Paulo, atentando para este fato, nos diz que esperamos na promessa do Deus que não pode mentir: **“Na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos”** (Tt 1.2).

Por isso mesmo, confiamos plenamente na sua promessa de socorro, conforme interpretada e vivenciada por Paulo: **“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”** (1Co 10.13). Do mesmo modo, o escritor de Hebreus: **“Naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados”** (Hb 2.18).

Notemos que Paulo fala da **fidelidade de Deus**; Hebreus nos diz do seu **poder**. Estas idéias se completam: Deus usa o seu poder de acordo com a sua essência; ele jamais usaria seu poder para nos enganar ou não cumprir a sua promessa: ele é fiel; ele não pode negar-se a si mesmo... Portanto, sejamos confiantes e vivamos dignamente para a sua glória.

³²⁹ Sobre este tópico, consulte Hermisten M.P. Costa, **O Soberano Poder de Deus**, São Paulo, 1997. (Trabalho não publicado)

II. O DEUS A QUEM ORAMOS

INTRODUÇÃO GERAL

Ao iniciarmos o estudo da segunda parte da Oração Dominical, devemos ressaltar que a nossa abordagem será dirigida pela perspectiva da natureza de Deus, conforme é-nos revelada por Jesus Cristo nesta oração. Aprendemos até aqui alguns princípios que devem nortear a nossa oração; agora, meditemos sobre o Deus a quem dirigimos nossa súplica. Segundo nos parece, a paternidade de Deus envolve toda esta oração, por isso a consideraremos sob este prisma, analisando os atributos de Deus aqui revelados, tendo como elemento regulador o fato de que Deus é o nosso Pai...

A. A paternidade de Deus

1. A Paternidade de Deus no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a paternidade de Deus é reconhecida como exclusiva: Deus é Pai de Israel (Dt 7.6-8; 14.1,2; 32.6; Sl 103.13,14; Is 63.15,16; Jr 31.9,20; Ml 2.10). Apesar de só encontrarmos 14 vezes a palavra “Pai” se referindo a Deus, o Antigo Testamento apresenta em todas as suas partes esta idéia de forma enfática.

A paternidade de Deus sobre Israel encontra o seu fundamento no ato histórico de salvação: o Êxodo do Egito. Deus tirou Israel da escravidão como um pai que liberta e protege o seu filho. Esta foi a mensagem que Moisés levou a Faraó: “Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: Deixa ir meu filho, para que me sirva...” (Êx 4.22,23).

2. A Paternidade de Deus no Novo Testamento

A paternidade de Deus é amplamente ensinada no Novo Testamento. Paulo, por exemplo, em todas as suas epístolas, reafirma este fato (Rm 1.7; 1Co 1.3; 2Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Fp 1.2; Cl 1.2; 1Ts 1.1; 2Ts 1.2; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2; Tt 1.4; Fm 3).

A paternidade divina é entendida como um ato de intenso amor para com os homens que se encontravam num estado de total depravação e miséria (Jo 3.16; 1Jo 3.1). Os homens são filhos de Deus não simplesmente por nascimento natural, mas, sim, por um novo nascimento concedido por Deus, tornando-se, assim, seus filhos adotivos. A nossa filiação, olhando por que ângulo for, é um ato da livre graça de Deus (Jo 3.3,5; Rm 8.15; Gl 4.3-6; Ef 1.5). Todas as demais bênçãos que recebemos decorrem da “graciosa adoção divina como sua causa primeira”.³³⁰ A *Confissão de Westminster* (1647) declara de forma correta: “A todos os que são justificados, Deus se digna fazer participantes da graça da adoção...” (XII.1). Do mesmo modo, o *Catecismo Menor*, em resposta à pergunta 34, “o que é adoção?”, diz: “Adoção é um ato da livre graça de Deus, pelo qual somos recebidos no número dos filhos de Deus, e temos direito a todos os seus privilégios.” (1Jo 3.1; Jo 1.12; Rm 8.14-17). Fazendo uma analogia entre a “adoção” e a “justificação”, Packer diz: “A justificação é a bênção básica, sobre a qual a adoção se fundamenta; a adoção é a bênção do coroamento, para a qual a justificação abre o caminho”.³³¹

Na oração que Jesus ensinou aos seus discípulos, ele diz para que orássemos assim: “Pai nosso”. Já, de início, há o pressuposto de nossa filiação, portanto, do amor de Deus para conosco. Conforme já observamos anteriormente, esta oração é para ser feita pelos filhos de Deus: aqueles que têm a Deus como Pai. Mas, o que significa isto? Como devemos entender a paternidade de Deus?

No início deste século, um psiquiatra austríaco, Sigmund Freud (1856-1939) – fundador da Psicanálise – difundiu a idéia de que o que cremos a respeito de Deus é uma projeção ideal das virtudes de nossos pais; assim, dentro desta interpretação, cada um de nós atribui a Deus, de forma perfeita, aquelas virtudes que vemos em nossos pais terrenos.

Sabemos, entretanto, que se quisermos aprender de fato quem é Deus, qual o verdadeiro sentido da sua paternidade, devemos buscar o significado correto destas questões na própria Bíblia, que nos mostra de modo suficiente e claro quem é Deus, aquele que é o nosso Pai...

A Oração Dominical começa se dirigindo a Deus como Pai. Portanto, aquele que faz esta oração reconhece em Deus o seu Pai. Contudo, é possível que tenhamos uma idéia equivocada de Deus como Pai; por isso, devemos voltar à Palavra para que juntos estudemos o sentido da sua paternidade...

³³⁰ J. Calvino, *Exposição de Romanos* (8.28), p. 294.

³³¹ J.I. Packer, *Teologia Concisa*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1999, p. 157.

a. Pai Glorioso (Mt 6. 9,13)

O Deus a quem oramos é o Deus glorioso, aquele que habita o céu. A glória de Deus é a beleza harmoniosa de suas perfeições e da sua obra salvadora; “é a refulgência da plenitude dos seus atributos.”³³²

A glória de Deus é tão eterna quanto ele o é. O Deus a quem oramos é eternamente o Deus da glória: A ele pertencem **“o reino, o poder e a glória para sempre”** (Mt 6.13).

Jesus Cristo, nas horas que antecediam a sua auto-entrega em favor do seu povo, ora ao Pai: **“... Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti (...). Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”** (Jo 17.1,4,5). O Deus Trino é o Senhor da glória.

Quando oramos ao nosso Pai, devemos ter sempre presente em nossas mentes que estamos falando com o **“Pai da glória”** (Ef 1.17). A glória de Deus deve nos encher de admiração e reverente temor: o nosso Deus, com quem falamos, é um Pai e o Senhor da glória: A paternidade de Deus nos aproxima; a sua glória nos dá a dimensão da sua grandeza e nos enche de gratidão...

A glória de Deus se revela na sua criação e na sua obra salvadora, por meio da qual ele redime o seu povo. Portanto, nós podemos chamá-lo de Pai, porque ele, na manifestação da sua glória, nos salvou. A Palavra de Deus nos diz: **“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos”** (Sl 19.1). **“Em suas obras há glória e majestade, e a sua justiça permanece para sempre”** (Sl 111.3). Deus declara diretamente: **“A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória, e que formei e fiz”** (Is 43.7. Vd. Ef 1.6,12).

A nossa oração deve vir acompanhada previamente do senso de *adoração*: Deus é o Senhor da glória; e de *gratidão*: a nossa salvação é por meio de sua glória e para a sua glória.

b. Pai Santo (Mt 6.9)

Deus não tem pecado: A sua natureza e o seu nome são santos! Maria, jubilosa, canta: **“O Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome”** (Lc 1.49).

Jesus Cristo, na oração sacerdotal, diz: **“Pai santo”** (Jo 17.11). O Santo de Deus, que conhece de forma totalmente diferente o Pai (Mt 11.27/Jo 17.25),

³³² J. Ridderbos, **Isaías: Introdução e Comentário**, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1986, (Is 6.1-4), p. 94.

que mantém uma relação eterna dentro da economia trinitária, reconhece em seu Pai eterno a santidade e em sua relação íntima e decisiva, realça esta perfeição de Deus: Pai santo!

Portanto, quando nos aproximamos de Deus, devemos buscar nele a purificação de nossa vida, o perdão de nossos pecados. Ele é santo, nós somos pecadores; há uma distância qualitativa intransponível entre Deus e nós; no entanto, por sua misericórdia em Cristo, podemos nos aproximar confiadamente, dizendo: **“Pai nosso”**. Isto nos leva a pensar que devemos examinar as nossas petições e as motivações que as cercam. Ousaríamos pedir qualquer coisa indiscriminadamente, ao “Pai santo”? Devemos purificar os nossos desejos para que as nossas petições reflitam um coração transformado, que luta por uma santidade de vida... Nós temos por Pai um Deus santo, puro, que não pode conviver com a imundícia do pecado. Um pedido impuro, pecaminoso, é um atentado à sua natureza santa.

A sua Palavra que nos instrui é santa: **“Falou Deus na sua santidade”**, diz o salmista (Sl 60.6). Quando oramos, o fazemos em nome de Jesus Cristo, aquele que é santo: **“Sumo sacerdote (...) santo, inculpável, sem mácula”** (Hb 7.26). Por isso, as nossas orações devem ser dirigidas pela Palavra de Deus; orar fora da Palavra é algo extremamente perigoso: Nós oramos a um Deus santo, no nome do Filho que é santo. Orar em nome de Jesus é dizer ao Pai que o seu Filho eterno, o nosso irmão mais velho, subscreveu o que estamos dizendo. Orar no nome de Jesus significa a confiança única e exclusiva na suficiência de seus méritos.³³³ A nossa oração não pode ser uma diminuição da santidade de Cristo. Com bem compreendeu Pink, ao escrever: “Solicitar algo a Deus, em nome de Cristo, quer dizer solicitar-lhe algo em harmonia com a natureza de Cristo! Pedir algo em nome de Cristo, a Deus Pai, é como se o próprio Cristo estivesse formulando a petição. Só podemos pedir a Deus aquilo que Cristo pediria. Pedir em nome de Cristo, pois, significa deixar de lado nossa vontade própria, aceitando a vontade do Senhor!”³³⁴

c. Pai Justo

Jesus também se dirige a Deus como **“Pai justo”** (Jo 17.25).

O nosso Pai é justo. Ele não é alguém que possamos subornar com “carinhos”, “oferendas” ou “fervorosas orações”. Ao povo que pensava prestar um culto meramente formal para supostamente agradar a Deus, Deus diz que o mundo é seu e, que ele não necessita de carne de touros e sangue de cabritos (Sl 50.8-13). Deus não tem nenhum prazer em sacrifício de animal sem o

³³³ Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, p. 705.

³³⁴ A.W. Pink, *Deus É Soberano*, p. 134.

sacrifício da oração dentro do qual o coração é comprometido. A confissão de sua Palavra sem uma vida que se coadune com seus ensinamentos é uma abominação a ele. Este mesmo princípio está expresso em diversas passagens bíblicas: Sl 24.1-6; 40.7-9; 50.14,16-22; 51.16-17; Os 6.6; Mq 6.6-8, fazendo eco a 1Sm 15.22: **“tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender do que a gordura de carneiros.”** (1Sm 15.22) (Vd. também: Pv 21.3, Is 1.11-15). Um culto que vise apenas a cumprir externamente a lei de Deus ou, obter favores de Deus, é profundamente desolador para o Senhor (Is 1.10-17; 29.13; Ml 1.10). Deus é justo; não é subornável. **“Precisamos enfatizar que orar não é um substituto pra obediência”**.³³⁵

Ele é justo em si mesmo e, por isso mesmo, em suas manifestações. A justiça de Deus se caracteriza por sua ação coerente com o seu padrão; por isso, suas ações são sempre perfeitas e retas, pois o seu padrão é a perfeição: **“Justiça e direito são o fundamento do teu trono”** (Sl 89.14). Por isso, **“A maior desonra que alguém poderia lançar sobre seu nome é a de contestar sua justiça”**.³³⁶

Deus é justo em sua própria essencialidade, mantendo-se contrário a toda e qualquer violação da sua santidade. A ira de Deus é uma manifestação da sua justiça.³³⁷ A graça reina pela justiça: **“... Como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor”** (Rm 5.21).

Quando nos aproximamos de nosso Pai, devemos buscar a submissão de nossa petição à sua justiça. Assim como não podemos pedir coisas impuras ao Deus santo, não podemos fazer petições injustas a um Pai justo. Davi, sentindo-se caluniado, ora a Deus: **“Ouve, Senhor, a causa justa, atende ao meu clamor...”** (Sl 17.1). Não fazemos qualquer pedido a Deus. Pedimos aquilo que consideramos justo à luz da sua Palavra e, mesmo assim, submetemos os nossos pedidos ao escrutínio de Deus (Sl 17.2), porque Deus vê com justiça.

Antes, o que devemos aprender é, em todas as coisas, buscar prioritariamente a sua justiça, nos educando pela justiça de Deus, harmonizando os nossos desejos com o de Deus, conscientes de que o mais Deus nos dará de forma condizente com a sua natureza e as nossas reais necessidades: **“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”** (Mt 6.33).

³³⁵ Iain Murray, A Igreja: Crescimento e Sucesso: In: **Fé para Hoje**, São José dos Campos, SP., Fiel, nº 6, 2000, p. 26.

³³⁶ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 50.21), p. 417.

³³⁷ “Intimamente relacionada com a santidade de Deus está a sua ira, a qual é, de fato, a sua reação santa ao mal.” (John R. W. Stott, **A Cruz de Cristo**, p. 93.)

Muitas vezes, o mais importante do aprendizado não consistiu na concessão ou não do que pedimos em oração, mas o que Deus nos ensinou neste processo de desafio à confiança, submissão, paciência e entrega. A oração confiante é, por si só, um exercício altamente gratificante para o povo de Deus. Quando nos aproximamos de Deus amparados pelos merecimentos de Cristo, de fato não sabemos o que ocorrerá desta nossa relação com o Pai; Deus, em sua justiça, tem sempre algo para nos ensinar, que ultrapassa em muito a nossa perspectiva “premeditada”.

A nossa oração revela que estamos famintos e sedentos de justiça, buscando no Pai justo a saciedade: **“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”** (Mt 5.6).

Às vezes nos incomodamos pelo fato de que a justiça de Deus nos parece demorada, tardia... É muito comum estarmos tão convencidos da nossa maneira de ver os fatos, de interpretá-los que, num ato contínuo, tentamos olhar a ação ou o “silêncio” de Deus dentro de nossa ótica e conseqüente escala de valores, daí a nossa impaciência e o perigo de olharmos demorada e enamoradamente o caminho dos ímpios (Vd. Sl 37 e 73), nos inclinando às suas práticas, que nos parecem mais eficazes e “realistas”... No entanto, as Escrituras nos estimulam à prática da justiça, porque a justiça de Deus é certa e eficaz, e quando Cristo, o justo, vier, manifestará plenamente a justiça de Deus, como ele mesmo revelou a João em Patmos: **“... O justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras”** (Ap 22.11,12).

d. Pai Onisciente e Providente (Mt 6.6-8,11)

Antes de adentrarmos propriamente no nosso assunto, faz-se necessário falar um pouco sobre a fé.

A fé é indispensável, essencial à vida humana. Todos os homens têm seus pressupostos, os quais nada mais são do que uma confiança preliminar em algo. As contribuições científicas geralmente começam por um ato de fé, uma hipótese, uma pressuposição que poderá, posteriormente, ser confirmado ou não.

É muito comum ouvir pessoas consolando outras, em momentos de dificuldade, dizendo: “tenha fé”, “o importante é ter fé”. Na literatura, encontramos homens de concepções variadas falando de fé, usando, por certo, conceitos diferentes para se expressarem, revelando que de alguma forma o assunto envolve a pauta de sua atenção. Como exemplo, temos Miguel de Unamuno

(1864-1936), dizendo que a fé “é o poder criador do homem”;³³⁸ Erich Fromm (1900-1980), afirmando que é a “consciência da gravidez”, e do “estado de gravidez”;³³⁹ Paul Tillich (1886-1966), falando do “estado de ser”³⁴⁰ e, Emil Brunner (1889-1966), declarando ser a fé a “janela aberta para o porvir”.³⁴¹

A fé é importante como elemento psicológico; todavia, ela em si é de bem pouco valor prático; a sua relevância não depende simplesmente da sua intensidade, mas, sim, do seu objetivo. Uma fé forte em algo débil de nada adianta. Qual o valor de uma “fé forte” nos ídolos criados pela imaginação pecaminosa do homem? Os ídolos nada podem fazer, por maior que seja a fé posta neles (Sl 115.4-8; Is 44.9-20; 1Rs 18.20-30). Os homens, em seus pecados, se tornaram nulos em seus pensamentos tal qual a sua “criação”...

“Os ídolos – escreve o salmista – das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, e não falam; têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem; pois não há alento de vida em sua boca. Como eles se tornam os que os fazem e todos os que neles confiam” (Sl 135.15-18). A nossa fé repousa em Deus e na sua Palavra: na sua promessa. “A fé que repousa na Palavra de Deus permanece inabalável contra todas as investidas de Satanás.”³⁴²

O nosso Pai conhece os nossos corações; ele sabe as nossas motivações e intenções. As pessoas podem nos julgar mal, como também nós cometemos este mesmo equívoco; isto ocorre amiúde, ou porque não fomos claros como gostaríamos, ou porque de fato houve má vontade; ou seja, houve algum ruído na comunicação. No entanto, o nosso Pai nos conhece perfeitamente; ele vê em secreto os segredos dos nossos corações (Mt 6.6). João testifica a respeito de Jesus Cristo: **“E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana”** (Jo 2.25).

Quando oramos, nós buscamos o Pai, não o homem (Mt 6.5,6). Este é o sentido genuíno da oração. Não estamos, por meio da oração, em busca de recompensas humanas, tais como: o aplauso, um alto conceito a respeito de nossa devoção e piedade; não. Apesar desta “recompensa” ser geralmente mais imediata, nós não a buscamos... Pelo contrário, oramos ao Pai para, de fato, falar com ele, colocando diante de seu trono de graça as nossas ne-

³³⁸ Miguel de Unamuno, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Porto, Editora Educação Nacional, 1953, p. 234.

³³⁹ Erich Fromm, *A Revolução da Esperança*, São Paulo, Círculo do Livro (s.d.), p. 27.

³⁴⁰ Paul Tillich, *A Coragem de Ser*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 134.

³⁴¹ Heinrich E. Brunner, *Nossa Fé*, 2ª ed. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1970, p. 114.

³⁴² João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.14), p. 128.

cessidades... E, neste procedimento, jamais devemos nos esquecer de que ele sabe todas as coisas.

É relevante observar o contraste entre os versos 2,5 e 16 do capítulo 6 de Mateus com o verso 6 do mesmo capítulo, a respeito da palavra “*recompensa*”. Os hipócritas, que representavam papéis de piedade, já tiveram a sua recompensa ao serem vistos e admirados. Todavia, aqueles que falam sinceramente desejam e recebem a recompensa de Deus, não de homens.

A palavra “*recompensa*” (ἀπέχω)³⁴³ tem o sentido de “receber pagamento integral”. No caso – como já estudamos anteriormente –, aqueles que queriam os olhares reverentes e elogiosos dos homens tiveram neste ato o seu justo pagamento. Nós, entretanto, buscamos o “pagamento (gracioso) de Deus”, não de homens; portanto, devemos esperar em Deus, naquele que já nos abençoa pelo fato de nos permitir saber que ele nos entende melhor do que nós a nós mesmos.

Deus sabe das nossas necessidades. O saber de Deus não é apenas intelectual: Deus sabe e por isso cuida (Mt 6.8). Ele não dorme, antes, sabe do que necessitamos antes mesmo que tenhamos consciência das nossas necessidades: “A Bíblia também nos ensina que Deus nem sempre nos dá aquilo que pedimos; entretanto, sempre nos dá aquilo de que necessitamos de fato e de verdade, mesmo que nem ainda tenha penetrado em nosso coração a realidade da carência... A nossa demorada consciência de nossas próprias carências não escapa à providência de Deus, nem à sua graciosa provisão”.³⁴⁴

A Palavra de Deus declara isto. Os salmistas, inspirados por Deus, testificam: “**Os olhos do Senhor repousam sobre o justo e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor**” (Sl 34.15). “**Ele não permitirá que os teus pés vacilem: não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel**” (Sl 121.3-4). “**Aí habitou a tua grei: em tua bondade ó Deus, fizeste provisão para os necessitados**” (Sl 68.10). E Deus mesmo promete: “**E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei**” (Is 65.24).

A oração está relacionada com a providência de Deus. Se, por um lado, nós não podemos delimitar a ação de Deus às nossas orações, por outro, devemos estar atentos ao fato de que Deus nos abriu a porta da oração, a fim de exercitarmos a nossa fé em paciente submissão. Entendemos que as nossas orações, quando feitas por um motivo justo, por meio de Cristo, e partindo de

³⁴³ Como já tivemos ocasião de mencionar; sobre o termo grego, é muito elucidativo W. Barclay, *Palavras-Chaves do Novo Testamento*, pp. 31-33.

³⁴⁴ Hermisten M.P. Costa, *Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?*, São Paulo, 2000, p. 28. (Trabalho não publicado).

um coração sincero, fazem parte da execução do plano de Deus. “Quando Deus nos dá aquilo que pedimos, é como se essas coisas tivessem nelas a estampa de nossas orações!”³⁴⁵

A ação de Deus na História não é imediatista ou apenas para resolver problemas isolados. Deus age de forma sábia, conforme o seu santo conselho, objetivando a sua glória na execução do seu plano. O plano de Deus e o seu governo são eternos e eficazes. Davi e Paulo declaram esta compreensão, respectivamente: **“Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”** (Sl 139.16). **“Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve”** (Gl 1.15).

O próprio Deus reivindica o seu governo quando vocaciona o profeta Jeremias: **“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações”** (Jr 1.5).

A nossa oração é dirigida ao Pai, sabendo que ele é um Pai onisciente e providente; por isso, não pretendemos e, de fato, não podemos mudar a vontade de Deus. E, francamente, ainda que pudéssemos, ousaríamos fazê-lo? Será que faríamos algo melhor? Se você por um instante sequer titubear diante desta, permita-me, ridícula questão, é porque você ainda não conhece o Deus da Palavra!

Nesta mesma linha de raciocínio, escreveu Packer:

“A oração não é uma tentativa para forçar a mão de Deus, mas um humilde reconhecimento de incapacidade e dependência. (...) Por conseguinte, o que na realidade fazemos, cada vez que oramos, é confessar nossa própria impotência e a soberania de Deus. Dessa maneira, o próprio fato de um crente orar é uma prova positiva de que crê na soberania do seu Deus”.³⁴⁶

Curiosamente, Platão (427-347 a.C.), um filósofo pagão, com discernimento correto, entendia que um dos males de sua época era a corrosão da religião praticada por supostos sacerdotes e profetas – que ele chama de mendigos e adivinhos –, os quais exploravam a credulidade das pessoas, especialmente das ricas. Dentro do quadro descrito, uma das fórmulas usadas por esses líderes religiosos era fazer as pessoas crerem que poderiam mudar a vontade dos deuses mediante a oferta de sacrifícios ou, por meio de determinados encantamentos; os deuses seriam portanto limitados e aéticos, sem padrão de moral, sendo guiados pelas seduções humanas:

³⁴⁵ John Flavel, **Se Deus Quiser**, São Paulo, PES, 1987, p. 26.

³⁴⁶ J.I. Packer, **Evangelização e Soberania de Deus**, 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1990, p. 11.

“Mendigos e adivinhos vão às portas dos ricos tentar persuadi-los de que têm o poder, outorgado pelos deuses devido a sacrifícios e encantamentos, de curar por meio de prazeres e festas, com sacrifícios, qualquer crime cometido pelo próprio ou pelos seus antepassados, e, por outro lado, se se quiser fazer mal a um inimigo, mediante pequena despesa, prejudicarão com igual facilidade justo e injusto, persuadindo os deuses a serem seus servidores – dizem eles – graças a tais ou quais inovações e feitiçarias. Para todas estas pretensões, invocam os deuses como testemunhas, uns sobre o vício, garantindo facilidades (...). Outros, para mostrar como os deuses são influenciados pelos homens, invocam o testemunho de Homero, pois também ele disse: *‘Flexíveis até os deuses o são. Com as suas preces, por meio de sacrifícios, votos aprazíveis, libações, gordura de vítimas, os homens tornam-nos propícios, quando algum saiu do seu caminho e errou’* (Ilíada IX.497-501)”.³⁴⁷

Meus irmãos, este quadro pode parecer estranho, mas na realidade, muitas pessoas ainda crêem assim ou, pelo menos se comportam como se Deus fosse movido de um lado para o outro conforme as nossas “seduções espirituais”: longas orações, peregrinações, sacrifícios, abstinências, louvores exaltados, entre outros recursos. Este não é o Deus das Escrituras. O nosso Deus dirige todas as coisas com sabedoria, justiça e amor; é a ele a quem oramos: “seja feita a tua vontade!”.

A oração é um testemunho solene de nossa confiança no cuidado paternal de Deus. A Palavra nos estimula a lançar sobre Deus e a sua promessa toda a nossa confiança. Jesus Cristo nos instrui: **“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal”** (Mt 6.33,34). **“Não se vendem dois pardais por um asse? e nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais”** (Mt 10.29-31).

Deus, o nosso Pai, cuida de cada um de nós como se fôssemos o único que ele teria para cuidar; ele cuida “pessoalmente” de nós. As nossas orações são o testemunho desta certeza. O Deus que preservou a Elias, enviando os corvos para lhe levarem alimento (1Rs 17.1-6), é o mesmo que é o nosso Pai onisciente e providente. Portanto, podemos fazer eco ao testemunho de fé e vida de Davi e de Paulo: **“O Senhor, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita não serei abalado”** (Sl 16.8). **“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça”** (Fp 4.6).

³⁴⁷ Platão, *A República*, 7ª ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian (1993), 364c-e.

e. Pai Todo-Poderoso (Mt 6.10,13)

Deus é soberano: A ele pertence o poder, o Reino e a glória eternamente. A sua soberana vontade é caracterizada pela perfeição: a sua vontade é perfeita (Rm 12.2).

O Deus a quem oramos é o nosso Pai, Aquele que reina sobre todas as coisas. Por isso, não há impedimentos na concretização de suas promessas. É justamente isso que diz o anjo a Maria: **“Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas”** (Lc 1.37).

Devemos ressaltar, aqui, que Deus é soberano na utilização de seus meios: **“... Segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?”** (Dn 4.35). Assim, conforme a própria Escritura nos relata, Deus é livre para usar os anjos, os eleitos, os ímpios, Satanás, uma jumenta, etc. Ele é quem determina os fins e os meios pelos quais atuará.

Meditemos, agora, sobre algumas manifestações da soberania de Deus, a fim de que possamos melhor conhecer o nosso Pai, o Rei a quem oramos e servimos.

1. Soberania na Criação³⁴⁸

A Bíblia atesta que Deus faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade (Ef 1.11), como lhe agrada (Sl 115.3), como lhe aprouve (Sl 135.6), sendo todos os seus atos livres como são, manifestações do seu soberano poder e da sua infinita sabedoria (Pv 3.19; Rm 11.33).

Jeremias escreve: **“O Senhor fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria, e com a sua inteligência estendeu os céus”** (Jr 10.12). No Livro de Jó lemos: **“Eis que Deus se mostra grande em seu poder!”** (Jó 36.22). A criação é resultado da vontade e do poder criador de Deus, revelando aspectos da sua grandeza (Gn 1.1,26,27; Sl 148.5; Is 44.24; Jr 32.17; Rm 1.20; 4.17; Hb 11.3; Ap 4.11; Rm 4.17; 2Co 4.6; Hb 11.3).

No relato da criação do homem, encontramos o registro inspirado: **“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...”** (Gn 1.26), indicando o decreto trinitário que antecede o tempo e que, agora, se executa historicamente conforme o eternamente planejado: **“Façamos”**. **“É a Trindade quem delibera, sem qualquer intervenção ou consulta feita aos anjos.”**³⁴⁹

O “façamos” de Deus é a execução autodeliberada de Deus em criar o homem; deste modo, na criação, em geral, e do homem, em especial, encon-

³⁴⁸ Sobre este tópico, Vd. Hermisten M.P. Costa, **Antropologia Teológica: Uma Visão Bíblica do Homem**, São Paulo, 2000, *passim*. (Trabalho não publicado)

³⁴⁹ Ernest F. Kevan, Gênesis: In: F. Davidson, ed. **O Novo Comentário da Bíblia**, 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1976, p. 84.

tramos a concretização precisa do decreto eterno de Deus. O homem é o produto da vontade de Deus. **“Tudo quanto aprovou ao Senhor ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos”** (Sl 135.6). Assim, o homem não foi criado por um insensível acaso, por uma catástrofe cósmica ou por uma complicada mistura de gases e matérias. O homem foi formado por Deus de acordo com a sua sábia e soberana vontade (Gn 2.7; Rm 11.33-36). **“Louvem o nome do Senhor, pois mandou ele, e foram criados”** (Sl 148.5).³⁵⁰ O poder de Deus “é a primeira coisa evidente na história da criação (Gn 1.1).”³⁵¹ E a criação do nada nos fala de seu infinito e incompreensível poder.³⁵²

Davi contemplando a majestosa criação de Deus, escreveu: **“Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as suas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem”** (Sl 139.14).

Embora a Bíblia não declare o método usado por Deus, a idéia de uma evolução teísta está fora de questão. O texto de Gn 1.26,27 implica a criação do homem não a partir de seres criados, nem como resultado de uma suposta evolução de seres inferiores. O verbo **קָרָא**, usado em Gn 1.26,27, no “Kal” é sempre teológico, apresentando Deus como o sujeito da ação, que do nada, pelo seu poder, faz vir a existência algo novo, que antes não existia (Cf. Gn 1.1; 2.4; Sl 51.12;102.19; 148.5; Is 41.20; 48.6,7; 65.17, Am 4.13, etc.),³⁵³ contrapondo-se também aos deuses pagãos (Ez 28.13,15).³⁵⁴

³⁵⁰ Como indicativo histórico do conceito judeu referente à criação do mundo como proveniente do nada, citamos o livro apócrifo de Macabeus, que diz: “Suplico-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra e para todas as coisas que há neles, e que penses bem que Deus as criou do nada, assim como a todos os homens.” (2Mac 7.28).

³⁵¹ Stephen Charnock, **Discourses upon The Existence and Attributes of God**, 9^a ed. Michigan, Baker Book House, 1989, Vol. II. p. 36.

³⁵² Cf. Stephen Charnock, **Discourses upon The Existence and Attributes of God**, Vol. II, p. 38.

³⁵³ Cf. William Gesenius, **Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament**, 3^a ed. Michigan, WM. Eerdmans Publishing Co. 1978, pp. 138,139; Thomas E. McComiskey: In: R. Laird Harris, ed. **Theological Wordbook of the Old Testament**, 2^a ed. Chicago, Moody Press, 1981, p. 127b; H.II. Esser, Criação: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, I, p. 536; C.F. Keil & F. Delitzsch, **Commentary on the Old Testament**, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans (s.d.), Vol. I (Gn 1.1), p. 47; G.L. Archer Jr., **Merece Confiança o Antigo Testamento**, São Paulo, Vida Nova, 1974, p. 208; William G.T. Shedd, **Dogmatic Theology**, 2^a ed. Nashville, Thomas Nelson Publishers, 1980, Vol. I, p. 465-466; A.H. Strong, **Systematic Theology**, 11^a ed. Philadelphia, The Judson Press, 1947, pp. 374-376; Walter C. Kaiser Jr. **Teologia do Antigo Testamento**, São Paulo, Vida Nova, 1980, p. 76; Millard J. Erickson, **Christian Theology**, 13^a ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1996, p. 369. Outras características do verbo e seu emprego no A.T. podem ser encontradas em W.H. Schmidt, **ברא**: In: Ernst Jenni & Claus Westermann, **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978, Vol. I, pp. 489,490.

³⁵⁴ W.H. Schmidt, **ברא**: In: Ernst Jenni & Claus Westermann, **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, Vol. I, p. 489. Veja-se também: In: W. Foerster, **κτίω**: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. III, pp. 1005-1028.

O homem como criação secundária (em termos de ordem, não de importância), foi formado com maestria e habilidade³⁵⁵ de matéria previamente criada por Deus (Gn 3.19), entretanto, ele recebeu diretamente de Deus o fôlego da vida (Gn 2.7), passando ao mesmo tempo a ter uma origem terrena e celestial.

Agostinho (354-430), no final do 4º século (c. 395-398), extasiado com a criação de Deus, escreveu de modo poético:

“De que modo, porém, criastes o céu e a terra, o qual foi a máquina de que vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como o artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se vós lhe não tivésseis criado a imaginação?

“O artífice impõe a forma à matéria – a qual já existia e já a continha – isto é, à terra, ou à pedra, ou à madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material. Mas donde proviriam estes seres, se os não tivésseis criado? (...). Mas de que modo os fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que vós não criáveis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência?

“Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados (Sl 33.6,9). Vós os criastes pela vossa palavra!

“Mas como é que falastes? (...) Efetivamente, qualquer que seja a substância com que produzistes essa voz, de modo algum poderia existir, se a não tivésseis criado. Mas que palavra pronunciastes para dar ser à matéria com que havíeis de formar aquelas palavras?”³⁵⁶

Charnock (1628-1680)³⁵⁷ observa que o fato de a criação de Deus ter em si a capacidade de se propagar conforme a ordem divina: **“Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves”** (Gn 1.22) – revela o poder do Criador. Deus por sua Palavra cria o mundo e, segundo o exercício deste mesmo poder, capacita às suas criaturas a se propagarem, tornando “o ser humano como co-criador criado”.³⁵⁸

³⁵⁵ Vd. Derek Kidner, *Gênesis: introdução e Comentário*, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1979 (Gn 2.7), p. 57.

³⁵⁶ Agostinho, *Confissões*, São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. VI), 1973, XI.5-6, pp. 238,239.

³⁵⁷ S. Charnock, *Discourses upon The Existence And Attributes of God*, II, p. 47ss.

³⁵⁸ Devo esta expressão ao teólogo luterano Philip J. Hefner. No entanto, deve ser observado que o autor emprega a expressão numa acepção distinta da minha. (Vd. Philip J. Hefner, *A Criação*: In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson, editores, *Dogmática Cristã*, São Leopoldo, RS, Sinodal, 1990, Vol. I, p. 327).

2. Nas Obras da Providência³⁵⁹

“As obras da providência de Deus são a sua maneira muito santa, sábia e poderosa de preservar e governar todas as suas criaturas, e todas as ações delas.” (*Catecismo Menor de Westminster*, Pergunta 11) (Vd. Sl 104.24; 145.17; Mt 10.29,30; Hb 1.3).

Entendemos que as obras da providência consistem na execução temporal dos decretos eternos de Deus, conforme nos diz o *Catecismo Maior de Westminster* (1647): “Deus executa os seus decretos nas obras da criação e da providência, segundo a sua presciência infalível e o livre e imutável conselho de sua própria vontade” (Pergunta 14) (Vd. Dn 4.35; Ef 1.11; 1Pe 1.1,2).

Deus preserva o mundo, governando-o por meio das leis que ele mesmo criou, caminhando, assim, para a realização do seu propósito eterno.³⁶⁰ O governo de Deus é uma manifestação do seu poder (Sl 65.5-8; 66.7; 103.19; Hb 1.3).

Para o povo judeu, a grande demonstração histórica do poder de Deus deu-se na sua libertação do cativo egípcio (Êx 15.6; Dt 5.15; Sl 106.8).

As Escrituras declaram que todos estão sob o seu poder: Os reis (Pv 21.1), as nações (Sl 66.7), os inimigos do povo de Deus (Sl 68.1,2) e as coisas aparentemente “insignificantes” (Mt 10.29,30). Tudo que existe tem a sua sustentação e preservação no Deus Todo-Poderoso. Portanto, não há o que temer; as próprias montanhas “se desmoronam na presença do Senhor”.³⁶¹ (Sl 68.7,8; Êx 19.18).

3. No Controle de Satanás e Seus Anjos

Satanás nada pode fazer sem a prévia permissão de Deus; Deus delimitou o seu raio de ação (Jó 1.12; Mc 5.7-13). “Cristo já derrotou Satanás uma vez para sempre, mas ele está sempre pronto para renovar a batalha”, conclui Calvino.³⁶²

Sobre isto, como já mencionamos, Calvino (1509-1564) escreveu: “É evidente que Satanás está sujeito ao poder de Deus, e é de tal maneira governado por sua vontade que se vê obrigado a obedecer-lhe e a cumprir o que lhe manda”.³⁶³ Em outro lugar continua: “Satanás com toda sua fúria e com suas

³⁵⁹ Sobre este tópico, Vd. Hermisten M.P. Costa, **A Providência de Deus: Governo ou Fatalismo?**, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado). Agostinho (354-430), depois de convertido, narrando as orações piedosas e intercessórias de sua mãe – Mônica –, escreveu: “Ó bondosa Onipotência que olhai por cada um de nós como se dum só cuidásseis, velando por todos como por cada um!” (Agostinho, **Confissões**, II.11. p. 67).

³⁶⁰ Vd. Hermisten M.P. Costa, **Escatologia: o Sentido da História à Luz da Sua Consumação – Introdução**, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

³⁶¹ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 68.2), p. 642.

³⁶² J. Calvino, **Exposição de Romanos**, (16.20), p. 519.

³⁶³ J. Calvino, **As Institutas**, I.14.17. Vd. também: J. Calvino, **Exposição de Romanos** (1.24), p. 71.

forças se vê reprimido por seu mandato [mandato de Deus], como o cavalo pelo freio, e tudo quanto poderia impedir nosso bem e salvação depende de seu arbítrio e vontade [de Deus]”.³⁶⁴

4. Na Vida de Jesus Cristo³⁶⁵

1) Nascimento Virginal: Foi uma obra sobrenatural, realizada pelo poder do Espírito de Deus (Lc 1.35).

O *Catecismo Menor de Westminster* (1647) diz: “Cristo, o Filho de Deus, fez-se homem tomando um verdadeiro corpo e uma alma racional, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria, nascido dela, mas sem pecado” (Pergunta 22).

2) Ministério: Seu Ministério foi marcado por atos de poder (Lc 4.14,36; 5.17; At 10.38; Is 61.1-3).

3) Morte: Curiosamente, o que poderia parecer um fracasso – a morte de Cristo – consistiu na execução do Plano eterno de Deus, por meio da livre responsabilidade da maldade humana (Mt 20.28; Jo 10.11,15; At 2.22,23; 4.27, 28/1Pe 1.18-20; Ap 13.8).

4) Ressurreição: A ressurreição de Cristo se constitui no clímax da demonstração do poder de Deus nesta era (2Co 13.4; Cl 2.12; Ef 1.19,20; Fp 3.10; At 2.24; 3.15; 4.10; 5.30; Rm 10.9).³⁶⁶

5) No Lugar Ocupado, à Destra de Deus: Jesus Cristo ocupa um lugar de honra junto ao Pai, que pelo seu poder o exaltou, colocando-o à sua direita (At 2.32-36; Ef 1.19-23; Fp 2.9; Hb 2.9).

Não devemos nos esquecer do fato de que Jesus Cristo não foi simplesmente um alvo especial do poder de Deus; ele como igual a Deus (Jo 1.1,14; 10.30; Mt 28.18,19; 1Jo 5.20; Fp 2.6)³⁶⁷ é a própria manifestação encarnada do poder de Deus (1Co 1.24; Hb 1.3). Jesus Cristo é o próprio Deus encarnado!

³⁶⁴ J. Calvino, *As Institutas*, I.16.3. Vd. também: J. Calvino, *As Institutas*, I.17.11.

³⁶⁵ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Pessoa e Obra do Espírito Santo*, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

³⁶⁶ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Ressurreição de Cristo*, São Paulo, 1990, pp. 8,9 (Trabalho não publicado). Agostinho comenta: “A fé dos cristãos não é louvável porque eles crêem no Cristo que morreu, mas no Cristo que ressuscitou. Pois, também o pagão acredita que ele morreu e te acusa como de um crime teres acreditado num morto. Que tens, portanto, de louvável? Teres acreditado que Cristo ressuscitou e esperar que hás de ressuscitar por Cristo. Nisto consiste uma fé louvável. ‘Se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’ (Rm 10.9). (...) Esta é a fé dos cristãos.” [Agostinho, *Comentário aos Salmos* (SI 101), Vol. III, pp. 32,33].

³⁶⁷ Consulte: *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 36; *Confissão de Westminster*, VIII.2; *Catecismo Menor de Westminster*, Pergunta 21.

5. Na Vida dos Eleitos³⁶⁸

1) *A salvação eterna*³⁶⁹

A misericórdia de Deus está condicionada à sua vontade: **“Terei misericórdia de quem me aprover ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprover ter compaixão”**, declara Deus a Moisés (Rm 9.15; Êx 33.19).

A nossa salvação é decorrente primeiramente da vontade soberana e misericordiosa de Deus (Mt 19.23-36; Hb 7.25; Tg 4.12). Deus age por meio da sua poderosa Palavra (Rm 1.16; 9.16-18; 10.17; 1Co 1.18), conduzindo-nos a Cristo (Jo 6.44,65), confessando-o como nosso Senhor (1Co 12.3). Deus mesmo dá-nos a certeza de que fomos salvos pelo poder da sua graça (Jo 10.27-29); confirmando (Rm 16.25-27);³⁷⁰ selando (Ef 1.13; 4.30), edificando (At 20.32), santificando (2Ts 2.13) e preservando-nos (Jd 24,25) até a conclusão do seu propósito em nós: a salvação eterna para a glória de Deus (Fp 1.6; 2Ts 1.11,12; 1Pe 1.3,5; 2Pe 1.3).

A certeza de que Deus é o Senhor da salvação e que a ele pertence o poder para nos salvar, conforme o seu decreto eterno, deve nortear e direcionar todo o nosso pensar e agir evangélico. A salvação é uma prerrogativa única e exclusiva de Deus: ele tem poder e total liberdade para salvar a quem ele quiser; a Palavra diz que a salvação pertence a Deus (Hb 2.10; 5.9; Tg 4.12; Ap 7.10; 19.1). De fato, Deus é quem salva, conforme o seu propósito gracioso revelado nas Escrituras Sagradas, preservando-nos até o fim.

2) *O fortalecimento diário*

Deus nos reveste com o seu poder para que possamos viver dignamente com toda a perseverança, longanimidade, alegria e ação de graças para a sua glória (Ef 3.16; 6.10; Cl 1.11; Fp 4.13). Deus socorre-nos em meio a toda sorte de tentações, dando-nos poder para resistir e vencer (1Co 10.13; 2Co 12.9,10; Hb 2.18; 4.15).

³⁶⁸ Sobre a doutrina da “*Eleição*”, Vd. Hermisten M.P. Costa, **A Eleição de Deus**, São Paulo, 1999. (Trabalho não publicado).

³⁶⁹ Sobre este tópico, Vd. Hermisten M.P. Costa, **Jesus, o Salvador**, São Paulo, 1988, 8 p.; **Idem., o Ministério do Espírito Santo (II)**, São Paulo, 1995, pp. 3-11. (Trabalhos não publicados).

³⁷⁰ Calvino (1509-1564), comentando o texto de Romanos 16.25, diz que Paulo ensina aqui a perseverança final. “E para que descansem (os romanos) e se apoiem neste poder, indica que ele nos foi assegurado pelo evangelho. Por isso não só nos promete a graça presente, ou seja, atual, senão também nos dá a certeza de uma graça eterna. Pois Deus nos anuncia que não somente é nosso Pai agora, senão para sempre, e o que é mais ainda, sua adoção sobrepassa a morte porque nos conduz à herança eterna.” (J. Calvino, **La Epistola del Apostol Pablo a los Romanos**, Grand Rapids, Michigan, Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1977, p. 393)

Nas Escrituras, há constante demonstração do poder de Deus, tendo isto um aspecto pedagógico; para que aprendamos a depositar a nossa confiança no Deus soberano. Calvino observa que “em virtude de nosso coração incrédulo, o mínimo perigo que ocorre no mundo influi mais em nós do que o poder de Deus. Trememos ante a mais leve tribulação, pois olvidamos ou nutrimos conceitos mui pobres acerca da onipotência divina”.³⁷¹ O poder de Deus é algo concreto e real em nossa vida diária, no nosso sustento e preservação. Essa compreensão de fé deve guiar a nossa perspectiva da realidade e, conseqüentemente a nossa atuação no mundo.

Como já mencionamos anteriormente, o nosso conforto está no poder de Deus que nos preserva do poder do maligno, o nosso maior inimigo.³⁷² Todavia, o que devemos ter sempre presente em nossas mentes e corações é que a nossa força está em Deus; sozinhos estamos perdidos: Como já estudamos, a autoconfiança espiritual é um sinal evidente de imaturidade. Calvino (1509-1564), como já aludimos, observou que: “Aqueles que a tal combate se prepararam na confiança de si próprios não compreendem suficientemente com quão aguerrido e bem equipado adversário se tenham de haver.”³⁷³

O poder de Deus nos preserva de cedermos à tentação, todavia não nos livra dela... “Não existe sequer um discípulo de Jesus que fique isento da prova da tentação: só a vitória é objeto da promessa. Esta sentença fornece-nos mais um testemunho de que a súplica final do Pai Nosso não pede que a tentação seja poupada àquele que ora, mas que Deus o ajude a vencê-la.”³⁷⁴

3) *As bênçãos cotidianas*

Tudo que temos e recebemos são manifestações do poder e graça de Deus (Jo 3.27; Ef 1.3); por isso, devemos usar tudo de que dispomos, com toda humildade (1Co 4.7; 2Co 3.5), para serviço e glória de Deus (1Co 10.31; Cl 3.17,23,24) (Leia também: Mt 5.45; Lc 6.35).

4) *As boas obras*³⁷⁵

Deus é quem nos capacita a fazer as boas obras. Sem ele nada podemos; somos totalmente incapazes de “frutificar”, de realizar o bem; somos inteiramente e absolutamente devedores ao poder gracioso de Deus (Jo 15.4-8;

³⁷¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (SI 68.17), p. 658.

³⁷² “Satanás está nas mãos de Deus. Ele tem de servir a Deus contra a sua vontade. Ainda que Satanás disponha de poder, este está limitado à vontade de Deus. Isto é motivo de consolo para o crente” (D. Bonhoeffer, *Tentação*, Porto Alegre, RS, Editora Metrópole, 1968, p. 64).

³⁷³ J. Calvino, *As Institutas*, III.20.46.

³⁷⁴ J. Jeremias, *O Pai Nosso: A Oração do Senhor*, p. 53.

³⁷⁵ Sobre este tópico, consulte: Hermisten M.P. Costa, *A Salvação e as Boas Obras*, São Paulo, 1990, 18 p. (Trabalho não publicado).

2Co 3.5; Fp 2.13). Por isso, a nossa fé deve se apoiar no poder de Deus (1Co 2.4,5). Os salvos têm o seu “homem interior” criado de novo em Cristo Jesus: **“Pois somos feitura (ποίημα: “obra de arte”)³⁷⁶ dele, criados (κτίζω)³⁷⁷ em Cristo Jesus para as boas obras...”** (Ef 2.10). Somos filhos de Deus, criados não por qualquer um, mas pelo próprio Deus (Sl 100.3). Com base no texto de Efésios, podemos dizer que o homem é o mais belo poema de Deus, criado em Cristo Jesus nosso Senhor! Tudo isso deve se revelar em nossas obras: sinais de nossa obediência a Deus.

5) *No cumprimento de suas promessas*

Como temos dito, Deus sempre realiza o seu plano; não há circunstâncias que impossibilitem o cumprimento das suas promessas. Deus é o Senhor das promessas e das circunstâncias! **“Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas”** (Lc 1.37). (Leia também: Gn 18.14; Rm 4.20,21; Tt 1.2; 2Pe 3.9)

Isto traz consigo uma implicação prática referente às nossas orações: A Palavra de Deus é o manual de nossas orações. Devemos ser guiados não pelos nossos pensamentos ou por aquilo que julgamos que Deus deveria nos conceder, mas, sim, por tudo aquilo que Deus nos promete. “As promessas de Deus contêm a matéria da oração e definem as suas dimensões. Aquilo que Deus tem prometido, tudo quanto ele tem prometido, e nada mais, sobre isso podemos orar.”³⁷⁸

³⁷⁶ Ποίημα quer dizer “o que é feito”, “obra”, “criação”, “obra-prima”, “obra de arte”, especialmente um produto poético. O nome da obra de Aristóteles (384-322 a.C.) que foi traduzida para o português com o nome de “Poética”, em grego, intitula-se Περὶ ποιητικῆς. Aliás, são estas as palavras com as quais Aristóteles inicia a sua obra. (Vejam-se entre outros: F.F. Bruce, **The Epistle to the Ephesians, a Verse-by-Verse Exposition**, Londres, Pickering & Inglis, 1961, *in loco*; M. Barth, **The Anchor Bible: Ephesians**, Garden City, New York, Doubleday, 1974, Vol. 1, *in loco*; Ποίημα: In: William F. Arndt & F.W. Gingrich, **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**, 2ª ed. Chicago, University Press, 1979, p. 689; Ποίημα: **A Lexicon Abridged from Liddell and Scott’s Greek-English Lexicon**, London, Clarendon Press, 1935, p. 568). Para um estudo mais detalhado do verbo ποιέω e de seus cognatos, vejam-se: H. Braun, ποιέω: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. VI, pp. 458-484; C. F. Thiele, Trabalhar: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Vol. IV, pp. 649-652.

³⁷⁷ Κτίζω indica uma nova criação de Deus efetuada em Cristo (* Mc 13.19; Rm 1.25; 1Co 11.9; Ef 2.10,15; 3.9: 4.24; Cl 1.16 (2 vezes); 3.10; 1Ts 4.3; Ap 4.11; 10.6). Nesta palavra, como bem observa Lenski, temos o equivalente ao verbo hebraico קָרָא, “chamar à existência do nada” (R.C.H. Lenski, **The Interpretation of St. Paul’s Epistles to the Ephesians**, p. 425). Para um estudo mais detalhado, vejam-se: W. Foerster, κτίζω: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. III, pp. 1000-1035; H.H. Esser, Criação: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Vol. I, pp. 536-544.

³⁷⁸ A.W. Pink, **Enriquecendo-se com a Bíblia**, p. 47.

6) O testemunho³⁷⁹

A missão da Igreja inspira-se e fundamenta-se no exemplo trinitário. O Pai envia o seu Filho (Jo 3.16), ambos enviam o Espírito à Igreja (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6), habitando em nossos corações (Rm 8.9-11,14-16); e nós somos enviados pelo Filho, sendo guiados pelo Espírito de Cristo (Jo 17.18; 20.21).

A Igreja de Deus é identificada e caracterizada pela genuína pregação da Palavra. A Igreja, na sua proclamação, revela quem é: nós somos identificados não simplesmente pelo que dizemos a nosso respeito, mas, principal e fundamentalmente, pelo que revelamos em nossos atos. A Igreja revela-se como povo de Deus no seu testemunho a respeito de Deus e da sua glória manifestada em Cristo, bem como na declaração do pecado humano e da necessidade de reconciliação com Deus. A Igreja não é a mensagem; antes é o meio de proclamação; todavia, neste ato de proclamação das virtudes de Deus, ela torna patente a sua identidade divina, demonstrando o poder daquilo que ela testemunha, visto ser a Igreja o monumento da graça e misericórdia de Deus, constituído a partir da Palavra criadora de Deus. É justamente por isso que “a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar”.³⁸⁰

“Somente quando a Palavra de Deus é pregada, de acordo com as Escrituras, ali é ouvida a voz do Bom Pastor, chamando suas ovelhas pelo nome (...). Quando a Palavra não é pregada, ali Cristo não fala sua Palavra de salvação, e ali não está reunida a Igreja.”³⁸¹

O Espírito capacita a Igreja a cumprir o que Jesus lhe ordenou. Isto ele faz concedendo-lhe poder (At 1.8; 4.8-13, 31). Somente o Espírito pode capacitar a Igreja a desempenhar de forma eficaz o seu ministério. O Espírito que recebemos é de poder (2Tm 1.7). O texto de Atos 1.8 resume bem o conteúdo do Livro de Atos: A Igreja testemunha no poder do Espírito de Jesus (At 16.7). “O poder do Espírito Santo é sua capacidade de ligar os homens ao Cristo ressurreto de tal maneira que sejam capacitados a representá-lo. Não há nenhuma bênção mais sublime.”³⁸² No Pentecoste se concretiza historicamente a capacitação da Igreja para a sua missão no mundo; o Pentecoste revela o caráter missionário da Igreja, tornando cada crente uma testemunha de Cristo. “Pentecoste significa evangelismo”.³⁸³

³⁷⁹ Sobre este tópico, consulte: Hermisten M.P. Costa, **Breve Teologia da Evangelização**, São Paulo, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996.

³⁸⁰ D.M. Martyn Lloyd-Jones, **Pregação e Pregadores**, São Paulo, Fiel, 1984, p. 23.

³⁸¹ Herman Hoeksema, **Reformed Dogmatics**, 3^a ed. Grand Rapids, Michigan, Reformed Publishing Association, 1976, p. 621.

³⁸² Frederick D. Bruner, **Teologia do Espírito Santo**, São Paulo, Vida Nova, 1983, p. 129.

³⁸³ R.B. Kuiper, **El Cuerpo Glorioso de Cristo**, Grand Rapids, Michigan, SLC, 1985, p. 221.

A Igreja conforme já citamos é, uma testemunha comissionada pelo próprio Deus para narrar os seus atos gloriosos e salvadores. A Igreja, “o agente por excelência para a evangelização”.³⁸⁴ Assim, a sua mensagem não foi recebida de terceiros, mas, sim, diretamente de Deus, por meio da Palavra do Espírito, registrada nas Sagradas Escrituras. A Igreja declara ao mundo o “Evangelho do Reino”, visto e experimentado por ela em sua cotidianidade. “A Igreja e o evangelho são inseparáveis (...). A Igreja é tanto o fruto como o agente do evangelho, visto que por meio do evangelho a Igreja se desenvolve, e por meio desta se propaga aquele.”³⁸⁵ O testemunho da Igreja é resultado de uma experiência pessoal: o Espírito dá testemunho do Filho, porque procede do Pai e do Filho (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6); nós damos testemunho do Pai, do Filho e do Espírito, porque os conhecemos e temos o Espírito em nós (Jo 15.26,27; 14.23; Rm 8.9). A nossa tarefa é ensinar o Evangelho tal qual registrado nas Escrituras, em submissão ao Espírito que nos dá compreensão na Palavra e por intermédio dela (Sl 119.18).

Encontramos exemplos deste testemunho em Estevão, que falava cheio do Espírito Santo (At 6.10; 7.55); em Paulo, que após receber o Espírito, no ato da sua conversão, passou a pregar que Jesus era o Filho de Deus (At 9.17-20; 13.9-12) e, também, em Barnabé, no seu breve, porém profícuo, ministério em Antioquia (At 11.21-25).

O poder do Espírito não significa simplesmente uma vitória sobre as dificuldades, antes, ele nos fala do triunfo, mesmo quando a derrota nos parece evidente. Assim, Estevão testemunhou no poder do Espírito e foi apedrejado; Paulo cumpriu seu ministério sob a direção do Espírito e foi preso e martirizado. Estes exemplos, que não são isolados, nos falam de uma aparente derrota e frustração, todavia, é apenas uma falsa percepção dos fatos. O poder do Espírito é a capacitação para levar adiante a mensagem de Cristo, mesmo que isto nos custe o mais alto preço do testemunho, que é o martírio. A Igreja, no poder do Espírito, declara solene e corajosamente: **“Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”** (At 4.20). **“Antes importa obedecer a Deus do que aos homens”** (At 5.29). **“Estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus”** (At 21.13).

A Igreja tem com muita freqüência se distanciando daquilo que a caracteriza: a pregação da Palavra. Ela tem feito discursos políticos, sociais, ecológicos, etc.; todavia, tem se esquecido de sua prioridade essencial: pregar a Palavra, a fim de que os homens se arrependam e sejam batizados, ingressando,

³⁸⁴ R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, p. 220.

³⁸⁵ John R.W. Stott & Basil Meeking, editores, *Dialogo sobre la Mision*, Grand Rapids, Michigan, Nueva Creación, 1988, p. 62.

assim, na Igreja. Com isto, não estamos defendendo um total distanciamento da Igreja do que ocorre na história, pelo contrário, a Igreja deve agir de forma evidente e efetiva na história; acontece que ela age de forma eficaz não com discursos rotineiros a respeito da pobreza, da violência e do desmatamento, mas, sim, na proclamação do Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a transformação de todos os que crêem (Rm 1.16,17).³⁸⁶

O Rev. Boanerges Ribeiro, com a sua costumeira acuidade, assevera:

“A Igreja declara que a relação se restabeleceu entre Deus e o homem, pela Palavra criadora de Deus. Eis uma declaração que inquieta o mundo; eis uma declaração que provoca a fúria homicida do mundo em agonia, contra a Igreja imortal, o que tantas vezes faz da testemunha, mártir; e da Revelação a João, a tela de horrores apocalípticos, em que a besta desesperada tenta em vão destruir a Igreja. Mas a Igreja há de dar testemunho: não pode fugir à vocação de seu ser.

“A Igreja é a comunidade de seres humanos organizada pela presença permanente do Espírito Santo (...) conservada no mundo para ser testemunha de Cristo por meio da Palavra de Deus”.³⁸⁷

Por isso, a Igreja, como testemunha, não tem o direito de optar se deve ou não dar o seu testemunho, nem a quem deve testemunhar, e nem realmente deseja fazer isto: Ela, de fato, não pode se calar, do mesmo modo que não podemos deixar de respirar... A Igreja não pode deixar de dar testemunho, visto que ela “não pode fugir à vocação do seu próprio ser”.³⁸⁸ (At 1.8; 4.8-13; 6.10; 7.55; 9.17-20; 11.21-25; 13.9-12)

Como Igreja, somos levados sob a direção do Espírito, de modo irreversível, a testemunhar sobre a realidade de Cristo e do poder da sua graça.

Desta forma, devemos ter consciência de que o nosso trabalho depende inteiramente do Espírito da graça de Deus: Sem a operação do Espírito da graça, toda a nossa reflexão, todo o nosso esforço, todos os nossos métodos, toda a nossa oratória e capacidade de persuasão serão vãos. O poder do Evangelho está no conteúdo da sua mensagem, que somente é compreendido pela ação do Espírito (Hb 10.29; 1Co 1.17; 2Co 2.1-5; 1Ts 1.5; 1Co 3.1-9).

J.I. Packer nos diz isto, de forma contundente:

“Por mais que apresentemos o evangelho, de forma clara e convincente, não temos qualquer esperança de convencer ou converter quem quer que seja. Poderíamos o prezado leitor e eu, mediante nossas palavras mais intensas, quebrar o poder que Satanás exerce sobre a vida de um homem? Não. Poderíamos proporcionar vida aos espiritualmente mortos? Não. Poderíamos nutrir a esperança de convencer os pecadores sobre a verdade do evangelho mediante as mais pacien-

³⁸⁶ Veja-se, Hermiston M.P. Costa, *As Questões Sociais e a Teologia Contemporânea*, São Paulo, 1986, 15 p. (Trabalho não publicado).

³⁸⁷ Boanerges Ribeiro, *O Senhor Que se Fez Servo*, São Paulo, O Semeador, 1989, pp. 42,43.

³⁸⁸ Boanerges Ribeiro, *O Senhor Que se Fez Servo*, p. 43.

tes explicações? Não. Poderíamos esperar levar os homens a obedecerem ao evangelho por meio de quaisquer palavras de exortação que porventura disséssemos? Não. Nossa maneira de evangelizar não será realista enquanto não tivermos enfrentado esse fato esmagador, permitindo que ele exerça o devido impacto sobre nós (...). Considerada como um empreendimento humano, a evangelização é uma tarefa inútil. Em princípio não pode produzir o efeito desejado. Podemos pregar, e pregar de modo claro, fluente e atrativo; podemos falar a indivíduos da maneira mais apropriada e desafiadora; podemos organizar cultos especiais, distribuir folhetos, exibir cartazes e encher a terra de publicidade – mas não há a mais remota esperança de que toda essa queima de esforços será capaz de conduzir qualquer alma a Deus. A não ser que algum outro fator interfira nessa situação, nossos próprios desempenhos, todas as atividades evangelísticas estarão condenadas de antemão ao fracasso. Esta é a verdade, nua e crua, que temos de enfrentar”.³⁸⁹

7) *Vocação ministerial*

Primeiramente, o chamado para o ministério da Palavra não é uma questão de querer ou não querer; depende exclusivamente do poder de Deus; posteriormente, como algo natural, o homem deseja cumprir o ministério recebido, atendendo à vocação de Deus. Deus atua em nossa vontade mediante o seu poder (Jr 1.5; Gl 1.15; Ef 3.7; Fp 2.13). “... os pastores genuínos não se precipitam temerariamente ao sabor de sua própria vontade, e, sim, são levantados pelo Senhor. (...) Nenhum homem estará apto para tão excelente ofício, caso não seja ele formado e produzido por Cristo mesmo. O fato de termos ministros do evangelho, é um dom divino; o fato de que se desincumbem da responsabilidade que lhes foi confiada, é igualmente um dom divino.”³⁹⁰

6. Nas Últimas Coisas³⁹¹

O poder de Deus também se manifestará escatologicamente. Vejamos, de forma esquemática, alguns aspectos desta manifestação:

³⁸⁹ J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, pp. 74,75. Quando evangelizamos, estamos certos do poder soberano de Deus, que age nos eleitos, criando fé, por meio da sua Palavra. Contudo, como crerão e invocarão o nome do Senhor se não conhecerem o Evangelho? (Rm 10.9-15). A soberania de Deus é uma determinante da evangelização.

J.I. Packer, ressaltando a importância da convicção da soberania de Deus no ministério evangélico, diz:

“(A) fé fervorosa na soberania absoluta de Deus (...) não somente fortalece a evangelização como sustenta o evangelista, criando uma esperança de êxito que, de outro modo, não poderia ser realidade; e igualmente nos ensina a ligar a pregação à oração, tornando-nos ousados e confiantes perante os homens, ao mesmo tempo em que nos torna humildes e persistentes perante Deus.” (J. I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, pp. 84,85. Veja-se, também, pp. 66,67; 74-75; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo, PIES, 1976, pp. 50,51) (Vejam-se: Jo 15.5; 16.33; 1Co 15.57,58; Fp 4.13).

³⁹⁰ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.11), p. 120.

³⁹¹ Sobre este capítulo, consulte: Hermisten M.P. Costa, *A Segunda Vinda de Cristo*, São Paulo, 2000; *Idem*, *O Juízo Final*, São Paulo, 2000. (trabalhos não publicados).

1) No regresso triunfante de Jesus Cristo

A primeira vinda de Cristo foi em humildade. Ele fez-se pobre por nós, deixando a sua glória eterna para conviver conosco (Is 53.2,3; Jo 17.5; 2Co 8.9; Fp 2.7,8); na segunda vez, Cristo virá em poder e glória, revelando a todos a sua vitória, conquistada para o seu povo, sobre Satanás, a morte e o pecado (Mt 24.30; Mc 13.26).

2) Na ressurreição final

Quando Cristo voltar em companhia dos seus anjos e das almas dos fiéis que já tiverem morrido (Mt 16.27; 25.31; 1Ts 3.13; 4.14; 2Ts 1.7), ele ressuscitará em glória os que já morreram em Cristo e transformará os corpos dos que estiverem vivos. Os nossos corpos serão os mesmos de antes, apenas com qualidades diferentes; os salvos terão seus corpos adaptados à bem-aventurança eterna; os ímpios à condenação eterna (Jo 5.28,29; At 24.15; 1Co 15.42-44; 51,52; Fp 3.21). Isto se dará pelo poder de Deus! **“Deus ressuscitou ao Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder”** (1Co 6.14) (Leia também: 1Jo 3.2; 1Ts 4.15-17; Jó 19.25).³⁹²

3) A Confissão feita pela Igreja e pelos anjos

A glória de Cristo será reconhecida por todos (Fp 2.11). Os anjos e os santos cantarão a glória e o poder de Deus (Ap 4.10,11; 5.11,12; 7.11,12; 11.16,17).

A salvação da sua Igreja será o troféu da sua vitória (Jo 17.10; 2Ts 1.10,12; Ef 2.4-7).

4) A Manifestação de verdades não reveladas

Deus nos mostrará coisas inimagináveis e grandiosas, que ultrapassam em muito aos nossos sonhos, por mais santos que eles sejam (Dt 29.29; 1Co 2.9-16; Ef 3.20). A sua presente e eterna soberania será então plenamente manifesta (Mt 20.30,31; 1Co 15.24-28). “O servo que a si mesmo se humilhou perante todos se manifestará como o Rei.”³⁹³

5) O Juízo Final

Deus revelará de forma cabal o seu poder na execução do Juízo Final (Rm 14.10-12; 2Co 5.10; Ap 20.11-15). Deus é juiz de todos (Hb 12.23). Portanto, todos os homens comparecerão diante de Cristo e cada um dará contas de si mesmo; a nossa responsabilidade é pessoal e intransferível (Mt 12.36,37; Rm 3.6; 14.10-12; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; Jd 14,15; Ap 20.12,13). Ninguém esca-

³⁹² Vd. Confissão de Westminster, XXXII. 2,3.

³⁹³ Herman N. Ridderbos, *O Testemunho de Mateus acerca de Jesus Cristo*, Patrocínio, MG, CEIBEL, 1980, p. 79.

pará (Rm 2.3); o Juízo será extremamente meticoloso e revelador (Rm 2.16; 1Co 4.5). Os eleitos serão julgados não quanto à condenação – visto que já não há condenação para os que estão em Cristo: os seus pecados foram perdoados (Rm 8.1,33,34) –, mas no que se refere ao galardão (1Co 4.5; Jo 5.24; Hb 10.30; Ap 11.18).

Todos os anjos que se rebelaram contra Deus serão condenados juntamente com o seu chefe, Satanás. A rigor falando, a sua condenação será apenas executada: Satanás já foi julgado e condenado (Mt 8.29; Jo 12.31; 16.11; 1Co 6.3; 2Pe 2.4; Jd 6).³⁹⁴ “A revelação de Cristo também significa a revelação da justiça, tanto em seu significado redentor como retributivo.”³⁹⁵ (Mt 16.27; At 10.42; 17.31; Rm 2.3-16; 14.10; 2Tm 4.1,8; 1Pe 4.5; Jd 14,15)

Atitudes para com o Deus soberano

Depois de considerarmos o soberano poder de Deus, à guisa de esboço, indicaremos bíblicamente qual deve ser a nossa atitude para com esta verdade bíblica e que, por certo, tem sido experimentada por nós:

1) Submissão prazerosa

Diante do poder de Deus, só nos resta a oração: **“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”** (Mt 6.10). Exemplos como este encontramos em Eli, diante da revelação de Deus feita a Samuel: **“... É o Senhor; faça o que bem lhe aprouver”** (1Sm 3.18). Jó, depois de perder a família e os bens: **“O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!”** (Jó 1.21).

Esta submissão prazerosa passa naturalmente pela entrega de nossos “planos” à direção de Deus, para que ele mesmo faça, refaça, dirija, nos guie... Tiago exorta: **“Atendei agora, vós que dizeis: Hoje, ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como faremos isto ou aquilo”** (Tg 4.13-15).

2) Alegre confiança

A certeza da soberania absoluta de Deus deve nos encher de uma profunda alegria e confiança; nada acontece por acaso, o desejo de Deus é o melhor para nós. Deus concretiza o seu propósito em santo amor, por isso **“sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”** (Rm 8.28).

³⁹⁴ Vd. Confissão de Westminster, XXXIII.1

³⁹⁵ Herman N. Ridderbos, *El Pensamiento del Apostol Pablo*, Vol. 2, pp. 276.277.

Quando Deus disse a Abraão que Sara teria um filho (Gn 18.14), Abraão creu, apesar de Sara ser estéril e estar demasiadamente idosa para gerar um filho. Como bem sabemos, Sara concebeu Isaaque, conforme a promessa de Deus... No Novo Testamento, Paulo comentando a fé que Abraão tinha, disse: **“Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera”** (Rm 4.20,21). Apesar de tudo apontar em outra direção, Abraão creu na promessa porque sabia quem era o autor da promessa. Calvino observa que “as pessoas erram clamorosamente na interpretação da Escritura, deixando inteiramente suspensa a aplicação de tudo quanto se diz acerca do poder de Deus e em não descansar certas de que ele será também seu Pai, uma vez que fazem parte de seu rebanho e são partícipes de sua adoção.”³⁹⁶

Portanto, ainda que não entendamos clara e perfeitamente o que nos está acontecendo, o sentido dos fatos e da história, devemos sempre manter a nossa confiança alicerçada no Deus soberano, cultivando em nosso espírito uma atitude de alegre confiança em ação de graças, como recomenda Paulo em duas ocasiões: **“Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”** (Ef 5.20). **“Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”** (1Ts 5.18).

Bavinck (1854-1921) resume bem este ponto, dizendo:

“A vontade de Deus é idêntica à sua existência, sua sabedoria, sua bondade e todos os seus atributos. E é por essa razão que o coração e a mente do homem podem descansar nessa vontade, porque é a vontade, não da sina cega, nem da energia obscura da natureza, mas de um Deus onipotente e de um Pai misericordioso. Sua soberania é uma soberania de ilimitado poder, porém é também uma soberania de sabedoria e graça. Ele é Rei e Pai ao mesmo tempo”.³⁹⁷

3) *Crescer espiritualmente*

Muitas pessoas estão interessadas em ver o poder de Deus em manifestações visivelmente milagrosas; querem sinais e prodígios. No entanto, a Palavra de Deus nos mostra que devemos recorrer ao poder de Deus para vencer as tentações e nos fortalecer na fé, crescendo espiritualmente. Assim sendo, devemos usar os recursos que Deus nos concede, a fim de que cresçamos em nossa fé, nos fortaleçamos na Palavra e na oração.

Pedro nos diz que, segundo o poder de Deus, **“nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória”** (2Pe 1.3).

³⁹⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (Sl 46.7), p. 336.

³⁹⁷ Herman Bavinck, *The Doctrine of God*, 2^a ed. Michigan, WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1955, p. 235.

Portanto, a meditação da soberania de Deus tem profundas e profícuas implicações espirituais, nos intimando a uma busca mais intensa de Deus e da sua Palavra, e a nos fortalecer **“na força do seu poder”** (Ef 6.10) (Vd. Ef 3.16; Cl 1.11; Fp 4.13).

4) Adoração e proclamação

A contemplação do Deus soberano nos enche de “reverente temor”, nos conduzindo a adorá-lo em sua glória e a proclamar a sua graça e poder entre todos. Esta foi a experiência do salmista: **“Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, todas as terras. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas. Porque grande é o Senhor e mui digno de ser louvado”** (Sl 96.1-4).

f. Pai Perdoador (Mt 6.12)

Este assunto já foi alvo de nossas reflexões, quando falamos que a oração deve ser suplicante, analisando, então, a súplica pelo perdão. Como indicamos então, retornemos a esta questão dentro de um outro prisma.

Deus é um Pai perdoador. Quando fazemos esta petição, estamos convencidos de que Deus está sempre pronto a nos perdoar. É importante também observar que o verbo empregado por Jesus para que supliquemos o perdão de Deus está no “aoristo”, indicando um ato definitivo e completo.³⁹⁸ Assim, quando pedimos que Deus perdoe definitivamente os nossos pecados, estamos amparados num ato consumado, no caso, na morte expiatória de Cristo.

A palavra traduzida por perdão (ἄφιημι) significa: “deixar ir”, “enviar”, “soltar”, “cancelar”, “desistir”, “perdoar”. Ela tem vários sentidos, todavia, sempre denota a idéia de “um livramento imerecido do homem de alguma coisa que lhe poderia ter sido infligida ou exigida, e com justiça”.³⁹⁹

Quando pedimos a Deus que nos perdoe, estamos recorrendo ao nosso Pai perdoador, que proveu em Cristo a base do seu perdão. O fundamento de nosso perdão é a obra expiatória de Cristo, coroada com a sua ressurreição (Lc 24.46,47; Rm 4.25; 1Co 15.17; 2Co 5.15). Por isso, o perdão pertence a Deus: **“Contigo... está o perdão”**, declara o salmista (Sl 130.4). Todos aqueles que estão em Cristo estão perdoados: **“Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados-uns aos outros, como também Cristo vos perdoou”** (Ef 4.32). Não há mais nenhuma condenação (Rm 8.1).

³⁹⁸ O Rev. João Alves, respeitadíssimo mestre de grego, fez uma enriquecedora observação no texto: “Só no indicativo o aoristo indica tempo passado. No imperativo, que é o caso aqui, indica apenas ‘ação completa’, não completada. É apenas o aspecto verbal, sem indicação de tempo”.

³⁹⁹ W. Barclay, *Palavras-Chaves do Novo Testamento*, p. 87.

A justificação levada a efeito por Cristo e aplicada pelo Espírito Santo nos eleitos⁴⁰⁰ (Rm 3.24; 8.33) “remove a culpa, mas não a culpabilidade do pecado, isto é, ele remove a justa sujeição do pecador à punição, mas não a culpabilidade inerente a qualquer pecado que ele continue praticando. Esta permanece e, portanto, produz sempre nos crentes um sentimento de culpa, de separação de Deus, de tristeza, de arrependimento, e assim por diante”.⁴⁰¹

O PERDÃO DE DEUS ENVOLVE

1) O Cancelamento do Poder do Pecado

O perdão de Deus é integral; isto significa que o seu perdão equivale ao cancelamento definitivo de uma dívida; não há mais lembrança, ela é tida como quitada. Na parábola do “credor incompassivo”, encontramos no senhor compassivo, que perdoou ao servo que pedia misericórdia, a ilustração desta afirmação: **“E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida”** (Mt 18.27).

Conforme já enfatizamos, quando Deus nos perdoa, ele nos livra do poder dominante do pecado; todavia, muitas das conseqüências de nossos pecados perdoados continuam. Teremos, portanto, que arcar com elas; no entanto, o Deus que nos perdoa também nos fortalece, capacitando-nos a lidar com isso, ensinando-nos inclusive a maior humildade e persistência em nossa fé. Muitas vezes é justamente no meio desta batalha que amadurecemos a nossa fé e a capacidade de resistência às tentações.

2) Aceitação do Pecador Arrependido

Na parábola do “filho pródigo” temos a narrativa do filho arrependido voltando para casa, pedindo que fosse recebido apenas como um dos trabalhadores de seu pai; no entanto, o Pai o recebeu como filho e se alegrou com ele (Lc 15.20-24).

Deus não somente nos perdoa, mas também nos recebe integralmente. Deus, quando nos perdoou em Cristo, nos recebeu como seus filhos e herdeiros, nos conduzindo ao seu reino de amor: **“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”** (Cl 1.13,14).

3) Arrependimento e Conversão

A conversão se evidencia em nossa caminhada, que deve se coadunar com a nossa natureza transformada pelo Espírito Santo; agora, as coisas velhas passaram. Nesta nova perspectiva de vida, vemos que o *arrependimento*

⁴⁰⁰ Vd. *Confissão de Westminster*, XI.4.

⁴⁰¹ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 519.

ressalta o ódio ao pecado e o seu abandono, acompanhado pelo regresso a Cristo por intermédio da fé.

A *conversão* é mais geral, abrangendo, entre outros aspectos da vida cristã, arrependimento, fé, amor e santidade.⁴⁰² Portanto, o arrependimento e a conversão envolvem uma volta para Deus, desejosos de não mais continuar pecando. O *arrependimento*, embora não seja a causa primeira do perdão de Deus – isto está em Deus mesmo –, é a porta para o perdão de Deus, ou seja, Deus perdoa porque assim decidiu livre e soberanamente fazê-lo; no entanto, sem arrependimento não há perdão.⁴⁰³

A Simão, o mágico, que pretende comprar poderes milagrosos, Pedro diz: **“Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor; talvez que te seja perdoado o intento do teu coração”** (At 8.22).

No Antigo Testamento, Isaías exorta: **“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”** (Is 55.7) (Vd. Mc 4.12).

Davi, arrependido de seus pecados e consciente do perdão de Deus, luta numa outra esfera: a pureza interior. Ele sabe que o pecado jaz dentro de si mesmo; o seu coração é mau; por isso, roga àquele que poderia transformá-lo totalmente: **“Cria em mim, ó Deus, um coração puro”** (Sl 51.10). O perdão é o início de nossa caminhada, envolvendo uma mudança de comportamento, tendo a Palavra como norma de nosso coração e direção de vida: **“Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”** (Sl 119.11). **“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos”** (Sl 119.105). Jones coloca a questão desse modo: **“O verdadeiro cristão é alguém que reconhece que não basta ser perdoado e decidir viver uma vida melhor; ele percebe que precisa ser criado de novo.”**⁴⁰⁴

4) Confissão de Nossos Pecados

A confissão é o transpirar de uma alma arrependida. Na confissão sincera temos a gestação de nossa paz com Deus, em Cristo Jesus. **“O crente que está realmente cômico do seu pecado sente no íntimo uma compulsão que o impele a confessá-lo e a buscar a consoladora segurança do perdão.”**⁴⁰⁵ João escreve: **“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”** (1Jo 1.9).

⁴⁰² Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Theologia*, Lisboa, Barata & Sanches, 1895, pp. 458,459.

⁴⁰³ Vd. *Confissão de Westminster*, XV.4.

⁴⁰⁴ David M. Lloyd-Jones, *O Clamor de um Desviado: Estudos sobre o Salmo 51*, p. 55.

⁴⁰⁵ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 519.

Deus nos perdoa de todos os nossos pecados. Ele o faz definitivamente. Não há pecado por demais grave ou intenso que não possa ser perdoado por Deus. A obra meritória de Cristo é suficiente para cobrir, apagar o pecado de todos aqueles que sinceramente se arrependem.

AS ESCRITURAS DECLARAM:

“Ele é quem *perdoa todas as tuas iniquidades*; quem sara as tuas enfermidades” (Sl 103.3).

“Eu, eu mesmo, sou o que *apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro*” (Is 43.25) (Vd. Jr 31.34).

“*Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; torna-te para mim, porque eu te remi*” (Is 44.22).

“Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, *nos purifica de todo pecado*” (1Jo 1.7).

III. QUEM PODE FAZER ESTA ORAÇÃO

INTRODUÇÃO GERAL

De início pode soar estranho o nosso subtema “**Quem pode fazer esta oração**”. Ele se parece com uma pergunta, e uma pergunta até certo ponto esdrúxula, visto que de certa forma esta oração é considerada um patrimônio da cristandade... Como, então, estabelecer critério para poder orar deste modo? Exclusivizar os cristãos?! (Mas, quem são os cristãos?) Como ousar fazê-lo? Bem, a nossa questão não encerra nenhuma pretensão além de tentar estudar com o leitor o que Jesus Cristo nos ensina nesta oração a respeito daqueles que a pronunciam sinceramente... Ora, partindo do princípio de que a oração tem sempre como uma de suas marcas fundamentais a sinceridade, pelo estudo do seu conteúdo, poderemos ter uma visão clara de quem pode fazer esta oração, não que tenhamos como propósito excluir pessoas, mas, por meio desta análise, desafiar a todos nós a rever os nossos conceitos e concepções, a fim de, pelo Espírito, nos moldar ao padrão de Deus... Estudemos pois.

A. Filhos de Deus (Mt 6.9)

1. Considerações preliminares

a. Pontos Salientes

Antes de comentarmos este capítulo, destaquemos alguns aspectos salientes:

1) Devemos observar, preliminarmente, que Jesus Cristo nos ensinou a orar ao seu Pai, dizendo: “**Pai Nosso**”.

Após a ressurreição, Jesus diz a Maria Madalena: “**...Vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus**” (Jo 20.17).

2) Outro ponto que devemos ressaltar é que se a nossa filiação é por adoção, a de Jesus Cristo é de natureza eterna: ele é eterna e necessariamente Filho de Deus. Nós, diferentemente, o somos pela graça. Daí, Jesus não falar de “nosso Pai”, mas, sim de **“meu Pai e vosso Pai”**. Todos somos filhos de Deus, contudo a nossa relação é diferente em comparação à filiação do Verbo eterno.

3) Isto nos conduz a outra observação: A Bíblia em nenhum momento apresenta a idéia da paternidade universal de Deus. Deus é Pai apenas do seu povo; esta é a doutrina bíblica.

4) Assim, esta oração só pode ser feita pelos filhos de Deus; portanto, ela é a oração dos seus filhos. Não obstante esta oração ser amplamente conhecida, recitada, lida e decorada, a verdade é que ela só pode ser feita genuinamente pelos filhos de Deus. Somente os filhos podem se dirigir a Deus como Pai. Há evidências de que, na Igreja primitiva, só poderia recitar esta oração liturgicamente o membro comungante da Igreja.⁴⁰⁶

b. A Idéia de Filiação no Mundo Pagão

Na Antigüidade não era raro ou anormal um homem ser chamado de “filho de deus”. O mundo estava cheio de homens considerados divinos, semideuses e heróis nascidos de “casamentos” dos deuses com os mortais. Tais homens se diziam filhos de deus e, por isso, eram, em alguns casos, até mesmo adorados como manifestações da divindade. Mesmo o Novo Testamento apresenta alguns indícios deste costume entre os pagãos (At 8.9-11; 12.21,22; 14.11,12; 28.6).

O episódio narrado por Lucas em Atos 14.8-18 ilustra bem a crença do povo. E, neste caso, há algo curioso: Júpiter e Mercúrio, os quais foram identificados pelo povo como Barnabé e Paulo, respectivamente (At 14.12), eram associados à região pela literatura latina. Ovídio (42 a.C.-18 d.C.), em sua obra principal, *Metamorfoses*, narra que o pobre casal, Filemon e Báucis, hospedou em sua humilde casa Júpiter e Hermes (Mercúrio), que vieram à sua cidade disfarçados de mortais a procura de uma hospedagem e que não conseguiram pousada em nenhuma das mil casas da região, exceto na do casal. Filemon e Báucis, por este ato de hospitalidade, conta-nos Ovídio, foram recompensados, sendo poupados do dilúvio que destruiu as casas de seus vizinhos não hospitaleiros; tendo, inclusive, num ato simultâneo, a sua pequena casa transformada num templo e, a pedido, receberam a incumbência de serem sacerdotes e guardiães do santuário de Júpiter e, conforme solicitaram, Filemon e Báucis, morreram juntos.⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ Vd. J. Jeremias, *O Pai Nosso*, pp. 5-6,10.

⁴⁰⁷ Vd. Ovídio, *As Metamorfoses*, Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, 1983, Livro VIII, pp. 214-216.

Esta lenda, que já era bem conhecida nos tempos de Paulo e Barnabé, esclarece por que tão prontamente o povo os identificou com tais divindades após o milagre realizado por Deus por meio deles⁴⁰⁸ ... Além disso, a idéia de que as divindades assumissem temporariamente uma forma humana já fazia parte da religiosidade do povo. Homero, o grande poeta grego, em sua *Odisséia*, escrita por volta no séc. IX a.C., disse:

“Os deuses tomam às vezes a figura de estrangeiros, vindos de longes terras e, sob aspectos diversos, vão de cidade em cidade, a fim de ficarem conhecendo quais os homens soberbos e quais os justos”.⁴⁰⁹

Em outra passagem, na mesma obra, Homero narra como a deusa Palas Atena, filha de Zeus (Júpiter), se aproximou em determinado momento, do seu protegido, Ulisses.

“Dele se abeirou Atena, sob o aspecto de um adolescente pastor de ovelhas, gentil como são os filhos dos príncipes, os ombros recobertos de dupla e fina capa, trazendo nos pés reluzentes sandálias e na mão um cajado”.⁴¹⁰

Ulisses, no diálogo que se sucede após a identificação da deusa, diz:

“Deusa, quando te aproximas de um mortal, muito dificilmente este te reconhecerá, por hábil que seja, porque tomas todos os aspectos”.⁴¹¹

O fato é que na Antigüidade a história estava repleta de intervenções divinas e, de certa forma, o povo era governado pela divindade, visto que, especialmente no Oriente, o rei era tido como filho de algum deus. No Egito, o monarca reinante era considerado divino, sendo concebido como uma geração física do deus supremo, chamado Ré; o rei era uma espécie de epifania (manifestação) do próprio deus. Na Arábia, o rei era adorado como se fosse deus. Para os sumerianos, babilônios e árabes, o rei era visto como filho adotivo de um ou de vários deuses.

Os colonizadores gregos, em suas conquistas chefiados por Filipe da Macedônia (c. 382-336 a.C.) e posteriormente por seu filho, Alexandre o Grande (356-324 a.C.), assimilaram tais idéias mesclando-as com a sua mitologia tradicional, que por si só já era bastante complexa... Dentro deste sincretismo religioso encontramos o imperador romano, sendo chamado de *Divi Filius*; os gregos criam que muitos homens descendiam fisicamente dos deuses; a ascendência divina é que determinava a existência dos reis, filósofos, sacerdotes e justos.

⁴⁰⁸ Além disso, “duas inscrições e um altar de pedra foram encontrados perto de Listra, e eles indicam que Zeus e Hermes eram adorados juntos, como divindades padroeiras locais.” [John R.W. Stott, **A Mensagem de Atos: até os Confins da Terra**, São Paulo, ABU, 1994 (At 14.11-15a), p. 258].

⁴⁰⁹ Homero, *Odisséia*, São Paulo, Abril Cultural, 1979, XVII, p. 162.

⁴¹⁰ Homero, *Odisséia*, XIII, p. 123.

⁴¹¹ Homero, *Odisséia*, XIII, p. 125.

Tais crenças proliferavam, assumindo particularidades em cada cidade e até mesmo em cada família, crescendo ainda mais o número de divindades e sendo somado a isto um processo intenso de “canonização” dos homens. O historiador Fustel de Coulanges escreveu sobre este processo:

“Todo homem, tendo prestado algum grande serviço à cidade, desde aquele que fundara até outro que lhe conseguira alguma vitória ou aperfeiçoara suas leis, tornava-se um deus para essa cidade. Nem sequer se torna necessário ter sido grande homem ou benfeitor; bastava haver impressionado vivamente a imaginação de seus contemporâneos e ter-se tornado alvo de tradição popular para qualquer pessoa se tornar herói, isto é, um morto poderoso cuja proteção fosse desejada e cuja cólera temida (...). Os mortos, fossem quais fossem, eram os guardas do país, sob condição de se lhes prestar culto”.⁴¹²

Por isso que, por mais que recuemos na história, sempre acharemos no Oriente povos, tribos e famílias que alegam ser provenientes de um ancestral divino.⁴¹³

Havia também homens que eram considerados como que possuidores de habilidades divinas para realizar milagres, sendo chamados de homens divinos. Existiam os círculos dos “espirituais” que entendiam que uma pessoa podia tornar-se divina mediante o desenvolvimento do conhecimento de Deus. Em síntese, a idéia de filho de deus refletia uma confusão existente no conceito de divindade e humanidade, acarretando, via de regra, uma diminuição da idéia de deus e, também, por outro lado, uma elevação do homem.⁴¹⁴

c. A Idéia de Filiação Divina no Contexto Bíblico-Judaico

Conforme já estudamos, o judeu reconhecia a paternidade de Deus como exclusiva sobre o povo de Israel (Cf. Dt 7.6-8; 14.1,2; 32.6, etc.). Esta paternidade estava fundamentada num ato histórico de salvação: o Êxodo do Egito. Deus libertou o seu povo como um pai liberta o seu filho (Êx 4.22,23). Portanto, Deus é Pai de Israel! (Vd. Is 63.16; Jr 31.9; Mt 2.10).

Mas o que significa ser filho de Deus? Como alguém pode se tornar filho de Deus? Como saber se somos ou não filhos de Deus? Estas são perguntas que possivelmente afloram em nossas mentes... Começaremos a responder a estas e a outras questões, partindo sempre das Escrituras Sagradas.

⁴¹² N.D. Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, São Paulo, Hemus, 1975, pp. 117,118. O autor apresenta substancial documentação que demonstra as afirmações supra.

⁴¹³ Cf. J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 2ª ed. São Paulo, Paulinas, 1979, p. 11.

⁴¹⁴ Cf. C.H. Dodd, *A Interpretação do Quarto Evangelho*, São Paulo, Paulinas, 1977, pp. 335,336.

2. A Natureza da Nossa Filiação

a. Resultado da Graça de Deus

“Por meio da fé, Cristo nos é comunicado, por intermédio de quem chegamos a Deus, e por meio de quem usufruímos os benefícios da adoção”, escreve Calvino.⁴¹⁵ Fomos adotados pela graça de Deus, tornando-nos seus filhos (Ef 1.5,6; Gl 4.4-6).

A graça é o favor de Deus manifestado livremente para com os homens que estavam numa situação miserável, resultante do seu pecado. O pecado tornou-nos – já que todos pecamos – inimigos de Deus, contrários aos seus mandamentos e propósitos. No entanto, a Palavra nos diz que **“Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”** (Gl 4.4,5).

A Palavra também nos diz que este ato histórico amparou-se no decreto eterno, livre, soberano e bondoso de Deus: **“Nos predestinou para ele, para adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”** (Ef 1.5).

Portanto, quando falamos de nossa filiação, devemos ter em mente que ela é um dom de Deus; “é o próprio Deus agindo graciosamente para conosco”.⁴¹⁶ Portanto, a adoção é, possivelmente, o maior de todos os dons da graça.⁴¹⁷

O *Catecismo de Heidelberg* (1563), à pergunta 33 – “*Por que é ele chamado Filho UNIGÊNITO DE DEUS, se nós também somos filhos de Deus?*” –, responde: “Porque só Cristo é o Filho eterno de Deus, ao passo que nós, por sua causa, e pela graça, somos recebidos como filhos de Deus”.

b. Resultado do Seu Amor Eterno

A nossa filiação revela parte do amor inefável e eterno de Deus; ao considerarmos a graça da adoção, vemos nesta doutrina estampada o amor invencível de Deus, que nos tira da condenação do pecado para a sua herança eterna. **“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus...”** (1Jo 3.1).

3. Critérios para a Nossa Filiação

a. Nascer de novo

A Palavra de Deus nos diz que os filhos de Deus são gerados outra vez, são nascidos do Espírito Santo.

⁴¹⁵ João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.8), p. 30.

⁴¹⁶ John R. W. Stott, *A Cruz de Cristo*, p. 95.

⁴¹⁷ Vd. J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 197.

O Espírito é o doador da vida (Rm 8.2). Por meio do Espírito fomos recriados para que possamos responder com fé à Palavra reivindicatória de Deus (Jo 3.5,6,8; Tt 3.5). A regeneração antecede a fé: antes, estávamos mortos, portanto, incapazes de atender as reivindicações de Cristo e de ver o glorioso Reino de Deus.⁴¹⁸ É o Espírito quem nos capacita a receber a graça,⁴¹⁹ iniciando uma nova vida em nossos corações, na qual temos os nossos olhos abertos e os corações voltados para a Palavra de Deus. Antes amávamos o pecado; agora, agrada-nos fazer a vontade de Deus (Sl 119.16,77,97-105; 1Jo 5.1-5). O Espírito infunde em nós uma nova disposição que nos conduz em direção à vontade de Deus, em uma santa e prazerosa obediência.⁴²⁰

Jesus Cristo ensina: **“Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (...). Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”** (Jo 3.3-5).

Do mesmo modo, Paulo: **“... Segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna”** (Tt 3.5-7).

Resumindo: Os filhos de Deus procedem de Deus: são gerados por ele mesmo e, por isso, tornam a Deus com fé (Jo 1.12,13).

b. Receber a Cristo

A nossa filiação está condicionada à recepção de Cristo como nosso Salvador, tornando-nos assim seus irmãos. Ninguém pode ter Deus como Pai sem a Cristo como Salvador pessoal. João relata: **“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber; aos que crêem no seu nome”** (Jo 1.11,12).

c. Fé em Jesus Cristo

Receber a Cristo significa confiar unicamente nele para a aceitação diante de Deus; confiar somente nos seus merecimentos para a salvação; lançar-se,

⁴¹⁸ O homem não regenerado pode até achar interessante o Evangelho e tentar mudar o seu comportamento; todavia, isto não resolve a questão: “a razão e a consciência podem levar um homem a mudar de conduta, mas não podem levá-lo a mudar de coração.” [Charles Hodgc, **O Caminho da Vida**, New York, Sociedade Americana de Tractados (s.d.), p. 280]. Vd. R.C. Sproul, **O Ministério do Espírito Santo**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1997, p. 93ss.

⁴¹⁹ **Confissão de Westminster**, X.2.

⁴²⁰ “A regeneração consiste na implantação do princípio da nova vida espiritual no homem, numa radical mudança da disposição dominante da alma, que, sob a influência do Espírito Santo, dá nascimento a uma vida que se move em direção a Deus.” (L. Berkhof, **Teologia Sistemática**, p. 470)

sem reservas, confiadamente na sua Palavra de vida. É neste sentido que Paulo escreve: **“Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”** (Gl 3.26).

4. Evidências da Nossa Filiação

a. Guiados pelo Espírito

Os filhos de Deus são aqueles que procuram sempre a orientação de Deus para a sua vida, seus planos e decisões. Em nossa submissão a Deus, pelo Espírito, revelamos a nossa filiação divina. Paulo retrata: **“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”** (Rm 8.14).

E é este mesmo Espírito quem nos conduz à conformidade da imagem de Cristo, que é o nosso modelo por excelência, a meta definitiva de todo povo de Deus. **“Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”** (Rm 8.29). Este é o sentido da santidade! **“A santificação significa sermos feitos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo, e, portanto, todos os que estão sendo santificados devem ter uma similaridade fundamental, pois todos estão se tornando cada vez mais semelhantes a Ele.”**⁴²¹

Cristo nos libertou da condenação eterna, do pecado e do domínio de Satanás para si mesmo. Ele nos libertou daquilo que nos era acidental para que sejamos aquilo que de fato somos, a imagem de Deus; em Cristo temos o verdadeiro sentido da nossa existência; vivemos agora pela vida de Cristo, sob a direção do Espírito Santo (Jo 3.3; 10.10; At 10.18,19; 20.22-24; 2Co 5.15-17; Fp 3.7-8; Cl 3.1-3).

b. O Testemunho Interno do Espírito

O Espírito Santo que habita em nós e nos guia dá testemunho em nossos corações, por meio da Palavra de Deus, que somos filhos de Deus. Este testemunho se constitui num grande conforto para cada um de nós; Deus mesmo em pessoa nos garante a nossa filiação, nos concedendo esta certeza de que pertencemos a ele. **“O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”** (Rm 8.16). O filho de Deus tem, pelo Espírito, esta convicção: sou filho de Deus!

c. Fruto do Espírito

Se o Espírito do Pai e do Filho (Mt 10.20; Gl 4.6) habita em nós, os frutos de sua presença e direção devem se evidenciar em nossa vida. O fruto do Espírito é o grande atestado de nossa filiação divina e de nossa progressiva

⁴²¹ David M. Lloyd-Jones, *A Unidade Cristã*, São Paulo, PES, 1994, pp. 59, 60.

santificação.⁴²² Paulo assim descreve este fruto: “... **amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio**” (Gl 5.22,23; Mt 5.9; 1Jo 3.10).

d. Obediência

Jesus Cristo diz que aqueles, e somente aqueles, que obedecem ao Pai são seus irmãos, portanto, somente eles são filhos de Deus: “**Qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe**” (Mt 12.50).

e. Comunhão Integral

Os filhos de Deus têm obviamente a Deus como Pai, a Jesus Cristo seu irmão primogênito (Rm 8.29) e, também, a todos aqueles que crêem em Cristo, como irmãos na fé. Os filhos de Deus, na consciência da sua irmandade, procuram sempre a comunhão fraterna, na verdade de Cristo, considerando que todos os que crêem têm somente um pai: “**o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo**” (1Jo 1.3).

Daí todo o esforço da Igreja em preservar esta unidade fraterna, que é produzida pelo Espírito, mas que, concomitantemente, é exercitada e desenvolvida por todos nós (Ef 4.3,5,6,11-16).

f. O Exercício da Disciplina de Deus

Os filhos de Deus, quando pecam, são disciplinados pelo próprio Deus, que assim age para que abandonem, arrependidos, a sua prática pecaminosa e se voltem para ele, a fim de que se tornem “**participantes da sua santidade**” (Hb 12.10).

A disciplina de Deus é sempre pedagógica, nunca vingativa; nela está embutida a idéia de recuperação, de restauração do filho amado. Deus visa nos conduzir ao crescimento, ao amadurecimento espiritual, à santidade. A disciplina revela o amor de Deus Pai para com o seus filhos. O salmista, fazendo o retrospecto da sua vida, pôde, pelo Espírito, reconhecer: “**Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos**” (Sl 119.71). Do mesmo modo, Ezequias, após ter se restabelecido de sua doença mortal: “**Eis que foi para minha paz que tive eu grande amargura; tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás de ti todos os meus pecados**” (Is 38.17) (Vd. Hb 12.4-10).

⁴²² Vd. R.C. Sproul, *O Ministério do Espírito Santo*, p. 163ss.

Calvino comentando o Salmo 6, quando Davi expressa a sua dor e angústia, extrai a seguinte lição para todos nós:

“E como sabemos que o propósito de Deus, ao infligir-nos algum castigo, consiste em humilhar-nos, então, quando somos reprimidos sob sua vara, a porta se abre para que sua misericórdia nos alcance. Além disso, visto que sua peculiar função é curar os enfermos, erguer os caídos, amparar os fracos e, finalmente, comunicar vida aos mortos, esta, por si só mesma, é uma razão suficiente para buscarmos seu favor quando nos acharmos mergulhados em nossas aflições”.⁴²³

5. A Responsabilidade dos Filhos

De certa forma, o que foi apresentado nas evidências se constitui em nossa responsabilidade; todavia, fiz esta distinção para enfatizar o que a Palavra nos fala sobre qual deve ser a conduta dos filhos de Deus. Nós, como filhos de Deus, temos a responsabilidade de viver à altura de tamanha dignidade. Calvino (1509-1564), corretamente, diz: “Portanto, visto que Deus se há revelado a si mesmo como um Pai, se não nos comportarmos como seus filhos somos culpáveis da ingratidão mais desprezível.”⁴²⁴ Paulo chama a atenção para esta responsabilidade em diversas ocasiões: **“Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo”** (Fp 1.27); **“A fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado”** (Cl 1.10); **“Exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino de glória”** (1Ts 2.12) (Vd. Ef 4.1; 5.8).

Os filhos de Deus são vocacionados a darem testemunho do poder de Deus em sua vida, sendo, desta forma, um monumento vivo e histórico da graça de Deus.

Jesus Cristo indicou a nossa responsabilidade, quando disse: **“Vós sois a luz do mundo. (...) Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”** (Mt 5.14,16). Usando de uma figura semelhante, Paulo escreve: **“Fazei tudo sem murmurações nem contendas; para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros do mundo”** (Fp 2.14,15).

Neste texto, para descrever a meta comportamental do cristão, que já é filho de Deus (regeneração), mas que caminha em sua filiação (santificação), Paulo faz uso de três palavras:

⁴²³ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 6.2), p. 126.

⁴²⁴ John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life*, 6ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1977, p. 15.

a) Irrepreensível: (ἄμεμπτος)⁴²⁵ inculpável, inatacável. Quando a palavra se aplica a pessoas, tem em geral o sentido de “pureza moral”, inculpabilidade diante da lei (Lc 1.6; Fp 3.6). Portanto, esta palavra descreve a postura do cristão no mundo. Ele deve estar acima de qualquer suspeita; ninguém tem de que o acusar.

b) Sincero: (ἀκέραιος)⁴²⁶ puro, sem mistura, sem mescla, não adulterado, íntegro. A palavra é aplicada ao leite que não é misturado com água e, também, à pureza do metal. Descreve o que o cristão deve ser em si mesmo: puro, sincero, sem dissimulação, sem segundas intenções.

Jesus Cristo e o apóstolo Paulo recomendam que assim sejamos: **“Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices (ἀκέραιος) como as pombas”** (Mt 10.16). **“Pois a vossa obediência é conhecida por todos; por isso me alegro a vosso respeito; e quero que sejais sábios para o bem e simplices (ἀκέραιος) para o mal”** (Rm 16.19).

A sabedoria cristã dos filhos de Deus se revela no seu uso para o bem; a sabedoria que procede de Deus (Tg 1.17) não é empregada para o mal, para destruir ou satisfazer os nossos desejos egoístas.

Deus, descrevendo a insensibilidade espiritual de Judá, diz: **“... O meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios, e não entendidos; são sábios para o mal, e não sabem fazer o bem”** (Jr 4.22). A sabedoria cristã é o oposto disso; ela se dispõe a ajudar, socorrer, edificar. O seu planejamento é para o bem, nunca para o mal. Judá estava tão distante de Deus que desaprendera a fazer o bem, os seus pensamentos eram ligeiros, ágeis para o mal. No entanto, o desafio de Deus para nós é para que nos exercitemos na prática do bem... E quanto ao mal? Que sejamos puros quanto a ele, não tendo idéias para executá-lo... No entanto, quando nos desafiarem a fazer o bem, que sejamos argutos, prontos, tendo uma visão perspicaz e penetrante. Portanto, devemos utilizar a inteligência que Deus nos deu, para edificar, construir, socorrer, nunca para destruir, lucrar desonestamente: isto seria esperteza, que nada tem a ver com o Cristianismo e a pureza que deve caracterizar os filhos de Deus.

c) Inculpável: (ἄμωμος)⁴²⁷ sem mancha, imaculado, sem nódoa, inocente. A palavra era empregada para indicar os animais usados para o sacrifício; eles não podiam ter defeito. Esta palavra descreve uma pureza ética; a

⁴²⁵ (* Lc 1.6; Fp 2.15; 3.6; 1Ts 3.13; Hb 8.7)

⁴²⁶ (* Mt 10.16; Rm 16.19; Fp 2.15)

⁴²⁷ (Ef 1.4; 5.27 [Fp 2.15. Aqui há uma variante textual, que indica um sinônimo, ἀμωμητά (amômêta), talvez por seguir a LXX, Dt 32.5]; Cl 1.22; Hb 9.14; 1Pe 1.19; Jd 24; Ap 14.5)

idéia predominante é a ausência de qualquer coisa que se constituiria em corrupção diante de Deus. Ela denota, portanto, o que o cristão deve ser diante de Deus.

As Escrituras declaram que foi assim que Jesus Cristo se ofereceu vicariamente por nós (Hb 9.14; 1Pe 1.19), sem mancha, sem pecado. O Cordeiro de Deus foi imolado por nós (1Co 5.7), a fim de nos tornar sem mácula, nem ruga, nem impureza alguma (Ef 5.25-28), cumprindo, assim, parte do objetivo da nossa eleição eterna (Ef 1.4).⁴²⁸

A Igreja, como a comunidade dos filhos de Deus, é conclamada a viver de forma distinta, refletindo no meio de uma geração pervertida e alienada de Deus a glória do seu Senhor (Mt 5.14-16; Jo 17.10; 2Ts 1.10-12; Dt 32.5).

Devemos nos empenhar por ser achados por Cristo assim: “... **Aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados (ἄμωμος) diante da sua glória**” (Jd 24).

Deus, ele mesmo nos preserva intocáveis, para que possamos ser apresentados diante do Senhor Jesus, na manifestação da sua glória. Ninguém tem do que nos acusar; fomos justificados por Cristo (Rm 8.31,33).

6. A Herança dos Filhos

A herança que os pais deixam para os seus filhos, muitas vezes, longe de servir de bênção, torna-se uma maldição, por causa do egoísmo dos filhos e de outros envolvidos. Se o pai for muito rico, o risco, quase sempre, é ainda maior...

Naturalmente quando pensamos ou falamos em herança, nos referimos a bens materiais; no entanto, as Escrituras, sem desprezar este aspecto, conduz o nosso olhar para algo mais importante e nem sempre prontamente perceptível. A Palavra nos diz que, como filhos de Deus, somos seus herdeiros. Acontece que a herança que Deus garante aos seus filhos não é constituída simplesmente de bens materiais, mas dele mesmo: Deus é a nossa herança! A oração do Pai Nosso é feita por todos aqueles que têm a Deus por herança.

Ilustremos isto. O período em que Davi fugia de Saul, que queria matá-lo, foi muito profícuo na sua vida; ele pôde amadurecer em todos os sentidos e, desta fase da sua vida, temos alguns salmos magistrais. O Salmo 16, de sua autoria (At 2.25; At 13.35-37), possivelmente foi escrito nesta época. Davi está então longe de seus familiares, sem terra, é um foragido em seu próprio país, odiado por muitos, convivendo com homens que, pelo que parece, pouco conheciam a Deus.

Neste salmo, Davi escreve: “**Outro bem não possuo, senão a ti somente (...). O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice; tu és o**

⁴²⁸ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus*, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

arrimo da minha sorte. Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança” (Sl 16.2,4,5).

Davi que fora de certa forma desterrado, declara ter Deus por herança. No deserto, quando poupa pela segunda vez a vida de Saul, diz a este: **“... Eles me expulsaram hoje para que eu não tenha parte na herança do Senhor, como que dizendo: Vai, serve a outros deuses”** (1Sm 26.19).

Esta experiência não foi apenas de Davi. Na divisão das terras conquistadas, a tribo de Levi ficou sem nenhuma propriedade; assim registra Moisés: **“Disse também o Senhor a Arão: Na sua terra herança nenhuma terás, e no meio deles nenhuma porção terás: eu sou a tua porção e a tua herança no meio dos filhos de Israel”** (Nm 18.20).

O salmista Asafe exclama: **“Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem me compraza na terra (...). Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre”** (Sl 73.25,26).

Ter Deus por herança é um *desafio à confiança* em sua provisão e cuidado, na certeza de que ele supre todas as nossas necessidades. Acontece que nem sempre a manifestação do amparo de Deus é imediata aos nossos olhos e, também, não conseguimos entender tudo; por isso, há aqui um desafio à nossa perseverante confiança no amparo de Deus. Jeremias, após a destruição de Jerusalém e conseqüente cativo de Judá, escreve: **“A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nele. Bom é o Senhor para os que esperam por ele, para a alma que o busca. Bom é aguardar a salvação do Senhor, e isso em silêncio”** (Lm 3.24-26; Sl 62.1,2).

Ter Deus por herança é, também, um *desafio a obediência à Palavra*. O salmista escreve: **“O Senhor é a minha porção: eu disse que guardaria as tuas palavras. Imploro de todo o coração a tua graça; compadece-te de mim, segundo a tua palavra”** (Sl 119.57,58). Outra vez: **“Os teus testemunhos recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o prazer do coração. Induzo (למד) (Lmd) (“educar”, “ensinar”) o coração a guardar os teus decretos para sempre, até o fim. Aborreço a duplicidade, porém amo a tua Lei”** (Sl 119.111-113). Portanto, devemos preservar o nosso coração constantemente em obediência a Deus.⁴²⁹

A Palavra de Deus nos mostra que Deus é o Senhor de todas as coisas e que Jesus Cristo, o seu Filho eterno, é o herdeiro de tudo (Hb 1.2). As Escrituras também declaram que somos co-herdeiros com Cristo (Rm 8.17). A Igreja de Deus é constituída somente por seus filhos, por isso ela tem a glória eterna como herança indestrutível e incomparável, embora não seja perceptível a nós

⁴²⁹ Vd. J. I. Packer, O que é santidade e por que ela é importante?: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. Vitória sobre a Tentação, pp. 31, 32.

em toda a sua gloriosa extensão. **“Porque para mim – escreve Paulo – tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós”** (Rm 8.18. Vd. 1Co 2.9).

Somente os filhos de Deus participarão da presença gloriosa e eterna de Deus! A comunhão eterna com Deus é a nossa maior herança: **“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é”** (1Jo 3.1,2). “Unicamente aquele que recebeu o verdadeiro conhecimento de Deus por meio da Palavra do Evangelho pode chegar a ter comunhão com Cristo”, conclui Calvino.⁴³⁰

Deus como herança é a garantia de nossa ressurreição final e vida eterna na sua presença (Sl 16.9-11).

A Palavra de modo surpreendente nos mostra que aqueles que têm a Deus por herança são herança de Deus; em outras palavras, Deus tem a sua Igreja como o seu povo peculiar e especial; por isso, ninguém pode nos abater ou destruir; somos o povo escolhido de Deus, somos a sua herança eterna, conquistada por Cristo Jesus. Daí Davi clamar: **“Salva o teu povo, e abençoa a tua herança; apascenta-os, exalta-os para sempre”** (Sl 28.9). Do mesmo modo o salmista: **“... o Senhor não há de rejeitar o seu povo, nem desamparar a sua herança”** (Sl 94.14). Portanto, o salmista pode declarar de forma confiante: **“Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo que ele escolheu para a sua herança”** (Sl 33.12).⁴³¹

Ter Deus como Pai significa tê-lo como herança e ser ao mesmo tempo a herança de Deus, porque Deus nos destinou para si mesmo, a fim de que nos tornássemos seus filhos, **“para louvor da glória de sua graça que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça...”** (Ef 1.6,7). Portanto, não podemos fazer esta oração sem sermos tomados de uma profunda gratidão para com Deus e um sincero louvor à sua graça que, sem que nada merecêssemos, nos tornou filhos, herdeiros e herança de Deus para sempre.

⁴³⁰ John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life*, p. 16.

⁴³¹ Sobre Israel como herança de Deus (Vd. 1Sm 10.1; 2Sm 21.14; Sl 33.12; 74.2; 78.62; 94.5,14; 106.40; Is 19.25; 47.6; 63.17; Jr 12.14; Jl 2.17; 3.2. Deus disciplina a sua herança: Jr 12.7-9; Jl 2.17; os filhos como herança do Senhor: Sl 127.3; herança dada por Deus: Sl 135.12; 136.21,22; Jr 3.18; proteção: Is 54.17; 58.14).

B. Aquele que reconhece a glória de Deus (Mt 6.9,13)

Esta oração é feita pelos filhos de Deus, os quais têm uma visão correta da majestade gloriosa de Deus. Estes dizem, em suas orações e louvor, como Paulo: **“A ele, pois, a glória eternamente”** (Rm 11.36).

Esta oração ressalta, em primeira instância, que Deus é o Deus da glória: o Deus cujo nome é santo e que habita os céus e se faz presente e atuante no nosso meio; é a ele a quem oramos, confidenciamos as nossas dúvidas, angústias e esperanças... é a ele, também, a quem cantamos reverentemente **“Santo, Santo, Santo”**. Isaías faz ecoar as palavras do próprio Deus: **“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos”** (Is 57.15).

Portanto, esta oração é feita pelo homem que tem consciência da majestosa transcendência de Deus e, ao mesmo tempo, já teve e tem uma experiência pessoal com ele; já teve o seu coração vivificado pela sua Palavra, tomando-a como norma de sua vida (Sl 119.4,11). Nós que assim oramos, sabemos que Deus, o nosso Deus, é glorioso, mas também é o Deus Pai, que nos vivifica e nos dá o pão cotidiano... Ele é o Alto, o Sublime, o Eterno e Santo... que habita conosco vivificando o nosso espírito e o nosso coração. O Deus transcendente, sublime e glorioso, é o nosso Deus misericordioso em nossas fraquezas e necessidades. **“A glória incompreensível de Deus não o induz a afastar-se para longe de nós, nem o impede de descer às profundezas de nossa miséria.”**⁴³²

Assim sendo, a **“Oração do Senhor”** não pode ser feita por um homem que tenha a Deus no mesmo nível de suas criaturas, que considere Deus apenas para satisfazer os seus desejos e caprichos. Ela não pode ser feita por homens que tenham as suas idéias próprias a respeito de Deus; antes, só pode ser proferida, de fato, por aqueles que aceitam o testemunho das Escrituras a respeito de Deus, e o conhecem, em Cristo, como o seu Deus.

Quando oramos o **“Pai Nosso”**, estamos recebendo pela fé o testemunho fidedigno das Escrituras... Por isso, conforme o nosso Senhor nos ensinou, oramos assim: **“Pai nosso”**. É pela Escritura que aprendemos primeiramente que Deus é nosso Pai, portanto, a partir daí passamos a nos relacionar com ele como filhos que somos e, nesta nova relação intensa e santificadora, o nosso crescimento no seu conhecimento vai se desenvolvendo por sua graça (2Pe 3.18). **“O fundamento de todo conhecimento verdadeiro de Deus só pode ser a**

⁴³² João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 68.4-6), p. 645.

clara compreensão mental de suas perfeições, segundo revelam as Escrituras Sagradas. Não nos é possível servir nem adorar a um Deus desconhecido, nem depositar nele a nossa confiança.”⁴³³

Por isso, ao orarmos, devemos ter as nossas mentes e corações tomados pela ardente certeza de que falamos com o Senhor da glória. “Um dos maiores benefícios para um crente neste mundo e no porvir é considerar a glória de Cristo.”⁴³⁴

Ao orarmos estamos demonstrando que, pelo Espírito, reconhecemos a glória de Deus revelada nas Escrituras, na criação e de forma completa em Cristo Jesus. No Antigo Testamento, Davi pôde reconhecer a glória do Criador na criação: **“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos”** (Sl 19.1). Do mesmo modo os Serafins, na visão sublime de Isaías: **“Toda a terra está cheia da sua glória”** (Is 6.3). Deste modo, esta oração é daqueles que vêm a **“glória de Deus na face de Cristo”** (2Co 4.6. Vd. Jo 17.24). Jesus Cristo é a Palavra final de Deus! Portanto, o **“Pai Nosso”** é um ato de glorificação e culto, resultante do conhecimento de Deus. O culto é uma forma de glorificar a Deus!

O culto, como reconhecimento da glória e santidade de Deus, é um imperativo categórico. Esta oração é parte deste cumprimento. Deus mesmo diz: **“O que me oferece sacrifício de ações de graça, esse me glorificará; e ao que prepara o seu caminho, dar-lhe-ei que veja a salvação de Deus”** (Sl 50.23). Davi conclama o povo: **“Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome; trazei oferendas, e entrai nos seus átrios. Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade; tremei diante dele todas as terras”** (Sl 96.8,9).

O reconhecimento da santidade gloriosa de Deus nos conduz ao desejo de sermos santos como o nosso Pai o é absolutamente. Assim escreve Pedro às Igrejas da Dispersão, que sofriam grande perseguição: **“... Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo”** (1Pe 1.15,16). A nossa santidade revela o nosso desejo sincero de glorificar a Deus sendo-lhe obediente.⁴³⁵

Concluindo, enfatizamos que esta oração só pode ser feita pelo homem que, pela graça, reconhece a glória de Deus e, neste ato de reconhecimento, o glorifica, procurando, pelo Espírito Santo, viver para a glória de Deus, em santidade de vida (1Co 10.31).

⁴³³ A.W. Pink, **Os Atributos de Deus**, São Paulo, PES, 1985, p. 5.

⁴³⁴ John Owen, **A Glória de Cristo**, São Paulo, PES, 1989, p. 13.

⁴³⁵ “A santidade é a qualidade de vida que existe naqueles que procuram glorificar a Deus.” (J.I. Packer, **O Plano de Deus**, São Paulo, PES [s.d.], p. 22).

C. Aquele que é submisso à vontade de Deus (Mt 6.10)

Antes de falar sobre a submissão à vontade de Deus, gostaria de meditar sobre o significado dessa vontade. Por que nos submeter a ela? E, por que desejá-la?

1. A Liberdade da Vontade de Deus

O poder de Deus é soberanamente livre; Deus não tem primariamente compromissos com terceiros; em outras palavras, Deus é soberano em si mesmo, a onipotência faz parte da sua essência, por isso para ele não há impossíveis; tudo o que ele deseja, pode realizar.⁴³⁶ No entanto, Deus não precisa exercitar o seu poder para ser o que é. “Deus é independente de tudo e de todos. Ele age de acordo com sua própria vontade. Quando ele diz: ‘Eu farei’, o que quer que diga será feito. Deus é soberano, e sua vontade, não a vontade do homem, será feita.”⁴³⁷

a. Liberdade de Existência: Poder de Existência

Os homens, por mais poderosos que sejam, na realidade, estão poderosos em virtude de alguma posição que ocupam, das riquezas e/ou prestígio que possuem, do sucesso de suas realizações ou até mesmo em razão da proximidade com pessoas influentes que, por sua vez, se encaixam em alguma das colocações acima.⁴³⁸ Entretanto, quando a Bíblia fala do poder soberano de Deus, ela se refere não a um estado determinado por fatores externos, tais como dinheiro, fama, prestígio, etc., mas, sim, à sua própria natureza. Deus não simplesmente está poderoso: ele é o próprio Poder. Por isso, se manifesta poderosamente: **“Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus”** (Sl 62.11).

Deus é tão eterno quanto o seu poder; ele sempre foi e será o que é, independentemente de qualquer elemento externo a ele. Por isso que a Bíblia não tenta explicar a existência de Deus; ela parte apenas do fato consumado de que Deus existe, manifestando o seu poder em seus atos criativos (Gn 1.1).

“O poder de Deus, diz Spurgeon, é como ele mesmo, auto-existente, auto-sustentado. O mais poderoso dos homens não pode acrescentar sequer uma sombra de poder ao Onipotente. Ele não se firma sobre nenhum trono reforça-

⁴³⁶ Stott coloca nestes termos: “... A liberdade de Deus é perfeita, no sentido de que ele é livre para fazer absolutamente qualquer coisa que ele queira.” (John Stott, **Ouçã o Espírito, Ouça o Mundo**, São Paulo, ABU Editora, 1997, p. 58).

⁴³⁷ C.H. Spurgeon, **Sermões sobre a Salvação**, São Paulo, PES, 1992, pp. 42,43.

⁴³⁸ T. Hobbes, **O Leviatã**, São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XIV), 1974, I.x., p. 57ss, fala sobre algumas formas de poder humano.

do; nem se apoia em nenhum braço ajudador. Sua corte não é mantida por seus cortesãos, nem toma ele emprestado das suas criaturas o seu esplendor. Ele próprio é a grande fonte central e o originador de toda energia.”⁴³⁹ (Vd. Êx 3.14; At 17.25; 1Tm 6.15,16).

b. Liberdade de Decisão: Poder de Determinação

Pelo fato de Deus ser Todo-Poderoso, ele pode determinar livremente as suas ações, o que de fato faz, manifestando tal poder nos seus decretos.⁴⁴⁰ Deus eternamente tem diante de si uma infinidade de possibilidades de “decisões” sobre todas as coisas; entretanto, ele “decidiu”⁴⁴¹ fazer do modo como fez por seus próprios motivos, sem que haja a possibilidade de influência de ninguém, nem de anjos, nem de homens, visto que nenhum deles fora ainda criado e, também, porque Deus não necessita de conselhos (Is 40.13,14; Rm 11.33-36). O plano de Deus é sempre o melhor, porque foi ele quem sábia e livremente o escolheu!

c. Liberdade de Execução: Poder Executivo

Deus executa o seu plano por meio do seu poder, conforme a sua vontade (Mt 8.2). Não podemos marcar hora e lugar para Deus fazer isto ou aquilo. Deus opera como e quando quer, dentro de suas próprias deliberações. Deus age sempre conforme o seu Decreto, não dependendo de nenhum meio externo para realizá-lo, a menos que ele assim o determine. Por exemplo: Deus poderia, se quisesse, salvar a todos os homens independentemente da Palavra (Bíblia) e da fé em Cristo; entretanto, ele assim não faz; esta não é a sua forma ordinária de agir porque sábia e livremente estabeleceu o critério de salvação, que é pela graça, sempre pela graça, que opera mediante a fé por meio da Palavra (Rm 10.17; Ef 2.8). Deste modo, sem a graça de Deus, amparada no sacrifício de Cristo,⁴⁴² ninguém será salvo!

Deus tem poder para executar toda a sua deliberação. Ele é o Todo-Poderoso (Gn 17.1) e nenhum dos seus planos pode ser frustrado (Jó 42.2).

⁴³⁹ C.H. Spurgeon, *Apud* A.W. Pink, **Os Atributos de Deus**, p. 48.

⁴⁴⁰ Vd. **Confissão de Westminster** (1647), Capítulo III.

⁴⁴¹ Reconheço que a palavra decisão não é a melhor pois pressupõe a idéia de algo anterior à decisão; no entanto, não disponho de outra melhor. A idéia é que eternamente Deus sempre teve diante de si as escolhas e eternamente as fez livre e soberanamente.

⁴⁴² “Jesus Cristo, nosso mediador, cumpriu de forma cabal e vicária as demandas da Lei em favor do seu povo. Se a obra de Cristo não fosse plenamente satisfeita, não haveria ‘bênção’ alguma a ser aplicada (Jo 17.4; 19.30; Hb 9.23-28; 1Pe 3.18).” (Hermisten M.P. Costa, **Breve Teologia da Evangelização**, p. 27) (Vd. também: **Confissão de Westminster** (1647), VIII.1,5,8; **Catecismo Maior de Westminster**, Perguntas 36,37 e 59; J. Calvino, **As Institutas**, II.17.1ss.)

d. Liberdade de Limitação: Poder Autolimitante

Algumas pessoas ficam desconfiadamente impressionadas pelo fato de falarmos de Deus, que é Todo-Poderoso, como isto ou aquilo, fazendo e não fazendo, podendo e não podendo. O raciocínio de tais pessoas, que a priori pode parecer lógico, é o seguinte: Se Deus é soberano, livre e Todo-Poderoso, ele pode muito bem, conforme a sua vontade, mudar “as regras do jogo”,⁴⁴³ modificando as leis, seus princípios de ação, seus critérios; enfim, alterar aquilo que ele mesmo revelou e fez registrar na sua Palavra. Pois bem; se este poder pertencesse a um homem, deveríamos temer. A História tem demonstrado que o pensamento do Lorde Acton (1834-1902) é verdadeiro em muitos casos, visto que, amiúde o poder tende a corromper.⁴⁴⁴

Afinal, Deus poderia fazer tudo isto ou não?! Deus estaria sujeito à corrupção resultante do mal uso do poder? Retardemos um pouco mais a resposta.

Geralmente quem raciocina da forma apresentada acima tem em mente a ação do homem como modelo – cometendo o mesmo equívoco de muitos gregos na Antigüidade⁴⁴⁵ –, tomando o homem como parâmetro para uma

⁴⁴³ Atitude muito comum nas crianças que, quando estão perdendo o jogo, formam uma nova regra para se beneficiar, dizendo que o que antes não podia “agora pode”. Diga-se, de passagem, que esta atitude infelizmente não caracteriza somente as crianças; muitas vezes nós adultos quando estamos investidos de alguma autoridade, somos amiúde – com uma imaturidade maldosa – “levados” a mudar as normas e as leis, obedecendo casuísmos que, “coincidentemente”, nos beneficiam...

⁴⁴⁴ A frase completa é a seguinte: “O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe de modo absoluto. Os grandes homens são quase sempre homens maus.” (Lord Acton, **Ensaio e Estudos Históricos**).

⁴⁴⁵ Apesar do paganismo grego da Antigüidade ser cheio de lendas e superstições, de quando em quando, alguns pensadores se levantavam contra as crenças e costumes populares, declarando algo de relevo. Entre os filósofos da Antigüidade que souberam criticar com discernimento as práticas religiosas do seu tempo destacamos Xenófanes (c. 580-c.460 a.C.), Heráclito (c. 500 a.C.) e Empédocles (c. 495-455 a.C.).

Xenófanes faz uma crítica mordaz a Homero e Hesíodo, dizendo:

“Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo o que para os homens é opróbrio e vergonha: roubo, adultério e fraudes recíprocas.

“Como contavam dos deuses muitíssimas ações contrárias às leis: roubo, adultério, e fraudes recíprocas.

“Mas os mortais imaginam que os deuses são engendrados, têm vestimentas, voz e forma semelhantes a eles.

“Tivessem os bois, os cavalos e os leões mãos, e pudessem, com elas, pintar e produzir obras como os homens, os cavalos pintariam figuras de deuses semelhantes a cavalos, e os bois semelhantes a bois, cada (espécie animal) reproduzindo a sua própria forma.

“Os etíopes dizem que os seus deuses são negros e de nariz chato, os trácios dizem que têm olhos azuis e cabelos vermelhos.” (Xenófanes, **Fragmentos, 11-16**. In: Gerd A. Bornheim, (organizador), **Os Filósofos Pré-Socráticos**, 3ª ed. São Paulo, Cultrix, 1977, p. 32).

Xenófanes propunha uma visão próxima ao monoteísmo ou, pelo menos, um “politeísmo não antropomórfico” (W.K.C. Guthrie, *Os Sofistas*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 211., dizendo: “Um único deus, o maior entre deuses e homens, nem na figura, nem no pensamento semelhante aos mortais.” (Xenófanes, *Frag. 23*).

comparação, como se o “homem fosse a medida de todas as coisas”.⁴⁴⁶ Este tipo de raciocínio encontra alento em Thomas Hobbes (1588-1679), que entendia que “o soberano de uma República, seja ele uma assembléia ou um homem, não está absolutamente sujeito às leis civis. Pois tendo o poder de fazer ou desfazer as leis, pode, quando lhe apraz, livrar-se desta sujeição revogando as leis que o incomodam e fazendo novas”.⁴⁴⁷ De fato, apesar desta atitude não ser apreciável em si, ela ocorre com frequência, na esfera humana.

Respondo agora: Entretanto, com Deus é diferente; os homens são tão fracos em suas condições de poderosos que não conseguem controlar os seus ímpetos, por isso, agem por paixões das mais variadas, tais como: preconceito, vaidade, ódio, interesses, etc. Deus, no entanto, é tão poderoso que estabelece limites para si mesmo! Por isso, quando afirmamos que Deus não mente, não se contradiz, não muda, não peca e não pode salvar fora de Jesus Cristo, não pretendemos estabelecer limites para Deus, mas, sim, reconhecer os próprios limites ou critérios que ele mesmo declarou a respeito de si mesmo em sua relação consigo e com o universo. Estes critérios são decorrentes das suas

Heráclito ridicularizava o antropomorfismo e a idolatria da religião contemporânea, dirigindo a sua crítica à prática do sacrifício como meio de purificação, e às orações feitas às imagens: “Em vão procuram purificar-se, manchando-se com novo sangue de vítimas, como se, sujos com lama, quisessem lavar-se com lama. E louco seria considerado se alguém o descobrisse agindo assim. Dirigem também suas orações a estátuas, como se fosse possível conversar com edifícios, ignorando o que são os deuses e os heróis.” (Frag. 5) (Vd. também: Frag. 14). Talvez isto revele o que Heráclito diz no Fragmento 79: “O homem é infantil frente à divindade, assim como a criança frente ao homem.” Todavia devemos ressaltar que ele não era irreligioso, apenas discordava da prática religiosa que via (Frag. 14/67).

Empédocles fala do privilégio de se conhecer a Deus, que é um ser espiritual:

“Bem aventurado o homem que adquiriu o tesouro da sabedoria divina; desgraçado o que guarda uma opinião obscura sobre os deuses.

“Não nos é possível colocar (a divindade) ao alcance de nossos olhos ou de apanhá-la com as mãos, principais caminhos pelos quais a persuasão penetra o coração do homem.

“Pois o seu corpo (da divindade) não é provido de cabeça humana; dois braços não se erguem de seus ombros, nem tem pés, nem ágeis joelhos, nem partes cobertas de cabelos; é apenas um espírito; move-se, santo e sobre-humano, e atravessa todo o cosmos com rápidos pensamentos.” (Empédocles, **Fragmentos, 132-134**. In: *Ibidem*, pp. 80,81).

Sobre Heráclito, Bréhier comenta: “A sabedoria de Heráclito despreza o que ao vulgo se refere: a começar pela religião popular, a veneração das imagens e, particularmente, os cultos misteriosos, órficos ou dionisíacos [Frag. 5, 14, 15], com suas ignóbeis purificações pelo sangue, os traficantes de mistérios, que alimentam a ignorância dos homens sobre o além.” (F. Bréhier, *História da Filosofia*, São Paulo, Mestre Jou, 1977, I/1, p. 53).

⁴⁴⁶ O sofista grego Protágoras (c. 480-410 a.C.) afirmou: “O homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não-existência das que não existem.” (*Apud* Platão, **Teeteto**, 152a e Aristóteles, **Metafísica**, XI, 6. 1062). O Humanismo Renascentista tomou este dito como lema na sua “virada antropológica”.

⁴⁴⁷ T. Hobbes, *Apud* G. Lebrun, **O Que é Poder?**, 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 28. Vd. também, T. Hobbes, **O Leviatã**, II.xviii, p. 111ss.

perfeições pois, se Deus é perfeitamente poderoso, é também perfeitamente verdadeiro, justo, fiel, sábio, amoroso, bondoso, santo. Deus é tão poderoso que trata conosco conforme as perfeições do seu ser e nos deu a conhecer tais perfeições, a fim de que pudéssemos nele confiar e as suas virtudes proclamar (Mt 3.6; 1Pe 2.9,10). O poder de Deus está sob o controle de sua sábia e santa vontade, “Deus pode fazer tudo o que ele deseja, porém ele não deseja fazer tudo o que pode”⁴⁴⁸ (Leia: Êx 3.14; Nm 23.19; 1Sm 15.29; 2Tm 2.13; Hb 6.18; At 4.12; Tg 1.13,17). “Deus é lei para si próprio, de modo que tudo quanto ele faz é justo.”⁴⁴⁹

Este fato nos enche de alegre confiança em Deus. H. Bavinck (1854-1921) resume bem este ponto, dizendo:

“A vontade de Deus é idêntica à sua existência, sua sabedoria, sua bondade e todos os seus atributos. E é por essa razão que o coração e a mente do homem podem descansar nessa vontade, porque é a vontade, não da sina cega, nem da energia obscura da natureza, mas de um Deus onipotente e de um Pai misericordioso. Sua soberania é uma soberania de ilimitado poder, porém é também uma soberania de sabedoria e graça. Ele é Rei e Pai ao mesmo tempo”.⁴⁵⁰

2. Considerações Gramaticais

Os principais termos que o Novo Testamento apresenta para descrever a vontade de Deus são:

1) Βουλή (substantivo)⁴⁵¹ e Βούλομαι (verbo);⁴⁵² Estas palavras significam “conselho”, “vontade”, “resolução”, sendo usadas para designar o decreto em geral e para assinalar o fato de que o propósito de Deus está baseado no seu **conselho e deliberação** (Vd. Lc 7.30; 22.42; Mt 11.27; Lc 10.22; At 2.23; 4.28; 13.36; 20.27; 1Co 12.11; Hb 6.17; 2Pe 3.9).

2) Εὐδοκία (substantivo);⁴⁵³ “boa vontade”, “favor”, “beneplácito”. Enfatiza a liberdade do propósito de Deus e o deleite – ainda que não necessário – que acompanha o seu propósito. **Deus é quem “escolhe” o que quer e se agrada em cumprir o seu plano** (Mt 11.26; Lc 2.14; Ef 1.5,9).

⁴⁴⁸ A.H. Strong, *Systematic Theology*, p. 287.

⁴⁴⁹ A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, p. 34. Em outro livro, o mesmo autor escreve: “Afirmamos que Deus não está sujeito a nenhuma regra ou lei fora da sua própria vontade e natureza e que Deus é a sua própria lei, não tendo qualquer obrigação de prestar contas dos seus propósitos a quem quer que seja.” (A.W. Pink, *Deus É Soberano*, p. 21).

⁴⁵⁰ Herman Bavinck, *The Doctrine of God*, p. 235.

⁴⁵¹ (* Lc 7.30; 23.51; At 2.23; 4.28; 5.38; 13.36; 20.27; 27.12,42; 1Co 4.5; Ef 1.11; Hb 6.17)

⁴⁵² (* Mt 1.19; 11.27; Mc 15.15; Lc 10.22; 22.42; Jo 18.39; At 5.28,33; 12.4; 15.37; 17.20; 18.15,27; 19.30; 22.30; 25.20,22; 27.43; 28.18; 1Co 12.11; 2Co 1.15,17; Fp 1.12; 1Tm 2.8; 5.14; 6.9; Tt 3.8; Fm 1.13; Hb 6.17; Tg 1.18; 3.4; 4.4; 2Pe 3.9; 2Jo 12; 3Jo 10; Jd 15)

⁴⁵³ (* Mt 11.26; Lc 2.14; 10.21; Rm 10.1; Ef 1.5,9; Fp 1.15; 2.13; 2Ts 1.11. O Verbo Εὐδοκέω ocorre mais vezes no N.T.: * Mt 3.17; 12.18; 17.5; Mc 1.11; Lc 3.22; 13.32; Rm 15.26,27; 1Co 1.21; 10.5; 2Co 5.8; 12.10; Gl 1.15; Cl 1.19; 1Ts 2.8; 3.1; 2Ts 2.12; Hb 10.6,8,38; 2Pe 1.17)

3) Θέλμα (substantivo)⁴⁵⁴ e Θέλω (verbo):⁴⁵⁵ “vontade”, “intenção”, “desejo”. Acentua mais o elemento volitivo do que o deliberativo. Portanto, a sua ênfase está na certeza de que **Deus cumprirá o seu propósito** (Vd. Ef 1.1,5,9,11).

3. Distinções Teológicas

O texto de Deuteronômio 29.29 serve de base para se dividir a vontade de Deus em duas formas principais:

1) Vontade Decretiva ou Oculta

É aquela perfeição de Deus mediante a qual ele livre e soberanamente determina o que fará; portanto, esta vontade refere-se sempre ao seu propósito infalível; ela sempre se cumpre e, geralmente só é conhecida pelo próprio Deus, não nos sendo revelada (Sl 115.3; Ef 1.5,9,11).

Este aspecto da doutrina realça o fato de que Deus concretiza sempre o seu desígnio, independentemente de nossa vontade, ou mesmo dos empecilhos criados por Satanás. O propósito soberano de Deus sempre se realizará, mesmo que não o percebamos ou não entendamos o desenrolar dos acontecimentos. Portanto, quer diretamente, quer por meio de nós, Deus cumpre o seu propósito soberano.

A nossa eleição e conseqüente salvação fazem parte do decreto eterno de Deus, sobre o qual descansamos pela fé, seguros do cumprimento irrevogável da vontade decretiva e soberana de Deus (Vd. Dn 4.17,25,32,35; Rm 9.18,19; 11.33,34).

2) Vontade Preceptiva ou Revelada

É aquela perfeição de Deus, por meio da qual ele como governador moral, diz às suas criaturas racionais e morais como elas devem agir. Esta vontade, por intermédio de seus preceitos e propósitos, ressalta o que Deus quer de nós. Ela está revelada nas Escrituras Sagradas, nas quais temos a fonte e norma de todo o nosso conhecimento.

Esta vontade é desobedecida com freqüência, tendo o homem – como ser moral que é – que arcar com as conseqüências de sua rebeldia; no entanto, aqueles que a cumprem usufruem das bênçãos especiais de Deus, fazendo parte da verdadeira família espiritual de Cristo. Jesus Cristo mesmo disse: **“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas**

⁴⁵⁴ (* Mt 6.10; 7.21; 12.50; 18.14; 21.31; 26.42; Mc 3.35; Lc 12.47 (2 vezes); 22.42; 23.25; Jo 1.13 (2 vezes); 4.34; 5.30 (2 vezes); 6.38 (2 vezes); 6.39,40; 7.17; 9.31; At 13.22; 21.14; 22.14; Rm 1.10; 2.18; 12.2; 15.32; 1Co 1.1; 7.37; 16.12; 2Co 1.1; 8.5; Gl 1.4; Ef 1.1,5,9,11; 2.3; 5.17; 6.6.; Cl 1.1,9; 4.12; 1Ts 4.3; 5.18; 2Tm 1.1; 2.26; 1Hb 10.7,9,10,36; 13.21; 1Pe 2.15; 3.17; 4.2,19; 2Pe 1.21; 1Jo 2.17; 5.14; Ap 4.11)

⁴⁵⁵ Esta palavra ocorre cerca de 210 vezes no Novo Testamento.

aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21). “Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12.50).

Os preceitos de Deus (vontade preceptiva) estão revelados nas Escrituras para que os conheçamos e os pratiquemos. Esta é a nossa responsabilidade: conhecer a Palavra de Deus, procurando entender a sua vontade para praticá-la. É isto que Deus fala por intermédio de Moisés: **“Pois esta Palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires” (Dt 30.14; Rm 10.8. Vd. também: Jo 4.34; 7.17; Rm 12.2). “As coisas (...) reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29; Sl 119.4).**

Nós permanecemos na Palavra de Cristo quando fazemos dela a norma, a palavra final de Deus para a nossa vida, tornando-a o padrão orientador de nossas decisões, planos e conceitos. A Palavra de Deus precisa ser praticada para que possamos, de fato, viver sob a sua vontade e, assim, entender como ela é **“boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2).**

4. Características da Vontade de Deus

De certo modo, já meditamos sobre as características da vontade de Deus, quando tratamos da sua liberdade e soberania. Todavia, agora gostaria de analisar mais especificamente sobre o que diz Paulo em Romanos 12, falando sobre este tema: **“... Para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).**

1) Boa

Falar que a vontade de Deus é boa pode sugerir-nos uma série de conceitos diferentes e até equivocados. O que Paulo está querendo dizer quando declara que a vontade de Deus é boa?

A idéia de “bem” pode estar circunscrita a uma série de circunstâncias que nos fazem avaliar o seu significado de forma diferente. Por exemplo, quando digo que uma faca é boa para cortar carne e, ao mesmo tempo, falo para o meu filho pequeno não mexer nela porque ela é perigosa... neste caso, usei o mesmo objeto, todavia, fiz declarações antagônicas, porque o classifiquei dentro de referenciais diferentes: a faca é boa para cortar carne, todavia, por ser afiada (justamente o que a torna boa para aquele propósito), traz perigo para uma criança manuseá-la. Isto significa que o que torna alguma coisa boa para determinada tarefa, pode ser justamente o que a desqualifica para outra.

Há também a questão do bem individual e do bem coletivo. Quantas vezes estamos dispostos a julgar “bom” aquilo que é melhor para a coletividade e não para nós, especificamente? Há também caminhos que seguimos que nos

parecem ser os melhores, contudo, depois descobrimos que eles tinham apenas uma aparência “boa” mas que, de fato, não eram; as próprias circunstâncias nas quais estávamos metidos facultou um tipo de ilusão, uma deficiência na interpretação do fenômeno... Agora, depois de muitas dificuldades, podemos então perceber o nosso erro e nos arrepender do rumo que tomamos...

Sendo assim, o que Paulo estaria dizendo, então?

A palavra usada por ele para descrever a vontade de Deus denota o **que é moral e praticamente bom**. A vontade de Deus é boa (*ἀγαθός*) (*agathos*)⁴⁵⁶ porque ele é bom (Lc 18.19). Deus é bom essencialmente; a sua vontade também o é. Por Deus ser bom é que ele se comunica com todas as suas criaturas de modo terno, generoso e benevolente.

A vontade de Deus é boa em si mesma, não estando dependente de épocas ou circunstâncias; ela é proveniente de um Deus eterno e absolutamente bom. O que muitas vezes ocorre conosco é que queremos “ensinar” a Deus o nosso “bem” momentâneo: assim, neste afã, a Igreja ora para que certo político seja eleito, sugere determinadas soluções para Deus nos dirigir em nossa vida pessoal, encaminha alguns procedimentos, solicitando o aval de Deus, etc. Temos, quando muito, uma visão momentânea de “bem” e, mesmo assim, bastante ofuscada pelos nossos pecados e contingências – interesses, predileções, falta de discernimento, entre outras coisas; no entanto, ainda assim, queremos que Deus faça a nossa vontade... A resposta de Deus sempre é boa, e ela é justamente o que desejaríamos se tivéssemos um perfeito discernimento espiritual.⁴⁵⁷

Quando oramos: **“seja feita a tua vontade”**, estamos de fato, confiando na vontade bondosa de Deus, sabendo que ela não é boa apenas naquele momento, naquelas circunstâncias, ou para os nossos interesses egoístas; mas é boa em sua própria natureza, sendo harmônica com o ser de Deus, que é bom, santo, justo, amoroso, fiel...

Moisés, consciente disso, diz ao povo: **“O Senhor nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos, e temêssemos o Senhor nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje”** (Dt 6.24).

2) Agradável

A vontade de Deus é “boa”, mas, num plano imediato, ela nem sempre nos parece “agradável”. A rigor, ela nunca nos parecerá agradável enquanto não submetermos os nossos desejos ao desejo de Deus, a nossa mente à mente de Deus, a nossa vontade à vontade de Deus. Precisamos aprender a pensar, a

⁴⁵⁶ Esta palavra ocorre pouco mais de 100 vezes no Novo Testamento.

⁴⁵⁷ Cf. Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, p. 704.

sentir e a desejar biblicamente; educar a nossa mente, emoções e vontade à luz da Palavra; somente assim poderemos nos agradar no agrado de Deus; nos aprazer no caminho de Deus... Portanto, a questão é: agradável a quem?

A palavra usada por Paulo (Εὐαρεστος) (euarestos)⁴⁵⁸ prescreve sempre o sentido de agradável a Deus; quer direta, quer indiretamente – por estarmos obedecendo aos seus preceitos. A vontade de Deus não tem o propósito de nos agradar num plano puramente superficial, antes ela nos agrada quando a conseguimos entender pelo Espírito de Deus ou, numa primeira instância, quando, pelo Espírito, podemos nos alegrar na esperança que emana de Deus (Rm 12.12).

Por outro lado, quando nos submetemos a Deus, encontramos a alegria de obedecê-lo, descobrindo a agradabilidade da vontade de Deus na submissão a ela, no seu exercício. Deste modo, temos o testemunho de alguns servos de Deus, entre os quais destacamos três: Davi pôde escrever: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei”** (Sl 40.8). O salmista descreve assim o caminho dos justos: **“Antes o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite”** (Sl 1.2).⁴⁵⁹ Em outro lugar o salmista diz: **“Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros”** (Sl 119.24. Vd. Sl 119.16,47,77,92, 111,143,174).

A vontade de Deus sempre será agradável àqueles que desejarem viver em comunhão com ele. Portanto, quando assim oramos, estamos dizendo: Senhor, faz a tua vontade, pois sei que à medida que eu me consagrar a ti, mais prazer terei na tua Palavra, mais agradável ela será a mim, como é para ti.

3) *Perfeita*

A vontade de Deus é eticamente perfeita; isto é, ela é completa, aplicando-se a todas as áreas de nossa vida, bem como em todas as épocas e circunstâncias.

Mais uma vez identificamos a vontade de Deus com ele mesmo: Deus é perfeito, não muda, não se aperfeiçoa nem se deteriora (Mt 5.48; Hb 13.8; Tg 1.17). A perfeição não comporta ganho ou perda de qualidade. Deus é

⁴⁵⁸ (* Rm 12.1.2; 14.18; 2Co 5.9; Ef 5.10; Fp 4.18; Cl 3.20; Tt 2.9; Hb 13.21) O verbo Εὐαρεστέω (euarestēō) ocorre apenas três vezes indicando especificamente agradar a Deus (* Hb 11.5.6; 13.16). Na LXX este verbo é usado basicamente com o sentido de “andar com Deus” ou na presença de Deus (Vd. Gn 5.22,24; 6.9; 17.1; 24.40; 48.15; Sl 26.3). O advérbio εὐαρέστως (euarestōs) ocorre uma única vez, com o mesmo sentido de servir a Deus de modo agradável (Hb 12.28).

⁴⁵⁹ Calvino comenta: “... só são dignos estudantes da lei aqueles que se achegam a ela com uma mente disposta e se deleitam com suas instruções, não considerando nada mais desejável e delicioso do que extrair dela o genuíno progresso. Desse amor pela lei procede a constante *meditação* nela...” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.2), p. 53].

eternamente perfeito. Assim também é a sua vontade. Não há um centímetro sequer de toda a criação que não seja abrangido pela totalidade da sua vontade. Por isso é que as Escrituras declaram que a **“lei do Senhor é perfeita”** (Sl 19.7; Tg 1.25). Ela abrange de forma completa e absoluta todas as nossas necessidades; nada lhe escapa, nada lhe é estranho; na Lei de Deus temos os princípios fundamentais para todo o nosso viver, seja em que época for, em que cultura for: A Lei do Senhor é perfeita!

Desse modo, quando assim oramos, estamos dizendo: *“Senhor faze a tua vontade; eu sei que ela envolve todas as minhas necessidades, mesmo aquelas que eu ainda desconheço; no entanto Tu o sabes, portanto, amparado nisso, dirige-me conforme a tua Lei.”*

Esta oração implica o fato de que estamos confiantes de que a vontade de Deus é a melhor para nós e, também, que elegemos o céu como o nosso padrão perfeito de cumprimento da vontade de Deus: **“Assim na terra como no céu”**.

Paralelamente a isso, declaramos estar dispostos a aceitar alegremente a vontade de Deus, renunciando os nossos desejos pessoais em prol daquilo que temos certeza de ser incomensuravelmente melhor: a vontade de Deus. O maior exemplo desta entrega sem reservas a Deus temos em Cristo Jesus, que diante da aproximação do momento em que daria a sua vida pelo seu povo ora: **“Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”** (Mt 26.39). Aqui temos a declaração verbal e existencial de nosso Senhor: **“seja feita a tua vontade!”**

5. A Vontade de Deus para o Seu Povo

Temos falado de modo genérico sobre a vontade de Deus para nós, considerando o fato de que Jesus Cristo nos ensinou a orar rogando o cumprimento desta vontade; agora desejamos direcionar a nossa meditação para o ponto: Qual é a vontade de Deus para nós? As Escrituras nos fornecem orientação quanto a isto? Vamos ao estudo.

a. Conhecer e Praticar

Basicamente, se nós oramos: **“seja feita a tua vontade”**, por certo estamos comprometidos com o desejo de conhecer a vontade de Deus para praticá-la.

Temos meditado sobre a vontade de Deus e já vimos que ela é soberana, livre, boa, agradável, perfeita... Vimos também que a sua **vontade preceptiva ou revelada** está registrada nas Escrituras Sagradas. A nós cabe o dever de conhecê-la e vivenciá-la: **“As coisas (...) reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”** (Dt 29.29).

Moisés, após falar que a Palavra de Deus foi-nos dada para o nosso bem, conclui: **“Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o Senhor nosso Deus, como nos tem ordenado”** (Dt 6.25).

Quando Josué assume, de fato, a liderança do povo de Israel, Deus lhe ordena que medite, proclame e pratique a sua palavra: **“Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido”** (Js 1.8).

Tiago repete ordenança similar, em forma de orientação: **“Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla num espelho o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. Mas aquele que considera atentamente na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso e praticante, esse será bem-aventurado no que realizar”** (Tg 1.22-25).

Deste modo, a revelação de Deus torna-nos responsáveis pelo seu cumprimento: o conhecimento da Palavra de Deus deve caminhar de mãos dadas com a obediência; o desejo de Deus não é simplesmente tornar-nos profundos conhecedores da Palavra, mas homens santos, submissos a ele.

b. Discernimento Necessário

O fato de a vontade de Deus estar revelada nas Escrituras não quer dizer que a Bíblia seja um manual cheio de regrinhas para a nossa vida, por meio do qual possamos encontrar sempre uma regra explícita para a nossa situação específica. Não. A Bíblia, como temos visto, sendo a fonte e norma de todo o conhecimento e prática cristãs, nos apresenta os princípios de Deus que se adequam a todas as nossas necessidades, em quaisquer épocas e circunstâncias. Todavia, a Bíblia não é um livro mágico, por meio do qual exercitamos a nossa “sorte espiritual” abrindo-o ao acaso, e procurando saber qual a vontade de Deus para a nossa vida em determinada situação, mediante o texto que o nosso dedo (“sensor espiritual”) apontar.

Sem dúvida, precisamos conhecer a vontade de Deus, mas isto fazemos lendo e meditando na sua Palavra, fazendo-o com discernimento, com entendimento. É isto que Paulo recomenda à Igreja de Éfeso: **“...Vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão não vos torneis insensa-**

tos, mas procurai compreender (Συνίημι)⁴⁶⁰ qual a vontade (Θέλημα) do Senhor” (Ef 5.15-17).

Paulo estimula a Igreja a usar positivamente a sua capacidade de raciocínio, a fim de compreender a vontade de Deus; de aplicar à sua existência os ensinamentos de Deus.

Negativamente considerando, podemos dizer que o mesmo princípio de discernimento deve ser aplicado às mensagens, que ouvimos com freqüência, a respeito da “vontade de Deus para a nossa vida”. A nossa mente não é um “acessório” descartável de nossa existência, o qual deixamos em casa quando vamos à Igreja, lemos livros, ouvimos mensagens ou simplesmente conversamos sobre aspectos da vida cristã. Deus criou o homem completo a fim de que ele possa, com o auxílio do Espírito Santo, usar todos os recursos que ele lhe outorgou.

Parece-me que, a despeito de todo o nosso zelo, o que nos tem faltado é o “entendimento”, o mesmo conhecimento acurado que também faltara aos judeus. O zelo é algo extremamente importante quando acompanhado de entendimento e motivações corretas (Jo 2.17; At 21.20; Gl 1.14); quando não, pode ser a causa de muitos males e atrocidades. Paulo diz: **“Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles é para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento”** (Rm 10.1,2).

O nosso desejo de servir a Deus não nos deve tornar presas fáceis de qualquer ensinamento ou doutrina; precisamos cientificar-nos se aquilo que é-nos transmitido procede ou não de Deus. Para este exame, temos as Escrituras Sagradas como fonte de todo conhecimento revelado a respeito de Deus e do que ele deseja de nós; foi assim que a nobre Igreja de Beréia procedeu ao ouvir Paulo e Silas, ainda que aqueles irmãos tenham recebido a Palavra com avidez, isto não os impediu de examinar⁴⁶¹ **“as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim”** (At 17.11).

Jesus Cristo afirma que aquele que deseja fazer a vontade de Deus deve examinar a doutrina: **“Se alguém quiser fazer a vontade (Θέλημα) dele (Deus), conhecerá a respeito da doutrina (διδασχνη), se ela é de Deus”** (Jo 7.17).

⁴⁶⁰ Συνίημι (syniēmi) envolve a idéia de reunir as coisas, analisá-las, tentando chegar a uma conclusão por meio de uma conexão das partes (* Mt 13.13,14,15,19,23,51; 15.10; 16.12; 17.13; Mc 4.12; 6.52; 7.14; 8.17,21; Lc 2.50; 8.10; 18.34; 24.45; At 7.25 (duas vezes); 28.26,27; Rm 3.11; 15.21; 2Co 10.12; Ef 5.17).

⁴⁶¹ A palavra traduzida por “examinando” é ἀνακρίζω (anakrizō), que tem o sentido de “fazer uma pesquisa cuidadosa”, um “exame criterioso”, “inquirir” (* Lc 23.14; At. 4.9; 12.19; 17.11; 24.8; 28.18; 1Co 2.14,15 (duas vezes); 4.3 (duas vezes), 4; 9.3; 10.25,27; 14.24).

Já na década de 60 do primeiro século encontramos em Colossos vestígios de uma heresia que tentava fundir a simplicidade do Evangelho com especulações filosóficas – caracterizadas por práticas ascéticas –, estando estes ensinamentos a prejudicar a Igreja (Cl 2.8, 16,18,20,21). Paulo, acompanhado por Timóteo e Epafras (Cl 1.1; 4.12), escreve aos colossenses, mostrando a supremacia de Cristo sobre todas as coisas (Cl 1.15,19; 2.3,19). Juntamente com o ensino correto, Paulo declara que ele próprio, Timóteo e Epafras estão orando pela Igreja: “... **Não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade (Θέλημα), em toda a sabedoria (Σοφία) e entendimento (Σύνεσις)**”⁴⁶² (Cl 1.9). “**Saúda-vos Epafras que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade (Θέλημα) de Deus**” (Cl 4.12).

c. A Vontade revelada de Deus

O escritor de Hebreus orou pelos seus destinatários, a fim de que Deus os aperfeiçoasse para cumprirem, assim, a vontade de seu Senhor: “**Ora, o Deus de paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade (Θέλημα), operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém**” (Hb 13.20-22).

Notemos, então, que só poderemos cumprir a vontade de Deus pela sua misericórdia, plenamente revelada em Cristo Jesus. Até mesmo para obedecermos a Deus seria totalmente impossível, sem a graça de Cristo. A nossa obediência é obra da graça divina; é ele mesmo “**quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade**” (Fp 2.13).

Isto nos conduz à questão crucial: *Qual é a vontade de Deus para a minha vida?* Esta é uma pergunta que todos nós, mais cedo ou mais tarde, nos fazemos: o que Deus deseja de mim? É possível obter uma resposta objetiva de Deus para a nossa vida em suas diversas facetas, complexidade e peculiaridade? Vejamos então:

1) Arrependimento sincero

Deus deseja que nos arrependamos de nossos pecados e, como evidência desta transformação, mudemos de comportamento. Na parábola dos dois fi-

⁴⁶² Σύνεσις (synesis) ocorre 7 vezes no N.T. (Mc 12.33; Lc 2.47; 1Co 1.19; Ef 3.4; Cl 1.9; 2.2; 2Tm 2.7), significando discernimento, inteligência, envolvendo a idéia de reunir as evidências para avaliar e chegar a uma conclusão. Este “entendimento” deve ser fruto de uma reflexão, recorrendo, contudo, à iluminação de Deus (2Tm 2.7). Esta palavra é da mesma raiz de Συνήμι (syniēmi).

lhos, contada por Jesus, temos exemplificado este princípio: **“E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: não quero, depois arrependido, foi. Qual dos dois fez a vontade (θέλημα) do Pai? Disseram: o segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele”** (Mt 21.28-32).

A vontade de Deus é que os homens, confrontados com a mensagem salvífica de Deus, se arrependam de seus pecados, recebendo a Cristo como seu Salvador pessoal, iniciando uma nova fase em sua vida, tendo como princípio animador agradar a Deus, sendo-lhe obediente.

O arrependimento, portanto, envolve uma atitude de abandono do pecado e uma prática da Palavra de Deus. Esta prática consiste nos “frutos do arrependimento”. Paulo, testemunhando diante do rei Agripa a respeito do seu ministério, diz: **“Pelo que ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus praticando obras dignas de arrependimento”** (At 26.19,20. Vd. também: At 20.21).

O arrependimento e fé são passos iniciais da vida cristã como resposta ao chamado divino; no entanto, ambos devem acompanhar a nossa vida; devemos continuar crendo em Deus em todas as circunstâncias e cultivar, pelo Espírito, uma atitude de arrependimento pelas nossas falhas. Deus deseja que procuremos agradá-lo em todas as coisas; no entanto, sabemos que pecamos, que falhamos, que não atingimos o alvo proposto por Deus; por isso, conscientes de nossos pecados, devemos nos arrepender, buscando o perdão de Deus e o reparo para o nosso erro.

A *Confissão de Westminster* (1647) resume: “... O pecador pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos” (XV.2).

2) *Libertação do mundo*

O pecador arrependido volta-se para Deus, sendo liberto do poder do pecado e de Satanás. Jesus Cristo morreu, segundo a vontade de Deus, para nos libertar do domínio do mundo, dos valores da mundanidade que contami-

nam nossa maneira de perceber e atuar na realidade, a fim de que vivamos para ele. Paulo escreve: **“O qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai”** (Gl 1.4)

A libertação do mundo engloba a libertação do domínio da vontade satânica sobre a nossa. Satanás também tem a sua vontade, o seu propósito para a nossa vida; o homem sem Cristo faz naturalmente a sua vontade, já que o pecado o tornou eticamente filho do diabo (Jo 8.44). Calvino (1509-1564) observa que os “incrédulos se encontram tão intoxicados por Satanás que, em seu estupor, não têm consciência de sua miséria”.⁴⁶³ Paulo, instruindo sobre a “didática” do ministro, alude a este tema: **“Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos⁴⁶⁴ por ele, para cumprirem a sua vontade (Θέλημα)”** (2Tm 2.24-26).

O Novo Testamento, aludindo à força do pecado em nós, emprega algumas palavras para descrever a situação do homem sem Cristo, como estando “cativo”, sendo “dominado”, tornando-se “habitação” do pecado.

Paulo, falando da nossa libertação do pecado, caracteriza a nossa nova condição sob a graça de Deus, dizendo: **“Porque o pecado não terá domínio⁴⁶⁵ sobre vós...”** (Rm 6.14). Enfatizando este domínio do pecado sobre nós antes do novo nascimento, escreve: **“... Sou carnal, vendido à escravidão do pecado”** (Rm 7.14). A expressão “vendido à escravidão” é uma tradução interpretativa de “πιπρόσκω ὑπο” (“pipraskō hypo”), que significa ser vendido, estando por isso, sob o domínio do seu senhor.⁴⁶⁶ Portanto, o homem entregue a si mesmo não é mais livre do que um animal sob o jugo do seu senhor, o qual pode prendê-lo, vendê-lo ou matá-lo...

Em outro lugar, Paulo fala da prisão do homem natural: **“Mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente me faz prisioneiro⁴⁶⁷ da lei do pecado que está nos meus membros”** (Rm 7.23. Compare com Lc 4.18). Finalmente, ele diz que o pecado habita em nós: **“Neste**

⁴⁶³ J. Calvino, *As Pastorais* (2Tm 2.26), p. 247.

⁴⁶⁴ Ζωγρέω, “capturar”, “feito prisioneiro”, “prender com vida” (* Lc 5.10; 2Tm 2.26).

⁴⁶⁵ Κυριεύω (kyrieuō), “dominar como senhor”.

⁴⁶⁶ É digno de nota que a palavra πιπρόσκω (pipraskō) somente aqui é mencionada no sentido espiritual. Nas outras oito vezes em que ela ocorre no Novo Testamento (Mt 13.46; 18.25; 26.9; Mc 14.5; Jo 12.5; At 2.45; 4.34; 5.4), tem sempre o sentido de venda de algo material.

⁴⁶⁷ αἰχμαλωτίζω (aichmalōtízō), capturado, feito prisioneiro de guerra.

caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita (οἰκέω) em mim (...). Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e, sim, o pecado que habita (οἰκέω) em mim” (Rm 7.17,20).

Todavia, por meio da libertação integral levada a efeito por Cristo Jesus, tornamo-nos “escravos de Cristo”; já não somos vendidos, mas, sim, comprados por bom preço; pelo precioso sangue de Cristo, e, como sinal de posse perpétua de Deus, somos habitados pelo seu Espírito: o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho. Paulo insiste neste ponto: **“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita (Οἰκέω) em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. (...) se habita (Οἰκέω) em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita (οἰκέω)” (Rm 8.9,11). “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita (οἰκέω) em vós?” (1Co 3.16). “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6.19,20) (Vd. também: 1Pe 1.18-21).**

A vontade de Deus, que se concretizou em Cristo, é a nossa libertação das paixões deste mundo para pertencermos a Cristo, o Nosso Senhor. Portanto, o homem que é liberto do Senhor torna-se escravo de Cristo. (Vd. 1Co 7.21-23).

À Igreja perseguida, Pedro intima a “remir o tempo” que lhe resta, vivendo para Deus, segundo a sua vontade: **“Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, para que, no tempo que vos resta na carne já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus” (1Pe 4.1-2).**

3) Obediência integral

“Conhecer as ordens de Deus é graça.”⁴⁶⁸ Deus deseja que lhe obedeçamos prazerosamente, de todo o coração, fazendo as nossas tarefas cotidianas como uma “prenda” para Deus, já que, em última instância, é a ele que estamos servindo. **“Quanto a vós outros, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus” (Ef 6.5-7).**

⁴⁶⁸ Dietrich Bonhoeffer, *Orando com os Salmos*, p. 31.

Deus não deseja de nós um comportamento que foi apenas socialmente aprendido; Deus quer um coração íntegro que reflita em seus atos o aprendizado de Cristo, que é o nosso Senhor e Mestre por excelência.⁴⁶⁹ A nossa obediência a Deus deve ser o resultado de nossa fé. Nós somos “filhos da obediência” (1 Pe 1.14) e, como tais, devemos viver como o nosso Pai vive.

4) *Gratidão*

À jovem Igreja de Tessalônica, Paulo orienta: **“Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”** (1Ts 5.18).

Conforme já mencionamos, a expressão “dai graças” é a tradução do verbo grego Εὐχαριστέω (Eucaristeō), que tem o sentido, conforme o traduzido, de “agradecer”. A sua raiz é a mesma do substantivo Εὐχαριστία (Eucaristia), que pode ser traduzido por “*gratidão*” (Cf. At 24.3).

Partindo destas observações, concluímos que o ato de dar graças só pode ser verdadeiro se proceder de um coração agradecido.⁴⁷⁰ A vontade de Deus é que lhe sejamos agradecidos. Por isso, todas as vezes que reconhecemos os feitos de Deus em nossa vida, e lhe agradecemos por isso, estamos concretizando o “seja feita a tua vontade”...

A gratidão é a atitude da alma que reconhece a direção de Deus em todos os episódios de sua existência, daí a recomendação paulina: **“Em tudo dai graças”**. Nesta atitude não há uma senha mágica, um talismã lingüístico, que vise modificar as situações adversas, mas, sim, a expressão sincera de um coração agradecido, que sente-se seguro sob a proteção de Deus (Rm 8.31-39). “Sempre que Deus manifesta sua liberalidade para conosco, também nos encoraja a render-lhe graças; e prossegue agindo em nosso favor de forma semelhante quando vê que somos gratos e cômnicos do que ele nos tem feito.”⁴⁷¹

Paulo diz que devemos ser imitadores de Deus e, como tais, em vez de vivermos com conversações torpes, devemos andar em ações de graça (Ef 5.1-4).

A nossa gratidão a Deus é o resultado da certeza de que ele cuida de nós e que, de fato, não existem eventos casuais, sorte, azar ou fatalismo. Deus é quem nos guarda! Portanto, em todas as circunstâncias, podemos encontrar motivos para agradecer a Deus, certos de que ele é o Senhor da história e nada nos acontece sem a permissão governativa de Deus e que tudo o que nos ocor-

⁴⁶⁹ “... A obediência forçada ou servil não é de forma alguma aceitável diante de Deus...” (João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1 (Sl 1.1), p. 53).

⁴⁷⁰ “Embora Deus de forma alguma careça de nossos louvores, contudo sua vontade é que este exercício, por diversas razões, prevaleça em nosso meio.” [João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 40.9), p. 232].

⁴⁷¹ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (Sl 40.9), p. 231.

re tem um sentido proveitoso para a expressão de nossa vida: física, psíquica e espiritual. **“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”** (Rm 8.28). O “bem” dos filhos de Deus é tornar-se cada vez mais identificado com o seu Senhor (Rm 8.29,30). Neste propósito, até mesmo as aflições “cooperam para o bem”: “Os sofrimentos desta vida longe estão de obstruir nossa salvação; antes, ao contrário, são seus assistentes. (...) Embora os eleitos e os réprobos se vejam expostos, sem distinção, aos mesmos males, todavia existe uma enorme diferença entre eles, pois Deus instrui os crentes pela instrumentalidade das aflições e consolida sua salvação. (...) As aflições, portanto, não devem ser um motivo para nos sentirmos entristecidos, amargurados ou sobrecarregados, a menos que também reprovemos a eleição do Senhor, pela qual fomos predestinados para a vida, e vivamos relutantes em levar em nosso ser a imagem do Filho de Deus, por meio da qual somos preparados para a glória celestial.”⁴⁷²

Parece-nos que é neste sentido que o salmista testemunha: **“Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos”** (Sl 119.71).

A pedagogia de Deus, por meio dos eventos, ultrapassa em muito a nossa capacidade imediata de percepção. Todavia, Deus é o Senhor e ele nos ensina por intermédio da sua Palavra vivenciada na história.

Daniel quando soube que, por decreto do rei Dario, nenhum homem poderia invocar a Deus durante o prazo de trinta dias, entrou no seu quarto e deu graças a Deus conforme seu reverente costume:⁴⁷³ **“Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa, e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas da banda de Jerusalém, três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer”** (Dn 6.10).

Calvino, comentando a respeito da pedagogia das aflições, exorta: “Os homens são incapazes de sentir seus pecados a menos que sejam levados pela força a conhecer-se por si mesmos. Por isso, vendo que a prosperidade nos embriaga de tal maneira, e que quando estamos em paz cada um se adula em seus pecados; temos que sofrer pacientemente as aflições de Deus. Porque a

⁴⁷² J. Calvino, **Exposição de Romanos**, São Paulo, Paracletos, 1997 (8.28,29), pp. 293,295.

⁴⁷³ “Não que ajoelhar-se seja em si mesmo necessário quando oramos, mas, porque necessitamos de estímulos, como dissemos, dobrar os joelhos é uma atitude muito importante. Em primeiro lugar, porque somos advertidos de que só podemos apresentar-nos diante de Deus de maneira humilde e reverente. E, em segundo lugar, para que nossas mentes estejam melhor preparadas para a oração sincera. E este símbolo de adoração é aceitável aos olhos do Senhor.” [João Calvino, **O Profeta Daniel: 1-6**, São Paulo, Paracletos, 2000, Vol. 1, (Dn 6.10), p. 375].

aflição é a autêntica mestra que leva os homens ao arrependimento para que se condenem eles mesmos diante de Deus e, sendo condenados, aprendam a odiar aqueles pecados nos quais anteriormente se banhavam”.⁴⁷⁴

No Novo Testamento, quando Paulo recomenda aos tessalonicenses **“em tudo dai graças”**, fala a uma jovem igreja perseguida, pressionada em sua incipiente fé. Todavia, ele sabia que a nossa fé amadurece à medida que conseguimos, pela graça, superar as adversidades dos fatos, reconhecendo a direção bondosa de Deus. Ele mesmo já tivera esta experiência, juntamente com Silas, em Filipos, antes de levar o Evangelho a Tessalônica. Lucas, que testemunhou a prisão de Paulo em Filipos, nos conta: **“Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam”** (At 16.25). Esta atitude – que o texto indica que se repetiu por algum tempo – era inusitada e, ao que parece, tão surpreendente aos outros prisioneiros que, conforme registra Lucas, os companheiros de cela se detiveram para ouvir os seus louvores (At 16.25).

Mais tarde, Pedro escreve aos crentes da Dispersão, que sofriam atroz perseguição: **“Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos alegreis exultando”** (1Pe 4.12,13). O fato é que Deus, mesmo objetivando – como sempre o faz – o melhor para nós, não exclui necessariamente as adversidades, as circunstâncias difíceis e sérias provações.

Assim, meus irmãos, a nossa atitude de ação de graças revela a nossa confiança em Deus, no seu paternal cuidado; por isso, mesmo sem entendermos o alcance dos fatos, devemos, pela fé, agradecer a Deus: **“Dando sempre graças (Εὐχαριστέω) por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”** (Ef 5.20).

Analisemos agora algumas das razões que temos para agradecer a Deus. Sem dúvida, todos nós temos motivos para assim fazer; basta que consideremos a nossa saúde, o alimento que nos dá, a nossa casa, família, emprego, etc. Todavia, queremos observar outras razões que a Palavra de Deus nos indica, que devem nos conduzir à gratidão sincera:

a) Por Deus ser quem é

Deus deve ser louvado por aquilo que ele é. Deus é o Senhor de todas as coisas; a sua vontade é que lhe rendamos graças como reconhecimento reve-

⁴⁷⁴ Juan Calvino, El Uso Adecuado de la Aflicción: In: **Sermones sobre Job**, Jenison, Michigan, T.E.L.L., 1988 (Sermon nº 19), p. 226.

rente de sua majestade e misericórdia manifestas em seus atos salvadores. O salmista declara: **“O Senhor é Deus, ele é a nossa luz (...). Tu és o meu Deus, render-te-ei graças; tu és o meu Deus, quero exaltar-te. Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre”** (Sl 118.27-29).

b) A bondade e misericórdia

O salmista conclama: **“Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre”** (Sl 118.1; Sl 106.1; 107.1, etc.). Aqui há a compreensão de que toda a nossa relação com Deus baseia-se em sua misericórdia. Após a destruição de Jerusalém, Jeremias escreve: **“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos porque as suas misericórdias não têm fim”** (Lm 3.22). Tudo que somos e temos pode ser resumido na “misericórdia eterna de Deus”, que se compadece de nós e propicia a nossa salvação.

As Escrituras declaram que Deus é benigno e misericordioso para com todos; até para com os ingratos e maus, aos quais Deus manifesta a sua bondade por meio da concessão de bênçãos temporais (Vd. Lc 6.35,36).

c) O seu socorro

O socorro de Deus independe de nossa percepção. Deus nos tem guardado, na maioria das vezes, de uma forma misteriosa para nós. Não podemos limitar a nossa gratidão a Deus apenas à nossa percepção dos fatos. O cuidado preventivo de Deus para conosco ultrapassa em muito a nossa consciência. A vontade de Deus é que lhe sejamos agradecidos pela sua proteção benfazeja.

O salmista, considerando o seu passado, exulta: **“O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, nele fui socorrido; por isso o meu coração exulta, e com o meu cântico o louvarei”** (Sl 28.7). **“Render-te-ei graças porque me acudiste, e foste a minha salvação”** (Sl 118.21).

d) A firmeza de nossos irmãos

A vontade de Deus é que nos alegremos com os nossos irmãos na firmeza de sua fé, dando graças a Deus por isso. Devemos orar uns pelos outros, regozijando-nos ao perceber o fortalecimento espiritual de nossos irmãos.

O apóstolo Paulo, em muitas de suas cartas, agradecia a Deus o testemunho fiel da Igreja: **“Primeiramente dou graças a meu Deus mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque em todo o mundo é proclamada a vossa fé”** (Rm 1.8). **“Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações”** (Ef 1.16). **“Dou graças a meu Deus por tudo que**

registro de vós (...), pela vossa cooperação no Evangelho, desde o primeiro dia até agora” (Fp 1.3,5).⁴⁷⁵

. ***

A nossa gratidão a Deus deve se revelar num ato de proclamação da sua grandeza e de seus poderosos feitos. A vontade de Deus é que proclamemos com gratidão os seus atos redentores. Os salmistas assim procedem: **“Graças te rendemos, ó Deus; graças te rendemos, e invocamos o teu nome, e declaramos as tuas maravilhas” (Sl 75.1). “Rendei graças ao Senhor, invocai o seu nome, fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos” (Sl 105.1).**

Em nosso desejo de servir, estamos com freqüência dispostos a indicar, para os nossos amigos, profissionais e lojas que nos atenderam bem; falamos de determinada promoção ou de um remédio que foi “valioso” para nós ou para algum parente... No entanto, amiúde nos esquecemos de proclamar as “maravilhas” de Deus aos pecadores, e mesmo aos nossos irmãos, para a edificação recíproca de nossa fé.

A nossa palavra e a nossa vida devem ser expressões de agradecimento a Deus; todas as nossas atitudes devem refletir este espírito. É justamente isto que Paulo recomenda aos colossenses: **“E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).**

Deus nos convida a uma dignificação de nossas tarefas, por meio de um coração agradecido que metamorfoseia tudo o que fazemos. Um coração agradecido a Deus se manifesta em nosso comportamento, em nosso trabalho, em todas as nossas relações. Contudo, nós somos agradecidos, não por isso, mas porque o Senhor é o nosso Deus; o Deus cuja bondade e misericórdia permanecem de geração em geração; e nós a temos experimentado.

Um outro aspecto que deve ser analisado é que as nossas orações também devem ser agradecidas. Paulo, preso, escreve a uma Igreja que também passava por tribulações (Fp 1.29): **“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça” (Fp 4.6. Vd. Cl 4.2).** Paulo, aqui, não combate a ansiedade puramente com argumentos; ele nos desafia a canalizar as nossas energias não para um sentimento inoperante e destrutivo, mas para oração com ações de graça. A oração oferece-nos um abrigo no qual podemos nos ocultar das preocupações mundanas, um lugar em que ficamos a sós com Deus, um refúgio no qual renovamos a esperança, no qual nossos cuidados, expostos a Deus, ficam amortecidos e renovamos a nossa confiança em Deus...

⁴⁷⁵ (Vd. também: 1Co 1.4; Cl 1.3,4,12; 1Ts 1.2,3; 2.13; 3.9; 2Ts 1.3; 2.13; Fm 4)

A prática da oração, acompanhada de ação de graças deve ser exercitada a fim de nos aperfeiçoarmos nela como resultado de nossa maturidade espiritual. **“Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graça”** (Cl 2.7,8).

5) Perseverança na fé

A vontade de Deus é que permaneçamos firmes na fé que ele mesmo, pela graça, nos outorgou (Ef 2.8).

O escritor de Hebreus diz: **“Com efeito, tendes necessidade de perseverança (ὕπομονη), para que havendo feito a vontade de Deus, alcancéis a promessa”** (Hb 10.36).

A promessa de Deus sempre se cumpre; nós é que precisamos perseverar nela. Esta é a vontade de Deus, que permaneçamos firmes na sua Palavra. “A herança da vida eterna já nos está garantida, visto, porém, que esta vida se assemelha a uma pista de corrida, temos que nos esforçar por alcançar a meta final.”⁴⁷⁶

O substantivo ὑπομονη (hypomonê) (perseverança) e o verbo ὑπομένω (hypomenō) (perseverar) têm o sentido de *persistir, permanecer, firmeza, constância, paciência, resistência*.⁴⁷⁷ Os termos descrevem não simplesmente uma atitude passiva de deixar os fatos acontecerem, mas, sim, um comportamento ativo que enfrenta as dificuldades, tendo uma perspectiva que ultrapassa a simples visão adversa do momento; é, portanto, uma perseverança *viril na prova*: aceita os embates da vida, porém, ao aceitá-los, transforma-os em novas conquistas. A palavra quer dizer uma *resistência persistente*, a despeito das circunstâncias difíceis... Uma fé que se fortalece ainda mais no meio das adversidades.

William Barclay (1907-1978) assim comentou o sentido da palavra: “Não é paciência que pode sentar-se e curvar a sua cabeça deixando as coisas descerem contra ela e agüentar passivamente a tempestade passar. Não é meramente ‘passar por’ algumas coisas. É o espírito que pode suportar as coisas, não simplesmente com resignação, mas com a esperança fulgurante; não é o espírito que fica sentado num só lugar, esperando estaticamente, mas, sim, o espírito que suporta as coisas porque sabe que estas coisas o estão levando para um alvo de glória; não é a paciência que aguarda inflexivelmente o fim, mas a paciência que espera radiantemente a aurora”.⁴⁷⁸

⁴⁷⁶ J. Calvino, *Exposição de Hebreus* (Hb 10.36), p. 290.

⁴⁷⁷ ὑπομένω (ὕπο: “sob” & μένω: “permanecer, ficar, esperar, aguardar”) tem o sentido de “permanecer debaixo de”; “manter-se firme debaixo de”.

⁴⁷⁸ William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, p. 101.

Esta paciência é uma perseverança corajosa, que aceita os desafios de sua fé e permanece fiel ao seu Senhor; ela é uma qualidade espiritual, o produto de um andar submisso e guiado pelo Espírito... por isso ela pode ser descrita como “a graça para suportar”. Esta resistência se alicerça sobre a fé. A fé consiste na entrega da alma a Cristo, confiando inteiramente nos seus cuidados. Tal consagração confere ao crente a disposição e o poder de suportar dificuldades provenientes de sua lealdade irrestrita a Cristo. A nossa fé, portanto, se evidencia em nossa paciência em suportar as adversidades... E assim, a vida cristã vai sendo lapidada, aprimorada em seus contornos por meio das dificuldades comuns a todos aqueles que querem permanecer fiéis ao Senhor: **“A tribulação produz perseverança”** (ὕπομονή) (Rm 5.3); é a fé provada que produz a “constância” (Tg 1.3).

Portanto, o escritor de Hebreus está exortando a Igreja a perseverar conforme a vontade de Deus, visto que os obstáculos que se interpõem em nossa caminhada cristã são inúmeros. Satanás usa de variados recursos para nos impedir de prosseguir na fé, rumo ao alvo proposto por Deus.

Deus não deseja homens que apenas comecem bem em sua jornada espiritual; Deus quer filhos fiéis, que continuem firmes, perseverantes em sua fé, dando um testemunho evidente da sua graça irresistível e sustentadora.

No entanto, as ameaças são muitas, os perigos são enormes, e a astúcia de Satanás em nos estimular a desviar da fé se manifesta nas mais diferentes maneiras; o seu arsenal é poderoso e as suas técnicas são variadas e eficazes... Por isso, a palavra de Hebreus: **“Tendes necessidade de perseverança...”**. De fato, mais do que nunca precisamos estar firmes, para poder resistir às ciladas do diabo (1Pe 5.8,9), não desfalecendo em nossa fé.

Deus deseja que seus servos sejam perseverantes! Contudo, se há toda uma preocupação em enfatizar a necessidade de perseverança, é porque os perigos são evidentes, as forças opostas são poderosas; as aflições são inevitáveis, as tribulações se manifestam de um ou de outro modo.

A Palavra de Deus não nos diz que devemos desejar a tribulação; contudo nos ensina que a tribulação, provocada por causa da nossa fidelidade a Deus, quando recebida com paciência, produz experiência, aprimoramento, maturidade espiritual; “não poderíamos exercitar a paciência sem o sofrimento, porque sem este não haveria necessidade de paciência”, conclui Stott.⁴⁷⁹

Paulo instrui: **“... Mas também nos gloriamos nas próprias tribulações,⁴⁸⁰ sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança,**

⁴⁷⁹ John R.W. Stott, **A Mensagem de Romanos 5-8**, São Paulo, ABU, 1988 (Rm 5.3), pp. 6,7.

⁴⁸⁰ A palavra “Tribulação” (θλίψις) (thlipsis) literalmente é “pressão”, “aflição”, “angústia”, “aperto”; ela é genérica, não descrevendo um tipo específico de aflição, podendo envolver a pressão da privação, da necessidade, do pesar, da perseguição, da impopularidade, da incompreensão...

experiência, a experiência, esperança” (Rm 5.3,4). Insiste: **“Regozijai-vos na esperança, sede pacientes (ὕπομονη) na tribulação (θλίψις), na oração perseverantes”** (Rm 12.12). Calvino comentando essa passagem, enfatiza que “a diligência na oração é o melhor antídoto contra o risco de soçobramos.”⁴⁸¹ Em outro lugar, indaga de forma acusativa: “Embora todos os homens orem e manifestem alguma aparência de piedade, contudo onde há um entre tantos que realmente seja solícito?”⁴⁸²

Do mesmo modo de Paulo, Tiago: **“Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança (ὕπομονη). Ora, a perseverança (ὕπομονη) deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes”** (Tg 1.2-4).

A fé cristã se fortalece à medida que é provada e aprovada. Deus deseja o nosso aperfeiçoamento, para que sejamos **“perfeitos”** (τέλειον: “completos”, “atinjamos a meta”) e **“íntegros”** (ὁλόκληρος: “completos”, “intactos”), em nada **“deficientes”** (λείπω: “destituído”, “estar em falta ou carente”). Deus quer que sejamos completos em nossas virtudes espirituais, bem como em suas manifestações. Todavia, reconhecendo a limitação humana e oferecendo o caminho para supri-la, Tiago insiste: **“Se, porém, algum de vós necessita (λείπω) de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes imprópera; e ser-lhe-á concedida”** (Tg 1.5). Deus deseja que tenhamos uma vida cristã abundante, na livre manifestação das virtudes e dos talentos que ele nos concedeu; contudo, se temos uma vida cristã empobrecida no sentido de desenvolver a vontade de Deus, peçamo-lhe então a sua sabedoria, que ele nos concederá, conforme a sua vontade.

Paulo, falando dos seus sofrimentos em Éfeso, diz: **“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação (θλίψις) que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos”** (2Co 1.8,9).

As nossas tribulações são variadas e podem nos assolar de diferentes formas: no caso de Paulo e das Igrejas do Novo Testamento, estas aflições assumiam mais um caráter físico, ainda que não exclusivamente. Para nós também pode ser assim, contudo a ação de Satanás pode e costuma ser mais sutil, agindo dentro da esfera das idéias – a solidão de idéias, por exemplo –, a preservação de valores cristãos no meio de uma sociedade corrompida; a im-

⁴⁸¹ João Calvino, *Exposição de Romanos* (12.12), p. 438.

⁴⁸² João Calvino, *Exposição dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 25.12), p. 553.

popularidade, a escassez, a luta por tentar cumprir a Palavra de Deus, os atalhos que se apresentam como mais eficazes, mas que, na realidade, nos distanciam de Deus. Enfim, as dificuldades podem surgir dentro dos nossos desejos mais legítimos; no entanto, parece-me que é justamente aqui onde torna-se mais fácil sermos tentados a seguir caminhos estranhos à Palavra, não perseverando no caminho de Deus, tendo um discurso de “eficácia”, mas que não se coaduna com as Escrituras...

Baseando-se na realidade da tribulação a que todos nós estamos sujeitos e, ao mesmo tempo, no socorro providente de Deus, Paulo fala à Igreja de Corinto para suportar **“com paciência (ὕπομονη) os mesmos sofrimentos que nós também padecemos”** (2Co 1.6. Vd. também: 2Co 6.4). Ele continua: **“A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação”** (2Co 1.7).

Deus permite que passemos por provações para que, mediante o seu sustento, possamos nos fortificar em nossa fé, nos apegando mais confiantemente a ele, frutificando em toda boa obra, crescendo em nossa vida espiritual, reconhecendo que a nossa sustentação provém de Deus, que nos capacita a resistir em todos os embates. Deve ser dito que nós não nos alegramos com o sofrimento, mas, sim, com o proveito espiritual que podemos pela graça tirar dele (Vd. 1Pe 4.12-19).⁴⁸³ Calvino (1509-1564) chega a dizer que “tanto ao Diabo, quanto aos ímpios todos, Deus os arma para o embate e toma assento, como se fora um mestre de liça, para que nos exercite a paciência.”⁴⁸⁴ “Sabemos que, se Ele [Deus] não nos segurasse por seu poder a todo instante, seríamos reduzidos a nada.”⁴⁸⁵

Analisando a paciência de Davi revelada no Salmo 40, Calvino extrai uma “preciosa” lição: “Embora Deus não se apresse em surgir em nosso socorro, no entanto propositadamente nos mantém em suspenso e perplexidade; entretanto, não devemos perder a coragem, já que a fé não é totalmente provada senão pela longa espera”. Continua: “É possível que Deus nos socorra mais lentamente do que gostaríamos, mas quando parece não tomar ele conhecimento de nossa condição, ou, se é que podemos usar tal expressão, quando parece inativo e a dormir, isso é totalmente diferente de enganar; pois se somos incapazes de suportar, mediante o vigor e o poder invencíveis da fé, o tempo oportuno de nosso livramento por fim se manifestará”.⁴⁸⁶

⁴⁸³ Vd. Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Romans*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1994 (Reprinted) (Rm 5.3,4), pp. 134,135.

⁴⁸⁴ João Calvino, *As Institutas*, I.17.8. Vd. também: João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios* (2Co 12.7), p. 246.

⁴⁸⁵ João Calvino, *O Profeta Daniel*, Vol. 1, (Dn 6.10), p. 372.

⁴⁸⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (Sl 40.1), p. 215.

O nosso alento é que, em todas estas aflições, é Deus mesmo, o nosso Pai bendito, quem nos consola: **“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação (θλίψις), para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus”** (2Co 1.3,4). Aqui, de passagem, Paulo também mostra a nossa responsabilidade: Deus nos consola e compartilha conosco deste privilégio responsabilizador: consolar os aflitos; o consolo de Deus não deve ser estéril, antes deve nos estimular ao socorro e alívio de nossos irmãos. Nesta mesma linha de raciocínio, Paulo elogia a Igreja de Filipos por ter sido solidária com ele, revelando a sua comunhão, quando ele estava preso e atribulado: **“... fizestes bem, associando-vos (συγκοινωνέω)⁴⁸⁷ na minha tribulação (θλίψις)”** (Fp 4.7).

Do mesmo modo, João, preso na Ilha de Patmos, escreve às sete igrejas da Ásia: **“Eu, João, irmão vosso e companheiro (συγκοινωνός) na tribulação (θλίψις), no reino e na perseverança...”** (Ap 1.9).

Paulo, escrevendo aos tessalonicenses, revela a sua gratidão contínua a Deus em virtude da perseverança daqueles sob a mais severa perseguição e pressão: **“Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças (Εὐχαριστέω)⁴⁸⁸ a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira,⁴⁸⁹ e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando, a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância (ὑπομονή) e fé, em todas as vossas perseguições⁴⁹⁰ e nas tribulações (θλίψις) que suportais”** (2Ts 1.3,4).

⁴⁸⁷ A palavra Κοινωνία (koinōnía) é derivada de κοινός (koinos), cuja idéia básica, bem como de todos os seus cognatos (κοινός, κοινωνός, κοινωνέω, κοινωνία e κοινωνικός), é de “comum”, “comunhão”, “companheirismo”, “compartilhar”, etc. [* At 2.42; Rm 15.26; 1Co 1.9; 10.16 (2 vezes); 2Co 6.14; 8.4; 9.13; 13.13; Gl 2.9; Ef 3.9 (aqui, somente no **Textus Receptus**; em Scholz e Tischendorf: οἰκονομία) Fp 1.5; 2.1; 3.10; Fm 6; Hb 13.16; 1Jo 1.3,6,7.] Συγκοινωνέω (sygkoinōneō) tem o sentido de participar com alguém, compartilhar, co-participar.

Κοινωνία, no Novo Testamento, às vezes denota uma comunhão participante independentemente do conhecimento pessoal (Rm 15.26. ARA: “coleta”). Esta comunhão é resultante da comunhão que todos temos com o Pai e com o Filho (1Jo 1.3,6,7) e da comunhão do Espírito (Fp 2.1). A nossa comunhão com Cristo antecede ao tempo, visto que fomos elchitos nele antes da fundação do mundo (Ef 1.4). O espírito de “koinonia” é agradável a Deus: “Não negligencieis igualmente a prática do bem e a mútua cooperação (κοινωνία); pois com tais sacrifícios Deus se agrada” (Hb 13.16).

⁴⁸⁸ (Vd. 1Ts 1.2; 2 Ts 2.13)

⁴⁸⁹ A palavra sobremaneira (ὑπεραυξάνω) é muito forte, significando aumentar muitíssimo, aumentar extraordinariamente, extremamente, crescer maravilhosamente, crescer e abundar. Paulo está dizendo que a fé daqueles irmãos crescia de um modo extraordinário, mesmo sob a pressão das perseguições (1Ts 3.4,5).

⁴⁹⁰ A palavra “perseguição” (Διωγμός: “caça”, “pôr em fuga”) dá a entender a figura simbólica de um animal caçado, de um presa perseguida, de um tormento incansável e sem misericórdia. Esta

A perseguição aqui descrita fora tão intensa que Paulo, quando partiu para Beréia e depois para Atenas, pediu a Timóteo que ficara com Silas em Beréia, que fosse a Tessalônica verificar como a Igreja estava resistindo a esta situação, bem como para confirmá-los e exortá-los... Paulo só teve alívio quando Timóteo regressou, encontrando-se com ele em Corinto, relatando a firmeza da Igreja (At 17.15,16; 1Ts 3.1-7; At 18.5).

A nossa perseverança em Cristo faz parte da nossa batalha da fé: **“Segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância (ὕπομονη), a mansidão. Combate o bom combate da fé...”** (1Tm 6.11,12).

Mas, como poderemos resistir com perseverança nesta “batalha da fé”?

1) Retendo a Palavra de Deus

A Palavra de Deus é o alimento fundamental que Deus nos oferece para que possamos crescer em nossa fé, permanecendo firmes contra todas as ciladas do maligno, bem como em todas as perseguições.

Jesus, explicando a “parábola do semeador”, diz: **“A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança (ὕπομονη)”** (Lc 8.15).

Aqui aprendemos que a Palavra de Deus produz frutos de forma perseverante. A vida cristã é produtiva espiritualmente e, também, é resistente em sua fé. A Palavra de Deus foi escrita para nos ensinar a respeito de Deus e, para que, assim, conhecendo-o, possamos perseverar em meio às tribulações: **“Pois tudo quando outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência (ὕπομονη), e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”** (Rm 15.4).

Se nós quisermos realmente perseverar firmes em nossa fé, precisamos fazer da Bíblia o nosso alimento cotidiano. Nela temos a palavra perseverante e consoladora de Deus, tendo, também, a resposta para todas as nossas necessidades.

2) Diligente na prática da Palavra

A nossa perseverança está ligada à prática da Palavra de Deus. No Apocalipse, o anjo diz àqueles que suportaram intensa perseguição: **“Aqui está a perseverança (ὕπομονη) dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus Cristo”** (Ap 14.12) (Vd. Ap 13.10).

Pedro nos diz que Deus nos deu todas as coisas para o nosso crescimento espiritual, sendo, por isso mesmo, nossa responsabilidade nos esforçar, usando os recursos de Deus, para fazer a sua vontade e não tornar vã a sua graça a

palavra denota mais especificamente as perseguições promovidas pelos inimigos do Evangelho; ela se refere sempre à perseguição por motivos religiosos (Vd. Mc 4.17; At 8.1; 13.50; Rm 8.35; 2Tm 3.11).

nós manifesta (1Co 15.10; 2Co 6.1). “Deus nos tem munido com mais de uma espécie de auxílio, desde que não sejamos indolentes em fazer uso do que nos é oferecido.”⁴⁹¹ Devemos, portanto, associar-nos à graça de Deus no aperfeiçoamento de nossa salvação. É nestes termos que Pedro escreve: **“Visto como pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo, por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência (Σπουδῆ: “esforço”, “entusiasmo”, “zele”, “pressa”),⁴⁹² associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança (ὑπομονή); com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”** (2Pe 1.3-8).

Pedro, por considerar este ponto de extrema revelância, insiste em nossa responsabilidade de assim proceder, agindo com diligência: **“Por isso, irmãos, procurai, com diligência (Σπουδάζω: “ser zeloso”, “fazer todo o esforço possível”)⁴⁹³ cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum”** (2Pe 1.10). Portanto, podemos perceber que o segredo da vida cristã, a sua segurança, não está na inatividade, mas, sim em constante trabalho de desenvolvimento de nossa fé, sabendo que desta maneira jamais tropeçaremos de modo definitivo.

3) Firme esperança

Paulo dá graças a Deus pela vida dos tessalonicenses, reconhecendo a esperança perseverante que a igreja depositara em Deus: **“Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza (ὑπομονή) da vossa esperança”** (1Ts 1.3).

Lembre-mos de que as Escrituras foram escritas para que **“tenhamos esperança”** (Rm 15.4) amparados nas promessas de Deus. A regeneração operada pelo Espírito nos capacita a ver e a crer nas promessas de Deus; por isso, em Cristo, podemos ter uma viva esperança (1Pe 1.3).

⁴⁹¹ J. Calvino, *Efésios* (6.11), p. 188.

⁴⁹² Σπουδῆ (spoudê) (ocorre nos seguintes textos do N.T.: * Mc 6.25; Lc 1.39; Rm 12.8,11; 2Co 7.11,12; 8.7,8,16; Hb 6.11; 2Pe 1.5; Jd 3).

⁴⁹³ Σπουδάζω (spoudazô) (ocorre nos seguintes textos do N.T.: * Gl 2.10; Ef 4.3; 1Ts 2.17; 2Tm 2.15; 4.9,21; Tt 3.12; Hb 4.11; 2Pe 1.10,15; 3.14).

A nossa esperança em Cristo não é uma utopia, ilusão humana, forjada pela nossa imaginação, um mero mecanismo racional para nos dar tranqüilidade emocional e espiritual. A esperança que temos emana de Deus e está depositada nas suas promessas. Nós esperamos firmemente a concretização daquilo que para nós é certo, porque foi prometido por Deus; a Palavra de Deus é sempre a palavra final para nós e dela procedem a nossa fé e esperança (Rm 10.17; 15.4).

No meio das tribulações, das angústias e das incompreensões, podemos sempre esperar em Deus, certos da sua ação providente e poderosa. Quando depositamos a nossa esperança no Deus da Palavra, não temos com que nos preocupar; a nossa esperança nunca será frustrada, porque Deus é fiel; ele sempre cumpre a sua Palavra.

A nossa esperança em Cristo tem um caráter ambivalente: aqui e agora e, também, além e depois. Não esperamos apenas para esta vida, nem também apenas para a eternidade; antes: hoje e para sempre, esperamos em Deus, nos alimentando na sua Palavra. Daí a conclusão de Paulo: **“Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens”** (1Co 15.19).

A expectativa do futuro está fundamentada nos eventos do passado que, hoje, fazem uma diferença qualitativa na nossa perspectiva de vida. Por isso Paulo diz: **“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram. (...) se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos que amanhã morreremos”** (1Co 15.17,18,32). Todavia, Paulo não trabalha com esta hipótese, porque ele crê no fato da ressurreição de Cristo, que foi o coroamento do seu ministério terreno: **“Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. (...) Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem”** (1Co 15.3,4,20).

Sem Cristo não há futuro para nenhum de nós; o que para nós é esperança, seria mera teimosia: o nosso futuro ampara-se nos feitos de Cristo.

O teólogo reformado G. C. Berkouwer comenta:

“A promessa do futuro está inextricavelmente conectada com eventos do passado. A expectativa cristã é algo muito diferente de uma generalização tal como: ‘as sementes do futuro estão no presente’. É algo completamente determinado pela relação única entre o que está por vir e o que já aconteceu no passado. Toda a certeza da nossa expectativa está fundamentada nesta relação peculiar...”

“Escatologia verdadeira, portanto, ocupa-se sempre com a expectativa do Cristo

que já foi revelado e que 'aparecerá segunda vez... aos que o aguardam para a salvação' (Hb 9.28)".⁴⁹⁴

Jesus veio conforme as Escrituras (1Co 15.3,4) e foi visto ressurreto por centenas de pessoas em ocasiões diferentes (1Co 15.5-8). Isto dá fundamento à história da esperança do povo de Deus (1Co 15.14,17,19,20). A história registra a vitória de Cristo sobre a morte (1Co 15.21,22), Satanás (Jo 12.31), e sobre todos os poderes que lhe são hostis (Cf. Cl 2.15).

"Sem o conhecimento de Cristo pela fé a esperança se torna uma utopia que paira em pleno ar."⁴⁹⁵ Todavia, nós que conhecemos a Cristo pela graça de Deus (Mt 16.17; Mt 11.27), temos a nossa esperança bem fundamentada.⁴⁹⁶ A nossa esperança em Cristo é resultado do conhecimento que temos dele; a fé da Igreja respalda-se num fato histórico e nutre-se da esperança que emana da promessa de Deus: "A esperança não é mais do que o alimento e a força da fé".⁴⁹⁷

Esperar em Deus, portanto, envolve o exercício de nossa fé, fazendo-a amadurecer e se fortalecer cada vez mais. No Antigo Testamento, vemos que diante de uma iminente invasão Assíria, Isaías desafia o povo de Israel a confiar em Deus e não nos recursos dos egípcios. Ele declara: "... **Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam**" (Is 40.31).

Somos sempre desafiados em nossa fé, a fim de que coloquemos a nossa esperança em Deus. Esta confiança é um processo a ser aprendido por meio do seu exercício consciente, respaldado em Deus mesmo.

O salmista, considerando a prosperidade dos ímpios, lança um desafio a si mesmo, intimando-se a descansar e esperar confiantemente em Deus: "**Descansa no Senhor e espera nele...**" (Sl 37.8). Em outro lugar o salmista compartilha conosco o resultado de sua esperança em Deus: "**Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro**" (Sl 40.1).

A fé e a esperança estão inter-relacionadas: A fé em Deus dá conteúdo à nossa esperança. "**Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem**" (Hb 11.1).

A vontade de Deus é que confiemos totalmente na sua Palavra, esperando inteiramente nele para a nossa salvação. Orar "seja feita a tua vontade"

⁴⁹⁴ G.C. Berkouwer, *The Return of Christ*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1975 (Reimpressão), pp. 12,13.

⁴⁹⁵ J. Moltmann, *Teologia da Esperança*, São Paulo, Herder, 1971, p. 7.

⁴⁹⁶ "Não nos é possível servir nem adorar a um Deus desconhecido, nem depositar nele a nossa confiança." (A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, p. 5)

⁴⁹⁷ J. Calvino, *As Institutas*, III.2.43.

significa fazê-lo com o coração confiante em Deus, apegando-nos sem reservas na sua Promessa. Somente um crente repleto de esperança pode fazer esta oração.

4) Aprendendo de Cristo

A Palavra de Deus nos manda prosseguir na vida cristã, olhando firmemente para Jesus Cristo: **“Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança (ὕπομονη) a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou (ὕπομένω) a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou (ὕπομένω) tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas”** (Hb 12.1-3).

Jesus Cristo é o nosso modelo de paciência e perseverança. A despeito da falta de fé dos seus discípulos, ele perseverou em cumprir a sua obra em nosso favor. Em Cristo temos estampado o sentido bíblico da perseverança.

Se quisermos perseverar na fé, temos que olhar firmemente para Cristo: os nossos olhos devem estar atentos a Jesus, aquele que é o exemplo de toda perseverança. Portanto, devemos rogar a Deus que nos capacite a perseverar firmes em sua obra, que ele mesmo nos sustente, pois ele é o **“Deus da paciência”** (ὕπομονη) (Rm 15.5). O convite de Cristo permanece: **“Vinde a mim (...) aprendei de mim”** (Mt 11.28,29).

Temos como forte alento em nossa caminhada espiritual a intercessão recíproca de nossos irmãos. Devemos, portanto, orar uns pelos outros para que juntos permaneçamos firmes na fé.

Muitas vezes só nos lembramos de orar pelos nossos irmãos quando eles estão passando momentos de dor e aflição; no entanto, a Bíblia nos ensina *também* a orar dando graças pela sua fé e a interceder para que permaneçam fiéis à Palavra.

Paulo relata aos irmãos de Colossos a sua alegria pelo progresso espiritual da Igreja, fazendo menção da fé, do amor e esperança que eram evidentes no testemunho dos colossenses (Cl 1.3-8). Em seguida, Paulo fala de sua intercessão pela Igreja, para que os irmãos perseverassem em sua fé: **“... Não cesamos de orar por vós, de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de**

viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança (ὕπομονη) e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz” (Cl 1.9-12).

Aos tessalonicenses, por quem Paulo louvava a Deus pelo amor, firmeza e fé (1Ts 1.2,3; 2Ts 1.3,4), diz: **“Ora, o Senhor conduza os vossos corações ao amor de Deus e à constância (ὕπομονή) de Cristo”** (2Ts 3.5).

A vontade de Deus é que oremos pelos nossos irmãos, para que o seu testemunho permaneça como evidência de sua fé inabalável em Deus.

Vimos até aqui a vontade de Deus quanto à nossa perseverança; analisemos, agora, os princípios bíblicos para que permaneçamos firmes na fé, usando os recursos da graça.

Vejamos, inicialmente, *o que a Palavra diz a respeito daqueles que perseveram firmes:*

A Palavra de Deus declara que aquele que suporta as provações deve ser considerado feliz, pois foi aprovado por Deus. Portanto, Deus deseja que seus servos sejam constantes em sua fé, que resistam com perseverança às provações a que todos nós estamos sujeitos.

Tiago estimula a Igreja a perseverar firme: **“Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança (ὕπομένω) a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam”** (Tg 1.12). Outra vez: **“Eis que temos por felizes os que perseveraram (ὕπομένω) firmes (ὕπομονη). Tendes ouvido da paciência (ὕπομονή) de Jó, e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo”** (Tg 5.11).

Nesse texto, Tiago toma como modelo de paciência o exemplo de Jó, o qual sofreu a perda de seus filhos e de seus bens, enfrentou a incompreensão de sua esposa e a maldade e presunção de seus supostos amigos que, partindo de uma teologia errada, contribuíram para intensificar o seu sofrimento; contudo, permaneceu fiel ao Senhor, recebendo de Deus o dobro de seus bens que foram perdidos (Vd. Jó 42.10-17). Entretanto, devemos notar que estes “bens” foram secundários em relação ao próprio desenvolvimento espiritual de Jó, que pôde então dizer: **“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem”** (Jó 42.5). E, como vimos, Tiago o toma como exemplo de perseverança (Tg 5.11).

Os eleitos de Deus são aqueles que perseveram, não somente durante um determinado período de tempo, mas, sim, até o fim; estes, e somente estes

serão salvos. A sua bem-aventurança maior está justamente na salvação eterna, como disse Tiago: **“Porque depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam”** (Tg 1.12).

Jesus falando das tribulações pelas quais a Igreja e os seus discípulos teriam de passar, diz: **“Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar (ὕπομένω) até ao fim, esse será salvo”** (Mt 10.22). Em outro lugar, Jesus os adverte: **“É na vossa perseverança (ὕπομονη) que ganhareis as vossas almas”** (Lc 21.19).

Apesar da realidade evidente das tribulações, o nosso conforto é que o Deus, a quem oramos “seja feita a tua vontade”, ele mesmo nos guarda, nos garante a salvação, nos conduzindo em segurança até o fim. À Igreja de Filadélfia, Jesus Cristo diz: **“Porque guardaste a palavra da minha perseverança (ὕπομονη), também eu te guardarei...”** (Ap 3.10).

“O Deus de perseverança” (ὕπομονη) (Rm 15.5) nos sustenta; ele mesmo concluirá o seu propósito de salvação em nós (Fp 1.6). A sua vontade será realizada em nós, porque não há nada que possa nos separar do seu amor (Rm 8.35-39); ninguém poderá nos arrebatar de sua mão (Jo 10.28). Ele nos levará seguro até o seu Reino Celestial.

A nossa oração deve ser como a de Paulo, em prol de todos os nossos irmãos na fé: **“Ora, o Senhor conduza os vossos corações ao amor de Deus e à constância (ὕπομονη) de Cristo”** (2Ts 3.5).

6) *Uso consciente de nossa liberdade*

A liberdade que temos é gloriosa; ela é o padrão da libertação futura da corrupção de toda natureza (Rm 8.21; Tg 1.18).

A liberdade concedida por Cristo é recebida pelo conhecimento dele como nosso Senhor e Salvador (Jo 8.32; Jo 14.6). O conhecimento de Cristo já é uma revelação da graça de Deus: Sem a obra do Pai e do Espírito, nós jamais o receberíamos como nosso Salvador (Mt 11.27; 16.16,17; 1Co 12.3).

Em Cristo, fomos libertos:

1) Pecado: o pecado fizera-nos seus escravos, mantendo-nos sobre o seu domínio (Rm 6.14);⁴⁹⁸ tornando-nos seus cativos, como um prisioneiro de guerra (Lc 4.18; Rm 7.23),⁴⁹⁹ morando em nós (Rm 7.17,20).⁵⁰⁰ Porém Deus nos libertou definitivamente do poder do pecado (Mt 1.21; Jo 8.32-34; Rm 6.6,17,18,20; 8.2; 2Pe 2.19; Ap 1.5) e do domínio moral e espiritual deste mundo (Gl 1.4; Jo 17.14). Agora quem habita em nós é o Espírito do Pai e do Filho (Rm 8.9,11; 1Co 3.16).⁵⁰¹

⁴⁹⁸ Κυριεύω (kyrieiō).

⁴⁹⁹ Αἰχμάλωτος (aichmalōtos) e αἰχμαλωτίζω (aichmalōtizō).

⁵⁰⁰ Οἰκέω (oikeō).

⁵⁰¹ Οἰκέω (oikeō).

2) Morte espiritual e eterna: Deus nos deu vida (Ef 2.1,5), restaurando-nos à comunhão com ele, livrando-nos da sua ira. A ira de Deus é uma manifestação da sua justiça. Deus nos salvou da condenação eterna (morte eterna), o que se tornará plenamente evidente quando Cristo retornar em glória para julgar a todos os homens (Mt 16.27; At 10.42; 17.31; Rm 14.10; 1Co 4.5; 1Ts 1.10).

3) Poder de Satanás: Deus libertou-nos definitivamente do poder de Satanás, o deus do secularismo. Cristo o derrotou e, agora, ele não mais tem domínio sobre nós; “por isso afirmamos que os fiéis nunca, jamais, poderão ser vencidos por ele [Satanás]”⁵⁰² (Cl 1.13; 2.15; Hb 2.14,15; 1Jo 3.7,8).

Deus nos libertou, em Cristo, dos valores deste mundo, bem como do domínio tirânico do pecado e de Satanás. Pedro nos diz: **“o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai”** (Gl 1.4).

Deste modo, sabemos que quando aceitamos a Cristo como nosso salvador pessoal, estamos definitivamente libertos para Deus.

Gostaria de chamar a atenção dos leitores para a recomendação que Pedro faz às igrejas da Dispersão: **“Porque assim é a vontade (Θέλημα) de Deus, que pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto (Ἐπικάλυμμα)⁵⁰³ de malícia (κακία),⁵⁰⁴ mas vivendo como servos (δοῦλος) de Deus”** (1Pe 2.15,16).

Pedro está dizendo que a nossa liberdade em Cristo jamais poderá servir de desculpa para a malícia; o limite de nossa liberdade é a vontade de Deus revelada em sua Palavra. Somos servos de Deus, portanto, a sua vontade estabelece as normas e os limites de nossa liberdade.

O que dá maior relevância ao preceito do apóstolo Pedro é que ele escreveu essa epístola para os cristãos das igrejas da Dispersão (1Pe 1.1) – localizadas na região da Ásia Menor (hoje, Turquia) – que estavam experimentando tempos difíceis de severa perseguição (1Pe 1.6; 2.18-25; 4.12-16).

⁵⁰² J. Calvino, *As Institutas*, 114.18.

⁵⁰³ Esta palavra só ocorre aqui em todo o N.T. Tem o sentido de “capa”, “cobertura”, “véu”. Aquilo que encobre; daí o sentido de “pretexto”.

⁵⁰⁴ “Mal”, “malícia”, “maldade”, “impiedade”, “depravação”, “vício”, “malignidade”. A palavra, em alguns textos, significa uma depravação mental de onde decorrem todos os outros vícios; ela tem, de modo especial, um sentido ético (* Mt 6.34; At 8.22; Rm 1.29; 1Co 5.8; 14.20; Ef 4.31; Cl 3.8; Tt 3.3; Tg 1.21; 1Pe 2.1,16). Na literatura clássica a palavra tinha o sentido de “vício” e “injustiça” (Vd. Platão, *A República*, 444e; *Idem*, *Fedro*, 248b; Aristóteles, *Arte Retórica*, II.12; *Idem*, *Ética à Nicômaco*, VII.1.15; Xenofonte, *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, II.1.21). Calvino (1509-1564), comentando o uso da palavra em Efésios 4.31, diz: “Por esse termo ele quer dizer a depravação da mente, a qual é oposta ao espírito humano e à probidade, e a qual é usualmente chamada malignidade.” (J. Calvino, *Efésios*, p. 149).

O sofrimento é um dos pontos mencionados com frequência nessa carta. Pedro objetivava encorajá-los, ratificando a esperança que todos deveriam ter depositada em Cristo. Por isso, “esperança” é a palavra-chave desta carta (1Pe 1.3,13,21; 3.5,15).

Daqui se depreende que as contingências políticas e sociais não devem determinar a nossa ética, mas, sim, a Palavra de Deus.

Notemos que num período de sofrimento e perseguição, é possível que algumas pessoas, até mesmo bem-intencionadas – contudo, sem o conhecimento devido da Palavra – usem do Evangelho para validar os seus desejos. Deste modo, a Bíblia passa a dizer o que queremos que ela diga. No contexto da Epístola, poderiam surgir interpretações que afirmassem a liberdade cristã como pretexto para uma luta armada, o não-pagamento de impostos, a desobediência às autoridades e atitudes semelhantes. Muitas vezes nós justificamos os nossos pecados, baseando-nos numa prática que julgamos comum, ou em nome da “liberdade” de Cristo. Pedro, então, está dizendo que o mal jamais poderá ser praticado em nome da liberdade cristã.

O que ocorre, com frequência, é a deturpação da doutrina cristã, tornando-a em desculpa para o pecado; daí a advertência de Pedro.

A liberdade em Cristo deve ser vista não como consentimento para fazer o que queremos, mas, sim, como a responsabilidade para cumprirmos o que deve ser feito conforme a vontade de Deus: a nossa liberdade é para a prática do bem (1Pe 2.15,16).

Mas o que significa usar a nossa liberdade com discernimento?

Antes de começarmos a responder esta questão, é importante que salientemos que a nossa libertação do pecado é para Cristo: “... **O que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo. Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens**” (1Co 7.22,23).

Brunner (1889-1966) diz acertadamente o seguinte: “Quem se tornou somente livre, ficou sem dono e, com isso, mais escravo ainda. Não há pior escravatura do que aquela de não ter dono. Nesse caso o homem é escravo da sua própria paixão, do seu próprio ‘eu’. E o pior de todos os tiranos é o nosso ‘eu’, ou, como diz a Bíblia, o pecado. É que o ‘eu’ soberano e o pecado são idênticos. Homem pecador é aquele que se diz seu próprio Senhor”.⁵⁰⁵

O homem que é liberto do Senhor torna-se escravo de Cristo. A diferença fundamental desta nova condição é que o “escravo de Cristo” tem prazer na prática da “*lei da liberdade*” (Tg 1.22-25; 2.12), que é a *lei de Cristo* (Gl 6.2;

⁵⁰⁵ Emil Brunner, *Nossa Fé*, p. 88. Vd. também, John Stott, *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*, pp. 54, 55.

1Co 9.21); a *lei do amor* (Gl 5.13,14). Somente aqueles libertos por Cristo, e para Cristo, podem dizer sinceramente: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus; dentro em meu coração está a tua lei”** (Sl 40.8. Vd. Sl 1.2; 119.14, 16, 47, 77, 92, 143 e 174).

Esta observação nos leva à primeira parte da resposta à pergunta feita acima: o que significa usar a nossa liberdade com discernimento?

1) Significa usá-la para servir a Deus

Aqui está algo que atinge de forma decisória o cerne do pensamento anomista.⁵⁰⁶ O homem salvo por Deus não tem o direito, nem o desejo de voltar às práticas anteriores à sua regeneração: tais coisas passaram (2Co 5.17). Paulo faz uma pergunta e responde: **“... Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça? De modo nenhum”** (Rm 6.15). Estar salvo significa, entre outras coisas, viver em comunhão com Deus, cumprindo prazerosamente a sua santa vontade (Lc 1.74,75; Rm 6.15; 1Pe 2.16; Gl 2.20; 1Jo 5.2-5).

A nossa libertação nos impulsiona a desejar cumprir os preceitos de Deus, fazer o que lhe agrada. Temos, agora, uma nova perspectiva de vida, um novo direcionamento; a palavra definitiva para nós é a vontade do Deus que habita em nós: **“... já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”** (Gl 2.20).

É justamente no serviço prestado a Deus que o homem encontra a verdadeira expressão da sua liberdade (Rm 6.22; Gl 5.13; 1Pe 2.16).

A *Confissão de Westminster* (1647) resume bem o que estamos dizendo:

“Aqueles que, sob o pretexto de liberdade cristã, cometem qualquer pecado ou toleram qualquer concupiscência, destroem, por isso mesmo, o fim da liberdade cristã; o fim da liberdade é que, sendo livres das mãos dos nossos inimigos, sem medo sirvamos ao Senhor em santidade e justiça, diante dele, todos os dias da nossa vida.”(XX.3).

2) Significa usá-la para servir ao nosso próximo

Servimos ao nosso próximo com a liberdade que Cristo nos deu, no amor de Cristo e do seu Evangelho (1Co 9.19-23; 2Co 4.5; Gl 5.13).

Dentro da lei de Cristo, devemos usar de todos os recursos bíblicos para levar a mensagem de redenção a todos os homens, a fim de que Deus, pela sua Palavra, por meio de nossa instrumentalidade, chame o seu povo eleito.

⁵⁰⁶ A palavra “anomia” significa “sem lei” (ἀνομία). Os anomistas entendiam que uma vez que fomos salvos pela graça, podemos fazer o que bem entendemos: a graça – interpretavam – nos libertou para o exercício da nossa vontade.

Martinho Lutero (1483-1546) expressou isto da seguinte maneira:

“Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém.
“Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”.⁵⁰⁷

Na liberdade de Cristo, somos chamados a servir a Deus por meio do serviço que prestamos ao nosso próximo em prol do Evangelho.

3) Significa usá-la na prática da justiça

Paulo escreve aos romanos: **“E, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação. Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo que resultados colhestes? Somente as coisas de que agora vos envergonhais; porque o fim delas é a morte”** (Rm 6.18-21).

Paulo desafia os crentes romanos a desenvolverem a sua liberdade no uso constante da prática da justiça; ele faz um paralelo entre a nossa escravidão anterior à maldade (Rm 6.19) e agora; livre que somos, devemos oferecer os nossos membros para a justiça.

Livres do pecado, nos tornamos incondicionalmente servos da justiça. Se antes, em nossa escravidão espiritual, servíamos ao pecado, agora, libertos por Cristo, devemos obedecer à justiça.

4) Significa usá-la para a santificação e vida eterna

Paulo: **“Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna”** (Rm 6.22). O homem justificado por Deus foi libertado da condenação da Lei. Esta libertação implica o início de uma nova fase da sua vida, na qual a sua prioridade é o crescimento espiritual em obediência à Palavra de Deus. O fruto da obediência ao pecado é a morte (Rm 6.21,23). O resultado da nossa obediência a Deus é a vida eterna.

A justificação e a santificação são obras que Deus opera inseparavelmente. Fomos declarados justos (Rm 5.1) e agora, em paz com Deus, tem início em nossa vida o processo de santificação. Como bem escreveu F. F. Bruce (1910-1990), **“A santificação é o começo da glória e a glória é a santificação completada.”**⁵⁰⁸

⁵⁰⁷ M. Lutero, *Da Liberdade Cristã*, 3ª ed. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1979, p. 9. (Esta obra também foi publicada In: **Martinho Lutero: Obras Seleccionadas**, São Leopoldo/Porto Alegre, RS, Sinodal/Concórdia, 1989, Vol. 2, p. 437)

⁵⁰⁸ F.F. Bruce, *La Epistola a los Hebreos*, Michigan, Nueva Creación, 1987, p. 45. Da mesma forma compreende Packer, quando diz: “A santidade será perfeita lá no céu. Estaremos incapacitados de pecar será tanto a nossa liberdade como o nosso gozo.” (J.I. Packer, **Vocábulo de Deus**, p. 164) (Vd. também: C.H. Spurgeon, **Sermões sobre a Salvação**, São Paulo, PES, 1992, p. 68).

Usamos corretamente a nossa liberdade quando nos apropriamos de todos os meios que Deus nos fornece para o desenvolvimento de nossa fé.

Concluindo, podemos dizer que a nossa libertação em Cristo é para que vivamos segundo o Espírito de liberdade. **“Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”** (2Co 3.17; Rm 8.13,14; Gl 6.8).

Andar no Espírito significa agir, decidir, planejar e viver sob a direção do Espírito de Cristo, conforme a nossa nova condição de filhos da luz (Ef 5.8).

Nesta nova dimensão de vida, encontramos no Espírito a capacitação para cumprirmos a Lei. A Lei nos mandava cumprir seus preceitos;⁵⁰⁹ o Espírito nos leva a fazê-lo com o coração alegre, libertando-nos, assim, do domínio do pecado e da morte. A Lei revela o nosso pecado, o Espírito demonstra a graça por meio de nossa obediência. Portanto, andar no Espírito é viver não à revelia da Lei, antes é caminhar em harmonia com a Lei de Deus, que é a **“lei da liberdade”** (Cf. Tg 1.25; 2.12). É justamente isto a vitória sobre o pecado (Gl 5.1-12,18). “Estar no Espírito significa estar na esfera do reino libertador de Deus, que é mediado pelo Espírito.”⁵¹⁰

Quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos na realidade, pedindo a Deus que nos capacite a usar conscientemente a liberdade que ele mesmo nos outorgou definitivamente em Cristo, para que o nosso serviço a Deus se torne cada vez mais eficiente. Vivamos, pois, a liberdade cristã para a glória de Deus.

7) A Santificação

“Se você não é santo, não é cristão.” – D.M. Lloyd-Jones, **O Supremo Propósito de Deus**, São Paulo, PES, 1996, p. 100.

“Ninguém pode ser herdeiro do reino celestial sem que antes seja conformado ao Filho Unigênito de Deus.” – João Calvino, **Exposição de Romanos** (8.29), p. 296.

A Palavra de Deus demonstra enfaticamente que a nossa salvação não é um fim em si mesma, antes é o início da vida cristã, por meio da qual nos tornamos filhos de Deus e progredimos em santificação até a consumação de todo propósito de Deus em nossa vida.

⁵⁰⁹ “Pela lei Deus exige o que lhe é devido, todavia não concede nenhum poder para cumpri-la. Entretanto, por meio do Evangelho os homens são regenerados e reconciliados com Deus por meio da graciosa remissão de seus pecados, de modo que ele é o ministério da justiça e da vida.” [João Calvino, **Exposição de 2 Coríntios**, São Paulo, Paracletos, 1995 (2Co 3.7), p. 70]

⁵¹⁰ George E. Ladd, **Teologia do Novo Testamento**, Rio de Janeiro, JUERP, 1985, p. 451.

Assim, quando falamos de “santificação” estamos dirigindo este assunto aos crentes – àqueles que pela fé receberam a Cristo como seu salvador pessoal. No entanto, devemos ter em mente que a santificação faz parte da evangelização, como proposta irrevogável de vida cristã para todos os que se rendem a Cristo, reconhecendo-o como seu salvador pessoal.

O nosso tema diz respeito a todo o povo de Deus que, consciente de sua salvação pela graça (Ef 2.8), almeja conhecer a vontade de Deus e vivenciá-la em sua cotidianidade. Deste modo, o nosso assunto tem um público-alvo específico: *salvos que desejam sinceramente conhecer a vontade de Deus a fim de praticá-la.*

Devemos estar atentos para o fato de que a salvação (justificação, regeneração, união com Cristo) não é a linha de chegada da vida cristã; antes, é o ponto de partida. D.M. Lloyd-Jones (1899-1981) exorta-nos quanto a isso:

“Cristianismo não é você parar na conversão e no conhecimento de que os seus pecados estão perdoados, e, então, contentar-se com isso pelo resto da vida; Cristianismo é ingressar e desenvolver-se rumo à medida da estatura da plenitude de Cristo. Precisamos desenvolver nossas mentes e nossas faculdades, se é que desejamos tomar posse disso. Se nos contentamos com menos que isso, não passamos de crianças em Cristo, e somos indignos deste glorioso evangelho.”⁵¹¹

7.1) A Vontade de Deus

Conforme já indicamos, uma das expressões bíblicas para expressar a vontade de Deus é o substantivo grego Θέλημα (“Thelēma”) [derivado do verbo Θέλω], que significa, “vontade”, “desejo”, “intenção”. Apesar de o verbo ser amplamente empregado na literatura clássica, o substantivo Θέλημα aparece raramente. No Novo Testamento ele ocorre 61 vezes [o verbo 207 vezes]. Mesmo sendo esta palavra utilizada para a vontade do homem, ela é predominantemente atribuída a Deus; e, neste sentido, enfatiza mais o elemento volitivo do que o deliberativo, assinalando que Deus cumprirá a sua vontade, o seu propósito.

Estudando – em forma de esboço – o emprego deste substantivo⁵¹² no Novo Testamento, vemos que:

⁵¹¹ D.M. Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo, PES, 1992, p. 254. Do mesmo modo, Vd. J.C. Ryle, *Santificação*, São José dos Campos, SP, FIEL, 1987, p. 39.

⁵¹² Para um estudo mais completo de “Thelēma”, consulte, entre outros: Gottlob Schrenk, Θέλημα: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. III, pp. 52-62; D. Müller, Vontade: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. IV, pp. 785-790. Para uma perspectiva mais teológica, Vd. L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, pp. 79-83; Herman Bavinck, *The Doctrine of God*, pp. 223-245; M.E. Osterhaven, Vontade de Deus: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, III, pp. 633-635.

7.1.1) Na vida do Filho

1) O prazer de Cristo consistia em realizar a vontade do Pai (Jo 4.34; Jo 5.30); visto ser ela imperiosa para si (Jo 6.38; Mt 26.42; Lc 22.42; Gl 1.4; Hb 10.7,9). A idéia aqui não é de uma submissão passiva, antes, expressa um desejo de executar ativamente o propósito de Deus Pai, que também é o seu.⁵¹³

2) Em Cristo temos a revelação da vontade de Deus para nós (Ef 1.9).

3) Jesus Cristo preserva os seus (Jo 6.38-40).

7.1.2) Na vida dos eleitos

1) Antes de conhecermos a Cristo estávamos mortos, escravizados pela vontade da carne (Ef 2.1-3; 1Pe 4.2,3) e do diabo (2Tm 2.26). Fomos predeterminados segundo a vontade de Deus: Ela é o fundamento de nossa salvação (Ef 1.5,11); portanto, a nossa regeneração e adoção ocorrem pela sua vontade: (Jo 1.12,13). Deus não deseja que nenhum dos seus se perca (Mt 18.14). Estes foram confiados a Cristo, quem os preservará e os ressuscitará (Jo 6.38-40). Devemos nesta vida ser agradecidos em todas as circunstâncias (1Ts 5.18).

2) Só entrará no Reino aquele que faz a vontade do Pai (Mt 7.21; Mt 21.31). Estes é que são os irmãos de Cristo (Mt 12.50); são eles que permanecem para sempre (1Jo 2.17).

3) O conhecimento da vontade de Deus é responsabilizador (Lc 12.47; At 22.14,15). Por isso é necessário discernimento para interpretar as doutrinas que nos são transmitidas, a fim de saber se são de Deus ou não (Jo 7.17). Portanto, devemos desejar conhecer a vontade de Deus: (Ef 5.17). Paulo orava para que os colossenses “*transbordassem*” [πληρωθῆτε (“*plērōthête*”). A voz passiva indica aqui a ação de Deus; para que “Deus encha vocês”] deste genuíno conhecimento (Cl 1.9⁵¹⁴; Cl 4.12; Hb 13.21).

4) A vontade de Deus – que é boa, agradável e perfeita – deve ser experimentada pela não-conformidade com este “século” e renovação de nossa mente (Rm 12.2/Hb 10.36).

5) Paulo era apóstolo pela vontade de Deus; (1Co 1.1; 2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 2Tm 1.1), e esta vontade dirigia os seus planos (Rm 1.10; 15.32).

⁵¹³ Quanto à voluntariedade do Filho em sua auto-entrega (Vd. Jo 10.11,15,17,18; Rm 5.19; Fp 2.7.8; 1Tm 2.6; Hb 5.8,9; 9.14,18; 1Jo 3.16). A espontaneidade do Filho envolve a consciência da intensidade e extensão dos seus sofrimentos: a rejeição, o mundo hostil, o pecado, o abandono e a morte como maldito (Gl 3.13). “Jesus tinha perfeita consciência das implicações do seu ministério e, também, de que a cruz era a sua rota obrigatória.” [Hermisten M.P. Costa, **O Sacerdócio de Cristo**, São Paulo, 1990 p. 5. (Trabalho não publicado)] Todavia, ele veio assim mesmo: ele “**se entregou a si mesmo...**” (Gl 1.4).

⁵¹⁴ “Quando todo o espaço da nossa mente for preenchido até transbordar com o conhecimento da vontade do Senhor, já não teremos muito interesse em satisfazer egoisticamente a nossa própria vontade.” (R. P. Shedd, **Andai nele: Exposição Bíblica de Colossenses**, São Paulo, ABU, 1979, p. 22).

6) A obediência à vontade de Deus é também revelada em nossas atividades “seculares” (Ef 6.6); pela prática do bem, mesmo que isto nos conduza à tribulação. A vontade de Deus deve ser a nossa norma de conduta (1Pe 2.15; 1Pe 3.17; 4.19).

7) As nossas orações devem ser submetidas à vontade de Deus, na certeza de que ele nos atenderá (1Jo 5.14; Jo 9.31). [c.c. Sl 145.18,19 (LXX: Θέλημα). (Vd. Mc 14.36 (Θέλω))]

8) Fomos santificados, pela auto-entrega de Cristo, conforme a vontade do Pai (Hb 10.10). A encarnação tem como propósito a expiação dos nossos pecados, a fim de que, feitos santos, prossigamos em santificação. A santificação é o propósito de Deus para o seu povo: **“Pois esta é a vontade (θέλημα) de Deus, a vossa santificação; que vos abstenhais da prostituição”** (1Ts 4.3). “O desejo de Deus quanto a nós é, primeiro, que sejamos santos e, depois, a nossa felicidade ou alguma outra coisa. Sermos santos vem em primeiro lugar, porque Deus é santo.”⁵¹⁵

Na Oração do Senhor, Jesus nos ensinou a iniciá-la considerando a santidade de Deus: **“Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome”** (Mt 6.9). Portanto, quando na seqüência dizemos: “faça-se a tua vontade” (Mt 6.10), estamos, na realidade, suplicando que o Deus santo, cuja glória é a sua santidade, opere em nós o seu querer.

O Deus santo, que não pode conviver com o pecado, deseja a nossa santificação, para que participemos da sua santidade (Hb 12.10; 1Jo 3.2,3).

7.2) O Significado da Santificação

“Quem tem uma visão superficial da salvação deprecia a doutrina da santificação.”
– John F. MacArthur, Jr., **Cómo Enfrentar a Satanás**, Barcelona, CLIE, 1994, p. 95.

Conforme o emprego comum das Escrituras, “santificar” significa separar algo do uso comum para um uso exclusivo, peculiar; os termos bíblicos são utilizados exclusivamente no sentido religioso:

a) O sábado é um dia santo (Êx 16.23; 20.8,11; 35.2);

b) Israel é o povo santo de Deus (Êx 19.6);

c) A Igreja da nova dispensação: **“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus...”** (1Pe 2.9). Este texto resume bem a idéia de santidade: *Exclusividade ao Senhor!*

Arão, o sacerdote, carregava inscrito em sua mitra: *“Santidade ao Senhor”* (Vd. Êx 28.36-38), indicando a sua consagração total ao serviço de Deus.

⁵¹⁵ D. M. Lloyd-Jones, **O Supremo Propósito de Deus**, São Paulo, PES, 1996, p. 99.

Cabe, aqui, uma *definição operacional*:

Santificação é “a graciosa e contínua operação do Espírito Santo pela qual ele liberta o pecador justificado da corrupção do pecado, renova toda a sua natureza à imagem de Deus, e o capacita a praticar boas obras”.⁵¹⁶

Santificação, portanto, é o ato sobrenatural que se inicia com a regeneração, consistindo no progressivo abandono do pecado em direção a Deus. Deus nos chamou à santidade, a pertencermos exclusivamente a ele, a fim de que habitados pelo Espírito Santo, tenhamos em nossos corações o registro feito pelo próprio Espírito: “Santidade ao Senhor”!

Deus é absolutamente santo, majestoso em sua santidade (Êx 15.11; Sl 99.9; Is 6.3) e deseja do seu povo uma vida de santidade.

7.3) A Igreja e a Santificação

Ao tratarmos da Igreja, é natural que alguém pergunte: de qual Igreja estamos falando? De fato, com a variedade de denominações e seitas supostamente cristãs, que amiúde se dizem detentoras da verdade, torna-se difícil para muitos distinguir o joio do trigo. Quando isto acontece, há a tendência de se generalizar, repudiando-se todas as igrejas ou, de olhá-las com ceticismo e ironia.

Antes de analisarmos mais pormenorizadamente o ensino bíblico sobre a santificação, meditemos um pouco sobre a santidade da Igreja de Deus.

7.3.1) Definição de Igreja

Podemos definir a Igreja como a comunidade de pecadores regenerados que, pelo dom da fé concedido pelo Espírito Santo, foram justificados, respondendo positivamente ao chamado divino, o qual fora decretado na eternidade e efetuado no tempo e agora vivem em santificação, proclamando, quer com suas vidas, quer com suas palavras, o Evangelho da graça de Deus, até que Cristo venha.

7.3.2) As marcas da Igreja de Cristo

Desde a Reforma, os teólogos Reformados entenderam que as marcas da verdadeira Igreja de Cristo são três:

- a) a verdadeira pregação da Palavra;
- b) a correta administração dos sacramentos;
- c) o exercício fiel da disciplina.

⁵¹⁶ L. Berkhof, **Teologia Sistemática**, p. 536. Anthony A. Hoekema (1913-1988) dá a seguinte definição: “Aquela graciosa operação do Espírito Santo, envolvendo nossa responsável participação, pela qual ele nos liberta da contaminação do pecado, renova toda a nossa natureza em conformidade com a imagem de Deus, e nos capacita a viver de modo a agradá-lo” (A. A. Hoekema, **Saved by Grace**, Grand Rapids, Michigan/Wexeter, UK, Eerdmans/Paternoster Press Ltd., c. 1989, p. 192). Vd. também, Wayne A. Grudem, **Teologia Sistemática**, São Paulo, Vida Nova, 1999, p. 622.

De forma restrita, podemos falar da verdadeira pregação da Palavra como a marca distintiva da Igreja, sendo decorrentes daí, as outras duas marcas indicadas.

A pregação é função exclusiva da Igreja; não há outra entidade, agremiação ou organização a qual Deus tenha incumbido deste privilégio responsabilizador. “A Igreja é uma instituição especial e especialista, e a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar.”⁵¹⁷

A Igreja de Deus é identificada e caracterizada pela genuína pregação da Palavra. A Igreja não é a mensagem; antes, é o meio de proclamação; todavia, neste ato de proclamação das virtudes de Deus ela revela a sua identidade divina.

A Igreja que se esforça por proclamar, verdadeiramente, todo o desígnio de Deus, conforme registrado nas Escrituras, sem dúvida, administrará corretamente os sacramentos (Santa Ceia e Batismo) e exercerá fielmente a disciplina.

7.3.3) A santidade da Igreja

À primeira vista parece estranho falar da santidade da Igreja, visto ela ser composta por homens pecadores. A *Confissão de Westminster* (1647) acertadamente diz:

“As igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro; algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele” (XXV.5).⁵¹⁸

De fato, entre os doze apóstolos de Cristo, havia um traidor; a Igreja primitiva, com toda a sua vitalidade e testemunho, tinha em seu seio Ananias e Safira; A Igreja presente, não é diferente: ela também não é perfeita!

A Igreja é santa e pecadora; este é um dos paradoxos dela. Com isto não queremos dizer que a Igreja santa seja apenas uma abstração de nossa mente e que a Igreja pecadora seja de fato a única realidade histórica. Não. A santidade e a pecaminosidade fazem parte da vida da Igreja, não simplesmente como ideal (que está apenas no plano imaginário), mas como algo real e concreto.

A santidade da Igreja não pode ser negada pelo fato de ela não estar demonstrando isto. A Igreja é santa porque foi santificada, separada para si por Cristo Jesus. A santidade é um dom de Deus, resultante de nossa comunhão com ele (*santidade posicional*).⁵¹⁹ Por outro lado, o fracasso da Igreja em viver santamente aponta para a necessidade de assim fazê-lo (Rm 1.7), sendo coerente com a sua natureza.⁵²⁰

⁵¹⁷ D.M. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, São Paulo, Fiel, 1984, p. 23.

⁵¹⁸ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, IV.1.2,7.

⁵¹⁹ Que Hoekema chama de “*santificação definitiva*” (Anthony A. Hoekema, *Salvos pela Graça*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1997, p. 215).

⁵²⁰ Vd. Bill J. Leonard, *La Natureza de la Iglesia*, Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1989, p. 126ss.

7.3.4) *A santidade da Igreja e a graça*

“À Igreja se atribui a santidade, sem que ela seja uma qualidade da Igreja.”⁵²¹ A Igreja é composta por pecadores regenerados (Jo 3.3; Tt 3.5). O pecado já não tem domínio sobre nós (Rm 6.14), todavia, ainda exerce a sua influência; por isso, o apóstolo João escreveu: **“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”** (1Jo 1.8).

Assim, a Igreja santa, que é composta por pecadores, revela o triunfo da graça de Deus sobre o poder do pecado. A graça é que começa, aperfeiçoa e conclui a obra da salvação em nós (Fp 1.6). Como bem disse Spurgeon (1834-1892): “A graça começa, continua e termina a obra da salvação no coração de uma pessoa”.⁵²² Aquele que nos regenerou e justificou, também nos santifica, modelando-nos conforme a imagem de Cristo (Rm 8.29).⁵²³

Falar da santidade da Igreja significa declarar os atos salvadores de Deus em Cristo Jesus, o qual morreu pelo seu povo, amando-o apesar dos seus pecados (Rm 5.8; 1Jo 4.10).

Deus olhou para nós, vendo a nossa nudez e miséria espirituais, vestiu-nos com as vestes da sua justiça e santidade manifestas em Cristo. Deste modo, a nossa santidade consiste na participação da retidão de Cristo.⁵²⁴

A santidade da Igreja realça a graça de Deus em Cristo. “Graça (...) é o amor de Deus em poder e formosura, brilhando contra o obscuro fundo do demérito humano.”⁵²⁵

7.3.5) *O fundamento da santidade da Igreja*

A Igreja é santa porque o seu cabeça é santo e santificador. A santificação do Filho é em favor da Igreja (Jo 17.19). *A Obra de Cristo é o fundamento da santidade da Igreja.* Cristo se entregou pelo seu povo a fim de nos santificar: **“Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”** (Ef 5.25-27). (grifos meus)

⁵²¹ Karl L. Schmidt, Igreja: In: Gerhard Kittel, ed. **A Igreja no Novo Testamento**, São Paulo, ASTE, 1965, p. 30.

⁵²² C.H. Spurgeon, **Sermões sobre a Salvação**, São Paulo, PES, 1992, p. 45.

⁵²³ Vd. Sinclair B. Ferguson, **O Espírito Santo**, São Paulo, Os Puritanos, 2000, p. 156.

⁵²⁴ Vd. D.M. Lloyd-Jones, **A Vida no Espírito: no Casamento, no Lar e no Trabalho**, São Paulo, PES, 1991, p. 139.

⁵²⁵ James Moffatt, **Grace in The New Testament**, New York, Ray Long & Richard R. Smith Inc. 1932, p. 5 [Vd. Hermisten M.P. Costa, **A Igreja de Deus: Santa e Universal**, 1991, 11 p. (Trabalho não publicado)].

A santidade da Igreja repousa na santidade de Cristo e no valor eterno dos seus merecimentos. “A eternidade do valor do sacrifício de Cristo é decorrente da dignidade daquele que se ofereceu a si mesmo por nós”⁵²⁶ (Hb 4.15; 5.6; 6.20; 7.3,17, 21-26).

D. Martyn Lloyd-Jones (1899-1981) comenta:

“Aqui está a Igreja em seus farrapos, em sua imundície e vileza! Cristo morreu por ela, salvou-a da condenação. Ele a toma de onde estava e a separa para si (...). Ela é removida do mundo para a posição especial que, como Igreja, deve ocupar.”⁵²⁷

“Enquanto a Igreja caminha neste mundo de pecado e vergonha, ela se suja de lama e lodo. Portanto, há manchas e nódoas nela. E é muito difícil livrar-se delas. Todos os medicamentos que conhecemos, todos os produtos de limpeza são incapazes de remover estas manchas e nódoas. A Igreja não é limpa aqui, não é pura; embora esteja sendo purificada, ainda há muitas manchas nela.

“Entretanto, quando ela chegar àquele estado de glória e glorificação, ficará sem uma única mancha; não haverá nódoa alguma nela. Quando ele a apresentar a si mesmo, com todos os principados e poderes, e com todas as compactas fileiras de potestades celestes e contemplar esta coisa maravilhosa, a sondá-la e a examiná-la, não haverá nela nenhuma mácula, nenhuma nódoa. O exame mais cuidadoso não será capaz de detectar a menor partícula de indignidade ou de pecado”.⁵²⁸

A Palavra de Deus demonstra que por meio da única e suficiente oferta de Cristo fomos santificados: **“Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas (...). Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados”** (Hb 10.10,14). **“... Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta”** (Hb 13.12).

A santidade de Cristo em favor da Igreja é-nos comunicada pelo Espírito Santo. Ingressar na Igreja significa fazer parte constitutiva do Corpo de Cristo: aquele que é santo.

Quando olhamos para nós mesmos, vemos os nossos pecados e a nossa depravação que nos distanciam de Deus;⁵²⁹ quando, porém, olhamos para a obra vitoriosa de Cristo, conseguimos, então, enxergar a Igreja santa, por meio da sua Obra redentora e santificadora.

A santidade e firmeza da Igreja, segundo Calvino (1509-1564), repousam principalmente em “três coisas”, a saber: “doutrina, disciplina e sacramentos, vindo em quarto lugar as cerimônias para exercitar o povo no dever

⁵²⁶ Hermisten M.P. Costa, *O Sacerdócio de Cristo*, São Paulo, 1997, p. 9 (Trabalho não publicado).

⁵²⁷ D.M. Lloyd-Jones, *Vida no Espírito: no Casamento, no Lar e no Trabalho*, p. 119.

⁵²⁸ D.M. Lloyd-Jones, *Vida no Espírito: no Casamento, no Lar e no Trabalho*, pp. 137.138.

⁵²⁹ Ver: João Calvino, *O Livro dos Salmos* (Sl 51.5), pp. 430-432.

da piedade”.⁵³⁰ O exercício da santidade consiste em obedecer a Deus e usar os meios concedidos por ele mesmo para a nossa santificação: a Palavra e os sacramentos. Como bem diz o *Catecismo Menor de Westminster* (1647), Deus exige de nós, os crentes, “o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da salvação”⁵³¹ e que não negligenciem os “meios de preservação”.⁵³²

Calvino arremata: “A aqueles que pensam que os filósofos têm um sistema melhor de conduta, lhes pediria que nos mostrem um plano mais excelente que obedecer e seguir a Cristo”.⁵³³

7.4) *Pressupostos da Santificação*

A doutrina da santificação tem como pressuposto uma série de atos do Espírito Santo em nossa vida, resultantes da obra vicária de Cristo; assim, quando falamos de santificação, iniciando pela eficácia da obra de Cristo, pressupomos – sem importar a ordem aqui: vocação eficaz, arrependimento, fé, regeneração, adoção, justificação e união com Cristo.⁵³⁴ Trataremos de dois pontos apenas:

7.4.1) *A regeneração*

A doutrina da santificação pressupõe que não somos perfeitos; ela está relacionada com o homem pecador, cômico de seus pecados, mas que, ao mesmo tempo, insatisfeito com a sua prática, deseja se aperfeiçoar espiritualmente.

O ponto relevante aqui é que esta insatisfação com o pecado, acompanhada pelo desejo de santificar-se, pertence ao homem que foi gerado de novo pelo Espírito que agora nele habita, despertando em seu coração desejos santos de crescimento e amadurecimento espiritual.⁵³⁵ “Santidade é a naturalidade do homem espiritualmente ressurreto.”⁵³⁶ É o Espírito, como “santificador

⁵³⁰ Juan Calvino, *Respuesta al Cardenal Sadoletto*, 4ª cd., Países Bajos, Felire, 1990, p. 32.

⁵³¹ *Catecismo Menor de Westminster*, Pergunta 85. In: *A Confissão de Fé, o Catecismo Maior e o Breve Catecismo*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1991 (Edição Especial), p. 431 (Vd. também, a Pergunta 88).

⁵³² *Confissão de Westminster*, XVII.3.

⁵³³ John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life*, 6ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1977, p. 14.

⁵³⁴ Para uma discussão mais pormenorizada a respeito da “ordem da salvação”, consulte: Hermisten M.P. Costa, *Soteriologia: a Salvação do Deus Triúno para o seu Povo*, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

⁵³⁵ Vd. L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 560. Em outro lugar, Packer detalha: “Santidade é o objeto de nossa criação. Nascermos de novo para que possamos crescer até a semelhança de Cristo. Santidade, é na realidade, a saúde verdadeira de uma pessoa.” (J. I. Packer, *O que é santidade e por que ela é importante?*: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. *Vitória sobre a Tentação*, p. 35).

⁵³⁶ J.I. Packer, *Na Dinâmica do Espírito*, São Paulo, Vida Nova, 1991, p. 104. John Murray (1898-1974) coloca este ponto da seguinte maneira: “O Espírito Santo é o Agente controlador e diretor

Espírito de Cristo” que é,⁵³⁷ quem infunde em nós este novo desejo, levando-nos a usar os recursos concedidos por Deus para este mister. Portanto, o fato é que, ou buscamos a santidade ou, na verdade, nunca fomos eleitos por Deus. Esta é a verdade bíblica pura e simples: Não há eleição e conseqüentemente vida cristã, sem santificação.

O novo nascimento é condição fundamental para que possamos falar de santificação. “A regeneração está para a santificação, como o nascimento para o crescimento. A nova vida da alma começa com a regeneração.”⁵³⁸ A regeneração é a marca distintiva de todos os filhos de Deus; sem regeneração não há adoção; os filhos foram regenerados; os regenerados são os filhos de Deus.⁵³⁹ Deste modo, este assunto pertence à esfera daqueles que crêem em Cristo, aceitando os seus méritos salvadores como suficientes para a sua salvação, tendo, assim, o coração regenerado pelo Espírito. **A santificação é um processo que tem início em nossa conversão, e a santificação a pressupõe.** Portanto, não existe regeneração sem santificação; ou seja: a regeneração se torna real na santificação.⁵⁴⁰

A regeneração é um ato, que dá início a um processo; é, em outras palavras, “o começo de um caminho de vida.”⁵⁴¹

O homem não regenerado pode até achar interessante o assunto e tentar mudar o seu comportamento, todavia, isto não resolve a questão: “a razão e a consciência podem levar um homem a mudar de conduta, mas não podem levá-lo a mudar de coração.”⁵⁴²

Esta doutrina, que está compreendida na Oração do Senhor, envolve o homem que tem um novo coração e que, agora, se tornou, pelo Espírito, sensível à Palavra de Deus.

em cada pessoa regenerada. Por conseguinte, o princípio fundamental, a disposição governante, o caráter prevalecente de cada pessoa regenerada é a santidade – ela é ‘espiritual’ e se deleita na lei do Senhor segundo o homem interior.” (J. Murray, **Redenção: Consumada é Aplicada**, p. 158). Do mesmo modo, Charles Hodge (1797-1878) havia escrito: “Um estado de salvação é um estado de santidade. As duas coisas são inseparáveis; porque a salvação não é só a redenção da pena do pecado, mas também livramento do seu poder.” (Charles Hodge, **O Caminho da Vida**, p. 275).

⁵³⁷ **Confissão de Fé de Westminster**, X.3.

⁵³⁸ Francisco L. Patton, **Compendio de Doutrina e a Igreja**, Lisboa, Typ. A Vapor de Eduardo Rosa, 1909, p. 96.

⁵³⁹ “A marca mais garantida pela qual os filhos de Deus devem distinguir-se dos filhos deste mundo é a *regeneração* operada neles pelo Espírito de Deus para sua inocência e santidade.” (J. Calvino, **Exposição de Romanos** (Rm 8.9), p. 269)

⁵⁴⁰ Vd. J.C. Ryle, **Santificação**, p. 40.

⁵⁴¹ Hendrikus Berkhof, **La Doctrina del Espíritu Santo**, Buenos Aires, Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial la Aurora, 1969, p. 78.

⁵⁴² Charles Hodge, **O Caminho da Vida**, p. 280. “O homem pode gabar-se de um grande melhoramento moral, e, todavia, não ter nenhuma experiência da santificação.” (L. Berkhof, **Teologia Sistemática**, p. 536).

7.4.2) A justificação

Se a regeneração é o início da santificação, **a justificação é o fundamento judicial da santificação.**⁵⁴³ A justificação e a santificação não podem ser separadas, sem se perder de vista a verdadeira dimensão da vida cristã.⁵⁴⁴ Na justificação, por graça, fomos declarados livres da culpa, amparados na justiça de Cristo. Na santificação, a santidade de Cristo é-nos aplicada internamente pelo Espírito de Cristo, o Espírito de santidade.⁵⁴⁵

Na regeneração recebemos um coração novo, com uma santa disposição; na justificação Deus nos declara justos, perdoadando todos os nossos pecados, os quais foram pagos definitivamente por Cristo; por isso, já não há nenhuma condenação sobre nós; estamos em paz com Deus, amparados pela justiça de Cristo (Vd. Rm 5.1; 8.1,31-33). Na justificação Deus declara que já não há mais culpa em nós; na santificação ele nos purifica da corrupção. Na justificação temos uma mudança em nossa condição legal; a santificação envolve uma transformação moral resultante da regeneração.⁵⁴⁶

Enquanto não formos gerados por Deus, declarados justos, por meio da justificação, não há santificação. “Aqueles que são justificados, também são sempre santificados; aqueles que são santificados sempre foram justificados.”⁵⁴⁷

A justificação – que ocorre fora de nós – não produz nenhuma transformação espiritual em nosso ser; no entanto, é uma vocação incondicional à santificação, conforme a vontade de Deus.⁵⁴⁸ Deus chama pecadores, todavia, não deseja que eles continuem assim; antes, infunde neles a justiça de Cristo, dando-lhes um novo coração, mudando as inclinações de sua alma, habilitando-os a toda boa obra (Ef 2.8-10).⁵⁴⁹ “Cristo a ninguém justifica, a quem ao mesmo tempo, não santifique.”⁵⁵⁰ Todavia, a realidade do pecado – como

⁵⁴³ Vd. L. Berkhof, **Teologia Sistemática**, p. 540.

⁵⁴⁴ Vd. Herman Bavinck, **Our Reasonable Faith**, 4^a ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1984, p. 474.

⁵⁴⁵ Vd. D. M. Lloyd-Jones, **O Supremo Propósito de Deus**, p. 100.

⁵⁴⁶ Vd. Francisco L. Patton, **Compendio de Doutrina e a Igreja**, p. 96; Vd. também, Wayne A. Grudem, **Teologia Sistemática**, pp. 622,623.

⁵⁴⁷ J.C. Ryle, **Santificação**, p. 53 (Vd. também, p. 74).

⁵⁴⁸ “É certamente verdade que somos justificados em Cristo tão-somente pela misericórdia divina, mas é igualmente verdade e correto que todos quantos são justificados são chamados pelo Senhor para que vivam uma vida digna de sua vocação. Portanto, que os crentes aprendam abraçá-lo, não somente para a justificação, mas também para a santificação, assim como ele se nos deu para ambos os propósitos, para que não venham a mutilá-lo com uma fé igualmente mutilada.” [J. Calvino, **Exposição de Romanos**, (Rm 8.13), p. 274]. Ver também: João Calvino, **Efésios**, (Ef 2.10), p. 63.

⁵⁴⁹ “A justificação é unicamente pela fé. A santificação *não* é unicamente pela fé. A totalidade da vida cristã é uma vida de fé, porém na santificação temos que agir, e desenvolver, despir-nos e vestir-nos; como o apóstolo nos diz em todos esses pormenores que nos oferece aqui [Ef 4].” (D.M. Lloyd-Jones, **As Trevas e a Luz**, São Paulo, PES, 1995, p. 130)

⁵⁵⁰ J. Calvino, **As Institutas**, III.16.1.

voltaremos a falar – ainda existe em nós; o justificado é simultaneamente justo e pecador (“*Simul justus et peccator*”), conforme expressão de Lutero (1483-1546).⁵⁵¹

Fazendo um outro paralelo entre a justificação e a santificação, podemos dizer que enquanto a justificação nos livra da condenação do pecado, a santificação nos livra de sua contaminação.⁵⁵² “... Na justificação, Deus imputa a justiça de Cristo; e na santificação, o seu Espírito infunde a graça e dá forças para ser praticada. *Na justificação, o pecado é perdoado; na santificação, ele é subjugado*”⁵⁵³ (destaque meu) (Rm 3.24,25; 6.6,14). “Pela justificação de Cristo os crentes passam legalmente a ter vida; pela santificação são tornados espiritualmente vivos; pela primeira recebem, o direito à glória; pela segunda, são tornados dignos da glória.”⁵⁵⁴

A nossa justificação é pela graça mediante a fé. (Gl 3.11; Fp 3.9; Tt 3.4-7) “... A fé é o instrumento pelo qual o pecador recebe e aplica a si tanto Cristo como sua justiça.”⁵⁵⁵

Paulo, diante do rei Agripa, testemunhando a sua conversão e o seu chamado ministerial para trabalhar entre os gentios, relata as palavras de Cristo a ele dirigidas: **“Para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim”** (At 26.18).

Considerando estes pressupostos fundamentais, podemos prosseguir em nosso estudo:

7.5) Considerações Gerais sobre a Santificação

7.5.1) A santificação e o conhecimento de Deus

“O conhecimento de Cristo é a chave que abre a porta para a santificação”, expressou corretamente Shedd.⁵⁵⁶

A santificação tem como motivação primária a contemplação bíblica da majestade de Deus. A tomada de consciência da grandeza, da santidade de Deus, deve nos conduzir ao desejo de sermos santos conforme ele é. A santidade de Deus realça o nosso pecado, dando-nos consciência da nossa pequenez e impureza; a perfeição absoluta de Deus revela os nossos pecados e as

⁵⁵¹ Vd. G. C. Berkouwer, *Faith and Sanctification*, Grand Rapids, Michigan. Eerdmans. 1952, p. 71ss.

⁵⁵² Vd. A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 45.

⁵⁵³ *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 77.

⁵⁵⁴ George Whitefield. *Cristo: Sabedoria, Justiça, Santificação, Redenção*, São Paulo, PFS (s.d.), p. 8.

⁵⁵⁵ *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 73.

⁵⁵⁶ Russell P. Shedd, *Lei, Graça e Santificação*, São Paulo, Vida Nova, 1990, p. 60.

nossas imperfeições. O brilho da glória de sua majestade torna mais patente as nossas manchas espirituais. Foi esta a experiência de Isaías diante da revelação de Deus: **“Ai de mim! Estou perdido! porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos”** (Is 6.5). A proximidade de Deus nos faz mais sensíveis a isto; a contemplação da gloriosa santidade de Deus, conforme registrada nas Escrituras, realça de forma eloqüente a gravidade de nosso pecado. Além de Isaías, outros servos de Deus ilustram este fato: Moisés, Jó, Ezequiel, Daniel, Pedro, Paulo e João (Vd. Êx 3.6; Jó 42.5,6; Ez 1.28; Dn 10.9; Lc 5.8; 1Tm 1.15; Ap 1.17), entre outros, tiveram, de modo doloroso, a percepção de sua pequenez, fragilidade e impureza diante de Deus, que é puro de olhos e não pode tolerar o mal (Hc 1.13).

A Igreja mais do que nunca está precisando ter uma perspectiva correta da santidade e da majestade de Deus. O conhecimento de Deus, conforme nos revela a Bíblia, é algo que ultrapassa em muito a nossa “vã filosofia”; e esta experiência pessoal e intransferível é transformadora.

A contemplação do Deus das Escrituras é um convite irrestrito ao nosso crescimento espiritual. Nada mais esclarecedor a nosso respeito do que uma visão real da grandeza de Deus: Contemplar a Deus, por meio da sua revelação significa ter os nossos olhos abertos para a nossa necessidade de santidade, de crescimento e fortalecimento em nossa fé.

A vontade de Deus é que o conheçamos – aliás este é o motivo fundamental da sua revelação: para que, confrontados com ela, nos rendamos a Deus, o adoremos, e neste ato, sejamos santificados cada vez mais. Jesus, na “oração sacerdotal”, diz: **“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”** (Jo 17.3).

Paulo considerou todas as outras coisas como perda, diante da realidade sublime do conhecimento de Cristo; conhecer a Cristo era a sua prioridade; ele declara: **“Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo”** (Fp 3.8).

O caminho da santificação passa invariavelmente pelo conhecimento de Deus, conforme ele mesmo se revelou por meio das Escrituras, envolvendo uma experiência de vida. O conhecimento de Deus é vivificador e libertador. **“É quando fitamos a face de Deus que percebemos a necessidade de santificação, e nos é exposto o meio pelo qual pode ser realizada a nossa santificação, e é função do Espírito fazê-lo.”**⁵⁵⁷

⁵⁵⁷ D.M. Lloyd-Jones, *Vida no Espírito*, p. 133.

O conhecimento de Deus é mais do que uma simples relação intelectual, antes, é um envolvimento de fé, pela qual nos relacionamos pessoalmente com ele, revelando esta relação em santificação: “Ora, visto que a fé abraça a Cristo como ele nos é oferecido pelo Pai, e aquele, de fato, seja oferecido não apenas como justiça, remissão dos pecados e paz, mas também como santificação, e fonte de água viva, sem dúvida, jamais o poderá alguém conhecer devidamente que não apreenda ao mesmo tempo a santificação do Espírito (...). A fé consiste no conhecimento de Cristo. E Cristo não pode ser conhecido senão em conjunção com a santificação do seu Espírito. Segue-se, conseqüentemente, que de modo nenhum a fé se deve separar do afeto piedoso.”⁵⁵⁸

O conhecimento de Deus é uma experiência de amor, que se revela em nossa obediência aos Seus mandamentos.

O nosso confronto com a santidade de Deus deve nos estimular a sentir o mesmo desejo, conforme o vivenciado e recomendado por Pedro: **“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para a salvação”** (1Pe 2.2).

7.5.2) A santificação é resultado da nossa união com Cristo

“A doutrina sobre a santificação, como ensinada na Bíblia, é que nos tornamos santos (...) por sermos unidos a Cristo, de tal modo que nos reconciliamos com Deus e nos tornamos participantes do Espírito Santo.”⁵⁵⁹

“É impossível falar de qualquer bênção da vida cristã sem que tenhamos em mente o fato de que estamos unidos a Cristo; aliás, tudo que somos e temos é em Cristo. Sabemos que nosso bem, nossa alegria e repouso é estar unidos ao Filho de Deus”, exultou Calvino (1509-1564).⁵⁶⁰

John Murray (1898-1974) enfatiza corretamente: “Não há nada mais central ou básico do que a união e comunhão com Cristo. (...) Não é simplesmente um passo na aplicação da redenção; quando examinada à luz do ensino da Escritura, em seus aspectos mais amplos, ela sublinha cada passo da aplicação da redenção.”⁵⁶¹ À frente: “A união com Cristo é a verdade central de toda a doutrina cristã”.⁵⁶² A meta de toda vida cristã é a nossa total união com Cris-

⁵⁵⁸ J. Calvino, *As Institutas*, III.2.8.

⁵⁵⁹ C. Hodge, *O Caminho da Vida*, p. 283 (Vd. também, *Ibidem*, p. 288; A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 45).

⁵⁶⁰ J. Calvino, *Sermones sobre a obra Salvadora de Cristo*, Jenison, Michigan, T.F.L.L., 1988, nº 2, p. 23. Também: “Por meio da fé, Cristo nos é comunicado, por intermédio de quem chegamos a Deus, e por intermédio de quem usufruímos os benefícios da adoção.” (João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.8), p. 30). Vd. também: J. Calvino, *Exposição de Romanos* (8.28), p. 294.

⁵⁶¹ John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, p. 179.

⁵⁶² John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, p. 188.

to:⁵⁶³ “Nossa verdadeira plenitude e perfeição consiste em estarmos unidos no Corpo de Cristo.”⁵⁶⁴

Herman Bavinck (1854-1921), de forma poética diz:

“Os crentes estão em Cristo da mesma forma que todas as coisas, em virtude da criação e da providência, estão em Deus. Eles vivem em Cristo como os peixes vivem na água, os pássaros vivem nos ares, o homem em sua vocação, o erudito em seu estudo. Juntamente com Cristo os crentes foram crucificados, mortos e sepultados, e juntamente com Ele eles ressuscitaram e estão assentados à mão direita de Deus e glorificados (Rm 6.4ss; Gl 2.20; 6.14; Ef 2.6; Cl 2.12,20; 3.3). Os crentes assumem a forma de Cristo e mostram em seu corpo tanto o sofrimento quanto a vida de Cristo e são aperfeiçoados (completados) nele. Em resumo, Cristo é tudo em todos (Rm 13.14; 2Co 4.11; Gl 4.19; Cl 1.24; 2.10; 3.11).”⁵⁶⁵

A nossa união com Cristo é tão vital que a Bíblia emprega diversas figuras que envolvem diferentes formas de existência, para exemplificá-la (Jo 15.5; Ef 2.20-22; 4.16,17; 5.23-32; 1Pe 2.4,5; Ap 19.7-9); todavia, todas as metáforas, mesmo tomadas conjuntamente, não expressam a totalidade do significado desta relação vital que temos com o Senhor. Esta união está relacionada com a eficácia de sua morte e o poder de sua ressurreição.

A. A. Hodge (1823-1886) observou que “A designação técnica desta união é ‘mística’ em linguagem teológica, porque ela transcende todas as analogias das relações e parentescos terrestres, na intimidade da sua comunhão, no poder transformador da sua influência e na excelência das suas conseqüências”.⁵⁶⁶

Jesus orou ao Pai para que a nossa união com a Trindade fosse como a dele com o Pai. **“A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai em mim e eu em ti, também sejam eles em nós...”** (Jo 17.21). Paulo, sintetizando esta nossa união com Cristo, diz: **“Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”** (Gl 2.20).

A nossa união ontológica com Cristo é vital, transformadora, pessoal e espiritual. A salvação está indissolúvelmente associada ao fato de estarmos

⁵⁶³ “O genuíno descanso dos fiéis, o qual dura por toda a eternidade, é segundo o descanso de Deus. Como a mais sublime bem-aventurança humana é estar o homem unido com Deus, assim deve ser também o seu propósito último, ao qual todos os seus planos e ações devem ser dirigidos.” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 4.3), p. 103]. “Tudo quanto os filósofos têm inquirido sobre o *summum bonum* revela estupidez e tem sido infrutífero, visto que se limitam ao homem em seu ser intrínseco, quando é necessário que busquemos felicidade fora de nós mesmos. O supremo bem humano, portanto, se acha simplesmente na união com Deus. Nós o alcançamos quando levamos em conta a conformidade com sua semelhança.” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 4.10), p. 105].

⁵⁶⁴ João Calvino, *Efésios* (Ef 4.12), p. 124.

⁵⁶⁵ Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, p. 398.

⁵⁶⁶ Archibald A. Hodge, *Esboços de Theologia*, p. 453.

em Cristo.⁵⁶⁷ Estar em Cristo nos conduz invariavelmente ao desejo de sermos tal qual ele é, evidenciando os frutos desta união. Desejamos andar na luz como Cristo está, sendo ele a própria luz do mundo. A santificação deve ser vista como algo natural, resultado da nossa nova natureza espiritual e união com Cristo. Jesus Cristo, para quem agora vivemos, é a motivação fundamental de nossa santificação.

Paulo, descrevendo a morte de Cristo, faz uma analogia com a nossa morte para o pecado e vida para Deus: **“Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto ao viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus”** (Rm 6.10,11).

Jesus Cristo é a fonte de nossa santificação, sendo ele mesmo quem nos capacita a fazê-lo, conforme a nossa nova natureza. A nossa santidade procede de Cristo; é ele quem nos concede a “seiva” da vida. Estar em Cristo significa andar com ele em suas pegadas, caminhar por onde ele caminhou e conforme a sua vontade. **“Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”** (1Jo 1.7). Jesus nos diz: **“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”** (Jo 15.5).

Quando oramos: “faça-se a tua vontade”, podemos estar certos de que aquele que orou ao pai em nosso favor “Santifica-os na verdade” (Jo 17.17), nos socorrerá em todas as nossas necessidades, e ele mesmo está empenhado em fazer cumprir a sua vontade de santificação em nós, nos ajudando em nossos desejos santos, proporcionados pela nossa nova natureza criada pelo Espírito, que é Santo.⁵⁶⁸

7.5.3) *A santificação é um processo*

A santificação começa com o nosso novo nascimento; todavia, ela jamais terá fim nesta vida. Nós não somos perfeitos, nem o seremos, enquanto estivermos neste modo de vida terreno; todavia, buscamos a perfeição; caminhamos em sua direção.⁵⁶⁹ Paulo declara: **“Não que eu o tenha já recebido, ou**

⁵⁶⁷ Vd. Anthony Hoekema, *Salvos Pela Graça: A Doutrina Bíblica da Salvação*, p. 61.

⁵⁶⁸ Vd. J.C. Ryle, *Santificação*, p. 56.

⁵⁶⁹ Lutero (1483-1546), em seus sermões sobre o “Pai Nosso”, proferidos em 1517, nos chama a atenção para o fato de que, quando oramos a Deus pedindo que “faça a sua vontade”, estamos afirmando que desobedecemos a Deus, confessando “contra nós próprios” que não cumprimos a sua vontade. Acrescenta: “... Uma vez que temos de fazer esta oração até a morte, segue-se que até à hora da nossa morte seremos também acusados de sermos os que desobedeceram a vontade de Deus. Quem, pois, pode ser orgulhoso ou subsistir à sua própria oração, quando nela descobre que, se Deus o quisesse tratar com justiça, o poderia fazer, a toda a hora e com toda a equidade, condenan-

tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.12-14).

O pecado continuará em toda a nossa peregrinação terrena a exercer influência sobre nós; por isso, qualquer conceito de perfeccionismo espiritual, que declare que o crente não mais peca, é antibíblico. A Palavra de Deus ensina enfaticamente que nós pecamos, mesmo após o nosso novo nascimento.⁵⁷⁰ O que nos distingue da nossa antiga condição é que não mais temos prazer no pecado; podemos até dizer que o pecado é um acidente de percurso na vida dos regenerados. Antes o pecado comandava o nosso pensar e agir, agora ele ainda nos influencia, todavia não mais reina. “O pecado deixa apenas de reinar, não, contudo, de neles habitar.”⁵⁷¹ John Murray (1898-1974) ilustra bem este ponto: “Há uma total diferença entre o pecado **sobrevivente** e o pecado **reinante**, o regenerado em **conflito** com o pecado e o não-regenerado **tolerante** para com o pecado. Uma coisa é o pecado viver em nós; outra bem diferente é vivermos em pecado. Uma coisa é o inimigo ocupar a capital; outra bem diferente é suas milícias derrotadas molestarem os soldados do reino.”⁵⁷²

Isto indica a necessidade de o convertido adquirir novos hábitos pela prática da verdade em amor (Ef 4.15). A graça de Deus é educadora (Tt 2.11-15), agindo por meio das Escrituras, nos corrigindo e educando na justiça para o nosso aperfeiçoamento (2Tm 3.16,17). “A santificação é um processo contínuo pelo qual Deus, por sua misericórdia, muda os hábitos e o comportamento do crente, levando-o a praticar obras piedosas”;⁵⁷³ todavia, continuaremos sendo pecadores até o fim desta existência. “Éramos pecadores quando iniciamos a carreira cristã, e pecadores seremos enquanto estivermos prosseguindo no caminho. Somos renovados, perdoados, justificados, e, no entanto, pecadores

do-o e reprovando-o como desobediente, desobediência que ele confessa com a sua boca e de que está convencido?”. Portanto, conclui Lutero, esta petição deve nos conduzir à humildade, reconhecendo a iniquidade de nossa “vontade própria”, e a procurar sinceramente na graça de Deus a remissão de toda a nossa desobediência. [Martinho Lutero, **Explicação do Pai Nosso**, Lisboa, Edições 70 (Estante Espiritualidade) (1996), p. 46 e seguintes]

⁵⁷⁰ “Quanto trazemos ainda conosco de nossa carne é algo que não podemos ignorar, pois ainda que a nossa habitação está no céu, todavia somos ainda peregrinos na terra.” [J. Calvino, **Exposição de Romanos** (13.14), p. 462]

⁵⁷¹ Calvino, **As Institutas**, III.3.11.

⁵⁷² J. Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, p. 162.

⁵⁷³ A. Booth, **Somente pela Graça**, pp. 44, 45.

até o último instante.”⁵⁷⁴ **“Quem pode dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?”** (Pv 29.9). **“Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque”** (Ec 7.20. Vd Rm 6.20; 7.13-25; Tg 3.2. 1Jo 1.8). Contudo, não existem carências em nossa vida cristã que não possam ser supridas pelo próprio Cristo, nosso Senhor; e ele o faz nos renovando por meio do seu conhecimento pela Palavra.

Ao povo da Aliança que se desviara do caminho do Senhor, este lhe diz: **“Aprendei a fazer o bem”** (Is 1.17). A santificação é justamente isto; um santo aprendizado guiado pelo Espírito, tendo como constituição normativa e legislativa do nosso pensar, agir e sentir, a Palavra de Deus. Portanto, a santificação envolve uma nova “alfabetização” espiritual guiada pela Palavra de Deus.

Louis Berkhof (1873-1957) usa uma figura para ilustrar a nossa nova condição:

“Uma criança recém-nascida é, salvo exceções, perfeita em suas partes, mas não está no grau de desenvolvimento ao qual foi destinada. Justamente assim, o novo homem é perfeito em suas partes, mas, na presente vida, continua imperfeito no grau de desenvolvimento espiritual”.⁵⁷⁵

O Apóstolo João, inspirado por Deus, escreve aos crentes: **“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”** (1Jo 1.10; 1Jo 2.1).

O crente é chamado a uma caminhada constante. Os cristãos eram reconhecidos como aqueles que eram do Caminho. Saulo, antes de convertido, pediu cartas ao sumo sacerdote **“a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém”** (At 9.2). Lucas relata que Priscila e Áquila, após ouvirem uma pregação de Apolo, o chamaram e, **“com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus”** (At 18.26).

O Cristianismo é essencialmente um caminho de vida, fundamentado na prática do Evangelho, conforme ensinado por Jesus Cristo. A santificação é, portanto, um desafio a perseguirmos este caminho, nos empenhando por fazer a vontade de Deus. Por isso, a santificação nos fala de caminharmos sempre em direção ao alvo proposto por Deus, com os nossos corações humildes, desejosos de agradar a Deus, de fazer a sua vontade com o sentimento adequado.

O grande professor de Princeton, Patton, ressalta que “a santificação é uma mudança gradual de caráter; é um despojo do homem velho, ‘que se cor-

⁵⁷⁴ J.C. Ryle, *Santificação*, p. 56.

⁵⁷⁵ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 541.

rompe pelas concupiscências do engano’, e um revestimento do ‘novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade’. Na regeneração, o filho de Deus torna-se ‘uma nova criatura’, e isto se manifesta mais e mais, à proporção que a santificação vai progredindo. O filho de Deus é objeto de novos sentimentos, novos prazeres, novos motivos e novas aspirações. ‘As coisas velhas são passadas’”.⁵⁷⁶

Esta concepção bíblica conduz-nos a outras:

1) A santificação envolve um combate confiante

Os crentes, apesar de sua nova natureza, terão que combater o pecado enquanto viverem. Este combate será árduo; a Bíblia não poupa figuras para descrever esta luta com cores vivas; todavia, a Palavra de Deus nos garante, com ênfase maior, a vitória que temos em Cristo. Daí a nossa certeza de que devemos lutar contra o pecado, sabedores que Deus é por nós nesta luta.

A *Confissão de Westminster* diz: “Esta santificação é no homem todo, porém imperfeita nesta vida; ainda persistem em todas as partes dele restos da corrupção, e daí nasce uma guerra contínua e irreconciliável – a carne lutando contra o espírito e o espírito contra a carne” (XIII.2).⁵⁷⁷ (Rm 7.19,23; Gl 5.17; Fp 3.12; 1Ts 5.23; 1Pe 2.11; 1Jo 1.10).

Paulo escreve aos coríntios atestando a realidade da tentação mas, ao mesmo tempo, indicando que ela não é vitoriosa sobre nós: **“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”** (1Co 10.13).

Notemos que a promessa de Jesus se refere ao seu socorro que nos conduz à vitória; todavia, isto não exclui a gravidade da tentação, da luta contra a carne, o mundo e o diabo. Em nosso desejo renovado de agradar a Deus, encontraremos sempre no pendor de nossa carne uma luta contra este propósito, para que façamos a vontade do velho homem, surgindo daí, um combate renhido. Todavia, a nossa nova natureza triunfará pelo Espírito de Deus que em nós habita, cuja presença nos identifica como filhos de Deus (Rm 8.9,14,16).

O escritor de Hebreus, tendo em vista o combate cristão, toma o sofrimento de Cristo como um exemplo e estímulo para a Igreja: **“Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis desmaiando em vossas almas”** (Hb 12.3). No momento seguinte, indicando a gravidade deste combate, adverte os seus ouvintes: **“Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue...”** (Hb 12.4).

⁵⁷⁶ Francisco L. Patton, *Compendio de Doutrina e a Igreja*, p. 97.

⁵⁷⁷ Vd. *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 78.

A Bíblia não deixa dúvida de que “qualquer santidade verdadeira em nós estará debaixo de fogo hostil o tempo todo, da mesma forma como nosso Senhor esteve”.⁵⁷⁸

Paulo, com intenso vigor, mostra a gravidade do nosso confronto: “... **A nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes**” (Ef 6.12). O apóstolo está descrevendo a nossa luta contra Satanás, que está empenhado em nos afastar de Deus, em nos tornar alvos do entristecimento do Espírito que nos selou para “o dia da redenção”, quando se efetuará o resgate final da propriedade de Deus, que somos nós (Ef 1.12,13; 4.30).

Contudo, apesar deste combate real – e não devemos minimizá-lo⁵⁷⁹ – a Palavra de Deus nos mostra a segurança que temos em Cristo Jesus: “... **Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus**” (Fp 1.6). Pedro, à Igreja perseguida e provada, diz: “... **sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo**” (1Pe 1.5). Continua: “**Nisso exultais**” (1Pe 1.6).

Meus irmãos, a Palavra de Deus nos diz que apesar de uma luta intensa, do combate atroz contra o mundo, a carne e o diabo, podemos já, nesta vida, exultar, na certeza do cuidado de Deus, que nos garante a vitória final. Neste mesmo espírito escreveu Judas: “**Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém**” (Jd 24,25).

⁵⁷⁸ J.I. Packer, *Na Dinâmica do Espírito*, p. 108.

⁵⁷⁹ Não é demais lembrar, entre outras, algumas observações já feitas: Lutero (1483-1546), em 1529, comentando a terceira petição da Oração Dominical, diz: “Se queremos ser cristãos, devemos estar seguramente preparados e cientes de que temos por inimigos o diabo, juntamente com todos os seus anjos, e o mundo, que nos infligem toda sorte de infortúnios e pesares. Porque onde a palavra de Deus é pregada, aceita ou crida e produz fruto, aí também não há de faltar a amada e santa cruz.” (M. Lutero, *Catecismo Maior*, In: *Os Catecismos*, § 65, p. 466). Calvino (1509-1564) colocou de forma precisa a questão ao dizer que, “aqueles que a tal combate se preparam na confiança de si próprios não compreendem suficientemente com quão aguerrido e bem equipado adversário se tenham de haver” (Calvino, *As Institutas*, fl.20.46). “Ao falar do poder do inimigo, Paulo se esforça por manter-nos mais zelosos. Ele já o denominara de *diabo*, mas agora usa uma série de epítetos, para que seus leitores pudessem entender que esse não é um inimigo a ser tratado com desdém.” [J. Calvino, *Efésios*, (6.12), p. 189] O experiente ministro Lloyd-Jones (1899-1981) também disse: “O homem que ainda não descobriu o poder da tentação é o mais típico novato em questões espirituais (...). O poder do inimigo contra nós somente é inferior ao poder de Deus. Ele é mais poderoso que qualquer homem que jamais viveu; e os santos do Velho Testamento caíram diante dele” (D.M. Lloyd-Jones, *Por Que Prosperam os Ímpios?*, São Paulo, PES, 1983, pp. 16.17).

A *Confissão de Westminster* (1647) conclui o capítulo XIII dizendo:

“Nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que restam (Rm 7.23), contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada vence (Rm 6.14; Ef 4.15,16; 1Jo 5.4), e assim os santos crescem em graça (2Pe 3.18), aperfeiçoando a sua santidade no temor de Deus (2Co 7.1)” (XIII.3).

Jesus morreu pelo seu povo, e nenhum de nós será arrebatado de suas mãos (Jo 6.37-40,44,65; 10.18-29; Rm 6.14; Fp 1.6; 1Jo 3.9; 5.4,18). A nossa chamada é para combater o bom combate da fé, a seguirmos “o Caminho” com perseverança, confiantes unicamente na graça de Deus.

C.H. Spurgeon (1834-1892), amparado nas Escrituras, exulta confiante:

“O Senhor Jesus tem poder para nos levar lá! ele lutará contra nossos inimigos para nós. Jesus nos guardará de cair no pecado, e levará todos aqueles pelos quais ele morreu para a terra celestial. Ninguém será deixado para trás. Estaremos seguros e felizes com ele para sempre. O Senhor Jesus nos apresentará a Deus e estaremos com aqueles que alcançaram o céu antes de nós”.⁵⁸⁰

2) A santificação e a consciência do pecado

Vimos que a nossa santificação é um processo de crescimento espiritual, sendo marcado por um combate violento; e que todavia, apesar disso, temos a vitória em Cristo.

Faz-se necessário destacar que, em meio a esta luta, muitas vezes nos sentimos como que totalmente vencidos, tendo a consciência aguda de nossa fraqueza e pecado, com a nítida sensação de sermos derrotados, que as nossas provas vão além de nossa resistência. O próprio Pedro que, conforme já indicamos, recomenda a exultação da Igreja pelo fato de sermos guardados por Deus (1Pe 1.5,6), diz: **“Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações”** (1Pe 1.6). Paulo também, ao olhar para si mesmo, declara: **“Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?”** (Rm 7.24).

Nós também talvez tenhamos nos sentido assim em diversas ocasiões, como o homem “desventurado” e “miserável” diante da bondade de Deus. E, aqui, não há atenuante; diante de Deus, da contemplação da sua augusta presença, da meditação de sua majestade, conforme revelada nas Escrituras, todos nós nos sentimos miseráveis pecadores, homens de lábios impuros, o principal dos pecadores, conforme expressão de Paulo.

Entretanto, esta consciência de nosso pecado nos acompanhará sempre e, se me permitem, digo mais: ela é uma das características dos homens regene-

⁵⁸⁰ C.H. Spurgeon, *Sermões sobre a Salvação*, São Paulo, PES, 1992, p. 12.

rados, que crescem em sua fé.⁵⁸¹ A santificação traz consigo uma maior consciência da grandeza de Deus e concomitantemente de nossa pequenez; daí a genuína compreensão de nossa miserabilidade diante de Deus. Quanto mais perto estivermos do Santo, mais certeza da nossa impureza teremos. Antes, talvez não julgássemos pecado determinadas práticas triviais de nossa vida; agora, porém, já não nos sentimos bem neste procedimento, temos uma consciência mais apurada da santidade de Deus e do que ele requer de nós; assim, crescer em santidade significa aprimorar a consciência de nossas falhas. Deste modo, Paulo, nos seus últimos anos de vida, escreve: **“Fiel é a Palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”** (1Tm 1.15). “Quanto mais profunda é a sua percepção da majestade de Deus, maior será a intensidade de seu amor a Deus; quanto maior a sua persistência na busca de alcançar o prêmio da sublime vocação de Deus em Cristo, maior será a sua consciência da seriedade do pecado que permanece nela, e mais penetrante será sua repugnância por ele.”⁵⁸²

O nosso conforto é que mesmo Deus sendo santo, não podendo conviver com o pecado, odiando a iniquidade (Is 61.8), e nós sendo miseráveis pecadores, ele nos perdoa e purifica quando, arrependidos, lhe confessamos os nossos pecados: **“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”** (1Jo 1.9).⁵⁸³

3) Existem graus de santificação

A santificação, como um processo, é eminentemente progressiva; mesmo que, muitas vezes, a sua trajetória seja lenta, ela está sempre se desenvolvendo, enfrentando em sua caminhada um combate que traz consigo necessariamente, a idéia de graus de santidade. Contudo, com esta declaração, faz-se necessário alguns esclarecimentos.

Isto não quer dizer que:

(a) Haja pessoas mais regeneradas, justificadas ou perdoadas do que outras. A regeneração, a justificação e o perdão ocorrem uma única vez, definitiva e completamente em Cristo.

(b) Haja na Igreja pessoas melhores do que outras; na realidade, todos nós somos inteiramente dependentes da graça misericordiosa de Deus; a pre-

⁵⁸¹ Vd. **Catecismo de Heidelberg**, Pergunta 115. (Vejam-se, também, as **Perguntas**: 13,42,43,56,60, 62,70, 81, 103, 117, 126)

⁵⁸² John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, p. 161.

⁵⁸³ Na **Imitação de Cristo**, Thomas à Kempis pergunta: “Que posso eu fazer em expiação dos meus pecados, senão confessá-los humildemente e chorá-los, implorando incessantemente vossa misericórdia? (...) Detesto sumamente todos os meus pecados, e proponho nunca mais cometê-los; arrependo-me deles e me hei de arrepender enquanto viver...”. (T. Kempis, **Imitação de Cristo**, 9ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1945, IV.9.3. pp. 242,243)

ção de erguer, ainda que uma só partícula de merecimento, por menor que seja, como justificativa para a nossa aceitação diante de Deus, significa uma total ignorância da mensagem do Evangelho.

Isto significa que:

“[a santificação] não é igual em todos os crentes, e nesta vida não é perfeita em crente algum, todavia sempre avança para a perfeição”.⁵⁸⁴

O que ocorre conosco é um processo gradativo de submissão a Deus, de prazer em fazer a sua vontade, em usar os meios que ele nos fornece para o nosso aperfeiçoamento; daí, as recomendações bíblicas para que crescamos, desenvolvamos a nossa fé. Se não houvesse essa possibilidade, ou se a santificação fosse apenas um ato único efetuado por Deus, tais recomendações não teriam razão de ser; no entanto, a Bíblia nos exorta, repetidas vezes, para que crescamos espiritualmente, nos submetendo à vontade de Deus, desenvolvendo a nossa salvação: **“... desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”** (Fp 2.12b,13). **“Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis, progredindo cada vez mais”** (1Ts 4.1). **“... Contudo vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais”** (1Ts 4.10b). **“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para a salvação”** (1Pe 2.2). **“Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”** (2Pe 3.18). Aqui, também, subjaz a importância da nossa atividade em nossa santificação: Deus nos oferece todos os recursos para o nosso crescimento, dá-nos uma nova disposição e requer o uso consciente, responsável e submisso do que ele nos tem oferecido (Vd. Rm 12.1-3; Gl 5.13-16, 25,26; Hb 12.14; 1Pe 1.13-15; 2Pe 1.3-11).⁵⁸⁵ “A palavra [santo] implica tanto devoção quanto assimilação. Devoção no sentido de viver uma vida de serviço a Deus; assimilação, no sentido de imitação, conformidade e serviço da forma como o próprio Deus serve.”⁵⁸⁶

⁵⁸⁴ Catecismo Maior de Westminster, Pergunta 77.

⁵⁸⁵ “A santificação envolve a concentração do pensamento, do interesse, do coração, mente, vontade e propósito, em direção à soberana vocação de Deus em Cristo Jesus e ao desempenho da totalidade de nosso ser no uso daqueles meios que Deus instituiu com o fim de atingir essa destinação.” (John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, p. 166) Do mesmo modo assevera Packer: “A santidade envolve tanto a fé como o esforço pessoal, de nada adiantando o esforço sem a fé, ou fé sem esforço” (J.I. Packer, **Vocábulos de Deus**, p. 163). Vd. também: John F. MacArthur, Jr., **Cómo Enfrentar a Satanás**, p. 88ss.

⁵⁸⁶ J.I. Packer, O que é santidade e por que ela é importante?: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. **Vitória sobre a Tentação**, p. 31.

Com este propósito, Jesus e Paulo oram em favor da Igreja de Deus: **“Santifica-os na verdade”**, roga Jesus, provavelmente no dia anterior à sua auto-entrega sacrificial (Jo 17.17). **“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”**, intercede Paulo pela jovem Igreja de Tessalônica (1Ts 5.23).

Neste processo de formação e de crescimento, obviamente haverá lutas, combates, disciplina: nem tudo é tranqüilo e pacífico, visto que Deus, pelo Espírito, está formando um novo homem à sua imagem (Rm 8.29,30; Gl 4.19; Hb 12.4-14).⁵⁸⁷

Devemos acrescentar que a nossa santidade, por mais elevada que seja, sempre será inadequada diante do escrutínio perfeitamente santo de Deus; por isso, a nossa confiança nunca deverá estar amparada em nossa “bondade”, “boas obras” ou “alto nível espiritual”, mas unicamente nos méritos de Cristo. Daí a advertência de Paulo: **“Não de obras, para que ninguém se glorie”** (Ef 2.9). É Deus mesmo quem por seu soberano poder nos mune dos meios necessários para a nossa salvação e santificação (2Pe 1.3).⁵⁸⁸

4) A santificação tem um sentido escatológico

Já indicamos que a santificação é um processo que não encontra a sua perfeição nesta vida. A sua conclusão se dará em nossa glorificação futura, quando Deus completar a sua obra iniciada em nós (Rm 8.29,30; Fp 1.6). Nesse sentido, a consumação da santificação tem dois aspectos: um espiritual e outro físico: *espiritual*, em nossa alma quando morrermos; *físico*, quando Cristo voltar em glória, ressuscitarmos e tivermos os nossos corpos glorificados. Assim, a santificação será total.⁵⁸⁹ A perspectiva do encontro com Cristo, quando ele regressar em glória, deve nos motivar hoje, sollicitamente, à santificação, a fim de vivermos em santidade na sua presença, puros como ele é puro.

A santidade perfeita no céu encontra os seus primórdios na vida dos eleitos aqui na terra. Isto indica a nossa responsabilidade presente. **“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro”** (1Jo 3.2,3). “Como na presente vida não atingimos pleno e completo vigor, é mister que façamos progresso até à morte”.⁵⁹⁰

⁵⁸⁷ Vd. J.I. Packer, *Na Dinâmica do Espírito*, pp. 112-117.

⁵⁸⁸ Vd. John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Vol. 22 (1Pe 1.3), p. 369.

⁵⁸⁹ Vd. Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 625.

⁵⁹⁰ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.15), p. 130.

Cristo morreu por nós para que ele nos apresentasse **“a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”** (Ef 5.27). Dentro desta perspectiva, a Igreja procura viver de forma santa, para se encontrar com Cristo, conforme o seu propósito sacrificial. **“Teremos de ser santos antes de morrer, se quisermos ser santos quando estivermos na glória.”**⁵⁹¹

O desejo da Igreja deve ser de se encontrar com Cristo de forma íntegra e irrepreensível; por isso a Igreja é chamada a viver hoje na presença de Deus, estando sempre preparada para o seu encontro final e jubiloso com o Senhor Jesus; este era o alvo da intercessão de Paulo, conforme vimos (1Ts 5.23).

Jesus Cristo, que se santificou pela Igreja e que se entregou por ela, exerce o seu poder para apresentá-la com alegria a si mesmo, uma Igreja irrepreensível, diante do escrutínio da sua glória. O apóstolo Judas encerra a sua epístola com uma doxologia, cuja primeira parte nos diz: **“Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória”** (Jd 24. Vd. Ef 5.25-27).

O nosso padrão de santidade não é um simples “melhoramento” diante dos padrões humanos, mas, sim, sermos conforme Cristo: Fomos eleitos para Cristo, a fim de sermos “conformes à imagem” dele; portanto devemos ser seus imitadores, seguindo as suas pegadas (Vd. Rm 8.28-30; Jo 13.15; 2Co 3.18; Ef 4.32; 5.1,2; Fp 2.5-8; 2Ts 2.13; 1Pe 1.13-16; 2.21). “A santidade não é negativa, é positiva; é ser como Deus (...). A santidade não significa simplesmente obter vitória sobre pecados particulares. É ser como Deus, que é santo.”⁵⁹²

7.5.4) A santificação é imperativa

A santificação é um imperativo expresso por Deus em sua Palavra, para todos os seus filhos. De fato, não pode existir vida cristã estagnada, acomodada. A vida cristã é um desafio à santidade, conforme o propósito de Deus.

Por isso, repito, na vida dos eleitos de Deus não há lugar para a acomodação no pecado; Deus nos chama à santidade, conforme o seu propósito sábio, soberano, santo e eterno. Sendo assim, a santificação faz parte essencial da vida da Igreja.

A santificação é uma vocação incondicional de todo o povo de Deus. Deus nos elegera na eternidade com este propósito (Ef 1.4). De fato, não há salvação sem santificação. A nossa eleição e salvação se evidenciam em nossa

⁵⁹¹ J.C. Ryle, **Santificação**, p. 46.

⁵⁹² D. Martyn Lloyd-Jones, **O Combate Cristão**, São Paulo, PES, 1991, p. 127. Conforme já citamos, ver também: David M. Lloyd-Jones, **A Unidade Cristã**, pp. 59, 60.

santificação; em nosso desejo de fazer a vontade de Deus. A Palavra de Deus estabelece uma relação intrínseca entre a nossa responsabilidade de santificação e a nossa eleição. Paulo saúda a Igreja de Corinto demonstrando a posição e a responsabilidade da Igreja: **“À Igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”** (1Co 1.2). Aos romanos, escreve: **“A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos...”** (Rm 1.7).

Aos efésios, Paulo diz expressamente que Deus nos elegeu na eternidade em Cristo, **“para sermos santos e irrepreensíveis perante ele...”** (Ef 1.4). Escrevendo aos tessalonicenses, Paulo outra vez nos chama a atenção para esta nossa responsabilidade, mostrando que a nossa eleição para a salvação se efetua na história em santificação: **“... Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade”** (2Ts 2.13).⁵⁹³

Deste modo, quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos, na realidade, pedindo que Deus cumpra o seu propósito eterno em nós, que realize de forma plena o alvo de nossa eleição. E, concomitantemente, estamos conscientes de nossa responsabilidade, pedindo humildemente a Deus que nos capacite a fazer a sua vontade, conforme o seu propósito eterno.

7.6) O autor da Santificação

Vimos que a santificação é uma vocação imperativa e incondicional dos crentes. Aqueles a quem Deus elegeu na eternidade, chamou no tempo para si, a fim de viverem santamente.

As Escrituras Sagradas nos ensinam que o Deus que nos chama à santidade está comprometido com a nossa santificação. A Santíssima Trindade opera eficazmente em nós para que sejamos santos. Por isso, fundamentados na Palavra de Deus, podemos dizer que *o Deus Trino é o autor de nossa santificação*. Creio também, que deve estar claro, que todos nós somos responsáveis por nossa santificação, no sentido de usarmos os meios concedidos por Deus para este fim.⁵⁹⁴ No entanto, agora a nossa ênfase é na ação primeira de Deus.

Apesar de sabermos que não podemos separar a obra da Trindade de forma arbitrária, para uma visão melhor do assunto, mostraremos biblicamente, como as três pessoas da Trindade agem de forma eficaz em prol de nossa santificação.

⁵⁹³ Vd. Hermisten M.P. Costa, **A Eleição de Deus**, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

⁵⁹⁴ John Murray acentua: “A santificação envolve a concentração do pensamento, do interesse, do coração, mente, vontade e propósito, em direção à soberana vocação de Deus em Cristo Jesus e ao descompimento da totalidade de nosso ser no uso daqueles meios que Deus instituiu com o fim de atingir essa destinação.” (John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, p. 166).

7.6.1) O Pai

Jesus orou ao Pai para que santificasse os seus discípulos: **“Santifica-os na verdade”** (Jo 17.17). Do mesmo modo orou Paulo: **“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo”** (1Ts 5.23). Ambas as orações, além da confiança, ressaltam o fato de que o Deus Pai é poderoso para nos santificar, o que de fato ele faz. O Pai, que nos escolheu em Cristo, nos disciplina (Hb 12.5-11), propicia todos os meios para que crescamos em nossa fé, desenvolvendo a nossa salvação (Fp 2.13; Hb 13.20,21).

7.6.2) O Filho

O Filho além de orar ao Pai para que nos santificasse, ele mesmo se ofereceu por nós para que a nossa santidade fosse real. Sem a obra do Filho, a sua oração em nosso favor não teria eficácia. Nós somos santos e santificados em Cristo Jesus. Por isso, Paulo, escrevendo à Igreja de Corinto, pôde dizer: **“À Igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus”** (1Co 1.2).

Em outro lugar, Paulo, inspirado por Deus, declara... **“Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra”** (Ef 5.25,26. Vd. Tt 2.14).

A santificação é algo tão vital para a Igreja que Cristo se entregou por nós, a fim de que sejamos santos; ele não se limitou a exigir isto de nós; Cristo se entregou para que este propósito fosse possível. Entre a realidade terrível de nosso pecado e um alvo, que poderia ser etéreo, Cristo se entrega por nós para que a nossa realidade seja transformada, cumprindo, assim, o seu propósito de santificação em nós. Jesus Cristo tornou-se também, para nós, o exemplo perfeito de santificação, o qual devemos perseguir (Hb 12.2; 1Pe 2.21; 1Jo 2.6).

7.6.3) O Espírito Santo

A Bíblia atribui mais especificamente a nossa santificação ao Espírito Santo. Ele nos regenera e renova (Jo 3.3,5; Tt 3.5), guiando-nos a fazer a vontade de Deus (Rm 8.14). Ele habita em nós, testificando que somos filhos do Deus santo (Rm 8.16), capacitando-nos a desejar agradar a Deus por meio da nossa obediência.

Paulo, falando aos coríntios, faz um rol de pecados que caracterizavam a vida de alguns daqueles irmãos antes de se converterem a Cristo; depois conclui: **“Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”** (1Co 6.11).

Aqui temos a oportunidade de ver a relação entre a obra do Filho e a do Espírito. Somos santificados no nome de Cristo, pela operação do Espírito. O Espírito aplica nos eleitos de Deus os méritos redentores de Cristo.

Deus leva a efeito o objetivo de nossa eleição, de forma especial, por meio do Espírito: **“... Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade”** (2Ts 2.13). **“Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para obediência...”** (1Pe 1.2).

Nesta operação, o Espírito tem como objetivo nos tornar santos conforme ele o é, visto ser ele o “espírito de santidade” (Rm 1.4); o Espírito Santo. “O Espírito Santo é o espírito da santidade e produz santidade dentro de nós.”⁵⁹⁵

Por outro lado, a Palavra de Deus também nos mostra que devemos estar comprometidos com a santificação de nossos irmãos, intercedendo por eles, para que Deus realize a sua obra em sua vida: **“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”**, ora Paulo (1Ts 5.23).

Portanto, quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos reconhecendo qual é a vontade de Deus e, ao mesmo tempo, conscientes e desejosos de que o Deus Todo-Poderoso, ele mesmo, nos santifique em tudo, conforme a sua vontade santa.

7.7) *Os Meios de Santificação*

7.7.1) *A Palavra de Deus*

Ao longo deste estudo temos falado sobre a vontade de Deus, mostrando que Deus deseja a nossa santificação, conforme declara Paulo textualmente: **“Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”** (1Ts 4.3).

Temos meditado também sobre o fato de que se fazemos a Oração do Senhor, de forma consciente e sincera, devemos estar comprometidos com este desejo, que é um imperativo categórico e incondicional para todo cristão, por isso, deve ser natural em todos aqueles que foram regenerados e justificados por Deus.

Vimos, por fim, como o Deus Triúno está comprometido com a nossa santificação: o Pai, o Filho e o Espírito Santo operam conjuntamente para que a Igreja de Deus, que foi santificada em Cristo, viva de modo santo até o regresso triunfante de Cristo, quando ele se regozijará em nós, como resultado do seu trabalho.

⁵⁹⁵ Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 629.

Agora, apenas de forma indicativa, meditaremos a respeito dos meios ordinários que Deus usa para a nossa santificação, considerando que, se de fato somos filhos de Deus, devemos procurar conhecer e utilizar tais meios para o nosso maior aperfeiçoamento espiritual. Nesta perspectiva, está implícito o fato de que não somos meros recipientes estáticos, nem extáticos na santificação; temos a nossa participação ativa e responsável dentro do que Deus nos ordena e capacita. O bispo anglicano J.C. Ryle (1816-1900) escreveu:

“A Palavra de Deus sempre dirige os seus preceitos a crentes, considerando-os responsáveis, como quem prestará contas de suas próprias vidas. Se o Salvador dos pecadores nos proporciona a graça renovadora, chamando-nos por meio do seu Espírito, podemos estar certos de que ele espera de nós a utilização da sua graça, a fim de não cairmos na indiferença”.⁵⁹⁶

Podemos dizer, em princípio, que os meios empregados por Deus para a nossa santificação são: a Palavra e os sacramentos (Santa Ceia e Batismo). *Iniciemos pois pela Palavra, como meio de Santificação.*

7.7.1.1) O crente e a Palavra

Durante toda a história a Palavra de Deus foi alvo dos mais diversos ataques: entre eles, o mais comum é a suposição de sua falibilidade. No entanto, um ataque mais sutil que também permeou boa parte da história da Igreja é a concepção, ainda que muitas vezes velada, de que as Escrituras não são suficientes para nos dirigir e orientar.

Melanchton (1497-1560) e Lutero (1483-1546) depararam-se explicitamente com esse problema bem no início da Reforma Protestante. Por volta de 1520, na pequena, porém, próspera e culta cidade alemã de Zwickau, surgiu um grupo de homens “iluminados” – chamados por Lutero de “profetas de Zwickau”⁵⁹⁷ –, que alegava ter revelações especiais vindas diretamente de Deus, entendendo ter sido chamado por Deus para “completar a Reforma”. A sua religião partia sempre de uma suposta revelação interior do Espírito. Acreditavam que o fim dos tempos estava próximo – os ímpios seriam exterminados –, e que por isso, não era necessário estudar Teologia visto que o Espírito estaria inspirando os pobres e ignorantes. Combatiam também o batismo infantil. Assim pensando, esses homens diziam: “De que vale aderir assim tão estritamente à Bíblia? A Bíblia! Sempre a Bíblia! Poderá a Bíblia nos fazer sermão?

⁵⁹⁶ J.C. Ryle, **Santificação**, p. 42. Vd. também: A. A. Hoekema, **Salvos pela Graça**, pp. 199-202; John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, pp. 164-166.

⁵⁹⁷ Os principais líderes eram: Nicolás Storek, Marcos Tomás e Marcos Stübner. Tomás Münzer (c. 1490-1525) tornar-se-ia o mais famoso dos que foram influenciados por esse círculo, tendo mais tarde as suas idéias próprias, ainda que fiel aos mesmos princípios. (Vd. George H. Williams, **La Reforma Radical**, México, Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 66ss; Jean Delumeau, **O Nascimento e Afirmação da Reforma**, São Paulo, Pioneira, 1989, p. 101)

Será suficiente para a nossa instrução? Se Deus tivesse tencionado ensinar-nos por meio de um livro, não nos teria mandado do céu uma Bíblia? Somente pelo Espírito é que poderemos ser iluminados. O próprio Deus fala dentro de nós. Deus em pessoa nos revela aquilo que devemos fazer e aquilo que devemos pregar”.⁵⁹⁸

Um certo alfaiate, Nicolas Storck, escolheu doze apóstolos e setenta e dois discípulos, declarando que finalmente tinham sido devolvidos à Igreja os profetas e apóstolos.⁵⁹⁹ Ele, acompanhado de Marcos Stübner e Marcos Tomás, foi à Wittenberg (27/12/1521) – que já enfrentava tumultos liderados por Andreas B. von Carlstadt (c. 1477-1541) e Gabriel Zwilling (c. 1487-1558) – pregar o que considerava ser a verdadeira religião cristã, contribuindo grandemente para a agitação daquela cidade. Stübner, antigo aluno de Wittenberg, justamente por ter melhor preparo, foi comissionado a representá-los. Melancton que conversou com Stübner, entrevistou na questão, ainda que timidamente. Storck, mais inquieto, logo partiu de Wittenberg; Stübner, no entanto, permaneceu, realizando ali um intenso e eficaz trabalho proselitista; “era um momento crítico na história do Cristianismo”.⁶⁰⁰ Comentando os problemas suscitados pelos “espiritualistas”, o historiador D’aubigné (1794-1872) conclui: “A Reforma tinha visto surgir do seu próprio seio um inimigo mais tremendo do que papas e imperadores. Ela estava à beira do abismo.”⁶⁰¹ Daí

⁵⁹⁸ Apud J.H. Merle D’aubigné, *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, São Paulo, Cada Editora Presbiteriana, (s.d.), Vol. III, p. 64. Mais tarde, Calvino escreveria, possivelmente referindo-se aos “libertinos”, também conhecidos como “espirituais”: “Ora, surgiram, em tempos recentes, certos desvairados que, arrogando-se, com extremada presunção, o magistério do Espírito, fazem pouco caso de toda leitura da Bíblia e se riem da simplicidade daqueles que ainda seguem, como eles próprios a chamam, a letra morta e que mata.

“Eu, porém, gostaria de saber deles que tal é esse Espírito de cuja inspiração se transportam a alturas tão sublimadas que ousem desprezar como pueril e rasteiro o ensino das Escrituras? Ora, se respondem que é o Espírito de Cristo, certeza dessa espécie é absurdamente ridícula, se, na realidade, concedem, segundo penso, que os apóstolos de Cristo e os demais fiéis na Igreja Primitiva não de outro Espírito hão sido iluminados. O fato é que nenhum deles daí aprendeu o menoscabo da Palavra de Deus; ao contrário, cada um foi antes imbuído de maior reverência, como seus escritos o atestam mui luminosamente...

“... Não é função do Espírito que nos foi prometido configurar novas e inauditas revelações ou forjar um novo gênero de doutrina, mediante os quais sejamos distraídos do ensino do Evangelho já recebido; ao contrário, sua função é selar-nos na mente aquela própria doutrina que é recomendada por meio do Evangelho.” (J. Calvino, *As Institutas*, I.9.1). Vd. também: *As Institutas*, I.9.2-3.

⁵⁹⁹ Cf. J.H. Merle D’aubigné, *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, III, pp. 64,65; Heinrich W. Erbkam, Münzer: In: Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology*, Chicago, Funk Wagnalls, Publishers, 1886 (Revised Edition), Vol. II, p. 1596a.

⁶⁰⁰ James Atkinson, *Lutero e o Nascimento do Protestantismo*, p. 254.

⁶⁰¹ J.H. Merle D’aubigné, *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, III, p. 71.

ouvir-se em Wittenberg o clamor pelo auxílio de Lutero. E Lutero, consciente da necessidade de sua volta, abandonou a segurança de Warteburgo retornando à Wittenberg,⁶⁰² a fim de colocar a cidade em ordem (1522), o que fez, com firmeza e espírito pastoral.⁶⁰³ Mais tarde, Lutero escreveria: “Onde, porém, não se anuncia a Palavra, ali a espiritualidade será deteriorada”.⁶⁰⁴

Não nos iludamos, essa forma de misticismo ainda está presente na Igreja e tem sido extremamente perniciosa para o povo de Deus, acarretando um desvio espiritual e teológico, deslocando o “eixo hermenêutico” da Palavra para a experiência mística, nos afastando, assim, da Palavra e, conseqüentemente, do Deus da Palavra. O trágico é que justamente aqueles que supõem desfrutar de maior “intimidade” com Deus, são os que patrocinam o distanciamento da Palavra revelada de Deus. Davi enfatiza: **“A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança.”** (Sl 25.14) Portanto, a nossa intimidade com Deus revela-se em nosso apego à sua Palavra, à sua aliança. Nesse texto, Calvino faz uma aplicação bastante contextualizada: “... É uma ímpia e danosa invenção tentar privar o povo comum das Santas Escrituras, sob o pretexto de serem elas um mistério oculto, como se todos os que o temem de coração, seja qual for seu estado e condição em outros aspectos, não fossem expressamente chamados ao conhecimento da aliança de Deus”.⁶⁰⁵

Nós somos herdeiros dos princípios bíblicos da Reforma; para nós, como para os Reformadores, a Palavra de Deus é a fonte autoritativa de Deus para o nosso pensar, crer, sentir e agir: A Palavra de Deus é-nos suficiente. Sob esta ótica, estudemos o assunto.

Retornemos ao Novo Testamento: Quando Satanás tentou a Jesus durante os seus quarenta dias de jejum e oração no deserto, dizendo: **“Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”** (Mt 4.3), Jesus Cristo, recorrendo ao Livro de Deuteronômio, capítulo 8, verso 3, respondeu:

⁶⁰² Justificando-se com o príncipe o motivo da sua volta, escreveu-lhe no dia de sua chegada a Wittenberg, 7 de março de 1522: “Não são acaso os Wittenberguenses as minhas ovelhas? Não mas teria confiado Deus? E não deveria eu, se necessário, expor-me à morte por causa delas?” (Apud J.H. Merle D’aubigné, *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, III, p. 83).

⁶⁰³ Lutero, iniciando no dia 9/3/1522, pregou oito dias consecutivos em Wittenberg. Vd. o seu primeiro sermão In: Martinho Lutero, *Pelo Evangelho de Cristo: Obras Selecionadas de Momentos Decisivos da Reforma*, Porto Alegre/São Leopoldo, RS, Concórdia Editora/Editora Sinodal, 1984, pp. 153-161. Quanto aos detalhes da sua volta, Vd: J.H. Merle D’aubigné, *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, III, p. 72ss.; James Atkinson, *Lutero e o Nascimento do Protestantismo*, p. 254ss.

⁶⁰⁴ Martinho Lutero, Uma Prédica para Que se Mandem os Filhos à Escola (1530): In: *Martinho Lutero: Obras Selecionadas*, 1995, Vol. 5, p. 334.

⁶⁰⁵ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 1 (Sl 25.14), p. 558.

“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede de Deus” (Mt 4.4). Notemos que esta afirmação torna-se ainda mais dramática se considerarmos o fato de que Jesus estava à beira da inanição, sendo induzido a pensar que caso não comesse imediatamente poderia morrer.

Nestas palavras, não temos um contraste entre o espiritual e o físico, antes, há uma demonstração categórica, feita por Cristo, de que devemos ter em mente que a nossa sustentação, em todos os sentidos, provém de Deus; da sua Palavra, que é o Verbo Criador.

As Escrituras apresentam a Palavra de Deus como um meio do exercício do poder de Deus: o mundo foi criado pela Palavra de Deus (Gn 1), e é sustentado pela Palavra do poder de Cristo. As Escrituras declaram: **“Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles”** (Sl 33.6). **“... de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus”** (2Pe 3.5). **“Ele (Jesus Cristo), que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder...”** (Hb 1.3).

Em nossa vida espiritual, a realidade é a mesma: somos sustentados pela Palavra de Deus. **“A palavra de Deus é sempre um ato criador. Ao chamar-nos seus filhos, nos faz comportar como filhos.”**⁶⁰⁶ O mesmo Espírito que nos regenerou por meio da Palavra (Tg 1.18; 1Pe 1.23) – **“semente de imortalidade”**⁶⁰⁷ –, age mediante esta mesma Palavra, para que vivamos, de fato, como novas criaturas que somos. A Bíblia é o instrumento eficaz do Espírito, porque ela foi inspirada pelo Espírito Santo (2Pe 1.21).⁶⁰⁸

Jesus orou ao Pai para que ele nos santificasse na Verdade, que é a sua Palavra. Meus irmãos, se quisermos crescer espiritualmente temos, de recorrer à Palavra vivificada de Cristo; somente ela pode nos tornar sábios para a salvação mediante a fé depositada unicamente em Jesus Cristo (2Tm 3.15).

O Espírito, que nos santifica, age por meio da sua Palavra e em harmonia com ela; jamais haverá contradição entre uma vida genuinamente santificada e a Palavra de Deus. Por isso, qualquer avaliação conscienciosa do significado da santificação deve ser feita à luz da Palavra de Deus.

Erasmus Sarcerius (1501-1559) observou que, **“quando a Palavra de Deus é negligenciada, a religião pura e verdadeira colapsa. Quando ela colapsa, nin-**

⁶⁰⁶ Hendrikus Berkhof, *La Doctrina del Espíritu Santo*, p. 80. Do mesmo modo, A.A. Hoekema, *Salvos pela Graça*, p. 37.

⁶⁰⁷ J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, Buenos Aires/México, la Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1959, p. 9.

⁶⁰⁸ Quanto à origem das Escrituras e a sua infalibilidade. Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras: uma Perspectiva Reformada*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998.

guém pode ser, nem será salvo”.⁶⁰⁹ De fato, é impossível haver uma igreja bíblicamente viva sem que a Escritura seja o seu manual de ensino e prática.

A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4.12) e produz frutos (Cl 1.6; 1Ts 2.13). Fomos salvos pela graça, mediante a fé, pela instrumentalidade da Palavra, que é o verbo criador de Deus (Rm 10.17; Ef 2.8; 2Tm 3.15; Tg 1.21; Tg 1.18). Ela é a Lei de liberdade (Tg 1.25; 2.12).⁶¹⁰

O ministério terreno de Cristo consistiu, entre outras coisas, em transmitir a Palavra de Deus. Na oração sacerdotal, ele relata: **“Eu lhes tenho dado a tua Palavra...”** (Jo 17.14). E, nesta mesma oração, Jesus declara o que distingue os seus do mundo: receber – envolvendo o crer e o praticar – e transmitir a Palavra de Deus: **“Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua Palavra (...). Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste (...). Eu lhes tenho dado a tua Palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou”** (Jo 17.6,8,14).

Paulo rende graças a Deus porque a mensagem do Evangelho foi recebida pelos tessalonicenses: **“Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes”** (1Ts 2.13).

Em forma de proposição, podemos realçar algumas lições bíblicas referentes à relação entre os crentes e a Bíblia:

1) Devemos meditar nas Escrituras

Meditar tem o sentido de considerá-la em nossas decisões, refletir sobre os seus ensinamentos. A palavra “meditar”, em sua origem latina, significa, entre outras coisas, **“preparar para a ação”**. Desta forma, a meditação não tem um fim em si mesma, mas, sim, visa conduzir o nosso agir e o nosso realizar.⁶¹¹

Deus, orientando a Josué no comando do povo de Israel, diz: **“Não ceses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite...”** (Js 1.8). O salmista, descrevendo o comportamento dos justos: **“... o seu prazer está na**

⁶⁰⁹ Apud Ph. J. Spener, *Pia Desideria*, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 50.

⁶¹⁰ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Liberdade Cristã*, São Paulo, 2000 (Trabalho não publicado).

⁶¹¹ Encontrei uma boa definição de meditação em Paeker: “Meditação é o ato de trazer à mente as várias coisas que se conhecem sobre as atividades, os modos, os propósitos e as promessas de Deus; pensar em tudo isso, refletir sobre essas coisas e aplicá-las à própria vida.” (J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 15).

lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.2). O salmista narrando a sua prática prazerosa, diz: **“Meditarei nos teus preceitos, e às tuas veredas terei respeito”** (Sl 119.15). **“Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia”** (Sl 119.97. Vd. Sl 119.27,48,78, 99,148). Calvino (1509-1564) comentando o Salmo 1, escreve: “... só são dignos estudantes da lei aqueles que se achegam a ela com uma mente disposta e se deleitam com suas instruções, não considerando nada mais desejável e delicioso do que extrair dela o genuíno progresso. Desse amor pela lei procede a constante *meditação* nela...”⁶¹²

Por sua vez, Charles Hodge (1797-1878) acertadamente diz que “não podemos fazer progresso na santidade a menos que empreguemos mais tempo lendo e ouvindo a Palavra de Deus, e meditando sobre ela; pois é ela que é a verdade pela qual somos santificados”.⁶¹³

George Müller (1805-1898), um alemão que passou a maior parte da sua vida na Inglaterra, tornando-se conhecido pelo orfanato que fundou em Bristol, bem como por sua prática assídua de oração, certa vez disse:

“O vigor de nossa vida espiritual está na proporção exata do lugar que a Bíblia ocupa em nossa vida e em nossos pensamentos. Faço esta declaração, solenemente, baseado na experiência de cinquenta e quatro anos.

“Nos primeiros três anos após minha conversão, negligenciei a Palavra de Deus. Desde que comecei a pesquisá-la diligentemente, tenho sido maravilhosamente abençoado.

“Já li a Bíblia cem vezes, e sempre com maior deleite. Cada vez se me apresenta um livro novo.

“Grande tem sido a bênção recebida do seu estudo seguido, diligente e cotidiano. Considero perdido o dia em que não me detive a meditá-la.”⁶¹⁴

Orar “seja feita a tua vontade” equivale a dizer: “Senhor, dá-me compreensão da tua Palavra, para que o meditar do meu coração seja agradável a ti e, que esta meditação seja, de fato, um prelúdio ao verdadeiro testemunho cristão, em todas as esferas da minha existência.”

2) Devemos guardá-la no coração

O salmista Davi expressa o seu contentamento: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei”** (Sl 40.8). Salomão exorta: **“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”** (Pv 4.23). **“Ouvi-me, vós que**

⁶¹² João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.2), p. 53.

⁶¹³ Charles Hodge, *O Caminho da Vida*, p. 294.

⁶¹⁴ Apud H.H. Halley, *Manual Bíblico*, 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1971, p. 3.

conheceis a justiça, vós, povo, em cujo coração está a minha lei..." (Is 51.7).

Mas, o que a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, estará querendo dizer, ao referir-se ao coração?

Recorro aqui à observação de Wolff de que "as atividades essenciais do coração humano na Bíblia são de natureza espiritual-psíquica".⁶¹⁵ Mas, o que significa isso?

O coração denota a personalidade integral do homem⁶¹⁶ – envolvendo geralmente a emoção, o pensamento e a vontade –; qualquer tentativa de se estabelecer uma distinção entre o "coração" e a "razão" do homem, na psicologia do Antigo Testamento, é destituída de fundamentação bíblica.

O coração, que na linguagem veterotestamentária é usado de forma efetiva referindo-se ao homem todo, traz consigo o sentido de responsabilidade, visto que somente o homem age conscientemente.⁶¹⁷ Por isso, Deus exige de seus servos integridade de coração, sendo, portanto, responsáveis diante de Deus por suas palavras e atos.

Banwell argumenta que "Os hebreus pensavam em termos de experiência subjetiva, e não com observações objetivas e científicas, e assim evitavam o erro moderno de departamentização excessiva. Era essencialmente o homem inteiro, com todos os seus atributos físicos, intelectuais e psicológicos, de que se ocupava o pensamento hebreu, em que o coração era concebido como o centro governador de todos esses aspectos".⁶¹⁸

⁶¹⁵ Hans W. Wolff, **Antropologia do Antigo Testamento**, 2ª ed. São Paulo, Loyola, 1983 p. 66.

⁶¹⁶ G. Ernest Wright (1907-1974) salienta que, na doutrina de Israel sobre o homem, "o eu, ou a identidade, não está associado a qualquer faculdade particular, ou órgão do ser humano, quer seja sua natureza psíquica, seu espírito ou sua razão. O eu é a criatura total. Pensa-se no homem como ser volitivo e ativo. Se algum termo especial, mais que outro, sugere a idéia pessoal é a palavra 'coração', mas o 'coração' não é parte ou faculdade do homem." (G.E. Wright, **A Doutrina Bíblica do Homem na Sociedade**, São Paulo, ASTE, 1966, p. 137).

⁶¹⁷ Walther Eichrodt, **Teologia del Antigo Testamento**, Vol. II, p. 150.

⁶¹⁸ B.O. Banwell, Coração: In: J.D. Douglas, ed. org. **O Novo Dicionário da Bíblia**, I, p. 322. "O termo 'coração' [no A.T.] tem uma referência mais ampla. É colocado em relacionamento com a totalidade da natureza psíquica do homem como o solo ou instrumento de suas manifestações emocionais, volitivas e intelectuais." (H.D. McDonald, **Doutrina do Homem**: In: Walter A. Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, II, p. 260) Mais recentemente, lendo o teólogo reformado, Spykman, encontrei perspectiva semelhante: "O coração representa o centro unificador de toda a existência do homem, o ponto de concentração espiritual de todo nosso ser, o aspecto interior reflexivo que estabelece a direção a todas as relações de nossa vida. É a vertente de todos nossos desejos, pensamentos, sentimentos, de nosso agir, e de qualquer outra expressão da vida. É a fonte principal da qual flui todo movimento do intelecto do homem, de suas emoções, e de sua vontade, como também toda outra 'faculdade' ou modo de nossa existência. Em resumo, o coração é o minieú. O que tem meu coração me tem a mim, porém totalmente." (Gordon J. Spykman, **Teologia Reformacional: un Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática**, Jenison, Michigan, The Evangelical Literature League, 1994, p. 242).

Muitas vezes somos levados a considerar a existência dos homens bíblicos de forma demasiadamente romântica, como se a sua vida fosse determinada prioritariamente pelo sentimento, em detrimento da razão. Isto se deve, em parte, ao emprego sistemático da palavra “coração”, que a Bíblia – máxime o Antigo Testamento – usa, sugerindo ao leitor menos atento, a idéia de que “coração” se refere unicamente às emoções. Na realidade, as palavras hebraicas [לֵב (lêbh) (601 vezes no A.T.) e לֵבָב (lêbhâbh) (252 vezes)] têm uma gama mais extensa do que esta, apontando mais propriamente para “o homem essencial”;⁶¹⁹ o homem todo, em contraste com a sua aparência exterior, que é alvo dos juízos mais assodados (1Sm 16.7). Aqui, obviamente, não é o lugar adequado para tratarmos demoradamente sobre o assunto, contudo, quero apenas apresentar um esboço dos conceitos veterotestamentários.⁶²⁰

Antes de falarmos do “coração” do homem, devemos apenas mencionar que, de forma antropomórfica (forma humana) e antropopática (sentimento próprio do homem), o Antigo Testamento usa também esta expressão para falar dos “sentimentos” de Deus. (Vejam-se, por exemplo: Gn 6.6; 8.21; 1Rs 9.3; Jr 7.31; 44.21; Os 11.8).

⁶¹⁹ Conforme expressão de Vorländer (II. Vorländer. Homem: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, II, p. 376). “O ‘coração do homem’ representa, portanto, o mais íntimo centro que é de importância vital; aquilo que é básico, central, substantivo, e de inescrutável essência.” (J.M. Lower. Heart: In: Merrill C. Tenney, gen. ed. **The Zondervan Pictorial Encyclopaedia of the Bible**, 5ª ed. Grand Rapids, Michigan, Zondervan, 1982, Vol. III, p. 58).

⁶²⁰ Para um estudo complementar sobre este assunto, vejam-se: F. Stolz, Corazón: In: **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978, Tomo I, pp. 1176-1185; K. Rahner, Coração: In: **Dicionário de Teologia**, 2ª ed., São Paulo, Loyola, 1983, Vol. I, pp. 308-322; Hans W. Wolff, **Antropologia do Antigo Testamento**, pp. 61-85; B.O. Banwell, Coração: In: J.D. Douglas, editor org. **O Novo Dicionário da Bíblia**, I, pp. 322-323; J. Barton Payne, **The Theology of the Older Testament**, Grand Rapids, Michigan, Zondervan, (c) 1961, pp. 225-226; William Gesenius, **Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament**, 13ª ed., Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1978, pp. 427-428; Moises Chavez, **Diccionario de Hebreo Bíblico**, El Paso, Texas, Editorial Mundo Hispano, 1992, pp. 303-305; Walter Eichrodt, **Teologia del Antiguo Testamento**, II, pp. 148-156; F. Baumgärtel, Κορδία: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. III, pp. 605-607 (somente para o A.T.); Andrew Bowling, lābab: In: R.L. Harris, et. al. eds. **Theological Wordbook of the Old Testament**, Vol. I, § 1071, pp. 466-467; Owen R. Brandon, Coração: In: Walter A. Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, I, pp. 355-357; T. Sorg, Coração: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, I, pp. 505-506 (somente para o A.T.); J. de Fraine, Coração: In: A. Van Den Born, red. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**, 2ª ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 1977, p. 296; Jean de Fraine & Albert Vanhoye, Coração: In: Xavier Léon-Dufour, dir. **Vocabulário de Teologia Bíblica**, 3ª ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 1984, pp. 174-177; J.M. Lower, Heart: In: Merrill C. Tenney, gen. ed. **The Zondervan Pictorial Encyclopaedia of the Bible**, III, pp. 58-60; Anthony A. Hoekema, **Criados à Imagem de Deus**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1999, p. 233ss.

a) Algumas poucas vezes, referindo-se ao órgão físico: (1Sm 25.37; 2Sm 18.14; 2Rs 9.24; Sl 38.10; Os 13.8), indicando a sua localização (Êx 28.29).

b) O coração é identificado como algo inacessível, oculto no interior, no centro do corpo (Sl 64.6; Pv 20.5; Jr 17.9), daí a descrição metafórica de: “meio [coração] dos céus” (Dt 4.11); “coração do mar”, “seio dos mares” ou “meio do mar” (Êx 15.8; Sl 46.2; Pv 23.34; 30.18,19; Ez 27.4; 28.8). Jonas no ventre do peixe ora dizendo que Deus o lançou “no coração dos mares” (Jn 2.3).

c) É a sede de nossas emoções e afeições: **Forte emoção** (Gn 45.26); **Alegria** (Êx 4.14; Dt 28.47; Jz 16.25; 1Sm 2.1; Sl 4.7; 13.5; 104.15; Pv 14.10; 15.13, 30); **dor, tribulação e angústia** (Sl 13.2; 25.17; 73.21; 109.16; Pv 14.13; Is 15.5; Jr 4.19); **desejo** (Nm 15.39; Sl 21.2); **tranqüilidade** (Pv 14.30); **preocupação e ansiedade** (1Sm 9.20; Pv 12.25); **furor** (Dt 19.6); **amor** (Gn 34.3; Jz 16.15); **confiança** (Pv 31.11); **desespero** (Ec 2.20); **medo** (Dt 20.3; Js 2.11; Sl 27.3; Is 35.4); **segurança** (Sl 57.7; 108.1); **desfalece** (1Sm 17.32; Sl 40.12); **amargura** (Pv 14.10); **generosidade** (Êx 35.5); **vela no sonho** (Ct 5.2); **desejo sexual** (Jó 31.9; Pv 6.25; Ez 16.30); **coragem** (Ez 22.13); **fantasia no coração** (inventar) (Jr 14.14; 23.16).

O coração alegre se manifesta em nossa fisionomia e é um bom remédio para todos nós (Pv 15.13; Pv 17.22).

d) O coração não se revela necessariamente na aparência (1Sm 16.7), todavia, Deus conhece o nosso coração (Sl 44.21; 139.23; Pv 15.11; 24.12; Jr 16.17). **“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto de suas ações”** (Jr 17.9,10).

e) Nossa consciência: (Gn 20.5,6; 1Sm 24.5; 25.31; 2Sm 24.10; Jó 27.6).

f) O coração é a sede de nossas decisões, envolvendo a nossa vontade e elementos intelectuais: **Entendimento e inteligência** (Dt 8.5; 29.4; Jó 17.4; Pv 2.2; Os 4.11; 7.11); **capacidade de avaliar e julgar criticamente** (Js 14.7; Ec 2.1,3,15); **talento artístico** (Êx 28.3; 35.35); **prudência para julgar juridicamente** (1Rs 3.9; 2Cr 19.9); **atenção** (Êx 7.23); **memória** (Dt 4.9); **reflexão** (Dt 7.17); **pensar e agir** (1Sm 14.7; 2Sm 7.3; 1Rs 8.17; 1Cr 22.7; Is 10.7 [coração da Assíria]; Dn 2.30); por este motivo é que Absalão procurou conquistar o coração do povo (2Sm 15.6). **Fidelidade** (Ne 9.8); **sinceridade** (1Rs 3.6); **integridade**: (1Rs 9.4). O coração é descrito como que buscando entendimento, discernimento e sabedoria para falar e agir: **“O coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios procura o saber”** (Pv 18.15). **“O coração do sábio é mestre de sua boca, e aumenta persuasão nos seus lábios”** (Pv 16.23).

Isaías, narrando a sua visão de Deus, bem como o seu chamado para o ministério, relata a mensagem que lhe fora confiada: **“Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhes os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos, e a entender com o coração, e se converta e seja salvo”** (Is 6.10. Vd. Dt 29.4; Jó 8.10; Pv 24.30).

Quando concedeu a Salomão pedir o que quisesse, ele pediu “coração compreensivo” para julgar o povo e saber discernir entre o bem e o mal (1Rs 3.9). Deus então lhe disse: **“Já que pediste esta coisa, e não pediste longevidade, nem riquezas, nem a morte de seus inimigos; mas pediste entendimento, para discernires o que é justo; eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e inteligente de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá”** (1Rs 3.11,12).

No coração do homem também se processam desejos que se transformam em práticas pecaminosas: **Projetos iníquos** (Pv 6.18); **endurecimento** (Êx 4.21; 7.3,13,14); **obstinação** (Dt 2.30); **insensibilidade** (Is 6.10); **arrogância**, “elevar o coração” (Dt 8.14; 2Cr 26.16; Pv 16.5; 18.12; Is 9.9; Dn 5.20-22; Os 13.6); **inveja** (Pv 23.17); **infidelidade** (Pv 14.14); **perversidade** (Sl 101.4; Pv 6.14); **falsidade** (Sl 12.2); **desobediência**, “coração incircunciso” (Lv 26.41; Jr 4.4; Ez 44.7); **astúcia** (Pv 7.10); **cobiça** (Pv 6.25); **engano** (Pv 12.20); **hipocrisia** (Is 29.13); **ira pecaminosa** (murmuração) (Pv 19.3); **inconstância** (Sl 78.8); **rebeldia** (Jr 5.23).

É do coração que procedem as fontes da vida. As grandes maquinações destrutivas surgem no coração. Um homem tocado em seu brio, sedento de poder e dinheiro, é capaz de idealizar crimes dos mais horrendos e nefandos. Por outro lado, é do coração que brotam os ideais mais nobres vivenciados pelos homens, dos quais a história está repleta: Paulo, Policarpo, Lutero, Knox, Simonton, Gandhi, Schweitzer, entre tantos outros.

Deus deseja que o amemos e o busquemos com integridade de coração (Dt 4.29; 6.5; 1Sm 7.3; Sl 9.1; Os 7.14); no coração está a fonte da reverência a Deus, com a qual devemos servi-lo (Jr 32.40; 1Sm 12.20,24; 1Rs 8.23); e neste proceder há verdadeira alegria no coração (1Cr 16.10). Deus escolheu a Davi, que era segundo o seu coração (1Sm 13.14; At 13.22) [כִּלְבָּהֶבֶת (kil^ebhâbhô)] e promete dar a Judá **“pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência”** (Jr 3.15). Deus deseja um coração circuncidado (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; Jl 2.13), cuja prática ritual seja um reflexo de sua integridade interior. A desobediência é dita como própria de um coração incircunciso (Lv 26.41; Dt 10.16; Is 29.13; Mt 15.7,8); coração de pedra (Ez 11.19), duro como um diamante (Zc 7.12).

Deus pede o nosso coração: **“Dá-me filho meu, o teu coração, e os teus olhos se agradem dos meus caminhos”** (Pv 23.26. Vd. 1Rs 8.23). Observem que há uma relação determinante: quando o nosso coração é confiado a Deus, nós nos agradamos dos seus caminhos, da sua Palavra: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei”**, declara Davi (Sl 40.8).

Deus deseja o homem todo, não apenas os seus sentimentos, ou vontade ou razão, mas o homem completo, em sua inteireza; a palavra “coração” é empregada para refletir esta integridade; a sede de seus afetos religiosos.

A Palavra de Deus nos diz que ele transforma o nosso coração – **“Darvos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis”** (Ez 36.26, 27) –, inscrevendo a sua Lei nele (Jr 31.33). A nossa conversão dá-se no coração (1Rs 8.47; Sl 51.10,17-19; Jr 24.7; Ez 11.19; Jl 2.12). Por isso, o crente sincero pede a Deus que sonde o seu coração (Sl 139.23) e o purifique (Sl 51.10). No coração temos a sede da fé (Sl 28.7; 112.7; Pv 3.5) e da renovação espiritual (Dt 30.6; Sl 51.10; Jr 31.33; Ez 36.26).⁶²¹

Deus nos convida a que tornemo-nos a ele com o coração íntegro: **“... Converti-vos a mim de todo o vosso coração...”** (Jl 2.12).

A Palavra de Deus deve ser guardada em nosso coração – o centro de nosso pensamento, emoções e decisões –, a fim de que todo o nosso procedimento seja conforme os preceitos de Deus. A Palavra de Deus, meditada e guardada no coração, é preventiva contra o pecado: **“Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”** (Sl 119.11.⁶²² Vejam-se: Sl 37.31; 119.2,57,69; Pv 2.10-12). O verbo “guardar” no salmo citado [קִפְּחָן] (qâphan): “esconder”, “ocultar”, “entesourar”, “armazenar”] tem o sentido de guardar com atenção, levando-as em consideração no seu agir (Vd. no sentido negativo: Sl 10.8; 56.6; Pv 1.11,18);⁶²³ esconder algo considerado precioso ou importante a ponto de arriscar a sua própria vida para poder ocultar (Êx 2.2,3; Js 2.4) – Deus também nos “esconde”, nos “protege” dos inimigos (Sl 27.5;

⁶²¹ Vd. Anthony A. Hoekema, *Criados à Imagem de Deus*, p. 234.

⁶²² “A mente que entesoura as Escrituras tem seu gosto e juízo educados por Deus.” [Derek Kidner, *Salmos 73-150: Introdução e Comentário*, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1981 (Sl 119.11), p. 437]

⁶²³ A palavra é usada uma vez, em Ez 7.22, referindo-se, ao que parece, à cidade de Jerusalém (Calvino), ao templo (J.B. Taylor), ao “Santo dos Santos” (Jerônimo), ou aos tesouros do templo (Keil, Delitzsch). ARA traduz: “recesso”; BJ: “tesouro”; ARC e ACR: “lugar oculto”. (Vejam-se também Jó 20.26; Ob 6).

31.19, 20; 83.3) —; ou algo precioso para alguém (Ct 7.13), tendo em vista sempre algum propósito. Portanto, guardar a Palavra no coração significa considerá-la em todo o nosso ser, sendo ela a norteadora do nosso sentir, pensar, falar e agir; o lugar da Palavra deve ser sempre no cerne essencial do homem. A Palavra é guardada em nosso coração quando está presente continuamente, não meramente como um preceito exterior, mas, sim, como um poder interno motivador, que se opõe ao nosso pensar e agir egoístas.⁶²⁴ A santidade inicia-se no coração, imbuída de um espírito agradecido, tendo como motivação final agradecer a Deus.⁶²⁵

A tônica aqui é de receber e guardar toda a Palavra, visto ser toda ela inspirada por Deus (2Tm 3.16);⁶²⁶ não apenas partículas que circunstancialmente podem me ser úteis para os meus interesses duvidosos. Portanto, toda a Palavra de Deus é um tesouro precioso para o servo de Deus.⁶²⁷

Deus mesmo manda que guardemos a sua Palavra dentro de nós (Pv 2.1; 7.1 – (יִצְרָף) (Vd: Dt 8.11; Sl 119.16; Pv 3.1); e os sábios “entesouram (יִצְרָף) conhecimento” (Pv 10.14), enquanto o tesouro dos ímpios limita-se a esta vida (Sl 17.14; 1Co 15.19), que é breve (Jó 15.20).

No Novo Testamento, Paulo recomenda à Igreja de Colossos: **“Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instrui-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vossos corações”** (Cl 3.16).

O salmista Davi ora então a Deus: **“Ensina-me, Senhor o teu caminho, e andarei na tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o teu nome”** (Sl 86.11). Aquele que entrega o seu coração a Deus (Pv 4.23; 23.26), entregou na realidade não apenas um “órgão” ou parte do seu ser, mas toda a sua vida; quem assim procede, é continuamente ensinado por Deus, aquele que é o seu senhor; senhor do seu coração.

Portanto, orar “seja feita a tua vontade” significa pedir a Deus que, por sua misericórdia, nos dê a compreensão da sua Palavra, considerando-a em todos os nossos caminhos, tornando-a o centro orientador de nosso pensar, sentir, desejar, falar e agir; em suma, o centro de nossa vida integral.

⁶²⁴ Cf. C.F. Keil & F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans (s.d.), Vol. 5 (Sl 119.11), p. 246. Vd., também, Albert Barnes, *Notes on the Old Testament Explanatory and Practical*, 10^a ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1973, (*Psalms*, Vol. III) (Sl 119.11), p. 181b.

⁶²⁵ Vd. J. I. Paeker, O que é santidade e porque ela é importante?: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. *Vitória sobre a Tentação*, pp. 31, 32.

⁶²⁶ Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras: uma Perspectiva Reformada*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998.

⁶²⁷ Vd. C.H. Spurgeon, *The Treasury of David*, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers (s.d.), Vol. III (Sl 119.11), p. 159.

3) Devemos praticá-la

A meditação é o prelúdio à ação. A Palavra foi-nos dada, conforme nos ensinam as Escrituras, para que a cumpramos.

O que Deus nos revelou e fez registrar nas Escrituras tem este objetivo expresso: **“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”** (Dt 29.29).

A Josué, quando inicia o seu comando do povo de Israel, Deus ordena: **“Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido”** (Js 1.8).

O salmista, inspirado por Deus, escreve: **“Tu ordenaste os teus mandamentos, para que os cumpramos à risca”** (Sl 119.4. Vd. Sl 119.8,51,106,167). Portanto, **“a Bíblia não foi dada para satisfazer a vã curiosidade, mas para edificar nossas almas”**.⁶²⁸

Desta forma, não basta ouvir e meditar; esses devem ser passos conducentes à prática; temos que treinar os nossos pés na vereda da justiça. A obediência a Deus deve ser exercitada diariamente: **“Quanto às ações dos homens, pela palavra dos teus lábios eu me tenho guardado dos caminhos do violento. Os meus passos se afizeram às tuas veredas, os meus pés não resvalaram”** (Sl 17.4,5). **“Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do Senhor”** (Sl 119.1. Vejam-se: Dt 30.14; Rm 2.13; Tg 1.22-25).

A Bíblia usa diversas expressões que indicam o cumprimento da Palavra de Deus por parte dos seus servos; entre elas, citamos: 1) *Fazer a vontade de Deus* (Sl 40.8); 2) *Andar sem se desviar, nem se afastar* (Js 1.8; 22.5; 23.6; Jó 23.12; Sl 18.22; Sl 119.1); 3) *Perseverar* (Tg 1.25); 4) *Considerá-la por inteiro* (Tg 2.10,11); 5) *Habita neles* (Cl 3.16); 6) *Cumpri-la* (Dt 30.14; Js 1.8); 7) *Observá-la* (Sl 119.9, 17).

Notemos que este praticar percorre muitas vezes o caminho de uma análise introspectiva, por meio da qual vemos o nosso comportamento e o avaliamos a partir da Palavra, para que, pela misericórdia de Deus, possamos corrigi-lo: **“Considero os meus caminhos, e volto os meus passos para os teus testemunhos”** (Sl 119.59).

O exercício da prática da Palavra de Deus nos leva invariavelmente à satisfação de poder cumpri-la. Mais uma vez citamos o testemunho de Davi: **“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração**

⁶²⁸ A.W. Pink, *Deus É Soberano*, p. 137.

está a tua lei” (Sl 40.8). O prazer do salmista em praticar a Palavra era precedido pelo guardar a Lei de Deus no coração. Isto nos reporta ao que vimos acima, que a meditação precede a ação e o meditar deve levar à sedimentação do que aprendemos. O Espírito age dirigindo os nossos pés pela vereda da verdade, fazendo com que, educados por ele, adquiramos novos hábitos, nova perspectiva por meio da prática da verdade.⁶²⁹

Nós só poderemos nos alegrar nas veredas da justiça se tivermos os nossos corações educados na compreensão e prática da Palavra de Deus. O salmista ora neste sentido: **“Dá-me entendimento, e guardarei a tua Lei; de todo o coração a cumprirei”** (Sl 119.24; Sl 119.18). Calvino corretamente estava convencido de que ninguém pode “provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura”.⁶³⁰ Em outro lugar, insiste: “Se, pois, tivermos uma boa norma para governar-nos, quando nossos inimigos, por meio de suas ações nocivas, nos provocam a tratá-los de modo semelhante, aprendamos, à luz do exemplo de Davi, a meditar na Palavra de Deus e a manter nossos olhos fixos nela. Com isso nossas mentes serão preservadas de perene cegueira, e evitaremos sempre as veredas da perversidade, visto que Deus não só manterá nossos sentimentos restringidos por seus mandamentos, mas também exercitará nossa paciência frente às suas promessas”.⁶³¹

4) Devemos nos alegrar com a instrução do Senhor

A certeza de que Deus nos instrui por meio da sua Palavra deve nos encher de alegria, sabendo que temos um caminho seguro a seguir. O ensino de Deus revela o seu cuidado para conosco; por isso, diversas vezes, as Escrituras referem-se àqueles que foram instruídos por Deus como bem-aventurados, felizes: **“Bem-aventurado, o homem, Senhor, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei”** (Sl 94.12).

Pelo mesmo motivo, encontramos o salmista, insistentemente, pedindo a Deus que lhe ensine os seus **“Decretos”** (Sl 119.26,33,64,68,124,135, 171); a sua **“Lei”** (Sl 119.34); os seus **“Mandamentos”** (Sl 119.73); os seus **“Preceitos”** (Sl 94.12; Sl 119.27); os seus **“Juízos”** (Sl 119.102,108); os seus **“Testemunhos”** (Sl 119.125,144).

O que resume bem o desejo de conhecer a lei de Deus para praticá-la, bem como a certeza da soberania de Deus em auto-revelar-se, é a conhecida oração do salmista: **“Desvenda os meus olhos para que eu contemple as maravilhas da tua lei”** (Sl 119.18).

⁶²⁹ Vd. J.I. Packer, *Na Dinâmica do Espírito*, pp. 104,105; Russel P. Shedd, *Lei, Graça e Santificação*, São Paulo, Vida Nova, 1990, pp. 98-103.

⁶³⁰ J. Calvino, *As Institutas*, I.6.2.

⁶³¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I (Sl 17.4), pp. 332, 333.

É neste sentido que os salmistas, em momentos diferentes, revelam a sua alegria e prazer na Palavra de Deus: o justo tem prazer na lei do Senhor (Sl 1.2); sendo bem-aventurado o homem que se compraz nos mandamentos de Deus (Sl 112.1). A Palavra de Deus é o lenitivo para o coração dorido; ela não nos enche de vãs esperanças, antes, nos mostra o caminho de Deus; a esperança que irradia do Senhor da esperança: **“Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia.”** (Sl 119.92). **“Sobre mim vieram tribulação e angústia, todavia os teus mandamentos são o meu prazer”** (Sl 119.143. Vd. Sl 19.8; 119.16, 35, 54, 70, 77, 111, 174).

Calvino, resumindo o Salmo 1, diz: “A suma e substância de todo o Salmo consistem em que são bem-aventurados os que aplicam seus corações a buscar a sabedoria celestial; ao passo que, os profanos desprezadores de Deus, ainda que por algum tempo se julguem felizes, por fim terão o mais miserável fim. (...) Tudo estará bem com os devotos servos de Deus, cuja incansável diligência é fazer progresso no estudo da lei divina”.⁶³²

5) Devemos esperar nela

Esta esperança na Palavra, que contribui decisivamente para o nosso amadurecimento e fortalecimento espiritual, traz consigo alguns pressupostos:

a) Crer na Palavra

Para que possamos de fato esperar confiantes na Palavra de Deus, precisamos primeiramente recebê-la como tal. Creio que aqui está um dos problemas vitais da Igreja em todos os tempos. Com isto não estou dizendo que a Igreja através da história tenha negado de forma confessional a Palavra de Deus. Antes, o que estamos declarando é que a Igreja tem negado a Palavra de Deus de forma existencial e vivencial. Esta recusa prática tem se caracterizado, como já observamos, na não consideração dos preceitos de Deus em seu caminho. Crer na Palavra significa recebê-la como fundamento e norma do nosso comportamento. Todas as vezes que desconsideramos as Escrituras em nossas decisões, estamos, na realidade, negando a eficácia das promessas de Deus, demonstrando não tê-la recebido como Palavra autoritativa de Deus.

Paulo observa que os efésios e os tessalonicenses haviam de modo correto, respectivamente, crido e recebido a Palavra ensinada, o Evangelho, como Palavra de Deus; ele diz: **“... vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa”** (Ef 1.13). **“Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes [δέχομαι: “rece-**

⁶³² João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I (Sl 1), pp. 49,50.

ber”] **não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes**” (1Ts 2.13). Neste texto, o tempo verbal de “acolher” (indicativo aoristo) significa uma ação realizada no passado; os tessalonicenses revelavam no seu dia-a-dia ter “acolhido”, “recebido” o “Evangelho” definitivamente como Palavra de Deus. A aceitação do Evangelho sempre traz frutos.

Paulo continua o seu argumento dizendo que este fato se evidenciava no comportamento da igreja: **“Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus...”** (1Ts 2.14).

b) Crer perseverantemente

Um outro grande desafio para nós é crer na Palavra e continuar crendo quando as promessas de Deus parecem, diante de nossos olhos incrédulos, ter falhado; quando o nosso contexto parecer indicar que a “justiça” de Deus nos conduz ao fracasso e os nossos meios são mais eficazes. Esperar na Palavra significa permanecer confiantes apesar das adversidades e da condução que o mundo dá às nossas inquietações, apresentando soluções aparentemente finais para os nossos problemas.

Encontramos o testemunho do salmista referente a estas experiências: **“Alegraram-se os que te temem quando me viram, porque na tua Palavra tenho esperado”** (Sl 119.74). **“Desfalece-me a alma, aguardando a tua salvação; porém espero na tua palavra”** (Sl 119.81). **“Tu és o meu refúgio e o meu escudo; na tua palavra espero”** (Sl 119.114).

c) Perseverar alegremente

O esperar na Palavra de Deus não quer dizer aguardar a promessa de Deus com um ar de pessimismo e tristeza, como se não houvesse outra escolha. O salmista nos diz que esperava confiante. Ele revela que as suas meditações e orações, durante a madrugada e ao entardecer, se inspiravam na sua confiança na Palavra de Deus: **“Antecipo o alvorecer do dia e clamo; na tua palavra espero confiante. Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras”** (Sl 119.147,148).

Esta confiança na Palavra também não significa simplesmente esperar numa letra morta, ou numa promessa de homens, mas, sim, na Palavra que é de Deus: **“Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra”** (Sl 130.5). Notemos que toda esta esperança está enraizada no fato de que conhecemos o nosso Deus; o Senhor da promessa. Confiar e aguardar na Palavra é confiar e aguardar no Senhor que é o autor da promessa.

Quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos declarando a Deus a nossa fé nas suas promessas e, ao mesmo tempo, rogando que ele nos capacite

a viver segundo esta fé, que ele mesmo produziu em nossos corações. Assim, podemos dizer como o salmista: **“Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro.”** (Sl 40.1). Esperemos confiantemente em Deus conforme a sua vontade.

6) Proclamá-la

A Igreja é uma comunidade constituída por todos aqueles que, pelo dom da fé, atenderam ao convite gracioso de Deus feito por meio da Palavra. Este convite envolveu o nosso arrependimento e fé; um abandono ao pecado e um caminhar seguro em direção a Deus, confiando unicamente nas suas promessas.

Conforme já comentamos anteriormente, desde a Reforma a “genuína pregação do Evangelho” tem sido identificada como uma das marcas da Igreja. Deste modo, a pregação não é algo que a Igreja possa optar entre fazer ou não fazer. Por outro lado, devemos enfatizar que a proclamação não é simplesmente a missão da Igreja; é mais do que isso. A pregação é essencial à sua própria existência. Por isso, a Igreja, desejosa de fazer a vontade de Deus, cumpre de forma natural aquilo que caracteriza o seu ser; que diz respeito à razão da sua existência. Assim, a Igreja vive na concretização do propósito de Deus, anunciando as virtudes de Deus, o Evangelho da graça, para que por meio da Palavra Deus cumpra todo o seu propósito de justiça e misericórdia em todos os homens.

A Igreja se revela no ato proclamador. Ela não é a mensagem, mas, na sua existência, demonstra o poder daquilo que ela testemunha, visto ser, a Igreja, o monumento da graça e misericórdia de Deus, constituído a partir da Palavra criadora de Deus. É justamente por isso que “a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar”.⁶³³

A Igreja é uma testemunha comissionada pelo próprio Deus para testemunhar os seus atos gloriosos e salvadores. Assim, a sua mensagem não foi recebida de terceiros, mas, sim, diretamente de Deus, por meio da Palavra do Espírito, registrada nas Sagradas Escrituras. A Igreja declara ao mundo o “Evangelho do Reino”, visto e experimentado por ela em sua cotidianidade. O testemunho da Igreja é resultado de uma experiência pessoal. O Espírito dá testemunho do Filho porque procede do Pai e do Filho (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6); nós damos testemunho do Pai, do Filho e do Espírito, porque os conhecemos e temos o Espírito em nós (Jo 15.26,27; 14.23; Rm 8.9).

Calvino (1509-1564), comentando Gálatas 4.26, diz: “... A Igreja enche o mundo todo e é peregrina sobre a terra. (...) Ela tem sua origem na graça celestial. Pois os filhos de Deus nascem, não da carne e do sangue, mas pelo poder do

⁶³³ D.M. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, São Paulo, Fiel, 1984, p. 23.

Espírito”. Continua: “Eis a razão por que a Igreja é chamada a mãe dos crentes. E, indubitavelmente, aquele que se recusa a ser filho da Igreja de balde deseja ter a Deus como seu Pai. Pois é somente por meio do ministério da Igreja que Deus gera filhos para si e os educa até que atravessem a adolescência e alcancem a maturidade”.⁶³⁴ A peregrinação da Igreja tem um sentido *missionário* (“Até os confins da terra”) e *escatológico* (“Até a consumação do século”): Enquanto ela caminha, confronta os homens com a mensagem do Evangelho, conclamando a todos ao arrependimento e fé em Cristo Jesus até que ele volte.

Conforme já dissemos, a Igreja tem, com muita frequência, se distanciando daquilo que a caracteriza: o culto a Deus e a pregação da Palavra. Ela tem feito discursos políticos, sociais, ecológicos, etc.; todavia, tem se esquecido desta parte de sua prioridade essencial: pregar a Palavra. Com isto não estamos defendendo um total distanciamento da Igreja do que ocorre na história, pelo contrário, a Igreja deve agir de forma evidente na história, só que ela age de forma eficaz não com discursos rotineiros a respeito da pobreza, da violência, do desmatamento, mas, sim, na proclamação do Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a transformação de todos os homens (Rm 1.16,17).⁶³⁵

Paulo insiste com Timóteo: **“Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério”** (2Tm 4.2-5).

Quanto a nós, que estamos desejosos de fazer a vontade de Deus, de crescer em santidade diante de nosso Senhor, devemos proclamar a Palavra por meio de nossa palavra e vida. Devemos também nos aplicar no estudo das Escrituras e, conforme já analisamos, na meditação da Palavra em oração. Paulo recomenda a Timóteo: **“Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”** (2Tm 2.15).

O Espírito capacita a Igreja a cumprir o que Jesus lhe ordenou. Isto ele faz concedendo-lhe poder (At 1.8; 4.8-13, 31). O texto de Atos 1.8 resume bem o conteúdo do Livro de Atos: A Igreja testemunha no poder do espírito de

⁶³⁴ João Calvino, *Gálatas*, São Paulo, Paracletos, 1998 (Gl 4.26), p. 144. Vd. *As Institutas*, IV.1.1.

⁶³⁵ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Breve Teologia da Evangelização*, São Paulo, PFS, 1996.

Jesus (At 16.7). “O poder do Espírito Santo é sua capacidade de ligar os homens ao Cristo ressurreto de tal maneira que sejam capacitados a representá-lo. Não há nenhuma bênção mais sublime.”⁶³⁶ Como bem observa Stott, do mesmo modo que o Espírito veio sobre Jesus equipando-o para o seu Ministério público, o Espírito deveria vir sobre o seu povo capacitando-o para o seu serviço.⁶³⁷ Por isso que, “sem o poder do Espírito Santo a evangelização é impossível”.⁶³⁸ No Pentecoste se concretiza historicamente a capacitação da Igreja para a sua missão no mundo; o Pentecoste revela o caráter missionário da Igreja, tornando cada crente uma testemunha de Cristo. “Pentecoste significa evangelismo.”⁶³⁹

Quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos dizendo: “*Senhor, capacita-me a testemunhar com as minhas palavras e com o meu viver o teu Evangelho, para que a tua vontade se cumpra por meio do testemunho universal da tua Palavra e, assim, os teus possam ser salvos, conforme o teu Decreto eterno*”. Que Deus nos ajude. Amém.

7.7.1.2) O Espírito e a Palavra

“O Espírito Santo é o poder atuante na Igreja, e o Espírito Santo jamais honrará coisa alguma senão a sua Palavra. Foi o Espírito Santo quem nos deu esta Palavra. Ele é o seu Autor. Não é dos homens! Tampouco a Bíblia é produto da ‘carne’ e do ‘sangue’. (...) O Espírito não honrará nada, senão sua Palavra. Portanto, se não crermos e não aceitarmos sua Palavra, ou se de algum modo nos desviarmos dela, não teremos direito de esperar a bênção do Espírito Santo. O Espírito Santo honrará a verdade, e não honrará outra coisa. Seja o que for que fizermos, se não honrarmos esta verdade, ele não nos honrará.” – D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo, PES, 1991, p. 103.

Calvino sustentava que o mesmo Espírito que inspirou o registro das Escrituras nos convence da autoridade de sua Palavra, concedendo-nos discernimento espiritual. O testemunho do Espírito é mais relevante e eficaz do que qualquer argumento ou arrazoado humano. Ele escreveu magistralmente sobre este ponto:

“O testemunho do Espírito é superior a todos os argumentos. Deus na sua Palavra é a única testemunha adequada a respeito de si mesmo, e, de maneira semelhante, sua Palavra não será verdadeiramente crida nos corações dos homens até que tenha sido selada pelo testemunho do seu Espírito. O mesmo Espírito que falou por meio dos profetas deve entrar em nosso coração para convencer-nos que eles entregaram fielmente a mensagem que Deus lhes deu. (...) Sendo ilumi-

⁶³⁶ F.D. Bruner, *Teologia do Espírito Santo*, São Paulo, Vida Nova, 1983, p. 129.

⁶³⁷ Vd. John R.W. Stott, *A Mensagem de Atos: até os Confins da Terra*, p. 38.

⁶³⁸ John R.W. Stott, *Crer É também Pensar*, São Paulo, ABU, 1984 (2ª impressão), p. 49.

⁶³⁹ R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan, SLC, 1985, p. 221.

nados pelo seu poder, já não devemos ao nosso próprio juízo, nem ao de outros, o fato de crermos que as Escrituras vêm da parte de Deus; mas, por razões além do julgamento humano temos perfeita certeza, como se nelas contemplássemos a glória do próprio Deus, que elas foram transmitidas a nós da própria boca de Deus, pela instrumentalidade dos homens. Não procuramos argumentos ou probabilidades sobre os quais fundamentar nosso julgamento, mas, sim, sujeitamos nosso julgamento e nosso intelecto a elas como algo acima e além de toda disputa. Nossa convicção, portanto, é tal que não requer argumentos; nosso conhecimento é tal que é consistente com o melhor dos argumentos; porque nelas a mente descansa com mais segurança e firmeza do que em quaisquer argumentos”.⁶⁴⁰

Em outro lugar, Calvino escreveu:

“Deus não deu a conhecer a Palavra aos homens com vistas a momentânea apresentação, assim que de pronto a abolisse com a vinda de seu Espírito; pelo contrário, enviou o mesmo Espírito, pelo poder de quem havia dispensado a Palavra, para que realizasse sua obra mediante a eficaz confirmação dessa mesma Palavra. Desta forma, Cristo abriu o entendimento aos dois discípulos de Emaús (Lc 24.27,45), não para que, postas de parte as Escrituras, se fizessem sábios de si mesmos, mas para que entendessem essas Escrituras. De modo semelhante, Paulo, enquanto exorta aos tessalonicenses a que não extingam o Espírito, não os arrebatou às alturas, a vãs especulações à parte da Palavra, mas imediatamente acrescenta que as profecias não deveriam ser desprezadas (1Ts 5.19,20). Com o que acena, longe de dubiamente, que a luz do Espírito é sufocada assim que em desprezo vêm as profecias”.⁶⁴¹

Em resposta ao Cardeal Sadoletto, Calvino diz: “... Hás sido castigado pela injúria que fizeste ao Espírito Santo, separando-o e dividindo-o da Palavra. (...) Aprende, pois, por tua própria falta, que é tão insuportável vangloriar-se do Espírito sem a Palavra, como desagradável o preferir a Palavra sem o Espírito”.⁶⁴²

Temos meditado sobre a relação entre o crente e a Palavra, dentro da perspectiva da eficácia da Palavra como instrumento de nossa santificação e de nossa responsabilidade.

Já estudamos sobre “o autor da santificação” e vimos que a Trindade trabalha conjuntamente em prol da santificação dos redimidos do Senhor. Agora, vamos nos deter um pouco mais na relação entre o Espírito e a Palavra; todavia, antes de falarmos especificamente sobre isto, é importante que façamos algumas observações.

A Teologia Reformada insiste no fato de que a Bíblia é a única fonte de fé e prática, sendo o princípio infalível e eterno de Deus para a Igreja, por meio

⁶⁴⁰ Calvino, *As Institutas da Religião Cristã*, São Paulo, PES, 1984 (Resumo feito por J.P. Wiles), I.7. p. 40. (Vejam-se, J. Calvino, *As Institutas*, I.7.4-5).

⁶⁴¹ J. Calvino, *As Institutas*, I.9.3.

⁶⁴² Juan Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoletto*, p. 30 (Vd. também, a p. 29).

do qual possamos analisar de forma correta toda a realidade, tendo assim, uma perspectiva adequada. A Palavra de Deus se constitui no nosso quadro de referência, por meio do qual devemos avaliar todas as coisas.

Normalmente a Igreja, quando se desvia deste princípio, elege, sem que muitas vezes perceba, um outro paradigma para guiá-la na vida cristã; assim, temos: **Os liberais**, que escolheram a razão, como elemento norteador de seu pensar e agir teológicos; **os católicos romanos**, que encontram na tradição um complemento à Escritura; **os pentecostais** – mais especificamente os “**carismáticos**”⁶⁴³ – que, talvez sem se darem conta, nomearam a experiência mística como o fator determinante da verdade.⁶⁴⁴

Deste modo, a Bíblia tem sido negada, de forma evidente, como a única e suficiente fonte autoritativa de Deus para nos conduzir ao conhecimento salvador de Cristo.

Nosso Senhor Jesus afirma: **“Examinai as Escrituras, porque julgai ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes vida”** (Jo 5.39,40).

Quando falamos da relação do Espírito Santo com a Palavra, temos em vista que foi este o principal meio, dado por Deus, por intermédio do qual o Espírito age com vista à nossa santificação. O mesmo Espírito que inspirou os escritores sagrados, a fim de que registrassem de forma infalível e inerrante a Palavra de Deus (2Tm 3.16; 2Pe 1.20,21), aplica as Escrituras aos nossos corações, nos regenerando (Tt 3.5; 1Pe 1.23) e santificando (1Pe 1.2).

Por isso, a Igreja prega a Palavra, mostrando quem é Deus e quem é o homem – uma criatura escravizada pelo pecado; evidencia a oposição entre a santidade de Deus e o nosso pecado, que lhe é abominável... Ensina também como Deus providenciou a nossa salvação e santificação por intermédio de Cristo, conforme a sua Palavra registra. As Escrituras nos ensinam o que Deus requer de nós também e nos mostra o modelo perfeito de santidade que é Jesus Cristo.

O Espírito age por meio da verdade, que é a Palavra de Deus (Jo 17.17), levando a efeito o propósito de nossa eleição (Ef 1.4). Isto ele faz dando-nos compreensão da Palavra (Sl 119.18) para que ela passe a ocupar o nosso pensamento, a fim de que tenhamos pensamentos santos e, conseqüentemente, ações santas. Deus, pelo Espírito, imprime em nossos corações a sua Palavra,

⁶⁴³ Para uma distinção entre “*pentecostais*” e “*carismáticos*”, Vd. John F. MacArthur Jr. **Os Carismáticos**, São Paulo, FIEL, 1981, pp. 7,8.

⁶⁴⁴ Vd. John F. MacArthur Jr., **Nossa Suficiência em Cristo**, São José dos Campos, Editora Fiel, 1995, p. 152ss.

para que ela nos guie, e quanto mais somos guiados pela Palavra, maior prazer temos em estudá-la, em fazer a vontade de Deus, cumprindo o seu propósito em nós. Esta compreensão da Palavra é-nos concedida pela iluminação do Espírito de Deus. “Só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito. Daí a vocação interna, que só é eficaz no eleito e apropriada para ele, distingue-se da voz externa dos homens.”⁶⁴⁵ “A função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a Lei de Deus em nossos corações.”⁶⁴⁶ É o Espírito quem nos ensina por meio das Escrituras;⁶⁴⁷ esta é “a escola do Espírito Santo”;⁶⁴⁸ que é a “escola de Cristo”;⁶⁴⁹ e o Espírito é o “Mestre”;⁶⁵⁰ “o melhor mestre”;⁶⁵¹ é o “Mestre interior”.⁶⁵²

É por meio da Palavra que Deus nos limpa: **“Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado”**, disse Jesus Cristo (Jo 15.3).

Fomos limpos, declarados justos por meio da Palavra de Cristo, e ela continua nos santificando num processo contínuo. A justificação – que é um ato de Deus – envolve o início de um processo contínuo de “limpeza”, para que produzamos, pela graça, frutos que evidenciem a nossa fé. **“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto, limpa, para que produza mais frutos ainda”** (Jo 15.1,2).

⁶⁴⁵ J. Calvino, **Exposição de Romanos** (10.16), p. 374. A vocação eficaz do eleito “não consiste somente na pregação da Palavra, senão também na iluminação do Espírito Santo”. (J. Calvino, **As Institutas**, III.24.2)

⁶⁴⁶ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (SI 40.8), p. 228. “O ensino interno e eficaz do Espírito é um tesouro que lhes pertence de forma peculiar. (...) A voz de Deus, aliás, ressoa por intermédio do mundo inteiro; mas ela só penetra no coração dos santos, em favor de quem a salvação está ordenada.” [João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2 (SI 40.8), p. 229]

⁶⁴⁷ Vd. J. Calvino, **As Institutas**, I.9.3.

⁶⁴⁸ J. Calvino, **As Institutas**, III.21.3 (Sobre o testemunho do Espírito, Vd. **As Institutas**, I.7.4-5; I.9.3). Calvino pode com razão ser chamado de o teólogo da Palavra e do Espírito Santo. Schaff diz que a “teologia de Calvino está baseada sobre um perfeito conhecimento das Escrituras” (Philip Schaff, **History of the Christian Church**, Vol. VIII, p. 261). Murray, não isoladamente, declara: “Calvino tem sido corretamente chamado de o teólogo do Espírito Santo.” (John Murray, **Calvin as Theologian and Expositor**, p. 311). O primeiro a assim designá-lo foi o teólogo presbiteriano B.B. Warfield (1851-1921) (B.B. Warfield, **Calvin and Augustine**, Philadelphia, Presbyterian & Reformed Publishing, 1956, pp. 21-24,107 (Cf. Hendriksus Berkhol, **La Doctrina del Espiritu Santo**, Buenos Aires, Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial la Aurora (1969), p. 23; D.M. Lloyd-Jones, **Deus o Espírito Santo**, São Paulo, PES, 1998, p. 13; I. John Hesselink, **O Movimento Carismático e a Tradição Reformada**. In: Donald K. McKim, ed. **Grandes Temas da Tradição Reformada**, p. 339).

⁶⁴⁹ João Calvino, **Efésios** (Ef 4.17), p. 133.

⁶⁵⁰ João Calvino, **As Institutas**, IV.17.36. Calvino diz que quem rejeita o “magistério do Espírito” é desviado (João Calvino, **As Institutas**, I.9.1).

⁶⁵¹ João Calvino, **Exposição de Romanos**, (Rm 1.16), p. 58.

⁶⁵² João Calvino, **As Institutas**, III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

Esta purificação dá-se pela nossa obediência à Palavra de Deus, que é a verdade: **“Tendo purificado as vossas almas, pela vossa obediência à verdade...”** (1Pe 1.22).

A vida cristã, portanto, caracteriza-se pelo apego à Palavra vivificadora de Deus. O resultado disso é a glorificação de Deus por meio de nossa obediência. **“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (...). Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos”** (Jo 15.5,8).

A obra do Filho tem como meta a santificação do seu povo na verdade, que é a Palavra: **“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade (...) E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade”**, ora Jesus Cristo (Jo 17.17,19).

A Palavra do Espírito é eficaz neste propósito: **“Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes”** (1Ts 2.13). Devemos observar aqui que os tessalonicenses receberam a pregação de Paulo reconhecendo na sua mensagem a procedência de Deus. Pelo Espírito eles creram, “acolheram” a mensagem e, a partir de então, Deus continuou operando eficaz e poderosamente em suas vidas; notem bem, na vida dos que creram. O ouvir deve ser acompanhado pela fé (Vd. Hb 4.2).

Paulo, quando se despede dos presbíteros de Éfeso, entregando a Igreja aos seus cuidados, tem certeza da presença sustentadora e santificadora de Deus, operando pela sua Palavra. Ele diz: **“Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”** (At 20.32).

O nosso compromisso deve ser de desejar crescer conforme a operação eficaz do Espírito em nossos corações. **“... desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”** (Fp 2.12,13). **“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para salvação”** (1Pe 2.2).

O Espírito nos faz crescer espiritualmente, por meio do conhecimento de Deus. Contudo, só podemos conhecer a Deus mediante o Espírito da graça... **“Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”** (2Pe 3.18). Como temos falado, o conhecimento de Deus é resultado de sua misericórdia (Mt 11.27).

Como temos enfatizado, Deus fornece-nos todos os meios para o nosso crescimento; precisamos, portanto, aprender na própria Palavra, a nos valer desses meios: **“... pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que nos conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo”** (2Pe 1.3,4).

Recorro mais uma vez às contundentes palavras de D.M. Lloyd-Jones (1899-1981):

“É quando fitamos a face de Deus que percebemos a necessidade de santificação, e nos é exposto o meio pelo qual pode ser realizada a nossa santificação, e é função do Espírito fazê-lo. Ele nos conduz à Palavra, ele nos abre a Palavra, ele implanta em nossa mente, em nosso coração, em nossa vontade, ele nos revela o Senhor, e assim a nossa santificação, a nossa purificação prossegue dia após dia, semana após semana, ano após ano (...). Ele prosseguirá com isto até completar-se a obra, e seremos santos e irrepreensíveis em sua santa presença. Esta é a obra que o Senhor continua realizando em seu povo, a Igreja”.⁶⁵³

Deste modo, quando oramos, “seja feita a tua vontade”, estamos como que dizendo: *“Senhor, assim como tu me regeneraste pelo Espírito por meio da tua Palavra, continua agindo em mim, a fim de que eu seja conduzido a um conhecimento maior de ti e que este conhecimento me leve a, cada vez mais, te obedecer, desenvolvendo a minha salvação em santificação”*. Que Deus nos ajude. Amém.

7.7.1.3) A excelência da Palavra de Deus

As Escrituras apresentam diversos adjetivos que revelam a sublimidade da Palavra de Deus, alguns dos quais, pretendemos abordar de forma abreviada:

1. *Fidelíssima*

O salmista diz: **“Fidelíssimos são os teus testemunhos...”** (Sl 93.5). Outra vez: **“As obras de suas mãos são verdade e justiça; fiéis todos os seus preceitos. Estáveis são eles para todo o sempre, instituídos em fidelidade e retidão”** (Sl 111.7,8).

A Palavra de Deus é a expressão da fidelidade do seu autor; por isso, podemos descansar na sua Palavra, confiantes nas suas promessas: o que Deus prometeu haverá de cumprir; ele é fiel a si mesmo; na sua Palavra não há instabilidade! Ela permanece.

⁶⁵³ David M. Lloyd-Jones, *Vida no Espírito: no Casamento, no Lar e no Trabalho*, p. 133. (Vd. *Ibidem*, p. 126ss).

2. *Perfeita*

Davi: **“A lei do Senhor é perfeita...”** (Sl 19.7). Ela é completa, suficiente para todas as nossas necessidades, em todos os tempos, em todos os momentos e circunstâncias de nossa existência. A Palavra não precisa de complemento (Tg 1.25).

3. *Reta e Justa*

Davi exclama: **“Os preceitos do Senhor são retos...”** (Sl 19.8). Do mesmo modo, o salmista: **“... tenho por em tudo retos os teus preceitos todos...”** (Sl 119.128). **“Justo és, Senhor, e retos os teus juízos”** (Sl 119.137). **“... todos os teus mandamentos são justiça”** (Sl 119.172).

A Palavra de Deus não tem casuísmos, ela é sempre reta, justa, digna e fiel; os seus preceitos não comportam atitudes dúbias, atalhos; Deus age sempre conforme a retidão dos seus preceitos, que são decorrentes do seu caráter. Os critérios de Deus estão claramente registrados na sua Palavra; não há ambigüidade ou injustiça: Deus apresenta-nos um caminho de justa retidão para que, caminhando por ele, jamais nos tornemos repreensíveis. A justiça que Deus exige de nós consiste numa absoluta conformidade com a sua santa Lei.

4. *Verdadeira*

“São verdadeiros todos os teus mandamentos...”, reconhece o salmista (Sl 119.86). A Palavra de Deus não traz meias verdades, ela é a verdade absoluta de Deus para o homem. Ela é a própria verdade (Sl 119.142,151,160). A verdade de Deus é atemporal! Ela não está restrita a determinadas épocas, culturas ou classes sociais; permanece como a verdade verdadeira que perdura no tempo e se perenizará na eternidade.

5. *Ilimitadamente Perfeita e Eterna*

O salmista exulta: **“Tenho visto que toda perfeição tem seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado”** (Sl 119.96). **“Quanto às tuas prescrições, há muito sei que as estabeleceste para sempre”** (Sl 119.152). **“As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus justos juízos dura para sempre”** (Sl 119.160).

As “perfeições” humanas encontram o seu limite na própria limitação humana, bem como nos seus critérios; todavia, a Palavra de Deus é infinitamente perfeita, tal qual o seu autor. Esta perfeição ultrapassa os nossos critérios, a nossa lógica, a nossa vã filosofia... Só nos resta dizer como o salmista: **“o teu mandamento é ilimitado”** (Sl 119.96).

Não há analogia que possamos fazer com a Palavra de Deus sem que diminuamos a sua excelência; ela é ilimitada em sua perfeição, daí a sua perenidade e veracidade. Ela permanece para todo o sempre, não sendo alterada, nem precisando ser modificada, corrigida, diminuída ou suplementada

(Mt 5.18; 1Pe 1.25). Daí a exortação divina: **“Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando”** (Dt 4.2).

6. *Puríssima*

“Puríssima é a tua Palavra...” (Sl 119.140). A Palavra de Deus foi registrada por homens, que mesmo separados por Deus para esta tarefa, não deixaram de ser pecadores como nós o somos. Todavia, a Bíblia não traz em seus ensinamentos, preceitos pecaminosos; ela é puríssima, porque o seu registro foi preservado pelo Espírito Santo, bem como foi conservado puro até os nossos dias. Por isso, para nós, somente a Palavra de Deus é a fonte inerrante e infalível de todo o pensar e proceder cristão. Ela é pura, não sofreu influência dos desvios históricos no campo ético, filosófico, comportamental. A Bíblia, e somente ela, é a Palavra pura de Deus para todos os homens.

Baseado nestas e em outras excelências da Palavra de Deus é que o salmista declara: **“Admiráveis são os teus testemunhos, por isso a minha alma os observa”** (Sl 119.129). Este reconhecimento manifesta-se no seu respeito para com a Palavra: **“Meditarei nos teus preceitos, e às tuas veredas, terei respeito”** (Sl 119.15). E, também, encontra na retidão dos juízos de Deus motivo para ação de graças: **“Levanto-me à meia-noite para te dar graças, por causa dos teus retos juízos”** (Sl 119.62).

Muitas vezes nos acostumamos tanto com o fato de que possuímos a Bíblia, a Palavra de Deus, que não lhe tributamos o valor devido; Deus age por meio de sua Palavra; ela é a verbalização da excelência de Deus. Jamais poderemos orar “seja feita a tua vontade”, se não tivermos, primeiramente, um conceito claro da magnitude da Palavra de Deus. Consideremos este ponto e louvemos a Deus por sua Palavra, que ele tem preservado, e peçamos que ele mesmo, o autor da Palavra, nos dê o discernimento para compreendê-la e praticá-la, conforme a sua vontade.

7.7.1.4) *A praticidade da Palavra de Deus*

O escritor da Epístola aos Hebreus declara que **“... a Palavra de Deus é viva e eficaz”** (Hb 4.12). Ela não é uma verdade morta, que desperta curiosidade apenas por fazer parte do ossuário, das relíquias, da arqueologia ou da historiografia, sendo estudada unicamente como um exercício de reflexão histórica para a nossa mera curiosidade, ou, quem sabe, para entendermos como viviam os povos na Antigüidade... Não, a Palavra de Deus é uma verdade viva, que tem a mesma vivacidade de quando foi revelada por Deus aos seus servos, que a registraram inspirados pelo Espírito Santo. Ela continua com a mesma eficácia para os questionamentos existenciais do homem moderno.

Muitas vezes, o problema de nós, homens do século XXI – e até mesmo para muitos de nós cristãos, e digo isso com pesar –, é que amiúde, sem percebermos, trocamos os preceitos da Bíblia por conselhos de revistas, por modismos veiculados pelos meios de comunicação, pelo *modus vivendi* e *faciendi* contemporâneos; substituímos a Bíblia pela psicologia, filosofia, sociologia, antropologia e, até mesmo, astrologia, colocando-as como o nosso parâmetro de comportamento, em detrimento da inerrante, infalível Palavra de Deus, que é a verdade verdadeira, viva e eficaz de Deus para nós. Isto tudo nós fazemos, em nome de uma suposta “prática”, esquecendo-nos de que toda e cada parte do ensino bíblico é urgente e necessariamente prática, relevante para nós.

Quando adotamos esta “prática” destoante das Escrituras, cometemos uma total inversão de valores: assimilamos os conceitos humanos que, quando corretos, nada acrescentam à Palavra, mas que, na realidade, na maioria das vezes, estão totalmente equivocados, porque desconhecem a dimensão do eterno, os valores celestiais para a nossa vida aqui e agora e, por isso mesmo, apresentam ensinamentos mundanos, frutos de uma geração corrompida. Tais conceitos assumem na vida da Igreja um papel orientador! A Igreja, ao contrário disso, é chamada a ser uma antítese ativa contra os valores deste século; ela é convocada a viver a Palavra, a considerá-la como de fato é, a Palavra infalivelmente viva e eficaz para a nossa vida: A Palavra final de Deus para a nossa existência terrena.

A Bíblia não é um livro teórico, com regras ultrapassadas, circunscritas a épocas e culturas; antes, ela é um livro prático, que traz princípios preventivos e profiláticos para todos os problemas antigos, modernos e futuros. O problema é que, na História da humanidade, nenhum povo observou fielmente os mandamentos de Deus. Contudo, podemos notar que aqueles que, ainda que por um pouco de tempo da sua história, procuraram moldar a sua prática pela Palavra de Deus, colheram os frutos das promessas divinas, guardados para aqueles que lhe obedecem.

A Lei de Deus continua sendo o princípio norteador de toda a vida cristã;⁶⁵⁴ Deus continua ordenando que nós não adulteremos, não roubemos, não matemos, que honremos os nossos pais, que o adoremos com exclusividade... Por isso é que “entre todas as filosofias de vida, a única que nos orientará seguramente para agradá-lo tem de ser aquela ensinada na Bíblia”.⁶⁵⁵

Especialmente à luz do Salmo 119, meditemos um pouco sobre a praticidade da Palavra de Deus, analisando como ela permanece um guia prático e atual para todo o nosso pensar e agir.

⁶⁵⁴ “A vida cristã é integral; a fé cristã tem o que dizer acerca de cada esfera e cada aspecto da vida.”

(D.M. Lloyd-Jones, *Vida no Espírito: no Casamento, no Lar e no Trabalho*, p. 111)

⁶⁵⁵ R.P. Shedd, *Lei, Graça e Santificação*, São Paulo, Vida Nova, 1990, p. 90.

1. *Fortalece*

O salmista confessa e suplica a Deus: **“A minha alma de tristeza verte lágrimas: fortalece-me segundo a tua palavra”** (Sl 119.28). Nos momentos de angústia, dificuldade, quando temos a nítida consciência de nossa fraqueza, podemos buscar na Palavra de Deus a sua força que nos ampara e fortalece: a Palavra de Deus é um sustentáculo para todos nós. Por certo todos já tivemos esta experiência com Deus, de encontrar na sua Palavra a força para resistir às tentações, superá-las, para prosseguir em nossa caminhada, para dizer não ao pecado, às pressões, que muitas vezes querem nos distanciar de Deus e da sua Palavra.

A promessa de Deus permanece para sempre: **“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel”** (Is 41.10).

O salmista descreve a sua experiência: **“Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia”** (Sl 119.92).

Billy Graham ilustra este ensinamento citando um ex-prisioneiro da guerra do Vietnã, que narra como muitos americanos, que eram prisioneiros como ele, desenvolveram um sistema de código por meio do qual se comunicavam entre si, sem serem compreendidos pelos inimigos, passando seus nomes e números, bem como versículos bíblicos de que tinham lembrança. Muitos foram desta forma, sustentados pelo Espírito, por meio da Palavra, para que pudessem resistir àquele sofrimento.⁶⁵⁶

Quando Paulo estava preso, escreveu a Timóteo: **“Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos”** (2Tm 4.13). Paulo, na gélida e úmida prisão romana, desejava sua capa para aquecer o seu corpo (por isso pede a Timóteo que vá ter com ele antes do inverno (2Tm 4.21) e, mais do que isto, anelava ardentemente pelos seus livros (papiros?) e pergaminhos; aqueles (talvez) para escrever suas cartas, estes, os pergaminhos, provavelmente para se fortalecer com as porções do Antigo Testamento neles contidas. A sua confiança em Deus era evidente: **“Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram (...). Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios ouvissem; e fui libertado da boca do leão”** (2Tm 4.16,17).

A experiência do velho Paulo, prisioneiro, aparentemente derrotado, era de força, emanada daquele poder que não provém de homem algum; por isso,

⁶⁵⁶ Billy Graham, *O Espírito Santo*, São Paulo, Vida Nova, 1988, p. 48.

por entre as grades da prisão romana, encontramos o seu brado de vitória, amparado no poder fortalecedor de Deus: **“... aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece”** (Fp 4.11-13).

Paulo, temendo que os crentes efésios titubeassem em sua fé, em virtude do sofrimento do apóstolo, ora a Deus para que ele, pelo seu Espírito, fortalecesse a Igreja de Éfeso; o que de fato fez, por meio de sua Palavra. **“Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória. Por esta causa me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior”** (Ef 3.13-16).

Em outro lugar, ainda escrevendo aos efésios, após tratar do enchimento do Espírito Santo, bem como de suas manifestações na vida prática, Paulo vai descrever a nossa batalha espiritual contra as hostes demoníacas e, antes de adentrar o assunto, ora: **“Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder”** (Ef 6.10). (Vejam-se: Cl 1.11; 1Tm 1.12).

Meus irmãos, a nossa caminhada em santificação envolverá sempre a certeza de que Deus, por meio da sua Palavra, irá nos fortalecer; ela deve ser a nossa fortaleza em todos os momentos, em todas as tentações e desafios. Assim poderemos dizer como o salmista Davi: **“Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu!”** (Sl 40.17). E, desta forma, teremos a experiência da bem-aventurança proferida pelo salmista: **“Bem-aventurado o homem cuja força está em ti...”** (Sl 84.5).

Minha oração é que, em todos os nossos embates, nos lembremos sempre que a nossa força está em Deus e em sua Palavra. Por isso, podemos ter presente a certeza de que ele cumpre o seu propósito de santificação em nós, por meio do Espírito que age por intermédio da sua Palavra. Meditar na Palavra é uma forma de dizer: “seja feita a tua vontade”, pois Deus deseja que esta meditação se transforme em nossa prática de vida.

2. Firma os Nossos Passos

“Firma os meus passos na tua palavra...”, ora o salmista (Sl 119.133).

Um dos valores fundamentais do homem é a sua segurança; neste sentido, ele revela o senso de preservação da vida. O homem preza extremamente a sua segurança pessoal; embora, muitas vezes, neguemos este princípio com práticas que põem em risco a nossa segurança e a de nossos familiares. Toda-

via, o senso de preservação é inerente ao ser humano; os nossos reflexos apontam nesta direção.

Analisando um outro aspecto da palavra segurança, podemos observar que, quando estamos inseguros em relação a uma decisão que temos que tomar, ou mesmo em realizar determinadas tarefas, tudo se torna mais difícil... A insegurança e o medo criam fantasmas em nossas mentes, fazendo-nos olhar com lentes de aumento os problemas e, ao mesmo tempo, a ver as nossas possibilidades com pessimismo: os nossos problemas se configuram de forma mais grave do que a realidade e os nossos recursos se mostram menores do que de fato são.

É bem conhecida a observação feita por *Dom Quixote* ao seu leal amigo e escudeiro Sancho: “o medo que tens é que faz, Sancho, que nem vejas, nem ouças às direitas, porque um dos efeitos do medo é turvar os sentidos, e fazer que pareçam as coisas outras do que são”.⁶⁵⁷

Por certo, todos nós já nos deparamos com situações que nos deixam inseguros. Isto tende a acarretar em nós um estado de perplexidade e, com frequência, tendemos – talvez até por um instante apenas – a nos esquecer de quem é o nosso Deus. Quando isto ocorre, nos sentimos previamente derrotados. A Palavra de Deus é um meio de santificação, porque ela nos mostra como Deus nos firma os passos, nos conferindo segurança. Quando somos obedientes a Deus e à sua Palavra, não temos do que temer. Caminhar nos trilhos da Palavra é um motivo mais do que suficiente para a nossa segurança.

Analiseemos alguns exemplos bíblicos:

a) **Josué**, quando foi assumir de fato a liderança do povo de Israel, sabia das dificuldades que encontraria. Afinal, ele labutou com Moisés durante toda a caminhada de quarenta anos no deserto, viu toda aquela geração que partiu do Egito morrer no deserto, por causa da sua própria desobediência... Lembremo-nos de que, de todos os que saíram do Egito, apenas Josué e Calebe entraram na terra prometida. Josué conhecia o seu povo e, por certo, tinha em mente que a sua jornada não seria nada fácil, tendo como uma de suas primeiras missões, dentro de três dias, atravessar o rio Jordão (Js 1.11) e, em breve, conquistar a cidade de Jericó. No momento em que ele assumiu a liderança, Deus lhe diz: **“Tão-somente sê forte e mui corajoso, para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem sucedido por onde quer que andares. Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e**

⁶⁵⁷ Miguel Cervantes de Saavedra, *Dom Quixote de la Mancha*, São Paulo, Abril Cultural, 1.18, p. 100.

serás bem sucedido. Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares” (Js 1.7-9).

Sob a Palavra de Deus, Josué foi, e quando o povo se preparava para atravessar o rio Jordão, ele disse: **“Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós”** (Js 3.5). Aqui está o exemplo de um homem que confiava na Palavra de Deus, tendo os seus pés firmados nela.

b) **Davi**, analisando o circunstancial progresso e felicidade dos ímpios, fala a respeito do caminho dos justos, realçando a sua firmeza na Palavra de Deus. **“No coração tem ele a lei do seu Deus; os seus passos não vacilarão”** (Sl 37.31).

Meus irmãos, enquanto seguirmos a lei de Deus poderemos caminhar seguros. A Palavra de Deus firma os nossos passos. Davi narra a sua experiência: **“Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, dum tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos”** (Sl 40.1,2). Por isso, em outro lugar, ele pôde dizer: **“Firme está o meu coração, ó Deus! Cantarei e entoarei louvores de toda a minha alma”** (Sl 108.1).

Conforme mencionamos, Calvino acentua: “... tudo estará bem com os devotos servos de Deus, cuja incansável diligência é fazer progresso no estudo da lei divina.”⁶⁵⁸

c) **Asafe**, o salmista, apresenta um quadro ilustrativo da sua vida. Ele nos conta que quando os seus olhos começaram a se deslocar da contemplação da bondade de Deus para a caminhada dos arrogantes, invejando a prosperidade e aparente calma dos perversos (Sl 73.2-12), **“... quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos”** (Sl 73.3). Até que entrou no santuário de Deus e despertou do fascínio do progresso do ímpio que é ilusório e passageiro, e reconheceu: **“Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória (...). Deus é a fortaleza do meu coração”** (Sl 73.23,24,26). Quando tiramos os nossos olhos de Deus e da sua Palavra, tornamo-nos presas fáceis das armadilhas de nossas paixões. Devemos ser guiados pelo conselho de Deus, que é a fortaleza de nosso coração; jamais devemos permitir que os nossos olhos se desviem dos preceitos de Deus, porque senão os nossos pés vacilarão, seguiremos caminhos tortuosos, cujo fim é a morte (Pv 14.12; 16.25. Vd. Pv. 16.9; 20.24).

⁶⁵⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I (Sl 1.1), p. 50.

d) **Paulo** se constitui num exemplo eloqüente do que estamos falando; contudo, citaremos apenas a sua postura quando escreveu a Timóteo, consciente da proximidade de sua morte: **“... porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia”** (2Tm 1.12). Paulo, que caminhara durante todo o seu ministério sob os ditames da Palavra, no ocaso de sua existência terrena, permanecia confiante naquele que era o seu Senhor, na vida, na morte e na ressurreição. A Palavra de Deus firma os nossos passos, sempre! Não há terreno inseguro quando somos guiados por Deus.

A Palavra de Deus deve ser o nosso guia em todas as fases e circunstâncias de nossa caminhada: ela nos dirige e orienta na juventude e na velhice; de dia e de noite; no inverno, no verão, no outono e na primavera; em nossa vida profissional, estudantil, sentimental, familiar, etc. Quando seguimos os ditames da Palavra, não há quedas: **“Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço”** (Sl 119.165).

Quando oramos: “seja feita a tua vontade”, nós estamos de fato pedindo a Deus que nos dê coragem para caminhar nos seus preceitos, sabendo que neles não há desvios nem tropeços. Desta forma, estamos declarando que a Palavra de Deus é suficiente para as nossas necessidades, não sendo ultrapassada, e que não há situação em nossa vida em que precisemos de novas diretrizes. Que Deus nos capacite a cumprir os seus mandamentos e, ele mesmo, nos firme os passos, nos fazendo caminhar nas pegadas de Cristo: **“Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos”** (1Pe 2.21).

Paulo, no final de sua vida, como que deixando o seu testamento espiritual, escreve a Timóteo: **“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para ensino, (διδασκαλία)⁶⁵⁹ para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”** (2Tm 3.16).

Antes de continuarmos a meditar sobre a praticidade da Palavra de Deus, gostaria de fazer alguns comentários a respeito da declaração de Paulo. Entre outras verdades, neste texto, o apóstolo está nos dizendo que:

(1) Deus fala por meio da Escritura

Quando estudamos a Bíblia, devemos ter consciência de que temos em mãos a Palavra autoritativa de Deus. O nosso Deus não é um Deus distante, com o qual não possamos falar ou, hipótese pior, a quem não possamos ouvir.

⁶⁵⁹ A palavra significa “ato de ensino”, “instrução”, “treinamento”, podendo ser também empregada na forma passiva, indicando “aquilo que é ensinado”, “instrução”, “doutrina” (* Mt 15.9; Mc 7.7; Rm 12.7; 15.4; Ef 4.14; Cl 2.22; 1Tm 1.10; 4.1,6,13,16; 5.17; 6.1,3; 2Tm 3.10,16; 4.3; Tl 1.9; 2.1,7,10).

O Deus que habita em nós fala-nos por meio da sua Palavra; ela é a eterna Palavra para o nosso hoje existencial.

(2) A Escritura é plenamente inspirada

“**Toda a Escritura é inspirada**”. De Gênesis a Apocalipse, tudo o que foi registrado o foi pela vontade de Deus. Deste modo, a Escritura é plena e igualmente Palavra de Deus para nós. Todos os livros das Escrituras têm o mesmo valor, visto ser provenientes de Deus; são a sua Palavra.

Pedro, inspirado por Deus, escreve: “... **nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo**” (2Pe 1.20,21).

Deste modo, a autoridade das Escrituras não procede de homem algum, mas do próprio Deus; é Deus mesmo quem confirma a sua Palavra: “A Palavra não recebe a sua autoridade divina por meio da pessoa que a proclama; pelo contrário, ela a tem em si mesma”.⁶⁶⁰

(3) A Escritura é sobrenatural

Toda a Escritura procede de Deus. “... **homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo**” (2Pe 1.20,21). Por ter sido originada em Deus e produzir efeitos sobrenaturais, mediante a ação do Espírito Santo, em todos aqueles que crêem em Cristo. (Jo 17.17; Rm 10.17; Cl 1.3-6; 1Pe 1.23). É por meio da Palavra que Deus gera os seus filhos espirituais.⁶⁶¹

Conforme já dissemos, a Bíblia não foi registrada apenas para o nosso deleite espiritual; mas para que cumpramos os seus preceitos, dados pelo próprio Deus (Dt 29.29; Js 1.8; 2Tm 3.15,16; Tg 1.22); a Bíblia também não nos foi dada para satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa (Dt 29.29), que em geral ocasiona especulações esdrúxulas e facções; ela foi-nos concedida para que conheçamos o seu autor e, o conhecendo o adoremos e, o adorando, mais o conheçamos (Os 6.3; 2Pe 3.18).⁶⁶² A Bíblia foi-nos confiada a fim de que, mediante a iluminação do Espírito Santo,⁶⁶³ sejamos conduzidos a Jesus Cristo (Jo 5.39; Lc 24.27,44), sendo ele mesmo quem nos leva ao Pai (Jo 14.6-15; 1Tm 2.5; 1Pe 3.18) e nos dá vida abundante (Jo 10.10; Cl 3.4). Por isso, “ao

⁶⁶⁰ Ph. J. Spener, *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, Curitiba/São Bernardo do Campo, Encontrão Editora/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996, p. 39.

⁶⁶¹ Vd. J.M. Boice, o Pregador e a Palavra de Deus: In: James M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, São Paulo, Vida Nova, 1982, p. 162.

⁶⁶² Vd. Calvino, *As Institutas*, I.5.10; Agostinho, *Confissões*, 9ª ed. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1977, I.1.1. pp. 27-28; J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, especialmente, pp. 26-35.

⁶⁶³ Conforme já mencionamos, Calvino observou que: “Só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito. Daí a vocação interna, que só é eficaz no eleito e apropriada para ele, distingue-se da voz externa dos homens.” [J. Calvino, *Exposição de Romanos* (Rm 10.16), p. 374]. A vocação eficaz do eleito “não consiste somente na pregação da Palavra, senão também na iluminação do Espírito Santo” (J. Calvino, *As Institutas*, III.24.2).

estudarmos Deus, devemos procurar ser conduzidos a ele. A revelação nos foi dada com esse propósito e devemos usá-la com essa finalidade”.⁶⁶⁴

Justamente em virtude de a Escritura ser a Palavra procedente de Deus, plenamente inspirada, é que ela é “útil” (ὀφέλιμος (ophelimos): “proveitoso”) (2Tm 3.16). Esta declaração de Paulo conduz-nos ao ponto da sua praticidade, como temos analisado.

Calvino (1509-1564), comentando este passo sagrado (2Tm 3.16), diz:

“A Escritura é proveitosa.’ Segue-se daqui que é errôneo usá-la de forma inaproveitável. Ao dar-nos as Escrituras, o Senhor não pretendia satisfazer nossa curiosidade, nem alimentar nossa ânsia por ostentação, nem tampouco deparar-nos uma chance para invenções místicas e palavreado tolo; sua intenção, ao contrário, era fazer-nos o bem. E assim, o uso correto da Escritura deve guiarnos sempre ao que é proveitoso”.⁶⁶⁵

Logo, o uso jocoso e irreverente das Escrituras constitui-se num menosprezo do que Deus nos deu para a nossa instrução. A Bíblia é o nosso manual de salvação que se processa por meio da santificação! O seu emprego para quaisquer outros objetivos, por mais nobres que possam parecer aos nossos olhos, equivale a usá-la indignamente... “O fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso.”⁶⁶⁶ Este princípio é válido para todos os que sinceramente se aproximam da Palavra. Portanto, não negligencemos os benefícios provenientes da Palavra de Deus, a fim de não cairmos nas armadilhas de Satanás.⁶⁶⁷

3. *Ensina*

Deus deseja nos ensinar a sua vontade por intermédio da sua inerrante Palavra. Quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos declarando o nosso desejo de aprender a Palavra de Deus.

Muitas pessoas querem saber do seu futuro, o que as aguarda e se serão bem-sucedidas em seus projetos, buscando para isso orientação em cartas de baralho, jogo de búzios, em mapas astrais, por meio da necromancia, revelações sobrenaturais e “caixinhas de promessa”. Todavia, Paulo está dizendo

⁶⁶⁴ J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 15.

⁶⁶⁵ J. Calvino, *As Pastorais* (2Tm 3.16) p. 263. “Ponderem, por uns instantes, aqueles a quem isto se afigura áspero, quão tolerável lhes seja a impertinência, quando, porque lhes excede a compreensão, rejeitam matéria atestada de claros testemunhos da Escritura e inquinam de vício o serem a público trazidas coisas que, a não ser que houvesse reconhecido serem proveitosas de conhecer-se. Deus jamais haveria ordenado fossem ensinadas por meio de seus Profetas e Apóstolos. Ora, nosso saber não deve ser outra coisa senão abraçar com branda docilidade e, certamente, sem restrição, tudo quanto foi ensinado nas Sagradas Escrituras.” (João Calvino, *As Institutas*, I.18.4).

⁶⁶⁶ J. Calvino, *As Institutas*, I.14.4.

⁶⁶⁷ Vd. João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.14), p. 130.

que a Palavra de Deus é útil para o nosso ensino; não para fazer previsões, para ficar entregue aos nossos casuísmos interpretativos ou para satisfazer às nossas curiosidades pecaminosas... Ela é útil para o ensino. Deus quer nos falar por meio da sua Palavra.

Por isso, Paulo enfatiza a responsabilidade de Timóteo e Tito – como de todos os ministros de Deus – de meditar, preservar e ensinar a sã doutrina (1Tm 4.6,13,16; Tt 1.9; 2.1,7), pois, diz ele: **“... haverá tempo (καιρός)⁶⁶⁸ em que não suportarão a sã doutrina (διδασκαλία); pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”(μῦθος: lenda, mito) (2Tm 4.3,4).**

A Palavra de Deus nos ensina preventivamente. Cabe aos ministros de Deus ministrá-la fielmente, para que a Igreja seja aperfeiçoada em santidade e, assim, **“... não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina (διδασκαλία), pela artimanha (κυβεία)⁶⁶⁹ dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4.14).** Calvino, enfatiza que “Deus nos deu sua Palavra na qual, quando fincamos bem as raízes, permanecemos inamovíveis; os homens, porém, fazendo uso de suas invenções, nos extraviam em todas as direções.”⁶⁷⁰

Somente quando a Igreja se dispõe a aprender a Palavra ela pode, de fato, ter discernimento para interpretar corretamente os outros ensinamentos. **“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão**

⁶⁶⁸ A idéia da palavra é de “oportunidade”, “tempo certo”, “tempo favorável”, etc. (Vd. Mt 24.45; Mc 12.2; Lc 20.10; Jo 7.6,8; At 24.25; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15). Ela enfatiza mais o conteúdo do tempo. Este termo que ocorre 85 vezes no N.T. é mais comumente traduzido por “tempo”, surgindo, então, algumas variantes, indicando a idéia de oportunidade. (Assim temos [Almeida Revista e Atualizada]: **Tempo e tempos**: Mt 8.29; 11.25; 12.1; 13.30; 14.1; Lc 21.24; At 3.20; 17.26; **Devídos tempos**”: Mt 21.41; **Tempo determinado**”: Ap 11.18; **Momento oportuno**”: Lc 4.13; **Tempo oportuno**”: Hb 9.10; 1Pe 5.6; **Oportunidade**: Lc 19.44; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15; **Devido tempo**: Lc 20.10; **Presente**: Mc 10.30; Lc 18.30; **Circunstâncias oportunas**”: 1Pe 1.11; **Algun tempo**: Lc 8.13; **Hora**: Lc 8.13; 21.8; **Época**: Lc 12.56; At 1.7; ITs 5.1 (Χρόνων καὶ τῶν καιρῶν); 1Tm 6.15; Hb 9.9; **Ocasão**: Lc 13.1; 2Ts 2.6; 1Pe 4.17; **Estações**: At 14.17; **Vagar**: At 24.25; **Avançado**: Hb 11.11).

No texto que estamos analisando, Paulo está dizendo que aquelas pessoas que hoje ouvem a Palavra com interesse e avidéz poderão não ouvir em outras épocas ou circunstâncias, daí a nossa responsabilidade de anunciar a Palavra de Deus e o nosso senso de urgência...

⁶⁶⁹ κυβεία (kybeia) (só ocorre aqui em todo o Novo Testamento), palavra que vem de κύβος, astúcia, dolo, que, passando pelo latim, *cubus*, chegou a nossa língua como *cubos*, dados. Significa a habilidade para manipular os dados, usando de truques para iludir e persuadir. Paulo emprega a palavra figuradamente para se referir ao homem que usa de todos os seus truques para enganar, dar pistas erradas e driblar; revelando aqui a habilidade de um jogador profissional sem escrúpulos, que obviamente quer levar vantagem a qualquer preço.

⁶⁷⁰ João Calvino, **Eféios**, (Ef 4.14), pp. 128, 129.

da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos (διδασκαλία) de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência” (1Tm 4.1,2).

Com demasiada freqüência, nós procuramos na Palavra apenas uma confirmação de nossos intentos, de nossos propósitos; queremos apenas que ela nos diga o que desejamos ouvir. Contudo, a observação de Paulo permanece: Toda a Escritura é proveitosa para o ensino... **“Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino (διδασκαλία) foi escrito...”** (Rm 15.4). Precisamos ter a “santa modéstia” de deixar que as Escrituras corrigiam a nossa teologia e a nossa prática.

Por outro lado, vemos também a responsabilidade dos Ministros: Usar a Palavra dentro do propósito para a qual ela nos foi dada. Calvino (1509-1564), pastoralmente orienta: “Deus mesmo não desce do céu para nós, nem diariamente nos envia mensageiros para que publiquem sua verdade, senão que usa as atividades dos pastores, a quem destinou para esse propósito.”⁶⁷¹ “... Em relação aos homens, a Igreja mantém a verdade porque, por meio da pregação, a Igreja a proclama, a conserva pura e íntegra, a transmite à posteridade.”⁶⁷²

Calvino entendia que “a verdade, porém, só é preservada no mundo por meio do ministério da Igreja. Daí, que peso de responsabilidade repousa sobre os pastores, a quem se tem confiado o encargo de um tesouro tão inestimável!”⁶⁷³ Escrevendo a Cranmer (jul/1552?) diz: “A sã doutrina certamente jamais prevalecerá, até que as igrejas sejam melhor providas de pastores qualificados que possam desempenhar com seriedade o ofício de pastor.”⁶⁷⁴

⁶⁷¹ João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 3.15), p. 97.

⁶⁷² João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 3.15), p. 98. Vd. também, *As Institutas*, IV.1.5. Do mesmo modo, Lloyd-Jones: “O pastor é aquele a cujos cuidados são confiadas almas. Não é apenas um homem fino e agradável que visita as pessoas, toma uma chávena de chá com elas à tarde ou se entretém com elas. Ele é o guardião, o vigia, o preceptor, o organizador, o diretor, que governa o rebanho. O mestre ministra instrução na doutrina, na verdade.” (David M. Lloyd-Jones, *A Unidade de Cristã*, p. 167).

⁶⁷³ João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 3.15), p. 97. Comentando sobre a necessidade do bispo ser apegado à Palavra fiel, diz: “Este é o principal dote do bispo que é eleito especificamente para o magistério sagrado, porquanto a Igreja não pode ser governada senão pela Palavra”. [J. Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.9), p. 313]. Vd. também, *As Institutas*, IV.1.5; João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.12), pp. 124, 125. “A erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados.” (João Calvino, *As Institutas*, IV.3.11). “Não se requer de um pastor apenas cultura, mas também inabalável fidelidade pela sã doutrina, ao ponto de jamais apartar-se dela” [J. Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.9), p. 313].

⁶⁷⁴ Calvin to Cranmer, *Letter 18*. In: *John Calvin Collection*. The AGES Digital Library, 1998. Do mesmo modo, *Letters of John Calvin*, Selected from the Bonnet Edition, pp. 141, 142.

Toda a Escritura é útil para o ensino. Queremos aprender com Deus? Desejamos fazer a vontade de Deus? Estamos dispostos de fato a ouvir a sua voz? (Observe bem: estamos dizendo a sua voz; a voz de Deus, não a nossa). Se a sua resposta for não, confesso não ter argumentos para convencê-lo da oportunidade que você está deixando escapar, contudo, o que posso reafirmar é que Deus se revelou na sua Palavra, para que possamos ser conduzidos a Cristo, aprendendo dele a respeito de si mesmo, de nós e do significado de todas as coisas... Portanto, ele deseja nos ensinar.

Caso a sua resposta seja sim, então, você de fato pode orar, “seja feita a tua vontade”. Peça, então, a Deus que continue a orientá-lo, que o ilumine para compreender a sua Palavra, e ele o fará por intermédio do seu Espírito. Oremos, pedindo a Deus que ele mesmo nos ensine a sua Palavra, desvendando os nossos olhos para entendê-la e praticá-la.

4. *Repreende*

“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para (...) a repreensão (ἐλεγχμός ou ἐλέγχω)⁶⁷⁵ ...” (2Tm 3.16).

Paulo está dizendo que a Escritura Sagrada, que é plenamente inspirada e provém de Deus, é útil para o ensino e também para corrigir, para refutar o erro e repreender o pecado. O termo usado aqui para “repreensão” já possuía um rico emprego na literatura secular,⁶⁷⁶ significando, de modo especial:

a) A exposição lógica e objetiva dos fatos de uma matéria, com o objetivo de refutar os argumentos de um oponente; daí a idéia de refutar e convencer.

b) A correção do modo de viver dos homens, feita pela consciência, pela verdade ou por Deus.

Uma idéia embutida na palavra grega é a de evidenciar o erro, expô-lo e trazê-lo à luz, objetivando corrigi-lo. Há na palavra o sentido de “disciplina educativa”; a educação e a correção devem caminhar juntas (Pv 3.11,12; Hb 12.5; Ap 3.19).

Neste sentido, Paulo está falando que a Palavra de Deus, justamente por ser perfeita, evidencia o nosso pecado para que, em submissão a Deus, possamos corrigi-lo.

Quando de fato buscamos nas Escrituras orientação para a nossa vida, descobrimos também que ela nos mostra os nossos erros; ela traz luz à nossa conduta que, muitas vezes, está manchada, pois, às vezes, nos acomodamos

⁶⁷⁵ As duas palavras encontram boa base documental: ἐλεγχμός: “convicção”, “repreensão”, “castigo” ou ἐλέγχω: “trazer à luz”, “expor”, “demonstrar”, “convencer”, “persuadir”, “punir”, “disciplinar”.

⁶⁷⁶ Vd. H.M.F. Büchsel, Ελέγχω: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**. Vol. II, p. 475; H.G. Link, Culpa: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Vol. I, p. 572.

com este ou aquele pecado, visto ser “normal” dentro do mundo em que vivemos. Entretanto, Paulo nos chama a atenção para o fato de que as Escrituras são úteis para nos corrigir segundo o modelo divino. Notem bem: segundo o modelo divino.

O padrão da correção das Escrituras é o padrão de Deus, não um modelo de uma época ou cultura. Toda cultura tem um padrão de homem ideal; a “recompensa” e as “repreensões” são o resultado social do preenchimento destes objetivos, que variam de época para época e de povo para povo. Entretanto, Deus nos corrige por meio da sua Palavra, não para que nos moldemos ao “homem ideal de uma época”, mas para que sejamos conforme seu Filho, que é o modelo de todos os eleitos de Deus: **“Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”** (Rm 8.29).

Meditando sobre a repreensão de Deus, Elifaz diz a Jó: **“Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina (LXX: ἐλέγχω) do Todo-Poderoso”** (Jó 5.17).

De semelhante modo, instrui Salomão: **“Filho meu, não rejeites a disciplina do Senhor, nem te enfades de sua repreensão (LXX: ἐλέγχω). Porque o Senhor repreende (LXX: ἐλέγχω) a quem ama, assim como o Pai ao filho a quem quer bem”** (Pv 3.11,12).

O escritor da Epístola aos Hebreus repete este texto, acrescentando que **“... o Senhor corrige (ἐλέγχω) a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe”** (Hb 12.5).

No livro de Apocalipse, encontramos a declaração explícita de Jesus Cristo à Igreja de Laodicéia: **“Eu repreendo (ἐλέγχω) e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te”** (Ap 3.19).

Por isso, Paulo recomenda a Timóteo que pregue a Palavra, porque ela de fato é útil para a correção: **“Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige (ἐλέγχω), repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina”** (2Tm 4.2).

Analisando a força dos nossos argumentos contra aqueles que se opõem à doutrina, Paulo nos mostra que o poder de persuasão repousa na Palavra; por isso, ele declara que os ministros devem ser **“apegados à palavra fiel que é segundo a doutrina, de modo que tenham poder, assim para exortar pelo reto ensino como para convencer (ἐλέγχω: “reprovar”) os que contradizem”** (Tt 1.9).

Em outro lugar, Paulo insiste com Tito para que repreenda os falsos mestres, a fim de que eles tenham uma fé sadia: **“Portanto, repreende-os (ἐλέγχω) severamente para que sejam sadios na fé”** (Tt 1.13).

Como pudemos notar, a palavra usada por Paulo para “repreensão” tem também o sentido de convencer alguém dos seus erros.⁶⁷⁷ Deste modo, a Escritura deve ser pregada, porque é por meio dela que o Espírito convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Foi neste sentido que Jesus disse: **“... Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier vencerá (ἐλέγξω) o mundo do pecado, da justiça e do juízo”** (Jo 16.7,8). A ação do Espírito tem um duplo efeito: convence os homens de seus pecados, conduzindo-os ao arrependimento, a fim de que sejam salvos pela justiça de Cristo (1Co 1.30)⁶⁷⁸ e, também, há no texto de Jo 16.8 a idéia de que ele mostrará aos homens, para a sua própria condenação, que eles estavam errados em relação à pessoa e obra de Cristo.⁶⁷⁹ Aqui podemos falar do “ofício judicial do Espírito”⁶⁸⁰. Esta ação do Espírito redundará na salvação de uns e na condenação de outros.

Do que analisamos neste tópico, podemos extrair algumas lições:

1) A Palavra de Deus é útil para evidenciar o nosso erro, mostrando-nos o paradigma definitivo que é Cristo Jesus;

2) Deus nos deu a sua Palavra para nos guiar e repreender. A repreensão do Senhor indica a nossa não-conformidade com a sua Palavra e revela também o seu amor por nós. Devemos, portanto, nos entristecer com o nosso pecado e nos alegrar com a repreensão amorosa do Senhor.

3) Devemos pregar a Palavra, entendendo que Deus convence o mundo, agindo pelo Espírito por meio da Palavra. Deste modo, a força de nossa argumentação não está em nossa sabedoria, mas, sim, em pregar a Palavra com fidelidade e autoridade. Por isso, Paulo fala ao jovem Tito: **“Dize estas coisas; exorta e repreende (ἐλέγξω) também com toda a autoridade. Ninguém te despreze”** (Tt 2.15).

4) A repreensão de Deus, conforme as Escrituras, visa a nossa restauração espiritual.

5) Quando oramos “seja feita a tua vontade” estamos declarando o nosso desejo de que Deus nos oriente pela sua Palavra, e, também, estamos reconhe-

⁶⁷⁷ Sentido bem parecido ao que fora dado por alguns filósofos gregos, tais como: Platão (*O Sofista*, 242b; *Górgias*, 470c) e Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1146a 23).

⁶⁷⁸ Não é demais lembrar que “A graça de Deus vem a nós não porque Deus revela o fato de a sua lei ser quebrada por nós, mas porque a sua lei foi plenamente satisfeita pelos atos de justiça que Cristo fez a nosso favor (...). Ele cumpriu perfeitamente a lei de Deus” (A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 56-57. Vd. também, *Ibidem*, pp. 15 e 31).

⁶⁷⁹ Vd. G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Juan*, Grand Rapids, Michigan, SLC, 1981, pp. 596-597; Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, pp. 13-15.

⁶⁸⁰ H.M.F. Büchsel, *Ελέγξω*: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. 11, p. 474.

cendo, nas Escrituras, um espelho que reflete o ideal de Deus para nós e revela as nossas imperfeições, que precisam ser corrigidas. Deste modo, pelo Espírito, admitimos com tristeza os nossos pecados e anelamos aprender do Pai amoroso a sua vontade. Calvino, comentando o Salmo 50, diz: “Aqueles que têm desprezado a correção, e se têm empedernido contra a instrução, prepararam-se para precipitar-se a todo excesso que o desejo corrupto ou o mau exemplo possa sugerir”.⁶⁸¹

6) Por inferência, podemos também dizer que o critério de correção de nossos filhos deve estar sempre fundamentado nos princípios bíblicos, visto ser a Escritura útil para o ensino e repreensão.

5. Corrige

“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para (...) a correção (ἐπιανόρθωσις), para a educação na justiça” (2Tm 3.16).

No item anterior, enfatizamos que a Escritura é útil para nos repreender, mostrar os nossos erros, convencendo-nos da estultícia de nossos pecados. Agora queremos enfatizar um aspecto positivo do ensinamento de Paulo: ele nos diz que a Escritura é útil para a nossa correção. A palavra empregada por Paulo para correção só ocorre aqui em todo o Novo Testamento e mesmo na Septuaginta. Ela tem o sentido de: “restaurar”, “corrigir”, “emendar”, “melhorar”, “aprimorar”, “endireitar”, “restabelecer”.⁶⁸²

Paulo está nos mostrando que, ao mesmo tempo que as Escrituras evidenciam os nossos pecados, nos convencendo de nossos erros, ela também é útil para nos conduzir positivamente a uma atitude correta. Deus, por meio da sua Palavra, nos mostra uma vereda reta, um caminho seguro para que possamos seguir de forma consciente, a fim de que, abandonando os nossos pecados, possamos ser restaurados à comunhão com ele.

Desta forma, nestas duas palavras “repreensão” e “correção”, encontramos duas fases de nossa vida, a primeira nos conduz ao arrependimento; a segunda à reconstrução de novos valores, conforme aprendidos das Escrituras, por meio de mente transformada (Rm 12.1,2).

6. Educa na Justiça

6.1. O sentido de educar

Paulo diz que **“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para (...) a educação (παιδεία) na justiça” (2Tm 3.16).**

⁶⁸¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (Sl 50.17-20), p. 415.

⁶⁸² Aristóteles (384-322 a.C.) emprega a palavra referindo-se aos amigos que “são passíveis de reforma” (*Ética a Nicômaco*, 1165b 19). No livro apócrifo de 1Mac 14.34, refere-se ao estabelecimento dos judeus em Gazara.

A palavra παιδεία (da qual vem a nossa “pedagogia”) significa “educação das crianças”, e tem o sentido de treinamento, instrução, disciplina, ensino, exercício, castigo.

Cada cultura tem o seu modelo de homem ideal e, portanto, a educação visa formar esse homem, a fim de atender às expectativas sociais. Paulo sabia muito bem disso; ele mesmo declarou durante a sua defesa em Jerusalém que fora instruído por Gamaliel, o grande mestre da Lei. **“Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído (παιδεύω) aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados...”** (At 22.3).

De igual modo, Estevão, descrevendo a vida de Moisés, fala de sua formação, declarando: **“E Moisés foi educado (παιδεύω) em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras”** (At 7.22).

Se olharmos ainda que de relance o tipo de formação desde a Antigüidade, poderemos constatar que o seu ideal variava de povo para povo e, até mesmo, de cidade para cidade, daí a diferença entre os “*currículos*”, visto que este é o caminho, a “*corrida*” para se atingir o objetivo proposto⁶⁸³. Assim, temos, ainda que, grosso modo, diversas perspectivas educacionais:

→ **CHINA:** A educação visava conservar intactas as tradições: A originalidade era proibida.

→ **EGITO:** Preparar o educando para uma vida essencialmente prática, que o levasse ao sucesso neste mundo e, por meio de determinados ritos, alcançasse o favor dos deuses, e a felicidade no além.

→ **ESPARTA:** Homens guerreiros, mas que fossem totalmente submissos ao Estado.

→ **ATENAS:** Treinamento competitivo entre os homens a fim de formar cidadãos maduros física e espiritualmente.

→ **PLATÃO** (427-347 a.C.): Formar, basicamente por meio da música e da ginástica, homens capazes de vencer a injustiça reinante.⁶⁸⁴

→ **OS SOFISTAS:**⁶⁸⁵ Pedagogia elitizada,⁶⁸⁶ propícia e adequada

⁶⁸³ “*Currículo*” é uma transliteração do latim “*curriculum*” que é empregado tardiamente, sendo derivado do verbo “*currere*”, “*correr*”. “*Curriculum*” tem o sentido próprio de “*corrida*”, “*carreira*”; um *sentido particular* de “*luta de carros*”, “*corrida de carros*”, “*lugar onde se corre*”, “*hipódromo*” e um *sentido figurado* de “*campo*”, “*atalho*”, “*pequena carreira*”, “*corte*”, “*curso*”.

A palavra currículo denota a compreensão que ele não é um fim em si mesmo; é apenas um meio para atingir determinado fim. [Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Propósito da Alteração do Currículo dos Seminários Presbiterianos*, São Paulo, 1997, p. 8ss. (Trabalho não publicado)]

⁶⁸⁴ Platão, *A República*, 376 e ss. p. 86ss.

⁶⁸⁵ A palavra “*sofista*” provém do grego Σοφιστής, que é derivada de Σοφός (“*sábio*”). Originariamente, ambas as palavras eram empregadas com uma conotação positiva. É importante lembrar que foram os próprios sofistas que se designaram assim.

⁶⁸⁶ “Já desde o começo a finalidade do movimento educacional comandado pelos sofistas não era a

apenas a quem pudesse pagá-los. O seu objetivo era convencer, persuadir o seu oponente independentemente da veracidade do argumento.⁶⁸⁷

→ **ARISTÓTELES** (384-322 a.C.): Formar homens moderados, que tivessem zelo pela ética e estética.⁶⁸⁸

→ **RENASCENÇA**: Formar homens eruditos que soubessem ler e escrever em grego e latim, tendo um estilo erudito, que pudessem contribuir para a criação do novo, tendo o homem como “medida de todas as coisas”.

→ **ATUALIDADE**: Formar homens competitivos, que alcancem o sucesso a qualquer preço. É claro que isto sofrerá alterações em cada área de estudo e, também, será diferente entre os países, contudo, esta visão geral nos parece pertinente.

Retornando ao ensino bíblico, perguntamos: E nós, que tipo de homens somos? Que tipo de formação temos dado aos nossos filhos? Que tipo de formação a Igreja tem proporcionado à infância e à juventude? Que modelo temos apresentado? Notemos que Paulo nos diz: **“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino (διδασκαλία), para a repreensão, para a correção, para a educação (παιδεία) na justiça”** (2Tm 3.16). Portanto, o Deus da Palavra quer nos educar para que sejamos sábios, conforme a sua sabedoria. A sabedoria consiste na obediência a Deus; é loucura a desobediência. A educação, segundo a perspectiva bíblica, visa formar homens obedientes à Palavra de Deus, que vivam em santidade. “Portanto, em nosso curso de ação, deve-se nos ter em mira esta vontade de Deus que ele declara em sua Palavra. Deus requer de nós unicamente isto: o que ele preceitua. Se intentamos algo contra o seu preceito, obediência não é; pelo contrário, contumácia e transgressão.”⁶⁸⁹

Parece-nos que é neste sentido que Salomão diz: **“O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino (LXX: παιδεία)”** (Pv 1.7; Vd. Pv. 9.10; 15.33; Sl 111.10). **“Ouvi o ensino (LXX: παιδεία), sede sábios, e não o rejeites”** (Pv 8.33).

A educação significa também “disciplina”. Deus muitas vezes usa este recurso para nos educar, a fim de que sejamos salvos. Paulo diz: **“Mas, quan-**

educação do povo, mas a dos chefes. No fundo não era senão uma nova forma da educação dos nobres (...). Os sofistas dirigiam-se antes de mais nada a um escol, e só a ele. Era a eles que acorriam os que desejavam formar-se para a política e tornar-se um dia dirigentes do Estado.” (Werner Jaeger, **Paidéia: A Formação do Homem Grego**, 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 236).

⁶⁸⁷ Vd. Platão, **Teeteto**, 166c-167d; **Sofista**, 231d; **Mênon**, 91c-92b; **Fedro**, 267; **Protágoras**, 313c; 312a; **Crátilo**, 384b; **Górgias**, 337d; **A República**, 336b; 338c.

⁶⁸⁸ Aristóteles, **Ética a Nicômaco**, São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, V.2, 1130b 26-27, p. 324

⁶⁸⁹ João Calvino, **As Institutas**, I.17.5.

do julgados, somos disciplinados (παιδεύω) pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1Co 11.32).

Na educação divina (disciplina), vemos estampada a sua graça que atua de forma pedagógica: **“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos (παιδεύω) para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 1.11,12), e o seu amor. Jesus disse: “Eu repreendo (ἐλέγχω) e disciplino (παιδεύω) a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te” (Ap 3.19).** Aqui, como em outros textos, percebemos a ligação entre a repreensão e a disciplina (educação) operada por Deus naqueles a quem ele ama.

Moisés, compreendendo bem a “didática” de Deus, diz ao povo: **“Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar (ηφνφ),⁶⁹⁰ para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou (ηφνφ), e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem” (Dt 8.2,3. Do mesmo modo, Dt 8.16) (Vd. Sl 102.23; Is 64.12; Lm 3.33).**

O salmista narra a sua experiência: **“Foi-me bom ter eu passado pela aflição (ηφνφ), para que aprendesse os teus decretos” (Sl 119.71).** As aflições corretamente compreendidas podem ser instrumentos utilíssimos para a prevenção e correção de nossos desvios espirituais.

O que a Palavra de Deus nos mostra, e por certo temos confirmado isto em nossa experiência, é que buscamos a Deus mais intensamente em meios às aflições: **“Estou aflitíssimo (ηφνφ), vivifica-me, Senhor, segundo a tua palavra” (Sl 119.107). “Antes de ser afligido (ηφνφ) andava errado, mas agora guardo a tua palavra” (Sl 119.67).**

O coração contrito – demonstra Moisés – aprende com a disciplina do Senhor e se alegra por Deus tê-lo afligido: **“Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido (ηφνφ), por tantos anos quantos suportamos a adversidade” (Sl 90.15).**

⁶⁹⁰ A palavra hebraica (ηφνφ) (‘ānāh) tem o sentido de “aflito”, “oprimido”, com o sentimento de impotência, consciente de que o seu resgate depende unicamente da misericórdia de Deus. Esta palavra é contrastada com o orgulho, que se julga poderoso para resolver todos os seus problemas, relegando Deus a uma posição secundária, sendo-lhe indiferente.

ηφνφ (‘ānāh) apresenta também a idéia de ser humilhado por outra pessoa (Gn 16.6; 34.2; Êx 26.6; Dt 22.24,29; Jz 19.24; 20.5).

O desejo de Deus é a restauração de seus filhos. Neste sentido, Paulo recomenda ao jovem Timóteo como deveria agir com aqueles que se opunham à mensagem do Evangelho: **“Disciplinando (παιδεύω: “ensinando”, “instruindo”) com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade”** (2Tm 2.25,26).

A Palavra de Deus visa formar homens tementes a Deus, sensíveis à sua Palavra, atentos aos seus ensinamentos (Hb 12.5-13). Quando oramos, *“seja feita a tua vontade”* estamos declarando o nosso desejo de que Deus nos apri-more, nos treine, nos ensine e nos capacite a fazer a sua vontade.

6.2. O sentido de justiça

“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para (...) a educação (παιδεία) na justiça (δικαιοσύνη)” (2 Tm 3.16).

Temos visto que a palavra “educação” (παιδεία) significa “educação das crianças”, e tem o sentido de treinamento, instrução, disciplina, ensino, exercício. Vimos também que o ideal de Deus para a nossa formação é nos fazer “sábios”. Ser sábio conforme a sabedoria de Deus é o mesmo que ser educado na justiça (2Tm 3.16). Ou, como disse Calvino (1509-1564): “Instrução na justiça significa instrução numa vida piedosa e santa”.⁶⁹¹ Paulo está nos dizendo que a Escritura é útil para o nosso treinamento na justiça. Aqui algumas perguntas se configuram como de suma importância para a continuação de nossa meditação: O que significa justiça? Qual o sentido da palavra empregada por Paulo? E, qual o sentido bíblico desta justiça?

1) O significado da palavra justiça

a) Na literatura secular

Analisando o substantivo δικαιοσύνη dentro do seu emprego secular, observamos que ele significava, originalmente, uma atribuição concedida por Zeus (deus grego) aos homens, aos quais, diferentemente dos animais, fora conferida a capacidade de agir justamente, a fim de poderem viver em sociedade. A palavra evoluiu, tomando outros sentidos, tais como: (a) A estrutura do Estado, que visa o acordo e a amizade. Para Platão (427-347 a.C.) a δικαιοσύνη é fundamental ao Estado e à alma humana.⁶⁹² Ainda que nesta

⁶⁹¹ J. Calvino, *As Pastorais* (2Tm 3.16), p. 264.

⁶⁹² Platão, *A República*, 369a; 443a ss; *Fédon*, 82a-b. Em Demócrito a “justiça” tem um sentido ético, sendo melhor sofrer a “injustiça” do que praticá-la (Vd. Frags. 45, 174). Da mesma forma entende Platão (*Górgias*, 489a-b). Quanto ao emprego desta palavra na literatura grega, vejamos: G. Schrenk, δικαιοσύνη, etc: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. II, p. 192-195; H. Seebass, Justiça: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. II, p. 526-528; F.E. Peters. *Termos Filosóficos Gregos: um léxico histórico*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian [1983], pp. 53-55.

existência a vida dos justos nem sempre seja tranqüila, aqui e no além os deuses se lembrarão deles.⁶⁹³ **(b)** A principal das virtudes humanas, que se manifesta, também, na obediência às leis do Estado. Esta virtude é útil na paz e na guerra.⁶⁹⁴

A palavra também passou a significar a qualidade do homem justo, que se harmonizava com os padrões de sua sociedade, cumprindo suas obrigações para com os deuses e para com os homens. Sendo este homem “δικαιος”, isto é, “justo”, “reto”. Esta concepção traz de volta a questão da educação: Dentro desta perspectiva grega, a educação na justiça significa preparar o homem para que se harmonize com os valores da sua época, do seu povo, da sua cultura.

b) No sentido bíblico

A palavra “justiça” adquire na Bíblia o sentido de “retidão”. Proceder justamente significa agir conforme o caráter de Deus, aquele que é justo absolutamente: “... Deus é fidelidade, e não há nele injustiça: é reto e justo (LXX: δικαιος)” (Dt 32.4).

O Antigo Testamento, indicando a justiça de Deus manifesta em seu Reino, declara, numa linguagem figurada, que: **“Justiça (LXX: δικαιοσύνη) e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem”** (Sl 89.14). A justiça é o fundamento do seu governo: **“... Justiça (δικαιοσύνη) e juízo são a base do seu trono”** (Sl 97.2).

Deste modo, o nosso “treinamento na justiça” indica a nossa busca por um comportamento semelhante ao modelo de Deus. A educação que Deus nos dá por meio da sua Palavra visa ao nosso envolvimento, ao nosso compromisso com os seus preceitos. Portanto, o nosso treinamento na justiça envolve questões que estão intimamente relacionadas; analisemos algumas delas, começando pela relação entre o Messias e a Justiça:

2) A justiça do Messias

O Antigo Testamento refere-se ao Messias que viria como aquele que agiria com justiça, e o Novo Testamento atesta a realidade do cumprimento histórico do que fora dito. No Antigo Testamento lemos as profecias messiânicas: **“Para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça (LXX: δικαιοσύνη) desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos fará isto”** (Is 9.7). **“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo (LXX: δικαιος) e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”** (Zc 9.9).

⁶⁹³ Platão, **A República**, 613a-b. Quanto à posição dos Sofistas, Vd. Platão, **Górgias**, 483a-484a; Platão, **A República**, 338c.

⁶⁹⁴ Aristóteles, **Ética a Nicômaco**, V.I. 1129 b 11; **Arte Retórica**, 1.9.7.

No Novo Testamento, na iminência da condenação de Jesus, a mulher de Pilatos, Cláudia Prócula, manda-lhe um recado: “... **Não te envolvas com esse justo** (δικαίος); **porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito**” (Mt 27.19). Ao apresentar o modo como morreu nosso Senhor, um centurião, glorificando a Deus, exclamou: “**Verdadeiramente, este homem era justo** (δικαίος)” (Lc 23.47).

Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, Pedro, no seu discurso diante do povo, demonstra que eles escolheram libertar um criminoso (Barrabás) em vez de Jesus Cristo, contra quem não havia acusação real: “**Vós, porém, negastes o Santo e o Justo** (δικαίος), **e pedistes que vos concedessem um homicida**” (At 3.14). Anos mais tarde, na sua primeira Epístola, Pedro escreveria: “... **Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo** (δικαίος) **pelos injustos** (ἄδικος = “ímpio”, “desonesto”⁶⁹⁵)...” (1Pe 3.18).

As Escrituras nos ensinam que Jesus Cristo, a nossa justiça, é a própria justiça de Deus; e que o seu ministério consistiu em cumprir a obra que o Pai lhe confiara, em favor de todo o seu povo (Jo 17.4). A sua obra foi realizada retamente, em harmonia com o “Conselho da Trindade” (Ef 1.11). Por isso, o escritor da carta aos Hebreus pôde dizer: “**Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado**” (Hb 4.15). John Murray (1898-1974) diz corretamente que:

“A única justiça concebível que satisfará as necessidades da nossa situação como pecadores e que satisfará as exigências de uma plena e irrevogável justificação é a justiça de Cristo. Esta afirmação implica a sua obediência e, portanto, a sua encarnação, morte e ressurreição. Em uma palavra, a necessidade da expiação é inerente e essencial à justificação. Uma salvação do pecado que é divorciada da justificação é uma impossibilidade, e a justificação de pecadores sem a justiça divina do Redentor é inconcebível”.⁶⁹⁶

3) A educação na justiça

a) Decorrente de nossa nova natureza

A educação na justiça não consiste apenas na tentativa de um melhoramento moral, antes é o estabelecimento de um novo modelo, resultante da nova natureza que foi implantada em nosso coração pelo Espírito, como fruto da obra sacrificial e vitoriosa de Cristo. “**Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça** (δικαιοσύνη) **de Deus**” (2Co 5.21).

⁶⁹⁵ ἄδικος * Mt 5.45; Lc 16.10,11, 18.11; At 24.15; Rm 3.5; 1Co 6.1,9; Hb 6.10; 1Pe 3.18; 2Pe 2.9.

⁶⁹⁶ John Murray, **Redenção: Consumada e Aplicada**, p. 19.

Por meio do sacrifício vicário de Cristo fomos declarados justos diante de Deus; por isso é que a Escritura afirma que Cristo é a nossa justiça: “... **vós sois dele [de Deus], em Cristo Jesus, o qual se tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça (δικαιοσύνη), e santificação e redenção**” (1Co 1.30). Na justificação Deus nos declara justos, perdoadando todos os nossos pecados, os quais foram pagos definitivamente por Cristo; por isso, já não há nenhuma condenação sobre nós; estamos em paz com Deus, amparados pela justiça de Cristo (Vd. Rm 5.1; 8.1,31-33). Na justificação Deus declara que já não há mais culpa em nós.

Deus nos gerou em Cristo para a prática da justiça de Cristo. “**Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça (δικαιοσύνη); por suas chagas fostes sarados**” (1Pe 2.24). A prática do “caminho da justiça” (2Pe 2.21) tornou-se o sinal inconfundível de todos os que pertencem a Cristo: “**Se sabeis que ele [Jesus] é justo (δίκαιος), reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça (δικαιοσύνη) é nascido dele (...). Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça (δικαιοσύνη) é justo (δίκαιος), assim como ele é justo (δίκαιος) (...). Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça (δικαιοσύνη) não procede de Deus, também aquele que não ama a seu irmão**” (1Jo 2.29; 3.7,10).

b) Devemos seguir a justiça de Deus

Os critérios de justiça variam de povo para povo e até mesmo conforme os nossos interesses pecaminosos. A nossa mente tem a capacidade de usar um recurso chamado de “mecanismo de defesa”, que consiste na racionalização, que nada mais é do que a tentativa de justificar as nossas crenças já dogmatizadas pelos nossos desejos. Por isso é que a justiça que devemos seguir não é a de homens, conforme os seus pecados e/ou nossos interesses, mas, sim, a justiça de Deus. É neste sentido que Jesus nos adverte quanto à “justiça” dos escribas e fariseus. “... **se a vossa justiça (δικαιοσύνη) não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus**” (Mt 5.20).

A justiça destes homens visava tão-somente satisfazer os seus próprios desejos de serem vistos e admirados como homens “piedosos” e geniais “intérpretes da lei”. Jesus novamente nos adverte: “**Guardai-vos de exercer a vossa justiça (δικαιοσύνη) diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste**” (Mt 6.1,2).

Por isso a Bíblia nos ensina enfaticamente que a justiça que devemos seguir é a de Deus, conforme é-nos ensinada por Jesus Cristo; e “a justiça exigida por Cristo é nada menos que uma completa conformidade com a santa lei de Deus”.⁶⁹⁷ Lembremo-nos de que o Senhor conhece os nossos corações, sabendo de nossas intenções e motivações (Jo 2.25). E é ele mesmo quem nos julgará com justiça.

Paulo insiste com o jovem Timóteo neste ponto: “... segue a justiça (δικαιοσύνη), a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11). “Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça (δικαιοσύνη), a fé, o amor e a paz com os que de coração puro, invocam o Senhor” (2Tm 2.22).

c) Devemos desejá-la ardentemente

Nas bem-aventuranças Jesus Cristo nos ensina: “**Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça (δικαιοσύνη), porque serão fartos**” (Mt 5.6). Parece-nos que esta bem-aventurança pode ser entendida de duas formas:

1) Feliz é o homem que, consciente de que nele não há justiça alguma, anela pela justiça que há em Cristo. Este homem encontrará a satisfação legal de suas necessidades, por meio da imputação dos méritos de Cristo.

Neste sentido Paulo escreveu: “**Se pela ofensa de um, e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça (δικαιοσύνη), reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça (δικαίωμα) veio a graça sobre todos os homens para a justificação (δικαίωσις: “absolvição”) que dá vida**” (Rm 5.17,18. Vd. Rm 4.25). Deste modo, todos aqueles que, pela fé, recorrem à justiça de Cristo são declarados justos. A nossa justiça provém da fé, que é dom de Deus; assim, a fé e a justiça são dons de Deus (Rm 4.3,5,9,11; 5.18,19; 10.6; Gl 3.6; 5.5 Fp 1.11; 3.9; Hb 11.7).

2) Bem-aventurado é o homem que deseja ardentemente caminhar nas veredas da justiça de Deus (Sl 23.3), praticando a sua Palavra; este homem encontrará, no auxílio do Espírito, a capacitação para cumprir os preceitos de Deus.

Este homem também é bem-aventurado, porque é amado e aceito por Deus: “**O caminho do perverso é abominação ao Senhor, mas este ama o que segue a justiça (LXX: δικαιοσύνη).**” (Pv 15.9). “**Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo (δικαιοσύνη) lhe é aceitável**” (At 10.34,35).

⁶⁹⁷ G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 307.

A Palavra nos diz que Deus atende a sua oração: **“O senhor está longe dos perversos, mas atende à oração dos justos (LXX: δικαιοσύνη)”** (Pv 15.29).

d) Deve ser um desejo prioritário

Podemos desejar ardentemente alguma coisa. Todavia, mesmo que não tenhamos condições concretas para estabelecer com precisão a intensidade de nosso desejo, é justo que perguntemos: Até que ponto desejamos a justiça de Deus? Jesus nos ensina a dar prioridade sobre todas as coisas, ao seu reino de justiça. Uma de nossas dificuldades está no fato de que muitas vezes as nossas escolhas não estão entre aquilo que nos parece bom e a opção do que nos parece mal; agradável e desagradável, doce e amargo... Se assim fosse, as nossas decisões seriam mais fáceis. O problema é que, na maioria das vezes, nos deparamos com opções legítimas, justas e necessárias, contudo, temos de escolher. Por certo todos já tiveram e têm de quando em vez a experiência de se deparar com o conflito de desejos. Quando este conflito é entre um que nos parece, já a primeira vista, preponderante, não há problema; é fácil de se decidir. A questão se torna grave quando nos encontramos diante de desejos irreconciliáveis e, ao mesmo tempo, “prioritários”... Como decidir? No caso, temos que escolher o mais importante entre os importantes. Todavia, esta escolha pode ser apenas circunstancial; ou seja: hoje, neste momento, podemos optar por um deles, amanhã, em situação análoga, talvez a nossa escolha fosse diferente. Com isto quero dizer que as nossas prioridades variam muitas vezes, conforme as circunstâncias. Dentro de nossa meditação, queremos chamar a atenção para o fato de que Deus deve ser a nossa prioridade, não em determinadas situações, mas sempre. Com demasiada frequência, o “bom” pode ser o maior inimigo do “melhor”.

Jesus nos instrui: **“Buscai (ζητέω: buscar ardorosa e constantemente), pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça (δικαιοσύνη), e todas estas coisas vos serão acrescentadas”** (Mt 6.33). Deste modo, a busca da justiça de Deus deve ser prioritária entre as nossas prioridades. O Reino de justiça é que deve normatizar o que de fato é “essencial” para nós, não as nossas supostas necessidades prementes.

e) Deve ser exercitada diariamente

Paulo, falando de nossa nova natureza, criada segundo Deus, exorta para que busquemos, dia após dia, viver em justiça e santidade: **“... quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça (δικαιοσύνη) e retidão procedentes da verdade”** (Ef 4.22-24). (Vd Ef 2.10; Cl 3.10).

A nossa nova natureza é um fato consumado em Cristo; todavia, esta nova realidade de vida envolve um “revestimento” constante do uso da nova mente que agora temos em Cristo (Ef 4.23). Isto ocorre pela prática da Palavra. Por isso é que Paulo declara que a Escritura é útil para nos educar na justiça (2Tm 3.16).

J. I. Packer observou com precisão que:

“A santidade do crente é uma questão de aprender a ser, em atos, o que ele já é no coração. Em outras palavras, é uma questão de viver exteriormente a vida e expressar a disposição e os instintos (isto é, a nova natureza) que Deus colocou nele, criando-o de novo em Cristo. Santidade é a naturalidade do homem espiritualmente ressurreto, da mesma forma como o pecado é a naturalidade do homem espiritualmente morto; e, ao buscar santidade pelo fato de obedecer a Deus, o cristão na verdade segue o anseio mais profundo do ser renovado”.⁶⁹⁸

A justiça de Cristo em nós precisa ser exercitada, a fim de que faça parte natural de nossa vida. Exemplificando isto, podemos dizer que, quando começamos a dirigir, o carro nos domina: pensamos em acionar a embreagem, passar para a primeira marcha, soltar suavemente a embreagem enquanto pisamos da mesma forma no acelerador... Ficamos o tempo todo a raciocinar como devemos fazer, ligar a seta, buzinar, mudar de marcha, etc. Isto tudo é porque ainda não dominamos o carro. Com o passar do tempo, todo este movimento passa a ser natural, fruto de um conhecimento e prática na condução do automóvel.

Mudando o que deve ser mudado, podemos dizer que, do mesmo modo, a justiça também exige prática, a fim de que ela assuma um predomínio natural em nossa mente e coração. Quando “treinamos” a prática da justiça, vamos adquirindo uma mente e um coração dominados pelos valores celestiais e, assim, o nosso pensamento passa a ser direcionado dentro da perspectiva divina, conforme aprendemos na Palavra de Deus. Uma prática “justa” necessita de pensamentos “justos”; Deus nos deu uma nova mente e um novo coração para que, entendendo a realidade diferentemente, tenhamos uma postura e comportamento condizentes com esta nova perspectiva, que é a de Deus, por meio da “mente de Cristo”, que agora temos.

É justamente para isso que Deus nos disciplina; ele visa a nossa participação na sua santidade e a produção de frutos de justiça: “... Deus (...) nos **disciplina** (παιδεύω) **para aproveitamento** (συμφέρω: “nos tornar melhor”), **a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina** (παιδεία), **com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido**

⁶⁹⁸ J.I. Packer, Na Dinâmica do Espírito, p. 104.

por ela exercitados, fruto de justiça (δικαιοσύνη)” (Hb 12.10,11). O “fruto de justiça” é resultado de nosso exercício na justiça do Reino; portanto, viver de modo “justo” é uma forma de proclamar vivencialmente a justiça do Reino (Vd. 2Pe 3.13).

Para que a nossa escolha do “melhor” ocorra, devemos exercitar esta priorização diariamente, tendo como parâmetro de avaliação a própria Palavra de Deus.

f) Deve ser um desejo consciente dos seus riscos

Muitas vezes ao ouvirmos o testemunho de um trabalho evangélico em terras distantes, ficamos naturalmente entusiasmados; todavia, alguns, mais emotivamente, passam a ter uma visão romântica do significado deste trabalho, e outros, ainda, passam a ter a impressão de que são chamados por Deus para desenvolver este ministério. Contudo, nem sempre as coisas ocorrem deste modo; esta empolgação, até certo ponto natural, não é um indicativo suficientemente claro de que Deus esteja chamando alguém para o ministério da Palavra ou para um trabalho “missionário”.

Fazendo uma analogia, podemos observar que muitas pessoas têm uma idéia extremamente romântica da vida cristã. Talvez esta visão se deva ao fato de que a pregação moderna, em muitos aspectos, só tem enfatizado, de forma alienante, o lado doce da vida cristã, sem falar de suas lutas diárias contra o diabo, o mundo e a carne.

Quando olhamos com atenção para os ensinamentos de Jesus, vemos que ele nunca enganou os seus ouvintes quanto às dificuldades que enfrentariam se se dispusessem a segui-lo; ele apresentou uma mensagem clara e objetiva, que envolvia as lutas e a glória. Ele declara enfaticamente aos seus discípulos: “... Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros...” (Jo 15.20). “... No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Dentro da perspectiva que estamos analisando, a pregação genuína implica dizer que, se queremos ser santos, devemos priorizar a prática da justiça; no entanto, esta escolha deve ser consciente de que teremos de enfrentar adversidades, dificuldades, incompreensões e injustiças. Mais uma vez encontramos Jesus Cristo mostrando este fato, quando ele, por meio das bem-aventuranças, indica que os seus discípulos serão “perseguidos por causa da justiça”: “**Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça (δικαιοσύνη), porque deles é o reino dos céus**” (Mt 5.10).

Partindo deste texto, algumas observações devem ser feitas:

(1) Esta bem-aventurança não está condicionada simplesmente à perseguição:

Se assim fosse, todos aqueles perseguidos pela polícia por causa de algum tipo de infração seriam bem-aventurados. O que não é verdade.

Muitas pessoas, quando enfrentam sanções sociais ou legais, tendem a tomar este texto equivocadamente, como se toda e qualquer perseguição tornasse automaticamente o perseguido bem-aventurado ou, como se os “excluídos” se tornassem por direito “súditos do Reino”.

(2) Esta bem-aventurança está condicionada aos que são perseguidos por causa da justiça:

Isto significa que Jesus está dizendo que feliz é o homem que é perseguido em virtude da sua firmeza na prática da justiça, apegando-se a ela firmemente, não se deixando corromper por todo e qualquer tipo de pressão.

(3) A justiça aqui referida é a justiça de Deus

Jesus está declarando que é feliz o homem que é perseguido, não pela prática de qualquer “justiça”, visto que há atos que podem ser considerados justos por alguns homens e não sejam pela maioria ou não se coadunem com a Lei. A justiça aqui tratada é a justiça de Deus, conforme revelada nas Escrituras.

Deste modo, feliz é o homem que é perseguido por causa do seu testemunho vivencial e verbal, conforme os preceitos bíblicos: bem-aventurados são aqueles que enfrentam oposição em razão de seu apego à Palavra em obediência sincera e tenaz a Deus.

Às Igrejas da Dispersão, em iminente perseguição, Pedro escreve: **“Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócio de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso, antes glorifique a Deus com esse nome”** (1Pe 4.14-16). E, novamente: **“... ainda que venhais a sofrer por causa da justiça (δικαιοσύνη), bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”** (1Pe 3.14,15).

Um grande consolo para nós é que, “Sempre que os homens se ergam para molestar ou injuriar os justos, deflagra-se guerra contra Deus mesmo”.⁶⁹⁹

Deste texto se depreendem três verdades fundamentais: 1) Os discípulos de Cristo praticam a justiça de Deus; 2) Esta prática conduz invariavelmente à perseguição; 3) Os verdadeiros discípulos de Cristo são súditos do Reino de Deus.

⁶⁹⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 17.8), p. 338.

Retornando ao nosso ponto inicial, devemos observar que: (a) a Palavra de Deus é útil para nos educar na justiça; (b) devemos buscar prioritariamente andar na justiça de Deus; (c) todavia, este desejo deve ser consciente de que a justiça de Deus não se harmoniza com a justiça mundana e que, por isso, (d) quem quiser agradar a Deus, fazendo a sua vontade, deve estar preparado para enfrentar afrontas, discriminação, perseguição e rejeição por causa do nome de Cristo.

Assim sendo, quem faz a oração do “Pai Nosso”, rogando “seja feita a tua vontade”, está dizendo: *“Senhor, faze com que eu aprenda a tua Lei, disponha-me no teu caminho e me concedes forças para resistir às perseguições; que eu não ceda às tentações, mas te siga com inteireza de coração”*.

O consolo que temos é que, quando pelo Espírito, damos primazia à justiça de Deus em nossa vida, apesar das perseguições, temos a presença protetora e abençoadora de Deus. Ser cristão não significa ter uma vida fácil, sem problemas e angústias, antes envolve a certeza de que certamente passaremos por incompreensões, angústias, pesares e perseguições. No entanto, podemos ter também a convicção de que Cristo está conosco sempre; ele nunca nos desampara; e, é ele mesmo quem nos promete a bem-aventurança em meio às perseguições: **“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós”** (Mt 5.11,12. Vd. Sl 119.116,117).

A justiça operada por Deus é sempre decorrente da sua Palavra; portanto, “Nenhum outro jamais se apropriará corretamente da justiça divina senão aquele que a abraça como ela lhe é oferecida e apresentada na Palavra”.⁷⁰⁰ Desejar a justiça de Deus significa desejar o cumprimento da promessa de Deus.

g) A justiça produz frutos

Uma das questões fundamentais em qualquer área é estabelecer os indicadores de qualidade. Quando nos referimos a um produto como bom, no que estamos pensando? Durabilidade, estética, preço, polivalência, resistência? Ou, em todas estas qualidades reunidas? Em outras palavras: O que serve de parâmetro a cada um de nós, para avaliar um “bom” produto? A propaganda procura criar “imagens” de produtos para vender a idéia de qualidade: assim, mesmo que muitas vezes a empresa esteja em crise, ou a qualidade do produto seja discutível, somos conduzidos à associação do conceito de qualidade com o nome da organização; por isso, quando falamos por exemplo de: Microsoft,

⁷⁰⁰ João Calvino, *O Livros dos Salmos*, Vol. 2 (Sl 40.10), p. 233.

General Motors, IBM, Carrefour, McDonald's; Xerox; Philips, entre outras, pensamos normalmente em qualidade.

Temos meditado sobre a “educação na justiça”, mostrando que a Palavra de Deus é útil para fazê-lo. Agora, queremos discorrer um pouco sobre os frutos da justiça, ou, em outras palavras, sobre indicadores concretos da justiça de Cristo na nossa vida.

A Palavra de Deus nos instrui na justiça, a fim de que o nosso viver seja caracterizado pelos frutos da justiça. Isto equivale a dizer que a justiça de Cristo em nós se revela no agir; ela frutifica em nosso comportamento. A vontade de Deus é que revelemos a sua justiça em nós por meio de nossa fé e de nossas atitudes, devendo ser estas, evidências daquela. Paulo escreve aos efésios: “... **quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça (δικαιοσύνη) e retidão procedentes da verdade. Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo (...). Aquele que furtava, não fure mais; antes trabalhe (...). Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para a edificação (...). Não entristeçais o Espírito de Deus (...). Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou...**” (Ef 4.22-31).

Neste texto, Paulo apresenta diversos frutos da justiça que consistem basicamente no abandono do pecado e na prática da justiça. A justiça de Cristo frutifica em nós por meio da mudança de paradigma, que consiste numa mudança de valores e comportamento. Aos mesmos efésios, Paulo diz: “... **outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz, porque o fruto da luz consiste em toda a bondade, e justiça (δικαιοσύνη), e verdade, provando sempre o que é agradável ao Senhor**” (Ef 5.8-10).

O cristão é responsável por descobrir diariamente – orientado pela Palavra – a atitude ética correta condizente com a sua nova natureza que reflita a justiça de Cristo, sendo agradável a Deus. Deus se agrada com a nossa integridade em servi-lo; com a nossa busca por fazer a sua vontade, mesmo nas mínimas coisas. O desafio de todo aquele que deseja fazer a vontade de Deus é aplicar a sua Palavra à sua realidade diária, aos desafios de nossa vida social, profissional, familiar, estudantil e afetiva.

Jesus Cristo nos diz que pelos frutos nós conhecemos a qualidade de uma árvore; e aplica este exemplo à vida espiritual. Deste modo, o nosso desejo de

agradar a Deus será demonstrado em nossa prática, condizente com a sua justiça. **“Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons (...). Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”** (Mt 7.16-18,20,21).

O apóstolo Paulo nos fala do fruto do Espírito como uma característica dos filhos de Deus; daqueles que andam no Espírito: **“... o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio...”** (Gl 5.22,23).

Paulo ora a Deus pelos filipenses, para que eles se apresentassem diante de Cristo “sinceros e inculpáveis”, tendo a responsabilidade de viverem hoje, “cheios do fruto de justiça”. **“E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça (δικαιοσύνη), o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus”** (Fp 1.9-11).

Portanto, nós como justificados em Cristo, devemos frutificar em toda boa obra de justiça, evidenciando a habitação do Espírito em nós em todas as áreas de nosso viver.

h) Justiça insuficiente

Deus nos educa na justiça por meio da sua Palavra; todavia, devemos ter consciência de que os atos de justiça praticados por nós, crentes em Cristo, ainda que sejam agradáveis a Deus – quando feitos, conforme as Escrituras, acompanhados de fé, e objetivem a glória de Deus –, não são suficientes para a nossa salvação em Cristo. Esta insuficiência não está relacionada a uma suposta “quantidade” de obras, como que sugerindo o seguinte pensamento pecaminoso: *“De fato, os meus atos de justiça não podem me salvar, porque os tenho praticado pouco; tenho que aumentar a minha prática na justiça, a fim de que possa ‘pagar’ a minha salvação.”* Não! O que estamos dizendo é que as nossas obras, por “maiores” e “melhores” que sejam aos olhos dos homens, jamais serão adequadas ou suficientes para a nossa salvação. Por certo, devemos nos aplicar na prática da justiça; todavia, devemos ter em nosso coração a certeza de que a nossa salvação é exclusivamente um ato gracioso de Deus, por meio das obras da Trindade: **“Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos os homens, não por obras de justiça (δικαιοσύνη), praticadas por nós,**

mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador” (Tt 3.4-6).

Neste contexto, Paulo não está admitindo a existência de alguma “boa obra” feita por nós, visto que diante de Deus todos somos pecadores e **“todas as nossas justicas como trapo da imundícia”** (Is 64.6); o que ele está afirmando é:

(a) **Negativamente:** Que a nossa salvação não se ampara em uma hipotética obra de justiça que porventura tenhamos praticado (o que de fato não ocorreu) e,

(b) **Positivamente:** Que a nossa salvação fundamenta-se na bondade misericordiosa de Deus, que se manifestou de forma completa em Cristo Jesus, o nosso Salvador. Deus sempre se antecipa a nós com a sua graça misericordiosa. “Deus jamais encontrará em nós algo digno de seu amor, senão que ele nos ama porque é bondoso e misericordioso.”⁷⁰¹

Paulo e João falam respectivamente sobre o amor propiciatório e antecedente de Deus: **“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”** (Rm 5.8). **“Nós o amamos porque ele nos amou primeiro”** (1Jo 4.19).

Deste modo, quando oramos, “seja feita a tua vontade”, estamos dizendo: *“Senhor, a tua vontade é que eu seja santo, e tu me educas na santidade por meio da tua Palavra; faze-me praticante da tua justiça, sem, contudo, me vangloriar de poder praticá-la; reconhecendo que tudo que temos, somos e fazemos agradável a ti é proveniente da tua bondade, amor e graça, por meio dos méritos de Cristo.”*

Concluindo este tópico, gostaria de fazer algumas observações:

1) A justiça de Deus não é estéril; ela frutifica. Somos chamados a vivê-la diariamente, como reflexo da nossa nova natureza;

2) Viver a justiça de Deus importa em procurar aplicar sempre a ética do Reino de Deus em toda e qualquer situação;

3) A prática da justiça revela a nossa santificação;

4) Só poderemos produzir frutos de justiça, por Cristo, por meio da direção do Espírito que em nós habita;

5) Orar “seja feita a tua vontade” significa dizer: *“Senhor, capacita-me pelo teu Espírito a revelar em minha vida os frutos da tua justiça; ensina-me, pela tua palavra, a viver justamente, em todas as circunstâncias, não sendo conduzido pelos valores e práticas mundanos...”*. Que Deus nos ajude. Amém.

⁷⁰¹ J. Calvino, *As Pastorais* (Tt 3.4), p. 347. [Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Salvação e as Boas Obras*. São Paulo, 1990 (Trabalho não publicado)]

7. *Aconselha-nos*

A Palavra de Deus se torna fundamental para a nossa santificação, aconselhando-nos. O conselho de Deus nunca está restrito às circunstâncias e à nossa ótica, tantas vezes dominada pelas paixões. O seu conselho objetiva sempre o melhor; e o melhor que Deus tem é o absolutamente melhor do que tudo: Deus almeja a sua glória, por meio da qual nós nos realizamos como seu povo. Um dos grandes aspectos da graça é descobriremos a nossa satisfação na glória de Deus. “Um dos maiores benefícios para um crente neste mundo e no porvir é considerar a glória de Cristo.”⁷⁰²

Este é o grande desafio para todo cristão: No meio de nossas dificuldades, angustiados com nossos problemas, dominados por preocupações diversas... Atentar para a glória de Deus; buscar o Reino de Deus e a sua justiça, tendo a certeza de que, quando conseguimos extrapolar os nossos problemas cotidianos, e nos voltamos para Deus, estas coisas, as demais coisas, todas elas nos serão acrescentadas... (Mt 6.33).

O salmista, no Salmo 119, retrata a sua situação de acusado pelos “príncipes”, sendo olhado com desprezo, e com um estigma de condenado; todavia, ele atentava para os testemunhos de Deus: A sua Palavra, com os seus preceitos eternos: **“Assentaram-se príncipes e falaram contra mim, mas o teu servo considerou nos teus decretos. Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros”** (Sl 119.23,24).

Meus irmãos, precisamos aprender a nos aconselhar com Deus. Isto significa aprender a enxergar os nossos problemas pela ótica da Palavra de Deus; e isto não equivale a buscar a aprovação para as nossas atitudes, desejando apenas o aval de Deus para os nossos desejos, mas, sim, aprender de Deus a sua vontade; buscar em Deus as diretrizes para a nossa ação e resposta.

Tantas vezes estamos procurando as nossas soluções, seguindo as respostas e sugestões mundanas, nos esquecendo que Deus nos dá, por meio da sua Palavra, a resposta para todas as nossas dúvidas, incertezas e angústias. A vontade de Deus é mais relevante do que os “esquemas” e “complôs” humanos. A Palavra de Deus, quando meditada e praticada, ganha de fato relevo para nós. O que acontece é que muitas vezes nem sequer consideramos o caminho de Deus; não nos detemos nele, parece-nos irrelevante, sem sentido, nada tendo a nos dizer em nosso contexto... Preferimos, assim, “andar no conselho dos ímpios”, visto que este nos parece mais salutar e eficiente, assim, num passo subsequente, nos detemos e nos assentamos na roda dos escarnecedores, indicando que ali nos sentimos à vontade, é a nossa casa (Sl 1.1); ignoramos que o fim disto é a destruição... (Sl 1.4-6).

⁷⁰² John Owen, *A Glória de Cristo*, p. 13.

A escolha do conselheiro revela, de certa forma, o tipo de conselho que desejo; o salmista se aprazia no conselho de Deus. Daí ele prometer: **“Meditarei nos teus preceitos, e às tuas veredas terei respeito”** (Sl 119.15); ele está como que a dizer: *“Apesar de todos os infortúnios e cruel injustiça dos homens, eu encontro prazer em meditar na tua Palavra, tendo em teus conselhos a minha recompensa”*.

A nossa santificação está diretamente ligada à observação, ou seja, à prática dos decretos de Deus. Gostaria de convidar os irmãos a interromperem esta leitura e a meditar um pouco, silenciosamente, sobre os seus problemas mais imediatos, ou sobre aqueles que os têm incomodado mais, e a pensar nas soluções que têm sido buscadas, confrontando-as com a Palavra de Deus.

Orar, “seja feita a tua vontade”, equivale a dizer: *“Senhor, aconselha-me e capacita-me a entender e a seguir prazerosamente os teus conselhos, porque sei que a tua vontade é a melhor, porque procede de ti mesmo, o Deus soberano, santo, justo, sábio e bondoso.”* Amém.

8. Encoraja-nos

Há momentos em nossa existência que nos sentimos sozinhos, injustiçados, abandonados por todos, tendo a nítida impressão de que somos incapazes de cumprir a vontade de Deus, ou que os impedimentos se mostram maiores do que imaginávamos; esta sensação nos amedronta e paralisa, conferindo um tom de gravidade ainda maior à realidade vivenciada.

Josué, diante da grande responsabilidade de suceder a Moisés, ouve deste a palavra de Deus, diante de todo o povo: **“Sê forte e corajoso; porque com este povo entrarás na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais; e tu os farás herdá-la. O Senhor é quem irá adiante de ti: ele será contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te atemorizes”** (Dt 31.7,8; Js 1.6-9,18).

O livro de Atos mostra o apóstolo Paulo preso em Jerusalém, sozinho numa fria cela, por certo, sem a certeza de que chegaria a Roma para pregar o Evangelho; no entanto, ele teve, por meio de Jesus Cristo, a confirmação de sua missão e a certeza de que o Senhor estava ao seu lado: **“Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma”** (At 23.11).

Deus continua, ainda hoje, encorajando o seu povo por intermédio da sua Palavra, mostrando a realidade de sua presença em nós, bem como nos estimulando a prosseguir em nossa caminhada. A Palavra de Deus se torna para nós num grande meio de santificação, quando buscamos nela a coragem para continuar fazendo a sua vontade, para cumprir o que Deus deseja de nós;

mesmo que sejamos incompreendidos, esquecidos ou que tenhamos que ficar isolados.

9. *Vivifica-nos*

Esta idéia é complementar à anterior. O Deus que nos encoraja a levar adiante a sua vontade é o mesmo Deus que nos tira de nosso abatimento, concedendo-nos, por meio da sua Palavra, vitalidade para desempenhar o nosso papel no mundo, como seus servos.

Davi nos instrui: **“A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma...”** (Sl 19.7). O sentido da palavra **“restaurar”** é o de **“refrigerar”** (Sl 23.3), **“restabelecer”** (Sl 60.1; 85.4), **“converter”** (Ez 14.6). Deus, com sua Palavra, nos dá alento, trazendo-nos para junto de si mesmo, a fim de que, confiados nele, possamos continuar a nossa caminhada. Deus transforma, converte o nosso desalento espiritual em fervor de serviço.

O salmista suplica: **“A minha alma está apegada ao pó: vivifica-me segundo a tua Palavra”** (Sl 119.25); e dá o seu testemunho a respeito do poder vivificador da Palavra: **“O que me consola na minha angústia é isto: que a tua palavra me vivifica”** (Sl 119.50). **“Nunca me esquecerei dos teus preceitos, visto que por eles me tens dado vida”** (Sl 119.93).

“Vivificar” tem o sentido de **“reavivar”** (Hc 3.2). Deus, conforme a sua promessa, não permite que sejamos abatidos, nem destruídos. A Palavra de Deus tem um poder vivificador. Neste ato de nos conceder vida, Deus manifesta a sua misericórdia. **“Vivifica-me, segundo a tua misericórdia; e guardarei os testemunhos oriundos de tua boca”** (Sl 119.88), suplica o salmista.

Na Palavra reencontramos o fôlego restaurador da vida. Podemos estar como que **“apegados ao pó”** em nosso abatimento, mas a Palavra de Deus nos ergue de nosso abatimento, nos concedendo, pelas promessas de Deus, um ânimo novo, fundamentado na certeza de que Deus reina e está em nós.

10. *Discernimento e Sabedoria*

Sabedoria consiste na habilidade de saber usar os recursos que temos; **discernimento** está ligado à capacidade de interpretar os fatos, entender o que está acontecendo, saber distinguir, separar os eventos em suas relações causais ou acidentais.

Deus, por meio da sua Palavra, nos dá sabedoria espiritual e discernimento para que possamos reconhecer nos seus testemunhos a Palavra de vida eterna, a fim de que vejamos com clareza os sinais dos tempos, sem nos deixar levar por falsas doutrinas engenhosamente criadas pelos homens, seguindo sabiamente o caminho de Deus.

Podemos citar alguns testemunhos de servos de Deus que usufruíram deste discernimento: Davi: **“A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma; o**

testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos simplices” (Sl 19.7). O salmista: **“A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples”** (Sl 119.130). **“Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade”** (Sl 119.104).

Paulo, escrevendo ao jovem Timóteo, recorda o aprendizado deste nas Escrituras, dizendo: **“... desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”** (2Tm 3.15).

O que tem faltado à Igreja é sabedoria para discernir, por meio da Palavra de Deus, o que está acontecendo. A Bíblia não é um manual hermético repleto de “regrinhas” fechadas e acabadas, para cada e toda situação; ela é de fato o Livro por excelência, com princípios eternos para todas as situações de nossa vida. Muitas vezes temos sido iludidos, enganados espiritualmente, justamente porque nos tem faltado a meditação na Palavra de Deus, acompanhada pela oração para que Deus nos dê a compreensão dos fatos, da sua vontade para o nosso momento presente.

Diz o salmista: **“Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque aqueles eu os tenho sempre comigo. Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido que os idosos, porque guardo os teus preceitos. De todo mau caminho desvio os meus pés, para observar a tua palavra”** (Sl 119.98-101).

Deus não deseja um povo ingênuo, imaturo quanto à interpretação da realidade; ele quer que sejamos maduros, aptos para discernir, interpretar os acontecimentos e que, sem titubear, sigamos os seus preceitos.

Como já estudamos, esta sabedoria espiritual exige um laborioso processo de compreensão, entendimento e prática da verdade. Portanto, a nossa sabedoria consiste em nos submeter às Escrituras.

Lutero (1483-1546) constatou acertadamente: **“Quão grande dano tem havido quando se tenta ser sábio e interessante sem ou acima da Escritura”**.⁷⁰³

O caminho da sabedoria é o caminho da santidade. Se nós queremos ser santos, devemos buscar na Palavra de Deus a coragem para cumprir os seus decretos, o ânimo para não nos abatermos com as ciladas do diabo, e o discernimento e sabedoria para que possamos interpretar a Palavra de Deus, avaliando os fatos e aplicando os princípios eternos de Deus à nossa realidade presente.

11. *Guia-nos*

Como afirmamos anteriormente, a Palavra de Deus traz princípios eternos para o nosso viver cotidiano. De fato, Deus, por meio da sua Palavra, nos

⁷⁰³ Lutero, Apud Phillip J. Spener, *Mudança para o Futuro: Piu Desideria*, p. 43.

desafia a seguir a sua “luz”, quando se nos deparam outras “luzes” provenientes do mundo.

A Palavra de Deus nos guia sempre em segurança, apresentando-nos o caminho de vida. Por isso, ela deve ser o nosso guia perene; a solução de Deus deve ser buscada e praticada; ela nos guia passo a passo, rumo à sua vontade. O salmista declara: **“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos”** (Sl 119.105).

No nosso caminhar segundo a Palavra, nos aproximamos gradativamente de Deus, tendo uma trilha segura que nos conduz à plenitude daquilo que Deus tem para nós, bem como rumo à compreensão do propósito de Deus na história. Pedro diz: **“Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações”** (2Pe 1.19).

O segredo de um caminhar seguro está na fidelidade à Palavra. Davi, descrevendo o procedimento do justo, diz: **“No coração tem ele a lei de Deus; os seus passos não vacilarão”** (Sl 37.31).

Se caminharmos segundo a “lâmpada” que é-nos concedida por Deus, jamais cairemos nas trevas do pecado; portanto, se queremos ser santos, devemos buscar na Palavra a “ciência” de Deus para a nossa vida. No entanto, ainda que distanciados de Deus, se pelo Espírito enxergamos a sua Palavra, podemos segui-la, porque Deus mesmo nos guiará em segurança rumo à nossa recuperação nele.

O salmista após meditar no poder sustentador de Deus e na sua misericórdia manifesta para com o seu povo, conclui: **“... este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre: ele será nosso guia até à morte.”** (Sl 48.14).

12. *Dá-nos Paz*

Quando seguimos os “conselhos de Deus” e a sua “luz” que emanam da sua Palavra, encontramos a paz que procede de Deus. Esta paz independe das circunstâncias; ela é resultado da consciência tranqüila daqueles que procuram direcionar o seu caminhar segundo Deus. **“Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço”**, testifica o salmista (Sl 119.165. Vd. Sl 119.47,48, 97,113,127,163,167).

O nosso amor à lei de Deus se manifesta em nossa obediência aos seus ensinamentos. De forma análoga, podemos dizer a respeito do nosso amor a Cristo, conforme ele mesmo nos ensinou: **“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele (...). Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos**

para ele e faremos nele morada. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras (...). Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vô-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.21,23,24,27).

7.7.2) *A Santa Ceia*

“... Na Ceia [temos] uma veemente exortação a viver santamente, e sobretudo a manter a caridade e amor fraternal entre nós. Pois se na Ceia somos feitos membros de Jesus Cristo, sendo incorporados a ele e a ele unidos, que é a nossa cabeça, há razão mais que suficiente para que nos conformemos à sua pureza e inocência e mui especialmente que tenhamos entre nós a caridade e concórdia que deve reinar entre os membros de um mesmo corpo.” – J. Calvino.⁷⁰⁴

“... mistério que, na verdade, não vejo possa eu suficientemente compreender com a mente, e de bom grado por isso o confesso, para que não lhe meça alguém a sublimidade pela medidazinha de minha pobreza de expressão. (...) Portanto, nada resta, afinal, senão que prorrompa eu em admiração desse mistério ao qual nem pode estar em condições de pensá-lo claramente o intelecto, nem de explicá-lo a língua.” – João Calvino.⁷⁰⁵

1) *Introdução*

Até aqui temos meditado sobre a Palavra de Deus como meio de santificação. Começaremos agora a falar sobre outro instrumento, empregado ordinariamente por Deus para o nosso progresso espiritual, lembrando sempre que todos os recursos usados por Deus para a nossa santificação estão subordinados à Palavra: Somente a Palavra é indispensável; os sacramentos são fundamentais; no entanto, sem eles, ainda que de modo precário, poderíamos viver, mas sem a Palavra não há vida (Rm 10.17; Tg 1.18; 1Pe 1.23).⁷⁰⁶ Deste modo, vamos meditar sobre a Santa Ceia como meio de graça ou meio de santificação para o povo eleito de Deus. Deus, juntamente com a ordem constante para que crescamos, proporcionou-nos os meios para isso. Calvino (1509-1564) faz uma analogia entre o alimento físico e o espiritual, mostrando que aquele que é fundamental para a manutenção de nosso corpo, Deus nos tem dado como “testemunho de sua bondade paternal”; “porém – continua – assim como é espiritual a vida em que nos há regenerado, é preciso que também o seja o alimento que deve nutrir-nos e confirmar-nos nela”.⁷⁰⁷

⁷⁰⁴ J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, Buenos Aires/México, la Aurora/Casa Unida de Publicaciones. 1959, p. 19.

⁷⁰⁵ J. Calvino, *As Institutas*, IV.17.7.

⁷⁰⁶ Vd. J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, p. 39; Herman Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, p. 634. “Se a Palavra é suprimida, toda a virtude dos sacramentos fica perdida. O que mais são os sacramentos, senão selos da Palavra? (...). A única diferença, pois, entre os sacramentos dos santos e as invenções dos incrédulos está na Palavra.” [J. Calvino, *Efésios* (5.26), p. 170]

⁷⁰⁷ J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, p. 8.

Antes, contudo, de continuar a nossa exposição, analisemos o sentido de sacramento, conforme a perspectiva Reformada:

2) *O significado de “sacramento” para a teologia reformada*

A palavra “sacramento” não ocorre nas Escrituras; ela vem do latim “*sacramentum*”, que, na Vulgata, traduziu o grego *μυστήριον* (“mistério”). (Vd. Ef 1.9; 3.3,9; 5.32; Cl 1.27; 1Tm 3.16; Ap 1.20; 17.7).⁷⁰⁸ A palavra “*sacramentum*”, em si, significava primariamente um depósito financeiro feito em juízo entre as partes litigantes; posteriormente, passou a significar aquilo que era separado como santo, ou o juramento que os soldados prestavam ao seu comandante, envolvendo as obrigações decorrentes deste compromisso.⁷⁰⁹ Tornou-se clássica a definição de Agostinho (354-430) de sacramento como sendo a “palavra visível”⁷¹⁰ e um sinal visível de uma graça invisível.⁷¹¹ Na Escolástica predominou o conceito de sacramento como a “Palavra visível de Deus”, distinguindo-a, mas não separando-a da Palavra audível de Deus.⁷¹²

A compreensão bíblica de Calvino a respeito da Ceia, envolve uma síntese do pensamento de Lutero e de Zuínglio, conseguindo combinar de forma adequada o “espiritualismo”⁷¹³ de Zuínglio com o “realismo”⁷¹⁴ de Lutero sem, contudo, limitar-se à perspectiva de ambos.⁷¹⁵

a) **Catecismo Menor de Westminster**

“Um sacramento é uma santa ordenança, instituída por Cristo, na qual, por sinais sensíveis, Cristo e as bênçãos do novo pacto são representados, selados e aplicados aos crentes.” (Perg. 92)

Partindo desta definição, podemos destacar algumas coisas sobre os sacramentos:

- 1) São uma ordenança divina;
- 2) Recorrem a sinais visíveis;⁷¹⁶

⁷⁰⁸ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.2; L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 622.

⁷⁰⁹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.13; D.S. Schaff, *Nossas Crença e a de nossos Pais*, p. 290; L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 622.

⁷¹⁰ Agostinho, *On The Gospel of St. John*: In: *NPNFI*, Vol. 7, Tractate LXXX.3, p. 344b.

⁷¹¹ Agostinho, *As Catequesis*, XXVI.50; *Cartas*, 105.III.12. *Apud* J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.1.

⁷¹² Cf. *Sacramentum*: In: Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 4^a ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1993, p. 267.

⁷¹³ Vd. João Calvino, *As Institutas*, IV.17.5. “Uma cópia desse pequeno livro (**Breve Tratado sobre a Santa Ceia**) traduzido do francês para o latim foi encontrada por Martinho Lutero em 1545 numa livraria na Alemanha. Depois de lê-lo, declarou: ‘Eu poderia ter confiado este assunto controvertido a efe (Calvino) desde o princípio. Se os meus adversários tivessem feito o mesmo, teríamos nos reconciliado sem muita demora.’” (Thea B. Van Halsema, *João Calvino Era assim*, São Paulo, Editora Vida Evangélica, 1968, p. 113).

⁷¹⁴ Vd. João Calvino, *As Institutas*, IV.17.11,30.

⁷¹⁵ João Calvino, *As Institutas*, IV.17.19. Vd. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VIII, p. 590ss.

⁷¹⁶ Aprecio enormemente a explicação da **Confissão Belga**, artigo 33, quando falando dos sacramen-

3) Representam, selam e aplicam aos crentes:

- a) Cristo;
- b) As bênçãos do pacto da graça.

O *Catecismo Menor* é bem resumido e objetivo quanto a este assunto; ele ensina que a Ceia foi instituída por Cristo (92,96), sendo um testemunho da sua morte (96). A Ceia não tem eficácia em si mesma, nem lhe é comunicada pelo celebrante (91). A nossa participação digna com discernimento deste sacramento faz-nos participantes do corpo e do sangue de Cristo (96), sendo alimentados por ele (Jesus Cristo) mesmo (88,96,97); por isso, a Ceia só tem valor real, “pela bênção de Cristo e pela obra do seu Espírito naqueles que pela fé os recebem (sacramentos)” (91).

Devemos participar da Ceia com discernimento (97), tendo sempre o compromisso renovado de obediência aos mandamentos de Deus (97).

b) Catecismo de Heidelberg

“São os sinais e selos santos e visíveis instituídos por Deus para que, pelo seu uso por nós, ele possa, de modo mais completo, revelar-nos e selar a promessa do Evangelho; por causa do sacrifício único de Cristo realizado na cruz, ele, de graça nos concede o perdão de pecados e a vida eterna.” (Perg. 66)

Também desta definição devemos destacar algumas idéias relativas aos sacramentos:

- 1) Foram instituídos por Deus;
- 2) São sinais santos e visíveis;
- 3) Fundamentados no sacrifício único de Cristo;
- 4) O seu uso correto propicia a Deus, de modo mais completo, revelar e selar a promessa do Evangelho que envolve o nosso perdão e a vida eterna.

Heidelberg, por dedicar maior espaço ao tratamento deste tema, é mais rico em detalhes do que o *Catecismo Menor de Westminster*.

A Ceia foi instituída por Cristo para que todos os crentes participem em sua memória (75). A Ceia aponta de forma muito expressiva para o sacrifício de Cristo, que foi único e suficiente para a nossa salvação (75,80), sendo um meio de graça, que alimenta a nossa fé (65,75,79,81). Ao participarmos desse sacramento, estamos abraçando de coração confiante a paixão e a morte de Cristo, recebendo o perdão (76,80) e a vida eterna, ratificando a nossa união com Cristo em seu sofrimento, pelo Espírito que nos dirige (76,79,80).

Na celebração da Ceia, não há nenhuma mudança metafísica nos elementos (78). Devem participar da Ceia os pecadores arrependidos que desejam

tos, diz que os seus elementos “são signos visíveis e selos de algo interno e invisível, por meio dos quais Deus opera em nós o poder do Espírito. Assim, pois, *os sinais não são vãos nem vazios, para enganar-nos; porque Jesus Cristo é sua verdade, sem o qual eles não seriam absolutamente nada*”. (grifos meus)

fortalecer a sua fé e melhorar a sua vida (81). Aos incrédulos e aos pecadores que não se arrependeram, a Igreja não deve permitir participar da Ceia, até que eles “emendem suas vidas” (82)

c) O significado dos sacramentos segundo Calvino

Calvino define “sacramento” como “um sinal externo mediante o qual o Senhor nos sela à consciência as promessas de sua benevolência para conosco, a fim de suste-nos a fraqueza da fé, e nós, de nossa parte, atestamos nossa piedade para com ele, tanto diante dele e dos anjos, quanto junto aos homens”.⁷¹⁷

Os sacramentos são sinais visíveis que representam uma realidade espiritual, sendo-nos concedidos para ajudar a nossa fé – como pedagogos – em sua limitação,⁷¹⁸ propiciando um recurso material para exemplificar uma realidade mais ampla e profunda, selando uma promessa que sempre lhes precede;⁷¹⁹ sendo como que colunas de nossa fé,⁷²⁰ todavia eles nada acrescentam à Palavra,⁷²¹ mas nos conduzem sempre de volta à Palavra, atestando a sua fidedignidade.⁷²² Eles não têm nenhum poder mágico, antes, a sua efetividade está na atuação do Espírito, nosso “mestre interior”,⁷²³ pois se este nos faltar, “nada nos podem mais à mente oferecer os sacramentos que se ou a olhos cegos refulja o esplendor do sol, ou a ouvidos moucos ressoe uma voz”.⁷²⁴ Tudo isso porém deve ser acompanhado de fé, que é então confirmada por aquele que antes a produziu,⁷²⁵ já que a fé é a principal obra do Espírito.⁷²⁶ O Espírito dispõe os nossos corações à Palavra e aos sacramentos.⁷²⁷ Os sacramentos compreendidos corretamente como sinais podem, no entanto, nos sugerir dois caminhos, os quais devemos evitar por serem equivocados: nos deter nos sinais, exaltando desproporcionalmente o seu valor, ou desvalorizá-los excessivamente.⁷²⁸

⁷¹⁷ J. Calvino, *As Institutas*, IV.1.1. Vd. também *O Catecismo de Genebra*, Perg. 310. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires, Argentina, la Aurora, 1962.

⁷¹⁸ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.1,3,6,8,9,12

⁷¹⁹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.3.

⁷²⁰ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.6.

⁷²¹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.5.

⁷²² J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.6.

⁷²³ João Calvino, *As Institutas*, III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

⁷²⁴ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.9/IV.1.14/*Catecismo de Genebra*, Perg. 312.; John Calvin, *The Consensus Tigurinus* (1549, publicado em 1551), II (Para a história deste “Consensus”, vd. P. Schaff, *The Creeds of Christendom*, I, pp. 471-473).

⁷²⁵ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.9,16/*Catecismo de Genebra*, Perg. 317.

⁷²⁶ J. Calvino, *As Institutas*, III.1.4.

⁷²⁷ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.10. Calvino, ao contrário de Zuínglio e Lutero, atribuiu grande importância à agência sobrenatural do Espírito Santo na celebração da Ceia (Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 592).

⁷²⁸ Cf. J. Calvino, *As Institutas*, IV.17.5.

Calvino observa que “Sempre que Deus deu algum sinal aos patriarcas, o uniu indissolúvelmente com a doutrina, sem a qual nossos sentidos ficariam atônitos com visão única do signo. Portanto, quando ouvirmos menção da palavra sacramental, entendamos por ela a promessa, que deve ser pregada em voz alta pelo ministro para levar ao povo aonde tem o sinal”.⁷²⁹

Creio que Calvino resume bem o seu pensamento a este respeito quando diz:

“Pelo que, fixo permaneça que não são outras as funções dos sacramentos que da Palavra de Deus, as quais são oferecer-nos e apresentar-nos Cristo, e nele os tesouros da graça celeste. Nada, entretanto, conferem ou aproveitam, a menos que recebidos em fé, não diferentemente do vinho, ou óleo, ou outro líquido, não importa o quão copiosamente o derrames, efluirá, no entanto, e se perderá, a menos que aberto o bocal do vaso, mas, o vaso mesmo, regado de todos os lados, permanecerá, não obstante, inane e vazio. (...) Aqui também é de notar-se que Deus realiza interiormente o que o ministro representa e atesta pela ação externa, para que não seja atribuído ao homem mortal o que Deus para si só reivindica”.⁷³⁰

Calvino (1509-1564) faz uma analogia entre o alimento físico e o espiritual, mostrando que aquele que é fundamental para a manutenção de nosso corpo, Deus, como Pai providente, nos tem dado como “testemunho de sua bondade paternal”; “porém – continua –, assim como é espiritual a vida em que nos há regenerado, é preciso que também o seja o alimento que deve nutrir-nos e confirmar-nos nela.”⁷³¹

Calvino combatendo o costume da Alta Idade Média de se celebrar a Ceia uma vez por ano,⁷³² mostra que no início da Igreja não era

⁷²⁹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.4.

⁷³⁰ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.17. “... Devemos precaver-nos de transferir para o sinal, ou para o ministro, o que pertence exclusivamente a Deus – ou seja, imaginar que o ministro é o autor da lavagem, ou que a água limpa as impurezas da alma, o que somente o sangue de Cristo pode efetuar. Em síntese, devemos precaver-nos de aplicar alguma porção de nossa confiança ao elemento ou ao homem; pois o propósito legítimo e próprio do sacramento é levar-nos pela mão diretamente a Cristo e firmar-nos nele.” [J. Calvino, *Efésios*, São Paulo, Paracletos, 1998 (5.26), p. 169]

⁷³¹ J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, p. 8. Cf. *As Institutas*, IV.17.1,3.

⁷³² J. Calvino, *As Institutas*, IV.17.46. Calvino refere-se à decisão do 4º Concílio de Latrão (1215), Cânón XXI. No Novo Testamento encontramos testemunho que indica a celebração diária da Ceia em Jerusalém (At 2.42-47) e aos domingos em Trôade (At 20.7). Nos séculos seguintes, a Ceia era celebrada dominicalmente em algumas igrejas; em outras, diariamente, e, ainda, em outras, em três dias da semana, gerando uma variedade de formas de celebração, e o pior, falta de discernimento (Vd. Agostinho, *Letter*, 54.2. In: Philip Schaff, ed. *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, 2ª ed. (First series), Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1995, Vol. 1, p. 321 (doravante, citado como *NPNF1*); *Idem*, *On the Gospel of St. John*, Tractate XXVI.2 e 7 In: *NPNF1*, Vol. 7, pp. 168-169; 170; Crisóstomo, *Homilies on the Gospel of Saint Matthew*, 50.3. In: *NPNF1*, Vol. 10, pp. 312-313; *Idem*, *Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy*, V. In: *NPNF1*, Vol. 13, pp. 423-426). Crisóstomo (347-407) recrimina aqueles que vão

assim.⁷³³ Portanto, sustenta que a Ceia deveria ser celebrada semanalmente e,⁷³⁴ que todos os membros deveriam participar do pão e do vinho.⁷³⁵ Na realidade, para tristeza de Calvino, a sistematicidade da Ceia por ele proposta jamais foi praticada em Genebra. Os magistrados compreendiam que a Ceia deveria ser ministrada apenas quatro vezes por ano.⁷³⁶ No entanto, “Calvino procurou atenuar a severidade destes decretos fazendo arranjos para que as datas da comunhão variassem em cada igreja da cidade, provendo assim oportunidade para a comunhão mais freqüente do povo, que podia comungar em uma igreja vizinha”.⁷³⁷ Costume este que se tornou comum na Escócia.⁷³⁸ No entanto, em Genebra Calvino não teve esta oportunidade, já que os magistrados determinaram que a Ceia fosse celebrada no Natal, na Páscoa, no Pentecostes e na Festa das Colheitas.⁷³⁹

Se por um lado Calvino conviveu com a separação entre a Palavra e a Ceia, não admitia o Sacramento sem a Palavra já que a “correta ministração do sacramento não subsiste à parte da Palavra. Pois, qualquer benefício que seja, que da Ceia nos provém, requer a Palavra...”.⁷⁴⁰

Entre o final de 1539 e início de 1540, Calvino publicou seu primeiro manual de culto completo em língua francesa, contendo diversos salmos e

à celebração da Ceia mas não participam, retirando-se então ou alegando indignidade. (Crisóstomo, **Homilies on Ephesians**, III. In: **NPNF1**, Vol. 13, pp. 63-64) Calvino discute algumas destas questões. (J. Calvino, **As Institutas**, IV.17.43ss.). Maiores detalhes podem ser encontrados em Hans Lietzmann, **From Constantine to Julian** (A History of the Early Church, Vol. III), London, Lutterworth Press, 1960 (Reprinted), p. 298ss. Calvino faz um resumo das deturpações romanas deste sacramento. In: **Exposição de 1 Coríntios**, São Paulo, Paracléticos, 1996, (11.30), p. 366.

⁷³³ J. Calvino, **As Institutas**, IV.17.44-45.

⁷³⁴ J. Calvino, **As Institutas**, IV.17.44,46. “Para a igreja, a ceia era tão importante como nutrição espiritual que Calvino advogava sua celebração semanal” (T. George, **Teologia dos Reformadores**, p. 238).

⁷³⁵ J. Calvino, **As Institutas**, IV.17.48.

⁷³⁶ Cf. D. P. Hustad, **Jubilate! A Música na Igreja**, p. 119; W. Stanford Reid, **El Culto Reformado**: In: R. G. Turnbull, ed. ger. **Diccionario de la Teología Práctica**, Grand Rapids, Michigan, SLC., 1977, p. 45; William D. Maxwell, **El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, pp. 139,140. Numa tentativa de negociar com os magistrados de Genebra, Calvino propôs, então, que a Ceia fosse ministrada mensalmente; contudo, nem com isso concordaram... (Vd. William D. Maxwell, **El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, p. 140). Em Berna a Ceia era ministrada três vezes ao ano; Calvino, em carta aos Magistrados de Berna (1555), lamenta a prática de Berna e Genebra – que considera um erro –, dizendo: “Queira Deus, cavalheiros, que tanto vós como nós sejamos capazes de estabelecer um uso mais freqüente...” (J. Calvino, **Apud William D. Maxwell, El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, p. 141).

⁷³⁷ William D. Maxwell, **El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, pp. 140,141.

⁷³⁸ Cf. William D. Maxwell, **El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, p. 141.

⁷³⁹ Vd. John Calvin, “To the Seigneurs of Berne”, **John Calvin Collection [CD-ROM]** (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 395, p. 163. Vd. também: William D. Maxwell, **El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas**, p. 141.

⁷⁴⁰ J. Calvino, **As Institutas**, IV.17.39.

versos acompanhados de suas respectivas melodias para o canto congregacional.⁷⁴¹ Esta primeira edição, infelizmente, não sobreviveu; só existem exemplares da segunda edição em diante, a de Genebra (1542) e a de Estrasburgo (1542).⁷⁴² Este “Manual” continuou sendo adotado em Estrasburgo mesmo pelo seu sucessor à frente daquele rebanho, Valérand Pullain.⁷⁴³ Comparando-se, entretanto, a liturgia de Estrasburgo com a de Genebra, observa-se que esta foi ainda mais simplificada, ao que parece por influência dos magistrados genebrinos.⁷⁴⁴ Calvino esforçou-se por recuperar o sentido singelo da Santa Ceia conforme o descrito nos Evangelhos e praticado na Igreja Primitiva,⁷⁴⁵ no seu “Manual do Culto”, intitulou: “As formas das orações e maneira de administrar os sacramentos de acordo com o uso da Igreja antiga”.⁷⁴⁶

Do que foi exposto subentende-se que o sacramento é composto de três partes, a saber: 1) o sinal visível; 2) a graça interna que o acompanha; 3) a unidade entre o sinal e a coisa significada; neste ponto temos a essência do sacramento. “O sinal externo torna-se um meio empregado pelo Espírito Santo na comunicação da graça divina.”⁷⁴⁷

3) *O significado da Ceia*

A Santa Ceia foi instituída por Cristo para o nosso benefício espiritual, visando ao nosso alimento e crescimento. Paulo recrimina os crentes de Corinto, justamente porque eles não estavam discernindo este ponto fundamental em suas reuniões: **“Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor; e, sim, para pior”** (1Co 11.17).

Os crentes de Corinto faziam da Santa Ceia uma ceia comum e ainda mais, da pior espécie, visto que servia para ostentação dos mais ricos, dando ocasião, de um lado, à glotonaria e à embriaguez e, de outro, à fome

⁷⁴¹ Cf. William D. Maxwell, *El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas*, p. 136. Figuciredo comenta: “Calvino entendia que a Igreja, para ser unida, deveria submeter-se a regras parametradas doutrinares, disciplinares, governamentais e litúrgicas. Cada comunidade prestando culto à sua maneira, a porta ficaria aberta às distorções, aos desvios, e às divisões. O culto é importante demais para ficar à mercê de idiossinerias de lideranças, nem sempre bem formadas, ou exposto às influências externas.” [Onezio Figuciredo, *Culto (Opúsculo II)*, São Paulo, 1997, p. 25].

⁷⁴² Cf. William D. Maxwell, *El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas*, p. 136.

⁷⁴³ Cf. William D. Maxwell, *El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas*, p. 136.

⁷⁴⁴ Cf. William D. Maxwell, *El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas*, pp. 137, 138.

⁷⁴⁵ Em 1541 escreveria: “... todas as Igrejas bem-ordenadas devem ter o costume de celebrar com freqüência a Ceia, segundo a capacidade do povo. E cada um em particular deve preparar-se para recebê-la cada vez que é administrada na congregação, a menos que algum grande impedimento o obrigue a abster-se.” (J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, pp. 26, 27)

⁷⁴⁶ Cf. William D. Maxwell, *El Culto Cristiano: su Evolución y sus Formas*, p. 136.

⁷⁴⁷ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 623.

(1Co 11.21,22). Ambas conseqüências eram o resultado do não-discernimento do significado da Ceia do Senhor.

1) *Participação na Ceia*

O crente que deseja fazer a vontade de Deus, crescendo espiritualmente, deseja participar da Ceia considerando ser esta a vontade de Deus.

Na narrativa da instituição da Santa Ceia, lemos: **“Enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai”** (Mt 26.26-29).

O apóstolo Paulo relatando este acontecimento, escreve: **“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”** (1Co 11.23-25).

Aqui temos também a indicação não somente de que a Ceia fazia parte da vida da Igreja, mas também, de que ela deveria continuar a ser praticada. O tempo verbal de **“fazei isto”** (1Co 11.24) indica uma atitude contínua: “Fazei isso e permaneci fazendo sempre...”.

Deste modo, a nossa participação na Ceia indica a nossa obediência à ordem de Cristo.

2) *“Recordação amorosa”*

O sacrifício de Cristo, o Deus encarnado, em favor do seu povo, é o marco decisivo de nossa salvação; considerando isso, a participação na Ceia do Senhor exercita a nossa “memória amorosa”, fazendo-nos lembrar, com gratidão, do sacrifício redimidor de Cristo. **“Fazei isto em memória de mim”** (1Co 11.24).

Ao mesmo tempo, a Ceia traz à tona o novo pacto feito por Deus com o seu povo, que consiste na sua restauração. Aqui rememoramos:

a) A aliança de Deus feita com Israel, registrada no capítulo 24 do Livro de Êxodo.

“Então tomou Moisés aquele sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras” (Êx 24.8).

b) Bem como a aliança profetizada por Jeremias, que apontava para o futuro não muito distante:

“Eis aí vem dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá (...). Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jr 31. 31,33).

c) O novo pacto firmado por Deus com a sua Igreja também envolve o derramamento de sangue – já que **“sem derramamento de sangue não há remissão”** (Hb 9.22) –, só que agora, o sangue derramado não é de animais, mas o sangue precioso de Cristo, o “nosso Cordeiro pascal” (1Co 5.7), que se entregou em favor de muitos. Portanto, “o novo concerto foi ratificado por meio de seu sangue”.⁷⁴⁸

Jesus, conforme a narrativa de Mateus, diz: **“... isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”** (Mt 26.28).

Participar da Ceia significa reavivar em nós a confiança no pacto de Deus conosco, que nos garante a certeza da vida eterna.

3) *Profissão da nossa fé*

Pelo que já tratamos, fica evidente que a Ceia é para os crentes em Cristo. Quando participamos da Eucaristia, declaramos a nossa fé em Cristo,⁷⁴⁹ naquele que se ofereceu voluntariamente em nosso lugar, para nos redimir do pecado; deste modo, também atestamos a eficácia do seu sacrifício em favor de sua Igreja.

“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.26)

A Ceia tem um sentido de rememoração pública dos benefícios conquistados por Cristo para nós; portanto, participar da Ceia assume um caráter de testemunho desses benefícios: “Sempre que eles [os crentes] comem o pão e bebem o vinho, professam sua fé em Cristo como seu Salvador, e sua fidelidade a ele como o seu Rei, e solenemente se comprometem a uma vida de obediência aos seus divinos mandamentos”.⁷⁵⁰

⁷⁴⁸ C. Hodge, *O Caminho da Vida*, p. 229. Calvino (1509-1564), comentando 1 Coríntios 11.25, diz: A aliança do seu corpo “foi uma vez por todas ratificada pelo sacrifício de seu corpo...” (J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 358).

⁷⁴⁹ “Todos aqueles que participam da Ceia do Senhor professam assim serem cristãos. Porém para ser Cristão um homem deve ter um competente conhecimento de Cristo e de seu Evangelho.” (Charles Hodge, *Sytematic Theology*, III, p. 623)

⁷⁵⁰ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 657. Vd. Charles Hodge, *O Caminho da Vida*, pp. 222,223.

Por isso, não podemos participar da Ceia sem analisar o significado deste ato. A Ceia nos leva à reflexão e avaliação de nossa fé, sob o escrutínio da Palavra de Deus, a fim de que, pelo Espírito, possamos lapidá-la e solidificá-la em Cristo. A Ceia é, portanto, para os crentes, para aqueles que já declararam publicamente a sua fé. Assim sendo, quando comemos do pão e bebemos do vinho, estamos, neste ato, renovando publicamente a nossa fé, declarando que o sacrifício de Cristo não foi em vão; que ele nos alcançou por sua graça, que vivemos pela fé no Cristo que morreu e ressuscitou por nós. Na Ceia "... protestamos que somos do povo de Deus, e fazemos profissão de nossa cristandade..."⁷⁵¹

4) *Certeza de sua presença*

Ao participarmos da Mesa do Senhor, temos a certeza da sua presença abençoadora por intermédio do seu Espírito. Nós, pela fé, "comemos" o seu corpo e "bebemos" o seu sangue, sendo alimentados em nossa fé. Na Ceia, Cristo está presente espiritual e eficazmente, comunicando as bênçãos do pacto ao seu povo.

Jesus nos diz: **"... Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir tomou um cálice e, tendo dado graça, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos"** (Mt 26.26,27).

Calvino comenta:

"Confesso, naturalmente, que a fração do pão é um símbolo, não a própria coisa. Mas, isto posto, concluiremos corretamente que pela exibição do símbolo, no entanto, a própria coisa é exibida. Pois, a menos que haja alguém de querer chamar a Deus enganador, nunca ouse dizer se por ele proposto um símbolo vão."⁷⁵² Portanto, se pela fração do pão representa verdadeiramente o Senhor a participação de seu corpo, muí longe de duvidoso deve ser que verdadeiramente aí o depare e exiba. E aos pios esta regra é absolutamente de suste-se: que vezes quantas vêem os símbolos instituídos pelo Senhor, aí cogitem e se persuadam por certo estar presente a verdade da coisa representada. Pois, a que propósito à mão te estende o Senhor o símbolo de seu corpo, senão para que mais certo te faça de sua verdadeira participação? Ora, pois, se verdadeiro é um sinal visível oferecer-se-nos para selar a dádiva de uma coisa invisível, recebido o símbolo do corpo, confiemos não menos dar-se-nos, por certo, também o próprio corpo."⁷⁵³

"Digo, portanto, que no mistério da Ceia, mediante os símbolos do pão e do vinho,⁷⁵⁴ Cristo se nos exhibe verdadeiramente, e deveras, seu corpo e sangue,

⁷⁵¹ J. Calvino, *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*: In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires, la Aurora, 1962, Perg. 362.

⁷⁵² Vd. *Confissão Belga* (1561), art. 33.

⁷⁵³ J. Calvino, *As Institutas*, IV.17.10. Vd. também: *Ibidem*, IV.17.1; J. Calvino, *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, Perguntas 353-356.

⁷⁵⁴ Na ceia pascal o vinho tinto deveria ser servido sempre que possível (Cf. J. Jeremias, *Isto É o Meu Corpo*, São Paulo, Paulinas, 1978, p. 38).

nos quais cumpriu toda obediência no interesse de conseguir-se-nos a justiça, para que, com efeito, primeiro, com ele coalesçamos em um só corpo, então, feitos partícipes de sua substância, em plena participação de todos os seus benefícios, também o poder lhe sintamos.”⁷⁵⁵

Durante o seu Ministério terreno, Jesus dissera: **“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”** (Mt 18.20)

Portanto, participar da Ceia significa declarar publicamente a certeza da presença de Deus em nós por meio do Espírito de seu Filho; a Eucarista assume, deste modo, o sentido de manifesto de companhia; ainda que Jesus não esteja conosco fisicamente, não estamos sozinhos; o Cristo que foi para junto do Pai, voltará; agora, ele habita em nós pelo Espírito; ele não nos deixou órfãos (Jo 14.1-3;16-18).

5) *Testemunho de nossa esperança*

Na Ceia, a Igreja declara a sua fé e a sua esperança no regresso triunfante de Cristo. A participação da Ceia é um ato de testemunho e renovação da nossa esperança na promessa de Cristo: **“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha”** (1Co 11.26).

Na Ceia, declaramos ao mundo que a História tem sentido, porque ela caminha de forma realizante para a volta majestosa de Cristo. Neste ato, está embutida a certeza de que Cristo é o centro da História para onde tudo converge, que os fatos não ocorrem por acaso, mas que são dirigidos por Deus para o seu propósito final.

Sem Cristo, a História permanece como um enigma para todos nós. Jesus Cristo é o centro não apenas do calendário; ele é o centro significativo da História. Sem Cristo não há futuro para nenhum de nós: o nosso futuro ampara-se nos feitos vitoriosos de Cristo.

Na Ceia, nós, como “representantes do novo povo de Deus”,⁷⁵⁶ declaramos a nossa esperança no regresso de Cristo, fundamentados na sua promessa.

6) *Confiança exclusiva em Cristo*

Ninguém de fato poderia participar da Ceia de forma “digna” se dependesse exclusivamente dos seus merecimentos.

Paulo adverte os coríntios: **“... aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”** (1Co 11.27-29).

⁷⁵⁵ J. Calvino. *As Institutas*, IV.17.11.

⁷⁵⁶ J. Jeremias, *Isto É o Meu Corpo*, p. 51.

Por meio da Ceia, Deus nos desafia a confessar a nossa dependência total e exclusiva dele. A nossa dignidade provém não de nossa “santidade” pessoal, mas, sim, de sermos “santificados em Cristo”; em sermos lavados pelo sangue de Cristo, em sermos revestidos com os méritos de Cristo. Jesus Cristo é que é a nossa justiça; não a nossa fé ou obras.⁷⁵⁷

7) *Manifestação de nossa união*

Na Ceia todos nós, que cremos em Cristo, revelamos a nossa irmandade. A Santa Ceia destrói barreiras sociais, culturais, raciais, políticas e econômicas. Todos estão unidos na mesma fé, comendo do mesmo pão e bebendo do mesmo vinho, que simbolizam o sacrifício de Cristo por nós. Esta comunhão é propiciada por Cristo que nos amou e se entregou por nós (Gl 2.20).

Paulo desenvolve esta idéia em outro lugar: **“Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos (κοινωνία) do único pão”** (1Co 10.17). Diz ainda: **“Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”** (1Co 12.13).

Calvino, comentando sobre aquele que se ausenta da Ceia, perdendo o privilégio de participar da mesma, conclui: “... porque ao fazê-lo se priva da comunhão da Igreja, na qual reside todo nosso bem”.⁷⁵⁸

8) *Imperativo à santidade*

Jesus instituiu a Ceia na mesma noite em que foi traído por um dos seus discípulos (1Co 11.23). Judas Iscariotes não participou da mesma, visto ter se ausentado antes (Vd. Jo 13.27,30). Participar da Ceia indignamente significa traí-lo como Judas o fez, desconsiderando o seu sacrifício redimidor; por isso, a Palavra nos intima ao exame criterioso de nossa vida: **“... aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”** (1Co 11.27-29).

Notemos que o que Paulo ordena é que nos examinemos a nós mesmos, não a nossos irmãos. Portanto, a nossa participação na Ceia é um convite irrestrito a uma análise introspectiva, direcionada pela Palavra, dentro dos padrões das Escrituras. Não podemos participar da Ceia de forma desleixada, é preciso que tenhamos em vista o seu alto valor, entendendo-a e, de fato, considerando-a uma Ceia santa, distinta de todas as outras.

⁷⁵⁷ Vd. J. Calvino. *Exposição de 1 Coríntios* (11.28), p. 364; J. Calvino. *Breve Tratado sobre la Santa Cena*, pp. 22,32.

⁷⁵⁸ J. Calvino. *Breve Tratado sobre la Santa Cena*, p. 28.

“Há um sentido – escreve Morris – em que todos têm que participar indignamente, pois ninguém jamais pode ser digno da bondade de Cristo para conosco. Mas noutra sentença podemos vir dignamente, isto é, com fé, e com a devida compreensão de tudo que é pertinente a tão solene rito. Negligenciar nisto é vir indignamente no sentido aqui censurado.”⁷⁵⁹ Ou, como disse Calvino (1509-1564): “... A fé, ainda que imperfeita, transforma o indigno em digno”.⁷⁶⁰

9) *Alimentamo-nos de Cristo*

“Grande mistério!” – Agostinho.⁷⁶¹

A Igreja está vital e indissoluvelmente unida a Cristo. Esta união implica nos alimentarmos – simbólica e sacramentalmente – do seu corpo e do seu sangue (Jo 6.53).⁷⁶² Aliás, não há outro alimento para a Igreja que não prove-nha de Cristo, visto que ele mesmo “é o único alimento que nutre nossas almas”.⁷⁶³ Ou seja, somos alimentados pela fé, mediante as operações do Espírito Santo em nós.⁷⁶⁴

Jesus diz aos seus discípulos: “... **Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai; também quem de mim se alimenta, por mim viverá**” (Jo 6.53-57).

Assim como o pão e o vinho alimentam a nossa carne, o corpo e o sangue de Cristo, representados nos elementos da Ceia, nos alimentam espiritualmente.⁷⁶⁵ A Santa Ceia, portanto, é um meio de graça pelo qual Cristo nos alimenta, fortalecendo e vivificando a nossa fé.⁷⁶⁶ Aqui há um indicativo de nossa condição de pecadores, ainda que não acomodados nesta situação, pois, se fôssemos perfeitos, para que participar da Ceia? Portanto, a nossa participação na Ceia aponta para a nossa imperfeição e, ao mesmo tempo, para o nosso

⁷⁵⁹ Leon Morris, *1 Coríntios: Introdução e Comentário*, São Paulo, Mundo Cristão/Vida Nova, 1981, p. 131 (1Co 15.27).

⁷⁶⁰ J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios* (11.28), p. 364.

⁷⁶¹ Agostinho, *On The Gospel of St. John*: In: NPNF1, Vol. 7, Tractate XXV.15, p. 165b.

⁷⁶² Vd. *Confissão de Westminster*, 29.7.

⁷⁶³ J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, p. 10.

⁷⁶⁴ Vd. A.A. Hodge, *Comentario de la Confesion de Fe de Westminster*, Barcelona, CLIE [1987], p. 336.

⁷⁶⁵ Vd. J. Calvino, *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, Perg. 341.

⁷⁶⁶ “... os sacramentos verdadeiramente se chamam testemunhos da graça de Deus e como dir-se-ão selos da benevolência de que foi possuído para conosco, os quais, em no-la selando, deste modo nos sustêm, nutrem, firmam, aumentam a fé.” (J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.7)

desejo de nos alimentar de Cristo.⁷⁶⁷ Na Ceia denunciámos que somos pecadores e, ao mesmo tempo, proclamamos o desejo e a esperança de não permanecer no pecado.

“Quando Jesus dá a seus discípulos seu corpo e seu sangue, o milagre consiste no fato de que ele está dando a si próprio aos seus, para que eles possam comer e beber e assim ser participantes no seu sacrifício. Pois o fruto do sacrifício que Jesus oferece é comida e bebida sempre presentes, é a fonte da força e alegria para a sua Igreja. Quando, na Sagrada Comunhão, Jesus dá aos seus o pão e o vinho como seu corpo e seu sangue, ele os faz participantes destes benefícios de sua morte.”⁷⁶⁸

Daqui, algumas observações devem ser feitas:

1) *A Eficácia da Ceia não depende de quem a administra*

Os benefícios espirituais da Ceia não estão restritos à fidelidade daqueles que a ministram. Deus pode abençoar-nos até mesmo por meio de um falso servo seu; o que realmente faz, se assim o quiser. Portanto, a eficácia da Ceia depende da ação abençoadora de Deus.⁷⁶⁹

2) *A Eficácia reside no Espírito, não nos elementos da Ceia*

Os elementos da Ceia permanecem o que são, pão e vinho; não sofrem nenhuma transformação metafísica: “A relação entre o pão e o vinho, e o corpo e o sangue, é puramente moral ou representativa.”⁷⁷⁰ Calvino comenta: “Deus usa o sinal como instrumento. Não que o poder de Deus esteja encarcerado no sinal, mas ele no-lo distribui por meio destes expedientes, em virtude da fragilidade de nossa capacidade (...). Nada mais é atribuído ao sinal além de ser ele um instrumento, por si mesmo destituído de qualquer valor, exceto até onde ele deriva seu poder de outra fonte”.⁷⁷¹ Portanto, a graça que recebemos não é automática, como se os elementos tivessem poder em si mesmos. É o Espírito quem nos abençoa por meio da Eucaristia; o sinal é ineficaz sem o Espírito.

⁷⁶⁷ “... Em vão seria instituída a Ceia se ninguém fosse capaz de recebê-la senão o que de todo fosse perfeito. (...) se fôssemos perfeitos, nenhuma necessidade teríamos da Ceia, porque nos é dada para socorro de nossa imperfeição, e para ajuda e alívio de nossa fraqueza.” (J. Calvino, *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, Pergs. 360,361) Vd. J. Calvino, *Breve Tratado sobre la Santa Cena*: In: *Tratados Breves*, pp. 25,26; *Idem*, *As Institutas*, IV,17.10; *Idem*, *Confissão Gaulesa* (1559), arts. 36,37.

⁷⁶⁸ H.N. Ridderbos, *O Testemunho de Mateus acerca de Jesus Cristo*, p. 85

⁷⁶⁹ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.17; *Catecismo Menor de Westminster*, Perg. 91.

⁷⁷⁰ A.A. Hodge, *Comentario de la Confesion de Fe de Westminster*, p. 336.

⁷⁷¹ J. Calvino, *Efésios* (5.26), p. 169.

3) *É necessário fé daqueles que recebem os elementos*

Somente aqueles que crêem em Cristo e participam condignamente da Ceia usufruem dos benefícios que o Espírito nos comunica.⁷⁷² “Os incrédulos podem receber os elementos externos, mas não recebem as coisas simbolizadas por eles.”⁷⁷³ Recebem o sacramento mas não o Cristo que dá sentido ao mesmo.⁷⁷⁴ Por isso, a Ceia não é um meio indiscriminado de graça; ela o é para o povo eleito de Deus que participa condignamente deste sacramento.⁷⁷⁵ O Espírito é quem opera em nós “para que aos ouvidos não percute em vão a Palavra, para que aos olhos não verberem em vão os sacramentos...”⁷⁷⁶ “... Deus assim age por meio do sinal, para que toda a eficácia dependa do seu Espírito.”⁷⁷⁷

Por meio da Ceia Deus comunica-nos bênçãos espirituais; no entanto, se participarmos “carnalmente” da Ceia, não diminuiremos o seu valor objetivo, no entanto, deixaremos de receber as bênçãos de Deus.⁷⁷⁸

Na questão 81 do *Catecismo de Heidelberg* (1563), lemos: “Quem deve aproximar-se da Mesa do Senhor?”

“R. Aqueles que estão descontentes consigo mesmos por causa dos seus pecados, e que contudo confiam que estes lhes foram perdoados e que a sua fraqueza remanescente é coberta pela paixão e morte de Cristo, e que também desejam mais e mais fortalecer sua fé e melhorar sua vida. Mas, os impenitentes e hipócritas comem e bebem para si mesmos julgamento.”

A nossa participação na Ceia importa no nosso compromisso voluntário de nos dedicar inteiramente ao serviço do Senhor.

Portanto, quando oramos “seja feita a tua vontade”, estamos dizendo, Senhor torna-me digno em Cristo para que eu possa participar dignamente da tua Ceia, proclamando a minha fé e esperança em ti, bem como usufruir das bênçãos espirituais que tu tens para mim, a fim de que eu, juntamente com meus irmãos, me desenvolva em minha fé e possa, assim, viver em obediência à tua vontade.

⁷⁷² “Quando o sacramento é recebido com fé, a graça de Deus o acompanha.” (L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 623.)

⁷⁷³ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 662. Vd. *Confissão de Westminster*, 29.8. A.A. Hodge comenta: “Este [o incrédulo] recebe o sinal externo com sua boca, porém não recebe a graça interna em sua alma, e só aumenta sua própria condenação e endurece seu coração por fazê-lo indignamente.” (A.A. Hodge, *Comentário de la Confesion de Fe de Westminster*, p. 336).

⁷⁷⁴ Vd. *Confissão Belga*, art. 35.

⁷⁷⁵ Cf. J. Calvino, et. al., *Consensus Tigurinus* (1549). Vd. Charles Hodge, *Sytematic Theology*, III, p. 632; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6^a ed. (Revised and Enlarged), Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1977, Vol. I, p. 472.

⁷⁷⁶ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.10. Vd. também: *Ibidem*, IV.14.17.

⁷⁷⁷ J. Calvino, *Efésios* (5.26), p. 169. Ver também: *As Institutas*, IV.14.8-10.

⁷⁷⁸ Vd. Agostinho, *On The Gospel of St. John*: In: *NPNF1*, Vol. 7, Tractate XXVII.7, pp. 175.176.

8) Oremos com discernimento

A vontade de Deus é que oremos com discernimento. O apóstolo João escreve: **“E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, (θέλημα) ele nos ouve (ἀκούω: “entender”, “atender”).⁷⁷⁹ E se sabemos que ele nos ouve (ἀκούω) quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito”** (1Jo 5.14,15).

Devemos orar submetendo os nossos pensamentos e desejos à vontade de Deus; e a vontade de Deus é que aprendamos a nos harmonizar com o seu propósito, em submissão e gratidão.

A certeza que temos é de que quando oramos conforme a sua vontade, ele nos ouve benignamente, nos atendendo em nossa súplica (Vd. Jo 9.31; 11.41-42). A oração é um exercício de nossa submissão a Deus e à sua vontade: **“Toda oração verdadeira é uma variação do tema, ‘Faça-se a tua vontade’”.**⁷⁸⁰

Conforme já dissemos na primeira parte deste livro, Paulo exemplifica a fraqueza humana, mostrando que nem ao menos sabemos orar como convém (Rm 8.26,27). Portanto, é o Espírito, que em nós habita, quem nos auxilia em nossas orações, fazendo-nos pedir o que convém, nos capacitando a rogar de acordo com a vontade de Deus. A oração eficaz é aquela que tem o Espírito como seu autor. Sem o auxílio do Espírito jamais oraríamos com discernimento: **“o Espírito, portanto, é quem deve prescrever a forma de nossas orações.”**⁷⁸¹

A vontade de Deus é que expressemos a nossa submissão a ele numa atitude de dependência, inteiramente confiantes na sua misericórdia e soberania. Contudo, é importante que tenhamos sempre em mente que somente pela ação do Espírito em nós poderemos subordinar a nossa vontade a Deus.

Deus deseja que oremos não procurando os nossos interesses, mas buscando agradecer-lhe, desejando e promovendo o seu Reino e justiça, certos de que as demais coisas, importantes por certo, serão acrescentadas no momento que lhe for oportuno (Mt 6.33).

Orar com discernimento significa pedir a Deus que nos capacite a aceitar e a cumprir a sua vontade em nós. Neste sentido, discernir equivale a ter a compreensão exata do que é prioritário.

Deste modo, dizer **“seja feita a tua vontade”** é o mesmo que afirmar: **“Senhor, ensina-me a confiar mais em ti, submetendo a minha vontade à tua, para que eu possa orar segundo o teu propósito”.**

⁷⁷⁹ Como curiosidade cito que a nossa palavra “acústica” provém da raiz do verbo grego “ἀκούω” mais “τέχνη” (arte), formando “ἀκουστική”, significando “ciência dos sons”.

⁷⁸⁰ John R.W. Stott, **I, II e III João, Introdução e Comentário**, p. 159.

⁷⁸¹ J. Calvino, **Exposição de Romanos** (8.26), p. 291.

Concluindo este tópico referente ao nosso anseio de fazer a vontade de Deus, devemos frisar alguns pontos que as Escrituras afirmam sobre aqueles que a fazem.

a) *Deus atende às suas orações*

O cego que fora curado por Jesus dá o seu testemunho a respeito dele, usando uma argumentação bíblica: **“Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende”** (Jo 9.31. Vd. Sl 18.41; 66.18; Pv 1.28; 15.29).

Aplicando o texto a nós, devemos observar que, se de fato procuramos obedecer a Deus, as nossas orações serão conforme os seus preceitos; portanto, elas serão atendidas pela misericórdia de Deus.

b) *Pertencem à família de Jesus*

Jesus Cristo instrui: **“Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe”** (Mt 13.50).

c) *Têm a vida eterna*

Jesus adverte profeticamente: **“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”** (Mt 7.21). Do mesmo modo orienta João: **“... aquele que faz a vontade de Deus permanece eternamente”** (1Jo 2.17).

D. **Pecadores Arrependidos**

“E perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6.12).

A oração do Pai Nosso não é para ser feita por um *homem sem pecado* — daí o fato de Jesus Cristo não fazê-la: ele e somente ele é plenamente santo. Neste sentido, somente Jesus Cristo não poderia orar deste modo; ele não conheceu pecado (Jo 8.46; 2Co 5.21; Hb 4.15; 7.26; 1Pe 1.18,19).

Esta oração não pode ser feita pelo homem que se julga *auto-suficiente*, que está satisfeito consigo mesmo.

Ela não pode ser feita por um homem que não tenha *consciência de seus pecados*...

Também não pode ser feita por um pecador que *não se arrependeu*...

Conforme já estudamos na primeira parte deste texto, esta oração só pode ser proferida por pecadores, *conscientes dos seus pecados*, que estão *insatisfeitos* com esta prática, mas que, ao mesmo tempo, se sentem *impotentes*; por isso, sem nada para oferecer ou pagar, *recorrem à misericórdia de Deus* pedindo clemência, rogando humilde e solícitamente o seu perdão...

Como sinal evidente de que todos somos pecadores, Jesus ensinou aos seus discípulos, a todos sem exceção, a orar, dizendo: “**Perdoa-nos as nossas dívidas**” (Mt 6.12).

De fato, nós só podemos pedir perdão se reconhecermos que somos devedores; que estamos endividados e não temos condições de pagar a nossa dívida. Esta oração é feita pelo homem que reconhece a sua inadimplência espiritual, por isso, sem ter como pagar ou atenuar a sua dívida, clama pelo perdão de Deus.

A palavra usada por Jesus para se referir às nossas “dívidas” é (ὀφειλημα) (“opheilēma”), que significa “ofensa”, “débito”, “o que é devido”, “obrigação”. Ela é derivada de (ὀφείλω) (“opheilō”). Οφειλημα só ocorre duas vezes no N.T. (Mt 6.12; Rm 4.4). No entanto, ὀφείλω é bem mais freqüente, 36 vezes.

Jesus usou esta palavra (ὀφειλημα) – que denotava uma transação comercial – de forma figurada, para indicar o relacionamento entre o homem e Deus. Contudo, a relação que ele faz com esta palavra não se associa a cobranças ou taxas, mas ao perdão de Deus.

A forma plural em que aparece a palavra “dívida” (ὀφειλήματα) (opheilēmata) sugere que esta petição é para que Deus perdoe todas as nossas dívidas. Portanto, aqui está um homem que não tem como pagar; não pode nem pedir prorrogação de prazo ou, quem sabe, um desconto ou, mesmo, oferecer uma parcela... Ele é um homem que está de mãos vazias, dizendo: “Senhor, eu não tenho com que pagar, peço que use de sua misericórdia para comigo e me perdoe totalmente, de todas as minhas dívidas”.

Na parábola do credor incompassivo é empregada a figura de 10 mil talentos – a maior unidade monetária de então em todo o Oriente⁷⁸² – para a dívida de um homem ao rei (Mt 18.23-35). Esta figura aponta para a grandeza da dívida e a incapacidade do homem em poder saldá-la.⁷⁸³ Do mesmo modo,

⁷⁸² J. Jeremias, *As Parábolas de Jesus*, 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 1980, p. 208; Simon J. Kistemaker, *As Parábolas de Jesus*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 87.

⁷⁸³ Vd. Hauck, ὀφείλω, etc.: In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. V, p. 562. O talento significava uma unidade monetária, não uma moeda específica. Mesmo reconhecendo que não seja importante determinar em nossa moeda o montante da dívida (R.V.G.Tasker, *Mateus: Introdução e Comentário*, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1980, pp. 141-142; A.B. Bruce, *The Gospel According to Matthew*: In: W. Robertson Nicoll, ed. *The Expositor's Greek Testament*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. I, p. 242a) apenas em termos de amostragem, cito alguns autores: Hendriksen diz que considerando a inflação, isto seria “muito mais” que 10 milhões de dólares. (G. Hendriksen, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 740); cerca de dez milhões de dólares (E. Tiedtke & H.G. Link, *Necessidade*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, III, p. 266), dois milhões e duzentos e cinquenta mil libras esterlinas (Alfred Edersheim, *La Vida y*

a forma plural na Oração do Senhor indica a pluralidade de nossas faltas para com Deus.

Contudo, é possível que, tomados de um digno brio, sejamos levados a nos perguntar: Ora, que tipo de dívida tenho que não posso pagar? Eu costumo pagar tudo que devo, como, então, posso fazer esta oração?

As Escrituras nos dizem que estamos em dívida com Deus e com o nosso próximo, assumindo esta dívida um caráter de obrigação para com todos. Analisemos estes pontos.

A Palavra nos ensina que devemos pagar tudo. Aludindo de modo especial às nossas obrigações para com o Estado, Paulo recomenda: **“Pagai a todos o que lhes é devido (ὀφειλή): a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito, a quem honra, honra”** (Rm 13.7).⁷⁸⁴

O próprio Paulo reconhecia a sua dívida: **“Pois sou devedor (ὀφειλές της) tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”** (Rm 1.14).

Assim sendo, apenas estudando este conjunto de palavras podemos observar alguns aspectos de nossa dívida e obrigação:

1) Dívida de Tolerância

Devemos estar dispostos a não nos agradar a nós mesmos mas a suportar e amparar os mais fracos; temos dívida para com isso: **“Ora, nós que somos fortes, devemos (ὀφείλω) suportar as debilidades dos fracos, e não agradecer-nos a nós mesmos”** (Rm 15.1).

A tolerância cristã tem sempre uma conotação de ajuda aos mais fracos e, ao mesmo tempo, visa à edificação; esta tolerância não significa uma acomodação no erro ou pecado, mas, sim, um caminhar em direção ao fortalecimento espiritual, tendo como modelo o próprio Cristo, glorificando em tudo a Deus (Rm 15.2-7).

2) Dívida de Amor

As nossas dívidas podem e devem ser pagas; não podemos nos acomodar à prática do perdão do outro; no entanto, a dívida de amor nunca está quitada,

Los Tiempos de Jesus El Mesias, Terrassa, Barcelona, 1989, Vol. II, p. 239); Cerca de 174 toneladas de ouro (Notas à BJ, in loco.) (Vejam-se algumas comparações interessantes em Kistemaker. **As Parábolas de Jesus**, p. 87; G. Hendriksen, **El Evangelio segun San Mateo**, p. 740 e Richard C. Trench, **Notas sobre las Parabolas de Nuestro Señor**, Grand Rapids, Michigan. Subcomision Literatura Cristiana, 1987, p. 56).

⁷⁸⁴ As últimas palavras de Sócrates (469-399 a.C.) foram: “Crítón, devemos (ὀφείλω) um galo a Asclépio (Herói-deus médico, filho de Apolo*); não te esqueças de pagar essa dívida.” (Platão. **Fédon**, São Paulo. Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. III), 1972, 118, p. 132).

(*) Sobre “Asclépio”, Vd. Junito de S. Brandão, **Mitologia Grega**, 2ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1988, Vol. II, p. 90ss.

ela deve ser paga diariamente em nosso comportamento... **“A ninguém fiquéis devendo (ὀφείλω) coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros: pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei”** (Rm 13.8).

Paulo está dizendo que em todas as nossas relações: comerciais, empresariais, civis, militares, familiares e profissionais, o amor deve ser o elemento orientador; o amor deve ser uma dívida consciente em todos os nossos atos.

O padrão deste amor se encontra em Deus, tendo a sua manifestação mais completa em Jesus Cristo, o Deus encarnado. João escreve: **“Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos (ὀφείλω) dar nossa vida pelos irmãos”** (1Jo 3.16). **“Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos (ὀφείλω) nós também amar uns aos outros”** (1Jo 4.11). O amor de Cristo, além de ser o modelo supremo, é a força motivadora ao nosso. **“Amar é manter relações responsáveis com Deus e com o próximo.”**⁷⁸⁵

Paulo especifica a relação conjugal, orientando-nos quanto ao fato de que cada um deve ao outro; há uma responsabilidade recíproca: **“O marido conceda à esposa o que lhe é devido (ὀφείλη), e também semelhantemente a esposa ao seu marido”** (1Co 7.3). Há aqui uma responsabilidade que envolve uma “comunhão de prazeres” recíproca e exclusiva. Quanto aos maridos, Paulo insiste em outro lugar: **“... os maridos devem (ὀφείλω) amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama”** (Ef 5.28).

3) Dívida de Gratidão pelo Crescimento de Nossos Irmãos

O crescimento e fortalecimento espiritual de nossos irmãos devem ser motivo de nossa alegria e gratidão a Deus. Paulo entendia ser este o seu dever, por isso rendia graças a Deus, ao constatar o crescimento da fé e do amor dos tessalonicenses: **“Irmãos, cumpre-nos (ὀφείλω) dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros, vai aumentando”** (2Ts 1.3). Outra vez: **“Devemos (ὀφείλω) sempre dar graças a Deus, por vós irmãos amados pelo Senhor”** (2Ts 2.13).

É muito comum congratular-nos com os nossos irmãos quando estes passam no vestibular, compram uma casa ou um carro novo, o que é muito salutar e fraterno. A questão é: Temos nos alegrado e agradecido a Deus pelo amadurecimento espiritual e progresso na fé que nossos irmãos têm tido? Sei que esta constatação é mais difícil, no entanto não é impossível, visto que a árvore é conhecida pelos seus frutos; no caso, a nossa maturidade se evidencia diante

⁷⁸⁵ Jay A. Adams, *Conselheiro Capaz*, São Paulo, Fiel, 1977, p. 67.

dos problemas, das novas circunstâncias e mesmo na alegria... Temos orado pelos nossos irmãos? Temos os auxiliado em seu crescimento? Se não, estamos em dívida! Temos falhado em nossas obrigações espirituais. **“A ninguém fiqueis devendo (ὀφείλω) coisa alguma...”** (Rm 13.8).

4) Dívida de Aprendizado

Deus nos tem dado condições de aprendermos mais e mais a sua Palavra, a fim de que aprendendo-a a vivenciemos, tornando-nos mestres para ensinar a outros a Palavra da verdade, que pode tornar o homem sábio para a salvação. Decorrente disto, novamente perguntamos: temos crescido? Temos nos tornado mestres na Palavra ou continuamos necessitando de leite espiritual, em virtude da nossa fragilidade?

As oportunidades que Deus nos concede tornam-nos responsáveis diante dele. Quando não utilizamos adequadamente os recursos que Deus nos fornece – inteligência, dinheiro, tempo, etc. –, estamos desperdiçando o que o Senhor nos deu para que o glorifiquemos. Neste caso, estamos endividados... E parece que ainda que nos esforcemos – o que de fato devemos fazer – nunca conseguiremos usar todo o “potencial” que Deus nos tem dado; a nossa dívida é real e aumenta cada vez mais...

O escritor de Hebreus recrimina os seus destinatários justamente por isso: **“Pois, com efeito, quando devíeis (ὀφείλω) ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes necessitado de leite, e não de alimento sólido”** (Hb 5.12).

O início da vida cristã deve ser entendido como a infância de um novo homem, não como a perenização de um estado definido e estático...

5) Dívida de discipulado

Temos andado no caminho de Cristo? A vontade de Jesus é que sigamos as suas pegadas, conforme o seu exemplo (1Pe 2.21). Ele declara que quem o segue não anda nas trevas (Jo 8.12). Se não o temos seguido, estamos em dívida. Seguir a Cristo significa tê-lo como modelo de nosso pensar e agir em todas as esferas de nossa existência.

O apóstolo João diz: **“Aquele que diz que permanece nele, esse deve (ὀφείλω) também andar assim como ele andou”** (1Jo 2.6).

Apesar da gravidade de todas estas dívidas – assunto que não devemos simplesmente esquecer –, a principal refere-se à nossa salvação. Sem Jesus nós nada podemos fazer (Jo 15.5). Foi Cristo quem pagou plena e suficiente-

mente a nossa dívida para com Deus, por meio da sua oferta voluntária, entregando-se a si mesmo pelos nossos pecados. A salvação não é por obras humanas – é obra da Trindade Santa –, para que ninguém se glorie (Ef 2.9). Ela, de fato, seria impossível ao homem. Mas Deus a tornou real e concreta no Cristo encarnado: **“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”** (1Pe 1.18,19).

O escritor da epístola aos Hebreus, referindo-se ao sacerdócio de Cristo, diz: **“Por isso mesmo convinha (ὀφείλω) que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo”** (Hb 2.17).

O nosso pecado nos afastou de Deus. O amor reconciliador de Deus tornou necessária a encarnação do Filho – aquele que assumiu a forma humana – à nossa semelhança. A palavra *“convinha”* é a mesma usada para dívida. Assim, o que o escritor sagrado está dizendo é que foi preciso que Cristo se tornasse homem para morrer pelos nossos pecados, pagando a nossa dívida para com Deus. O seu sacerdócio misericordioso em favor do seu povo trouxe sobre si este ônus. Deste modo, quanto a nós, o perdão só é possível mediante a aceitação do sacrifício de Cristo; fora de Cristo não há possibilidade real de perdão. Continuamos endividados e não temos, e ninguém terá, condições de nos ajudar. Quem crê em Cristo aceita, assim, o seu pagamento de nossa dívida e, deste modo, somos perdoados para sempre.

Como temos visto, o pecado é altamente inflacionário; quanto mais vivemos, mais devemos. E, quem de nós não tem contribuído para que a nossa dívida aumente ainda mais? Quem tem cumprido para com Deus e para com o seu próximo o que Deus ensina em sua Palavra?

Se tivermos discernimento suficiente – pelo Espírito –, e formos sinceros o bastante, diremos para nós mesmos: eu não tenho obedecido suficientemente a Deus... acrescentaria: nenhum de nós!

Por isso, meus irmãos, quando oramos assim, estamos reconhecendo as nossas dívidas e a nossa incapacidade de pagá-la; estamos, simplesmente, unicamente recorrendo ao perdão de Deus.

Todavia, se você acha que não tem dívida para com Deus e para com o seu próximo, não deve fazer esta oração. Se, contudo, nós temos consciência de que somos devedores e que apesar de tentarmos jamais conseguiremos saldar as nossas dívidas que se avolumam, devemos fazer esta oração recorrendo

à misericórdia perdoadora de Deus, revelada de forma cabal em Cristo. Nele tudo é possível; sem ele, nada podemos fazer! Portanto, Senhor, perdoa as nossas dívidas, esta é a nossa oração!

E. Homens dispostos a perdoar (Mt 6.12,14,15)

Conforme meditamos anteriormente, esta oração só pode ser feita por homens que são pecadores, reconhecem os seus pecados e estão arrependidos, daí poderem suplicar: **“Perdoa-nos as nossas dívidas”** (Mt 6.12).

Devemos notar, também, que esta oração é feita por homens que têm em sua vida sido “ofendidos” por terceiros, mas, que têm sabido perdoar, lutam neste propósito santo. Jesus nos ensina a orar pedindo perdão, aparentemente, elegendo a nossa prática como um modelo de perdão: **“E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”** (Mt 6.12).

Cabem aqui algumas questões: Nós temos podido fazer esta oração com a consciência de que o nosso perdão tem sido real? Deus pode nos perdoar conforme temos perdoado? Quando fazemos esta oração, acreditamos de fato que ela deva ser levada a sério no que se refere a essa petição?

Jesus agrava a questão quando diz: **“Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas”** (Mt 6.14,15).

Mas, será que o nosso perdão pode ser tomado como padrão para o perdão de Deus? No entanto, se isto não puder acontecer, por que, então, Jesus nos ensinou a orar desta maneira: **“E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”** (Mt 6.12)?

Segundo me parece, Jesus, na realidade, está nos desafiando a perdoar segundo Deus nos tem perdoado e, por meio desta petição, ele nos faz refletir sobre a nossa prática em relação ao nosso próximo. Se minha interpretação estiver correta, Jesus está nos ensinando a orar conforme a nossa prática de vida, que deve ser aprendida dele mesmo. Somente assim poderemos dizer, de forma consciente: **“Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”** (Mt 6.12).

Deste modo, somos levados a meditar sobre o perdão de Deus e, concomitantemente, a refletir sobre o nosso perdão, rogando a Deus que nos capacite a perdoar conforme ele nos tem perdoado, entendendo a diferença qualitativa entre o perdão perfeito de Deus e o nosso, que sempre será imperfeito. Esta petição traz consigo a responsabilidade que temos de aprender a perdoar, tendo como parte integrante de nossa súplica o aprendizado do perdão: Senhor, ensina-nos a perdoar como tu nos perdoas!

O perdão de Deus deve ser sempre uma motivação ao nosso perdão (Vd. Mt 18.21-35). Jesus ilustra isso ensinando: **“E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que o vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”** (Mc 11.25). Do mesmo modo Paulo: **“Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou”** (Ef 4.32).

O exemplo de Cristo na cruz, intercedendo pelos seus algozes, estabelece para nós um paradigma concreto do perdão: **“... Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...”** (Lc 23.34).

A Palavra ensina-nos aspectos do *perdão de Deus*, alguns dos quais já foram tratados por nós na primeira parte destes estudos. Contudo, meditaremos um pouco mais sobre isto, recapitulando alguns aspectos e apresentando uma abordagem complementar, a fim de que possamos, pelo Espírito, modelar o nosso perdão ao de Deus.

1) É total e absoluto

Quando Deus nos perdoa, ele não mais toma em consideração a nossa ofensa; numa linguagem figurada e enfática, Deus diz: **“... Perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei”** (Jr 31.34).

Paulo nos diz que Cristo nos libertou de nossas transgressões, **“perdoando todos os nossos delitos”** (Cl 2.13).

Deus nos desafia a perdoar aos nossos inimigos de tal forma que a nossa relação com eles não envolva o estigma de sua maldade contra nós. Deus deseja que não mais fiquemos a considerar, remoendo o nosso ressentimento dentro de nós, que nos destrói, tornando-nos amargos. Deus deseja que aprendamos a perdoar de forma absoluta e total, esquecendo-nos dos malefícios que nos foram causados. Perdoar significa esquecer, não levar em conta de forma amarga e ressentida aquilo que perdoamos.

2) É fundamentado na sua misericórdia

Deus nos perdoa por sua misericórdia. Ele olha para o nosso estado de miséria espiritual e, por nos amar, se compadece de nós e nos alivia, nos perdoados os pecados, apagando toda a nossa iniquidade (Sl 78.38).

Daniel diz em sua oração: **“Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos, e ouve; abre os teus olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias”** (Dn 9.18).

Devemos também aprender a ser misericordiosos; quando perdoamos, estamos na realidade exercendo a nossa compaixão para com aqueles que necessitam dela, mesmo que não tenham consciência disso.

Jesus nos ensina: **“Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai”** (Lc 6.36).

3) É por amor do seu nome

Davi, diante de Deus, consciente de seu pecado, rogava o seu perdão fundamentado-se unicamente no próprio nome de Deus: **“Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande”** (Sl 25.11). Do mesmo modo Asafe: **“Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos, e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome. Por que diriam as nações: Onde está o seu Deus?”** (Sl 79.9,10a). No Salmo 31, Davi, numa situação de aflição e angústia, clama pelo socorro de Deus; no entanto, não se ampara numa suposta inocência; ele sabe que é pecador (Sl 31.9,10). Ele ora, tendo consciência de sua remissão (Sl 31.5), dizendo: **“... por causa do teu nome, tu me conduzirás e guiarás”** (Sl 31.3).

Devemos perdoar ao nosso próximo pelo nosso amor a Deus; quando exercitamos o perdão estamos revelando que amamos a Deus, somos-lhe obedientes e desejamos viver em harmonia com a sua Palavra, bem como resplandecer a sublimidade do seu nome em nossa vida.

4) É por amor a nós

O amor de Deus não encontra motivo em nós para amar; todavia, Deus que é amor, nos ama porque esta é eternamente a sua vontade (Jo 3.16; Rm 5.8).

O perdão de Deus jamais poderá ser compreendido satisfatoriamente sem a consideração devida do seu amor eterno, invencível e imutável. Jesus mesmo nos ensinou que **“... aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama”** (Lc 7.47). O seu perdão fundamenta-se no seu amor, que é soberanamente livre e indestrutível.

Paulo escreve aos Colossenses: **“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor que é o vínculo da perfeição”** (Cl 3.12-14)

Devemos igualmente amar ao nosso próximo, perdando as suas ofensas, tendo o amor de Cristo como paradigma do nosso amor.

5) É uma disposição renovada

Todas as vezes que, sinceramente arrependidos de nossos pecados, buscamos o perdão de Deus, dispostos a ter uma conduta diferente, ele nos per-

doa. A promessa de Deus permanece: **“se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então ou os ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sarairei a sua terra”** (2Cr 7.14).

O perdão de Deus se renova dia a dia; por isso, ele, com a sua misericórdia ilimitada, providenciou o nosso perdão definitivo em Cristo Jesus.

Nós, do mesmo modo, devemos estar dispostos a perdoar, a exercitar o perdão de Deus em nós, em nossas relações com o nosso próximo.

Jesus nos ensinou a lição do perdão em diversas ocasiões. Certa feita, Pedro lhe perguntou: **“Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”** (Mt 18.21,22).

Nesta passagem, Jesus está mostrando a Pedro que a nossa prontidão em perdoar deve ser constante; não deve estar limitada a simples regras ou tradições convencionadas.

Lucas registra Jesus ensinando: **“Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti; repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se por sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe”** (Lc 17.3,4).

Vocês devem estar pensando: Meu Deus, como isso é difícil... Eu também acho e, digo mais, os discípulos também acharam... Tanto é que imediatamente rogaram: **“Aumenta-nos a fé”** (Lc 17.5). O perdão deve ser um aprendizado da fé!

Na cruz, em meios a sofrimentos indizíveis – físicos, espirituais e morais –,⁷⁸⁶ sob atroz zombaria dos seus algozes, Jesus ora: **“Pai, perdoalhes, porque não sabem o que fazem”** (Lc 23.34).

6) É em Cristo

O perdão de nossos pecados ampara-se no sacrifício redidor de Cristo. Sem a obra de Cristo não haveria perdão para nós: **“No qual (Jesus) temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados segundo a riqueza da sua graça”** (Ef 1.7). (Vd. Ef. Rm 3.24; 4.32). O perdão concedido por Deus é em nome de Cristo (At 10.43; Cl 1.14; 1Jo 2.12. Vd. também: Mt 26.28; Jo 1.29; At 5.31; 18.38).

O Calvário retrata o triunfo de Cristo em nos perdoar: **“E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos**

⁷⁸⁶ Vd. Hermisten M.P. Costa, **Os Sofrimentos de Cristo**, São Paulo, 1988 (1998) (Trabalho não publicado).

delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.13-15).

Na pergunta 126 do *Catecismo de Heidelberg* (1563), lemos: “Qual é a quinta petição?”.

“R. ‘E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal.’ Isto é: Visto que somos tão fracos que não podemos subsistir por nós mesmos por um momento sequer, e além disso, visto que os nossos inimigos blasfemos, o diabo, o mundo e o nosso próprio pecado incessantemente nos assaltam, digna-te preservar-nos e fortalecer-nos pelo poder do teu Santo Espírito, para podermos, assim, permanecer firmes contra eles e não ser derrotados nesta guerra espiritual, até obtermos vitória completa.”

Nós fomos capacitados a perdoar porque fomos perdoados por Cristo. Em tudo Deus se antecipa a nós. A exigência do perdão é antecedida pela doação do perdão. “O perdão de Deus, quando é recebido, faz ao perdoado capaz de perdoar.”⁷⁸⁷ Uma das evidências do nosso perdão é a nossa disposição de perdoar e continuar a aprender a fazê-lo. Esta disposição é um atestado de nossa gratidão a Deus pelo seu perdão. O perdão de Deus é uma realidade em nossa vida, contudo, precisamos diariamente, já que pecamos diariamente, da consciência do seu perdão.

O desafio para nós é imitá-lo em seu desprendimento e, quando assim fazemos, estamos considerando a sua obra em favor de sua Igreja, bem como realizando o seu propósito em nós, a fim de que a sua glória se revele em nosso testemunho e, assim, seja ele glorificado.

Deus mesmo é quem desperta em nós a necessidade de perdoar. O perdão que devemos dispensar ao nosso próximo é um imperativo divino, ao mesmo tempo que é um eco do seu perdão que nos foi concedido.

Ao mesmo tempo, aprendemos que se não estamos dispostos a perdoar àqueles que nos têm ofendido, não devemos suplicar o perdão de Deus. Neste caso, a nossa oração tornar-se-ia nu’a mera fórmula decorada, sem sentido. As dívidas de nossos ofensores, por maiores que sejam, são bem menores do que as nossas dívidas para com Deus. Se Deus nos perdoou tamanho débito, como poderemos relutar em perdoar os nossos ofensores? Negar o perdão equivale a minimizar o perdão de Deus para conosco. Quando não perdoamos e fazemos esta oração, estamos na realidade pedindo a Deus que também não nos perdoe (Mt 6.12). E pior, a nossa oração será considerada por Deus como um ato pecaminoso (Vd. Sl 109.7).

⁷⁸⁷ Karl Barth, *La Oración*, pp. 78,79.

Quando não perdoamos, na realidade estamos negando o perdão de Cristo em nós. Na manifestação de nosso perdão estamos declarando que também em Cristo fomos perdoados, que ele nos capacitou a agir como ele agiu e age conosco: “Para os discípulos de Jesus, estar prontos a perdoar é de certa forma estender a mão para o perdão de Deus”.⁷⁸⁸

Acontece que o perdão não é algo simples, no sentido de que basta apenas eu ter consciência de sua necessidade para que a questão esteja resolvida. Talvez alguém possa estar pensando: “Eu não perdô”. Eu creio nisto; todavia, a questão aqui não é simplesmente falar sobre o que tem sido o nosso comportamento, mas, sim, nos conduzir a uma nova postura em Cristo, com o reconhecimento de que temos dificuldade em perdoar, mas, que estamos dispostos a aprender de Cristo a fazê-lo e, para isto, temos que fazer como os apóstolos fizeram, rogando ao Senhor, “**Aumenta-nos a fé**” (Lc 17.5). É no exercício da fé que aprenderemos, em nossa caminhada cristã, o verdadeiro sentido do perdão.

No *Catecismo Menor de Westminster* (1647), pergunta 105, lemos: “Pelo que oramos na quinta petição?”

“R. Na quinta petição (...) pedimos que Deus, por amor de Cristo, nos perdoe gratuitamente todos os nossos pecados, o que somos animados a pedir, porque, pela sua graça, somos habilitados a perdoar de coração ao nosso próximo.” Amém.

“A oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus.”⁷⁸⁹ Na *Oração do Senhor*, temos uma verdadeira *Teologia da Oração* na qual aprendemos como nos dirigir a Deus, reconhecendo a sua Paternidade e Soberania; a nossa necessidade do seu cuidado e perdão e, ao mesmo tempo, a reconhecer a necessidade de perdoar-nos mutuamente e de suplicarmos juntos a nossa manutenção pois, em última instância, tudo provém de Deus. Deste modo, no *Pai Nosso*, temos todos os princípios necessários para nos guiar em nossa vida de oração. Quando oramos o *Pai Nosso* sinceramente, na realidade estamos orando no nome de Jesus Cristo pois, foi ele mesmo quem nos ensinou a fazê-lo. Assim, devemos, pelo Espírito – nosso intercessor –, no nome de Jesus – nosso Mediador –, orar: “*Pai nosso que estás no céu...*”. Até que o Senhor volte. Amém.

⁷⁸⁸ J. Jeremias, *O Pai Nosso: a Oração do Senhor*, p. 49.

⁷⁸⁹ João Calvino, *O Profeta Daniel*, Vol. 1, (Dn 6.10), p. 371.

Este é um livro prático e devocional,
escrito por um pastor ao seu rebanho. Esta obra
contribuirá para um melhor conhecimento de Deus e
do que ele requer de nós.

Orar corretamente o "Pai Nosso" implica conhecer a Deus,
a nós mesmos e o nosso adversário, o diabo.

Este livro certamente o levará a compreender estas
implicações e o desafiará a encarar com mais seriedade
seu relacionamento com Deus.

João Alves dos Santos, Th. M.

Hermisten Maia Pereira da Costa, Th. M., é casado,
pastor, licenciado em Filosofia e Pedagogia e autor
de vários livros, como A Inspiração e
Inerrância das Escrituras (Cultura Cristã).

Leciona Teologia Sistemática, Teologia Contemporânea e
História da Filosofia no Seminário JMC.

CEP **CULTURA CRISTÃ**
Rua ... 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 270-7099 – Fax (0**11) 279-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

ISBN 85-88886-10-6



9 788586 886102